OS ROMANCES UNIVERSAIS

Sigrid Undset

A esposa

Cristina Lavransdatter

PORTUGÁLIA EDITORA

os romances universais

AS OBRAS-PRIMAS DO ROMANCE CLÁSSICO
E CONTEMPORÂNEO EM VERSÕES INTEGRAIS

VOLUMES PUBLICADOS

O MOINHO À BEIRA DO RIO
George Eliot

VILLETTE OU NUM COLÉGIO DE RAPARIGAS
Charlotte Brontë

FILHOS E AMANTES
D. H. Lawrence

C
Maurice Baring

RETRATO DUMA SENHORA
Henry James

MULHERES APAIXONADAS
D. H. Lawrence

CRISTINA LAVRANSDATTER
Sigrid Undset
(*A COROA. **A ESPOSA. ***A CRUZ)

ALMA SIMPLES
H. G. Wells

GRANDES ESPERANÇAS
Charles Dickens

HISTÓRIA DUMA RAPARIGA
D. H. Lawrence

O ROMANCE DE LEONARDO DE VINCI
Dmitri Merejkowski

A LOJA DE ANTIGUIDADES
Charles Dickens

CRIME E CASTIGO
Dostoievski

A MULHER DE BRANCO
Wilkie Collins

A SERPENTE EMPLUMADA
D. H. Lawrence

PORTUGÁLIA EDITORA
AVENIDA DA LIBERDADE, 13-3.º ◆ LISBOA

Sigrid Undset

nasceu em Kolding, Dinamarca, em 1882. Seu pai era catedrático de arqueologia da Universidade de Oslo, cidade onde a escritora passou a sua juventude como empregada de escritório. Em 1907 publica o seu primeiro livro, *Fru Marta Oulie*, a que se segue, dentro de pouco, a novela *Idade Feliz*, obras onde procura estudar a alma feminina, ainda sob a influência de Zola. Em 1911 escreve o romance *Jenny*, em que encerra a sua experiência da Itália, país onde vive algum tempo como bolseira do Estado norueguês. Em 1912 aparece o seu novo romance, *Pobres Seres*, e, em 1914, *Primavera*. É então que se começa a interessar pela história da Noruega, volvendo a sua atenção para o período medieval, época de vida primitiva e serena. São dessa fase as obras que constituem a trilogia *Cristina Lavransdatter: A Coroa*, publicada em 1920, *A Esposa*, em 1921 e *A Cruz*, em 1922. Logo traduzidas nos principais idiomas da Europa, recebem em 1928 o Prémio Nobel de Literatura. Convertida ao catolicismo, Sigrid Undset continuou a trabalhar, publicando ainda muitas outras obras, entre as quais se contam *Olav Audunssön*, que pela sua extensão e fôlego se pode comparar a *Cristina Lavransdatter*. Depois da invasão da Noruega em 1940, conseguiu refugiar-se na Suécia, de onde passou para a Rússia e daí para os Estados Unidos.

Faleceu em 1949.

A Esposa

Neste segundo volume da trilogia *Cristina Lavransdatter*, a heroína, já casada com Erlend Nicolaussoen, instala-se em Husaby, terra senhorial do marido, e empreende salvar as casas e a quinta do desleixo em que jaziam. Invade-a, entretanto, o remorso de ter desobedecido aos pais, o qual perdura sempre através das suas ocupações domésticas e dos cuidados que lhe exigem a criação e educação dos seus seis filhos. Com o seu feitio leviano e imprudente, Erlend dá origem a que seja descoberta uma conspiração contra o rei da Noruega, em que ele e outros fidalgos se achavam comprometidos. Segue-se a prisão do senhor de Husaby, que todavia se nega a denunciar os outros chefes da revolta. É Simão Darre, antigo noivo de Cristina (por quem ele jamais deixou de nutrir o mesmo amor da adolescência) quem interfere a favor do prisioneiro, conseguindo obter-lhe a liberdade mas não evitar o confisco dos bens. Mais tarde, a pobreza resultante do castigo pesará sobre o destino dos filhos; por agora, só interessa a Cristina Lavransdatter a felicidade de reaver o marido e de conservar o seu amor.

OS ROMANCES UNIVERSAIS

VII

CRISTINA LAVRANSDATTER

* *

A ESPOSA

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS
DE REPRODUÇÃO EM PORTUGAL
E NO BRASIL

TODOS OS ROMANCES DESTA BIBLIOTECA
SÃO PUBLICADOS EM TEXTOS
INTEGRAIS

OS ROMANCES UNIVERSAIS

I

O MOINHO À BEIRA DO RIO, por George Eliot

4.ª edição

II

VILLETTE ou num colégio de raparigas, por Charlotte Brontë

3.ª edição

III

FILHOS E AMANTES, por D. H. Lawrence

3.ª edição

IV

C, por Maurice Baring

V

RETRATO DUMA SENHORA, por Henry James

VI

MULHERES APAIXONADAS, por D. H. Lawrence

2.ª edição

VII

CRISTINA LAVRANSDATTER, por Sigrid Undset

* A COROA — ** A ESPOSA — *** A CRUZ

2.ª edição

VIII

ALMA SIMPLES, por H. G. Wells

IX

GRANDES ESPERANÇAS, por Charles Dickens

2.ª edição

X

HISTÓRIA DUMA RAPARIGA, por D. H. Lawrence

XI

O ROMANCE DE LEONARDO DE VINCI, por Dmitri Merejkovski

2.ª edição

XII

A LOJA DE ANTIGUIDADES, por Charles Dickens

2.ª edição

XIII

CRIME E CASTIGO, por Dostoievski

2.ª edição

XIV

A MULHER DE BRANCO, por Wilkie Collins

XV

A SERPENTE EMPLUMADA, por D. H. Lawrence

SIGRID UNDSET

nasceu em Kolding, Dinamarca, em 1882. Seu pai era catedrático de arqueologia da Universidade de Oslo, cidade onde a escritora passou a sua juventude como empregada de escritório. Em 1907 publica o seu primeiro livro, *Fru Marta Oulie*, a que se segue, dentro de pouco, a novela *Idade Feliz*, obras onde procura estudar a alma feminina, ainda sob a influência de Zola. Em 1911 escreve o romance *Jenny*, em que encerra a sua experiência da Itália, país onde vive algum tempo como bolseira do Estado norueguês. Em 1912 aparece o seu novo romance, *Pobres Seres*, e, em 1914, *Primavera*. É então que se começa a interessar pela história da Noruega, volvendo a sua atenção para o período medieval, época de vida primitiva e serena. São dessa fase as obras que constituem a trilogia *Cristina Lavransdatter: A Coroa*, publicada em 1920, *A Esposa*, em 1921 e *A Cruz*, em 1922. Logo traduzidas nos principais idiomas da Europa, recebem em 1928 o Prémio Nobel de Literatura. Convertida ao catolicismo, Sigrid Undset continuou a trabalhar, publicando ainda muitas outras obras, entre as quais se contam *Olav Audunssön*, que, pela sua extensão e fôlego, se pode comparar a *Cristina Lavransdatter*. Depois da invasão da Noruega em 1940, conseguiu refugiar-se na Suécia, de onde passou para a Rússia e daí para os Estados Unidos. Mesmo no exílio, a sua decisão e o seu génio não a abandonaram, pois desenvolveu uma intensa actividade, através da imprensa e da rádio, e escreveu *Caminho do Futuro*, onde historia a sua viagem para a liberdade, *Tempos Felizes da Noruega*, e *Sigurd e Seus Bravos Companheiros*. Em Agosto de 1945, regressou à Noruega e, depois de cinco anos de ausência, voltou a instalar-se em Lillehammer, na sua velha casa que, apesar de bastante danificada pelos invasores, retomou, a pouco e pouco, o antigo aspecto. No dia em que Sigrid Undset fez 65 anos, o rei Haakon concedeu-lhe a mais alta distinção norueguesa: a Grande Cruz da Ordem de Santo Olavo, premiando assim a notável actividade da escritora e os serviços por ela prestados à pátria. Apesar de os desgostos causados pela guerra — entre os quais a morte do filho — a terem atingido profundamente, Sigrid Undset não renunciou aos seus trabalhos literários, dedicando-se a escrever a biografia de Santa Catarina de Siena, a grande reformadora da Igreja do século XIV. Além disso, colaborou em jornais e revistas, sempre em calorosa defesa dos seus ideais políticos e religiosos. Faleceu em 1949.

O título desta obra em norueguês é
HUSFRUE

SIGRID UNDSET

CRISTINA LAVRANSDATTER

★ ★

A ESPOSA

Versão portuguesa de
MARIA FRANCO

2.ª EDIÇÃO

PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA

A ESPOSA

PARTE PRIMEIRA

O FRUTO DO PECADO

I

NA véspera do dia de São Simão, à noite, a barca de Baard Petersoen acostou ao banco de areia de Birgsi. O abade Olavo de Nidarholm veio a cavalo até à praia a fim de saudar o seu parente Erlend Nikulaussoen e dar as boas-vindas à juvenil esposa. Os recém-casados iam ser hóspedes do sacerdote e pernoitariam em Vigg.

Erlend ajudou a desembarcar a pobre Cristina, que estava duma palidez mortal. O abade gracejou um pouco acerca das viagens por mar. A rir, Erlend replicou que a mulher, certamente, aspirava a se ver deitada num leito sòlidamente encaixado na parede duma casa. Cristina tentava sorrir, mas dizia, de si para si, que nunca mais poria os pés a bordo dum navio. Bastava Erlend aproximar-se para que ela se sentisse enjoada, de tal forma nele se impregnara o cheiro do barco e do mar; os seus cabelos estavam viscosos e pesados pela água salgada. Mostrara-se doido de contentamento durante toda a travessia e Baard segurara o leme; em Moere, onde ele fora educado, os rapazes exercitavam-se à vela e ao remo, de manhã à noite. Erlend e Baard haviam tido certa pena de Cristina, mas não tanto como ela achava que o seu triste estado merecia. Obstinavam-se em dizer que o enjoo desapareceria logo que ela se habituasse ao barco. Todavia, sentira-se mal até ao fim da viagem.

No dia seguinte, quando cavalgava através das aldeias, parecia-lhe que navegava ainda. Não havia senão subidas e descidas naqueles enormes montões de terra e, quando ela olhava para longe, era como se toda a região se balançasse,

se erguesse em vagas contra o céu azulado daquela manhã de Inverno.

Um grupo de amigos e de vizinhos de Erlend viera a Vigg com o fim de escoltar os recém-casados até a casa deles. O solo ressoava sob as patadas dos cavalos, pois a terra gelada estava dura como ferro. A neblina envolvia os viajantes e as montadas; via-se geada tanto no corpo dos animais como na cabeça e nas peliças dos homens.

Erlend parecia ter os cabelos tão brancos como os do abade. O álcool que bebera de manhã e o frio mordente punham-lhe o rosto afogueado. Envergava o fato de casamento; parecia moço, feliz, e a alegria e a malícia resplandeciam-lhe na voz enquanto interpelava os seus convidados e ria com eles.

O coração de Cristina principiou a bater desordenadamente de cuidados, de ternura e de angústia. Estava ainda enjoada da viagem, sentia o estômago arder logo que comia ou bebia um poucachinho; custava-lhe a suportar o frio e, no fundo da alma, moía-a surda irritação contra Erlend, tão despreocupado. Contudo, ao ver com que orgulho confiante e radiosa alegria ele a levava como esposa para sua casa, invadiu-a amargo pesar e compaixão dolorosa. Arrependia-se agora de não ter informado Erlend quando este, no Verão, estivera em Joerundgaard; as suas bodas, demasiadamente faustosas, haviam sido inconvenientes. Mas, na realidade, Cristina gostava que Erlend pudesse também verificar que a sua forma de proceder acarretaria humilhações inevitáveis.

Além disso, ela receara o pai e pensara que, uma vez terminadas as bodas, partiriam para bem longe; com certeza que só daí a muito tempo é que voltaria à aldeia natal, depois de todos os falatórios se apaziguarem.

Via, agora, que tudo decorreria pior do que julgara. Erlend bem falara do grande banquete que daria ao regressar a Husaby, mas Cristina não imaginara que pudesse ser uma nova festa nupcial. E tratava-se de angariar a estima e a amizade dos convidados, gente entre a qual ela e Erlend

viveriam daí em diante. Haviam sido testemunhas, durante todos aqueles anos, das loucuras e da infelicidade de Erlend. Este pensava que, presentemente, se reabilitava aos olhos dos outros e que ia voltar a ocupar o lugar a que tinha direito pelo seu nascimento e riqueza. Sem dúvida ele tornar-se-ia motivo de risota nas aldeias das redondezas quando descobrissem que o seu casamento era mais um pecado.

O sacerdote inclinou-se para Cristina:

— Que ar tão grave, Cristina Lavransdatter! Estais ainda atormentada pelo enjoo? Ou são saudades da vossa mãe?

— Sim, meu reverendo — disse docemente Cristina —, sinto saudades de minha mãe.

Haviam chegado a Skaun. Subiram a encosta. Abaixo deles, ao fundo do vale, estendia-se a floresta de árvores de folhas caducas, muito branca sob o manto de geada que brilhava ao sol; uma lagoa azul cintilava mais longe. Saíram dum pinheiral. Erlend fez um gesto e disse com voz ardente:

— Eis Husaby, Cristina. Deus te conceda muitos dias felizes aqui, querida mulher!

Em frente deles desenrolavam-se campos imensos, alvos de neve. A herdade elevava-se sobre um eirado a meia encosta; próximo, ficava uma igrejinha de pedra por trás dos edifícios numerosos e vastos; o fumo redopiava por cima dos telhados. Quando os sinos da capela se puseram a tocar, toda a gente se precipitou para fora da quinta com gritos e saudações. Os rapazes do cortejo nupcial entrechocaram as respectivas armas e, com grande algazarra, num alegre tumulto, o grupo dirigiu-se para casa do recém-casado.

Detiveram-se em frente da capela; Erlend levantou da sela a jovem esposa e conduziu-a à porta onde vários padres os esperavam. Dentro da igreja o frio era penetrante; a luz do Sol introduzia-se na nave pelas janelinhas da abóbada, fazendo empalidecer a claridade dos círios.

Cristina sentiu-se abandonada e medrosa quando Erlend

lhe largou a mão e passou para o lado dos homens, enquanto ela se misturava com aquelas mulheres estranhas, de fatos domingueiros. O ofício foi muito belo, mas Cristina tiritava de frio e tinha a impressão de que as suas preces recaíam sobre ela quando tentava encontrar conforto e elevar o espírito por meio da oração. Talvez fosse mau presságio ser aquela festa a de São Simão, patrono do homem a quem ela tanto ofendera.

Da igreja, a assistência foi em cortejo até à quinta: os padres à frente, em seguida Cristina e Erlend de mãos dadas e, por fim, os convidados dois a dois. Cristina sentia-se tão fatigada que não pôde ver minuciosamente a quinta. O pátio era comprido e estreito; as construções apresentavam-se em duas filas, ao sul e ao norte. Eram numerosas, muito próximas uma das outras, mas pareciam velhas e arruinadas.

O cortejo parou em frente da casa principal e os sacerdotes aspergiram-na com água-benta. Depois, Erlend levou Cristina através da antecâmara sombria. À direita, abriu-se uma porta deixando ver um aposento deslumbrante de luzes. Ela abaixou a cabeça ao passar sob o alizar da porta e encontrou-se com Erlend no átrio da casa.

Era a maior sala que ela jamais vira. Tinha, a meio, uma grande lareira onde flamejava lume em cada extremidade. O quarto era tão vasto que as vigas transversais se apoiavam em pilares esculpidos; pareceu a Cristina que estava na nave duma igreja ou num átrio real e não na sala duma herdade.

Encaixada na empena do lado leste, entre colunas, os leitos fechados dominavam o banco no meio do qual sobressaía o lugar de honra.

Uma imensidade de luzes resplandecia no aposento: sobre as mesas vergadas ao peso dos vasos e dos pratos preciosos, e nas placas unidas às paredes. À moda antiga, armas e broquéis alternavam com as tapeçarias suspensas. Atrás da cadeira do dono da casa, na parede forrada de veludo, um

homem dependurava a espada incrustada de ouro que pertencia a Erlend e o seu escudo branco com um leão vermelho rompente.

Os criados haviam desembaraçado os convidados das capas que os cobriam. Erlend, pegando na mão da mulher, levou-a para junto da lareira; os outros formaram semicírculo atrás dele. Uma matrona de semblante meigo avançou e desprendeu o lenço da cabeça de Cristina, o qual se amarrotara um pouco sob o manto. Ao voltar para o seu lugar sorriu e fez um sinal amigável aos recém-casados; Erlend correspondeu ao sorriso e baixou os olhos para a mulher. Como aquele rosto estava tão belo! E, de novo, Cristina sentiu o coração desfalecer. Tinha pena de Erlend! Sabia o que ele pensava agora ao vê-la ali, na sua casa, com o comprido manto alvo de neve a destacar-se do vestido escarlate. De manhã, ela tivera de apertar o mais que pudera o ventre e a cintura com uma faixa para que o vestido lhe acertasse convenientemente no corpo. Tingira as faces com um carmim que a Sr.ª Aashild lhe dera. Dissera de si para si que decerto Erlend não olharia muito para ela, agora que era mulher dele. E Cristina lastimava amargamente não lhe ter dito nada.

Enquanto os pares se conservavam de mão dada, os sacerdotes davam a volta à sala, benzendo o lar, a mesa, e o leito. Depois, uma criada trouxe a Erlend as chaves da casa. Suspendeu ele o pesado molho de chaves no cinto de Cristina, e dir-se-ia, ao vê-lo naquela postura, que a queria também beijar. Um homem apareceu com uma cornucópia cercada de anéis de ouro. Erlend levou-a aos lábios e bebeu à saúde da esposa.

— Saúde e felicidade na tua casa, Cristina!

E, no meio das aclamações e dos risos dos convidados, ela bebeu com o marido, e lançou o resto do vinho para o lume da lareira.

Os menestréis começaram então a tocar. Erlend Nikulaussoen conduziu a mulher para o lugar de honra e os demais convivas sentaram-se à mesa.

Ao terceiro dia os hóspedes principiaram a retirar-se e no quinto dia os últimos foram-se embora às três da tarde. Foi então que Cristina ficou sòzinha com o marido em Husaby.

Antes de mais nada, pediu ela aos criados que tirassem toda a roupa da cama e que a metessem numa barrela de cinzas; mandou também lavar as paredes em volta do leito e retirar a palha para a queimar. Dispuseram em seguida palha fresca e prepararam a cama com o que ela havia trazido para a quinta. Esse trabalho prolongou-se pela noite adiante. Cristina, porém, exigiu que fizessem o mesmo a todas as camas da casa e que limpassem todas as peles — as criadas deveriam pôr mãos à obra no dia seguinte e fazer o possível por terminar o trabalho antes do próximo dia santificado. Erlend ria e abanava a cabeça: «Que mulher!» Mas, ao mesmo tempo, sentia-se um tanto envergonhado.

Cristina pouco dormira na primeira noite, embora os padres houvessem benzido a cama. Era guarnecida de almofadas de seda com desenhos, lençóis de linho, tapeçarias e peles magníficas, mas o colchão estava bolorento e sujo, e havia parasitas nas cobertas e na soberba pele de urso negro que o cobria.

No decurso desses dias notara mil e uma coisas. Debaixo das tapeçarias preciosas suspensas das paredes, a fuligem e a imundície que recobriam os toros não haviam sido retiradas. Tinham preparado para a festa grande quantidade de alimentos, mas muitos deles estavam deteriorados ou mal cozidos. E haviam empregado no lume madeira verde e húmida que dava pouco calor e enchia a sala de fumo.

Em toda a parte notou marcas de negligência quando, no segundo dia, percorreu, com Erlend, a herdade de Husaby. As arcas das provisões ficaram vazias depois da festa; as huchas já quase não tinham farinha. Cristina não fazia ideia nenhuma de que forma Erlend ia alimentar todos os cavalos e tanto gado com tão pouco feno e palha; o que havia era bastante forragem para os carneiros.

Contudo, um dos celeiros tinha grande quantidade de

linho de que se não haviam servido; devia ser a maior parte da colheita de vários anos. Noutro, encontrou lá muito antiga, suja e fedorenta, em sacos e espalhada pelo chão. Quando Cristina apnhou uma mão-cheia, disseminaram-se óvulos castanhos de traças e de toda a casta de insectos.

O gado estava magro, e tinhoso. Nunca ela vira reunidos tantos animais velhos. Só os cavalos se apresentavam bem tratados. Mas não havia nenhum que se pudesse comparar a *Guldsvein* ou a *Ringdrotten,* o garanhão que pertencia ao pai. *Sloengvanbauge,* que ele lhe oferecera à partida, era o mais belo cavalo da estrebaria de Husaby. Quando ela chegou junto dele, não pôde deixar de o agarrar pelo pescoço e de encostar a face ao focinho do animal. E os entendidos de Trondhjem examinavam *Sloengvanbauge,* elogiavam-lhe as pernas grossas e robustas, o peito avantajado e o pescoço comprido, a cabeça pequena e as ancas largas. O velho camponês de Grimsar jurava por Deus e pelo Diabo que fora uma pena haverem castrado aquele animal, que daria um excelente cavalo de batalha. Então Cristina aludiu ao pai de *Sloengvanbauge, Ringdrotten.* Muito maior e mais robusto do que o filho, não existia garanhão algum capaz de o bater; Lourenço opusera-o aos cavalos mais afamados, até aos de Sogn. Se lhes haviam dado aqueles nomes estranhos de *Ringdrotten* e de *Sloengvanbauge* é porque um tinha o pêlo muito amarelo e o outro era listado de fulvo. A mãe de *Ringdrotten* deixara a manada das éguas em certo Verão, na serra de Raanekampe, e todos julgaram que os ursos a haviam devorado; mas, no fim do Outono, voltara à quinta. E o potro que tivera no ano seguinte não era, com certeza, o rebento dum cavalo que pertencesse a filhos de Adão. Haviam então defumado o poldro com pão e enxofre, e Lourenço oferecera a égua à igreja para maior segurança. Mas o cavalinho desenvolveu-se tão bem que Lourenço dizia antes querer perder metade da sua quinta do que *Ringdrotten.*

Erlend sorriu e comentou:

— Em geral, és de poucas palavras, Cristina, mas, quando

falas das coisas que dizem respeito a teu pai, tornas-te eloquente!

Cristina calou-se de súbito. Lembrou-se do semblante do pai quando ela partira com Erlend, na ocasião em que a ajudou a montar. Simulava um ar alegre porque havia muitas pessoas presentes, mas a filha reparara-lhe no olhar. Ele acariciara-lhe o braço de alto a baixo e apertara-lhe a mão em sinal de despedida. Nesse momento sentia-se ela contente por se ir embora. Mas, agora, parecia-lhe que, enquanto vivesse, o coração lhe sangraria ao recordar o olhar que o pai tinha naquele instante.

Cristina iniciou o governo da sua casa. Levantava-se de manhã muito cedo, se bem que Erlend protestasse e fizesse menção de a reter à força na cama; ninguém esperava que ela, uma recém-casada, andasse a afadigar-se de quarto para quarto antes de o Sol romper.

Notando o desleixo dos criados e compreendendo a sua responsabilidade, a verdade apareceu-lhe nua e crua: assumira a pesada carga do pecado para vir até ali, e devia resignar-se a isso. Era um crime estragar as dádivas de Deus como faziam em Husaby, e uma vergonha para aqueles que governavam a quinta e deixavam arruinar dessa forma os bens de Erlend. Durante os ultimos anos não houvera na herdade um dirigente capaz; o próprio Erlend estivera ausente várias vezes; além disso, tinha poucas disposições para administrar a quinta. E essa era a razão por que os caseiros das aldeias distantes o ludibriavam. Cristina assim o notara, e, porque os criados de Husaby trabalhavam mal e conforme lhes apetecia, não lhe foi fácil meter tudo na ordem.

Um dia falou desse assunto a Ulf Haldorsoen, criado particular de Erlend. A debulha do trigo devia findar antes do periodo da matança. Ulf retorquiu:

— Sabes, Cristina, que não sou moço de quinta. Eu e Hatford somos como que os companheiros de armas de Erlend, e já não estou ao facto das ocupações do campo.

— Bem sei — replicou a dona da casa. — Mas a verdade é que me será difícil governar a quinta este Inverno, pois cheguei há pouco e sou estranha aos servos. O que era bom é que me ajudasses e aconselhasses.

— Vejo perfeitamente, Cristina, que não te será fácil actuar nos primeiros tempos — disse o homem, fitando-a, com um sorrisinho, aquele sorriso singular que ele arranjava quando se dirigia a Cristina ou a Erlend. Era insolente e irónico e, apesar disso, a sua atitude demonstrava benevolência e certo respeito por ela. Mas Cristina achava que não devia sentir-se melindrada pelo facto de Ulf se permitir mostrar maneiras mais familiares do que convinha. Ela e Erlend haviam consentido que aquele criado se tornasse confidente dos erros que tinham cometido antes do casamento, e, agora sabia, evidentemente, em que estado Cristina se encontrava. Devia, pois, tolerá-lo. Aliás, ela percebia que Erlend aceitava tudo o que Ulf dizia ou fazia, e o escudeiro não testemunhava ao amo um respeito por aí além. Eram, porém, amigos de infância. Ulf, filho dum camponês que morava próximo da quinta de Baard Petersoen, nascera em Moere. Tratava Erlend e Cristina por tu, mas isso provinha dum costume espalhado no norte dos Dofrines.

Homem de bela aparência, alto, moreno, com lindos olhos mas de lábios duros e cruéis. Cristina ouvira as criadas contarem casos feios a respeito dele. Quando estava na cidade bebia excessivamente, comia com gula e andava sempre metido em desordens pelas vielas, mas em Husaby parecia laborioso e ajuizado. Cristina simpatizava com ele.

— Nenhuma mulher viveria fàcilmente nesta quinta... depois de tudo o que se passou — continuou Ulf. — Creio, no entanto, que te sairás melhor do que qualquer outra. Não és criatura para sucumbir, para te lastimares e chorares; pelo contrário, és capaz tu mesma de salvaguardares o património dos teus descendentes, se ninguém mais se preocupar com isso. E bem sabes que podes contar comigo, que te ajudarei dentro das minhas forças. Lembra-te que pouco percebo das

coisas de lavoura. Mas, se me quiseres consultar e seguir os meus conselhos, tudo há-de decorrer bem neste Inverno.

Cristina agradeceu a Ulf e entrou em casa.

Angustiada e inquieta, tentava livrar o coração desse peso que a sobrecarregava. Não chegava a compreender como é que Erlend não suspeitava daquilo que se tornara evidente. E o pior era ela não sentir viver em si a criança que trazia nas entranhas. Ao fim de vinte semanas devia dar sinais de vida, Cristina bem sabia — e havia mais de três semanas que esse prazo passara. Durante a noite sentia essa carga que aumentava, que ia ficando cada vez mais pesada, mas que continuava inerte. E Cristina recordava-se de tudo o que ouvira contar acerca de crianças que nasciam paralíticas, atrofiadas, ou de fetos que vinham sem membros, quase sem forma humana. Perante os olhos fechados passavam-lhe imagens infantis com horríveis disformidades; visões pavorosas sucediam-se umas às outras. No vale, em Lidstad, existia uma criança... devia ser adulta, agora. O pai vira-a, mas nunca quisera falar disso; Cristina notara que ele se zangava quando alguém fazia alusão a esse pequeno. Que aparência teria?... — Ah... não! Santo Olavo, intercedei por mim! — Cristina necessitava de grande fé e da compaixão do rei santo; entregara o filho à sua protecção; com paciência sofreria pelos seus pecados, consolar-se-ia incidindo todas as forças da sua alma no auxílio e na graça a obter para o filho. O diabo em pessoa quisera decerto tentá-la com aquelas horríveis visões para a lançar no desespero.

As noites, principalmente, eram penosas. Se uma criança não tivesse membros, se devesse nascer paralítica, era provável que a mãe não a sentisse viver. Erlend, meio adormecido, reparava na inquietação da mulher; apertava-a mais nos braços e escondia a cara no ombro de Cristina.

Mas o dia chegava e ela parecia haver esquecido tudo. Todas as manhãs se vestia com mil cuidados a fim de dissimular algum tempo ainda, aos olhos dos servos, a grossura do corpo.

Era costume em Husaby retirarem-se os criados, depois da ceia, para os edifícios anexos onde dormiam. Erlend e Cristina ficavam então sòzinhos. Conservavam na quinta velhos hábitos, do tempo em que tinham escravos para trabalhar. Não havia na sala nenhuma mesa pregada ao soalho, mas colocavam, de manhã e à noite, uma grande prancha sobre cavaletes e encostavam-na, depois, à parede. Para as outras refeições, os serviçais traziam as respectivas escudelas em cima de bancos onde se sentavam para comer. Cristina sabia que era costume doutras eras. Agora, porém, que havia dificuldade em encontrar homens que servissem à mesa e que tinham de se contentar com criadas para os trabalhos do interior, aquele método já não convinha, pois as mulheres não estavam para se cansar a erguer mesas pesadas. A mãe de Cristina contara-lhe que em Sundbu, quando ela tinha oito anos, havia uma mesa fixa no chão da sala, e as criadas achavam isso uma grande vantagem em muitos aspectos. Não precisavam de ir para a casa da costura: podiam ficar na sala a talhar e a coser, e fazia lindo efeito ter sempre na mesa alguns candelabros ou uma taça bonita. Cristina tencionava pedir no próximo Verão a Erlend que pusesse ali uma mesa encostada à parede do lado norte.

Em sua casa, o pai tinha o lugar de honra na cabeceira da mesa — mas aqui os leitos ocupavam o tabique da antecâmara. Em Joerundgaard, a mãe sentava-se na extremidade do banco exterior, para assim poder andar cá e lá e vigiar as criadas que serviam. Quando havia hóspedes, Ragnfrid instalava-se junto do marido. Em Husaby o lugar de honra ficava a meio da empena da banda do nascente, e Erlend exigia que ela se sentasse sempre ao lado dele. Na sua casa, o pai oferecia habitualmente a cabeceira da mesa aos religiosos, quando tinha tais hóspedes; e ele e Ragnfrid serviam-nos enquanto os outros comiam e bebiam. Mas Erlend não queria ouvir falar de semelhante coisa, a não ser que esses convivas fossem de alta linhagem. Não gostava muito de padres e frades, que eram, na sua opinião, amigos dispendiosos. Cristina

pensava no que o pai e Sira Erik diziam quando alguém se queixava da cupidez dos sacerdotes: no momento da expiação cada qual esquece os prazeres culposos da sua existência.

Interrogou ela o marido acerca da vida de outras eras em Husaby. Ele, porém, pouca coisa sabia. Ouvira falar disto e daquilo, mas as suas recordações eram imprecisas. O rei Skule fora proprietário da quinta e fizera construções, tencionando provàvelmente conservar Husaby como casa de campo depois de haver doado Rein a um convento de freiras. Erlend tinha grande orgulho em ser descendente do duque, como ele designava sempre o rei, e do bispo Nicolau, pai do seu avô Munan Miskopsoen. Contudo, Cristina via que, a respeito desses homens, Erlend não sabia mais do que ela, que estava ao facto disso pelo que ouvira o pai contar. Na sua casa era muito diferente. Nem o pai nem a mãe se sentiam orgulhosos do poder e da reputação dos antepassados, mas falavam muitas vezes deles, citando-lhes como exemplo as qualidades, o bem que haviam espalhado, assim como criticavam os seus defeitos. Conheciam várias anedotas: a respeito do velho Ivar Gjesling e da sua inimizade com o rei Sverre, da réplica pronta e maliciosa de Ivar Provst, da obesidade monstruosa de Haavard Gjesling e das miríficas proezas de Ivar Gjesling nas caçadas. Lourenço contava casos do irmão do avô que raptara do claustro de Vreta a filha dos Folkunges; do avô Kertil, cavaleiro sueco, e da avó paterna Ramborg Sunesdatter sempre saudosa de Vestergotland e que atravessara de trenó o lago Vener gelado, certo dia que fora convidada para casa do irmão que morava em Solberga. E falava dos actos de bravura do pai e da sua dor indizível quando perdera a primeira mulher, Cristina Sigurdsdatter, morta ao dar à luz o filho Lourenço. Lia ele em voz alta narrativas sobre a fundadora de sua família, Santa Eline de Skoevde, a quem coubera a graça de ser mártir de Deus. Muitas vezes o pai dissera a Cristina que haviam de ir em romagem ao túmulo da bem-aventurada viúva, mas tal projecto nunca fora a efeito.

No meio da angústia que a dominava, Cristina invocava essa santa de quem descendia. Rezava a Santa Eline, implorando pelo filho, e beijava a cruz que recebera do pai e que continha um fragmento do sudário da santa mulher. Mas Cristina, que lançara uma vergonha daquelas à sua família, receava Santa Eline. Quando pedia a Santo Olavo e a São Tomás a sua intercessão, parecia-lhe que as preces chegavam a seres vivos e a corações compadecidos. O pai amava mais esses dois mártires da justiça do que todos os outros santos, até do que S. Lourenço, de quem usava o nome e celebrava sempre a festa no fim do Verão, com um grande banquete e fartas esmolas. Lourenço chegara mesmo a ver em sonhos São Tomás, numa noite em que jazia ferido em frente de Bohus. Nenhum homem poderia exprimir o aspecto benevolente e venerável do santo, e Lourenço só conseguira balbuciar: «Senhor, senhor!» O bispo aureolado tocara-lhe docemente na ferida, prometendo-lhe vida e saúde: tornaria a ver a mulher e a filha conforme lhe suplicara. Contudo, ninguém então pensava que Lourenço Bjoergulfsoen vivesse além dessa noite.

— Sim, sim — dizia Erlend —, são casos que ouvimos narrar, mas nunca aconteceram a mim. É verdade que não sou homem piedoso como Lourenço...

Cristina fez, em seguida, algumas perguntas acerca das pessoas que haviam assistido ao festim da chegada. Sobre elas Erlend também não tinha muitas informações a dar. Impressionava Cristina o facto de o marido não se parecer com a gente daquela região. Havia ali homens de bela presença, com a pele clara e rosada, cabeça pequena e estatura sólida e avantajada. Muitos dos mais velhos eram excessivamente gordos. Erlend parecia um estrangeiro entre os hóspedes, esbelto e magro, de membros compridos e ágeis. Possuía cabelos pretos e sedosos, pele dum moreno mate, e olhos azuis sombreados por sobrancelhas e pestanas negras como carvão. Testa alta e estreita, nariz um tanto grande e boca talvez pequena de mais para um homem. Todavia, podia

considerar-se belo; Cristina nunca vira ninguém tão formoso como Erlend. A sua voz tranquila e bem modelada não se comparava à fala pesada e monótona dos outros.

Erlend disse-lhe, sorrindo, que, efectivamente, a sua família não era daquela região, excepto a bisavó paterna, Ragnfrid Skulesdatter. Constava que ele se assemelhava bastante ao avô materno, Gaute Erlendsoen de Skogheim. Cristina interrogou-o a respeito desse homem mas o marido pouco ou nada sabia.

Uma noite, Erlend e Cristina estavam a despir-se para se deitarem. Como Erlend não conseguisse desatar o cordão dum sapato, cortou-o e feriu-se na mão com a faca. Sangrava muito e ele apertava a carne enèrgicamente. Cristina foi buscar uma tira de linho à arca. Tinha apenas vestida a camisa. Erlend enlaçou-lhe a cintura com o braço enquanto ela lhe ligava a mão.

De súbito olhou, aterrado, para o rosto de Cristina e corou. A mulher baixou a cabeça.

Erlend retirou o braço. Como ele não dissesse nada, Cristina afastou-se em silêncio e meteu-se na cama. O coração batia-lhe com grandes pancadas surdas. De quando em quando olhava para o marido. Este voltara-lhe as costas e ia-se despindo com lentidão. Por fim, veio deitar-se.

Cristina esperava que ele falasse. Tão grande era a expectativa que, por vezes, o coração parecia parar.

Erlend, porém, não lhe dirigiu uma única palavra nem a tomou nos seus braços.

Finalmente, pousou a mão hesitante sobre o peito de Cristina, e apoiou o queixo no ombro da mulher, que lhe sentia a barba a picar a pele. Como continuasse calado, Cristina voltou-se para a parede.

Tinha a impressão de que cada vez mais se atolava no desespero. Erlend não lhe dissera uma única palavra ao saber que a mulher trazia em si desde muito tempo um filho dele! Na escuridão, Cristina cerrava os dentes. Nada lhe queria perguntar: se ele guardava silêncio, ela também se

calaria, até à ocasião do parto, se tal fosse necessário! A indignação sublevava-a. Continuava encostada à parede, num mutismo absoluto. Erlend também, naquelas trevas, estava calado. Permaneceram assim horas e horas, cada qual percebendo que o outro não dormia. Por fim, ela compreendeu, pela respiração regular, que Erlend adormecera. Então, de desgosto, de humilhação e de vergonha, Cristina deixou correr as lágrimas que a sufocavam. Parecia-lhe que jamais esqueceria o que o marido acabava de fazer.

Passaram-se três dias. Erlend mostrava o ar dum cão que tivesse sido zurzido, pensava Cristina. Entranhava-se na sua cólera, amarga e feroz, quando o marido a fitava com olhos inquisidores e desviava a vista quando ela o encarava.

Na manhã do quarto dia estava Cristina sentada na sala quando Erlend apareceu no limiar da porta, pronto para montar a cavalo. Disse-lhe que ia a Medalby, quereria a mulher acompanhá-lo a fim de ver a quinta? Esta fazia parte dos bens que Cristina recebera do marido no dia seguinte ao casamento. Acedeu à proposta e Erlend ajudou-a a calçar as botas de pele e a vestir-lhe a capa negra com presilhas de prata.

Estavam no pátio quatro cavalos selados, mas Erlend disse nessa ocasião a Hatford e a Egil que podiam ficar em casa e ajudar na debulha do trigo. Cristina pensava que o marido tencionava falar de tudo aquilo que não se esclarecera. No entanto, ele nada disse enquanto cavalgavam lentamente para o sul da floresta.

O mês de Novembro já ia avançado. Pouco nevara na região; o tempo estava fresco e belo, o Sol acabara de nascer, e em toda a parte a geada resplandecia com um brilho dourado no chão e nas árvores. Atravessavam as terras de Husaby. Cristina viu que existiam ali poucos campos de semeadura, mas muitos prados cobertos de ervas ruins e de musgo e invadidos pelos rebentos dos amieiros. Fez essa observação.

O marido respondeu-lhe desdenhosamente:

— Então não sabes, Cristina, tu que entendes tanto da direcção e da economia das coisas de lavoura, que não vale a pena cultivar trigo tão perto da cidade? Lucra-se mais em trocar manteiga e lã por grão e farinha com esses mercadores estrangeiros...

— Nesse caso — replicou a mulher — devias ter trocado tudo o que ficou nos teus celeiros e que já está estragado há muito tempo. Mas eu conheço a lei: todo o homem que arrenda uma terra tem de semear trigo em três quartas partes e deixar a última para o pasto. E o domínio do senhor não deve, julgo eu, ser mais mal administrado do que a quinta do rendeiro. Meu pai assim o dizia.

Nos lábios de Erlend esboçou-se um sorriso:

— Quanto a isso, nunca recorri à lei. Contanto que eu governe o que é meu, os meus camponeses podem gerir as quintas deles como quiserem, que eu cá administro Husaby conforme me parece mais conveniente e melhor.

— Então pretendes ser mais inteligente do que os nossos antepassados, Santo Olavo e o rei Magnus, que estabeleceram tais leis?

Erlend tornou a sorrir.

— Não era essa a minha ideia. Mas, com os diabos, como tu estás ao corrente das leis e do direito da terra, Cristina!

— Estou ao facto disso porque meu pai pedia muitas vezes a Sigurd de Loptsgaard que nos citasse a lei, quando ele nos vinha visitar à noite. Meu pai achava que era útil para todos nós sabermos essas coisas; e então, Sigurd lia-nos um ou outro capítulo.

— Sigurd?... Ah! Sim. Lembro-me agora de o ter visto nas nossas bodas. É um velho desdentado e de nariz torcido que se babava e chorava e batia no peito... Apresentava-se muito ensebado naquela manhã em que toda a gente veio ver-me colocar nos teus ombros o manto de esposa.

— Ele já me conhece há muito tempo — respondeu Cris-

tina zangada. — Quando eu era pequena, sentava-me nos joelhos e brincava comigo.

Erlend esboçou um sorriso irónico:

— Que estupenda distracção ouvir aquele velho idiota expor a lei, capítulo por capítulo! Palavra de honra! Lourenço é, em todos os aspectos, diferente dos outros! Mas, como é costume dizer-se, se o camponês conhecesse a lei da terra e o cavalo a sua força, o diabo seria cavaleiro.

Cristina soltou um grito de furor e deu uma palmada nos rins do cavalo. Irritado e surpreendido, Erlend olhou para a mulher, que se ia embora a toda a brida.

Bruscamente, esporeou a montada, e partiu a galope atrás dela. Jesus! O vau!... Ninguém devia pensar em atravessá-lo nessa época; houvera ali no Outono resvalamentos de argila!

Sloengvanbauge ia ainda mais depressa desde que se sentira seguido pelo outro cavalo. Erlend ficou aterrado ao ver a mulher descer a vertente abrupta. Ultrapassou-a a galope, depois de se meter pela mata, deu uma volta no caminho, justamente no sítio que confinava com a várzea, e obrigou assim Cristina a se deter. Quando se aproximou, notou que ela também tremia.

Inclinando-se para a mulher, Erlend deu-lhe uma bofetada sonora. *Sloengvanbauge* desviou-se com um pulo e empinou-se, assustado.

— Merecias ainda mais do que isto — disse o marido com voz fremente, quando os cavalos já sossegados trotavam lado a lado. — Correres assim à doida... Assustas-me...

Cristina permanecia de cabeça voltada, de forma que ele lhe não pudesse ver a cara. Erlend arrependia-se de lhe haver batido. Acrescentou, porém:

— Sim, fiquei cheio de susto, Cristina... Ires-te daquela maneira... Demais a mais nesta altura — ajuntou docemente.

Cristina não se moveu. Mas Erlend pressentia-a menos zangada do que antes, quando ele troçara de Joerundgaard.

Admirou-se desse facto, mas realmente assim era.

Chegaram a Medalby e o rendeiro de Erlend veio ao encontro deles e convidou-os a entrar na sua casa. Erlend, contudo, quis primeiro visitar as construções da quinta. Cristina acompanhá-los-ia.

— A quinta agora pertence-lhe, Stein, e ela entende disso mais do que eu — esclareceu a rir.

Estavam ali vários camponeses, decerto também rendeiros de Erlend, que serviriam de testemunhas.

Stein chegara à quinta no último trimestre, e, daí para cá, pedira continuamente ao patrão que viesse examinar as construções ou então que mandasse um procurador. As testemunhas asseguravam que nenhum dos edifícios estava intacto. Os tectos haviam já abatido quando Stein para ali viera. Cristina pôde verificar que era uma boa quinta, embora mal conservada, e que Stein não passava dum mandrião; mas Erlend, acomodatício, prometeu a Stein certos descontos na renda até que as construções fossem consertadas.

Entraram então na casa, onde a mesa estava posta com boas iguarias e cerveja forte. A mulher do camponês pediu a Cristina que a desculpasse de não ter ido ao encontro dela. Mas o marido não lhe permitia que saísse antes de ir à igreja depois do parto que tivera. Cristina cumprimentou gentilmente a mulher e mostrou vontade de ver a criança no berço. Era o primeiro filho dos rendeiros, um nené de doze dias, grande e rechonchudo.

Conduziram em seguida Erlend e Cristina para o lugar de honra e toda a gente se sentou para comer e beber. Foi Cristina quem conversou mais durante a refeição; Erlend falou pouco; os camponeses fizeram o mesmo, mas Cristina notou que, apesar disso, pareciam simpatizar com ela.

Quando o pequenito acordou, e se pôs a gritar com todas as forças, a mãe foi buscá-lo e deu-lhe o peito para o calar. Cristina levantou-se várias vezes para os ver a ambos, e, logo que o pequerrucho se fartou, pegou nele ao colo.

— Olha, Erlend — disse ela —, não achas que é um lindo e gentil companheiro?

— É, sim — respondeu o marido, sem a fitar.

Cristina conservou algum tempo ainda o pequeno no regaço antes de o entregar à mãe.

— Vou mandar um presente ao teu filho, Arndis — disse ela —, porque é a primeira criança que tenho nos braços desde que vim para o norte dos Dofrines.

Ardente e orgulhosa, Cristina olhava sorridente para Erlend e para os camponeses sentados no banco. Sorrisos quase imperceptíveis esboçaram-se nalguns lábios, mas os rostos permaneceram graves. Então um velhote, que bebera bastante, levantou-se. Tirou a colher da tigela de cerveja, pousou-a na mesa e ergueu a pesada taça.

— Vamos beber à tua saúde, patroa: oxalá a primeira criança que pegues ao colo seja o novo senhor de Husaby!

Cristina levantou-se, segurou por seu turno a tigela e convidou o marido a beber. Erlend molhou apenas os lábios, mas a mulher bebeu demoradamente.

— Obrigada pelos teus bons votos, Jon de Skog — disse ela radiante e risonha, fazendo uma reverência, e devolvendo-lhe a taça.

Erlend, muito vermelho, parecia descontente; Cristina, todavia, tinha uma vontade imoderada de rir e sentia-se feliz. Dai a pouco, Erlend fez as suas despedidas e ambos se puseram a caminho de Husaby.

Haviam percorrido parte da estrada, sem falar, quando Erlend irrompeu com violência:

— Julgas que é preciso andares tu mesma a espalhar por aí que já estavas grávida quando nos casámos?... Diabos te levem se não vai haver falatório em todas as aldeias!

Cristina, ao princípio, não respondeu. Olhava para a sua frente, por cima da cabeça do cavalo, e o rosto tornara-se-lhe tão pálido que Erlend se assustou.

— Jamais poderei esquecer as primeiras palavras que

me dirigiste para falares da criança que trago em mim e que é tua — respondeu por fim, sem olhar para o marido.

— Cristina! — suplicou Erlend. — Minha Cristina! — repetiu, como ela nada lhe dissesse nem voltasse os olhos para ele. — Cristina!

— Senhor? — interrogou a mulher com frieza e cortesia, sem mover a cabeça.

Erlend soltou uma praga, esporeou o cavalo e partiu a toda a brida. Mas, pouco depois, retrocedeu:

— Irritei-me tanto que me ia embora sòzinho.

— Se isso acontecesse talvez tivesses de esperar muito tempo antes que me tornasses a ver em Husaby — replicou ela tranquilamente.

— É só o que tens para me dizer? — exclamou Erlend desesperado.

Foram cavalgando, muito calados. Passados momentos chegaram a um sitio onde havia uma ladeira. Disse Erlend à mulher:

— Tencionava ir até lá acima. É muito comprido o percurso, mas gostava de fazer esse caminho contigo, um dia.

Cristina esboçou um gesto de indiferença.

Ao fim dum instante, Erlend lembrou que era melhor irem a pé, e então amarrou os cavalos a uma árvore.

— Gunnulf e eu tínhamos um castelo no cimo da encosta — disse ele. — Sempre quero ver se ainda existem restos da nossa fortaleza.

Pegou-lhe na mão. Deixou-se ela conduzir, mas olhando incessantemente para o chão a ver onde punha os pés. Daí a pouco chegaram ao cume do monte. Dominando a floresta de árvores de folha caduca e salpicadas de geada, no cotovelo do rio, via-se, na encosta fronteira, Husaby enorme e soberba, com a respectiva capela de pedra, os seus numerosos e pesados edifícios, os vastos campos derredor e, ao fundo, a mancha sombria da mata.

— Quantas vezes minha mãe vinha aqui connosco! — disse Erlend. — Ela, porém, olhava sempre para o sul, para a

direcção de Dolrines. Parecia que os seus pensamentos nunca se fixavam em Husaby. Depois, voltava-se para o norte e contemplava aquela sombra azulada que ali vês; é uma montanha do outro lado do fiorde. Nunca olhava para a quinta...

A voz era doce e terna. Mas Cristina, silenciosa, nem relanceava a vista pelo marido. Ele então continuou a andar, dando pontapés nas urzes cobertas de geada.

— Nada resta do nosso castelo, meu e de Gunnulf. É certo que já se passou muito tempo desde que brincávamos aqui...

Não obteve resposta. Um pouco abaixo, havia uma lagoa gelada. Erlend pegou numa pedra e atirou-a. O gelo era espesso; não houve mais do que uma brechazinha na superfície sombria. Erlend agarrou noutra pedra e arremessou-a com mais força, e depois outra, e outra ainda; metera-se-lhe na cabeça quebrar o gelo. Foi então que viu a expressão da mulher: com o olhar carregado de desprezo, sorria, irónica, da infantilidade do marido.

Erlend deu bruscamente meia volta; Cristina, nessa mesma ocasião, tornou-se duma palidez mortal e as pálpebras fecharam-se-lhe. Vacilou como se fosse cair de costas e, às apalpadelas, segurou-se ao tronco duma árvore.

— Que tens? — perguntou ele assustado.

Ela, porém, não respondeu, e ficou com o olhar vago, estranho; dir-se-ia escutar qualquer coisa.

E Cristina sentiu segunda vez, muito nitidamente, no fundo das suas entranhas, como que um peixe a bater-lhe com a cauda. Pareceu-lhe, invadida pela vertigem, que toda a terra girava em seu redor.

— Que é que tens? — insistiu Erlend.

Quanto esperara naquele momento! Como ousaria confessar a sua angústia? Não podia falar disso depois desse dia de discórdia.

Foi ele quem perguntou, docemente, e agarrando-a pelos ombros:

— Foi a criança que se mexeu dentro de ti?

Então toda a cólera que havia nela se dissipou; procurando um refúgio junto do pai do seu filho, apoiou a cabeça no peito de Erlend.

Momentos mais tarde retrocederam para o local onde estavam amarrados os cavalos. O dia findava. Atrás deles, no poente, o Sol descia entre os cimos dos choupos, vermelho e débil na neblina glacial.

Erlend verificou cuidadosamente as fivelas e as correias da sela antes de ajudar a mulher a montar. Em seguida, foi desprender o seu cavalo. Procurou no cinto as luvas que ali metera, mas só encontrou uma. Com o olhar, buscou a outra na ladeira.

Cristina não pôde deixar de rir.

— Não te incomodes a procurar a luva; aqui a tens, Erlend.

— Devias ter-me prevenido se a viste cair... A não ser que estivesses de tal forma irritada comigo...

Eram as luvas que ela cosera e lhe oferecera juntamente com o seu presente de núpcias.

— Caiu-te do cinto quando me bateste — disse Cristina docemente, de olhos baixos.

Erlend permanecia junto do cavalo, com a mão pousada no arção da sela. Mostrava-se tímido e com ar infeliz. Mas, pouco depois, desatou a rir:

— Nunca pensei, Cristina, que fosses assim tão feiticeira quando eu te fazia a corte e pedia humildemente aos meus parentes que intercedessem por mim.

Cristina sorriu também:

— Não, pois terias abandonado o teu projecto, o que te seria mais proveitoso.

Erlend deu alguns passos e descansou a mão no joelho dela.

— Deus me ajude, Cristina, mas tu nunca me pediste que fizesse o que me era mais proveitoso!...

Apoiando-se a Cristina, ergueu o olhar radiante para o

rosto da jovem esposa. Rosada e contente, inclinava ela a cabeça, tentando esconder de Erlend o semblante risonho.

Agarrando no cavalo da companheira pelo freio, deixou o seu vir na retaguarda; conduziu-a dessa maneira até chegar ao sopé da colina. De cada vez que olhavam um para o outro ambos sorriam, mas Cristina voltava a cara.

— Agora — disse ele em tom malicioso quando chegaram à estrada — vamos a galope até Husaby, felizes como dois garotos, Cristina querida.

II

NA noite de Natal, a chuva e o vento foram violentos. Tornava-se imprudente andar de trenó, e Cristina teve de ficar em casa enquanto Erlend e os criados iam à missa do galo que se celebrava na igreja de Birgsi.

De pé, na porta de casa, viu-os ela partir. Os archotes de resina que levavam espalhavam claridades rubras no velho edifício escuro e reflectiam-se nos charcos gelados e escorregadios do pátio. Houve uma rajada de vento que inclinou as chamas para um lado. Cristina conservou-se na porta até deixar de ouvir o tropel dos cavalos no silêncio da noite.

No átrio, ardiam candeias sobre a mesa, iluminando os sobejos da ceia; restos de sopa num prato, um bolo folhado meio consumido e espinhas de peixe misturadas com cerveja derramada. As criadas que haviam ficado em casa estavam a descansar no chão, em cima de palha. Cristina encontrava-se na quinta só com elas e com um velho que se chamava Aan. Este era servo em Husaby desde o tempo do avô de Erlend; morava actualmente numa cabana situada junto do lago, mas gostava de estar na quinta durante o dia, a correr de cá para lá, convencido de que trabalhava muito. Nessa noite, Aan adormecera à mesa; sorrindo do facto, Erlend e Ulf haviam-no transportado para um canto e abafado com uma capa.

Em Joerundgaard, o chão era coberto duma espessa camada de juncos, pois todos os criados se deitavam aí nas noites de festa. Costumavam, antes de irem para a igreja, retirar os sobejos de comida da mesa e punham-na então o

mais bonita possível, com pratos de manteiga e de queijo, rimas de pãezinhos tostados, toucinho lustroso e grandes pedaços de carneiro assado. Havia ali taças de prata e copos de corno cheios de hidromel. E era o próprio pai quem colocava num banco o barril de cerveja.

Cristina voltou a cadeira para o fogão, não tinha coragem de ver aquela mesa tão feia. Uma das criadas ressonava horrivelmente.

Mais uma coisa que ela detestava em Erlend: em casa, comia de forma inconveniente e pouco asseada, vasculhando nos pratos à procura dos melhores bocados, desleixando-se em lavar as mãos antes de ir para a mesa e, além disso, deixava os cães subirem-lhe para os joelhos e abocarem os alimentos enquanto as pessoas estavam a comer. Por isso, não era de admirar que os criados se comportassem mal à mesa. Cristina fora habituada a comer com elegância e devagar. Não está certo que os patrões esperem que os servos acabem de comer, dizia a mãe, e contudo aqueles que trabalham devem ter tempo suficiente para se saciarem.

— *Gunna!* — disse baixinho Cristina, chamando a cadela de pêlo amarelo que se deitara junto da laje da lareira, rodeada pelos cachorrinhos.

Era um animal irascível, e fora por isso que Erlend lhe dera o nome da velha de Raasvold.

— Pobre cadelinha! — murmurou Cristina acariciando *Gunna*, que lhe viera pousar a cabeça nos joelhos.

Tinha o lombo afiado como uma foice e as tetas quase se lhe arrastavam no chão. Os cãezinhos devoravam literalmente a mãe.

Cristina recostou-se na cadeira e pôs-se a contemplar as vigas do tecto negras de fuligem. Sentia-se cansada.

Oh! não, a vida não lhe correra fácil nesses meses que passara em Husaby. Conversara um pouco com Erlend naquele dia em que tinham ido a Medalby. Percebera que ele a julgava zangada por ser o responsável do que lhe acontecera.

— Bem me lembro — dizia ele em voz muito baixa. — Foi num dia da passada Primavera e tínhamos ido à floresta que fica ao norte da igreja. Pediste-me que não me ocupasse mais de ti...

Cristina regozijara-se de o ouvir falar daquela maneira. Admirava-se muitas vezes da quantidade de coisas que Erlend parecia ter esquecido. Ele, porém, acrescentara:

— Todavia não era capaz de imaginar que me tivesses tal rancor e entretanto mostrasses ternura e alegria. Porque tu decerto já conhecias há muito tempo o teu estado. Julgava-te toda claridade e pureza, como o sol que brilha...

— Ah! Erlend — replicou ela tristemente — sabes melhor do que ninguém que segui caminhos errados e fui falsa para aqueles que depositavam a maior confiança em mim...

Erlend compreendeu-a.

— Não sei se te recordas, querido, que, antes de casarmos, te comportaste comigo duma forma que pessoa alguma poderia aprovar. Deus e a Virgem Maria vêem que não te guardei rancor e que não te deixei de amar por isso...

— Era essa a minha opinião — disse ele docemente. — Mas sabes muito bem que me esforcei por reparar o mal que te fiz. Consolava-me com a ideia de que um dia, enfim, te recompensaria por teres sido tão fiel e paciente.

Cristina perguntou-lhe então:

— Ouviste falar do irmão do meu avô e daquela moça, Bengta, que fugiram da Suécia contra a vontade dos pais dela? Deus castigou-os não lhes dando filhos. Nunca receaste, durante estes anos, que fôssemos punidos da mesma maneira? — Tremendo, e com doçura, acrescentou: — Deves calcular, Erlend, que não fiquei muito contente quando dei fé do que me acontecia. Mas pensava... pensava que, se a morte te levasse antes de nos casarmos, mais valia sobreviver-te com um filho teu do que sòzinha. E pensava também que, se eu tivesse de morrer do parto, sempre seria melhor do que tu não possuíres um filho legítimo que pudesse sentar-se no lugar de honra depois de partires deste mundo...

— Acharia que o meu filho fora adquirido excessivamente caro se te devesse custar a vida — retorquiu Erlend com vivacidade. — Não digas semelhantes coisas, Cristina... Não me importo muito com Husaby, sobretudo desde o dia em que compreendi que Orm não a poderá herdar...

— Preferes o filho dela ao meu? — perguntou Cristina.

— O *teu* filho — replicou Erlend, sorrindo de leve —, tudo o que sei dele até agora é que virá ao mundo muito mais cedo do que conviria. Quanto a Orm, conheço-o e estimo-o há doze anos...

Passados momentos, volveu Cristina:

— Tens às vezes saudades dos teus filhos?

— Tenho — respondeu ele. — Antes, ia visitá-los com frequência a Oesterdal, onde estão.

— Podias ir lá durante o Advento — sugeriu Cristina com meiguice.

— Isso não te contraria? — indagou Erlend contentíssimo.

Cristina respondeu que não, que achava até muito razoável. E ele pediu-lhe, nessa ocasião, caso ela se não aborrecesse com o facto, que o deixasse trazer os filhos à quinta pelo Natal.

— Um dia, tens de os ver.

E ela mais uma vez respondeu que achava a ideia razoável.

Durante a ausência de Erlend, Cristina diligenciou preparar tudo para o Natal. Sofria em viver no meio daqueles servos estranhos. Era obrigada a se vestir e a se despir na presença das duas aias que, conforme as instruções de Erlend, dormiam no mesmo quarto que ela ocupava. Cristina, para suportar isso, tinha de se lembrar de que jamais ousaria ficar sòzinha naquela casa enorme onde outra mulher, antes dela, dormira com Erlend.

As criadas da quinta não valiam grande coisa. Os camponeses que zelavam pelas filhas não as mandavam servir para uma herdade cujo dono confiara o governo doméstico a

uma concubina com a qual vivera escandalosamente. As criadas, que não estavam habituadas a obedecer a uma dona de casa, mostravam-se preguiçosas. Mas muitas delas ficaram satisfeitas ao ver Cristina meter tudo na ordem e ajudá-las nas suas ocupações. Tornaram-se conversadoras e alegres quando viram que a ama as escutava e lhes respondia com doçura e bom humor. Além disso, Cristina nunca se exaltava. Não repreendia ninguém, mas, se alguma das servas recalcitrava, fingia acreditar que a rapariga era ignorante e explicava-lhe tranquilamente como desejava que o trabalho fosse executado. Fora assim que Cristina vira o pai agir com os criados novos que resmungavam, e ninguém em Joerundgaard se atrevia a insurgir-se duas vezes contra as ordens de Lourenço.

Assim decorreu o Inverno. Mas, depois, Cristina procurou um meio de se ver livre das mulheres de quem não gostava ou que não conseguira aperfeiçoar.

Havia um trabalho que não ousava fazer à vista daquelas estranhas. De manhã, porém, quando estava sòzinha no quarto, cosia as roupinhas para o filho: cueiros de burel fino, faixas de tecido vermelho e verde, alvas vestimentas baptismais. Enquanto se ocupava do enxoval, o espírito debatia-se-lhe entre a angústia e a confiança que depositava nos santos a quem dirigia as orações. Na realidade a criança vivia e movia-se na mãe de tal forma que ela não descansava nem de dia nem de noite. Cristina, porém, ouvira falar de pequenos que nasciam com uma pele lisa no lugar do rosto, com a cabeça virada para as costas, com os dedos onde deviam existir os calcanhares. E recordava-se de Svein que tinha metade da cara cor de púrpura por causa de a mãe haver presenciado um incêndio.

Então arremessava a costura, ia prostrar-se defronte da imagem de Nossa Senhora e recitava sete ave-marias. Frei Edvin dissera-lhe que a Mãe de Deus sentia sempre viva alegria de cada vez que ouvia a saudação angélica, nem que fosse da boca do maior pecador. E eram as palavras *Dominus*

tecum que regozijavam mais o coração de Maria; por essa razão Cristina devia pronunciá-las três vezes.

A oração reconfortava-a uns momentos. Cristina conhecia muita gente, homens e mulheres, que nunca haviam honrado a Deus nem observado os mandamentos... e contudo não tiveram filhos disformes. Na sua misericórdia Deus não fazia recair sobre os inocentes os pecados dos pais; mas, por vezes, devia significar aos homens que não podia tolerar indefinidamente a perversidade deles. Por que razão o Senhor escolheria justamente o filho dela para exercer a Sua justiça?

E Cristina invocava, no seu coração, Santo Olavo. Haviam-lhe narrado tanta coisa a respeito desse santo que lhe parecia havê-lo conhecido e encontrado quando ele ainda vivia neste mundo. Era baixo, corpulento, mas desempenado e belo, com coroa de ouro, auréola em volta dos cabelos louros e anelados, e barba ruiva frisada a circundar o rosto tisnado e resoluto. Os seus olhos profundos e ardentes penetravam no coração de todos os homens; quem houvesse praticado o mal não lhe podia sustentar o olhar. Cristina também não podia; perante ele baixava as pálpebras, mas não sentia medo. Era como lhe acontecia em pequena, quando cometia algum delito e tinha de desviar a vista do olhar do pai. Santo Olavo fitava-a severo mas não com dureza; não prometera ela emendar-se? Cristina desejava tanto ir a Nidaros e ajoelhar no santuário! Erlend prometera-lhe, quando tinham vindo para Husaby, que haviam de lá ir daí a pouco tempo. A viagem, contudo, fora diferida. E Cristina percebeu agora que ele não queria fazer essa romagem com a mulher; sentia vergonha e temia as más-línguas.

Certa noite em que ela estava à mesa com os criados, declarou uma das moças que ajudava nos serviços domésticos:

—Eu acho, senhora, que seria melhor começar a fazer cueiros e roupinhas de criança antes de principiar esse trabalho de que falais...

Cristina fingiu não tê-la ouvido e continuou a dar as suas ordens acerca das tapeçarias. A rapariga insistiu:

— Talvez houvésseis trazido da vossa casa roupas de nenê?

Cristina esboçou um sorriso e voltou-se outra vez para as outras. Quando, passados uns instantes, lançou um olhar furtivo à moça, tinha esta o rosto escarlate e fitava angustiosamente a ama. Cristina tornou a sorrir e pôs-se a conversar com Ulf; então a rapariga desatou a chorar. Cristina continuava sorrindo e a outra a chorar cada vez mais.

— Basta, Frida — disse por fim Cristina em tom calmo. — Entraste aqui como criada; não te portes como uma garota...

A rapariga suspirou; não tivera intenção de ser impertinente e a senhora não devia estar zangada.

— Não — volveu Cristina sempre sorridente. — Come e não chores mais. Nós também não possuímos mais razão do que aquela que Deus nos concede.

Frida levantou-se bruscamente e saiu a soluçar.

Em seguida, quando Ulf Haldorsoen falava a Cristina dos trabalhos do dia seguinte, disse com ar jovial:

— Erlend devia ter casado contigo há dez anos. Os seus negócios estariam hoje em muito melhores condições, de todos os pontos de vista.

— Achas? — retorquiu Cristina com o mesmo sorriso. — Nessa altura, contava eu nove anos. Julgas que seria vantajoso para Erlend esperar tanto tempo por uma noiva criança?

Ulf riu-se e foi-se embora.

Mas, durante a noite, Cristina chorou de mágoa e de humilhação.

Uma semana antes do Natal, Erlend chegou com o filho. Cristina impressionou-se quando o marido lhe apresentou o pequeno Orm e pediu a este que saudasse a madrasta.

Era uma linda criança. Cristina imaginava assim o filho que trazia em si. Às vezes, quando ousava estar alegre e convencer-se de que ele nasceria são, bem constituído e se desenvolveria com felicidade no regaço da mãe, era assim que o evocava, parecido com o pai.

Orm, embora fosse um tanto franzino e pequeno para a idade, tinha figura bem proporcionada, cara bonita emoldurada por cabelos castanhos, grandes olhos azuis e boca vermelha e delicada. Cumprimentou cortêsmente a madrasta, mas a sua fisionomia ficou com ar duro e frio. Cristina pouco falou com ele. Sentia-lhe, porém, o olhar fito em si por toda a parte aonde ia, e tinha a impressão de que o seu andar ainda se tornava mais pesado quando o pequeno a seguia com os olhos.

Notou que Erlend não conversava muito com o filho, mas percebeu que era Orm quem se afastava. Declarou ao marido que achava o pequeno bonito e inteligente. Quanto à filha, Erlend não a trouxera. Dizia ele que Margret era ainda muito novinha para fazer uma viagem assim comprida no Inverno. «É ainda mais bonita do que o irmão», respondeu Erlend com orgulho quando Cristina o interrogou acerca da pequenita. «E muito mais esperta; só com a ponta do dedinho faz tudo o que quer dos pais adoptivos. Tem cabelos louros encaracolados e olhos castanhos.»

«Decerto parece-se com a mãe», pensou Cristina.

Não podia deixar de ser ciumenta. Erlend gostava da filha como o pai gostara dela? Mostrava, ao falar de Margret, tanta ternura e entusiasmo no olhar!

Cristina levantou-se e foi até à porta. O céu estava tão escuro e chuvoso que não se via lua nem estrelas. Todavia, ela pensou que devia ser perto da meia-noite. Foi buscar uma lanterna à antecâmara e acendeu-a. Depois lançou uma capa sobre os ombros e saiu debaixo de chuva.

— Em nome de Jesus! — murmurou, benzendo-se três vezes e caminhando na escuridão.

Na extremidade do pátio encontrava-se a casa do padre. Actualmente estava vazia. Desde que a Erlend havia sido retirada a excomunhão, não existia capelão em Husaby; de tempos a tempos vinha um dos vigários de Orkedal celebrar ali missa, mas o novo padre adjunto à capela encontrava-se

no estrangeiro com Gunnulf; eram amigos de escola. Esperavam o seu regresso no Verão passado; agora Erlend pensava que eles só voltariam à terra depois da Primavera. Gunnulf estivera doente do peito quando mocinho, e temia viajar no Inverno.

Cristina abriu o ferrolho da porta, entrou na casa deserta e fria e aí encontrou a chave da capela. Deteve-se um momento. Estava um tempo glacial, com vento, chuva e completa escuridão. Era uma afoiteza vir para a rua em plena noite, sobretudo na noite de Natal, em que todos os demónios andam à solta. Ela, contudo, não podia renunciar, tinha de ir à capela.

— Irei, em nome de Deus Todo-Poderoso — murmurou no meio da tempestade.

Iluminando o caminho com a lanterna, evitava as finas camadas de gelo, pousando os pés sobre as pedras e nas ervas enredadas. Nas trevas o trajecto pareceu-lhe comprido. Mas acabou por chegar ao limiar da capela.

Lá dentro o frio era ainda mais penetrante do que na rua, debaixo de chuva. Cristina avançou para o coro e ajoelhou defronte do crucifixo que entrevia na penumbra.

Depois de recitar as suas orações ergueu-se e deteve-se um instante. Pareceu-lhe ouvir qualquer coisa. Mas nada aconteceu. Sentia frio e medo na capela escura e deserta.

Subiu até ao altar e incidiu a luz nos quadros velhos e severos e na pedra sem toalha, nem livros, nem vasos; sabia que tudo isso estava fechado à chave num cofre.

Havia um banco encostado à parede da nave. Cristina foi sentar-se aí; colocou a lanterna no chão. A capa que trazia estava húmida e ela, toda molhada, tinha os pés gelados. Experimentou dobrar a perna e metê-la debaixo de si, mas nada conseguiu senão ficar muito mal sentada. Então envolveu-se na capa e esforçou-se por concentrar os pensamentos: era mais uma vez a hora santa da meia-noite em que Jesus veio ao mundo em Belém, nascido da Virgem Maria.

Verbum caro factum est et habitavit in nobis.

Recordava-se da voz grave e pura de Sira Erik. E do velho Audum que nunca passara de diácono. E da igreja da sua aldeia, onde ela assistira à missa do galo, ao lado da mãe. Todos os anos ali comparecia. Tentava lembrar-se doutras palavras do texto sagrado, mas só lhe vinha à ideia a igreja e todas as caras conhecidas. Em cima, na galeria superior da nave reservada aos homens, o pai conservava-se de pé, com o olhar fixo na luz deslumbrante do coro.

Quem havia de dizer que aquela igreja já não existia! Ardera completamente. Ao lembrar-se disso, Cristina debulhou-se em lágrimas. E ali estava sòzinha ao escuro numa noite em que todos os cristãos se reúnem alegres e satisfeitos na casa de Deus. Mas não era justo que ela fosse excluída da festa que celebra a vinda ao mundo do filho de Deus nascido duma virgem sem mácula?

Os pais certamente tinham ido nesse Natal a Sundbu. Ela sabia que não havia missa da meia-noite na capela, mas todos os moradores de Sundbu iam a cavalo até à igreja paroquial de Ladalm, para ouvirem o ofício divino.

Tão longe quanto a sua memória alcançava, sempre assistira à missa do galo. Devia ser muito pequenina na primeira vez que os pais a tinham levado, pois recordava-se de que a haviam embrulhado num saco forrado de peles, e que o pai a transportara ao colo. A noite estava terrivelmente fria, e eles cavalgavam através da floresta. Os archotes de resina espalhavam clarões nos pinheiros carregados de neve. A luz ruborizava a cara do pai e a geada fazia parecer branco como cal o rebordo e pele do capuz. De vez em quando o pai inclinava-se e mordiscava-lhe a ponta do nariz, perguntava-lhe se o sentia, e então gritava, rindo, à mãe, que Cristina ainda não tinha o nariz gelado. Tudo isso se passara sem dúvida na época em que eles residiam em Skog — ela poderia ter nessa altura uns três anos. Os pais eram novos. Cristina lembrava-se da voz da mãe naquela noite, voz forte, alegre, cheia de riso quando chamava o pai

e lhe perguntava como ia a filha. Sim, a mãe possuíra uma voz fresca e juvenil...

«Belém significa casa do pão. Porque lá é que foi dado aos homens o pão que os alimentou para ganhar a vida eterna...»

Foi na missa do dia que Sira Erik subiu ao púlpito e interpretou o evangelho no dialecto da terra.

No intervalo das missas sentava-se o público no átrio das confrarias, ao norte da igreja. Levavam bebidas para ali e passavam-nas de redor. Os homens saíam a fim de irem às estrebarias ver os cavalos. Nas noites estivais o povo ficava no adro e a gente moça dançava.

«E a bem-aventurada Virgem Maria envolveu o seu divino Filho numa faixa e colocou-o na manjedoura entre o boi e o jumento...»

Cristina aplicou as mãos de encontro aos flancos: «Filhinho, meu querido! Que Deus tenha piedade de nós pela graça de Sua Santa Mãe! Virgem Maria, clara estrela dos mares, aurora da vida eterna, tu que concebeste o Sol do Universo, vem-nos em auxílio! Filhinho meu, que tens tu esta noite para te agitares assim? Sentes aí, nas minhas entranhas, o frio horrível que me penetra?»

No Natal do ano anterior, no dia da Degolação dos Inocentes, Sira Erik lera a passagem relativa às crianças que os cruéis guerreiros decapitaram nos braços das mães. Mas Deus elegera esses pequeninos para entrarem no paraíso antes de todos os outros mártires, o que significa que o reino dos céus pertence aos que forem semelhantes a crianças. Ele chamara um rapazito e pusera-o a seu lado. Se não vos fizerdes como meninos, meus irmãos, não entrareis no reino dos céus. Mas que isto sirva de consolação a qualquer pessoa, homem ou mulher, que lamente a morte dum filhinho. Cristina vira então cruzarem-se os olhares do pai e da mãe através da igreja, e desviara a vista porque compreendera que isso lhe não dizia respeito.

Fora no ano anterior. No primeiro Natal depois da morte

de Ulvhild. «Ah!... Mas não o meu filho! Jesus, Maria! Concedei a vida ao meu menino!...»

No ano precedente o pai não quisera entrar na corrida de cavalos de Santo Estêvão, mas os homens tinham-lhe pedido tanto que ele acabara por aceder. O percurso ia do lado da igreja até à confluência dos rios em Loptsgaard; lá, encontrara os escudeiros de Ottadal. E ela evocava o pai a passar a galope no seu garanhão fulvo; erguido nos estribos, inclinava-se para a frente a incitar o cavalo, enquanto os outros o seguiam com um martelar de cascos.

Regressara cedo a casa e não bebera nada, quando, de ordinário, naquele dia, os homens recolhiam tarde e se embriagavam. De facto, tinham de entrar em todas as quintas e de beber em honra de Cristo e de Santo Estêvão que fora o primeiro a ver a estrela do Oriente, quando levava os poldros do rei Herodes a beber no rio Jordão. Chegavam a dar cerveja nesse dia aos cavalos para os tornar fogosos. Pelo Santo Estêvão os camponeses entretinham-se com os seus cavalos e falavam deles constantemente.

Cristina recordava-se dum Natal em que Joerundgaard havia sido o ponto de reunião. O pai prometera a um padre, que estava entre os convidados, oferecer-lhe um garanhão baio, filho de *Guldsvein*, se conseguisse apanhá-lo e saltar-lhe para cima enquanto o cavalo corria desselado em redor do pátio.

Fora há muitos anos, antes da desgraça que acontecera a Ulvhild. A mãe, de pé, em frente da porta da casa, tinha a pequena ao colo, e Cristina agarrava-se-lhe ao vestido, um tanto assustada.

O padre corria atrás do cavalo, segurava-se à arreata, dava tais pulos que a ampla sotaina se lhe enrolava nas pernas; depois largava o fogoso animal, que se empinava.

— Oh! lá! Oh! lá! gritava ele, saltando como um cabrito.

O pai de Cristina e um velho camponês abraçavam-se, com a cara desfigurada pelo riso e pela bebida.

O padre vencera a resistência de *Rauden* e Lourenço oferecera-o graciosamente, pois Cristina lembrava-se de que

ele o montava quando partira de Joerundgaard. Dissipara-se a embriaguez de todos. Lourenço aguentava respeitosamente nos estribos para ajudar o padre a montar, e este abençoou-os com três dedos, à despedida. Era, com certeza, um sacerdote importante...

Na sua casa, divertiam-se bastante no Natal. Havia também o jogo dos bodes. O pai instalava a filha sobre os ombros: tinha o gibão coberto de geada e os cabelos molhados. Para refrescar os cérebros esquentados os homens atiravam uns aos outros a água gelada da fonte. Riam quando as mulheres se zangavam. Lourenço pegara nas mãozinhas frias de Cristina e encostara-as à testa ainda vermelha e ardente. Isso passava-se no pátio, ao lusco-fusco; o crescente fino e pálido da Lua elevava-se por cima das montanhas no céu esverdinhado. Quando Lourenço entrara na sala com a filha escarranchada nos ombros, batera ela tão rudemente com a cabeça na viga da porta que lhe ficara um galo enorme na testa. Depois, à mesa, sentara-a nos joelhos. Apoiara-lhe a lâmina da faca sobre o inchaço, dera-lhe a comer as melhores iguarias e fizera-a beber hidromel pela taça dele. E então ela deixara de ter medo dos bodes de Natal que enchiam a sala de barulho.

— Oh! pai! Oh! pai!... Querido pai!...

Agitada por convulsivos soluços, Cristina tapou o rosto com as mãos. Era preciso que o pai soubesse como ela passara essa noite de Natal!

Ao regresso, quando atravessava o pátio, viu faíscas voltearem por cima da cobertura do forno. As criadas preparavam a refeição para os que tinham ido à igreja.

Estava escuro no átrio. Na mesa, as candeias haviam-se consumido e o lume da lareira extinguira-se quase. Cristina pôs-lhe lenha e soprou as brasas. Viu então Orm sentado na cadeira dela. Ergueu-se logo que a madrasta olhou para ele.

— Querido — perguntou-lhe Cristina —, pois não foste à missa com teu pai e com os outros?

Orm engoliu uma ou duas vezes a saliva:

— O pai decerto esqueceu-se de me acordar. Mandou-me descansar um bocadinho em cima da cama; disse-me que me acordava...

— Que pena, Orm!

O pequeno não replicou. Pouco depois, disse:

— Julguei que tinhas ido com eles... Quando acordei vi-me sòzinho no átrio...

— Fui à capela num instante — retorquiu Cristina.

— Então tiveste coragem de andar na rua na noite de Natal? — perguntou ele. — Não sabes que a caça infernal do Ases podia passar e levar-te?

— Não são só os demónios que andam à solta esta noite. Na noite de Natal, vagueiam todos os espíritos... Conheci um frade, que já morreu e que está no céu, creio eu, pois era todo bondade. Ele contou-me... Já ouviste alguma vez dizer que os animais falam na noite de Natal? Naquele tempo eles sabiam latim. Então o galo cantava: *Christus natus est!* Eu é que não me lembro de tudo. Os outros perguntavam então onde acontecera isso e a cabra balia: *Bethlem, Bethlem,* e o cordeiro dizia: *Eamus, eamus...*

Orm teve um sorriso irónico:

— Pensas que sou uma criança para me consolares com essas palavras? Podias também pegar-me ao colo e dar-me de mamar...

— Se disse isso foi sobretudo para me consolar a mim própria, Orm — retorquiu Cristina em tom calmo. — Eu também teria ido de boa vontade à missa...

Cristina já não podia ver mais tempo aquela mesa suja. Deitou todos os sobejos de comida na selha que pôs no chão em frente da cadela. Depois, pegou num pano e limpou o tampo da mesa.

— Se quisesses acompanhar-me ao celeiro, Orm, traríamos pão e carne salgada e púnhamos a mesa para o festim.

— Porque não mandas as criadas fazer isso? — replicou o pequeno.

— Em casa de meus pais aprendi que, no Natal, se não

deve pedir nada a ninguém, mas cada qual tem de se esforçar a fazer o que puder; o mais feliz é aquele que serve melhor os outros durante estes dias santificados.

— Mas tu pediste-me que te ajudasse.

— Isso é outra coisa. Ês aqui o filho da casa.

Orm pegou na lanterna, e atravessaram ambos o pátio. Uma vez no celeiro, Cristina encheu dois pratos dos mantimentos preparados para o Natal. Agarrou também num maço de velas compridas. Enquanto estavam assim ocupados, disse o pequeno:

— Deve ser um costume do campo, esse que contavas há pouco. Porque eu ouvi dizer que Lourenço Bjoergulfsoen não passava dum campónio vestido de burel.

— Quem foi que disse isso? — perguntou Cristina.

— A mamã. Ouvi-a dizer imensas vezes ao papá, quando morávamos aqui, em Husaby, que nem sequer um grosseiro camponês lhe queria dar a filha em casamento.

— A vida era encantadora em Husaby nessa época — retorquiu Cristina secamente.

O pequeno não respondeu. Os lábios tremeram-lhe ao de leve.

Cristina e Orm levaram para o átrio as escudelas cheias, e ela pôs a mesa. Teve, porém, de voltar ao celeiro a fim de ir buscar mais mantimentos.

Orm pegou na tigela e disse um tanto confuso:

— Vou eu em teu lugar; está tão escorregadio o pátio!

Ficou Cristina na porta à espera que Orm voltasse.

Depois sentaram-se junto do lume, ela numa cadeira de braços, e o garoto num banquinho de três pés. Ao fim duns momentos, Orm Erlendsoen disse docemente:

— Conta-me mais qualquer coisa, enquanto estamos aqui sentados.

— Contar? — perguntou Cristina no mesmo tom.

— Sim... uma história ou qualquer coisa nesse género... Uma história apropriada à noite do Natal — respondeu o rapazinho, embaraçado.

Cristina reclinou-se, com as mãos esguias pousadas na cabeça dos animais esculpidos nos braços da cadeira.

— O frade de que te falei esteve também na Inglaterra. E dizia que há lá um sitio onde abundam sebes de espinheiros que se cobrem de alvas flores na noite de Natal. José de Arimateia desembarcou nesse mesmo local quando fugia dos pagãos; meteu o seu cajado na terra e este deitou raiz e floresceu. José de Arimateia foi o primeiro que trouxe os bretões à fé cristã. Esse sítio chama-se Glastonborg, recordo-me bem. Frei Edvin viu mesmo as tais sebes floridas. É lá, em Glastonborg, que está enterrado com a sua rainha o rei Artur, de quem provàvelmente ouviste falar e que é um dos sete mais gloriosos heróis da cristandade... Diz-se, na Inglaterra, que a cruz de Cristo foi talhada de madeira de amieiro. Mas em minha casa, durante as festas do Natal, queimávamos lenha de freixo, pois foi com madeira de freixo que São José acendeu o lume para aquecer a Virgem Maria e o Divino Menino que acabara de nascer. Meu pai soube disso por Frei Edvin.

— Aqui não há muitos freixos, no Nordenfjeld — disse o pequeno. — Antigamente, como sabes, serviam-se dessas árvores para fazerem o cabo das lanças. Creio que o único freixo que existe em Husaby é aquele que está a leste do muro da quinta, e esse o pai não pode deitar abaixo porque lá no fundo mora o génio bom do campo... Mas bem sabes, Cristina, que possuem a Santa Cruz em Roma; podiam verificar se era realmente feita de amieiro...

— Sim — confirmou Cristina. — Não sei se é verdade, mas diz-se que a cruz foi feita dum rebento da árvore da vida que Seth teve a permissão de ir buscar ao Paraíso e de trazer a Adão antes de morrer...

— Já ouvi dizer isso. Mas conta-me outra vez...

Momentos mais tarde, disse Cristina ao rapazinho:

— Agora, meu filho, devias deitar-te um bocadinho e dormir. Não é tão cedo que voltam da igreja.

Orm pôs-se de pé.

— Ainda não festejámos o nosso parentesco, Cristina Lavransdatter.

Foi buscar uma taça, e, depois de beber à saúde da madrasta, entregou-lha.

Cristina teve a impressão de que lhe corria água gelada pelas costas. Lembrou-se da ocasião em que a mãe de Orm quisera beber com ela. E, nas suas entranhas, o filho remexia-se com violência. «Que se passa nesta noite?» pensava ela. Dir-se-ia que o filho, mesmo antes de nascer, se ressentia das sensações da mãe, tinha frio como ela, se torcia de angústia quando Cristina tremia de medo. «Não devo ser cobarde», pensou. Pegou na taça e bebeu à saúde do enteado.

Quando devolveu a tigela a Orm, acariciou-lhe com meiguice os caracóis negros. «Não, não serei para ti uma madrasta cruel», pensava ela. «A ti, que és um tão lindo filho de Erlend...»

Estava a dormir na cadeira quando Erlend entrou e atirou para cima da mesa as luvas cheias de geada.

— Já chegastes? — exclamou Cristina surpreendida. — Julgava que ieis assistir à missa do dia...

— Oh! Duas missas santificam-me durante muito tempo — replicou Erlend.

A mulher tirou-lhe a capa coberta de gelo.

— O tempo está a clarear e cada vez cai mais geada... Cristina.

— Foi pena teres-te esquecido de acordar Orm.

— Ele ficou aborrecido com isso? — perguntou o marido. — Não me esqueci — ajuntou em voz baixa —, mas o pequeno estava a dormir tão sossegado! Deves calcular quanto me olharam na igreja, admirados de me verem sem ti. E eu não quis apresentar-me lá, ainda por cima com o garoto a meu lado...

Cristina ficou calada. Mas aquilo incomodava-a. Parecia-lhe que Erlend não procedera bem.

III

NAQUELE Natal pouca gente veio a Husaby. Erlend não quis ir a nenhum dos lugares para onde fora convidado, mas andava cá e lá na quinta, de mau humor.

Na realidade estava mais aborrecido do que a mulher julgava por aquela infeliz circunstância. Proclamara aos quatro ventos os méritos da noiva desde o dia que obtivera a mão de Cristina. Por nada deste mundo queria deixar supor que a considerava, a ela e à família, de condição inferior à sua. Não, todos deviam saber que ele se sentia honrado e reabilitado pelo facto de Lourenço Bjoergulfsoen lhe haver concedido a filha. Os outros diriam decerto agora que ele ligara tanta importância à noiva como a uma camponesa, visto que ousara fazer ao pai a injúria de se deitar com a filha antes de a ter por esposa. Durante as bodas, Erlend insistira vivamente junto dos sogros para que eles viessem no Verão a Husaby ver em que condições ele vivia. Gostaria de lhes mostrar que a filha não levava ali uma existência de penúria; teria, ao mesmo tempo, grande prazer em passear pelos arredores na companhia daqueles sogros de boa presença; compreendia que Lourenço e Rangnfrid eram pessoas que se tornavam notadas entre todos, em qualquer lugar que estivessem. E, desde o dia em que assistira ao incêndio da igreja de Joerundgaard, tinha o sentimento de que Lourenço, apesar de tudo, não estava mal disposto a seu respeito. Agora não era plausível que um novo encontro entre Erlend e os sogros pudesse ser agradável para qualquer das partes.

Cristina indignava-se que Erlend manifestasse com fre-

quência o seu mau humor a Orm. Este, que não convivia com nenhuma criança da sua idade, era muitas vezes impertinente, insuportável, e cometia de quando em quando a sua tolice. Certo dia pegara sem autorização na balestra francesa do pai e qualquer coisa se desarranjara no mecanismo. Erlend irritou-se fortemente; esbofeteou Orm e jurou que daí em diante o pequeno não tocaria num só arco em Husaby.

— Orm não teve culpa — disse Cristina sem se voltar. (Estava sentada a coser de costas para eles). — A mola já se havia estragado e ele tentou consertá-la. Não farás o disparate de proibir a teu filho que se sirva de uma das numerosas balestras que há cá em casa. Dá-lhe uma daquelas que estão no sótão.

— Oferece-lhe tu mesma um arco, se isso te dá prazer — retorquiu Erlend, agastado.

— De boa vontade — respondeu Cristina no mesmo tom. — Falarei disso a Ulf na primeira vez que ele for à cidade.

— Pois bem, Orm, aproxima-te e agradece à tua amável madrasta — exclamou Erlend com voz irónica.

Orm obedeceu. E, depois disso, retirou-se o mais depressa que pôde. Passados alguns instantes, disse Erlend:

— Foi principalmente para me irritar que fizeste isso, Cristina.

— Sim, sei que sou um duende travesso, uma feiticeira. Já mo havias dito.

— Recordas-te também, querida, que, então, eu não falava a sério? — preguntou Erlend com melancolia.

Cristina ficou calada, sem levantar os olhos da costura. Erlend saiu e ela desatou a chorar. Estimava Orm e achava que Erlend era muitas vezes injusto para com o filho. Mas, por outro lado, o humor taciturno e os ares rabugentos do marido atormentavam-na tanto, agora, que ela chorou quase toda a noite. No dia seguinte teve enxaqueca. As mãos haviam-lhe emagrecido; tinha de pôr os anéis de prata que usava em criança para que o anel dos esponsais e a aliança não escorregassem dos dedos durante o sono.

Na tarde do domingo anterior à Quaresma chegaram inesperadamente a Husaby o cavaleiro Baard Petersoen e a filha, a viúva, e Munan Baardsoen com a mulher. Erlend e Cristina foram ao pátio desejar-lhes as boas-vindas.

Logo que Munan olhou para Cristina, deu a Erlend uma forte palmada nos ombros.

— Vejo, primo, que te soubeste arranjar tão bem com tua mulher que ela se acha lindamente na tua quinta. Já não estás magra e com tão mau parecer como no dia do teu casamento, Cristina, e tens muito melhor cor — disse ele sorrindo, pois Cristina tornara-se vermelha como a baga duma roseira brava.

Erlend não respondeu. Baard mostrava um ar sombrio. Quanto às duas mulheres, pareciam nada ver nem ouvir. Cumprimentaram os donos da casa silenciosas e corteses.

Cristina mandou vir cerveja e hidromel para a sala enquanto esperavam a refeição. Munan Baardsoen palestrava sem cessar. Trazia a Erlend uma carta da duquesa, que perguntava que fim tinham levado Erlend e a esposa. A rapariga com que casara era de facto aquela que quisera levar para a Suécia?... Tornava-se difícil como tudo viajar em pleno Inverno; tinham de andar pelos vales e depois seguir de barco até Nidaros. Ele, porém, viajava ao serviço do rei, de forma que de nada lhe servia resmungar. De passagem, visitara a mãe em Haugen e ela mandava-lhe cumprimentos.

— Fostes a Joerundgaard? — perguntou docemente Cristina.

Não, porque soubera que haviam ido a um funeral, a Blakarsarv. Era uma história horrível. Tora, a prima de Ragnfrid, caíra do balcão do celeiro das provisões e quebrara a espinha dorsal. O marido empurrara-a sem querer... Era um desses velhos celeiros rodeados duma galeria improvisada; apenas umas tábuas colocadas nas extremidades de troncos de árvores, no segundo andar. Tiveram de amarrar Rolf e de vigiá-lo noite e dia, porque ele se queria matar depois daquela desgraça.

Todos ficaram silenciosos, trémulos. Cristina pouco conhecia esses seus parentes, mas eles tinham assistido ao seu casamento. Sentiu-se de repente fraquejar e a vista turvou-se-lhe. Munan, que estava sentado em frente dela, precipitou-se. Debruçado para Cristina e segurando-a pelos ombros, era a imagem personificada da amabilidade. Não seria muito de admirar que Erlend tivesse afeição ao primo.

— Conheci Rolf na minha juventude — continuou ele. — Toda a gente lastimava Tora Guttormsdatter. Constava que o marido era cruel e selvagem. Vê-se bem agora que a estimava. Muitos homens fingem desejar ver-se livres da esposa, mas a maior parte deles sabe que ficar sem a mulher é a pior das perdas...

Baard Petersoen levantou-se bruscamente e dirigiu-se para o banco encostado à parede.

— Maldito tagarela que eu sou — disse em voz baixa Munan. — Nunca serei capaz de refrear a língua!

Cristina não compreendeu o que acontecia. Passara-lhe a vertigem, mas reinava ali um tal mal-estar, tinham todos um ar tão estranho! Ficou contente em ver os criados trazerem a comida.

Munan olhou para a mesa e esfregou as mãos:

— Bem calculei que não perdíamos nada em vir a tua casa antes de entrarmos na Quaresma, Cristina. Como pudeste preparar tão boas coisas em tão pouco tempo! Era capaz de acreditar que minha mãe te ensinou a praticar a magia. Vejo que és hábil em fazer tudo o que pode agradar a um marido.

Foram para a mesa. Para os hóspedes, haviam guarnecido com coxins de veludo o banco interior, de cada lado do lugar de honra. Os criados estavam sentados no banco exterior, Ulf Haldorsoen a meio, justamente em frente do dono da casa.

Cristina conversava em voz baixa e calma com as mulheres e esforçava-se por dissimular o embaraço que sentia. De súbito Munan Baardsoen disse algumas palavras com pretensão a engraçadas, a respeito da timidez de Cristina.

Munan era homem extraordinàriamente corpulento. As orelhas, pequenas e bem feitas, perdiam-se na carne vermelha e gorda do pescoço, e o ventre precedia-o quando ele estava à mesa.

— Há uma pergunta que muitas vezes faço a mim próprio a propósito da ressurreição da carne — disse ele. — Quando chegar esse dia deverei retomar esta gordura toda? Tu, Cristina, dentro de pouco tempo voltarás a ter o teu corpo delgado, eu não. Talvez não acredites, mas quando eu tinha vinte anos era tão esbelto como Erlend é hoje...

— Basta, Munan — disse em voz baixa Erlend. — Estás a fatigar a Cristina...

— Calar-me-ei, visto que assim o queres — replicou Munan. — Parece-me que estás muito orgulhoso agora. Eis-te aí sentado no lugar de honra com a tua mulher legítima ao lado. Já não foi sem tempo... já tinhas idade para isso, meu velho! Sim, senhor, calar-me-ei, visto que mo pedes. Mas nunca ninguém te disse, a ti, se devias falar ou te calares. Outrora, quando te sentavas à minha mesa, demoravas-te lá bastante e conforme te apetecia, e julgo que sempre foste recebido de braços abertos... Mas, de facto, desagrada tanto a Cristina que eu graceje um pouco com ela? Que dizes, minha linda prima? Há anos atrás não eras tão sensível. Conheço Erlend desde pequeno e sempre me interessei por ele. Eras esperto e decidido, Erlend, fosse com a espada na mão, a cavalo ou a bordo dum barco. Mas que Santo Olavo me rache em dois com uma machadada no dia em que eu te vir bem aprumado sobre as tuas compridas pernas a olhar de frente para os olhos dum homem ou duma mulher e a tomar a responsabilidade do mal que terás causado pela tua irreflexão. Não, meu caro, eis-te aí como um pássaro que caiu numa armadilha, à espera que Deus e os teus parentes te ajudem a sair da atrapalhação. És uma mulher tão razoável, Cristina, que me compreendes... quero dizer que bem podes rir agora; durante o Inverno viste certamente bastantes rostos envergonhados, cuidados e inquietações...

O rubor subia à cara de Cristina. As mãos tremiam-lhe e ela não ousava olhar para o lado de Erlend. A indignação fervia nela. Estavam ali aquelas estranhas, e Orm, e os criados! Era essa, pois, a cortesia dos ricos parentes de Erlend!

Então o cavaleiro Baard disse, numa voz tão baixa que só o podiam ouvir os que estavam sentados junto dele:

— Não acho que isso seja assunto para gracejos. Erlend podia casar-se como entendia. Eu defendi-te, Erlend, perante Lourenço Bjoergulfsoen, tornei-me teu fiador.

— Sim, e foi uma grande tolice da tua parte, meu caro Baard — replicou Erlend em voz alta e com vivacidade. — Não posso compreender que pudesses ser tão doido a esse ponto. Pois tu, que me conhecias tão bem...

Munan sentia-se agora à vontade.

— Vou dizer-vos por que razão isso me parece divertido. Lembras-te o que me respondeste, Baard, quando te fui procurar para te dizer que devíamos ajudar Erlend a realizar o seu casamento? Pois bem, vou contar toda essa história; Erlend tem de saber o que pensavas de mim. Dizia eu: aconteceu isto e isto entre eles ambos, e, se Erlend não obtém Cristina, só Deus e a Virgem Maria sabem que loucuras podemos esperar. Perguntaste-me então se o motivo por que eu o queria ver casado com a rapariga era por suspeitar que ela seria estéril, visto que durante tanto tempo o ficara. Mas julgo que vós outros me conheceis; sabeis que sou para os meus parentes fiel... (De comoção, Munan debulhava-se em lágrimas). — Que Deus e todos os santos sejam testemunhas de que nunca te cobicei os bens, primo! Aliás existe Gunnulf entre mim e Husaby. Eu respondi-te, porém, Baard, que ao primeiro filho que Cristina tivesse daria o meu punhal engastado de ouro com a bainha de osso de baleia. Toma! Aqui o tens! — exclamou ele chorando e lançando a magnífica arma a Cristina, por cima da mesa. — Se não for um filho desta vez, sê-lo-á decerto para o próximo ano...

Lágrimas de vergonha e de cólera deslizaram pelas faces

ardentes de Cristina. Fez um esforço para não soluçar. As duas hóspedas comiam muito tranquilamente, como mulheres habituadas a tais explosões. Erlend segredou-lhe que ela devia aceitar o punhal: «Se não, Munan não acaba com isto tão cedo.»

— E, no fim de contas, não escondo que estou satisfeito com esse facto por causa de teu pai — prosseguiu Munan. — Ele verá que foi pronto de mais em responder pelo teu juízo. Aquele orgulho de Lourenço!... Nós não éramos suficientemente bons para ele, e tu eras muito fina e muito pura para que pudesses suportar no teu leito um homem como Erlend. Quem o ouvisse, julgaria que nunca pudeste fazer outra coisa durante a noite senão cantar num coro de freiras... Meu caro Lourenço, disse-lhe eu, a vossa filha é uma linda rapariga fresca e viva, e a noite de Inverno é longa e fria no nosso país...

Cristina tapou a cara com o lenço de seda; soluçava alto e quis levantar-se, mas Erlend obrigou-a a sentar-se outra vez.

— Contém-te — disse ele vivamente. — Não te importes com Munan. Bem vês que está abominàvelmente bêbedo...

Ela sentia que era lastimável não se dominar à vista da Catarina e de Vilborg. Mas não podia deixar de chorar.

Baard Petersoen interveio, furioso, dirigindo-se a Munan:

— Fecha essa boca perversa. Sempre foste toda a vida um indecente, mas mesmo assim podias poupar a uma mulher doente as tuas conversas indecorosas...

— Chamaste-me indecente... Sim, tenho mais bastardos do que tu, isso é verdade. Mas há uma coisa que nunca fiz, nem Erlend tão-pouco: pagar a outro homem para que se diga pai dum filho meu.

— Munan! — gritou Erlend sobressaltado. — Quero ter paz na minha casa!

— Podes ter paz onde quiseres! Chama-se pai aquele que procriou... na vida dos indecentes, como tu dizes! (E Munan deu tal murro na mesa que as taças e os pratos

saltaram). — Os nossos filhos não vão servir para a casa dos primos. Mas está aqui o teu filho na mesma mesa do que tu, sentado no banco dos criados. Isso é que me parece a pior das vergonhas...

Baard levantou-se e arremessou um pichel à cabeça de Munan. Os dois homens atiraram-se um ao outro, de tal maneira que o tampo da mesa oscilou e as iguarias e as tigelas de madeira rolaram sobre os joelhos dos que estavam sentados no banco exterior.

Cristina, muito pálida, permanecia com a boca entreaberta. Olhou num instante para Ulf. Este ria sem disfarce, com ar grosseiro e mau, e empurrava o tampo da mesa de encontro aos dois homens que se batiam.

Erlend saltou para cima da mesa. De joelhos, no meio daquela desordem, segurou em Munan por baixo dos braços e puxou-o para si, tornando-se ele próprio tão rubro como o outro. Munan deu um pontapé com tamanha violência no velho Baard que lhe fez vir o sangue à boca. Erlend então atirou-o, através da mesa, para o soalho. Depois saltou para o chão e deteve-se, soprando como um fole de ferreiro.

Munan pôs-se de pé e precipitou-se para Erlend, que se esquivou ao ataque por duas vezes. Depois Erlend voltou-se contra Munan e manteve-o apertado com os seus braços compridos e fortes. Aquele era ágil como um gato, mas Munan tinha as pernas sólidas; corpulento e pesado, não se deixou subjugar. Rodopiaram em volta da sala enquanto as criadas soltavam gritos; nenhum homem fazia menção de os ir separar.

Então Catarina levantou-se, imponente e gorda. Lentamente, trepou para cima da mesa, tão tranquila como se subisse a escada dum armazém de provisões.

— Basta, acabai com isso! — exclamou ela com voz forte e pastosa. — Larga-o, Erlend! E tu, Munan, andaste muito mal em falar assim a um homem velho, que é teu parente próximo...

Os dois obedeceram. Munan, apaziguado, deixou a mu-

lher limpar com o lenço o sangue que lhe corria pelo nariz. Ela mandou-o deitar-se, e ele seguiu dòcilmente a mulher quando esta o levou para a cama colocada na parede do lado sul. Catarina e um dos escudeiros despiram-no e fizeram-no rolar para dentro do leito, depois do que fecharam a porta.

Erlend voltara para a mesa. Inclinou-se para Baard, que continuava sentado como antes.

— Pai adoptivo! — disse ele com ar infeliz.

Parecia ter esquecido completamente a mulher. Baard estava sentado, meneando a cabeça, e as lágrimas caíam-lhe sobre as faces, uma a uma.

— Ulf não tinha necessidade de vir servir — pronunciou ele no meio de lágrimas e de soluços. — A minha ideia era que ficasse na quinta de Haldor...

— Não é tão boa como isso, a quinta que deste a Haldor; compraste barato um marido para a criada de tua mulher — disse Ulf. — Arroteou o terreno e geriu-o hàbimente; pareceu-me justo que meus irmãos a herdassem do pai. O que é verdade também é que eu não tinha desejos de me instalar como patrão, sobretudo no alto da montanha, fascinado pela quinta de Hestnes. Julgaria ouvir todos os dias as censuras de Paulo e de Vilborg, furiosos por teres dado um presente excessivamente bom ao teu bastardo...

— Ofereci-me para te ajudar, Ulf — volveu Baard a chorar — quando quiseste partir com Erlend. Contei-te toda a história logo que tiveste idade para a compreender. Pedi-te que te dirigisses a teu pai...

— Chamo pai àquele que me protegeu quando eu era pequeno. Esse, é Haldor. Foi bom para mim e para a minha mãe. Ensinou-me a montar a cavalo e a manejar a espada à maneira das clavas de camponeses, como Paulo disse certo dia...

Ulf, pegando na faca que usava, arrojou-a; a arma, com um silvo, foi projectar-se do outro lado da mesa. Ulf ergueu-se, apanhou-a, limpou-a na coxa, e, metendo-a na bainha, voltou-se para Erlend:

— Põe fim a esta refeição e manda os criados para a cama. Não vês que tua mulher não está habituada às nossas reuniões de família?

Depois destas palavras saiu da sala.

Baard seguia-o com os olhos. Tinha um ar lastimoso, velho e quebrado, sumido no meio dos coxins de veludo. Vilborg, a filha, e um dos escudeiros ajudaram-no a erguer-se e levaram-no dali.

Cristina ficou sòzinha à cabeceira da mesa, chorando incessantemente. Quando Erlend se aproximou, ela repeliu-lhe a mão. Cambaleou duas ou três vezes ao atravessar a sala, mas respondeu um *não* muito seco quando o marido lhe perguntou se estava doente.

Detestava aqueles leitos fechados. Em casa dela havia apenas tapeçarias penduradas do lado exterior, e não era tão quente nem tão sufocante. Hoje, parecia pior do que nunca: custava-lhe tanto a respirar! O volume duro que a oprimia mesmo por baixo das ilhargas, julgava ela que seria a cabeça da criança. Afigurava-se-lhe que a cabecinha estava metida entre as raízes do seu coração. Sufocava-a como quando Erlend outrora encostava ao seio da mulher a sua cabeça de cabelos pretos. Agora, esse pensamento nada tinha de agradável.

— Então, nunca mais acabas de chorar? — perguntou Erlend passando um braço em redor dos ombros de Cristina.

Estava absolutamente lúcido. Suportava muito bem a bebida, e, aliás, bebia pouco. Cristina pensava que uma cena daquelas jamais poderia acontecer em casa dela. Nunca ouvira ninguém proferir palavras de inveja ou falar de coisas que mais valia calar. Vira muitas vezes o pai cambalear sob o efeito da embriaguez na sala cheia de convidados ébrios; todavia, observavam as conveniências, e a paz e a cordialidade reinavam até que os convivas caíam dos bancos e adormeciam no meio de alegria e de afabilidade.

— Querida, não tomes o caso tanto a peito — disse Erlend.

— E o senhor Baard! — exclamou Cristina debulhando-se

em lágrimas. — Portar-se daquela forma... ele que falava a meu pai como se fosse um mensageiro de Deus... Sim, foi o que Munan me disse quando dos nossos esponsais...

Erlend respondeu em voz represada:

— Bem sei, Cristina, bem sei que tenho razões para baixar os olhos defronte de teu pai. É homem honrado, mas meu pai adoptivo não é má pessoa. Inga, a mãe de Paulo e de Vilborg, esteve paralítica e doente durante seis anos antes de morrer. Eu ainda não tinha ido a Hestnes, mas ouvi contar: nunca um marido cuidou da mulher doente com mais constância e ternura do que ele. Mas foi nessa época que Ulf veio ao mundo...

— É uma vergonha ainda maior... com a criada da mulher, que estava doente!

— Às vezes tens tais infantilidades que não se pode falar contigo — volveu Erlend desanimado. — Deus me valha! Vais fazer vinte anos na Primavera e já há muito tempo que te considero mulher...

— Pois é, tens o direito de troçar de mim a esse propósito...

Erlend soltou um gemido:

— Sabes muito bem que não era essa a minha ideia. Mas, em Joerundgaard, escutaste Lourenço; leal e viril como é, fala muitas vezes como se fosse um monge e não um homem...

— Já ouviste falar de algum monge que houvesse tido seis filhos? — replicou ela, magoada.

— Consta que Skurda Grim teve sete — disse Erlend desesperado. — O antigo abade de Holm... Não, Cristina, Cristina, não chores dessa maneira. Em nome de Deus! Creio que enlouqueceste!

Munan estava muito meigo no dia seguinte de manhã.

— Nunca pensei que levasses tanto a sério as minhas palavras ontem à mesa, Cristina — disse ele com ar grave e acariciando-lhe a face. — Senão, tomaria mais tento nas conversas que fiz.

Falou a Erlend do aborrecimento que podia causar a Cristina a presença contínua de Orm. O melhor seria afastar

dali o pequeno o mais cedo possível. Munan ofececeu-se para ficar com ele durante algum tempo. A proposta agradou a Erlend e Orm acedeu de boa vontade em partir com Munan. Cristina, porém, não se consolava com essa separação, pois gostava muito do enteado.

De novo passou os serões sòzinha com Erlend, o que não era grande companhia. O marido ficava sentado a distância, junto à lareira, pronunciava umas palavras de tempos a tempos, bebia uma golada de cerveja, brincava com os cães. Depois, estirava-se num banco, e em seguida metia-se na cama. Perguntava duas ou três vezes se ela não se ia deitar, e por fim adormecia.

Cristina, sentada, costurava. Ouvia-se-lhe a respiração curta e pesada. Mas, agora, o termo estava próximo. Já não se recordava o que era possuir um corpo leve e esbelto, já não sabia como se amarravam os sapatos sem dificuldade nem dor.

Quando Erlend dormia, ela deixava correr as lágrimas. Nenhum ruído se ouvia na sala, senão os tições a crepitar na chaminé e os cães a se remexerem. Perguntava às vezes a si própria de que era que ela e Erlend falavam antigamente. É certo que não conversavam muito — tinham mais que fazer nos curtos momentos que ambos roubavam para as suas entrevistas.

Era a estação em que a mãe e as criadas passavam os serões na casa da tecelagem; o pai e os homens instalavam-se também ali com o seu trabalho: consertavam arreios e ferramentas agrícolas, esculpiam pedaços de madeira. A casa ficava cheia de pessoas que conversavam tranquilamente com palavras breves. Quando alguém se ia servir da tigela da cerveja, perguntava sempre — como era costume —, antes de pendurar novamente a colher de pau, se algum dos outros desejava beber.

Qualquer deles contava uma lenda curta sobre os antigos guerreiros que lutavam com os demónios ocultos e com as feiticeiras. Ou então o pai, enquanto ia esculpindo na madeira, narrava aventuras de cavaleiros, histórias que ouvira

no átrio do duque Haakon quando era porta-brandão nos tempos da sua juventude. Que de nomes estranhamente belos! O rei Osantrix, o cavaleiro Titurel, as rainhas Sisibe, Guniver, Gloriana e Isodd. Mas, noutras noites, recitavam baladas e histórias burlescas que faziam os homens quase estoirar de riso, enquanto as mulheres riam à socapa, abanando a cabeça.

Ulvhild e Astrid cantavam. A mãe possuía uma voz admirável, mas era preciso instar muito com ela para se conseguir que cantasse. O pai fazia-se menos rogado, e tocava harpa lindamente...

Depois Ulvhild largava a roca e o fuso e deixava-se cair para trás.

— Estás cansada, Ulvhildinha? — perguntava o pai, sentando-a nos joelhos.

Alguém trazia o triquetraque e o pai e Ulvhild jogavam até à hora de se irem deitar. Cristina lembrava-se dos caracóis louros da irmãzinha a flutuarem sobre as mangas do burel acastanhado do pai, que rodeava com o braço o frágil corpinho, com tanta ternura!

As mãos de Lourenço... Grandes, finas, com um pesado anel de ouro em cada dedo mínimo. Eram os anéis da mãe dele.

O anel de pedra vermelha, sua aliança de casamento, deixaria a Cristina, dissera o pai. Mas o que ele usava na mão direita, com uma pedra metade azul, metade branca, como as suas armas, fora Bjoergulf que mandara fazer para a mulher quando ela estava grávida; só o receberia quando lhe desse um filho. Três noites Cristina Sigurdsdatter usara o anel, depois amarrara-o ao pescoço do filho, e Lourenço dizia que o queria levar consigo para a sepultura.

Que diria o pai ao saber o que acontecera à filha? Comentavam o caso pelas aldeias, e ele devia perceber que em toda a parte onde estivesse, na igreja, na assembleia ou numa reunião, os outros lhe riam nas costas por ele se ter deixado enganar assim. Em Joerundgaard haviam vestido de

noiva, com a coroa de Sundbu sobre os cabelos soltos, uma concubina...

«Declaram por aí que não sei mandar nos meus filhos.» Cristina recordava-se do semblante do pai ao pronunciar aquelas palavras. Deveria apresentar-se grave e severo, mas os seus olhos mostravam-se risonhos. Ela cometera qualquer culpazita; ele falava-lhe sem a interrogar, na presença de estranhos, ou fosse de quem fosse. «Oh! Tu, Cristina, não tens lá muito medo de teu pai!» Depois, punha-se a rir, e ela ria também. «Mas isto não está bem assim, Cristina!» E nem um nem outro sabiam se o que não estava bem era ela não ter justo receio do pai ou este ser incapaz de se conservar sério quando a devia repreender.

Parecia que os terrores insuportáveis de Cristina a respeito do filho se desvaneciam e se distanciavam conforme ela sofria mais, fisicamente. Tentava pensar no futuro: no mês seguinte, já teria o seu menino. Ela, todavia, não se detinha nessa ideia. Só sentia saudades de Joerundgaard.

Certa vez, Erlend perguntou-lhe se queria que mandasse um recado à mãe. Recusou, alegando que Ragnfrid não se atrevia a fazer uma viagem tão comprida no Inverno. Depois, lastimou não haver acedido a isso. Lamentava também ter rejeitado a proposta de Tordis de Laugarbru, que quisera vir com ela para o Norte e ajudá-la nos primeiros tempos em que seria dona de casa. Tordis fora criada de Ragnfrid em Sundbu e acompanhara-a a Skog e ao vale. Lourenço tomara o marido dela como criado principal de Joerundgaard porque Ragnfrid não podia passar sem a sua querida aia. Cristina não quisera trazer nenhum servo da casa.

Agora parecia-lhe horrível não ver nenhum rosto familiar inclinado para ela quando chegasse o momento das maiores dores. Atemorizava-se; pouco ou nada sabia dessa questão de partos. A mãe nunca lhe falara de tal coisa nem queria que estivessem presentes raparigas quando alguma mulher estava a dar à luz um filho: só servia para assustar as moças, dizia ela. Devia ser pavoroso. Cristina lembrava-se

do nascimento de Ulvhild. Mas Ragnfrid declarou que o parto fora penoso pelo facto de ela haver tido a imprudência de rastejar debaixo duma sebe; os outros filhos tinham nascido com muita facilidade. Cristina recordava-se de que, no barco, tivera a imprevidência de passar sob um cordame.

Nem sempre assim sucedia: ouvira a mãe e as outras mulheres conversarem a esse respeito. Na aldeia, Ragnfrid criara a reputação de ser a melhor parteira do sítio, e nunca recusava ir em auxílio fosse duma mendiga ou da amante do homem mais pobre, nem que o tempo estivesse tão mau que tivessem de a acompanhar três criados em patins e levá-la cada um por sua vez às costas. Era, porém, incrível que uma mulher com tanta experiência como a mãe não percebesse, no Verão passado, o estado da filha — lembrou-se Cristina de repente. Mas, nesse caso... nesse caso a mãe viria com certeza, mesmo que lhe não mandassem nenhum recado! Ragnfrid não suportaria que uma estranha assistisse à filha nessa luta... A mãe viria... vinha já a caminho. Oh! Como lhe pediria perdão da ofensa que lhe fizera!... Seria a mãe que lhe assistiria; seria nos joelhos da mãe que descansaria a cabeça depois de dar à luz o filho. «Mãe, vem depressa...» Cristina desatou a soluçar, com a cara escondida nas mãos. «Mãe, mãe, perdoa-me...»

A ideia de que a mãe vinha a caminho de Husaby arraigou-se tão fortemente no espírito de Cristina que ela teve um dia esta convicção: a mãe chega hoje. E, de manhã cedo, pegou na capa e saiu para ir ao seu encontro na estrada que vai do vale Gaul a Skaun. Ninguém reparou que ela saía da quinta.

Erlend mandara vir madeira para restaurar as casas, de forma que o caminho estava bom, mas nem por isso lhe custou menos a andar. Depressa ficou ofegante, com palpitações e pontadas. Depois de andar alguns instantes pareceu-lhe que a pele sensível lhe ia estalar. Tinha de atravessar uma floresta espessa. Sentia certo receio, mas nesse Inverno

não havia vestígios de lobos na região. E Deus protegê-la-ia, a ela que ia ao encontro da mãe para se lhe lançar aos pés e lhe pedir perdão, de sorte que era impossível não continuar.

Chegou a uma lagoa próxima de várias quintarolas. No local em que o caminho se embrenhava sobre o gelo, sentou-se num tronco de árvore. Esperou assim horas e horas, passeando um pouco quando sentia frio. Por fim, teve de voltar para Husaby.

No dia seguinte tornou a fazer o mesmo percurso. Mas, quando atravessava o pátio de uma das herdades próximas do lago, a mulher da casa correu atrás dela.

— Em nome do céu, não faças isso, senhora!

Ao ouvir estas palavras Cristina ficou tão assustada que não deu mais um passo, trémula, fitando a camponesa com olhos esgazeados.

— Atravessar a floresta!... Imagina que os lobos te farejavam! E outras desgraças podiam acontecer-te! Que imprudência!

A camponesa rodeou com o braço a juvenil senhora e susteve-a; examinou-lhe o rosto magro e pálido, com manchas acastanhadas:

— Entra em minha casa e descansa um bocadinho. Depois, qualquer pessoa te acompanhará.

A cabana era pequena e pobre e havia grande desordem no interior e muitas crianças a brincar no chão. A mãe mandou-as para a cozinha, tirou a capa de Cristina e conduziu-a para um banco onde lhe descalçou os sapatos cobertos de neve. Em seguida, envolveu-lhe os pés numa pele.

Embora Cristina lhe pedisse que não se incomodasse, a camponesa serviu-lhe alimentos e cerveja do tonel de Natal. Entretanto, reflectia... Que bela organização havia em Husaby! Ela não passava da mulher dum pobre homem; tivera quem a ajudasse um pouco na quinta, mas, na maior parte das vezes, ninguém os auxiliara; Oeistein, porém, nunca permitira que se afastasse sòzinha para além do

pátio, quando a mulher estava grávida, só ia até ao estábulo; depois de anoitecer, podia estar alguém escondido. Mas a senhora mais rica da paróquia arriscava-se a uma morte horrorosa sem que nenhuma alma de cristão velasse por ela, enquanto os criados de Husaby se entretinham a discutir uns com os outros, sem nada fazerem. Era então verdade o que constava: que Erlend Nikulaussoen estava já farto da mulher!

No entanto a camponesa tagarelava incessantemente e obrigava Cristina a comer e a beber. Esta sentia-se envergonhada mas surgira-lhe um apetite como desde a Primavera não tinha; as iguarias da amável aldeã eram tão saborosas! A outra sorria e comentava que, afinal, às senhoras ricas acontecia o mesmo que às mulheres pobres: em certas ocasiões aborreciam os alimentos da casa, e apreciavam a comida feita pelos outros ainda que fosse mesquinha ou grosseira.

Chamava-se ela Audfinna Audunsdatter e nascera em Updal. Quando notou que isso interessava à hóspeda, pôs-se a falar da família e da paróquia, dando informações pormenorizadas acerca da sua casa, dos pais, da aldeia natal. Audfinna percebia que encantava e seduzia Cristina com as suas descrições e que o coração da senhora se quebrantava de nostalgia. Animada e aturdida pela cerveja forte, Cristina conversou também até rir e chorar ao mesmo tempo. Tudo o que tentara em vão arrancar do peito sufocado de soluços, durante os silenciosos serões de Husaby, desafogava agora, a pouco e pouco, junto da boa camponesa.

Por cima do buraco do fumeiro via-se já tudo escuro; Audfinna queria que Cristina esperasse o regresso de Oeistein ou dos filhos para que a acompanhassem. Cristina calou-se como que invadida pelo torpor, mas sorria com um clarão nos olhos. Nunca se sentira tão bem desde que chegara a Husaby.

Um homem abriu bruscamente a porta e gritou para dentro se haviam visto a senhora de Husaby, e, ao aperce-

bê-la, foi-se embora. Logo depois, o vulto alto de Erlend apareceu no limiar. Largou o machado que trazia e recuou até à parede onde teve de encostar-se, com as mãos atrás das costas. Não podia proferir uma só palavra.

— Assustaste-te por causa de tua mulher? — perguntou Audfinna dirigindo-se a ele.

— É verdade, não tenho vergonha de o confessar. — Passou a mão pelos cabelos. — Nunca homem algum se assustou tanto como eu esta tarde. Logo que soube que ela partira para a floresta...

Audfinna contou como Cristina chegara ali. Erlend agarrou na mão da camponesa:

— Jamais me esquecerei de ti e do teu homem, pelo que fizeste — exclamou ele.

Depois aproximou-se de Cristina, que estava sentada, pôs-se a seu lado e pousou-lhe a mão na nuca. Não lhe disse uma palavra mas ficou assim, de pé, enquanto se demoraram na cabana.

Então entraram os escudeiros de Husaby e os homens das quintas próximas. Como todos pareciam necessitar de conforto, Audfinna ofereceu-lhes cerveja.

Os homens iam em patins através dos campos, mas Erlend dera os seus a um companheiro; caminhou levando Cristina debaixo da capa até ao sopé da encosta. Anoitecera e o céu estava estrelado.

Em certa altura ouviram atrás de si uivos longínquos que se tornavam cada vez mais nítidos. Eram lobos — deviam ser muitos. Erlend deteve-se, estremecendo, largou Cristina, e esta percebeu que ele fazia o sinal da cruz enquanto comprimia o machado com a outra mão.

— Se tu... oh! não...

Puxou-a para si tão rudemente que ela ficou enternecida.

Os homens que iam à frente retrocederam apressados. Puseram os patins aos ombros e fizeram um círculo apertado em volta de Cristina com as suas lanças e machados. Os lobos seguiram-nos durante todo o percurso até Husaby, a tão

pequena distância que de vez em quando os entreviam na obscuridade.

Quando entraram em casa, vários dos homens tinham o rosto pálido de terror.

— Que coisa horrorosa! — disse um deles, que foi logo vomitar na lareira. As criadas, aflitas, levaram a patroa para a cama. Ela não podia comer. Mas, agora que a dolorosa e terrível angústia passara, Cristina sentia-se comovida ao ver que todos se haviam assustado tanto por sua causa.

Quando ficaram sòzinhos no quarto, Erlend sentou-se na borda da cama.

— Porque fizeste isso? — murmurou ele. E, como a mulher não respondesse, ajuntou em voz ainda mais baixa: — É assim tão penoso para ti viveres na minha casa?

Alguns momentos decorreram antes que ela compreendesse o que Erlend queria dizer:

— Jesus! Como podes ter semelhante ideia?

— Lembras-te daquele dia em que estivemos em Medalby e que eu me afastei? Que querias tu significar quando me disseste que eu podia esperar muito tempo antes que te tornasse a ver em Husaby?

— Estava zangada — replicou Cristina.

E então contou a Erlend as ideias que tivera nos dias anteriores. Erlend conservava-se muito calmo enquanto a escutava.

Sempre gostava de saber quando será que te convences de que Husaby é que é a tua casa.

— Oh! Já não falta, certamente, muito mais de uma semana — murmurou Cristina com um sorriso tímido.

Como ele aproximasse a cara, ela lançou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o com violência.

— É a primeira vez que me beijas desde que te bati — disse Erlend em voz baixa. — És rancorosa, minha Cristina.

E ela lembrou-se que, depois daquela noite em que o marido percebera que a mulher estava grávida, não ousara acariciá-lo sem que ele lhe pedisse.

Mas, desse dia em diante, Erlend mostrou-se tão gentil para com Cristina que esta lastimou todos os movimentos de irritação e de cólera que manifestara contra ele.

Passou-se a festa de São Gregório. Cristina persuadira-se de que esse era o prazo final. Mas depois veio o dia de Nossa Senhora das Dores e ela ainda andava de pé.

Erlend teve de ir a Nidaros, à assembleia que se realizava a meio da Quaresma; tencionava regressar na segunda-feira à noite, porém, na quarta de manhã, não voltara ainda a casa. Cristina, sentada na sala, não sabia que fazer; parecia-lhe não ter coragem para começar fosse o que fosse.

A luz do Sol afluia pelo fumeiro dentro. E ela pressentia lá fora o dia maravilhoso. Levantou-se, então, e lançou uma capa sobre os ombros.

Uma das criadas dissera-lhe que, se a gravidez duma mulher se prolongasse demasiadamente, era bom para ela dar ao cavalo que a levara à igreja no dia do casamento uma mão-cheia de aveia no próprio regaço. Cristina deteve-se no patamar; sob o sol deslumbrante, o pátio apresentava-se castanho com um espelho de águas correntes que arrastavam consigo pedaços de gelo luzidio misturados com excremento de cavalo. O céu, forrado de seda azul, resplandecia por cima das velhas casas. Restos de dourados brilhavam nas duas esculturas que ornavam a empena do celeiro do nascente. A água escorria e gotejava dos telhados, o fumo rodopiava ao sabor das baforadas tépidas do vento.

Cristina foi à estrebaria e da arca tirou grão de aveia com que encheu a abada do vestido. O cheiro que flutuava na cavalariça e o ruído dos cavalos a se moverem na penumbra dispuseram-na bem. Mas andavam criados por ali e ela não ousou, na presença deles, executar o seu projecto.

Saiu e deitou a aveia às galinhas que se espojavam no pátio, ao sol. Distraída, olhou para Tore, o moço da estrebaria, que almofaçava e limpava o cavalo cinzento; este perdia grande quantidade de pêlo. Depois, Cristina fechou os olhos

e voltou para o sol o rosto sem viço e pálido pela longa clausura.

Assim permanecia quando entraram no pátio três homens a cavalo. O primeiro era um eclesiástico novo que ela não conhecia. Logo que a viu, saltou da sela e aproximou-se de Cristina com a mão estendida.

— Não previa, senhora, que me farieis a honra de me vir receber à porta da casa — disse ele sorrindo. — Apesar disso, deixai-me agradecer-vos. Sois sem dúvida a minha cunhada Cristina Lavransdatter?

— Nesse caso sois o padre Gunnulf, meu cunhado... — retorquiu ela ruborizada. — Sede bem-vindo a nossa casa!

— Obrigado pelo bom voto! — disse ele. Inclinou-se e beijou a face de Cristina. Esta sabia que era costume no estrangeiro, quando dois parentes se encontravam. — Que felicidade ver a mulher de Erlend!

Ulf Haldorsoen saiu e mandou um moço tratar dos cavalos dos recém-vindos. Gunnulf saudou Ulf em tom cordial.

— Com que então estás aqui, primo?... E eu que esperava encontrar-te casado e estabelecido!

— Não, não me casarei se não tiver que escolher entre a mulher e a forca — replicou Ulf a rir; e o padre riu também. — Prometi a Satanás viver solteiro tão firmemente como tu prometeste a Deus.

— Visto isso, salvar-te-ás por qualquer caminho que enveredes — respondeu Gunnulf sorrindo —, pois cometerás uma boa acção no dia em que quebrares a promessa que fizeste ao demónio. Mas tambem dizem que um homem deve cumprir a sua palavra, nem que tivesse sido dada ao diabo... Erlend não está cá? — preguntou ele admirado, dando a mão a Cristina a fim de entrarem em casa.

Querendo dissimular a sua confusão, Cristina foi para junto das criadas vigiar o arranjo da mesa. Pediu ao erudito irmão de Erlend que se sentasse no lugar de honra, mas, como ela não quisesse ficar a seu lado, veio ele colocar-se no banco onde Cristina estava.

Agora que o via de perto, reparou que Gunnulf possuia a cabeça mais pequena que a de Erlend e era muito mais gordo, mais forte, com ombros largos e direitos, enquanto que Erlend os tinha um pouco descaídos. Gunnulf estava vestido de escuro, como convém a um padre, mas na sotaina, que lhe tombava até aos pés e subia até à gola da camisa de linho, sobressaíam botões esmaltados; do cinto de tecido pendia o seu talher de uso pessoal dentro dum estojo de prata.

Disfarçadamente, observava o padre. Crânio redondo, cara larga, testa curta, maçãs do rosto salientes e queixo bem modelado... Tinha o nariz direito, orelhas finas e bonitas, e o lábio superior, que avançava de maneira bastante pronunciada, escondia a manchazinha vermelha do lábio inferior. Sòmente os cabelos se pareciam com os de Erlend: a espessa cabeleira que rodeava a tonsura era negra como a do irmão. No conjunto, assemelhava-se ao primo Munan Baardsoen. Cristina compreendia agora que Munan podia ter sido belo na sua juventude. Oh! Com a tia Aashild é que ele se parecia! Notou que tinha os mesmos olhos da senhora Aashild, cor de âmbar e brilhantes sob sobrancelhas pretas, finas e direitas.

De começo Cristina sentiu-se tímida em frente daquele cunhado que estudara tantas ciências em Paris e no Ocidente. Mas, a pouco e pouco, se esqueceu do seu constrangimento. Era tão fácil conversar com Gunnulf! Não falava da sua pessoa e, sobretudo, evitava ostentar ciência. Depois de Cristina cair um pouco em si, achou, por tantas coisas que ele lhe contara, que nunca até então suspeitara da extensão do mundo para além da Noruega. Com os olhos erguidos para a cara redonda e viril onde se esboçava um sorriso vivo e fino, ela esquecia-se de si, esquecia tudo o que lhe dizia respeito. Gunnulf cruzara as pernas sob a sotaina e permanecia com as mãos brancas e robustas sobre o tornozelo.

Ao fim da tarde atravessou a sala a fim de perguntar à cunhada se queria jogar ao xadrez; Cristina respondeu que julgava não existir em casa nenhum jogo desses.

— Sério? — retorquiu o padre, espantado. E, voltando-se

para Ulf: — Sabes que fim deu Erlend ao tabuleiro de xadrez de ouro que era da nossa mãe? Com certeza não deu a ninguém os jogos que ela nos deixou!

— Estão lá em cima numa arca, no quarto dos cavaleiros. Ele não queria que fossem parar às mãos daquela... daquela que morava antigamente na quinta — disse Ulf em voz baixa.

— Queres que eu vá buscar a arca, Gunnulf?

— Pois sim; agora isso já não deve contrariar Erlend — respondeu o padre.

Pouco depois voltaram ambos com uma grande arca esculpida. A chave encontrava-se lá, e Gunnulf abriu então a caixa. Por cima havia um *langleik* e outro instrumento de cordas desconhecido para Cristina. Gunnulf disse que era um saltério; dedilhou nas cordas mas o instrumento estava desafinadissimo. Depois surgiram rolos de fitas, novelos de seda, luvas bordadas e três livros com fechos. Por fim Gunnulf encontrou o tabuleiro de xadrez, quadriculado de branco e ouro; as peças, feitas de barba de baleia, eram também brancas e douradas.

Foi então que Cristina compreendeu que nunca vira tais objectos, destinados a distrair as pessoas, desde a sua chegada a Husaby.

Teve de confessar ao cunhado que não sabia jogar nem tocar qualquer instrumento. Os livros, porém, interessavam-na.

— Aprendeste muito nos livros? — perguntou o padre, e ela pôde desta vez responder, com certo orgulho, que aprendera em criança. No convento haviam-na felicitado pela sua habilidade em ler e escrever.

Gunnulf conservava-se de pé junto de Cristina enquanto esta folheava os volumes. Um era um romance de cavalaria sobre Tristão e Iseu, outro tratava da vida de santos — ela abrira a página referente à lenda de São Martinho. O terceiro livro, em latim e particularmente bem impresso, apresentava ao alto letras capitais coloridas.

— Este pertencia ao bispo Nicolau, nosso antepassado — informou Gunnulf.

Cristina leu a meia voz:

Averte faciem tuam a peccatis meis et omnes iniquitates meas dele.

Cor mundum crea in me, Deus, et spiritum rectum innova in visceribus meis.

Ne projicias me a facie tua et Spiritum Sanctum tuum ne auferes a me (1).

— Compreendes? — perguntou Gunnulf.

Cristina fez sinal com a cabeça e disse que compreendia um pouco. Conhecia suficientemente as palavras para ficar impressionada com o facto de depará-las naquele mesmo instante. A fisionomia alterou-se-lhe e as lágrimas quase lhe saltavam dos olhos. Então Gunnulf pegou no *langleik* e disse que ia tentar afiná-lo.

Enquanto assim estavam, ouviram tropel de cavalos no pátio, e logo depois Erlend entrou vivamente na sala, radiante de alegria; soubera que Gunnulf chegara. Os dois irmãos abraçaram-se. Erlend fazia perguntas sem esperar pelas respostas. Gunnulf estivera dois dias em Nidaros; só por acaso é que não se encontraram ali.

— De facto, é espantoso — disse Erlend. — Julgava que todo o clero da Igreja de Cristo fosse ao teu encontro em procissão quando regressasses ao país, em homenagem à tua sabedoria e à erudição extraordinária que deves ter adquirido...

— E como é que podes saber se eles não fizeram isso,

(1) Esconde a tua face dos meus pecados e apaga todas as minhas iniquidades.

Cria em mim um coração puro, ó Deus, e renova em mim um espírito recto.

Não me lances fora da tua presença e não retires de mim o teu Espírito Santo.

(Salmo de David).

és capaz de me dizer? — perguntou o irmão a rir. — Ouvi dizer que não pões os pés na igreja quando vais à cidade.

— Não, meu caro, não me roço pelo Sr. Arcebispo sempre que o posso evitar; queimei lá um dia o pêlo — replicou Erlend com um riso orgulhoso. — Que achas ao teu cunhado, querida?... Vejo que já sois bons amigos, Cristina e tu, Gunnulf... Ela simpatiza pouco com os nossos outros parentes...

No momento de se sentarem para a refeição da noite, Erlend reparou que estava ainda com o seu barrete de pele, e com a capa e a espada à cinta.

Foi a noite mais alegre que Cristina até aí conhecera em Husaby. Erlend forçou o irmão a sentar-se no lugar de honra com Cristina; ele próprio é que cortou a carne para servir ao irmão e lhe deitou cerveja na taça. Na primeira vez que bebeu à saúde de Gunnulf, pôs um joelho em terra e quis beijar-lhe a mão.

— Saúde e felicidade! Temos de aprender, Cristina, a prestar ao Arcebispo as honras que lhe são devidas, pois não há dúvida alguma que um dia vais ter um arcebispado, Gunnulf!

Pela noite adiante os criados retiraram-se, mas Cristina e os dois irmãos ficaram ainda a beber. Erlend sentara-se em cima da mesa com a cara voltada para o irmão.

— Quando nos casámos, a minha ideia era oferecê-la a Cristina — disse ele apontando para a arca da mãe. — Mas eu sou um esquecido, e tu, Gunnulf, lembras-te de tudo; o anel da nossa mãe é que está agora numa linda mão, não é verdade?

Pousou a mão de Cristina sobre o joelho e fez girar o anel dos esponsais.

Gunnulf confirmou com um sinal de cabeça. Depois foi buscar o saltério e pô-lo nos braços de Erlend.

— Canta, Erlend. Cantavas e tocavas tão bem antigamente!

— Isso já foi há muitos anos — respondeu Erlend com ar mais sério, correndo os dedos pelas cordas.

Olavo, rei, filho de Harold, um dia,
Ao cavalgar pela floresta densa,
Encontrou sobre a terra húmida e fria
Uma pegada muito pequenina.

Grande alvoroço produziu aquilo!

E disse então Finn Arnessoen, aos outros
(Ia à frente do grupo numeroso):
Que lindos devem ser pés tão pequenos
Dentro de rubros, rútilos chapins!

Grande alvoroço produziu aquilo!

Erlend sorria enquanto cantava, e Cristina erguia para Gunnulf olhos um tanto receosos. A canção de Santo Olavo e de Alvhild não lhe iria desagradar? Mas o padre sorria, e ela de súbito teve a percepção de que não era da cantiga, mas de Erlend...

— Cristina está dispensada de cantar; não deves fatigar o peito, não é verdade, querida? — disse ele acariciando-lhe as faces. — Mas, tu, podias agora... — acrescentou estendendo o saltério ao irmão.

Pela forma de cantar e de tocar do padre percebia-se que ele fizera bons estudos:

Ia o rei a cavalo até à montanha, ao norte.

Ouviu queixar-se a pomba dolorosamente:
«O açor roubou o meu amor.»

Fez em seguida uma longa caminhada:
O açor bateu as asas no planalto agreste.

Foi até a um jardim
Que estava sempre em flor.

Há no jardim uma sala enorme
Que tem bancos de púrpura forrados.

Lá jaz um cavaleiro cujo sangue escorre:
É o rei leal, o bom rei!

É como uma sombra azul sobre tecido vermelho;
E por cima tem as letras: Corpus domini...

— Onde aprendeste essa canção? — indagou Erlend.

— Assim: em Cantuária, os pequenos cantavam-na em frente da estalagem onde eu estava alojado; apeteceu-me então traduzi-la para a nossa língua. Mas já não dá tão bem — acrescentou, dedilhando nas cordas.

— Eh! Mano... já passa da meia-noite. Cristina tem decerto necessidade de dormir. Sentes-te cansada, querida?

Cristina olhou com ar tímido para os dois homens. Mostrava-se pálida em extremo.

— Não sei... Certamente não me vou deitar na cama que ali está...

— Sentes-te doente? — perguntaram ambos, inclinando-se para ela.

— Não sei — respondeu no mesmo tom. Pousou as mãos atrás, sobre as ancas. — Tenho uma sensação esquisita nos rins...

Erlend lavantou-se num pulo e correu em direcção à porta. Gunnulf seguiu-o.

— Não está certo que não mandassem vir com antecedência as pessoas que a devem ajudar — disse ele. — Isto vem muito mais cedo do que ela esperava?

Erlend tornou-se escarlate:

— Cristina era de opinião de que não precisava doutras mulheres além das criadas. Algumas delas já tiveram filhos... — E ele tentou sorrir.

— Endoideceste! — exclamou Gunnulf, fitando-o. — A mais pobre camponesa tem a seu lado as criadas e as vizinhas quando está com as dores do parto! Achas que tua mulher

se irá meter num canto e se esconder como uma gata que vai parir? Não, deves ser verdadeiramente um homem e chamar para junto de Cristina as melhores mães de família da região...

Erlend inclinou o rosto rubro de vergonha:

— Tens razão. Eu mesmo irei a cavalo a Raasvold e mandarei homens às outras quintas. Fica tu ao lado de Cristina.

— Vais-te embora? — perguntou Cristina assustada quando viu Erlend pegar na capa.

Erlend aproximou-se dela e abraçou-a.

— Vou buscar as mulheres mais competentes para te assistirem, minha Cristina. Gunnulf ficará junto de ti enquanto as criadas preparam o quartinho onde te vais instalar — disse, beijando-a.

— Não podes mandar um mensageiro a casa de Audfinna Audunsdatter? — perguntou ela. — Mas não antes de amanhecer; não quero que a acordem por minha causa; sei que tem muitos trabalhos...

Gunnulf interrogou o irmão acerca dessa Audfinna.

— Não me parece a mais indicada — observou depois de ser informado. — A mulher dum dos teus rendeiros...

— Temos de cumprir o desejo de Cristina — replicou Erlend.

E, enquanto o padre o acompanhava até ao pátio e ele esperava que lhe trouxessem o cavalo, contou como Cristina conhecera a camponesa. Gunnulf mordia os lábios com ar pensativo.

Na quinta havia grande barafunda. Partiam homens a cavalo, as criadas chegavam esbaforidas e perguntavam como estava a patroa. Cristina dizia que nada receassem por ela, mas que fossem preparando tudo no quarto. Mandaria chamá-las na ocasião oportuna para a conduzirem até lá.

Depois, ficou sòzinha com o padre. Esforçava-se por conversar com ele num tom jovial, como de tarde.

— Não estás assustada — observou Gunnulf com um leve sorriso.

— Estou, sim. (Fitava-lhe os olhos; os dela pareciam negros de pavor). — Sabes, cunhado, se... se os outros filhos de Erlend nasceram em Husaby?

— Não. O rapaz nasceu em Hunehals, e a pequena em Strind, numa quinta que ele possuía lá nessa época... É verdade que sofreste com a ideia de que a outra mulher viveu aqui com Erlend?

— Sim — respondeu Cristina.

— Não te é fácil julgar a maneira como Erlend procedeu com Eline — retorquiu o padre gravemente. — Custava a Erlend tomar uma decisão... sempre foi difícil para ele saber o que era justo. Desde a nossa infância que as coisas se apresentaram deste modo: o que Erlend fazia, a mãe achava perfeito, e o pai, estúpido. Mas decerto ele já te falou bastante sobre a mãe e já sabes tudo isto.

— Que me lembre, ele só citou a mãe duas ou três vezes. Mas compreendi que gostava muito dela...

Gunnulf disse em voz baixa:

— Nunca houve, certamente, igual ternura entre mãe e filho. Minha mãe era muito mais moça do que meu pai. Depois aconteceu aquela história com a tia Aashild — a morte do tio Baard, e constou... mas já sabes tudo, não é verdade? O pai via as coisas pelo pior e disse-o à mãe... Certo dia, Erlend, que era ainda um rapazito, lançou-se contra o pai. Por amor da mãe, arrojou-se mais de uma vez ao pai durante a sua adolescência... Quando a mãe adoeceu, Erlend separou-se de Eline Ormsdatter. A mãe tinha umas feridas na ilharga e o pai dizia que era lepra. Afastou-a de si e quis forçá-la, com ameaças, a ir para o hospital das Irmãzinhas. Então Erlend veio buscar a mãe e levou-a para Oslo; foram consultar a tia, que é muito entendida, e o médico francês do rei; qualquer deles declarou que ela não era leprosa. O rei Haakon recebeu Erlend afectuosamente e aconselhou-lhe a ir ao túmulo do santo rei Erik Valdemarsoen, seu avô

materno... Muitas pessoas haviam obtido ali a cura de doenças de pele... Erlend partiu para a Dinamarca com a mãe; ela, porém, morreu a bordo do navio ao sul de Stad. Quando ele trouxe o corpo (deves lembrar-te que o pai era muito velho e que Erlend sempre fora filho rebelde) quando Erlend chegou a Nidaros com o corpo da mãe, o pai encontrava-se lá, na casa que tínhamos na cidade; não quis receber o filho antes de se assegurar de que Erlend não contraíra a doença. Erlend saltou para o cavalo e foi-se embora. Não parou até chegar à quinta onde Eline o esperava com o filho. Ali ficou com ela, a despeito de tudo e embora já farto; e as coisas assim se passaram até que ele a trouxe para Husaby e lhe confiou o governo da quinta, logo que a herdou. Essa mulher tinha um grande ascendente sobre Erlend; e dizia que, se ele a traísse, merecia ser atingido pela lepra... Mas já é tempo que as criadas se ocupem de ti, Cristina...

Desceu o olhar para o pálido rosto juvenil, rígido de terror e de sofrimento. E, como ele fizesse menção de se dirigir para a porta, ela chamou-o com um grito:

— Não, não me deixes...

— Visto que já tens tantas dores, a coisa irá depressa — disse o padre para a consolar.

— Não se trata disso! — Agarrou-lhe docemente no braço: — Gunnulf!

Julgou ele nunca ter visto tanto pavor numa fisionomia humana.

— Cristina, o caso não será mais grave para ti do que para as outras mulheres...

— Sim, sim. — Escondeu a cara no braço do cunhado. — Sei agora que Eline e os filhos deviam estar aqui. Ele prometeu desposá-la antes de me encontrar...

— Sabes isso? — disse Gunnulf em tom calmo. — Erlend não podia proceder doutra forma. Compreendes que ele não ia cumprir essa promessa. Nunca o Arcebispo consentiria no casamento deles. Não fiques com a impressão de que o teu matrimónio não é válido... És a mulher legítima de Erlend...

— Ah! Perdi o direito de andar na terra muito tempo antes de estar grávida... No entanto, tudo foi pior do que eu esperava. Ah! Oxalá eu morresse e esta criança não chegasse a nascer! Não terei ânimo de olhar para o meu filho!

— Deus te perdoe, Cristina, não sabes o que dizes... Desejarias que o filho te morresse nas entranhas, sem ser baptizado?

— Sim. Aquele que eu trago no meu ventre, o diabo pode bem apoderar-se dele. Não é possível salvá-lo... Porque não bebi a mistela que Eline me ofereceu!? Seria talvez o castigo para os pecados que eu e Erlend cometemos! Ao menos, esta criança não teria sido procriada! Ah! Gunnulf, é nisto que tenho pensado sem cessar desde o dia em que o senti em mim; eu deveria compreender que mais valia engolir o licor infectado de lepra que ela me oferecia do que impelir para a morte a mulher que Erlend amara primeiramente...

— Cristina — volveu o padre — estás a delirar. Não foste tu que impeliste aquela desgraçada para a morte. Erlend não podia cumprir a promessa que lhe fizera quando era moço e mal conhecia a lei e o dever. Nunca ele poderia coabitar com ela sem pecar. Aliás, essa mulher deixara-se seduzir por outro com quem Erlend a quis casar logo que foi informado do caso. Não sois responsáveis pelo seu suicídio.

— Queres saber em que condições se matou? — Cristina estava num tal desespero que falava com a maior calma. — Eu e Erlend encontrávamo-nos juntos em Haugen quando ela ali chegou. Trazia na mão um copo de chifre; quis que eu bebesse o conteúdo. Sem dúvida, destinava-o a Erlend, agora é que compreendo, mas, como me encontrou com ele, quis que fosse eu a vítima... Percebi que era uma armadilha. Reparei que ela não bebeu nada quando levou o copo à boca. Eu, porém, queria beber; era-me indiferente viver ou morrer desde que sabia que ele a tivera sempre em sua casa. Então Erlend entrou. Ameaçou-a com o punhal. «Hás-de beber primeiro», dizia ele. A mulher suplicava, suplicava, e ele ia

largá-la. Mas o demónio tentou-me; peguei no copo: «Escolhe entre as tuas duas amantes», disse eu — incitava Erlend a agir. — «Não podes ficar com ambas». E a verdade é que ela se matou com o punhal de Erlend; mas Bjoern e Aashild acharam melhor esconder como o caso se tinha passado...

— Então a tia Aashild deu esse conselho — replicou Gunnulf duramente. — Compreendo... entregava-te nas mãos de Erlend...

— Não — disse Cristina com violência. — A senhora Aashild pediu... pediu a Erlend e a mim também, de tal maneira que eu não podia recusar... que nos comportássemos tão honradamente quanto possível, que nos lançássemos aos pés de meu pai e lhe implorássemos perdão. Mas não me atrevi. Pretextei o receio de que meu pai matasse Erlend. Oh! Eu bem sabia que o pai não procederia de forma a arriscar-se a cair, ele e a sua causa, nas mãos de Erlend. Pretextei também o meu temor de que depois de tal desgosto ele nunca mais pudesse andar de cabeça erguida. Oh! mostrei a seguir que não receava desgostar meu pai!... Não podes calcular, Gunnulf, quanto meu pai é bondoso; ninguém sabe como sempre foi gentil para comigo. Sempre me estimou profundamente. Eu não queria que soubesse que eu me comportara de maneira tão vergonhosa quando me julgava no convento de Oslo a instruir-me no que é justo e honesto... Sim, Gunnulf, eu usava o hábito de noviça quando ia ter com Erlend à cidade, ao estábulo e ao celeiro...

Cristina ergueu os olhos para Gunnulf; o rosto deste estava branco e rígido como pedra.

— Compreendes agora porque tenho medo? Aquela mulher que o recebeu em sua casa quando ele regressou contaminado pela peste...

— Não farias o mesmo? — perguntou o padre com tranquilidade.

— Sim, sim! — A sombra do sorriso bravio e meigo de outrora passou no semblante angustiado da rapariga.

— Aliás, Erlend não estava contaminado — observou

Gunnulf.—Ninguém, com excepção de meu pai, acreditou que minha mãe morresse de lepra.

—Eu é que sou, sem dúvida, uma leprosa aos olhos de Deus—replicou Cristina encostando a cara no braço de Gunnulf.—Infectada de pecados como estou...

—Irmãzinha—retorquiu docemente o padre pousando a mão na cabeça de Cristina—, não és tão grande pecadora que tenhas esquecido isto: assim como Deus pode livrar da peste a carne do homem, pode também purificar a tua alma do pecado...

—Oh! Não sei!—Cristina soluçava com o rosto escondido contra o braço de Gunnulf.—Não sei! Mas também não o lastimo, Gunnulf! No entanto, tenho medo... Tive medo à porta da igreja, e quando o sacerdote nos uniu. Tive medo quando entrei com Erlend para a missa do casamento com a coroa de ouro sobre os cabelos soltos, porque eu não ousava confessar ao pai a minha vergonha, com todos os meus pecados não absolvidos; nem sequer tinha coragem de confessar a verdade ao pároco. Mas, no Inverno, assustada por me ver dia a dia mais feia e ainda com maior terror ao pensar que Erlend estava tão distante, recordava a época em que tínhamos entrevistas no sótão de Skog...

—Cristina...—o padre tentava erguer o rosto juvenil que se escondia—não deves pensar nisso agora! Pensa antes que Deus vê o teu desgosto e a tua angústia. Volta-te para a Virgem Maria, Mãe piedosa dos aflitos...

—Não compreendes que compeli outra mulher a suicidar-se?

—Cristina—disse o padre com severidade—, para que és tão orgulhosa? Julgas maior a extensão dos teus pecados do que a misericórdia de Deus? (A sua mão ia e vinha sobre a cabeça dela). Lembras-te, irmãzinha, da resposta de São Martinho quando o Diabo quis tentá-lo? O Demónio perguntou ao santo se ele acreditava no que dizia quando prometia a misericórdia de Deus a todos os pecadores que confessava. Respondeu o bispo: Mesmo a ti me atrevo a prometer o perdão de Deus desde o momento que lho implores... se quiseres

deixar o teu orgulho e crer que o seu amor é maior do que o teu ódio...

Gunnulf continuava a acariciar a cabeça de Cristina, que não cessava de chorar. Entretanto, dizia de si para si: «Assim é que Erlend procedeu para com esta mulher tão nova?» A essa ideia, empalidecia, os lábios tornavam-se duros.

Audfinna Audunsdatter foi a primeira a chegar. Encontrou Cristina no quarto. Gunnulf estava sentado ao lado dela e duas ou três criadas andavam ali azafamadas.

A camponesa saudou respeitosamente o sacerdote, mas Cristina levantou-se e foi ao encontro dela com a mão estendida:

— Obrigada por teres vindo, Audfinna. Sei que não é fácil para os teus passarem sem ti...

Gunnulf examinara a mulher. Ergueu-se também:

— Foste gentil em teres vindo tão depressa. É necessário que a minha cunhada tenha a seu lado alguém de confiança. É jovem e inexperiente e pouca gente conhece na terra...

— Jesus! Ela está tão branca como o lenço da cabeça! — murmurou Audfinna. — Achais, meu reverendo, que eu lhe dê uma poção para dormir? Decerto que a senhora precisa de descansar um bocadinho antes que cheguem as dores fortes.

Silenciosa e activa, meteu mãos à obra; apalpou a cama que as criadas tinham preparado sobre o soalho e pediu-lhes que trouxessem várias almofadas e mais palha. Em seguida, pôs a aquecer ao lume algumas panelas que continham plantas medicinais. Depois disso principiou a desfazer os laços do fato de Cristina e, por fim, tirou-lhe os ganchos do cabelo.

— Nunca vi nada mais lindo — disse ela quando a onda dourada da cabeleira sedosa se desenrolou em volta do rosto pálido. — Estes cabelos não deviam ter perdido muito da sua força e do seu brilho, mesmo que os usasses soltos mais tempo do que convinha — acrescentou sem conter o riso.

Ajudou Cristina a deitar-se entre as almofadas, sobre o soalho, e entalou-lhe cuidadosamente a roupa por baixo do colchão:

— Bebe isto; sentirás menos os acessos de dor. E tenta dormir um pouco.

Gunnulf devia retirar-se. Debruçou-se para Cristina:

— Reza por mim, Gunnulf — suplicou ela.

— Rezarei por ti até te ver com o filho nos braços... e depois, também — disse ele, tornando a meter a mão da cunhada debaixo da coberta.

Cristina, no meio da sonolência que a invadia, sentia-se quase bem. As dores bruscas surgiam, desapareciam e voltavam, mas era tudo tão diferente do que ela na sua vida tivera que, a cada pausa, ficava duvidando se havia sonhado. Depois dos horríveis sofrimentos das primeiras horas da manhã, pressentia que, felizmente, transpusera as piores angústias e torturas. Audfinna, no maior silêncio, pendurava perto do lume, a fim de as aquecer, roupas para a criança, tapeçarias e peles; mexia de vez em quando o conteúdo das panelas, de forma a flutuar por todo o quarto o aroma das plantas. Por fim, Cristina dormitava no intervalo das crises; sonhava estar na sua casa de Joerundgaard a ajudar a mãe a tingir uma teia enorme; era certamente o efeito dos vapores de ortiga e de casca de freixo.

Depois chegaram, uma a uma, as mulheres da vizinhança, proprietárias das quintas dos arredores e de Birgsi. Audfinna retirou-se para o meio das criadas. À noite, Cristina teve a impressão de que tudo decorria realmente mal. Disseram-lhe as mulheres que ela devia conservar-se de pé tanto tempo quanto pudesse. Essa ideia atormentava-a — o quarto estava cheio de gente e ela tinha de estar ali como uma égua que vai a vender. Entretanto viu-se obrigada a consentir que aquelas estranhas a observassem, a tacteassem cada uma por sua vez, enquanto tagarelavam umas com as outras. Finalmente a senhora Gunna de Raasvold, arvorada em dirigente, aconselhou-a a deitar-se outra vez. Dividiu as mulheres em dois grupos: umas dormiriam, e as outras ficariam de vela.

— Não será muito rápido... mas grita quando tiveres

muitas dores e não te preocupes com os que dormem. Estamos todas aqui para te ajudar, coitadinha de ti — disse ela com doçura e bondade, dando uma palmadinha na face de Cristina.

Esta mordia os lábios e apertava a roupa da cama nas mãos húmidas. Estava um calor sufocante no quarto; as mulheres diziam que devia ser assim mesmo. Depois de cada crise, Cristina ficava banhada em suor.

Entretanto ela pensava na comida para toda aquela gente. Tinha empenho em demonstrar que a sua casa era bem governada. Ordenara à cozinheira Torbjoerg que pusesse coalho de leite na água fervente, para o peixe fresco. Esperava que Gunnulf não veria nisso falta de cumprimento do jejum. Sobre esse ponto Sira Erik tranquilizara-a, pois a coalhada não era lacticínio alimentar; demais a mais, o caldo seria retirado do peixe. Quanto ao peixe seco que Erlend trouxera no Outono, as mulheres nem o provaram — pois estava deteriorado.

— Bem-aventurada Virgem Maria, tardas tanto em vir em meu auxílio! Tenho tantas dores, tantas dores!

Tentava dominar-se antes de se abandonar e de soltar um longo grito...

Audfinna, sentada junto da lareira, vigiava as suas panelas. Cristina quereria pedir-lhe que lhe viesse pegar na mão. Quanto não daria ela para apertar nesse momento uma mão conhecida e amigável! Não ousou, porém, chamá-la...

Na manhã do dia seguinte pesava sobre Husaby uma espécie de torpor e de pasmo. Era a véspera da festa de Nossa Senhora, e o trabalho devia findar às três horas da tarde, mas os homens andavam distraídos e graves, e as servas, alarmadas, não tinham ânimo de trabalhar. Os criados da quinta já estimavam a patroa e percebiam que o caso não ia muito bom para ela.

Erlend viera para o pátio e falava com o ferreiro. Esforçava-se por prestar atenção ao que o homem lhe dizia. Nesse momento chegou a senhora Gunna, esbaforida:

— Está sempre no mesmo, Erlend. Já experimentámos

todos os meios. Vem comigo. Talvez sirva de alguma coisa se a sentares nos teus joelhos Vai vestir um gibão curto, mas faz isso depressa: a pobre senhora está a sofrer tanto!

Erlend tornara-se escarlate. Recordava-se de ter ouvido dizer que, se uma mulher não pudesse dar à luz o filho concebido secretamente, seria útil o marido pô-la sobre os joelhos.

Cristina estava deitada no chão entre tapeçarias, com duas mulheres sentadas a seu lado. Logo que entrou, Erlend viu que ela, toda encolhida, movia dum lado para outro a cabeça escondida no regaço duma das mulheres, mas que não soltava um único gemido.

Passada a crise, ergueu os olhos esgazeados de pavor; os lábios gretados aspiravam o ar com irregularidade. Desaparecera todo o vestígio de juventude e graça naquele rosto entumecido e vermelho como uma chama. Até os cabelos estavam desgrenhados, com pedaços de palha e de lã arrancada a um cobertor. Olhou para Erlend como se o não conhecesse. Mas quando percebeu a razão por que o haviam chamado, abanou vivamente a cabeça:

— Na minha terra não é hábito os homens estarem presentes quando uma mulher se vê assim...

— Há casos em que isso se faz, no Norte dos Dofrines — disse Erlend docemente. — Se pode abreviar-te as dores, deixa, minha Cristina...

— Então...

Quando ele se ajoelhou junto da mulher, ela passou-lhe o braço em volta da cintura e apertou-o de encontro a si. Encarquilhada e agitada por tremores, debatia-se contra a crise sem articular palavra.

— Poderei falar com meu marido num instante? — perguntou Cristina muito depressa, esfalfada, logo que conseguiu respirar.

As mulheres retiraram-se.

— Ela estava com as dores quando lhe prometeste casamento, no caso de ficar viúva... na noite em que Orm nasceu? — murmurou Cristina.

Erlend ficou sufocado como se houvesse recebido uma pancada no peito. Depois, sacudiu enèrgicamente a cabeça:

— Essa noite, passei-a no castelo. Os meus criados estavam de prevenção. Quando regressei de manhã a casa é que me puseram o pequeno nos braços... Pois numa ocasião destas preocupas-te com isso?

— Sim...

De novo se agarrava a ele, invadida pela vaga de sofrimento. Erlend enxugou-lhe o suor que lhe encharcava o rosto.

— Agora, que já sabes o que desejavas saber — disse ele quando Cristina se acalmou —, não queres que eu te sente nos meu joelhos, conforme aconselha Gunna?

Ela abanou a cabeça. Finalmente, as mulheres pediram a Erlend que se retirasse.

Dir-se-ia que aquela conversa quebrara as forças e a resistência de Cristina. No terror selvático da crise que sentia vir, gritava e suplicava, gemendo, que a socorressem. Contudo, quando alguém lembrou que fossem buscar outra vez o marido, ela bradou que não queria, preferia sofrer eternamente...

Gunnulf e o seu fâmulo foram à capela para cantarem as vésperas. Acompanharam-nos todas as pessoas da quinta, que não estavam junto de Cristina. Erlend, porém, eclipsou-se antes de a cerimónia findar e dirigiu-se para os edifícios situados ao sul.

No poente, além das montanhas, do outro lado do vale, o céu apresentava-se alaranjado. A tarde de Primavera espalhava o seu crepúsculo claro, luminoso e doce. Algumas estrelas apontavam, brancas, na atmosfera flavescente. Uma névoa fina deslizava sobre a floresta de árvores de folha caduca, em baixo, perto do lago; e havia extensas manchas de terra nas vertentes expostas ao sol; flutuava no ar um aroma de humo e de neve derretida.

O quarto, onde Cristina estava, ficava a oeste do pátio, no cimo da vereda que ia ter ao vale. Erlend encaminhou-se

para lá e deteve-se junto da casa. As traves conservavam ainda o calor do sol quando ele ali se apoiou. Ah! Ela gritava... Certa vez Erlend ouvira os gemidos duma novilha atacada por uma fera. Fora próximo da cabana, no alto da montanha, no tempo da sua adolescência. Ele e Arnbjoern, o pastor, haviam corrido para o sul da floresta. Recordava-se daquele vulto felpudo que, ao erguer-se, se tornara num urso, de goela vermelha e ardente. A lança de Arnbjoern quebrara-se de encontro ao animal; então o pastor agarrara na lança do rapazinho petrificado de terror. A bezerra vivia, mas o peito e as coxas haviam sido devoradas.

«Cristina, minha Cristina... Senhor, pela vossa bem-aventurada Mãe, tende piedade...»

Voltou para a capela.

As criadas entraram na sala com a ceia; não armaram a mesa, mas colocaram os pratos junto da lareira. Cada homem trouxe pão e peixe sobre os bancos, sentaram-se nos seus lugares e, em silêncio, comeram um pouco sem mostrar grande apetite. Depois da refeição ninguém saiu nem se levantou para se ir deitar. Ficaram ali, sentados e calados, a contemplar as chamas do lume.

Erlend escondera-se a um canto, próximo do leito. Não tinha ânimo de aparecer fosse a quem fosse.

Gunnulf acendera uma candeiazinha de óleo de peixe e pousara-a no braço do cadeirão principal. Sentou-se num escabelo, por baixo do lugar de honra, com um livro nas mãos. Sem rumor e sem descanso, os lábios moviam-se ao de leve.

De súbito, Ulf Haldorsoen levantou-se, dirigiu-se para a lareira e pegou num pedaço de pão mole; depois tirou uma acha do lume. Em seguida, voltou para junto da porta da entrada, aonde estava sentado o velho Aan. Ambos eles, escondidos atrás da capa de Ulf, viraram e reviraram o pão. Aan batia e golpeava a acha. Os outros homens lançavam, de vez em quando, um olhar para esse lado. Passados momentos Ulf e Aan saíram da sala.

Gunnulf viu-os partir mas não disse nada. Continuou nas suas orações.

Um rapazinho que dormia profundamente no banco caiu no chão de cabeça para baixo. Pôs-se de pé, e, com ar assustado, olhou em redor. Depois, com um suspiro, sentou-se de novo.

Ulf e Aan entraram, calados, e retomaram os seus lugares. Os outros olharam para eles, mas nenhum falou.

Bruscamente, Erlend ergueu-se. Atravessou o aposento e aproximou-se dos servos. Tinha o rosto pardo como argila e os olhos pisados.

— Nenhum de vós conhece um meio? Tu, Aan? — murmurou ele.

— Já se tentou e não deu resultado — respondeu Ulf também em voz baixa.

— Decerto está escrito que ela não terá esta criança — disse Aan limpando o nariz. — E, neste caso, nem sacrifícios nem artimanhas conseguem coisa alguma. É pena, Erlend, que tenhas de perder tão cedo a tua bondosa mulher...

— Ah! não fales como se ela já tivesse morrido! — gemeu Erlend com voz desesperada.

Voltou para o canto onde estivera e ali ficou com a cabeça encostada ao leito fechado.

Nesse momento um dos criados saiu e tornou a entrar.

— A Lua já nasceu — disse ele —, daqui a pouco é dia.

Pouco depois, Gunna entrou na sala. Deixou-se cair no banco dos mendicantes, junto da porta. As madeixas grisalhas do cabelo tombavam-lhe para a cara e escorregara-lhe para as costas o lenço de seda.

Os homens ergueram-se e aproximaram-se lentamente.

— É preciso que um de vós a vá segurar — disse ela, chorando. — Perdemos toda a coragem. Vem vê-la, Gunnulf... não se sabe como aquilo acabará.

Gunnulf levantou-se e guardou o livro de orações no bolso do cinto.

— Tens de vir também, Erlend — acrescentou a mulher.

Aos gritos selváticos e entrecortados que ouviu logo na porta, Erlend deteve-se e estremeceu. No meio das mulheres em pranto distinguiu o rosto convulsionado, irreconhecível, de Cristina. Estava de joelhos e as outras seguravam-na.

Perto da entrada, viam-se as servas prostradas, com a cabeça apoiada nos bancos. Rezavam incessantemente em voz alta. Erlend caiu de joelhos ao lado delas e escondeu a cara nos braços. Cristina gritava, gritava; ele sentia-se gelado de desespero e de terror. Aquilo não podia continuar assim...

Arriscou-se a lançar a vista para a esposa. Gunnulf sentara-se num banco em frente dela e aguentava-a por baixo dos braços. A senhora Gunna, ajoelhada, passava as mãos em volta da cintura de Cristina, mas esta, numa angústia de morte, resistia e queria afastá-la.

— Não, não!... Largai-me!... Não posso... Meu Deus! Meu Deus, valei-me!

— Deus há-de vir em teu socorro, Cristina — repetia o padre.

Uma criada segurava numa bacia de água; depois de cada crise limpava com um pano o rosto da padecente, na raiz dos cabelos e entre os lábios donde corria uma espécie de baba.

Cristina enterrou a cabeça nos braços de Gunnulf e dormiu um curto instante, mas as dores arrancaram-na de novo ao sono. E o padre repetiu:

— Não tardarás em receber o auxílio de Deus...

Ninguém já sabia que horas eram. A pálida luz da aurora luzia através da abertura do fumeiro.

Pouco depois houve um grito de pavor insensato seguido dum silêncio absoluto. Erlend percebeu certa azáfama entre as mulheres. Ia olhar quando ouviu alguém chorar ruidosamente. Acaçapou-se outra vez. Não ousava saber.

De novo Cristina gritou — um grande e selvático grito de dor que não se assemelhava aos urros dementes e inumanos de há pouco. Erlend aproximou-se.

Gunnulf, inclinado, aguentava em Cristina, sempre de joelhos. Com os olhos cheios de horror fitava ela uma coisa, um embrulho informe, dum vermelho acastanhado, parecido com as vísceras dum animal.

O padre apertava-a de encontro a ele.

— Cristina, deitaste ao mundo um filho tão lindo como nunca mãe alguma teve a agradecer a Deus. E ele respira! — disse Gunnulf às mulheres lavadas em lágrimas. — Respira... Deus não é assim cruel que não nos quisesse ouvir.

O padre falava ainda quando aconteceu isto: o cérebro cansado e perturbado da jovem mãe foi invadido pela lembrança confusa dum botão que ela vira outrora nos jardins do convento; desse botão saíam pedaços de seda vermelha e crespa que desabrochavam como uma flor.

O embrião informe agitava-se, gemendo; ao estirar-se tornou-se numa criancinha que tinha a cor do vinho e a aparência humana. Possuía braços e pernas, mãos e pés com todos os dedos. Debatia-se um pouco ofegante.

— É tão pequenino, tão pequenino! — exclamou Cristina com voz débil e alquebrada; e desatou num riso misturado de pranto. As mulheres riam e enxugavam as lágrimas; Gunnulf depôs Cristina nos braços delas.

— Rolem-no numa bacia para ele poder gritar melhor — disse o padre acompanhando as mulheres que levavam o recém-nascido para junto da lareira.

Quando Cristina voltou a si do longo desfalecimento, viu-se deitada no leito. Haviam-lhe tirado os horríveis vestidos encharcados de suor, e o calor e a saúde espalhavam-se no seu corpo com a agradável sensação do regresso à vida; haviam-lhe colocado em cima saquinhos com ortigas fervidas e estava envolvida em tapeçarias e peles muito quentes.

Obrigaram-na a calar-se, quando quis falar. Reinava na sala o maior dos silêncios. E uma voz, que ela mal reconhecia, chegou-lhe aos ouvidos:

— Nikulaus, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...

A água marulhava...

Cristina soergueu-se no cotovelo e olhou. Perto da lareira viu um sacerdote com vestes brancas; Ulf Haldorsoen tirava para fora da bacia de cobre uma criancinha nua, vermelha, que se agitava, e depois entregou-a á madrinha e recebeu o círio aceso.

Dera à luz o seu filho! Os gritos dele eram tão fortes que quase abafavam as palavras do padre... Mas como se sentia cansada! Indiferente a tudo, queria dormir.

Então ouviu a voz de Erlend que exclamava em tom alarmado: — Vejam a cabeça dele... Tão esquisita!

— Está inchado — disse uma mulher tranquilamente. — Isso acontece às vezes. Lutou à valentona para viver...

Cristina soltou um grito. Dir-se-ia despertarem em si as fibras mais íntimas do seu coração. Era seu filho, e lutara, para viver, tanto como ela...

Gunnulf voltou-se bruscamente e, sorrindo, pegou no fardozinho branco enfaixado que estava ao colo de Gunna e depô-lo na cama, nos braços da mãe.

Cheia de ternura e de felicidade, Cristina roçou a cara pelo rostozinho vermelho e sedoso sumido entre roupas.

Ergueu o olhar para Erlend. Já uma vez lhe vira o semblante assim pálido e angustiado — não se podia lembrar em que ocasião, de tal forma se sentia estonteada, com uma impressão estranha na cabeça —, mas sabia que era bom não conseguir recordar-se disso. Era também bom vê-lo ao lado do irmão, tão amigàvelmente: o padre tinha a mão no ombro de Erlend. Invadiram-na uma paz e segurança indizíveis enquanto olhava para o homem alto de casula e estola; era imponente o rosto magro e largo sob a coroa de cabelos negros; ele, porém, sorria com benevolência.

Erlend enterrou o punhal na viga da parede, atrás de Cristina e do filho.

— Isso não é necessário agora — observou o sacerdote, sorrindo. — O recém-nascido já está baptizado...

Cristina lembrou-se duma coisa que Frei Edvin lhe

dissera certo dia. Uma criança, depois de baptizada, era tão santa como os santos anjos do céu. Estava purificada do pecado dos pais e ainda não pecara em nada... Com receio e circunspecção, beijou a carinha do filho.

A senhora Gunna aproximou-se. Sentia-se exausta e irritada contra Erlend pelo facto de ele não haver tido a ideia de dirigir uma palavra de agradecimento às mulheres. E o padre tirara-lhe a criança dos braços para a levar à mãe...

Isso competia a ela, que fora parteira e seria a madrinha do pequenito.

— Ainda não saudaste o teu filho, Erlend, não lhe pegaste ao colo — disse em tom colérico.

Erlend recebeu o nené enfaixado das mãos da mãe e encostou-o um instante à cara.

— Não posso ainda gostar realmente de ti, não posso, antes de esquecer quanto fizeste sofrer tua mãe! — murmurou ele, e tornou a colocar o filho junto de Cristina.

— Isso... Torna-o responsável — exclamou a velhota irritada.

Gunnulf sorriu e então a senhora Gunna sorriu também. Queria ela deitar a criança no berço, mas Cristina pediu que a deixassem ficar mais um bocadinho a seu lado. Pouco depois, adormeceu abraçada ao seu menino; sentiu que Erlend lhe tocava com precaução, como se receasse fazer-lhe mal, e tornou a adormecer.

IV

DEZ dias depois do nascimento da criança, Gunnulf disse ao irmão, quando se encontraram sòzinhos, de manhã na sala:

— Creio que é tempo de mandares um mensageiro aos pais de tua mulher, para lhes dizer como ela está.

— Não acho que haja urgência. Com certeza não vão ficar encantados em Joerundgaard quando souberem que já temos um filho.

— Julgas que a mãe de Cristina não percebeu, no Outono, que a filha não estava bem? E, certamente, anda inquieta...

Erlend não respondeu.

Mas, mais tarde, quando Gunnulf conversava no quarto com Cristina, Erlend entrou. Tinha vestido um gibão de burel grosso, calças compridas e botas de couro felpudo, e trazia na cabeça um barrete de pele. Inclinou-se para a mulher e acariciou-lhe a cara.

— Minha querida, queres que dê cumprimentos teus em Joerundgaard? Vou lá, para lhes anunciar o nascimento do nosso filho...

Cristina corou. Mostrava-se contente e assustada ao mesmo tempo.

— Teu pai não me pode exigir mais: eu próprio é que lhe vou levar a notícia — disse Erlend gravemente.

Cristina concentrou-se uns momentos:

— Dize-lhes — pediu ela com doçura — dize-lhes que todos os dias, desde que os deixei, desejei ardentemente lançar-me aos pés do pai e da mãe para lhes implorar perdão.

Erlend retirou-se dai a pouco. Cristina não pensou em lhe perguntar de que maneira ia ele fazer aquela viagem. Mas Gunnulf acompanhou o irmão até ao pátio. Os esquis de Erlend estavam em frente da porta de casa, assim como uma haste de lança.

— Vais de esquis? — perguntou Gunnulf. — Quem é que te acompanha?

— Ninguém — respondeu Erlend, sorrindo. — Devias saber melhor do que eu, Gunnulf, que não é fácil acompanharem-me em esqui.

— Acho uma imprudência — volveu o padre. — Consta que há muitos lobos este ano na floresta de Hoeiland...

Erlend limitou-se a rir enquanto prendia aos pés os esquis:

— Calculo chegar antes de anoitecer às cabanas de Gjeitskar. Penso estar em Joerundgaard daqui a três dias, à tarde.

— Nem há vestígios de caminho de Gjeitskar à estrada. Podes perder-te no meio do nevoeiro... E sabes que o tempo não é seguro no Inverno...

— Empresta-me o teu fuzil e pederneira, para o caso que eu tenha de atirar os meus a alguma ninfa que me peça um favor incompatível com a minha qualidade de homem casado. Escuta, irmão: vou ter com o pai de Cristina a fim de lhe propor reclame a indemnização que ache conveniente eu pagar. Deixa-me escolher o caminho que entendo dever seguir.

Forçoso foi a Gunnulf contentar-se com aquelas palavras. Mas ordenou aos criados que não dissessem a Cristina que Erlend partira sòzinho.

O céu estirava-se fulvo na direcção do sul, por cima das neves azuladas das montanhas, na tarde em que Erlend deslizou com rapidez em frente das ruínas da igreja, fazendo ranger e sibilar a camada de neve. No crepúsculo, erguia-se a Lua, baça e branca.

Dos telhados de Joerundgaard subiam espirais de fumo

negro na atmosfera luminosa. No silêncio, ecoavam machadadas, cadenciadas e secas.

Na paliçada da quinta, ladraram cães ao intruso. Andavam no pátio pastores hirsutos, vultos escuros no pálido crepúsculo: varriam o chão com ramos de pinheiro, juntando a neve num monte. No meio deles corriam três crianças envolvidas em peles.

A paz familiar daquela casa produziu em Erlend extraordinária impressão. Deteve-se, embaraçado, à espera que Lourenço lhe viesse ao encontro. O sogro de Erlend descera ao telheiro para falar com um homem que estava a rachar lenha. Parou de repente ao reconhecer o genro e espetou na neve a lança que tinha na mão.

— Pois és tu? — murmurou ele. — Sòzinho?... Aconteceu alguma coisa? Que sucedeu para que viesses assim?

— Sucedeu o seguinte. — Erlend encheu-se de coragem e fitou os olhos do sogro. — Julguei que devia vir em pessoa anunciar-vos esta notícia: Cristina deu à luz um filho na manhã do dia de Santa Maria. Agora, está bem.

Lourenço ficou imóvel. Os dentes premiam-lhe com força o lábio inferior; o queixo tremia-lhe ligeiramente.

— Muito me contas! — disse ele, depois dum silêncio.

A pequena Ramborg acorrera e estava ao lado do pai. Levantava os olhos para eles, muito vermelha.

— Cala-te! — exclamou Lourenço com rudeza, embora a filha nada tivesse dito mas só corado. — Vai-te embora daqui, gira!

Não falou mais acerca do assunto. Erlend continuava de pé, inclinado para a frente, com a haste de ferro na mão esquerda e a mão direita metida no peito.

— Magoaste-te?

— Um pouco — respondeu Erlend. — Caí numa descida ontem à noite.

Lourenço agarrou-lhe no punho e apalpou-o com precaução.

— O osso não está quebrado, creio eu... Olha, vai participar a novidade à mãe dela...

Quando Erlend se encaminhou para casa, Ragnfrid apareceu à porta. Olhou admirada para o marido; depois reconheceu o genro e veio direita a este.

Escutou, sem pronunciar palavra, a mensagem que Erlend repetia. Mas os olhos humedeceram-se-lhe e luziram quando Erlend disse por fim:

— Calculei que devieis ter percebido alguma coisa antes de ela partir, no Outono; decerto estáveis atormentada por causa de Cristina.

— Foi gentil da tua parte, Erlend, teres adivinhado isso — replicou Ragnfrid com voz trémula. — Sim, andei sempre inquieta desde que a levaste para longe de nós.

Lourenço regressava:

— Aqui está gordura de raposa. Vejo que tens a cara gelada, meu caro genro. Espera uns momentos na antecâmara, que Ragnfrid vai tratar disso e fazer com que te aqueças. E os teus pés, também estão gelados? Descalça as botas, para se ver...

Quando os criados entraram para cear, Lourenço participou-lhes a notícia e mandou vir cerveja, para que festejassem o nascimento do menino. Mas não houve verdadeira alegria durante o festim. O dono da casa tinha defronte de si uma tigela de água. Pediu desculpa a Erlend, mas desde pequeno que fizera o voto de não beber senão água nos períodos da abstinência. Todos estavam bastante silenciosos e a conversa esmorecia, apesar da boa cerveja. Entretanto, os pequenos vieram para o lado de Lourenço. Este rodeou-os com os braços quando se lhe encostaram aos joelhos, mas respondia-lhes distraìdamente às perguntas. Ramborg replicava com ar seco se Erlend tentava gracejar com ela — patenteando dessa maneira que não gostava do cunhado. Fizera oito anos, era inteligente e bonita, mas não se parecia com as irmãs.

Erlend perguntou como se chamavam os outros pequenos.

Informou-o Lourenço de que o rapaz era Haavard Trondsoen, filho mais novo de Sundbu. Maçava-se tanto com a companhia dos irmãos já adultos que quisera vir no Natal para casa da tia. A petiza era Helga Rolvsdatter. Os parentes mais próximos haviam-se sentido obrigados a trazer as crianças para casa deles, depois do funeral; fazia pena que elas vissem o pai naquele estado. Para Ramborg, nada mais agradável do que a companhia desses irmãos adoptivos.

— Eu e Ragnfrid já estamos velhos — disse Lourenço — e ela é mais buliçosa e alegre do que Cristina.

Acariciou os cabelos encaracolados da filha.

Erlend foi sentar-se junto da sogra; esta interrogou-o acerca do parto de Cristina. Erlend notou que Lourenco o escutava. Em seguida, o sogro levantou-se e foi buscar o chapéu e a capa. Dispunha-se a ir ao presbitério a fim de convidar Sira Erik a vir beber com eles.

Lourenço foi, através dos campos, pelo atalho que desembocava em Romundgaard. A Lua desaparecia lentamente atrás das montanhas, mil estrelas brilhavam por cima dos píncaros brancos. Esperava ele que o padre estivesse em casa; não podia ficar mais tempo só com os outros.

Quando, porém, chegou ao muro que ladeava o pátio, viu uma luzinha vir ao seu encontro. Era o velho Audun que agitava a sineta de prata ao perceber que estava alguém no caminho. Lourenço Bjoerdsoen lançou-se de joelhos na neve, à beira da estrada.

Audun passou com o círio aceso, tilintando a sineta debilmente. Atrás dele, avançava Sira Erik a cavalo. Elevou o santo cibório ao passar defronte do homem ajoelhado; não olhou para o vulto, mas seguiu, tranquilo, no seu cavalo enquanto Lourenço se inclinava, com os braços estendidos para o Salvador.

Era o filho de Einar Hnufa quem acompanhava o padre; o velho estava decerto a morrer. Sim, com certeza... Lourenço recitou as orações dos agonizantes antes de se erguer.

Aquele encontro com Deus, a meio da noite, confortara-o bastante, consolara-o...

Depois de estarem deitados, perguntou Lourenço à mulher:

— Suspeitavas que semelhante coisa tivesse acontecido a Cristina?

— E tu? — disse Ragnfrid.

— Não — respondeu Lourenço em tom tão breve que ela ficou com a impressão de que, de vez em quando, o assaltara essa ideia.

— Houve uma altura, no Verão, que receei isso — disse a mãe hesitante. — Reparei que ela nem podia ver a comida. Mas depois, decorreu tempo, e pensei então que me enganara. Parecia tão satisfeita durante os preparativos para a boda!

— Pois é, tinha boas razões para isso — replicou o pai com certa ironia. — O que me admira é ela não te dizer nada, a ti que és a mãe...

— Agora é que vens com esse reparo, depois da tolice que ela cometeu — disse Ragnfrid com amargura. — Bem sabes que Cristina nunca teve o hábito de se confiar a mim.

Lourenço não disse mais nada. Pouco depois deu boa-noite à mulher e ficou ali, muito calado. Tinha a certeza de que o sono tardaria a vir.

Cristina... Cristina, a sua filhinha...

Nunca ele fizera a mínima alusão ao que Ragnfrid lhe acabara de dizer. E ela não podia exigir que o marido lhe confessasse que pensara naquilo. Lourenço não mudara de atitude a seu respeito; antes se esforçara por lhe testemunhar ainda maior amizade e ternura. Mas não era a primeira vez que, nesse Inverno, notava certa amargura em Ragnfrid: via-a procurar insinuações ofensivas em palavras inocentes que ele pronunciava. Não compreendia e não encontrava remédio para isso.

«Padre Nosso que estais no céu...» Rezou por Cristina e pelo filho dela. Depois rezou pela mulher e por ele

próprio. Por fim, pediu ao céu forças para suportar Erlend Nikulaussoen com indulgência durante todo o tempo que o devesse alojar na quinta.

Lourenço não consentiu que Erlend regressasse a casa antes que vissem claramente em que estado se encontrava o pulso dele, nem que fizesse a viagem sem companhia.

— Que alegria para Cristina se fôsseis comigo! — disse um dia Erlend.

Lourenço permaneceu calado alguns instantes. Depois fez imensas objecções. Ragnfrid não gostaria, certamente, de ficar sòzinha na quinta. E, se ele fosse para tão distante, não estaria de volta para os grandes trabalhos da Primavera. Finalmente, partiu, apesar de tudo, com Erlend. Não levou consigo nenhum criado: regressaria de barco até Raumsdal e poderia alugar cavalos para descer ao vale: tinha conhecidos em todo o caminho que ia percorrer.

Não falaram muito durante o trajecto em esquis, mas entenderam-se bem. Lourenço tinha de fazer esforços para seguir Erlend; não queria confessar que o genro ia demasiadamente depressa para o fôlego do companheiro. Erlend, porém, notou isso e regulou a sua marcha pela do sogro. Diligenciava ser agradável ao pai da sua mulher, com aquelas maneiras plácidas e doces que ele mostrava quando queria ganhar a amizade de alguém. Ao terceiro dia, abrigaram-se numa cabana rodeada de pedra. Haviam tido mau tempo e nevoeiro, mas Erlend parecia encontrar o seu caminho com segurança. Lourenço reparara que o genro possuía um conhecimento espantoso e justo de todos os sinais e fenómenos da natureza aérea ou terrestre e dos usos e costumes dos animais. E sabia sempre onde se encontrava. Tudo o que Lourenço, habituado como estava à montanha, aprendera pela vista, pela atenção e pela memória, o outro parecia sabê-lo às cegas. Erlend podia-se rir disso, mas o caso é que aquilo não passava de puro instinto.

Deram com a cabana no meio do escuro, na própria altura em que Erlend previra; Lourenço lembrava-se de que, em certa noite semelhante àquela, se enterrara e se perdera na neve a pouquíssima distância dum abrigo que lhe pertencia e onde guardava os cavalos. A neve acumulara-se de tal forma em volta da choça que tiveram de abrir caminho através do buraco do fumeiro. Erlend tapou a abertura com uma pele de cavalo que se encontrava no interior da choupana e que segurou com os esquis, entalando-os entre as vigas. Depois de atirar para o exterior a neve que se introduzira, acendeu lume na lareira com lenha que ali se encontrava. Debaixo do banco tirou três ou quatro perdizes que ele colocara nesse lugar quando se dirigira para o Sul. Cobriu-as de barro e arremessou as bolas enormes para as cinzas quentes.

Lourenço deitou-se num banco de terra onde Erlend o instalou o melhor possível com os seus sacos e capas.

— É assim que os soldados fazem em tempo de guerra com as galinhas roubadas — disse Lourenço a rir.

— Palavra que aprendi mais de uma receita quando estive às ordens do conde — respondeu Erlend no mesmo tom.

Mostrava-se agora tão vivo e cheio de entusiasmo quanto o sogro o vira, em geral, calmo e um tanto indolente. Sentado no chão, pôs-se a contar a Lourenço casos do tempo em que estivera ao serviço do conde Jacob na Aaland. Fora comandante duma tropa no castelo e encarregado de guardar a costa com três barcos. Erlend tinha o olhar inocente como o duma criança; não era blasonador, deixava apenas correr o pensamento. Lourenço observava-o...

Pedira a Deus que lhe desse paciência para suportar o genro; agora quase se sentia zangado consigo mesmo porque estimava Erlend mais do que desejava. Recordava-se de que, na noite do incêndio da igreja, experimentara certa afeição pelo rapaz.

Apesar de ter o corpo esguio, não faltava virilidade a Erlend. Pungia-se o coração de Lourenço... Era pena, era

pena que Erlend não pretendesse mais do que seduzir mulheres. Quanto ao resto, só fora capaz até aí de cometer infantilidades. Noutros tempos, um chefe poderia tomar aquele homem nas suas mãos e torná-lo útil. Mas, na situação em que o mundo se encontrava, cada qual tinha de se confiar à própria consciência; e um homem nas condições de Erlend devia ter a iniciativa de assegurar a sua felicidade e a de muitos outros. E era aquele o marido de Cristina...

Erlend ergueu o olhar para o sogro e tomou um ar grave:

— Queria pedir-vos uma coisa, Lourenço, antes de chegarmos a casa: que me confessásseis o que vos dá cuidado.

Lourenço ficou silencioso.

— Tende a certeza de que estou disposto a cair a vossos pés, se assim o quiserdes — prosseguiu Erlend. — Pagarei a indemnização que vos pareça justo castigo do meu procedimento...

Lourenço olhou o rapaz frente a frente, depois teve um sorriso singular:

— Seria muito difícil para nós ambos, Erlend... Manda uma oferta decente à igreja de Sundbu e aos padres de quem ambos zombastes — acrescentou. — Nem mesmo podes alegar a tua pouca idade. Seria mais honroso, Erlend, se me tivesses dito tudo antes de casares...

— Pois sim — disse Erlend —, mas eu não sabia que as coisas estavam então assim e que um dia se evidenciaria que vos ofendi...

Lourenço sentou-se de súbito.

— Quando te casaste não sabias que Cristina...?

— Não — respondeu Erlend com ar acabrunhado. — Dois meses depois é que percebi.

Lourenço olhou-o com espanto mas não disse nada. Erlend prosseguiu com voz débil e hesitante:

— Estou contente por terdes vindo comigo. Cristina andou tão taciturna, este Inverno! Quase nem me dirigia a palavra. Tinha muitas vezes a impressão de que ela detestava Husaby e a minha companhia.

Lourenço replicou em tom um tanto frio e distante:

— Isso acontece sem dúvida a todas as recém-casadas. Ela, porém, já recuperou a saúde, de sorte que, julgo eu, voltareis a ser tão bons amigos como dantes.

Dizendo isto, sorria um pouco irônicamente.

Erlend olhava com fixidez o monte de brasas. Fora de repente que lhe viera esta certeza, mas adquirira-a desde o instante em que vira a carinha rosada do filho sobre o ombro branco de Cristina: nunca mais a vida seria a mesma, entre eles dois.

Logo que Lourenço avançou no quarto, para a filha, esta soergueu-se na cama e estendeu-lhe os braços. Abraçou-se a ele e chorou, chorou tanto que o pai acabou por se assustar.

Levantara-se ela havia algum tempo, mas soubera que Erlend partira sòzinho para o vale, e, como tardasse em vir, atormentou-se de tal forma que ficou cheia de febre. Teve de recolher outra vez ao leito.

Era fácil de ver que ainda estava fraca; vinham-lhe lágrimas aos olhos por tudo e por nada. O novo capelão do domínio, Sira Eiliv Serkossoen, chegara à quinta durante a ausência de Erlend. Ia visitar a senhora de vez em quando e fazia-lhe leituras; mas ela chorava a propósito de coisas tão francamente absurdas que ele já nem sabia o que lhe havia de ler.

Um dia em que Lourenço estava junto de Cristina, quis ela em pessoa enfaixar o filho para que se visse quanto o neto era lindo e bem conformado. O pequenito, deitado absolutamente nu em meio dos cueiros, debatia-se sobre o tapete de lã em frente da mãe.

— O que é esta marca que ele tem no peito?— perguntou Lourenço.

Um pouco acima do coração, notavam-se várias manchazinhas cor de sangue; dir-se-ia que uma mão sangrenta

tocara na criança. Quando Cristina vira aquele sinal pela primeira vez ficara muito mal impressionada. Mas procurara consolar-se.

— É decerto uma marca de fogo. Crispei a mão sobre o seio quando vi a igreja a arder — disse ela.

O pai recebeu um choque com aquela resposta. Quanto tempo e até que ponto ela dissimulara? Não o sabia.

E não compreendia que a filha tivesse ousado semelhante coisa, ela, a sua Cristina...

— Não acredito que gosteis verdadeiramente do meu filho — declarava com frequência Cristina ao pai; e Lourenço respondia, a sorrir, que gostava dele a valer. Depusera numerosos presentes no berço e no leito da jovem mãe. Mas Cristina achava que ninguém gostava bastante do filho, Erlend sobretudo.

— Olhai — dizia ela. — Vistes? Ele riu-se... Já vistes um menino tão lindo como Naakkve, pai?

Não se cansava de fazer esta pergunta. Certa vez, Lourenço respondeu, um tanto pensativo:

— Haavard, o teu irmão, nosso segundo filho... era uma linda criança.

— Foi aquele dos meus irmãos que viveu mais tempo? — perguntou Cristina passados momentos.

— Sim. Viveu dois Invernos. Mas não te ponhas agora a chorar, Cristina — disse ele tranquilamente.

Nem Lourenço nem Gunnulf Nikulaussoen achavam bonito aquele nome do pequeno: Naakkve; preferiam o do baptismo, Nikulaus. Erlend sustentava que era o mesmo nome, mas Gunnulf opinava o contrário; havia nas lendas homens que se chamavam Naakkve, já no tempo do paganismo. Todavia Erlend não queria servir-se do nome que o pai usara. E Cristina adoptara para o filho o nome com que Erlend o saudara pela primeira vez.

Só uma pessoa partilhava em absoluto do parecer de Cristina: o novo capelão, Sira Eiliv, que via em Naakkve

uma criança extraordinária e prometedora. Nesse ponto, mostrava opinião igual à da mãe.

Sira Eiliv era homem baixo, delicado, com um ventrezinho proeminente que o tornava um tanto ridículo. Tinha pouca personalidade. Havia gente que falava com ele várias vezes e depois dificilmente o reconhecia, de tal forma o seu rosto era banal. Possuía os cabelos e a pele da mesma cor, semelhante a areia amarela; e os olhos redondos, azulados, sem expressão. Por natureza era calmo e tímido, mas, segundo dizia Gunnulf, tão instruído que poderia obter dignidades se fosse mais eloquente. Mas, mais do que a sua ciência, admiravam-lhe a pureza da vida, a humildade e amor profundo que devotava a Cristo e à Sua Igreja.

Pertencia a uma família pobre e, embora fosse da mesma idade de Gunnulf, parecia bastante velho. Gunnulf conhecia-o desde o tempo em que ambos frequentavam a escola de Nidaros, e falava de Eiliv com muita amizade. Erlend não achava nenhuma especialidade o padre que lhe haviam concedido para Husaby, mas Cristina simpatizou logo com ele.

Cristina continuou a habitar o mesmo quarto depois do dia da purificação. Esse dia foi-lhe penoso. Sira Eiliv acompanhou-a da porta até ao interior da igreja, mas não ousou dar-lhe a Santa Comunhão. Embora se tivesse confessado a ele, devia pedir a absolvição ao arcebispo pelo pecado que cometera, tornando-se cúmplice da morte ímpia de outra pessoa. Naquela manhã em que Gunnulf se associara à desolação de Cristina, recomendara-lhe insistentemente que, uma vez livre do perigo de morte corporal, procurasse a cura da sua alma. Mal recuperasse a saúde, devia cumprir a sua promessa a Santo Olavo. Visto que por sua intercessão lhe conservara o filho são e vivo até nascer e receber o banho baptismal, tinha ela a obrigação de ir descalça ao túmulo do santo e aí depor a sua coroa de ouro, penhor de honra das raparigas, que tão mal defendera e levara injustamente. E Gunnulf aconselhou-a a preparar-se para essa peregrinação, fazendo vida retirada, orações, leituras santas e medita-

ção, e jejum também, mas moderadamente, porque andava a amamentar o filho.

Nessa tarde, em que Cristina estava tão triste depois da sua visita à igreja, Gunnulf foi ter com ela e deu-lhe um rosário. Disse-lhe que nos países estrangeiros não só os religiosos e os padres usavam, nos exercícios de devoção, daqueles rosários. Este era muito bonito: as contas, feitas duma madeira amarelada que vinha da Índia, tinham um perfume tão doce e tão quente que podiam sugerir o que deve ser uma boa oração, dom da alma e desejo ardente de obter ajuda para levar existência agradável a Deus. Com intervalos regulares tinha contas de âmbar e de ouro, e a cruz era de belo esmalte.

Erlend contemplava a mulher com avidez quando a encontrava no pátio. Nunca lhe parecera tão bela, alta e esbelta no seu vestido simples de burel castanho. O grosseiro lenço de linho que lhe cobria os cabelos, o pescoço e os ombros, realçava-lhe ainda mais a alvura deslumbrante da pele. Quando o sol da Primavera lhe incidia no rosto, dir-se-ia que a luz lhe penetrava profundamente na pele, de tal forma ela ficava clara e radiosa; os olhos e os lábios pareciam diáfanos. Se Erlend ia ao quarto para ver o filho, Cristina baixava as longas pálpebras brancas logo que ele a fitava. Mostrava-se tão tímida, tão pura, que o marido mal se atrevia a tocar-lhe na mão. Se dava o peito a Naakkve, tapava com o lenço o pouco que ele podia ver do seu corpo branco. Parecia a Erlend que se preparavam para lhe tirar a mulher e consagrá-la a Deus.

Gracejava acerca disso, não sem certa irritação, com o irmão e com Lourenço, quando estavam só os homens reunidos à noite na sala. Husaby tornara-se numa autêntica capela de convento. Via-se ali Gunnulf e Sira Eiliv; devia-se contar o sogro como um meio-padre, e queriam fazer a mesma coisa dele. Havia, ao todo, três padres em casa. Os outros, porém, riam-se.

Nessa Primavera, Erlend Nikulaussoen ocupou-se muito da quinta. No decorrer do ano todos os muros foram reparados, e os trabalhos da lavoura acabaram-se convenientemente e a tempo. Erlend comprou gado excelente. Tivera, no ano novo, de abater grande número de animais, o que não causara grande pena, pois a maior parte do rebanho era velho. Contratou gente para destilar alcatrão e arrancar cascas de betula; os edifícios da quinta foram restaurados. Ninguém vira tanta ordem em Husaby desde o tempo em que o velho patrão, Nikulaus, estava na plenitude das suas forças. Sabiam, evidentemente, que Erlend se aconselhava com o sogro; andava sempre com ele, assim como com o irmão padre, e iam para casa dos amigos e parentes das aldeias quando precisavam resolver os seus assuntos nesses locais. Viam-no agora circular decentemente com dois ou três companheiros espertos e amáveis. Antigamente Erlend apresentava-se rodeado dum bando de estróinas indisciplinados. Assim se apaziguavam as censuras e a irritação, que tanto tempo duraram, originadas no comportamento escandaloso de Erlend e na desordem e ruína de Husaby. Todos sorriam e comentavam que a juvenil dona de Husaby obtivera belos resultados em seis meses.

Um pouco antes de dezassete de Junho, festa de Botolf, Lourenço Bjoergulfsoen partiu para Nidaros em companhia do padre Gunnulf. Seria hóspede deste alguns dias, durante os quais visitaria o santuário de Santo Olavo, antes de regressar a Joerundgaard. Separou-se da filha e do genro com sentimentos afectuosos e amigáveis.

V

CRISTINA devia ir a Nidaros três dias depois da Festa dos Mártires de Selja (8 de Julho); mais tarde a cidade azafamar-se-ia para a solenização de Santo Olavo; antes, o arcebispo estaria ausente.

Na véspera, Gunnulf chegou a Husaby, e foi com Sira Eiliv à capela para cantar as matinas. O orvalho cobria a erva como um tapete quando Cristina se dirigiu à igrejinha; mas o sol dourava as matas do cimo da montanha, e o cuco cantava na encosta. Tudo dava a entender que ia ter um tempo lindo para a sua romagem.

Não se via ninguém na capela senão Erlend e a mulher e, no altar-mor, os padres. Erlend olhou para os pés descalços de Cristina. Devia ser glacial para ela estar assim sobre a pedra. E tinha de percorrer três milhas, acompanhada só pelas suas orações. Erlend tentava elevar o seu coração para Deus como o não fazia há muitos anos.

Ela envergava túnica cinzenta, presa na cintura por uma corda. Erlend sabia que, por baixo, a mulher tinha uma camisa de estopa grossa. Escondia-lhe os cabelos um lenço de burel fortemente apertado.

Quando saíram da capela, sob o sol matinal, uma criada aproximou-se com a criança ao colo. Cristina sentou-se numa pilha de tábuas. De costas voltadas para o marido, amamentou o filho antes de se pôr a caminho. Erlend permanecia de pé, imóvel a alguma distância. De ansiedade, tinha a cara pálida e gelada.

Os sacerdotes saíram um pouco mais tarde. Haviam tirado a alva na sacristia. Pararam junto de Cristina. Sira

Eiliv partiu daí a instantes para casa, mas Gunnulf ajudou Cristina a pôr o filho, sòlidamente preso, às costas da mãe. Num saco que lhe pendia do pescoço tinha ela a sua coroa de ouro, dinheiro e um pouco de pão e de sal. Depois de pegar no cajado, inclinou-se profundamente diante do padre e começou, silenciosa, a seguir o caminho que subia na direcção do Norte, através da floresta.

Erlend continuava imóvel, de rosto muito pálido. De súbito, desatou a correr. Ao norte da capela havia uns montículos com raquíticos tufos de erva e sebes de zimbros e de tenras bétulas roídas pelos animais. Os pastores gostavam muito daquele sítio. Erlend caminhou, apressado, para ali, donde podia ainda ver Cristina um momento antes que ela desaparecesse na floresta.

Gunnulf subiu, devagar, atrás do irmão. O padre parecia muito alto e escuro na claridade matutina. Mostrava-se também bastante pálido.

Erlend ali ficou, com a boca entreaberta; corriam-lhe lágrimas pelas faces brancas. De repente, dobrou-se para diante, ajoelhou, e lançou-se ao comprido na erva rasteira, soluçando e arrancando, num movimento contínuo e desesperado, as estevas floridas, com os dedos longos e morenos.

Gunnulf conservava-se de pé, sem se mover. Olhava para o homem, depois para a floresta distante onde a mulher desaparecera.

— Gunnulf... era necessário impor-lhe esta prova?... Era necessário? — repetiu ele. — Não podias tu mesmo absolvê-la?

Gunnulf não respondeu. Então Erlend continuou:

— Confessei-me e paguei o que me exigiram. Por ela paguei trinta missas e orações de aniversário e uma sepultura em campo sagrado. Confessei o meu pecado ao bispo Helge e fui em peregrinação a Schwerin, ao Divino Sangue. Isto não podia ser descontado a Cristina?

— Mesmo que o fizesses, embora oferecesses a Deus um

coração contrito e obtivesses completa reconciliação com Ele, compreendes bem que te deves ainda esforçar, durante dias e anos, por apagar os vestígios do teu pecado. Do que acontece agora àquela que é tua mulher, tu é que és o culpado, visto que a arrastaste primeiro para uma vida impura e depois para o homicídio; disto não a podes absolver, só Deus é que pode. Roga ao Senhor que estenda a Sua mão sobre ela, já que te não é permitido acompanhá-la e protegê-la. E não esqueças, irmão, enquanto ambos vós viverdes, que viste tua mulher partir assim da quinta... mais por causa dos teus pecados do que pelos dela.

Erlend disse, passados momentos:

— Jurei, pelo nome de Deus e pela minha fé cristã, antes de a desonrar, que jamais teria outra mulher, e ela prometeu-me que nunca tomaria outro homem enquanto vivêssemos neste mundo; se alguém casasse depois disto com outra pessoa, viveria em concubinagem a seus olhos. Cristina não pôde, pois, cometer um pecado entregando-se a mim...

— O pecado não foi viver com ela. Se conseguisses fazê-lo sem lesar o direito doutra mulher... mas arrastaste-a para rebelião culpável contra todos aqueles que Deus colocara acima dela e, finalmente, tornaste-a cúmplice do crime de homicídio. Já to disse no dia em que falámos deste assunto: é por esta razão que a Igreja regulamentou o casamento e quis que fosse publicado e que nós, os padres, não podemos unir um homem e uma rapariga contra vontade da família.

Gunnulf sentou-se, juntou as mãos sobre os joelhos e fixou o olhar na aldeia inundada de sol onde a lagoa brilhava, muito azul, ao fundo do córrego.

— Devias, no entanto, saber, Erlend (tu que semeaste silvados, espinhos e ortigas em tua volta) que não podias atrair para ti uma rapariga sem que ela se arranhasse e ficasse coberta de sangue e de feridas...

— Vieste em meu auxílio mais de uma vez, irmão, na época em que eu estava com Eline — disse Erlend docemente. — Jamais o esquecerei...

— Não creio que te ajudasse — respondeu Gunnulf, cuja voz tremia — se houvesse previsto que terias coragem de te comportares assim com uma rapariga pura e bondosa, uma criança comparada contigo.

Erlend não respondeu.

— Nesse tempo, em Oslo, nunca pensaste no que seria de Cristina se ela tivesse um filho enquanto vivia no convento? — perguntou Gunnulf com doçura. — E ela estava noiva de outro; o pai era homem orgulhoso e susceptível em tudo o que dizia respeito à honra, e todos os seus parentes, pessoas importantes, pouco dispostos a tolerar a vergonha.

Erlend voltara a cabeça:

— Bem deves calcular que pensava nisso!... Munan prometera ocupar-se dela. E eu disse-o a Cristina...

— Munan! Pois atreves-te a falar da honra de Cristina a um homem como Munan!

— Ele não é como tu julgas — retorquiu Erlend secamente. — Além disso, Catarina é nossa parenta. Claro que não era para a levar para qualquer das outras quintas de Munan, onde ele tem as amantes... — Erlend bateu no solo com a mão, a pontos de se lhe sangrarem as articulações. — Parece que é o diabo em pessoa quem se mete nos assuntos quando uma mulher se vai confessar ao irmão do marido...

— Ela não se confessou a mim — replicou o padre — e eu não sou o vosso pároco. Cristina queixou-se-me, amargurada e infeliz, e eu tentei valer-lhe, dando-lhe as consolações e os conselhos que julguei melhores.

— Bem, bem. — Erlend voltou a cabeça e olhou para o irmão. — Sei perfeitamente que não a devia ter obrigado a vir a casa de Brynhild...

Gunnulf guardou silêncio uns instantes:

— A casa de Brynhild Fluga?...

— Sim. Então ela não te disse, visto que te contou o resto?

— Sem dúvida já é bastante duro para Cristina dizer uma coisa dessas do marido, no confessionário — retorquiu o

padre um momento depois. — Creio que ela preferia morrer a declarar isso noutro lugar... — Gunnulf fez uma pausa e, em seguida, acrescentou com dureza e vivacidade: — Se pensavas, Erlend, que eras seu marido perante Deus, e aquele que a devia proteger e defender, nesse caso o teu procedimento ainda me parece pior. Atraíste-a para bosques e granjas, levaste-a a transpor o limiar da porta duma meretriz. E, por fim, conduziste-a para casa de Bjoern Gunnarsoen e da Aashild...

— Não deves falar dessa maneira da tia Aashild — volveu Erlend em voz baixa.

— Noutros tempos (tu mesmo é que o disseste) acreditavas que a tia fosse a causadora da morte do nosso tio. Ela e esse tal Bjoern...

— Pouco me importo... — replicou Erlend vivamente. — Gosto da tia Aashild...

— Já o tinha percebido — atalhou o outro, esboçando um sorriso irónico. — Por isso, não viste inconveniente em que ela se encontrasse com Lourenço Bjoergulfssoen, depois de partires com a filha dele. Parece, Erlend, que, na tua opinião, a tua amizade vale a pena de ser paga bem cara...

— Jesus! — Erlend escondeu o rosto nas mãos.

O padre, porém, continuou:

— Se visses o abatimento moral de tua mulher, arrepiada de horror perante os seus pecados, sem confissão e sem consolo!... Ia dar à luz um filho, a morte rondava-a... Ela própria era uma criança, e tão infeliz!

— Bem sei, bem sei! — exclamou Erlend estremecendo. — Sei no que ela pensava no meio das suas dores. Em nome de Deus, Gunnulf, não digas mais nada. Sou teu irmão!

Mas Gunnulf continuou sem contemplações:

— Se eu fosse um homem como tu, e não um padre, e que tivesse seduzido uma rapariga tão nova e tão gentil, livrar-me-ia da outra. Deus me valha! Mais depressa teria feito o que a tia Aashild fez ao marido, ter-me-ia submetido a ir para o inferno eternamente, do que suportaria que a

tua inocente e querida amiga sofresse tudo aquilo que lhe causaste...

Erlend ficou calado alguns instantes, a tremer.

— Dizes que és padre — começou ele por fim em voz baixa. — Serás porventura sacerdote tão puro que nunca pecasses com uma mulher?

Gunnulf nem relanceou os olhos para o irmão. Passou-lhe no rosto um rubor.

— Não tens o direito de me fazer semelhante pergunta; no entanto, responder-te-ei. Aquele que morreu por nós na cruz sabe quanto necessito da Sua misericórdia. Mas digo-te, Erlend: mesmo que não houvesse no mundo uma só criatura pura e sem pecado, mesmo que não existisse na Santa Igreja um só padre mais fiel e mais digno do que eu, miserável traidor ao meu rei, continuariam, ainda assim, os mandamentos e a lei do Senhor a serem ensinados por Ela. O Evangelho não pode ser maculado pela boca dum sacerdote impuro, não pode senão queimar e consumir os lábios dele. Talvez não compreendas. Mas o que sabes tão bem como eu, ou qualquer infame escravo do Demónio resgatado pelo sangue divino, é que a lei de Deus não é possível ser abalada nem a Sua glória diminuída, da mesma forma que o Sol é tão poderoso quando brilha sobre o mar ou nas montanhas desnudadas, como nestas aldeiazinhas.

Erlend escondera a cara nas mãos. Permaneceu assim muito tempo, mas, quando falou, a sua voz foi seca e dura:

— Padre ou não, se não és um puro entre os puros, porque não me compreendes?... Farias o que a tia Aashild fez ao marido, a uma mulher que tivesse dormido nos teus braços e que te houvesse dado dois filhos?

Gunnulf ficou calado um momento. Depois, retorquiu com certa ironia:

— Apesar disso, não julgas tão severamente a tia Aashild?

— O caso não seria sem dúvida o mesmo para um homem e para uma mulher. Recordo-me da última vez que eles vie-

ram a Husaby; Bjoern acompanhava-os. Estávamos sentados junto da lareira com a mãe e com a tia; Bjoern tocava harpa e cantava para elas ouvirem. O tio Baard chamou então a tia Aashild; ele estava na cama e queria que a mulher se fosse deitar; empregava palavras ultrajantes e horríveis. A tia levantou-se e Bjoern também; este saiu da sala, mas, antes, trocaram um olhar. Lembrei-me disto mais tarde, quando já tinha idade para compreender... Pedira que me deixassem alumiar Bjoern até ao sótão onde ele ia dormir; mas não ousei nem tive também coragem de me deitar na sala; corri para o quarto dos escudeiros e aí fiquei. Pelo nome de Deus, Gunnulf, não pode acontecer a um homem o que aconteceu à tia Aashild naquela noite... Não, Gunnulf, matar uma mulher... só se a surpreendesse com outro...

Em todo o caso, ele fizera isso. No entanto, Gunnulf não se atrevia a dizê-lo ao irmão. Então o padre perguntou friamente:

— Também não é verdade que Eline te foi infiel?

— Infiel? — Erlend voltou-se para o irmão com um movimento brusco e ardente. — Achas que eu devia considerar um crime ter-se ela afeiçoado a Gissur depois de eu lhe declarar tantas vezes que tudo acabara entre nós?

Gunnulf baixou a cabeça.

— Não. Tens razão — disse ele em voz baixa e fatigada.

Mais forte por aquela leve aprovação, Erlend animou-se. Lançou a cabeça para trás e olhou para o padre:

— Tens tantas atenções para Cristina, Gunnulf! Toda a Primavera estiveste por assim dizer debruçado sobre ela... talvez mais do que convém a um irmão e a um sacerdote. Dir-se-ia que ma cobiças. Seria por causa do estado em que ela se encontrava quando a viste pela primeira vez?... Poder-se-ia acreditar...

Gunnulf fitou-o demoradamente. Exasperado sob o olhar do irmão, Erlend pôs-se de pé num salto. Gunnulf ergueu-se também. Como este continuasse a fitá-lo, Erlend levantou a mão para ele. O padre agarrou-lhe no punho. Erlend tentou

arremessar-se sobre o irmão, mas Gunnulf estava inabalável.

Bruscamente, Erlend acalmou-se:

— Devia lembrar-me que és sacerdote.

— Não te emendas — disse Gunnulf com um leve sorriso.

Erlend friccionava o punho.

— É verdade, sempre tiveste nas mãos uma força dos diabos...

— Como quando éramos pequenos... — A voz de Gunnulf tornou-se terna e doce. — Muitas vezes pensei, durante os anos em que estive longe... na nossa infância. Frequentemente nos zangámos, Erlend, mas as zangas nunca duravam muito tempo.

— Agora, Gunnulf — disse Erlend com tristeza —, já não será como em crianças.

— Não — respondeu o outro, com calma. — Agora, já não pode ser assim.

Houve um longo silêncio. Por fim, Gunnulf prosseguiu:

— Vou partir, Erlend. Despedir-me-ei de Eiliv, e depois vou-me embora. Irei para casa do padre de Orkedal; não porei os pés em Nidaros enquanto ela lá estiver.

Erlend sorria com doçura.

— Não tinha semelhante ideia... Não me deixes assim...

Gunnulf não se movia. Respirou fundo duas ou três vezes antes de dizer:

— Há uma coisa que quero que saibas de mim, Erlend, assim como estás ao facto do que conheço da tua vida. Senta-te.

O padre sentou-se como antes. Erlend estendeu-se em frente dele, com a mão sob o queixo, de olhos fitos na cara estranhamente rígida do irmão.

— Gunnulf, que me queres confessar? — perguntou ele com um leve sorriso.

— O seguinte — disse Gunnulf em voz baixa. Calou-se durante momentos. Erlend viu-o mexer os lábios e apertar contra os joelhos as mãos cruzadas.

— De que se trata? — Esboçou um sorriso fugitivo. — Julgo que nunca tiveste... nem uma mulher bonita dos países meridionais...

— Não — disse o padre. A sua voz tornara-se duma estranha aspereza. — Não se trata de amor... Sabes, Erlend, como entrei para o sacerdócio?

— Sei, sim. Os nossos irmãos morreram e os pais pensaram que também nos iam perder a ambos...

— Não, Munan achava-nos saudáveis. Gaute não estava doente, morreu no Inverno seguinte. Tu é que adoeceste então, e a mãe prometeu consagrar-me a Santo Olavo se ele te salvasse...

— Quem to disse?

— Ingrid, a minha ama.

— É que eu seria um presente singular para Santo Olavo — replicou Erlend com um sorriso breve. — Comigo, ficaria muito mal servido... Mas tu disseste que te sentias feliz por estares destinado ao sacerdócio desde criança...

— É certo. Mas nem sempre foi assim. Lembro-me do dia em que partiste a cavalo de Husaby na companhia de Munan Baardsoen a fim de ires ter com o rei, nosso parente, e te pores à sua disposição. O cavalo caracolava e as tuas armas, novinhas em folha, reluziam. E eu... nunca usaria armas. Eras belo, irmão; tinhas apenas dezasseis anos, mas já compreendera que as mulheres te amavam.

— Esse tempo delicioso não durou nada — replicou Erlend. — Aprendi a defender-me, a praguejar e a recorrer por acaso ao punhal quando manejava a espada. Depois fui mandado para o Norte, onde a encontrei; expulsaram-me vergonhosamente e o nosso pai fechou-me a porta na cara.

— E deixaste o país com uma linda mulher — atalhou Gunnulf no mesmo tom calmo. — E soubemos que o conde Jacob te nomeara capitão...

— Oh! A realidade não seria tão brilhante como julgáveis...

— Tu e o pai não éreis amigos; mas ele não fazia bas-

tante caso de mim para que pudesse sequer haver inimizade entre nós. A mãe estimava-me, bem no sei, mas muito pouco em relação a ti: percebi isto quando te foste embora. Tu eras o único que me tinhas verdadeira afeição. E Deus sabe que te considerava o melhor amigo do mundo. Mas, na época em que eu era novo e irreflectido, chegava a pensar que tinhas sido muito mais favorecido do que eu. Agora, já te fiz a minha confissão, Erlend!

Este continuava de cara voltada para o chão.

— Não te vás embora, Gunnulf — suplicou ele.

— Vou! Já falámos de mais. Espero que Deus e a Virgem Maria nos concedam a graça de nos encontrarmos em melhor ocasião! Até à vista, Erlend!

— Até à vista — retorquiu Erlend sem erguer os olhos.

Quando Gunnulf, algumas horas mais tarde, saiu com o seu fato de viagem da casa do padre, viu um cavaleiro a galopar através das terras em direcção à floresta. Um arco pendia-lhe do ombro. Corriam três cães ao lado do cavalo. Era Erlend.

Cristina caminhava rápida pelo carreiro da floresta, atravessando a montanha. O Sol ia alto e os cimos dos pinheiros destacavam-se, luzentes, no céu estival, mas o bosque conservava ainda a frescura da manhã. O ar estava impregnado do aroma da resina, da terra lamacenta e das estevas em flor, cujas campainhas dobradas, dum vermelho claro, se elevavam de todos os tufos de erva; a vereda, coberta de relva húmida, era macia e fofa ao pisar. Cristina ia recitando as suas orações e, de quando em quando, erguia o olhar para as nuvenzinhas brancas, prenunciadoras de bom tempo, que se espreguiçavam no azul do céu por cima da copa das árvores. Não cessava ela de pensar em Frei Edvin, que assim caminhara, desde o princípio da Primavera ao fim do Outono, pelos atalhos da montanha, entre brancos montes de neve. Abrigara-se em cabanas, bebera água dos regatos, comera o pão que lhe ofereciam os vaqueiros e os guardadores de cava-

los, e, à despedida, invocava a paz e a bênção divina para aquela gente e para o seu gado. Pelas vertentes rumorosas das florestas, o monge descia para o vale; alto e curvado, de cabeça baixa, seguia pelos pascigos, passava defronte das quintas e das casas, e por toda a parte aonde ia deixava atrás de si, como adeuses, as suas caridosas preces por todos os homens.

Cristina não viu gente nem animais, à excepção de uma ou outra vaca; no flanco da montanha havia cabanas. Mas o caminho era escabroso, com pontes de troncos de árvores sobre pântanos. Cristina nada receava! Parecia-lhe que o frade caminhava invisível a seu lado. «Frei Edvin, se é verdade que és santo e que estás na presença de Deus, pede por mim!»

«Jesus! Santa Maria! Santo Olavo!»... Desejava ardentemente o fim da sua viagem, para se livrar da carga de pecados escondidos durante anos, do peso das missas e dos ofícios que ela roubara, sem confissão nem penitência; aspirava a libertar-se, a purificar-se, mais do que desejara descarregar-se do fardo que a afligira na Primavera, quando trazia o filho nas entranhas.

Ele dormia tão sossegado, tão confiante, nas costas da mãe! Não acordou antes que ela transpusesse a floresta e descesse às quintas de Snefugl donde se distinguia Budvik e o braço do fiorde que banha Saltnes. Cristina sentou-se num recanto, pôs em cima dos joelhos a trouxa que continha o seu menino e desenlaçou o corpete. Era bom apertá-lo de encontro a si, era bom estar sentada, era uma sensação divina, em todo o corpo, sentir esvaziar os seios, duros como pedra e cheios de leite, enquanto o filho mamava.

Em baixo, via ela a aldeia tranquila, banhada de sol, com terras esverdinhadas e campos dourados no meio da floresta sombria. Aqui e ali elevava-se um fumozinho dos telhados. Em certos sítios, principiara a ceifa do feno

Ela atravessaria em barco, da praia de Saltnes até Steine. As aldeias eram-lhe agora absolutamente desconhecidas.

Por cima da ponte de By o carreiro passou entre quintas, depois surgiu outra vez a floresta, mas as distâncias não pareciam tão grandes entre as casas. Cristina sentia-se muito cansada. Pensava, porém, nos pais; tinham percorrido, descalços, todo o caminho desde Joerundgaard até Nidaros, levando Ulvhild numa padiola. Ela não tinha o direito de achar pesado o seu pequenino Naakkve.

Sentia horríveis comichões na cabeça porque transpirava sob o espesso lenço de burel. E em volta da cintura, onde a corda lhe prendia o vestido, a camisa estragara-se de encontro à pele a ponto de estar, certamente, esburacada.

O movimento, no caminho, tornava-se mais intenso. De tempos a tempos, num sentido ou noutro, passavam cavaleiros. Cristina encontrou um carro de camponeses que levavam mercadorias para a cidade. As pesadas rodas inteiriças gemiam e davam solavancos nas raízes e nas pedras. Dois rapazes conduziam um rebanho. Distraíram-se a olhar para a juvenil peregrina pelo facto de ela ser bonita; naquelas regiões o povo está habituado a tais viandantes. Mais adiante, viu homens a construírem uma casa de madeira um pouco afastada do caminho; chamaram-na e um velhote correu atrás dela para lhe oferecer cerveja. Cristina aceitou, bebeu e agradeceu com as palavras que os pobres lhe diziam geralmente quando era ela a dar a esmola.

Momentos mais tarde, teve de descansar outra vez. Encontrou perto da estrada uma ladeirinha verdejante onde deslizava um regato. Cristina depôs o seu menino na erva; Naakkve acordou e soltou tais gritos que ela acelerou distraidamente as orações que recitava. Depois colocou o filho no regaço e desprendeu-lhe o cueiro; Cristina tinha pouca roupa para lhe mudar; lavou a que se sujara e pô-la a secar num declive pedregoso aquecido pelo sol. Enrolou, sem as apertar, as faixas em volta do menino. Parecia estar deliciado, assim estendido, enquanto a mãe lhe dava o peito. Cristina contemplava enlevada os membros finos e rosados do filho,

e apertava-lhe uma das mãos entre os seios enquanto o amamentava.

Passavam dois cavaleiros a galope. Cristina olhou-os furtivamente: um senhor e o seu escudeiro. Mas, de repente, o homem parou o cavalo, apeou-se e dirigiu-se para o lugar onde ela estava sentada. Era Simão Andressoen.

— Contraria-te o facto de eu vir cumprimentar-te? — perguntou ele.

De pé, segurando na rédea do cavalo, abaixava o olhar para ela. Tinha fato de viagem, véstia de couro sem mangas sobre um gabão de linho azul; na cabeça trazia um barrete de seda; a cara, afogueada, reluzia de suor.

— Não esperava ver-te aqui... mas talvez não queiras falar comigo?

— Que ideia!... Que foi feito de ti?

Cristina meteu debaixo do vestido os pés descalços e tentou afastar o filho do peito. Mas o nené abriu a boca e desatou em tal berreiro que ela teve de tornar a dar-lhe o seio. Tapou-o o melhor que pôde com o vestido e abaixou os olhos.

— É teu? — indagou Simão apontando para Naakkve. — A minha pergunta foi tola — acrescentou a rir. — É decerto um rapaz. Que sorte tem Erlend Nikulaussoen!

Amarrara o cavalo a uma árvore; sentou-se então numa pedra, a alguma distância de Cristina. Com a espada entre os joelhos, apoiou as mãos sobre o punho e remexeu a terra com a conteira.

— Foi uma surpresa encontrar-te ao norte dos Dofrines, Simão — começou Cristina, para dizer qualquer coisa.

— Efectivamente eu antes não tinha negócios a tratar neste canto da terra.

Cristina lembrou-se de ouvir contar, no festim dado à sua chegada, que o filho mais novo de Arne Gjavvaldsoen de Ranheim ia casar com a filha de André Darre. Por isso perguntou a Simão se estivera em casa deles.

— Já sabes?... — inquiriu ele. — Evidentemente que a notícia se espalhou pelas aldeias.

— É pois verdade que Gjavvald vai casar com Sigrid? Simão ergueu os olhos e mordeu os lábios.

— Vejo que não estás ao corrente de tudo.

— Não deixei Husaby em todo o Inverno. Ouvi falar, por alto, desse casamento...

— Assim como assim, podes ouvi-lo da minha boca: os zunzuns acabarão por chegar aqui... — Fez uma pequena pausa. — Gjavvald morreu em meados de Outubro, duma queda de cavalo, em que quebrou a coluna vertebral. Recordas-te daquele sítio, precisamente antes de entrarmos em Dyfrin, onde o caminho passa a leste do rio e onde a ribanceira cai a prumo? Não, não te lembras. Íamos para a festa dos esponsais; Arne e os filhos tinham vindo em barco até Oslo.

Simão calou-se.

— Sem dúvida, Sigrid estava contente por casar com Gjavvald? — perguntou Cristina timidamente.

— Estava, sim... E teve um filho dele... no dia da festa dos santos Apóstolos, nesta Primavera.

— Oh, Simão!

Sigrid Andresdatter possuía uma carinha redonda emoldurada por caracóis castanhos. Quando ria, fazia covinhas nas faces. Simão também tinha covinhas e dentes brancos de criança. Cristina lembrava-se de que, na época em que os seus sentimentos pelo noivo haviam esfriado, aquilo lhe parecera pouco viril, sobretudo depois de travar conhecimento com Erlend. Sigrid e Simão pareciam-se muito, mas a ela ficava bem ser rechonchuda e risonha. Tinha então catorze anos. Cristina nunca ouvira riso tão alegre como o de Sigrid. Simão serrazinava a irmãzinha e não cessava de gracejar com ela. Cristina percebera que era a preferida dos irmãos.

— Sabes que Sigrid foi sempre a predilecta do pai — disse Simão. — Quis que ela e Gjavvald tivessem tempo de se estudarem e de saberem se poderiam entender-se, antes de concluir esse assunto com Arne. E foi o que eles fizeram... levando as coisas longe de mais, na minha opinião.

Os seus encontros passavam-se em travessuras, risos e gracejos; foi no ano passado nos Dofrines. Eles, porém, eram tão novos! Ninguém calculava aquilo. E sabes que Astrid já estava noiva quando tu e eu... Ela nada objectava a isso; aliás Torgrim é muito rico, e amável, de certa maneira... Mas agora rabuja por tudo e por nada e pensa que tem todas as doenças que possuem nome na nossa língua. Ficámos, pois, satisfeitíssimos por ver Sigrid tão feliz pelo casamento que ia realizar... Em seguida àquilo, levámos Gjavvald para a quinta... Halfrid, minha mulher, fez tudo para a trazer connosco para a nossa casa de Mandvik. Depois, viu-se que ela não sobrevivera sòzinha a Gjavvald...

Calou-se. Cristina disse então docemente:

— Não é uma viagem de recreio que fazes, Simão!

— Oh! Claro que não é. Mas começo a habituar-me a correr os caminhos por motivos dolorosos, Cristina. Além disso, era eu o mais indicado para tratar deste assunto; o pai não tinha ânimo, e Sigrid e o pequerrucho estão em casa. Mas ele agora vai tomar o lugar do pai na sua família, e percebi, quando os vi todos, que não considerarão indesejável o pobre do miúdo, quando ele lá chegar.

— E a tua irmã? — interrogou Cristina com certa angústia. — Onde é que vai morar?

Simão baixou os olhos.

— O pai quer tê-la consigo em Dyfrin — disse ele em voz baixa.

— Simão! Terás coragem para concordar com isso?

— Compreendes bem — retorquiu ele sem erguer os olhos — a enorme vantagem que há para o pequeno se entrar já na família do pai. Halfrid e eu gostaríamos de ficar com ambos em nossa casa. Nenhuma irmã é mais afectuosa e devotada do que Halfrid o é para Sigrid. Não julgues que fomos severos para com ela. O pai também não o foi, mas este incidente acabrunhou-o. Seria, porém, uma injustiça se algum de nós se opusesse a que a inocente criança herdasse os bens e os direitos do lado do pai.

O nené de Cristina largou o seio. A mãe puxou vivamente o vestido para o peito e apertou, estremecendo, o filho de encontro a si. Ele deu dois ou três soluços de satisfação e o leite escorreu-lhe da boca para o fato e para as mãos da mãe.

Simão lançou-lhes um olhar furtivo e disse, meio a sorrir:

— Tu, Cristina, tiveste mais sorte do que minha irmã.

— Sim, tens o direito de pensar que foi um acaso injusto que eu me casasse e que o meu filho seja legítimo. Talvez merecesse ficar solteira, com um bastardo.

— Isso seria a pior notícia que eu poderia saber — disse Simão. — Regozijo-me com tudo o que te acontece de bom, Cristina — ajuntou em voz baixa.

Um momento depois, informou-se do caminho. Viera de barco desde Tunsberg.

— Vou agora continuar a cavalo e juntar-me ao meu escudeiro...

— É Finn quem te acompanha?

— Não. Finn casou-se; já não está em minha casa. Recordas-te dele, nesse caso?— perguntou Simão com certa alegria na voz.

— O filho de Sigrid é bonito?—inquiriu Cristina olhando para Naakkve.

— Dizem que sim. Eu é que acho que um pequeno de cueiros se parece com todos os outros.

— Então é porque não tens filhos.

— Não — respondeu ele sucintamente.

Despediu-se e afastou-se a cavalo.

Quando Cristina prosseguiu no seu caminho, não pôs o filho às costas. Levou-o nos braços, bem encostado ao peito. Não podia desviar o pensamento de Sigrid Andresdatter.

O pai não teria procedido daquela maneira. Lourenço Bjoergulfsoen mendigar, para o bastardo da filha, um lugar entre os parentes paternos! Seria incapaz de semelhante

acção. E nunca, nunca ele teria coragem de a separar do seu menino, de arrancar um filho ao seio da mãe quando tinha ainda nos lábios inocentes o leite daquela que o criava. «Não, meu Naakkve, ele não teria ânimo de fazer tal coisa; nem que isso fosse mil vezes justo, meu pai não o faria...»

Ela, contudo, não conseguia expulsar uma imagem do seu espírito: um grupo de cavaleiros galopando para o Norte, em direcção à quinta de Rosten, lá onde o vale se estreita e as montanhas estão perto uma da outra, negras de florestas. Eleva-se um sopro gelado do rio que rola com fragor sobre pedras lisas, esverdinhado e escumante, com buracos negros aqui e ali. Aquele que lá cai fica logo triturado entre os escolhos... Jesus! Nossa Senhora!...

Cristina evocava as terras de Joerundgaard, por uma clara noite de Estio; via-se a resvalar pela encosta verdejante, sob a mata de amieiros, até à beira do rio onde costumavam lavar roupa. A água corria com um rumor monótono sobre um leito de enormes pedras lisas.—Meu Deus! É mais forte do que eu!... Contudo, meu pai não teria coragem de proceder daquela maneira! Nem que se tratasse duma coisa justa, ele não chegaria a esse extremo! Eu ter-lhe-ia pedido, suplicado de joelhos: Pai, não me separes do meu filho!...

Cristina encontrava-se no cimo da colina de Feginsbrekke. Em baixo, estendia-se o Trondhjem dourado e brilhante à luz da tarde. Para além dos largos arabescos cintilantes do rio, via ela herdades, cúpulas sombrias de verdura nos jardins, casas de pedra com empenas recortadas, igrejas que erguiam as suas torres negras para o céu, outras cujos telhados tinham o tom fosco do chumbo. Mas por cima do campo verdejante, dominando a cidade magnífica, elevava-se o templo de Cristo, tão luminoso de poder e de esplendor que tudo parecia prostrado a seus pés. Com o sol da tarde a incidir na fachada e nos vitrais resplandecentes, com as suas torres, com as suas flechas vertiginosas e os seus cataventos dourados, destacava-se na claridade do céu estival.

De redor sucediam-se as aldeias no meio da verdura, com belas e grandes herdades, sobre as encostas. Em frente abria-se o fiorde vasto e límpido, com sombras moventes de nuvens que passavam por cima das montanhas azuis da margem oposta. A ilhota do convento, semelhante a uma grinalda verde e florida, emergia ao nível do mar. Tantos barcos sobre os bancos de areia, tantas casas lindas!

Sufocada, com a garganta pejada de soluços, Cristina deixou-se cair aos pés da cruz, à beira do caminho, onde milhares de peregrinos haviam dado graças a Deus por se terem as Suas mãos compassivas estendido sobre os homens durante a viagem deles através do mundo perigoso e sedutor.

Os sinos tocavam a vésperas nas igrejas e nos conventos quando Cristina entrou no cemitério que rodeia a catedral. Num momento, ousou erguer os olhos para o pórtico ocidental da igreja, depois baixou as pálpebras, deslumbrada.

Não fora só com as suas forças que os homens tinham realizado aquela obra. O espírito de Deus descera em Santo Oeistein e, depois dele, na alma das criaturas que haviam construído a casa do Senhor. «Venha a nós o vosso reino, faça-se a vossa vontade assim na terra como no céu»... Estas palavras, ela compreendia-as agora. Um reflexo do esplendor do reino divino testemunhava, na pedra, que a Sua vontade aparecia em tudo o que era belo. Cristina tremia. Sim, Deus devia afastar-se irado de toda a fealdade, do pecado, da vergonha, da impureza.

Nas galerias do palácio celeste havia santos e santas, tão belos que ela nem se atrevia a contemplá-los. As vinhas simbólicas da eterna juventude entrelaçavam-se, serenas e gráceis, em direcção ao céu; emolduravam as torres, abriam-se, desabrochavam no tabernáculo de pedra. Por cima do pórtico central elevava-se Cristo na cruz com a Virgem e São João Evangelista a seu lado; eram brancos, como que modelados em neve, e o ouro resplandecia nessa alvura.

A rezar, três vezes deu ela a volta à igreja, e viu muros imponentes, com uma opulência de colunas soberbas, arcos,

vitrais reluzindo por baixo dos vastos declives dos telhados, o brilho da torre e do ouro da flecha que apontava para os espaços celestes .. Cristina sentia-se esmagada pelo peso do seu pecado.

Tremia ao beijar a pedra esculpida do pórtico. Num lampejo reviu as imagens de madeira escura que ornavam a porta da igreja da sua aldeia natal e que ela beijara com os seus lábios de criança, em seguida ao pai e à mãe.

Aspergiu-se com água benta, a si e ao filho, lembrando-se dos tempos em que o pai assim fazia, quando ela era pequena. Com o seu menino apertado ao peito, avançou pela igreja dentro.

Dir-se-ia entrar numa floresta. As colunas eram caneladas como árvores vetustas e, no interior da floresta, a luz filtrava, multicolor e límpida como um cântico pelos vitrais historiados. Lá no alto, por cima dela, brincavam homens e animais entre folhagens de pedra, e anjos tocavam de redor. Abóbadas que se erguiam a alturas ainda mais vertiginosas elevavam o templo para Deus. Numa das naves laterais celebrava-se um ofício no altar. Cristina ajoelhou junto duma coluna. O cântico impressionava-a como uma luz muito foter. Ela via agora quanto se enterrara no pó...

Pater noster. Credo in unum Deum. Ave Maria, gratia plena... Cristina aprendera as suas orações recitando-as conforme faziam os pais, antes de compreender delas uma só palavra; isso ia tão longe, que não conseguia lembrar-se. Jesus! Existiria uma pecadora como ela?

Sob o arco triunfal, acima dos homens, erguia-se Cristo crucificado. Sua mãe, aquela Virgem toda pureza, estava ali de pé, numa angústia, a contemplar o Filho inocente que haviam martirizado até à morte como um malfeitor.

E Cristina, ajoelhada, tinha nos braços o fruto do seu pecado. Apertava-o de encontro a si; era fresco e rosado como uma maçã; acordara e fitava-a com os seus olhos claros e meigos.

Concebido no pecado... Trazido sob o seu coração duro

e perverso... Tirado dos seus membros maculados pelo pecado, e tão alvo, tão perfeito, tão indizivelmente terno, fresco e puro! O coração despedaçava-se-lhe ao pensar nessa graça imerecida; o arrependimento vencia-a e as lágrimas brotavam-lhe da alma como duma ferida mortal.

«Naakkve, Naakkve, meu menino... Deus castiga nos filhos a perversidade dos pais. Não o sabias? Sim, sabia-lo. Mas não tive piedade nenhuma da vida inocente que ia nascer da minha carne e ser maldita e supliciada por causa do meu pecado... Tive remorsos quando te trazia nas entranhas, filho bem-amado? Oh! não. Não era remorso. O desgosto e e os maus pensamentos endureciam-me o coração no momento em que senti pela primeira vez que te movias, pequenino e sem defesa... *Magnificat anima mea Dominum. Et exultavit spiritus meus in Deo salutari meo*... Era assim que falava a doce Rainha da humanidade, quando foi escolhida para mãe de Aquele que devia morrer pelos nossos pecados. Não me lembrei do Redentor do meu pecado e do meu filho. Oh! não, não sentia arrependimento, mas fazia-me fraca e miserável, e suplicava a Deus que revogasse a Sua ordem de justiça porque, se Ele mantivesse a sua lei e me punisse segundo a palavra que eu dia a dia ouvira, não o poderia suportar.»

Tinha agora a certeza. Sempre tivera fé em Deus e em Santo Olavo como no próprio pai. Sempre, no fundo do seu coração, esperara que no momento em que o castigo se tornasse intolerável, encontraria não a justiça, mas a piedade!...

Chorava de tal forma que não tinha coragem de se levantar ao mesmo tempo que todos os assistentes durante o ofício; conservava-se ajoelhada, dobrada sobre o filho. Junto dela estavam outras pessoas que também se não punham de pé: duas camponesas bem vestidas com um rapazinho entre elas.

Cristina ergueu os olhos para o altar-mor. Por trás do gradeamento dourado das portas brilhava na penumbra o caixão de Santo Olavo, dominando o altar. E sentiu um frio

glacial correr-lhe ao longo das costas. Era ali que se encontrava o corpo do santo, à espera do dia da ressurreição. A tampa saltaria então e Santo Olavo erguer-se-ia. Empunhando o seu machado, atravessaria aquela nave. E, dos jazigos de pedra, da terra, de todos os cemitérios da Noruega, surgiriam os esqueletos amarelecidos dos mortos que revestiriam a sua carne e rodeariam o seu rei. Aqueles que se esforçaram por caminhar sobre as pegadas sangrentas do santo e os outros que apenas recorreram a ele para que os aliviasse dos fardos do pecado, dos desgostos e das doenças que suportaram nesta vida por eles próprios e pelos filhos, comprimem-se agora em volta do seu rei e pedem-lhe que lembre a Deus a miséria deles. «Senhor, escutai o que imploro de Vós para este povo que me foi tão querido, que preferiu sofrer o desterro, a ruína, o ódio e até a morte a ver crescer homem ou mulher na Noruega que não soubesse que morrestes pela salvação de todos os pecadores. Senhor, que nos ordenastes que fôssemos pelo mundo e fizéssemos de todos os povos vossos discípulos, foi com o meu sangue que eu, Olavo Haraldsoen, escrevi a vossa mensagem em língua norueguesa para os meus pobres súbditos que aqui estão».

Cristina fechou os olhos, invadida de vertigem e de mal-estar. O vulto do rei estava defronte dela; o olhar brilhante penetrava-lhe até ao fundo da alma; ela tremia perante Santo Olavo.

«Na tua aldeia nortenha, Cristina, onde descansei quando os meus próprios compatriotas me expulsaram das minhas terras por não quererem aceitar a lei de Deus, não construíram uma igreja? Homens sabedores não vos ensinaram os divinos mandamentos?... Honrarás pai e mãe. Não matarás. Deus castiga nos filhos a maldade dos pais. Morri para que aprendêsseis estes preceitos. Não os aprendeste, Cristina Lavransdatter?»

«Sim, sim, meu Senhor e Rei.»

A Igreja de Santo Olavo da sua aldeia! Evocava a nave acolhedora de toros escuros. O tecto não era tão alto que ela

se assustasse com isso. Era uma obra sincera, elevada à glória de Deus com a madeira alcatroada com que o povo construía as suas casas, os celeiros e os estábulos. Mas os toros foram talhados em fustes elegantes e, erguidos e unidos, formavam as paredes da casa de Deus. «Assim», ensinava Sira Erik em cada aniversário da consagração da igreja, «devemos com os instrumentos da fé talhar e brunir o nosso ser humano, por natureza pendente para o pecado, e fazer dele um membro fiel da Igreja de Cristo!...»

«Esqueceste isto, Cristina? Onde estão as acções que testemunharão no dia do Julgamento que foste um membro da Igreja de Deus, as boas acções que provem Deus estar em ti?»

Senhor, as suas boas acções! Ela recitava as orações que lhe haviam ensinado! Dera as esmolas que o pai lhe pusera nas mãos; ajudara a mãe a vestir os pobres, a saciar os esfomeados, a cuidar das chagas dos doentes!...

Em compensação, as más acções partiram dela própria!

Agarrara-se a todos que lhe ofereciam ajuda e consolação. As recomendações afectuosas de Frei Edvin, o desgosto que lhe causava o pecado dela, as suas ternas súplicas não as aceitara para se abandonar às alegrias ardentes do pecado logo que se encontrava longe do olhar bondoso do monge. Correra a deitar-se em estábulos e em todos os lugares que se lhe deparavam e não sentira vergonha nenhuma em enganar a bondosa e digna Madre Groa; recebera os cuidados afectuosos das piedosas freiras, incapaz até de corar quando elas lhe elogiavam ao pai a doçura e excelente comportamento.

O pai... Era o pensamento que mais torturava Cristina... O pai, que lhe não dirigira a mínima censura quando viera na Primavera a Husaby!...

Simão guardara segredo quando surpreendera a noiva com um homem numa casa mal afamada. E ela deixara-o arcar com a responsabilidade, perante o pai, da sua falta de palavra...

Sim, fizera isso, mas procedera pior para com o pai. Não, com a mãe é que se comportara ainda pior. O seu Naakkve iria, quando crescido, testemunhar-lhe tão pouca ternura como ela patenteara à mãe?... Se assim fosse, Cristina não poderia suportar. A mãe, que a deitara ao mundo e a criara com o seu leite, que velava inquieta se a filha estava doente, que lhe lavava e penteava os cabelos, toda contente por eles serem tão belos... E desde o momento em que precisara do auxílio e da consolação da mãe, esperara que ela viesse ao seu encontro, a despeito de tudo. «Como deves calcular», dissera-lhe o pai, «a tua mãe partiria logo para o Norte e viria para teu lado se soubesse que isso te era agradável.» Ah! mãe, mãe, mãe...

Lembrava-se da água da fonte da sua terra. Parecia pura e límpida quando estava dentro de tigelas de madeira. Mas o pai possuía uma taça de vidro e, quando a enchia de água e a fazia brilhar ao sol, viam-na lamacenta e cheia de impurezas.

Sim, Senhor e Rei, vejo-me agora tal como sou!

Aceitara a bondade e ternura de todos como se isso lhe fosse devido. Eram infinitas as provas de carinho que ela recebera toda a sua vida. Mas, na primeira vez em que alguém lhe resistira, erguera-se como uma vibora que vai morder. A sua vontade fora dura e cortante como uma faca quando impelira para a morte Eline Ormsdatter...

Sublevar-se-ia da mesma maneira contra o próprio Deus se ele quisesse pousar-lhe na cabeça a mão da justiça. Como puderam o pai e a mãe suportar tudo aquilo? Haviam perdido três filhos de tenra idade. Tinham visto Ulvhild adoecer e morrer depois de eles se terem esforçado, durante longos e penosos anos, para que ela recuperasse a saúde. Mas haviam sofrido com paciência todas as provações, jamais duvidando de que Deus tudo fazia para bem dos seus filhos. E era ela, Cristina, quem lhes causava agora esta vergonha e este desgosto...

E se tivesse de se submeter à provação de lhe roubarem

o filho, como haviam feito a Sigrid Andresdatter? «Não nos deixeis cair em tentação, e livrai-nos do mal...»

Caminhara direita ao abismo do Inferno. Se perdesse o filho, atirar-se-ia ao precipício ardente, desprezando a esperança de se reunir um dia aos seres bons e afectuosos que a amavam — morreria à mercê do demónio.

Não era de admirar que Naakkve tivesse no peito a marca duma mão sangrenta.

«Santo Olavo, ouviste-me quando te supliquei que viesses em auxílio do meu filho! Pedi-te que desviasses de mim o castigo e que livrasses o inocente. Sim, sei que me protegeste.»

Como um animal bravio e fogoso, empinara-se sob a primeira punição. Erlend... Nem um instante pensara que ele já a não amasse. Se imaginasse tal coisa, não teria coragem de continuar a viver. Não! Sabia, no fundo do seu coração, que quando recuperasse a beleza, a frescura e a alegria, permitiria ao marido mendigar-lhe os seus favores. Não que ele lhe não testemunhasse amor no Inverno precedente. Ela, porém, que, desde pequena, ouvira dizer que o diabo está sempre ao pé duma mulher grávida para a tentar e aproveitar a sua fraqueza, dera ouvidos às mentiras dele. Afectava crer que Erlend não se preocupava com ela, pelo facto de estar feia e doente; ao perceber que o marido sofria com isso, abandonara-se, a si e a ele, às más-línguas da aldeia. As palavras ternas e tímidas sufocara-as na garganta, e, quando ela própria o compelia a dizer coisas bruscas e inconsideradas, punha-as em evidência, insistindo longamente sobre isso. Senhor, seria uma mulher perversa?... Fora tão má esposa...

«Compreendes agora, Cristina, que precisas de auxílio?» «Sim, Senhor e Rei, compreendo, agora. Necessito de que me ampares para que eu me não desvie mais de Deus. Acompanha-me, ó chefe do povo, na minha via de orações, intercede pela minha segurança. Santo Olavo, ora por mim.»

Cor mundum crea in me, Deus, et Spiritum rectum in visceribus meis.

Ne projicias me a facie tua,

Libera me de sanguinibus, Deus salutis meae...

O ofício terminara. Os assistentes saíram da igreja. As duas camponesas ajoelhadas perto de Cristina puseram-se de pé. Mas a criança, que estava entre elas, não se levantou: arrastou-se com as mãos apoiadas no lajeado, saltitando como uma avezita incapaz de voar. Tinha as pernas muito delgadinhas cruzadas sob o ventre. As mulheres caminhavam de maneira a escondê-la o melhor que podiam.

Quando desapareceram, Cristina beijou a laje que elas tinham pisado ao passar diante dela.

Sòzinha e indecisa, permanecia à entrada do coro, quando um padre ainda moço saiu pela porta gradeada. Parou defronte da mulher debulhada em lágrimas; Cristina expôs-lhe o seu caso conforme pôde. Ao princípio, ele não a percebeu.

Ela, então, tirou do saco a coroa de ouro e entregou-lha.

— Oh! Sois Cristina Lavransdatter, esposa de Erlend de Husaby? — Olhava um tanto surpreendido para aquele rosto inchado à força de chorar. — Sim, sim, o vosso cunhado, o reverendo Gunnulf, contou-nos...

Conduziu-a à sacristia, pegou na coroa, desembrulhou-a e pôs-se a observá-la. Depois, sorriu levemente:

— Hum... compreendeis... é preciso testemunhas e tudo mais... Não podeis dar um objecto assim precioso como se se tratasse dum pedaço de pão... Entretanto, ficará à minha guarda, pois decerto não a quereis levar convosco para a cidade. Dizei a Sira Arne que chegue aqui — pediu ele a um sacristão. — O vosso marido devia estar presente para que tudo ficasse em regra. Mas talvez que Gunnulf tenha um documento dele?... Sereis recebida pelo Sr. Arcebispo, não é verdade? Ou então por Hauk Tomassoen, que é o penitenciário. Não sei se Gunnulf falou com o Padre Eiliv. Mas comparecei aqui amanhã, nas matinas; podereis perguntar por

mim depois das orações, o meu nome é Paulo Aslaksoen. Quanto a esse — acrescentou, apontando para o filho de Cristina —, levai-o para o albergue. Ide-vos alojar no convento de Bakke, segundo nos declarou o vosso cunhado?

Entrou outro eclesiástico com quem Sira Paulo esteve a falar. Aquele abriu um armáriozinho, tirou dali uma balança e pesou a coroa, enquanto o segundo anotava num livro. Em seguida guardaram a coroa no armário, que fecharam à chave.

O padre Paulo, antes de abrir a porta a Cristina, perguntou-lhe se queria que levasse o filho junto do caixão de Santo Olavo.

Pegou em Naakkve com os gestos serenos e um tanto indiferentes dum sacerdote habituado a segurar em crianças sobre as pias baptismais. Cristina seguiu-o através da igreja, e ele indagou se ela também não desejava beijar o relicário.

«Não me atrevo», pensava Cristina; mas subiu atrás do padre os degraus do estrado sobre o qual repousava o caixão mortuário. Uma claridade, branca como a neve, deslumbrou-a quando ela aproximou os lábios da urna de ouro.

O padre olhava-a com certa atenção, não fosse ela ter uma vertigem. Cristina porém guardou o equilíbrio. Após isso, ele tocou com as relíquias na testa da criança.

Sira Paulo acompanhou-a até à porta da igreja e perguntou-lhe se sabia o caminho por onde devia seguir. Depois deu-lhe as boas-noites. Falava num tom igual e seco como se não fosse mais do que um cortesão atencioso.

Começara a chover, e uma bruma perfumada subia suavemente dos prados e da rua, que era fresca e verde como um jardim, de cada lado dos profundos sulcos deixados pelos carros. Cristina abrigou da chuva, o melhor possível, o seu menino. Parecia tão pesado, tão pesado, agora, que ela já nem tinha valor nos braços. E ele não cessava de gemer e chorar; decerto sentia fome.

A mãe estava exausta de fadiga, tanto por causa da

longa caminhada como pelas lágrimas que derramara e pela comoção que a invadira na igreja. Tinha frio, e a chuva aumentava o seu mal-estar; as gotas fustigavam as árvores, cujas folhas brilhavam e tremiam. Percorreu as ruazinhas até chegar a um largo donde viu o rio vasto e cinzento, semelhante a um crivo furado pelo aguaceiro.

Não havia ali nenhuma barca. Cristina falou com dois homens acocorados debaixo duma barraca armada sobre troncos de árvore à beira da água. Aconselharam-na a que fosse aos bancos de areia, onde as freiras tinham uma casa e onde encontraria um barqueiro.

Cristina tornou a atravessar o largo, a coxear, molhada e cansadíssima. Chegou a uma igrejinha de pedra cinzenta. Havia, no lado de trás, algumas casas rodeadas de muros. Naakkve gritava tão furiosamente que ela não podia entrar na igreja. Mas ouvia os cânticos que saíam pelas janelas envidraçadas e reconheceu a antífona *Laetare Regina Coeli* — «Rainha do céu, regozijai-vos, porque aquele que merecestes trazer em vosso seio ressuscitou como tinha anunciado. Aleluia!»

Era a oração da tarde que os frades franciscanos cantavam depois do *completorium*. Frei Edvin ensinara-lhe aquele hino à mãe de Deus durante as noites em que Cristina velava na sua casa de Joerundgaard o monge mortalmente enfermo.

Entrou no cemitério e, de pé e encostada à parede, com o filho nos braços, recitou para si em voz baixa: «Faças o que fizeres, Cristina, nada poderá modificar os sentimentos que teu pai tem por ti. É por isso que não lhe deves causar mais desgostos...»

«Também as tuas mãos, ó bem-amado Rei do Céu, estão abertas, traspassadas de pregos, sobre a cruz... Por muito que uma alma se desvie do bom caminho, esperam-na as tuas mãos abertas, traspassadas... Basta que uma dessas almas pecadoras se volte para o peito que se lhe oferece, confiante como uma criança que se dirige ao pai e não triste

como o escravo que é empurrado para a casa do seu cruel senhor.»

Ela compreendia agora a hediondez do pecado. Essa mágoa enchia-lhe mais uma vez o peito, o coração estalava-lhe de arrependimento e de vergonha pela graça imerecida.

Junto da parede da igreja era possível abrigar-se um pouco da chuva. Cristina sentou-se numa pedra tumular e tratou de minorar a fome do filho. De quando em quando, inclinava-se para beijar o crâniozinho guarnecido de penugem.

Cristina devia ter adormecido. Alguém lhe tocou no ombro. De pé, diante dela, estavam um frade e um converso, com a sua pá de coveiro na mão. O franciscano perguntava-lhe se procurava um asilo para pernoitar.

Cristina teve uma ideia súbita. Gostaria de passar a noite no convento dos Franciscanos, irmãos de Frei Edvin. O caminho era longo até Bakke, e ela sentia-se morta de fadiga. Então o monge mandou o converso acompanhá-la até ao hospício das mulheres «e que lhe dêem uma porção de cozimento de lírio para os pés; vejo que coxeia...».

Estava escuro e abafado no interior do hospício, o qual ficava situado além do muro do convento, numa travessa. O Irmão converso trouxe-lhe um pouco de comida e água para ela se lavar. Cristina sentou-se junto da lareira e diligenciou acalmar o filho. Naakkve percebia, ao mamar, que a mãe estava extenuada e que jejuara nesse dia: franzia a carinha, gemia, e retomava o peito esgotado. Cristina tomou algumas goladas de leite que o Irmão converso lhe trouxera. Tentou passá-las da sua boca para a de Naakkve, mas ele protestou vivamente contra essa forma de o alimentar, e o velhote sorriu, meneando a cabeça. Teve ela de beber o leite; o filho aproveitaria decerto com isso...

Por fim, o velho foi-se embora. Cristina trepou para uma das camas colocadas no alto, sob as vigas do tecto. Ali, podia abrir a lucarna. Havia no dormitório um cheiro horrível; uma das mulheres deitadas tinha uma doença de estômago.

Cristina abriu a fresta. A noite de Verão estava clara e fresca; entrou no quarto um ar lavado de chuva. Ela ficou sentada na cama, com a nuca apoiada nos toros da parede. Havia tão pouco espaço naquele leitozinho, para si e para o filho! O menino dormia encostado ao seio da mãe. Esta tencionava fechar a lucarna daí a pouco, mas adormeceu sem o haver feito.

Acordou pela noite adiante. A Lua brilhava por cima dela e do filho com essa claridade amarela do mel e essa palidez que lhe é peculiar no Estio, e iluminava a parede fronteira. Cristina distinguiu então um homem que pairava entre o soalho e o tecto no meio do jacto de luar.

Alto e curvado, vestia hábito cinzento-escuro. Voltou para ela o rosto enrugado de velho. Era Frei Edvin. Sorria com indizível ternura e numa alegria um tanto maliciosa como no tempo em que vivia na terra.

Cristina não sentiu a mínima surpresa. Humilde, feliz, cheia de esperança, olhava-o, à espera do que ele dissesse ou fizesse.

O monge sorriu-lhe e estendeu-lhe uma manopla velha e pesada; depois, suspendeu-a no raio da Lua. Sorriu ainda mais, fez uma vénia a Cristina, e desapareceu.

PARTE SEGUNDA

HUSABY

I

NO Ano Novo receberam em Husaby hóspedes inesperados: Lourenço Bjoergulfsoen e o velho Smid Gudleiksoen dos Dofrines. Chegaram acompanhados de dois homens que Cristina não conhecia. Erlend, porém, ficou admirado ao ver o sogro naquela sociedade — eram o cavaleiro Erling Vidkunsoen de Giske e Bjarkoey, e Haftor Graut de Godoey — pois não sabia que Lourenço se relacionara com eles. Erling explicou que se haviam encontrado em Lindesnaes; estivera com Lourenço e Smid no tribunal dos seis que, enfim, arbitrara o litígio de sucessão entre os herdeiros de Jon Hauksoen. Ele e Lourenço haviam falado de Erlend, e Erling, que tinha negócios em Nidaros, disse logo que lhe seria agradável fazer uma visita a Husaby se Lourenço o quisesse acompanhar na sua viagem ao Norte. Smid Gudleiksoen ajuntou, sorrindo, que fora ele próprio quem, por assim dizer, se oferecera para vir com os outros:

— Também queria ver a nossa Cristina, a mais linda rosa do Norddal. Além disso pensei que a minha parente Ragnfrid gostaria que eu lhe vigiasse o marido e os grandes projectos que ele trama com esses homens sabichões e poderosos. Imagina, Cristininha, se teu pai não tem mais que fazer no Inverno senão andar a correr connosco pelas quintas, a festejar o Natal até à chegada da Quaresma! Nos outros anos, cada qual ficou em sua casa a tomar cuidado nos seus interesses. Mas, agora, Lourenço, em pleno Inverno, quer formar um grupo de fiéis habitantes do vale para ir com ele a cavalo até Oslo. Iríamos expor a nossa maneira de ver no conselho dos grandes senhores e defender os interesses do rei...

— Dirigem tão mal, os regentes do pobre principezinho — acrescentou Lourenço.

O cavaleiro Erling parecia um tanto embaraçado. Erlend franziu um pouco as sobrancelhas, com admiração:

— Tomais parte nesses conselhos... para a assembleia magna da guarda do rei?

— Não, não — acudiu Lourenço. — Compareço na reunião da mesma forma que os outros súbditos do rei, habitantes do vale, porque fomos convocados...

Mas Smid Gudleiksoen voltou à carga. Fora de facto Lourenço quem o convencera, assim como a Herstein de Kruke, a Trond Gjesling e a Guttorm Sneiss e a muitos outros que não queriam pôr-se a caminho...

— Não é costume nesta casa pedir às visitas que entrem? — perguntou Lourenço. — Agora é que vamos ver se Cristina fabrica cerveja tão boa como a que a mãe faz...

Erlend parecia de má catadura e Cristina estava muito intrigada.

— Que sucedeu, pai? — perguntou Cristina um pouco mais tarde quando Lourenço foi ter ao quarto para onde ela transportara o filho, em consideração aos hóspedes.

O avô embalava o neto sobre os joelhos. Naakkve tinha agora dez meses; era robusto e bonito. Pelo Natal haviam-lhe dado um vestido e gulodices.

— Não tenho ideia de que antigamente tomásseis parte em tais deliberações — prosseguiu Cristina. — Sempre dissestes que para o país, para a guerra, para o bem dos súbditos, o melhor seria que a decisão fosse confiada ao rei e aos homens que ele chamava para junto de si. Erlend declara que esse empreendimento é obra dos grandes do Sul do país. Queriam afastar do governo a nobre senhora Ingebjoerg e aqueles que o pai dela lhe dera por conselheiros, e reassumir o poder que tinham quando o rei Haakon e o irmão eram pequenos. Mas seria um grande prejuízo para o país, vós mesmos o dizieis outrora...

Lourenço pediu em voz baixa a Cristina que mandasse a criada de Naakkve para fora do quarto. Logo que ficaram sós, ele inquiriu:

— Como é que Erlend está informado disso? Seria por Munan?

Cristina contou que Orm trouxera uma carta de Munan quando viera a Husaby no Outono. Não confessou que fora ela quem lera a carta a Erlend: este não era nada hábil em decifrar manuscritos. Mas, nessa carta, Munan queixava-se com amargura de que actualmente qualquer indivíduo que usasse armas na Noruega pensava estar mais apto para dirigir o reino do que os homens que haviam acompanhado o rei Haakon; e persuadia-se de que convinha mais juntarem-se para a felicidade do rei do que para a da nobre senhora, mãe dele. Advertia Erlend de que, se soubesse que os senhores noruegueses tentavam (à semelhança do que os Suecos haviam feito no Verão anterior em Skara) urdir uma conspiração contra a mãe do rei e seus velhos conselheiros privados, os parentes dela deveriam estar a postos, e Erlend pôr-se-ia a caminho para se encontrar com Munan em Hamar.

— Ele não me designou — retorquiu Lourenço, metendo um dos dedos sob o queixo rechonchudo de Naakkve — como um dos homens que se opuseram aos levantamentos ilegais que Munan exigiu em nome do rei, quando passou pelo vale?

— Pois encontrastes Munan Baardsoen no Outono passado?

— É verdade — replicou Lourenço. — E estivemos em absoluto desacordo.

— Falastes de mim?

— Não, Cristininha — retorquiu o pai, esboçando um sorriso. — Nem aludimos à tua pessoa... Ouve cá, sabes se teu marido pensa realmente em partir para o Sul e encontrar-se com Munan Baardsoen?

— Creio que sim. Sira Eiliv redigiu recentemente uma carta em nome de Erlend, em que dizia que este tinha dentro de pouco tempo de fazer uma viagem ao Sul.

Lourenço olhou um momento para o neto que brincava com a bainha do punhal e tentava morder o cristal de rocha incrustado no punho.

— É certo que quereis retirar do poder a mãe do rei?

— Ela é mais ou menos da tua idade — respondeu Lourenço, sempre com o mesmo sorriso. — Ninguém lhe quer roubar o poder e a honra a que tem direito. Mas o Arcebispo e alguns dos amigos e parentes do nosso falecido rei combinaram que uma assembleia examinaria de que forma o poder e a honra da mãe do rei e o interesse do povo seriam mais bem defendidos.

Cristina volveu docemente:

— Compreendo, pai, que desta vez não viestes a Husaby só para nos ver, a mim e a Naakkve.

— Realmente, não foi só por isso — confirmou ele. E acrescentou sorrindo: — E eu compreendo, minha filha, que o caso não te agrada muito!

Pousou uma das mãos no rosto de Cristina e acariciou-lhe a face. Era um gesto habitual nele, desde o tempo em que ela era pequena, de cada vez que lhe ralhava ou a fazia aborrecer.

Entretanto, Erling e Erlend conversavam sentados na sala dos cavaleiros — assim designavam a casa anexa situada ao noroeste do pátio, perto do limite da quinta. O edifício, alto como uma torre, possuía três andares; o mais elevado incluía um quarto com seteiras, e aí guardavam todas as armas que não eram de uso quotidiano na quinta. Fora o rei Skule quem construíra essa casa.

O cavaleiro Erling e Erlend envergavam peliças porque havia nesse aposento frio intenso. O hóspede de Erlend mirou, uma após outra, as numerosas e magníficas armas e couraças que Erlend herdara do avô materno, Gaute Erlendsoen.

Erling Vidkunsoen era um indivíduo baixinho e um tanto gorducho, desembaraçado, espirituoso e nada bonito, apesar das feições regulares. Tinha os cabelos dum ruivo

claro e as pestanas e as sobrancelhas brancas, olhos azuis muito pálidos. Contudo, se os outros achavam que Erling se apresentava bem, isso talvez provinha do facto, que toda a gente sabia, de ele ser o cavaleiro mais rico da Noruega. Mostrava uma doçura extremamente sedutora. Realmente inteligente, culto e experimentado, jamais procurava pôr em relevo a sua erudição e parecia sempre disposto a escutar os outros; por isso adquirira fama de ser um dos homens mais sensatos do país. Tinha a mesma idade que Erlend Nikulaussoen e eram parentes pelo lado da família Stovreim, embora afastados; conheciam-se de pequenos mas nunca houvera grande intimidade entre eles.

Erlend, sentado numa arca, falava do barco que mandara construir no Verão anterior: um barco de dezasseis lugares que, segundo julgava, seria extremamente rápido e fácil de conduzir. Empregara nisso dois carpinteiros de navios nortenhos e fora ele próprio quem dirigira o trabalho.

— Os barcos são das poucas coisas que eu aprecio agora — disse ele — e verás que belo espectáculo vai ser o da *Sereia* a fender as vagas do mar.

— *Sereia*... foi um nome terrivelmente pagão que deste ao teu barco, caro primo. Tencionas embarcar para o Sul?

— Serás tão devoto como minha mulher? Ela também diz que é um nome pagão. E detesta o barco; só gosta de viajar por terra! Não suporta o mar.

— Acho efectivamente tua mulher uma pessoa devota, fina e encantadora — volveu Erling cortêsmente —, o que não é de estranhar se considerarmos aqueles de quem descende.

— Sim, ela não deixa passar um único dia sem ouvir missa. E Sira Eiliv, o nosso capelão, que já te apresentei, lê-nos as Escrituras Sagradas; é do que ele mais gosta, depois da cerveja e dos pratos de bolos. Os pobres não nos largam a porta a pedirem auxílio e conselho a Cristina; adoram beijar-lhe a orla do vestido; já não reconheço os meus homens. Ela assemelha-se a essas mulheres das lendas dos santos que o rei Haakon mandava que fossem lidas pelo

padre... recordas-te?... no tempo em que éramos porta-brandões. Isto agora está mais diferente em Husaby do que da última vez que foste meu hóspede, Erling .. Não esperava nada que me viesses visitar desta vez.

— Acabaste de evocar a época em que ambos fomos porta-brandões — disse Erling Vidkunsoen com um sorriso que lhe ia bem. — Éramos então amigos. Todos nós esperávamos de ti grandes coisas, achávamos que irias longe...

Erlend limitou-se a rir:

— Eu também o esperava.

— Não podes embarcar para o Sul na minha companhia?

— Pensava fazer a viagem por terra.

— Seria fatigante para ti passar pela montanha no Inverno. O que seria gentil da tua parte é que te reunisses a Haftor e a mim.

— Já prometi a outros — respondeu Erlend.

— Ah! Partes com teu sogro? Evidentemente, é muito natural.

— Oh! não. Conheço muito pouco essas criaturas do vale com quem ele deve seguir. — Erlend fez uma pausa. — Não, prometi ir ter com Munan a Stange — continuou.

— Não te incomodes a procurar Munan. Partiu para as suas quintas de Hising, e é capaz de se demorar por lá bastante tempo. Quando é que tiveste notícia dele?

— Pelo São Miguel; escreveu-me nessa ocasião de Ringabu.

— Estás inteirado do que se passou no vale neste Outono? Não? Sabes no entanto que ele andou em digressão pela região de Mjoes e pelo vale fora a exibir documentos em virtude dos quais os camponeses eram obrigados a pagar uma contribuição por inteiro em mantimentos e em cavalos (seis camponeses por um cavalo) e que os escudeiros deviam fornecer cavalos mas podiam ficar com eles em sua casa? Não soubeste disto? E também que os montanheses do Norte recusaram pagar essa contribuição quando Munan acompanhou Eirik Topp à assembleia de Vaage? Aliás, foi Lourenço

Bjoergulfsoen quem levantou a voz a protestar contra esse projecto, pedindo a Eirik que procedesse de forma legal se ficassem em dívida algumas contribuições atrasadas, mas que era atentar contra o povo o facto de recrutar um contingente de camponeses para ajudar um dinamarquês a guerrear o rei da Dinamarca; que, se o nosso rei chamasse ao serviço os seus fiéis, veria que estavam prontos a se reunirem com boas armas, cavalos e companheiros armados; mas ele, Lourenço, não mandaria de Joerundgaard nem sequer um bode com uma corda de cânhamo se o rei o não convocasse para a reunião do exército. Realmente, não sabias deste caso? Smid Gudleiksoen conta que Lourenço prometeu aos seus camponeses pagar o imposto por eles, se fosse necessário...

Erlend estava estupefacto:

— Lourenço faria isso? Nunca ouvi dizer que meu sogro se metesse em outros assuntos além dos das suas propriedades e dos amigos.

— Não o faz, decerto, com frequência. Mas sei o bastante, desde que entrei em Lindesnaes, para ter a certeza de que, quando Lourenço Bjoergulfsoen se mete numa coisa, vai até ao fim, porque ele não trata dum assunto sem o conhecer a fundo, de sorte que é difícil contradizê-lo. Sobre estes acontecimentos trocou correspondência com os seus parentes da Suécia: a Senhora Ramborg, avó paterna, e o avô paterno do cavaleiro Erngisles eram filhos de dois irmãos, por isso ele possui lá numerosa parentela. Por muito pacífico que seja teu sogro, não deixa de ter grande influência nas aldeias onde o povo o conhece; mas pouco usa dela.

— Dás-me a entender que estás em boas relações com ele. Surpreende-me ver-vos tão amigos...

— Admiras-te?— redarguiu Erling, com lentidão.— Seria homem extraordinário o que não se sentisse contente em chamar amigo a Lourenço de Joerundgaard. Tirarias mais proveito, caro primo, se lhe desses ouvidos e não a Munan...

— Munan tem sido para mim como um irmão mais velho desde o dia em que deixei Husaby pela primeira vez— repli-

cou Erlend já um tanto exaltado.— Nunca deixou de me ajudar quando eu estava em má situação. E é ele agora quem se vê em apuros...

— Munan sair-se-á bem do caso — volveu Erling no mesmo tom sereno. — Os documentos que levava consigo tinham ilegalmente o sinete do reino da Noruega, mas ele não é o responsável disso. O que é mais grave é ter sido testemunha e haver aplicado o seu sinete no acto de promessa feita à Senhora Eufémia, mas isto é difícil descobrir sem pôr em causa alguém que nós não... Para falar verdade, Erlend, creio que Munan se salvará sem o teu auxílio; tu, tu é que te podes prejudicar...

— É à mãe do rei que quereis mal, já percebi — disse Erlend. — Ora, prometi servir a nossa parente tanto dentro do país como fora dele...

— Também eu. E tenciono cumprir a minha promessa; assim fará sem dúvida todo o norueguês que serviu e amou o nosso parente e senhor, o rei Haakon. E o melhor serviço que se pode prestar a uma mulher tão nova é separá-la dos conselheiros que a dirigem, por sua desgraça e do filho.

— Julgais-vos capazes de tal coisa?

— Sim — disse Erling Vidkunsoen com voz firme. — Tenho a certeza. E — ajuntou ele encolhendo os ombros — todos os que não querem dar ouvidos aos maus espíritos e às más-línguas também pensam assim. Compete a nós, parentes de Ingebjoerg, mais do que a qualquer outro, termos essa convicção.

Uma criada soergueu o alçapão do sobrado e perguntou se a ama podia mandar servir o jantar na sala grande...

Enquanto estavam à mesa a conversa recaiu de súbito nas grandes novidades da ocasião. Cristina reparou que o pai e o cavaleiro Erling se abstinham de se meter nesses assuntos; falavam entre si acerca de casamentos e de mortes, de processos de sucessão e de aquisições de quintas dos amigos e parentes deles. A inquietação invadiu Cristina sem

que ela soubesse porquê. Não queria confessar a si própria, mas conhecia agora suficientemente bem o marido para saber que, por muito teimoso que fosse, podia ser levado com bastante facilidade por qualquer que tivesse, como é costume dizer, mão de ferro numa luva de veludo.

Depois da refeição, os homens foram sentar-se para junto da lareira, a fim de beberem. Cristina instalou-se num banco e, pegando no seu trabalho, pôs-se a entrançar um galão. Logo depois chegou Haftor Graut; colocou no chão um coxim e sentou-se aos pés da dona da casa. Tendo encontrado o *strengelek* de Erlend, pousou-o sobre os joelhos e tocou-o, enquanto conversava. Haftor era um moço de cabelos louros e ondulados e de feições delicadas, mas com o rosto coberto de sardas. Fizera, havia pouco tempo, um casamento rico, mas aborrecia-se de viver nas suas quintas; por isso queria comparecer à convocação do paço.

— É provável que Erlend Nikulaussoen prefira ficar na sua casa — disse ele encostando a cabeça aos joelhos de Cristina.

Esta desviou-se um pouco, sorriu e replicou, com ar inocente, que só sabia que o marido tencionava partir para o Sul «por qualquer motivo».

— Nestes tempos tem havido tal agitação no país que não é bom para uma simples mulher misturar-se a essas coisas — acrescentou ela.

— E, todavia, é a bagatela duma mulher a principal causa disso — retorquiu Haftor sorrindo e chegando-se mais para Cristina. — Pelo menos, é esta a opinião de Erlend e de Lourenço Bjoergulfsoen. Gostaria de saber o que eles querem dizer com isso. E qual é o vosso parecer, Cristina? A mãe do rei é uma senhora simples e bondosa... Talvez esteja como vós neste momento a entrançar a seda com os seus dedos alvos como a neve, talvez esteja a pensar que seria preciso possuir coração muito cruel para recusar a um fiel capitão do defunto marido um bocadinho de auxílio que lhe minorasse a situação.

Erlend veio sentar-se junto da mulher, o que obrigou Haftor a se afastar um pouco.

— As mulheres entregam-se e dão ouvidos a tais bisbilhotices quando os maridos cometem a tolice de as levar consigo para as assembleias.

— Na minha terra diz-se que não há fumo sem fogo — volveu Haftor.

— Esse ditado também nós o temos — disse Lourenço, que se aproximara com Erling. — Contudo, convenci-me de que é falso, Haftor... Neste Inverno quis acender uma lanterna com excremento que não estava seco...

Sentou-se na borda da mesa. Erling foi logo buscar a sua taça e bebeu à saúde dele; em seguida, o cavaleiro instalou-se num banco perto de Lourenço.

— É pouco provável, Haftor — disse Erlend —, que possais estar ao facto, no Norte, em Haalogaland, do que a senhora Ingebjoerg e os seus conselheiros puderam saber quanto aos designios e empresas dos Dinamarqueses. Não sei se fostes pouco perspicazes opondo-vos ao apelo do rei. O cavaleiro Knut (podemos perfeitamente pronunciar o nome que todos temos no espírito) não me parece ser criatura para se deixar surpreender adormecido no seu poleiro. Estais muito longe das grandes marmitas para que possais cheirar o que ferve dentro delas. E mais vale prevenir do que remediar, este é o meu parecer.

— Pois é — acudiu Erling. — Quase se poderia dizer que estão a cozinhar para nós em casa do vizinho. Basta lembrar que nós, os Noruegueses, recebemos uma pensão de alimentos. Mandam-nos as papas que fazem na Suécia. Comei, se tendes fome. Na minha opinião, foi um erro do nosso rei Haakon mudar a cozinha para um canto da propriedade, fazendo de Oslo a maior cidade do país. Antigamente, para continuar com igual imagem, a cozinha estava mesmo em cheio na corte... em Bergen ou Nidaros... mas agora só existe aí o arcebispo e o capítulo. O que dizes a isto, Erlend, tu que és de lá, e lá possuis todos os teus haveres?

— Meu Deus! Erling, quereis trazer a marmita para casa e dependurá-la por cima do autêntico lar?

— Nem mais — disse Haftor. — Bastante tempo nos tivemos de contentar, no Norte, com cheirarmos o esturro e engolirmos couves frias.

Lourenço interveio:

— É assim mesmo, Erlend... Não tomaria o encargo de ser o porta-voz do povo da nossa terra se não tivesse nas mãos documentos do meu parente o cavaleiro Erngisle. Sei, pois, que nenhum dos homens que dão conselhos justos, tanto no reino do rei da Dinamarca como no do nosso rei, pensou em romper a paz e o acordo entre os dois países.

— Se soubésseis quem é o conselheiro neste momento na Dinamarca, meu caro sogro, saberíeis mais do que a maioria das pessoas.

— Há uma coisa que sei: é que existe um homem que ninguém quer ver a governar nem aqui, nem na Suécia, nem na Dinamarca. Foi este o objectivo da assembleia dos Suecos em Skara no Verão passado e será o da reunião que vamos ter em Oslo: esclarecer o espírito daqueles que ainda não compreenderam que, nesse ponto, todos os homens de bom-senso estão de acordo.

Haviam bebido o bastante para que a conversa fosse um tanto animada, com excepção do velho Smid Gudleiksoen, que dormitava na cadeira junto à lareira.

Erlend saiu-se com esta:

— Pois é, tendes tão bom-senso que nem o próprio diabo vos enganaria. É provável que Knut Porse nos inspire receio. Não compreendeis, meus caros senhores, que ele não é homem que se limite a ver com beatitude os dias correrem e a erva crescer conforme a vontade de Deus? Gostaria de tornar a encontrar esse cavaleiro; conheci-o quando estava em Aaland. Não me desagradaria estar no lugar de Knut Porse.

— Não me atreveria a dizer isso na presença de minha mulher — exclamou Haftor Graut.

Erling Vidkunsoen também estava esquentado pela cerveja. Tentava conservar as suas maneiras corteses, mas não pôde dominar-se:

— Oh! Primo! — disse ele desatando às gargalhadas. — Oh! Primo!... Erlend! — E batia nos ombros de Erlend, rindo perdidamente.

— Erlend — acudiu Lourenço, sem contemplações —, trata-se de coisa mais elevada do que seduzir mulheres. Se o papel de Knut Porse se limitasse a representar de raposa na capoeira das galinhas, nós, os senhores da Noruega, sentir-nos-íamos demasiadamente indolentes para que nos decidíssemos a sair de casa com o fim de o caçar... embora a galinha fosse a mãe do nosso rei. Mas seja qual for a pessoa que esse Knut induza a cometer tolices, ele é que nada faz sem desígnio oculto. Knut tem um objectivo, e podeis ter a certeza de que não desiste dele...

Houve um silêncio. Em seguida, disse Erlend com um clarão nos olhos:

— Nesse caso, gostaria que o cavaleiro Knut fosse norueguês.

Durante alguns momentos ninguém falou. Depois, Erling bebeu uma golada de cerveja e retorquiu:

— Deus nos livre disso! Se tivéssemos semelhante homem na Noruega, julgo que depressa desapareceria a paz do país.

— A paz do país! — repetiu Erlend com ironia.

— Sim, a paz do país! — replicou Erling Vidkunsoen. — Lembra-te, Erlend, que nós, os cavaleiros, não somos os únicos a formar este país. Talvez fosse uma alegria para ti se surgisse um homem amante da aventura e ambicioso como Knut Porse. As coisas passavam-se assim antigamente: quando um homem desta nação recrutava um bando de rebeldes, era-lhe sempre fácil encontrar fidalgos que o seguissem. Ou venciam-nos e obtinham títulos e banquetes, ou então eram parentes deles que levavam consigo, e ficavam com a vida e bens garantidos; claro que alguns não escapa-

vam, mas a maior parte saía-se bem duma maneira ou doutra. Assim é que era na época dos nossos pais. Mas os camponeses e os citadinos, Erlend, o povo trabalhador a quem exigiam contribuições, para dois senhores, várias vezes no ano, e que deviam, apesar disso, regozijar-se sempre que um batalhão atravessava as aldeias sem incendiar as quintas nem matar o gado, os camponeses que tinham de suportar fardo e tirania intoleráveis, esses, julgo eu, agradecem a Deus e a Santo Olavo a força que o velho rei Haakon e o conde Magnus e seus filhos deram às leis e a garantia que deram à paz.

— Sim. Creio que é essa a tua opinião. — E Erlend inclinou para trás a cabeça.

Lourenço olhava para ele... Estava bastante animado, nesse momento, o rapaz; o rosto trigueiro e vivo entusiasmara-se; a garganta arqueava-se, luzia o pescoço, tisnado e esbelto... Lourenço relanceou a vista pela filha. Cristina parara de trabalhar e seguia atentamente a conversa dos homens.

— Tens a certeza de que os camponeses, o povo em geral, pensam dessa maneira e apreciam a nova ordem? É verdade que houve épocas duras para eles, quando os reis e os seus inimigos espalhavam a guerra pelo país. Sei que ainda se recordam do tempo em que tinham de fugir para a montanha com o gado, com as mulheres e com os filhos, enquanto as suas casas ardiam nas aldeias. Ouvi-os contar isso. Mas sei que eles também se lembram doutra coisa: é que os seus próprios pais faziam parte das tropas; não éramos os únicos a nos arriscarmos pelo poder, Erling! Os filhos dos camponeses arriscavam-se connosco, e chegaram a conquistar os nossos bens alodiais. Não seria agora, quando a lei reina no país, que o filho duma prostituta de Skidan, que nem conhecia o nome do pai, obteria a viúva dum vassalo e os seus bens, como aconteceu a Reidar Darre; o seu descendente era um bom partido para a tua filha, Lourenço, e casou agora com a sobrinha da tua mulher, Erling! Actualmente reinam

as leis e o direito; não sei como é que isso se faz, mas o que é certo é que a terra dos camponeses passa para as nossas mãos, e isto legalmente; e, quanto mais falam de direito, mais depressa perdem o poder e a capacidade de tomar parte na direcção dos negócios do reino e até dos seus assuntos pessoais. Isto, Erling, o povo também o sabe! Oh! não, não estejais tão convencidos de que os camponeses não têm saudades do tempo em que se arriscavam a perder as suas propriedades pelo fogo e pela violência, mas em que também podiam ganhar, pelas armas, mais do que ganham pelo direito...

Lourenço fez um sinal de aprovação.

— Erlend tem certa razão no que diz — murmurou ele.

Mas Erling Vidkunsoen acudiu:

— Acredito que os camponeses se lembrem melhor de alguns homens que não eram nada e se tornaram senhores (sob o reino da espada) do que da imensidade de gente que soçobrou na pior das misérias. Todavia nunca houve senhores tão cruéis para os camponeses como aqueles; daí é que veio, naturalmente, o ditado: nada é pior do que um parente. Quem não nasceu senhor torna-se senhor cruel, mas, quem sempre teve criados a servi-lo, compreende com maior facilidade que sem o povo humilde somos tão fracos como crianças; compreende também que pelo amor de Deus, e pelo nosso próprio interesse, devemos em paga servi-los e ajudá-los com o nosso saber e nobreza. Nunca existiu um reinado que se pudesse aguentar sem que houvesse senhores com poder e vontade de empregar a sua força na defesa do direito dos fracos...

— Podias rivalizar com meu irmão, Erling — atalhou Erlend a rir. — Creio, contudo, que os habitantes das costas nidarenses nos estimavam mais nos tempos passados, quando nós, os senhores, levávamos os filhos deles para a guerra, misturávamos o nosso sangue ao seu na coberta dos navios, quebrávamos as correntes a golpes de machado e partilhávamos o despojo do inimigo com os nossos criados... Estás-me

o ouvir, Cristina, nem sempre adormeço quando Sira Eiliv nos lê grandes livros...

— Bens mal adquiridos não chegam à terceira geração — disse Lourenço Bjoergulfsoen. — Nunca ouviste dizer, Erlend?

— Sim, ouvi! — exclamou Erlend com voz forte. — Mas ainda não dei por isso.

Erling Vidkunsoen interveio:

— O que é certo, Erlend, é que poucos nascem grandes senhores, mas todos nascem para servir: a verdadeira aristocracia consiste em servir os seus servidores...

Erlend cruzou as mãos atrás das costas e reclinou-se, sorrindo:

— Nunca foi essa a minha ideia. E não acredito que os meus rendeiros tenham de me agradecer qualquer favor. No entanto, por muito espantoso que isso seja, creio que me estimam. — Roçou carinhosamente a face no gatinho negro de Cristina, que lhe saltara para os ombros e que lhe andava em volta do pescoço a fazer ronrom, de lombo arqueado. — Mas a minha mulher, que ali vedes, é que é a mais serviçal das criaturas... embora não haja provas à vista, pois taças e cântaros estão vazios.

Orm, que se conservara calado e atento à conversa dos homens, levantou-se logo e saiu.

— A dona da casa maçou-se tanto que adormeceu — disse Haftor sorrindo. — Vós é que tendes culpa... Devieis deixar-me palestrar sossegado com ela, porque eu sei muito bem falar com as mulheres...

— De facto a nossa tagarelice prolongou-se demasiadamente para vós, minha senhora — começou Erling desculpando-se.

Cristina respondeu:

— Na verdade, senhores, não compreendi tudo o que dissestes esta noite, mas recordo-me bem, e hei-de reflectir...

Orm voltou com algumas criadas que traziam de beber. O rapazinho deitou a cerveja nas taças. Lourenço contem-

plava com tristeza o lindo pequeno. Tentara entabular conversa com Orm Erlendsoen, mas este era de poucas palavras, apesar das suas maneiras gentis e polidas.

Uma das servas segredara a Cristina que Naakkve acordara e gritava até mais não. A dona da casa deu então as boas-noites a todos e retirou-se com as criadas.

Os homens recomeçaram a beber. O cavaleiro Erling e Lourenço trocavam de tempos a tempos um olhar. Depois, disse o primeiro:

— Há uma coisa, Erlend, de que eu tencionava falar-te. Corre a notícia dum recrutamento na região do Norte do fiorde e de Moere. Os habitantes receiam que os russos não venham em maior número ainda no próximo Verão, e que não possam assegurar sòzinhos a defesa do país. É a primeira vantagem que temos a agradecer à monarquia dualista da Noruega e da Suécia; não é justo que os habitantes de Haalogaland, no Norte, sejam os únicos a se aproveitarem. Mas o que eu te queria dizer é o seguinte: Arne Gjavvaldsoen está muito velho e doente; por isso se lembraram de te nomear chefe dos barcos dos camponeses dessa banda do fiorde. Que pensas disso?

Erlend cruzou as mãos; toda a cara lhe resplandecia.

— O que penso?

— Claro que não se trata duma coisa importante — volveu Erling em voz baixa. — Mas farias bem em te informares junto dos juízes cantonais. És conhecido na região. Foi declarado entre esses senhores do Conselho que serias homem capaz de actuar neste assunto. Lembraram-se de que mostraste galhardia quando estiveste no exército ao lado do conde Jacob... Eu próprio me recordo de ter ouvido da boca do rei Haakon que ele andara mal em ser tão severo para com um moço muitíssimo bem dotado; dizia ele que estavas destinado a ser sustentáculo do teu rei...

— Sem dúvida nunca serás nosso rei, tu, Erling Vidkunsoen! Pois é esse o fim das vossas meditações, fazer de Erling um rei? — perguntou ele, desatando a rir.

O outro retorquiu, impaciente:

— Vejamos, Erlend, não compreendes que falo agora a sério?

— Deus me valha! Então, antes, gracejavas? Julguei que toda a noite tinhas falado a sério... Enfim, conversemos, nesse caso, sèriamente. Diz-me tudo o que sabes do assunto, primo...

Cristina estava deitada e dormia com o filho encostado ao seio quando Erlend entrou no quarto. Acendeu ele uma vareta de madeira resinosa no brasido do fogão e iluminou-os ambos durante uns momentos.

Como ela era formosa! E que linda criança era o filho! Agora, Cristina tinha sempre grande vontade de dormir à noite. Mal se deitava, com o filho agarrado a ela, logo os dois adormeciam. Erlend sorriu e atirou a vareta para o fogão. Devagar, foi-se despindo.

Partiria para o Norte na Primavera com a *Sereia* e três ou quatro barcos de guerra. Haftor Graut com três barcos do Haalogaland... mas Haftor não tinha nenhuma experiência; evidentemente que tomariam juntos as decisões que lhe aprouvessem; sim, compreendia que seria ele próprio quem decidiria. Aquele Haftor não parecia muito medroso nem atado... Erlend deitou-se; sorria na obscuridade. Pensara recrutar fora de Moere a sua equipagem para a *Sereia*. Mas existiam na cidade rapazes tão resolutos como em Birgsi. Podia arranjar esplêndido pessoal.

Havia pouco mais de um ano que se casara. Nascimento do filho, penitência e jejum; e, agora, o garoto sempre de roda deles. No entanto, ela era sempre a mesma jovem e gentil Cristina — quando ele lhe podia fazer esquecer por uns instantes a tagarelice do padre e aquele miúdo que a sugava gulosamente.

Erlend beijou o ombro da mulher, mas esta não deu por nada. Coitada, deixá-la dormir! Ele tinha tantas coisas em que pensar nessa noite! Voltou-lhe as costas e fitou o olhar

nas brasas que luziam dèbilmente na lareira. Deveria levantar-se e cobrir de cinza o tição, mas não teve ânimo para isso.

Por fragmentos, acudiam-lhe ao espírito recordações da sua juventude. Uma vibrante roda de proa que se detinha curtos instantes no cimo da vaga invasora... água que varria a coberta... o poderoso ribombo da tempestade e do mar... O barco inteiro rangia sob a pressão das ondas; a ponta do mastro descrevia a sua curva furiosa por cima das nuvens desencadeadas. Fora em qualquer parte, na costa de Aaland. Oprimido, Erlend sentia que as lágrimas lhe marejavam os olhos. Nem dera fé de quanto aqueles anos de inacção lhe tinham sido penosos!

Na manhã seguinte, Lourenço Bjoergulfsoen e Erling Vidkunsoen encontravam-se na extremidade do imenso pátio e viam os cavalos de Erlend a correrem do outro lado do muro.

— No meu parecer — disse de súbito Lourenço —, se Erlend for à assembleia, pela sua situação e nascimento, como parente do rei e da mãe deste, será chamado a ocupar lugar entre os chefes. Pergunto a mim mesmo, Erling, se podeis ter a certeza de que as opiniões dele não se inclinarão para o outro partido. Se Ivar Ogmundsoen quiser tentar uma contra-ofensiva, Erlend tem igualmente estreitas afinidades com os homens que seguirão o cavaleiro Ivar...

— Não acredito que Ivar queira tentar alguma coisa — retorquiu Erling Vidkunsoen. — E, quanto a Munan... — acrescentou, e mordeu os lábios — quanto a Munan, é bastante esperto para se conservar à parte; sabe perfeitamente que, doutro modo, toda a gente veria em que conta devia ter Munan Baardsoen. — Ambos sorriram. — Sabeis certamente melhor do que eu, vós, Lourenço, filho de juiz, que tendes lá família, que os senhores suecos não gostam nada de considerar a nossa cavalaria igual à deles... Poderíamos precisar de todos os homens mais ricos e mais nobres. E seria péssima ideia deixar um homem como Erlend ficar em casa

a se divertir com a mulher e a administrar as suas quintas... seja qual for a forma como as administra — ajuntou ele ao ver o sorriso furtivo de Lourenço. — Mas se achais imprudente insistir com Erlend para que nos acompanhe, dispenso-me de o fazer.

— Julgo, meu caro senhor, que Erlend poderá ser mais útil nas aldeias. Como vós mesmo o dizíeis, é possível que o recrutamento seja mal acolhido nas regiões do Sul do istmo de Nandal, onde o povo julga que nada tem a temer dos Russos. Talvez que Erlend seja homem para modificar de certa maneira a opinião popular...

— Ele é insolente como tudo — deixou escapar Erling.

Lourenço respondeu:

— Talvez que muitas pessoas compreendam melhor essa linguagem do que a de criaturas mais sensatas... — Olharam um para o outro e tornaram a rir. — Em todo o caso, pode prejudicar mais a assembleia onde ele é capaz de falar com altivez...

— Sim, se não conseguirdes reprimi-lo...

— Não consigo senão até ao momento em que ele encontre os melros na companhia dos quais se habituou a voar... Meu genro e eu somos muito diferentes...

Erlend aproximou-se:

— A missa alimentou-vos tão bem para que passeis sem almoçar?

— Não ouvi chamar para o almoço... Tenho uma fome de lobo... e uma sede! — Lourenço acariciou um cavalo de cor clara e embaciada, que ele estava a examinar. — Se o homem que se ocupa dos teus cavalos de trabalho estivesse ao meu serviço, caro genro, punha-o... punha-o na rua antes de me sentar à mesa.

— Não me atrevo a fazê-lo em atenção a Cristina — retorquiu Erlend. — O moço seduziu uma das criadas.

— Ah! Ah! Considerais isso tal proeza que o homem vos pareça indispensável? — replicou Lourenço franzindo o sobrolho.

— Não, mas Cristina e o padre querem casá-los, e contam comigo para obrigar o rapaz a viver com ela. A rapariga não quer, o padrinho também não e Tore a custo aceita essa ideia... Mas não me permitem que o ponha na rua com receio de que dê às de vila-diogo. Agora, Ulf Haldorsoen vigia-o, quando ele, aliás, está cá em casa...

Erling Vidkunsoen foi juntar-se a Smid Gudleiksoen; Lourenço disse então ao genro:

— Cristina parece-me hoje um tanto pálida.

— Está mesmo — respondeu Erlend vivamente. — Não lhe poderíeis falar? Aquele garoto chupa-a até aos ossos. Creio que ela lhe quer dar peito até à terceira Quaresma, como qualquer camponesa...

— Sim, gosta apaixonadamente do filho — disse Lourenço com um leve sorriso.

— É verdade. — Erlend meneou a cabeça. — Ela e Sira Eiliv ficam horas e horas a comentar as pintas vermelhas que apareceram aqui ou ali ao pequeno e cada dente que lhe nasce, como se se tratasse dum grande milagre. Toda a vida vi nascer dentes às crianças e seria muito mais de admirar se Naakkve não tivesse nenhum...

II

NO ano seguinte, no fim das festal do Natal, Cristina Lavransdatter e Orm Erlendsoen chegaram inesperadamente a casa de Gunnulf.

Todo o dia houvera vento, neve e chuva e, à noite, foi uma autêntica tempestade. Cristina e Orm vinham cobertos de neve dos pés à cabeça quando entraram na sala onde o saderdote se preparava para comer com os seus convivas.

Gunnulf inquiriu logo, assustado, se se passara alguma coisa em Husaby. Cristina abanou a cabeça. Respondeu, às perguntas do cunhado, que Erlend estava num banquete em Gelmin, mas que ela se sentira tão fatigada que não o pudera acompanhar.

O padre calculou que eles tivessem feito a cavalo todo o percurso até à cidade: os animais pareciam extenuados. No final do trajecto haviam tido grande dificuldade em abrir caminho através dos montões de neve. Gunnulf mandou as duas criadas darem fatos secos a Cristina. Eram as únicas mulheres existentes na casa do padre: a ama e a irmã desta. Ele próprio se ocupou do sobrinho. Entretanto, Orm contava:

— Cristina está doente, creio eu. Disse-o ao papá mas ele zangou-se...

Andara muito irritada naqueles últimos tempos, acrescentou o rapazinho. Não sabia porquê. Não se lembrava se fora ela ou ele quem tivera a ideia de vir à cidade... Ah! Tinha sido assim: ela começara por dizer que gostaria de voltar à Igreja de Cristo; então ele respondera que a acompanharia de boa vontade. Naquela manhã, logo que o pai se fora a cavalo, Cristina declarara que queria partir. Orm obe-

decera-lhe, embora achasse o tempo bastante ameaçador, mas não podia sustentar o olhar de Cristina.

Gunnulf pensou que também não o podia, quando a cunhada voltou. Parecia magríssima com aquele vestido negro de Ingrid; o rosto estava branco como cal e os olhos fundos e pisados; o olhar era estranho e sombrio.

Havia mais de três meses que Gunnulf não a via: desde que estivera em Husaby para a festa do nascimento do filho. Então mostrava bom aspecto, ataviada na cama, e dissera que se sentia bem. O parto fora fácil. O padre não concordara com a decisão de Ragnfrid Ivarsdatter e de Erlend de confiar a criança a uma ama. Cristina chorava e suplicava que a deixassem amamentar Bjoergulf. Este filho, o segundo, fora baptizado com o nome do pai de Lourenço.

Gunnulf informou-se, em primeiro lugar, de Bjoergulf: sabia que Cristina não simpatizava com a ama a quem haviam entregado o filho. Ela, porém, disse que o pequeno ia bem, que Frida gostava muito dele e que o tratava melhor do que ela esperava.

— E Nikulaus? — indagou o tio. — Continua bonito?

Um ligeiro sorriso passou pelo semblante da mãe. Naakkve estava cada vez mais lindo. Não, não dizia muita coisa, mas, no resto, era duma precocidade, e tão desenvolvido! Ninguém acreditava que só tivesse dois anos; a senhora Gunna também era dessa opinião...

Dito isto, Cristina voltou aos seus pensamentos. Gunnulf olhava para o sobrinho e para a cunhada, sentados ao lado um do outro. Pareciam tão cansados, tão tristes, que a vista deles lhe apertava o coração.

Orm andava sempre melancólico; tinha, agora, quinze anos; seria o mais lindo dos rapazes se não fosse assim débil e franzino. Quase tão alto como o pai, era muito mais delgado e de ombros excessivamente estreitos. De rosto parecia-se com Erlend, mas tinha os olhos dum azul mais escuro e a boca, sob o leve buço, mais pequena e menos enérgica; conservava-a quase sempre fechada, com uma rugazinha de

tristeza na comissura dos lábios. Tudo, até ao pescoço esguio e moreno sob a cabeleira negra e encaracolada, tudo tinha um ar estranhamente infeliz, enquanto Orm comia, um pouco inclinado para diante.

Cristina nunca se sentara à mesa com o cunhado na casa deste. No ano anterior viera com Erlend à cidade por ocasião da assembleia da Primavera, e haviam-se alojado nessa moradia que Gunnulf herdara do pai, mas, nessa altura, o padre estava com os religiosos do convento, como substituto de um dos cónegos. Agora, Gunnulf era pároco de Steine, mas confiara essas funções a um assistente e vigiava o trabalho de cópia dos livros para as igrejas do arcebispo durante a doença do chantre, o reverendo Eirik Finsoen. Por isso é que ele morava, actualmente, na sua casa.

Cristina achava a sala diferente das outras a que estava habituada. A casa era de madeira, mas, a meio da empena do lado do nascente, Gunnulf mandara construir uma grande chaminé de pedra e cal como vira nos países do Sul; a lenha ardia ali entre grelhas de ferro forjado. A mesa encontrava-se encostada a uma das paredes, e, na da frente, havia bancos com pranchas para escrever. Diante da imagem da Virgem Maria ardia uma candeia de metal dourado e, de cada banda, alinhavam-se prateleiras com livros.

A casa parecia-lhe esquisita, assim como achava estranho o cunhado, agora que o via sentado à mesa com o seu pessoal, fâmulos ou criados que tinham um aspecto singular, semi-eclesiástico. Havia também ali mendigos velhos e um rapazinho de pálpebras vermelhas, finas como uma membrana, aderentes a órbitas vazias. No banco das mulheres, ao lado das duas velhas criadas, estava sentada uma moça com uma criança de dois anos no regaço; engolia vorazmente pedaços de carne e enfartava de tal maneira o filho que as bochechas deste pareciam prestes a rebentar.

De facto, todos os padres católicos ofereciam aos pobres parte da sua ceia, mas Cristina ouvia dizer que os mendigos compareciam em menor número na casa de Gunnulf Niku-

laussoen do que na dos outros sacerdotes, embora ele os instalasse na sala e tratasse cada pedinte como hóspede de honra, ou talvez por causa disso. Comiam do que ele comia e bebiam cerveja do seu tonel. Mas só vinham quando necessitavam duma refeição de carne, senão preferiam ir a casa dos outros padres onde lhes davam, na cozinha, caldo de farinha e cerveja fraca.

Logo que alguém se dispôs a ler em voz alta trechos de livros sagrados, os convivas pobres quiseram ir-se embora. Gunnulf falou com doçura a cada um deles, perguntando-lhes se desejavam pernoitar em sua casa ou se queriam qualquer outra coisa, mas o ceguinho foi o único que ficou. A moça com a criança pediu ao padre licença para passar ali a noite e assim evitar sair com o pequeno para a rua àquelas horas, mas, em seguida, resmungou uma desculpa e esquivou-se. Gunnulf recomendou a um dos criados que desse uma boa cama e cerveja a Arnstein, o cego. Depois, envergou uma capa com capuz:

— Estais sem dúvida fatigados, Orm e Cristina, e precisais de repouso. Andhild tomará cuidado em vós. Calculo que estareis a dormir quando eu regressar da igreja.

Cristina pediu-lhe que a deixasse acompanhá-lo.

— Foi para isso que vim — disse ela, fixando em Gunnulf os seus olhos desesperados.

Ingrid emprestou-lhe então uma capa enxuta, e ela e Orm reuniram-se ao grupo que saiu da casa do padre.

Os sinos tocavam como se estivessem exactamente por cima da cabeça deles, no céu escuro; a distância não era longa até à igreja. Avançavam a custo na neve fresca, profunda e húmida. O tempo estava calmo; aqui e ali um flocozinho de neve rodopiava, brilhando dèbilmente na obscuridade.

Morta de fadiga, Cristina tentou encostar-se a uma coluna que se encontrava a seu lado, mas a pedra enregelou-a. De pé, na penumbra da igreja, fitava as luzes do coro. Não podia distinguir Gunnulf lá em cima. Ele, porém, estava

sentado entre os padres, lendo no seu livro à claridade dos círios. Apesar disso, ela não lhe podia falar...

Parecia-lhe que, nessa noite, não lhe viria auxílio de parte nenhuma. Em casa, Sira Eiliv acusava-a de tomar muito a peito os seus pecados. Dizia ele que era propensão para o orgulho; ela que se aplicasse em orações e em actos caridosos e já não teria vagar para meditar em tais assuntos. «O Diabo não é tão estúpido que não perceba que a tua alma não será vítima dele; renunciará a tentar-te com essa violência...»

Cristina ouvia cantar as ladainhas e lembrava-se da igreja das freiras em Oslo. Misturava ela, nesse tempo, a sua voz débil aos cânticos — enquanto, na nave, Erlend esperava, embuçado na capa, e ambos só pensavam no prazer dum encontro clandestino.

Não julgara que aquele amor ardente e pagão fosse pecado tão horroroso. Nada podiam contra isso e, aliás, eram solteiros. Tratava-se, sobretudo, duma infracção às leis humanas. Queria ele precisamente livrar-se duma existência pecaminosa, e ela pensara que encontraria mais força para se isentar do mal quando depusesse a sua vida, honra e felicidade nas mãos de Erlend.

Na última vez que se ajoelhara nessa igreja, compreendera perfeitamente que, ao dizer tais coisas de si para si, só procurava enganar a Deus com mentiras e subterfúgios. Se existiam mandamentos que eles não haviam infringido, pecados que não tinham cometido, deviam-no não à sua virtude mas à sua boa estrela. Se fosse casada com outro quando encontrou Erlend, não teria mais complacência pela honra e saúde moral do marido do que tivera por aquela mulher que tão impiedosamente condenara. Parecia-lhe que tudo faria, arrastada pela paixão selvática, pelo desespero.

O amor temperara-lhe a vontade até a tornar dura e afiada como uma faca, pronta a cortar todos os laços do parentesco, da fé cristã, da honra. Não havia nela senão a sede ardente de o ver, de estar junto dele, de abrir os seus lábios

à boca sequiosa e o seio ao delicioso e mortal prazer que Erlend lhe ensinara.

Oh, não! O diabo não tinha tal certeza de que a alma dela se lhe houvesse escapado. Mas, quando ali estivera da outra vez, esmagada de desgosto por causa dos seus pecados, dureza do coração, vida impura e cegueira da alma, sentira que o rei santo a tomava sob o manto protector. Ela segurara-lhe na mão quente e poderosa; ele indicara-lhe a luz que é a fonte de toda a força e santidade, apontara-lhe para Jesus crucificado.—«Olha, Cristina, o amor de Deus...» Sim, começara a compreender o amor e a paciência de Deus; mas, depois, desviara-se da luz, fechara o seu coração, e, agora, nada mais lhe existia na alma do que impaciência, cólera e temor.

Era miserável, miserável. Tivera a noção de que deveria sofrer duras provações antes que ficasse curada da frieza da alma. E, contudo, por ser pouco paciente, parecia-lhe que o coração se lhe ia despedaçar sob o peso dos seus desgostos. Pequeninos desgostos, mas tão numerosos... e ela tinha tão pouca resignação...

Cristina entrevia a figura alta e esbelta do enteado que se destacava na galeria reservada aos homens. Ela não tinha possibilidade de lutar contra isto: gostava de Orm como se fosse seu filho mas não podia sentir afeição por Margret. Diligenciara estimar a pequena desde o dia em que Ulf a trouxera para Husaby, no Inverno anterior. Achava horrível experimentar semelhante aversão por uma garotinha de nove anos. Sabia que isso provinha, em parte, do facto de ela se parecer imensamente com a mãe... Não compreendia Erlend; este tinha apenas orgulho na beleza de Margret, nos seus caracóis louros e olhos castanhos; mas a presença da filha não parecia despertar nele recordações penosas. Dir-se-ia que Erlend esquecera tudo o que dizia respeito à mãe daquelas crianças. Porém, não era sòmente por Margret se assemelhar à outra que Cristina a aborrecia. A pequena não suportava nenhuma observação; orgulhosa e má para com os

criados, não era franca mas sim duma doçura hipócrita perante o pai. Não o amava como Orm; sempre com o fim de obter qualquer coisa, insinuava-se junto de Erlend com lisonjas e carícias. E Erlend cumulava-a de presentes e cedia a todos os caprichos da rapariguinha. Cristina já percebera que Orm também não gostava da irmã...

Sofria por se sentir dura e má, a pontos de não poder considerar sem irritação e malquerença os actos e gestos de Margret. Mas ainda lhe custava mais ser testemunha das eternas discussões entre Erlend e o filho primogénito. E afligia-se com isso tanto mais que via que o marido, no fundo do seu coração, gostava infinitamente de Orm; tornava-se injusto para com o rapaz porque não sabia a que santo se apegar para decidir e assegurar o futuro do filho. Dera uma quinta e gado aos seus bastardos, mas a ideia de que Orm se tornaria num camponês parecia-lhe, por assim dizer, inconcebível. Erlend renunciou, pois, a esse projecto ao ver quanto o filho era fraco e débil. Qualificou-o então de mono, quis, com furor, habituá-lo às fadigas, esteve com ele durante horas seguidas para o exercitar no uso de pesadas armas que o rapazinho era incapaz de manejar, obrigou-o, em certas noites, a beber até ficar doente, esgotou-o com caçadas perigosas e extenuantes. Ao mesmo tempo, Cristina via Erlend angustiado; muitas vezes mostrava-se cheio de desgosto porque compreendia que aquele seu filho elegante e belo deveria ocupar o único lugar de que o seu nascimento o privava. E, além disso, Cristina sabia quanto Erlend ficava impaciente desde que se inquietasse ou tivesse pena de alguém que lhe fosse querido.

Notou ela que Orm também dera fé disso. E compreendeu que a alma do pequeno se dividia entre o amor pelo pai e o orgulho que tinha dele e, por outro lado, o desprezo que sentia pelo desequilíbrio do homem, quando Erlend se vingava no filho das preocupações de que ele próprio era responsável. Orm, porém, refugiava-se junto da madrasta: ao pé desta cobrava alento e sentia a alma mais livre. Quando

estava sòzinho com ela, podia rir e brincar — tranquilamente, à sua maneira. Mas isso não agradava a Erlend; dir-se-ia suspeitar que ambos lhe censuravam a forma de proceder.

Na verdade, tudo se tornava difícil a Erlend; não era de admirar que se lhe dilacerasse o coração ao reflectir no destino dos dois filhos. Todavia...

Percorria-a um doloroso estremecimento ao pensar nestas coisas.

Na semana precedente tivera a quinta cheia de hóspedes. Erlend mandara arranjar o aposento situado por cima do vestíbulo logo que Margret chegara a Husaby. Seria o quarto da pequena, dizia ele, e era lá que ela dormia agora com a criadinha grave que o pai designara para a acompanhar e servir; Frida também ficava lá de noite com Bjoergulf. Mas, como tivessem pelo Natal grande número de hóspedes, Cristina destinara esse quarto para os rapazes; as duas servas e o nené pernoitavam no edifício reservado ao pessoal feminino. Como calculasse que Erlend não gostaria que ela mandasse Margret dormir com as criadas, preparara um dos bancos da sala onde ficavam também várias raparigas. Margret rabujava sempre para se levantar. Nessa manhã, Cristina acordara-a várias vezes, mas a pequena tornara-se a deitar e dormia ainda depois de todas as outras se haverem erguido. Cristina queria a sala arrumada; era preciso servir o almoço aos hóspedes...; acabara por perder a paciência. Arrancara as almofadas de baixo da cabeça de Margret e tirara-lhe a manta da cama. Quando, porém, vira a rapariguinha nua e estirada em cima do lençol, lançara sobre ela a capa que lhe cobria os ombros. Era um simples manto de burel que Cristina punha, ùnicamente para andar cá e lá entre os vários edifícios da quinta, e só depois de arrumar a casa.

Nesse instante, aparecera Erlend. Dormia num celeiro com alguns dos homens, pois a senhora Gunna partilhava com Cristina o leito do casal. Aquele espectáculo tornara-o furioso em absoluto. Agarrou no braço de Cristina com tanta força que a marca dos dedos lhe ficou gravada na pele.

— Imaginas que a minha filha pode dormir em palha e em burel? Margit pertence-me, e não a ti. O que não é bom para os teus filhos achas que basta para ela... Mas já que ultrajaste a inocente e débil criança em presença destas mulheres, deves reparar o que fizeste à vista das mesmas pessoas... Estende sobre Margit o que lhe tiraste...

Temos de notar que Erlend se embriagara na véspera à noite e, sempre que isso acontecia, andava maçado no dia seguinte de manhã. Afigurava-se-lhe então que as mulheres cochichavam entre si ao verem os filhos de Eline. E ele era dolorosamente sensível à opinião delas. Mas, ainda assim...

Cristina tentara falar do assunto a Sira Eiliv. Este, porém, não a podia auxiliar em nada. Gunnulf dissera à cunhada que os pecados que ela confessara e resgatara antes de Eiliv Serksoen ser o padre de Husaby não precisava de os tornar a confessar — a não ser que ela achasse necessário que o capelão os conhecesse para melhor poder aconselhá-la. Assim, Cristina não se decidira a dizer-lhe muitas coisas, embora sentisse que desta maneira passava, aos olhos de Sira Eiliv, por melhor criatura do que era. Mas fazia-lhe bem possuir a amizade daquele homem puro e de coração excelente. Erlend gracejava a esse respeito, mas Sira Eiliv dava-lhe tanta consolação! Com ele podia falar tanto quanto quisesse acerca dos filhos. Todas as pequeninas novidades que faziam fugir Erlend, o padre consentia em discuti-las com ela. Entendia-se também fàcilmente com as crianças e compreendia os seus desgostozinhos e doenças.

Erlend ria quando Cristina ia em pessoa à cozinha preparar gulodices que depois mandava levar a casa do padre — Sira Eiliv gostava de comer e beber bem. Ela sentia prazer em ocupar-se dessas coisas e experimentava então pôr em prática o que aprendera em casa da mãe ou vira fazer no convento. Erlend, esse, era indiferente ao que comia, contanto que lhe servissem carne nos dias que não fossem de abstinência. Sira Eiliv, pelo contrário, vinha conversar, agradecer, elogiar a habilidade de Cristina quando esta lhe

enviava perdizes envoltas em tiras de toucinho e assadas, ou um prato de língua de rena com vinho francês e mel. Além disso, ele dava-lhe conselhos para o jardim, obtinha-lhe plantas de Tautra, onde o irmão era monge, e do convento de Santo Olavo, cujo abade era seu amigo íntimo. Lia-lhe histórias de santos e sabia contar-lhe tantas coisas lindas do que se passava no mundo...

Mas, justamente pelo facto de Eiliv ser homem bom e crente, Cristina achava muitas vezes difícil falar-lhe do mal que via no seu próprio coração. Quando lhe confessara a amargura que sentia pela atitude de Erlend, a propósito da sua admoestação a Margret, o padre recomendara-lhe paciência para com o marido. Mas parecia ser de opinião que Erlend é que não andara bem em dirigir à mulher palavras tão injustas na presença de estranhos. Cristina também assim julgava. No fundo, experimentava um sentimento de cumplicidade que não podia exprimir e que lhe causava grande mágoa.

Cristina levantou os olhos para o relicário cujo ouro brilhava na penumbra atrás do altar-mor. Voltara ali com a confiança de que alguma coisa aconteceria, de que uma redenção a esperava! De novo uma fonte viva brotaria no seu coração e expulsaria todo aquele nervosismo, aquela angústia, aquele rancor, aquela perturbação que o enchia.

Mas não havia ninguém que lhe mostrasse bondade nessa noite. «Não aprendeste, Cristina, a iluminar o teu sentimento de justiça à luz da justiça de Deus, a elevar o teu amor pagão e egoísta à luz do amor divino? É porque não queres aprender, Cristina».

Antes, na última vez que ajoelhara ali, tinha Naakkve nos braços. Aquela boquinha encostada ao seu seio aquecia-lhe tanto o coração! Era como uma cera mole, fácil de moldar pelo amor do céu. Na verdade, ela tinha Naakkve; corria no átrio da casa, tão gentil e tão meigo que o coração de Cristina lhe pulava no peito só em pensar nele. O cabelo sedoso e ondulado do filho começava a tornar-se mais escuro;

seria moreno como o pai. E tão vivo e inteligente! Ela fazia, para o seu menino, animais com velhos pedaços de pele; ele atirava-os e corria a apanhá-los lutando à porfia com os cãezinhos. A brincadeira terminava frequentes vezes pela queda do urso de pele no lume da lareira onde ardia no meio de fumarada e de horrivel cheiro. Naakkve ali ficava a saltar, a gritar, a bater com os pés no chão, com a cabeça escondida no regaço da mãe, — era assim que acabavam todas as suas aventuras. As criadas disputavam-lhe as boas graças, os homens pegavam-no ao colo e atiravam-no ao tecto quando vinham à casa dos patrões. Se o menino via Ulf Haldorsoen, precipitava-se para ele e agarrava-se-lhe às pernas. Ulf levava-o em algumas ocasiões às casas da quinta. Erlend estendia ao filho as mãos unidas, punha-o uns momentos sobre os ombros; mas, em Husaby, era o pai quem prestava menos atenção ao pequeno. Contudo, gostava de Naakkve. Erlend estava contente por ter agora dois filhos legitimos.

Cristina sentiu um aperto no coração: haviam-lhe tirado Bjoergulf, que choramingava se a mãe queria pegar nele; Frida dava-lhe logo o peito: a ama velava ciosamente pela criança. Mas, quanto ao primeiro filho que tivesse, Cristina não o largaria. Ragnfrid e Erlend haviam-lhe dito que, daí para o futuro, devia poupar-se, e tinham-lhe tirado o filho para o dar a outra mulher. Cristina experimentava quase uma alegria vingativa ao reflectir que tudo o que haviam obtido com aquilo era ela poder ter terceiro filho antes de Bjoergulf completar onze meses.

Não ousara falar do assunto a Sira Eiliv. Este decerto julgaria que ela estava apenas aborrecida por ter de recomeçar essa caminhada. Mas não era isso...

Voltara da sua peregrinação cheia de profundo horror; nunca mais se deixaria dominar por aquele selvático estado de alma. Até ao fim do Verão dormira sòzinha com o filho, meditara nas palavras do arcebispo e de Gunnulf, vigilante nas suas orações e penitências, assidua no trabalho de endireitar a quinta tão ao desleixo, procurando cativar os servi-

çais com a sua bondade e cuidado pelo bem-estar deles, ardente em ajudar todos os que a rodeavam, tão longe quanto pudessem chegar as suas mãos e autoridade. Descia sobre ela nova paz reanimadora. Nos seus pensamentos encontrava apoio junto do pai, apoio nas suas preces aos santos e santas de quem Sira Eiliv lhe lia a vida; meditara na firmeza e coragem deles. Comovida de felicidade e gratidão, lembrava-se de Frei Edvin, que lhe aparecera certa noite de luar. Compreendera-o quando ele lhe sorrira tão docemente e suspendera a manopla nos raios de luz. Tivesse ela bastante fé, tornar-se-ia numa mulher justa e recta.

Decorrido o primeiro ano do seu casamento, Cristina teve de voltar para junto de Erlend. Consolava-se quando se sentia indecisa — o próprio arcebispo lhe recomendara que procurasse a felicidade na vida comum com o marido. E ela aplicava-se com cioso cuidado em garantir o bem-estar e a honra do esposo. Erlend dissera-lhe: «Há uma coisa mais do que certa: trouxeste honra a Husaby.» Toda a gente lhe testemunhava benevolência e consideração, todos pareciam dispostos a esquecer que o casamento dela fora um tanto precipitado. Quando as mulheres se reuniam, pediam-lhe conselho; gabavam-lhe o arranjo da casa, solicitavam-lhe que acompanhasse e vigiasse as noivas e que socorresse as mulheres que estavam de parto; ninguém lhe fazia sentir que era jovem, inexperiente e novata naquelas aldeias. Os criados ficavam até tarde no átrio, exactamente como em Joerundgaard; tinham sempre qualquer coisa a perguntar à dona da casa. Sentia-se como que embriagada ao ver que todos lhe patenteavam tanta gentileza e que Erlend parecia orgulhoso dela.

Depois, o marido teve de se ocupar do alistamento das equipagens nos distritos do Sul do fiorde. Andava cá e lá a cavalo e de barco, azafamado com as pessoas que vinham procurá-lo e com as cartas que devia mandar. Parecia tão novo, belo e feliz! Dir-se-iam dissipadas a apatia e a tristeza que, antes, Cristina vira nele tantas vezes. Tinha o fulgor

da manhã que desponta. Não dispunha agora de muito tempo para se consagrar à mulher; ela, porém, fazia-se travessa e maliciosa quando o marido se aproximava com o sorriso e o olhar ardente dum conquistador de profissão.

Cristina reconciliara-se, pela sua atitude, com Erlend, desde que chegara a carta de Munan Baardsoen. O cavaleiro não comparecera na assembleia da guarda real, mas zombava de todas as medidas tomadas e, em particular, troçava do facto de Erling Vidkunsoen haver sido nomeado lugar-tenente do reino. No começo, ele próprio é que dava a si os títulos; gostaria de ser chamado agora mordomo-mor. Munan escrevia também a respeito do pai de Cristina: «O lobo de Sil escondeu-se sob um rochedo e ali ficou quieto. Quero dizer que teu sogro foi para casa dos padres da Igreja de São Lourenço e não fez ouvir a sua bela voz nas sessões de debates. Tinha em seu poder documentos com o sinete de Erngisle e de Karl Turesson; se eles ainda não estão em bocados é porque o pergaminho é mais resistente do que as solas do Diabo. Participo-te também que Lourenço deu oito marcos ao convento das freiras. Provàvelmente percebeu que Cristina não se maçou ali tanto como seria conveniente...»

Ela bem sentira, ao ler aquilo, uma onda de vergonha e de mágoa, mas acabara rindo do caso com Erlend. O Inverno e a Primavera decorreram para ela num inebriamento de alegria e de felicidade, apesar de algumas borrascas a propósito de Orm... Erlend não sabia se devia levar o filho consigo para o Norte. Isso acabou numa explosão, na altura da Páscoa; uma noite, Erlend defez-se em lágrimas nos braços de Cristina: não ousava embarcar com Orm, receava que o pequeno fosse incapaz de se comportar bem numa expedição de guerra. Ela consolara-o: o filho, com o andar dos tempos, tornar-se-ia forte!

No dia em que Cristina partiu com Erlend para os areais de Birgsi, não sentira medo nem aflição. Ia como que ébria de Erlend, de alegria, de orgulho pelo marido.

Ela própria não sabia que estava grávida do segundo

filho. Quando andava mal disposta atribuía tudo ao barulho que Erlend fazia, à algazarra das pessoas que ele convidava para beberem, e também a Naakkve, que mamava até esgotá-la. Quando Cristina sentiu uma nova vida mover-se dentro de si, ficara... nem sabia como. Andava tão contente durante o Inverno, feliz em passear pelas cidades e aldeias na companhia do seu marido belo e altivo, e ela própria jovem e bonita! Pensara em desmamar o filho no Outono — era um estorvo levar, para toda a parte onde ia, o pequeno e a respectiva criada. Tinha a certeza de que, nessa guerra contra os Russos, Erlend mostraria servir para mais alguma coisa do que para arruinar o nome e os seus haveres. Não, essa gravidez não a alegrara, e ela dissera-o a Sira Eiliv. O padre repreendera-a vivamente pelos seus sentimentos dum mundanismo pouco cristão. E todo o Verão Cristina se esforçara por estar contente e agradecer a Deus o novo filho que ia ter e as boas notícias que lhe davam acerca do bom comportamento de Erlend no Norte.

O marido regressara ao lar no dia da festa de São Miguel. E Cristina percebera que não ficara satisfeito com o próximo acontecimento. Aliás, ele explicou-se nessa mesma noite:

— Quando casei contigo, pensava que seria como festejar o Natal todos os dias. Afinal, isto redunda em longas abstinências.

De cada vez que lhe vinham à memória estas palavras, subia-lhe uma onda de sangue à cara, tão ardente como na noite em que se separara dele, sombria e de olhos enxutos. Erlend tentara apagar essa impressão com ternura e bondade. Ela, porém, não podia. O fogo interior, que todas as lágrimas de arrependimento não puderam extinguir nem a angústia do pecado sufocar... esse fogo parecia-lhe que Erlend se encarniçava em espezinhá-lo ao pronunciar tais palavras.

Alta noite estavam sentados, junto da chaminé da casa de Gunnulf, ele, Cristina e Orm. Na borda do fogão, viam-se

pousadas uma infusa de vinho e várias taças. O padre dera a entender que os seus hóspedes deviam ir descansar. Mas Cristina pediu para se demorar um pouco mais.

— Lembras-te — perguntou ela — que o prior da minha aldeia me aconselhou que entrasse num convento se meu pai não consentisse em me casar com Erlend?

Involuntàriamente, Gunnulf olhou para Orm. Cristina, entretanto, disse com um sorriso desanimado:

— Julgas que este rapaz já não sabe que eu sou uma mulher fraca e pecadora?

O sacerdote retorquiu com doçura:

— Tinhas então disposições para a vida conventual, Cristina?

— Deus sem dúvida me abriria os olhos logo que eu entrasse ao Seu serviço...

— Talvez achasse que os teus olhos precisavam ser abertos para te levar a compreender que deves servi-lo onde estás. O teu marido, os teus filhos, os teus criados necessitam certamente duma serva de Deus fiel e paciente, que trate deles... Evidentemente que a rapariga que melhor casamento faz é aquela que escolheu Cristo por esposo e que se não entrega ao poder dum pecador. Mas, tratando-se duma que já conhece o mal...

— Queria que viesses para Deus com a tua coroa — murmurou Cristina. — Era isto que me dizia Frei Edvin Rikardsoen, de quem tantas vezes te falei. És da mesma opinião?

Gunnulf Nikulaussoen fez um sinal afirmativo.

— Todavia, muitas mulheres arrancaram-se com tanta força a uma vida de pecado que agora imploramos a sua intercessão. Mas isso acontecia com mais frequência outrora neste mundo, quando as ameaçavam com a tortura, com a fogueira e com ferros em brasa se elas se declarassem cristãs. Muitas vezes pensei, Cristina, que era então mais fácil desprender-se dos grilhões do pecado quando se o podia fazer duma só vez, pela violência. Estamos muito pervertidos, pobres criaturas que somos, mas, apesar de tudo, por natu-

reza, a coragem conserva-se no coração de muitos, e é geralmente a coragem que impele uma alma a procurar Deus. Por isso as torturas são para alguns um aguilhão de constância, tanto como a cobardia o é para as almas fracas. Mas uma criança extraviada, arrancada aos prazeres do pecado antes de haver compreendido qual a ameaça que paira sobre si, torna-se irmã das puras virgens que se consagraram em velar e pedir por aqueles que dormem no mundo... Se ao menos o Verão chegasse depressa! — disse ele bruscamente e pondo-se de pé.

Cristina e Orm olharam-no espantados.

— Sabem porquê? Lembrei-me da estação em que o cuco canta de manhã nas colinas de Husaby. Ouvíamos sempre o seu primeiro apelo do lado do nascente, por trás das casas, e o eco respondia-lhe, ao longe, vindo da floresta que rodeia By, repercutindo com tanta nitidez sobre o lago no sossego da manhã. Não achas que Husaby é linda, Cristina?

— Cuco do nascente, cuco ruim — disse Orm Erlendsoen em voz baixa. — Para mim, Husaby é a mais bela quinta que existe no mundo.

O padre descansou uns instantes as mãos nos ombros franzinos do sobrinho:

— Era assim que eu pensava. Para mim, também, nada havia mais lindo do que a quinta de meu pai... Os bens alodiais não pertenceram ao filho mais novo como não pertencem a ti, meu caro Orm.

— Quando o pai vivia com minha mãe, eras tu o herdeiro mais próximo — murmurou o rapaz.

— Não podemos influir nisso, nem eu nem meus filhos, Orm — volveu tristemente Cristina.

— Já deves ter notado que não sinto irritação nenhuma contra vós.

— A terra é tão grande, tão espaçosa! — tornou Cristina depois dum silêncio. — Em Husaby tem-se uma vista tão ampla e o céu é tão... tão amplo também! Na minha aldeia, é como um telhado por cima do flanco das montanhas. O vale

conserva-se, ao abrigo dele, verde e fresco lá no fundo. O mundo aparece-nos com justas proporções: nem muito grande, nem muito pequeno.

Cristina suspirou e moveu as mãos sobre o regaço.

— Era lá que morava o homem com quem teu pai te queria casar? — perguntou Gunnulf.

Ela fez um sinal afirmativo.

— Lastimas, algumas vezes, não o teres desposado?

Cristina abanou a cabeça.

Gunnulf foi buscar um livro à prateleira. Sentando-se novamente junto do fogão, abriu os joelhos e folheou as páginas. Embora não lesse, ficou sentado com o livro aberto em cima dos joelhos:

«Quando Adão e Eva arrostaram com a vontade de Deus, sentiram na sua carne uma força que se sublevava à vontade deles. Deus criara-os, marido e mulher, jovens e belos, para que vivessem como esposos e gerassem herdeiros aos dons da Sua bondade: a beleza do jardim do Paraíso, os frutos da árvore da vida e a felicidade eterna. Eles não tinham que se envergonhar do corpo, pois, enquanto obedeciam a Deus, todos os membros dependiam da vontade deles, como dependem as mãos e os pés.»

Ruborizada, Cristina cruzou as mãos no peito. O padre inclinou-se um pouco para ela; de cabeça baixa, Cristina sentia fixo em si o olhar intenso das pupilas douradas de Gunnulf.

«Eva apoderou-se daquilo que pertencia a Deus e o marido consentiu que ela lhe desse o que era propriedade do seu Criador. Seriam daí para o futuro iguais a Ele. Mas viram então que só eram iguais nisto: como haviam traído a Sua autoridade no vasto mundo, a autoridade deles sobre o pequenino mundo do invólucro de carne da sua alma era, também, traída. Como tinham enganado o seu Senhor, o corpo enganaria agora o espírito, senhor dele... Então esses corpos pareceram-lhes tão perversos e hediondos que quiseram tapá-los. Ao princípio, limitaram-se a fazer um tanga de

folhas de figueira. Mas como aprendessem a conhecer cada vez melhor a essência da sua natureza carnal, cobriram também o coração e as costas rebeldes a se curvarem. E os homens chegaram nestes derradeiros tempos a se revestir de aço até à última articulação das mãos e dos pés e a esconder a cara com a viseira do capacete... de tal forma a discórdia e a impostura progrediram neste mundo.»

— Vem em meu auxílio, Gunnulf — replicou Cristina com os lábios descorados. — Não... não sinto a minha própria vontade.

— Dize então: seja feita a Vossa vontade — respondeu docemente o sacerdote. — Sabes que deves abrir o teu coração ao amor de Deus. Tens, pois, de amá-lo com todas as forças da tua alma...

Cristina voltou-se bruscamente para o cunhado:

— Não fazes ideia de quanto Erlend me era querido. E os meus filhos!

— Irmã, qualquer outro amor não é mais do que um reflexo do céu nos charcos dum caminho lamacento. Ficarás conspurcada se neles mergulhares. Mas lembra-te sempre de que é um reflexo da luz da mansão divina; assim, regozija-te com a sua beleza, mas teme destruí-la removendo o lodo que está no fundo...

— Sim, mas tu és padre, Gunnulf... prometeste a Deus fugir a essas .. dificuldades.

— Também tu prometeste, Cristina, quando juraste renunciar a Satanás e às suas obras. A acção do Demónio começa na doçura do prazer e acaba de tal maneira que dois seres humanos se assemelham à serpente e ao sapo que lutam. Foi o que Eva reconheceu; querendo dar ao marido e aos filhos o que pertencia a Deus, não lhes acarretou outra coisa senão o exílio, o crime e a morte que apareceram neste mundo quando o irmão matou o irmão sobre esse primeiro pedaço de terra onde cresciam silvas e cardos, entre as pedras que rodeavam os campos...

— Pois sim, mas tu és padre — repetiu Cristina. — Não

tens, cada dia, de tentar entenderes-te com outro para... — aqui desfez-se em lágrimas — para ser paciente.

Gunnulf volveu com um leve sorriso:

— Quanto a isso, há sempre desacordo entre o corpo e a alma de todos os filhos de Eva. É por esta razão que a bênção e a missa nupcial foram instituídas: para que o homem e a mulher se protejam mùtuamente e vivam, esposos, pais, filhos e criados, como companheiros fiéis e caritativos durante a viagem para a mansão da paz...

Cristina retorquiu com doçura:

— Tenho a impressão de que deve ser mais fácil velar e rezar por aqueles que dormem neste mundo do que penar com os próprios pecados...

— É certo — volveu secamente o sacerdote. — Mas talvez não acredites, Cristina, que nunca um homem casado viveu sem que tivesse de se defender contra o Demónio, da mesma forma que defenderia ovelhas contra o lobo...

Cristina disse em voz baixa e tímida:

— Pensava... naqueles que viajam dum lugar santo para outro e têm à sua disposição todas as palavras persuasivas e orações...

Gunnulf inclinou-se, arranjou o lume e depois ficou com os cotovelos fincados nos joelhos:

— Faz agora seis anos que chegámos a Roma, eu e Eiliv, e dois padres escoceses com quem travámos conhecimento em Avinhão. Fizéramos todo o trajecto a pé. Chegámos, pois, à cidade pouco antes da Quaresma. Os habitantes do país do Sul andavam então em grandes festas e banquetes... chamam a isso o Carnaval. Nessa altura o vinho, tinto e branco, corre incessantemente nas tabernas e o povo dança durante a noite nas praças públicas à luz de tochas e de archotes. É Primavera na Itália e as flores cobrem os prados e os jardins; as mulheres ataviam-se com elas e atiram rosas e violetas às pessoas que passam nas ruas. Sentam-se nas varandas donde pendem colchas de seda e bandeiras ao longo das paredes. Lá, todas as casas são de pedra e os cavaleiros

têm os seus castelos e casas fortificadas dentro da cidade. Não existe nenhuma espécie de lei de Bjarkoe sobre a paz pública em Roma, mas os cavaleiros e respectivos criados batem-se em plena rua e o sangue corre... Havia um castelo desse género na rua onde morávamos, comandado por um senhor chamado Ermes Malavolti. Projectava a sua sombra em toda a viela onde se encontrava o albergue que habitávamos e o nosso quarto era escuro e frio como a masmorra dum castelo de pedra. Muitas vezes, quando saíamos, tínhamo-nos de encostar à parede enquanto o senhor passava a cavalo, tilintando os guisos de prata, seguido por um bando de homens armados, e o lixo e os excrementos choviam-nos sobre a cabeça, pois, nessa terra, toda a gente lança muito simplesmente diante das suas portas as imundícies. As ruas são frias, escuras e estreitas como gargantas de montanha; pouco se parecem com os caminhos arborizados das nossas cidades. Nessas ruas organizam corridas durante o Carnaval e fazem disputas de velocidade com bravios cavalos árabes...

Gunnulf deteve-se um pouco, depois continuou:

— Esse senhor Ermes tinha uma parenta que morava em casa dele. Chamava-se Isota e poderia ser a loura Iseu em pessoa. Possuía a pele e os cabelos dourados, mas os olhos eram deveras pretos. Vi-a algumas vezes à janela... Mas, fora da cidade, o país é mais deserto do que os altos planaltos ermos da nossa terra onde ninguém passa, onde dominam a rena, o lobo e a águia. Todavia há cidades e castelos nas montanhas dos arredores; nas vastas extensões verdejantes vêem-se, por toda a parte, vestígios de antigas habitações; aí passam grandes rebanhos de carneiros e manadas de bois brancos. Os pastores, armados duma comprida lança, seguem-nos a cavalo; os viajantes temem encontrar esses homens perigosos, pois matam e roubam os transeuntes e atiram os seus cadáveres para dentro de buracos... Mas, nessas planícies cheias de verdura, estão situadas as igrejas dos peregrinos...

Gunnulf fez uma pausa.

— Talvez que essa região pareça indizìvelmente deserta pelo facto de aí se achar a cidade que foi rainha de todo o mundo pagão e se tornou na sede da Igreja, esposa de Cristo. Os guardas desapareceram dali; no meio da ruidosa petulância dos festins, ela tem o ar duma mulher abandonada. Os libertinos assaltaram a fortaleza cujo senhor estava ausente; chamaram a esposa para se banquetear com eles e tomar parte nos seus prazeres, nas suas disputas sangrentas, na sua turbulência... Mas existem debaixo da terra esplendores mais preciosos do que aqueles que o Sol ilumina. São os túmulos dos santos mártires abertos sob a terra, em plena montanha, tão numerosos que só pensar nisso dá vertigens. Quando nos lembramos daqueles mártires que sofreram a morte por causa de Cristo, parece-nos que todos os grãozinhos da poeira que os soldados levantam com as patadas dos seus cavalos deviam ser sagrados e mereciam que os adorássemos.

O padre tirou de baixo das suas vestimentas uma cadeia fina e abriu a cruzinha de prata que ali estava suspensa. Continha qualquer coisa escura semelhante à isca de acender, e um ossinho esverdinhado.

— Certa vez passámos todo o dia naqueles subterrâneos e rezámos nas grutas e oratórios onde os primeiros discípulos de São Pedro e de São Paulo se reuniram a fim de ouvir missa. Foi então que os monges, que possuíam a igreja onde fôramos, nos deram estas santas relíquias. É um resto dos filamentos com que as virgens prudentes ensopavam o sangue dos mártires para que se não derramasse, e a falange do dedo dum santo de quem só Deus sabe o nome. Prometemos nessa ocasião, todos quatro, invocar diàriamente esse santo, cuja glória é desconhecida dos homens, e de sempre nos lembrarmos que nada existe no mundo que mereça o nosso desejo, excepto a misericórdia do Senhor...

Cristina beijou a cruz com veneração e passou-a a Orm, que fez o mesmo. Então Gunnulf disse de súbito:

— Quero dar-te esta relíquia, meu sobrinho.

Orm pôs um joelho em terra e beijou a mão do tio. Gunnulf suspendeu a cruz ao pescoço do rapazinho.

— Não gostarias de ver esses lugares santos, Orm?

As feições do rapaz iluminaram-se com um sorriso.

— Oh! Tenho agora a certeza de que irei lá um dia.

— Nunca desejaste seguir a vida eclesiástica?

— Sim, quando o pai amaldiçoa os meus braços débeis. Mas não sei se seria do agrado dele que eu me tornasse padre. Por causa daquilo que sabes.

— Podia-se obter uma dispensa de legitimidade. Quem sabe, Orm, se um dia partiremos juntos para o Sul, tu e eu...

— Continua o que estavas a contar, tio — suplicou Orm docemente.

— De boa vontade. — Gunnulf apoiou-se no braço da cadeira e olhou para o lume que flamejava: — Enquanto percorria aqueles lugares, evocando os mártires e lembrando-me das torturas abomináveis que suportaram pelo nome de Jesus, invadiu-me uma forte tentação. Pensei que Nosso Senhor ficara pregado na cruz algumas horas. Fora porém durante numerosos dias que as testemunhas de Jesus haviam sofrido torturas indizíveis: mulheres que viram os filhos chacinados à sua vista, frágeis donzelas a quem rasgaram a carne até aos ossos com pentes de ferro, moços que foram atirados a animais ferozes e a touros furiosos. E tive a impressão de que muitos deles tinham sofrido mais do que Cristo... Meditei nisso até sentir que o coração e o cérebro me iam estalar. Por fim, a luz que eu pedira e implorara fez-se em mim. E compreendi que o que eles sofreram devíamos ter coragem de o sofrer. Quem seria tão louco que não aceitasse de bom grado os tormentos e as penas quando esse é o caminho que vai ter ao Esposo fiel e constante que nos espera de braços abertos e com o peito sangrento e ardente de amor?... Porque Ele amava os homens. E por isso morreu como morre o esposo que se precipita para salvar a esposa das mãos dos bandidos. Amarram-no, torturam-no até à morte; ele, entretanto, vê o seu amigo mais caro sentado à mesa com os seus

verdugos, a gracejar com eles e a troçar dos seus sofrimentos e do seu amor fiel...

Gunnulf Nikulaussoen encostou as mãos à cara:

— Compreendi então que esse amor poderoso se mantém em todo o universo... até no fogo do inferno. Se Deus quisesse arrebatar-nos-ia a alma, seríamos absolutamente impotentes nas Suas mãos. Mas, porque nos amou como o esposo ama a esposa, não quer contrariá-la, e, se ela não consente em recebê-lo, suportará que lhe fuja e o evite. Por isso pensei que talvez nenhuma alma esteja perdida para a eternidade. Porque, suponho eu, todas devem aspirar a esse amor; mas o preço parece tão elevado quando é necessário renunciar a qualquer outra consolação! Contudo, quando o fogo destruiu toda a vontade maligna e inimiga de Cristo, o desejo de ir para Deus, mesmo que não seja mais considerável num homem do que um prego numa casa inteira, deve subsistir na alma como o ferro subsiste no prédio incendiado...

— Gunnulf — Cristina soergueu-se da cadeira —, tenho medo...

O padre, muito pálido, ergueu para ela o olhar ardente.

— Também eu tive medo, pois compreendi que esse tormento do amor de Deus não terminará enquanto houver na terra homens e mulheres de quem Ele receie perder as almas... A cada dia e a cada hora, Ele dá o seu corpo e o seu sangue em mil altares, embora haja homens que rejeitem essa oferenda... E eu inquietava-me por mim próprio que, impuro, servira no Seu altar, dissera missa com lábios impuros e elevara a hóstia com mãos impuras. Dava-me o efeito dum homem que tivesse conduzido a sua bem-amada para um prostíbulo e aí a enganasse...

Gunnulf amparou nos braços Cristina, que desfalecia, e Orm e ele levaram-na, desmaiada, para a cama.

Passado um momento, ela abriu os olhos, sentou-se e tapou a cara com as mãos. Debulhada em lágrimas, gemeu:

— Não posso, não posso, Gunnulf... quando falas dessa maneira, sinto que jamais poderia...

Gunnulf agarrou-lhe na mão. Ela, porém, desviou a cabeça sob o olhar inflexível do padre.

— Cristina... Não podes contentar-te com um amor inferior àquele que existe entre Deus e a alma... Cristina, repara no que é o mundo em teu redor. Tu que deste à luz dois filhos, nunca reflectiste que cada criança que nasce é baptizada no sangue e que a primeira coisa que um ser humano respira é o cheiro do sangue? Não pensas que tu, sendo mãe, deves empregar toda a tua actividade em fazer com que teus filhos não voltem para esse primeiro pacto com o mundo, mas que se fixem no segundo pacto que concluíram com Deus na pia baptismal?

Cristina soluçava perdidamente.

— Assustas-me! — repetiu ela. — Gunnulf, quando falas dessa forma compreendo que jamais terei forças de encontrar o caminho da paz...

— Deus virá ao teu encontro — volveu o padre docemente. — Sê calma e não fujas a Ele, que te procurou antes mesmo de existires no seio de tua mãe.

Ficou sentado uns instantes na borda da cama. Depois perguntou com voz serena se devia acordar Ingrid e pedir-lhe que viesse ajudar Cristina a se despir.

Ela abanou a cabeça.

Então Gunnulf fez três vezes sobre a cunhada o sinal da cruz. Em seguida deu boa-noite a Orm e retirou-se para o seu quarto.

Orm e Cristina despiram-se. O rapazinho parecia mergulhado num abismo de reflexões. Logo que Cristina se deitou, ele aproximou-se. Olhou-lhe para o rosto coberto de lágrimas e perguntou-lhe se dava licença que se sentasse ali perto até que ela adormecesse.

— Pois sim... Mas não, Orm, deves estar fatigado, tu que és novo. Certamente já é muito tarde...

Entretanto, Orm demorou-se um bocadinho.

— Não achas espantoso? — exclamou ele de súbito. —

O pai e o tio Gunnulf, por muito diferentes que sejam um do outro, parecem-se, contudo, de certa maneira...

Cristina meditou uns momentos:

— Sim, talvez. São muito diferentes dos outros homens...

Pouco depois adormeceu. Orm dirigiu-se para o outro leito. Tirou o fato e deitou-se. Os lençóis eram de linho, assim como as fronhas. O rapazinho sentiu grande prazer em se estender sobre a cama lisa e asseada. O coração pulava-lhe impetuoso com a ideia daquelas novas aventuras de que as palavras do tio lhe haviam desvendado o caminho. As orações, os jejuns que ele praticava porque lhe tinham ensinado, tornavam-se agora em qualquer coisa diferente, armas para uma bela guerra pela qual suspirava. Talvez um dia fosse monge ou padre, se conseguisse obter dispensa, visto ser bastardo.

O leito de Gunnulf era um banco de madeira com uma pele sobre um pouco de palha e uma única almofadinha, de forma que ele se devia estirar completamente. O padre despiu apenas a sotaina, puxou para cima de si o leve cobertor de burel, e deixou consumir o resto da mecha que se enrolava em volta dum castiçal de ferro.

As palavras que proferira fizeram nascer nele uma angústia e inquietação que o oprimiam.

Sentia-se acabrunhado pelas saudades dos dias distantes. Tornaria a encontrar essa alegria das bodas do seu coração que o enchera toda aquela Primavera em Roma? Em companhia dos seus irmãos caminhava ao sol pelos prados verdejantes constelados de flores. Ia trémulo e fraco perante a beleza do mundo, sabendo que tudo aquilo não era nada em comparação com as riquezas da outra vida. Entretanto aquele mundo trazia-lhes mil pequeninas recordações alegres e suaves do Esposo. Os lírios do chão e as aves do céu lembravam as Suas palavras; Ele falara de jumentos semelhantes àqueles que viam e de poços iguais às cisternas de pedra junto das quais passavam... Todos quatro comiam nos conventos ligados às igrejas que visitavam, e, quando bebiam o vinho

rubro e fendiam a côdea dourada do pão de trigo candial, os quatro padres do país da cevada compreendiam a razão por que Cristo glorificara o pão e o vinho — os mais puros dos alimentos dados por Deus ao homem — manifestando-se sob essa aparência no sacrifício da missa.

Naquela Primavera, não sentiria inquietação nem temor. Achava-se tão desprendido das seduções do mundo que, logo que sentiu o calor do sol sobre a pele, percebeu perfeitamente o que antes fora objecto de cruéis meditações: como o seu corpo se podia tornar, pela purificação do fogo, no corpo da glorificação. Aliviado e liberto das necessidades da terra, não precisava de mais sono do que o cuco em noites estivais. O coração cantava-lhe no peito; tinha a impressão de que a sua alma era como uma esposa nos braços do esposo.

Sabia que isso não podia durar. Neste mundo ninguém consegue viver assim muito tempo. E aceitara cada hora dessa Primavera luminosa como uma promessa divina que o devia tornar forte e constante quando as nuvens fizessem escuro por cima dele e quando o caminho o conduzisse a negros abismos, sobre rios rumorejantes e frios montões de neve.

Mas foi sòmente no seu regresso à Noruega que o espírito se lhe perturbou realmente.

Existiam ali tantas coisas! Os seus bens, a considerável herança do pai — e o rico curato; o caminho que se abria para ele: o seu lugar no capítulo da catedral, pois sabia que lhe estava reservado — a não ser que se separasse de quanto possuía e entrasse para o convento dos frades dominicanos, e viesse a ser monge curvado à regra. Era a vida para a qual se sentia mais inclinado.

E depois, quando já estivesse velho e endurecido... Sob o domínio norueguês viviam e morriam homens como animais, pagãos e hereges perdidos pelas falsas doutrinas que os Russos espalhavam em nome do cristianismo: Lapões e outros povos meio selvagens, nos quais ele não podia

deixar de pensar. Não fora Deus quem lhe despertara o desejo de ir para esses países a fim de lhes levar o verbo e a luz?

Afastou, porém, estes pensamentos do espírito dizendo consigo que devia obedecer aos seus superiores. O arcebispo dissuadira-o do seu projecto, depois de conversar com ele, de o escutar e de lhe testemunhar claramente que falava ao filho do seu velho amigo Nikulaus de Husaby. «Mas não podeis apreciar, vós que sois da raça de Gaute de Skogheim, se o que tendes na ideia é bom ou mau.» Evidentemente que também se empenhava na salvação dos Lapões, mas eles não necessitavam dum padre capaz de escrever e falar latim tão bem como a sua língua materna e tão conhecedor da lei como da aritmética e da algoritmia. Gunnulf recebera instrução para fazer uso dela, «mas não me parece que tenhais recebido o dom de falar aos míseros e simples povos do Norte».

Ah! Naquela doce Primavera, não achava a sua ciência mais digna de respeito do que a que qualquer rapariguinha herda da mãe: fiar, fabricar cerveja, amassar e mungir — ensinamento de que todas as filhas precisam para cumprirem a sua missão neste mundo.

Queixara-se ao arcebispo da inquietação que o assaltava quando pensava na sua riqueza e no prazer que havia em ser rico. Para as necessidades do seu triste corpo, com pouco se contentava; vivia como um pobre monge. Mas gostava de ver gente rica à sua mesa, de auxiliar com esmolas os menos favorecidos; e tinha amizade aos seus livros, aos seus cavalos...

O arcebispo Eiliv falou então sèriamente da glória da Igreja. Alguns eram chamados a honrá-la por um modo de vida faustoso e digno, como outros a mostrar ao mundo, por uma pobreza voluntária, que a riqueza de nada valia. Evocou os arcebispos, prelados e padres que tiveram de sofrer violências, exílio e ultrajes dos reis, noutras eras, por causa de defenderem os direitos da Igreja. Repetidas vezes tinham demonstrado que, quando as autoridades noruegue-

sas da Igreja pediam, renunciavam a tudo e respondiam ao apelo divino. O próprio Deus significara que isso seria exigido de nós; contanto que tivéssemos aquelas palavras bem presentes no espírito, não devíamos temer que a riqueza se tornasse inimiga da nossa alma.

Gunnulf sempre notara que o arcebispo não gostava que ele pensasse e reflectisse por sua iniciativa. Parecia-lhe que Eiliv Kortin e os seus padres eram como homens que trabalhassem, trabalhassem sem tréguas na construção da casa. Honra da Igreja, poder da Igreja, direitos da Igreja... Deus bem sabia que ele era tão devotado aos interesses da Igreja como os outros padres, que não se esquivaria ao trabalho de acarretar a pedra e a cal. Mas dir-se-ia que eles tinham medo de entrar na casa e lá descansarem. E pareciam temer perderem-se, se pensassem em demasia...

Isso não receava ele. Quem tivesse os olhos obstinadamente postos na cruz e se confiasse contìnuamente à protecção da Virgem não podia cair na heresia. Não havia esse perigo para ele.

O perigo estava na sua alma, no desejo incessante de conquistar a benevolência e a amizade dos homens.

Ele que sentira no mais profundo do seu ser — «Deus ama-me, para Deus a minha alma é tão cara e preciosa como nenhuma outra deste mundo...»

Mas, depois do seu regresso, representou-se-lhe ao espírito a lembrança de tudo o que sofrera durante a juventude. A mãe não tivera por ele a afeição que dedicara a Erlend. O pai não gostava de se ocupar dele como se ocupava, infatigàvelmente, de Erlend. Em seguida, em casa de Baard, em Hestnes, consideravam Erlend um prodígio e um pândego. Gunnulf limitava-se a acompanhar o irmão. Erlend era o chefe para todos os moços companheiros, e aquele que as criadas amaldiçoavam e que no entanto as fazia sorrir. E ele próprio amava Erlend mais do que tudo na terra. Se, ao menos, Erlend quisesse estimá-lo verdadeiramente... Ele, porém, nunca se fartaria das retribuições de amizade de

Erlend. Erlend era o único que gostava dele, mas Erlend gostava de tanta gente!

E agora via como o irmão dispunha de tudo o que herdara. Só Deus sabia que fim ia levar a riqueza de Husaby — murmurava-se em Nidaros a respeito da má administração de Erlend. Porque não apreciava mais os quatro filhos que Deus lhe dera? Eram belos os filhos que gerara quando andava naquela vida desregrada... Contudo, não encarava isso como uma graça do céu, mas como coisa que tinha de ser assim...

E, finalmente, adquirira o amor duma rapariga encantadora e de boa família. Quanto à maneira como Erlend se comportara com ela, Gunnulf sentia que já não podia ter consideração nenhuma pelo irmão. Exasperava-se consigo próprio quando notara em si traços comuns com Erlend. Este, mesmo na idade que tinha agora, empalidecia e corava como uma donzela, e Gunnulf ficava furioso em sentir subir-lhe o sangue à cara com tanta facilidade. Nisso, saíam à mãe, que mudava de cor por uma simples palavra.

Presentemente, Erlend estava persuadido de que Cristina era esposa excelente, modelo das donas de casa, depois de ele haver tentado, ano após ano, corromper aquela criança e arrastá-la para a perdição. A Erlend, porém, nem mesmo lhe ocorria que tudo poderia ser diferente, agora que estava casado com ela; depois de a habituar à volúpia, à duplicidade e à mentira, achava naturalíssimo que a mulher se conservasse, a despeito dessas circunstâncias, sincera, fiel, digna e bondosa.

E, no entanto... quando Gunnulf tivera notícias, no Verão e no Outono, da expedição de Erlend ao Norte, só o obcecara um desejo: estar com o irmão. Erlend nomeado lugar-tenente do rei em Haalogaland e porta-voz de Deus nas regiões desertas, meio pagãs, do Mar Branco...

Gunnulf ergueu-se. Numa das paredes do quarto estava suspenso um grande crucifixo e, diante dele, no chão, havia uma laje de pedra.

Ali ajoelhou, de braços estendidos. Habituara o corpo a suportar essa posição de tal forma que podia ficar assim horas inteiras, imóvel como uma estátua. Com os olhos fixos no crucifixo, esperava a consolação que lhe chegava quando se podia concentrar em absoluto na contemplação da cruz.

Mas o primeiro pensamento que lhe veio ao espírito foi este: iria separar-se daquela imagem? São Francisco e os seus irmãos possuíam cruzes que eles próprios fabricavam com dois galhos de árvore. Ele devia dar o belo crucifixo... podia oferecê-lo à igreja de Husaby. Camponeses, crianças e mulheres que assistissem à missa encontrariam conforto naquela imagem do doce Salvador no meio dos seus sofrimentos. Almas simples como Cristina... Quanto a ele, para que a guardaria inùtilmente?

Noite após noite se ajoelhara ali, com os sentidos aniquilados e os membros insensíveis, até ter uma visão... O monte com as três cruzes erguidas para o espaço. A cruz do meio destinada ao Rei do Céu e da Terra agitava-se e tremia como que assombrada por suster o corpo demasiadamente precioso que se imolava pelos pecados do mundo. O Senhor das montanhas tumultuosas dominava-a como o cavaleiro domina o seu cavalo de batalha; o chefe dos palácios do Sol levava-a ao combate. Então surgia o prodígio que era a chave de prodígios cada vez maiores. O sangue que escorria da cruz pela redenção de todos os pecados e pela cura de todas as penas era ali milagre visível. Perante esse primeiro milagre os olhos da alma abriam-se à contemplação de milagres ainda mais obscuros. Deus que descia à terra tornava-se no filho duma virgem e no irmão da família humana; devastava o inferno e lançava-se com o seu espólio de almas libertas para o oceano de luz deslumbrante donde o mundo saiu e que conserva esse mesmo mundo. Os pensamentos de Gunnulf eram levados para as profundezas insondáveis e eternas dessa luz, aí se incorporavam e desapareciam como um bando de pássaros na glória dum céu vesperal.

Foi sòmente ao tocar das matinas que Gunnulf se pôs de pé. Tudo estava silencioso quando ele atravessou a sala. Cristina e Orm dormiam.

Nas trevas húmidas do pátio o padre esperou uns instantes. Contudo, nenhum dos criados saiu para o acompanhar à igreja. O patrão não lhes exigia que ouvissem mais de duas missas por dia, mas Ingrid, sua ama de leite, ia quase sempre com ele às matinas. Nessa manhã, decerto dormia ainda. Evidentemente, deitara-se tarde na véspera...

Durante o dia, os três parentes pouco conversaram e apenas de coisas insignificantes. Gunnulf parecia fatigado, mas gracejava de vez em quando.

— Estávamos estúpidos ontem à noite — disse ele numa ocasião —, sentíamo-nos tão tristes como òrfãozinhos.

Sobrevinham em Nidaros vários incidentes divertidos — histórias de romeiros e outros casos — e os padres riam-se disso. Um velho de Herjedal viera encarregado de comissões de todos os habitantes da sua aldeia: atrapalhara-se e confundira completamente os pedidos deles. Que lindo efeito faria aquilo na sua aldeia se Santo Olavo lhe pegasse na palavra, dizia ele depois.

Pela noite adiante Erlend chegou, encharcado. Viera por mar até à cidade, e agora o vento redobrava de violência. Estava fora de si e cumulou logo Orm de palavras furiosas. Gunnulf ouviu-as uns momentos.

— Quando falas dessa maneira a Orm, Erlend, assemelhas-te ao nosso pai, tal como era habitualmente quando se dirigia a ti.

Erlend calou-se de súbito. Depois, retorquiu:

— Sei que, em pequeno, eu não cometia tolices tão grandes como essa de sair da quinta como fizestes, ela, uma mulher doente, e tu, um garoto, no meio duma borrasca de neve! Quanto à coragem de Orm, não tem por onde se lhe pegue, mas o que podes ver é que ele não receia o pai!

— Também tu não receavas o teu — replicou Gunnulf sorrindo.

Orm levantou-se, não disse nada e esforçou-se por parecer indiferente.

— Sim, podes ir-te embora — volveu Erlend. — Estou farto de todos os assuntos de Husaby. Mas sei perfeitamente que, se Orm me acompanhar no Verão ao Norte, esse menino predilecto de Cristina aprenderá a viver. Aliás, é desembaraçado — disse Erlend vivamente a Gunnulf. — Atira bem e não é nada poltrão, mas anda sempre triste, com ar sonhador, e parece não ter sangue na guelra.

— Pudera! Se lhe ralhas muitas vezes como acabaste de fazer, não é de admirar que seja triste — replicou o padre.

Erlend mudou de atitude, sorriu e disse:

— Suportei muito mais descomposturas de meu pai, e Deus bem sabe que não fiquei por esse motivo mais melancólico. Deixemos, porém, isso... Eis-me de volta, festejemos o Natal, visto que é Natal. Onde está Cristina? E que tinha ela mais a dizer-te?

— Não creio que ela tivesse alguma coisa a me dizer — respondeu Gunnulf. — Lembrou-se de vir cá no Natal a fim de assistir à missa...

— Julgo que se podia contentar com o que dispõe em casa — disse Erlend. — É pena que esteja assim a arruinar a sua juventude. — Bateu as mãos uma de encontro à outra. — Não compreendo que Nosso Senhor seja de opinião que tenhamos necessidade dum novo filho todos os anos...

Gunnulf ergueu os olhos para o irmão.

— Hum!... Não sei o que Nosso Senhor pensa das vossas necessidades. Mas Cristina precisa antes de tudo, suponho eu, de que sejas afectuoso para com ela...

— Isso é verdade — confirmou Erlend em voz baixa.

Na manhã seguinte Erlend foi com a mulher à missa das nove horas. Escolheram a Igreja de São Gregório — era lá que Erlend assistia sempre à missa quando estava na

cidade. Foram a pé, sòzinhos, e, ao descerem a ruazinha onde a neve, pesada e húmida, formava grandes montes, Erlend conduziu com gentileza a mulher pela mão. Não lhe dissera uma única palavra acerca da sua escapadela e fora amável para Orm depois da primeira explosão.

Cristina caminhava, pálida e silenciosa, de cabeça um tanto baixa; a ampla peliça negra acolcheada de prata parecia-lhe pesar no corpo franzino.

— Se desejas que voltemos a cavalo para casa — disse o marido —, Orm pode ir no barco. Decerto preferes não fazer a travessia do fiorde...

— Sabes que não gosto de andar de barco...

O tempo, agora, apresentava-se calmo e o degelo viera. Pedaços de neve pesada e húmida desprendiam-se de súbito das árvores. O céu cinzento e baixo dir-se-ia um capacete sobre a cidade branca. Havia um tom esverdinhado de aquosidade na neve; as casas de madeira, os muros, os troncos das árvores, pareciam negros naquela atmosfera pejada de água. Nunca Cristina vira o mundo tão frio, tão pálido, tão desbotado...

III

CRISTINA, com Gaute ao colo, estava sentada no cimo da colina que ficava por trás da quinta e olhava para longe. Que tarde tão linda! Em baixo, o lago brilhante e calmo reflectia as vertentes das montanhas, as árvores de By e as nuvens douradas do céu. O aroma das folhas e da terra subia, violento, depois da chuva do dia. A erva nos prados devia chegar à altura dos joelhos e os campos cobriam-se de verde.

O ar estava sonoro. Ressoavam flautas, tambores e rabecas na planície de Vingar — e o concerto ouvia-se tão bem cá em cima!

O cuco calava-se durante horas, depois soltava algumas notas ao longe, na floresta do Sul. Os pássaros chilreavam nas matas que rodeavam a quinta, mas só de vez em quando, e dèbilmente, pois o Sol ainda estava alto.

Telintando os chocalhos, a mancha ondulante dos rebanhos, que voltavam da pastagem, descia do monte em direcção à quinta.

— São horas de o meu menino papar — murmurou ela a Gaute, levantando-o nos braços.

O pequeno, como de costume, descansou a cabeça no ombro da mãe. De quando em quando encostava-se mais a ela; e Cristina interpretava isso como um sinal de que o filho compreendia as palavras carinhosas que lhe eram dirigidas.

Encaminhou-se para as casas da quinta. Defronte da porta do edifício maior, Naakkve e Bjoergulf corriam e tentavam apanhar o gato, que acabou por trepar para cima do

telhado a fim de lhes escapar. Desistiram então do seu intento e voltaram a escavar o buraco que estavam a fazer no chão da entrada, com a ajuda duma faca velha que pertencia a ambos.

Dagrun entrou no átrio trazendo uma tigela com leite de cabra e Cristina deu a Gaute a bebida tépida, colherada por colherada. O pequenito soltava uns grunhidos de cólera quando a criada falava com ele, e esperneou, escondendo-se no seio da mãe, quando a outra fez menção de o pegar ao colo.

— Parece que ele está melhorzinho — disse a moça do estábulo.

Cristina soergueu-lhe a carinha; era amarelada como cera e os olhos estavam sempre fatigados. Gaute tinha cabeça grande e pesada e membros franzinos. Completara dois anos uma semana antes do dia de São Lourenço, mas não se aguentava nas pernas, só tinha cinco dentes e não falava ainda.

Sira Eiliv dizia que ele não era raquítico; nem missas nem preces haviam conseguido coisa alguma. Por toda a parte aonde ia, o padre pedia conselhos sobre aquela doença que sobreviera a Gaute. Cristina sabia que ele mencionava o pequeno nas suas orações. Mas tudo o que Sira Eiliv lhe podia dizer é que ela se devia curvar pacientemente à vontade de Deus. E também que desse a beber ao filho leite quente de cabra...

Coitadinho, coitadinho do seu menino! Cristina apertou-o de encontro a si e beijou-o depois de a moça se ir embora. Era tão lindo, tão lindo! Achava-o parecido com a família do pai dela — olhos cinzento-escuros, cabelos louros como o linho, bastos e sedosos.

Gaute recomeçou a choramingar. Cristina levantou-se e deu com ele alguns passos. Por muito pequenino e delgado que fosse, era pesado, mas o petiz só queria estar ao colo da mãe. Então ela pôs-se a passear cá e lá na sala escura, embalando-o para o acalmar.

Alguém entrou a cavalo no pátio. A voz de Ulf Haldor-

soen ressoou entre as casas. Cristina foi até à porta da entrada com o filho nos braços.

— Tem paciência, mas tu mesmo é que tens de desselar o teu cavalo. Ulf... Todos os criados estão no baile. Desculpa...

Ulf resmungou, enquanto desselava o cavalo. Entretanto Naakkve e Bjoergulf faziam diabruras em volta dele e queriam ir em cima do cavalo até à pastagem.

— Não, fica ao pé de Gaute, meu Naakkve, para brincares com o teu irmão e impedires que ele chore enquanto vou à cozinha.

O pequeno fez beicinho mas logo a seguir pôs-se de gatas, dando pulos e arreganhando os dentes em frente de Gaute, que Cristina sentara num coxim junto da porta da entrada. A mãe inclinou-se e acariciou os cabelos de Naakkve. Ele era tão gentil para com os irmãos!

Quando Cristina entrou no átrio trazendo a grande terrina, Ulf Haldorsoen estava sentado no banco e brincava com as crianças. Gaute entretinha-se com Ulf enquanto não via a mãe — mas, agora, choramingava e estendia as mãos para ela. Cristina depôs a terrina na mesa e pegou em Gaute ao colo.

Ulf soprou a espuma da cerveja acabada de sair do tonel, bebeu e encheu as escudelazinhas com o líquido tirado da terrina.

— Então todas as tuas criadas saíram esta noite?

Cristina respondeu:

— Há violinos, tambores e pífaros... menestréis que vieram de Orkdal para as bodas. Elas, já se sabe, pediram licença para ir lá... todas são novas...

— Deixá-las à rédea solta, Cristina. Desconfio que receias, sobretudo, não encontrar aqui com facilidade uma ama de leite para o Outono que vem...

Involuntàriamente, Cristina alisou o vestido ao longo da cintura delgada. As palavras de Ulf fizeram-na corar. Ulf teve um sorriso breve e duro:

— Mas se continuas a te ocupar dessa maneira de Gaute, ficarás como no ano passado... Vem cá, pequeno; vais comer no prato comigo.

Cristina não respondeu. Instalou os três filhos no banco encostado à outra parede, foi buscar a tigela das papas de farinha com leite e trouxe um escabelo. Sentou-se então para lhes dar de comer, mas Naakkve e Bjoergulf grazinaram: queriam colheres e comer por sua mão. O mais velho tinha agora quatro anos, e o outro ia fazer três.

— Onde está Erlend? — indagou Ulf.

— Margret quis ir dançar, e ele foi com ela.

— Acho bem que acompanhe a filha.

Cristina não replicou. Despiu os pequenos e deitou-os, Gaute no berço e os outros dois no leito conjugal. Erlend decidira tê-los ali depois de a mulher se haver restabelecido da grave doença que a acometera no ano anterior.

Quando Ulf acabou de comer e beber, estendeu-se em cima dum banco. Cristina puxou a pesada cadeira maciça para junto de Gaute, foi buscar o açafate das lãs e pôs-se a dobá-las enquanto, com o pé, embalava o berço docemente e sem rumor.

— Não te vais deitar, Ulf? — perguntou ela sem voltar a cabeça. — Deves estar cansado...

O homem levantou-se, ateou o lume, e aproximou-se de Cristina. Sentou-se no banco em frente dela. Cristina notou que não parecia tão abatido como de costume, quando passava alguns dias em Nidaros.

— Ainda não me pediste novidades da cidade — disse ele inclinado para a frente e com os cotovelos apoiados nos joelhos.

O coração de Cristina sobressaltou-se. Compreendia, pelas maneiras de Ulf, que ele não trazia boas noticias. Todavia, replicou com um sorriso doce e calmo:

— Dize lá, Ulf. Soubeste de alguma coisa?

— Sim... — Ulf, porém, foi primeiramente tirar do seu saco de viagem os objectos que comprara para Cristina, na cidade. Esta agradeceu-lhe.

— Segundo me parece, há novidades? — inquiriu ela pouco depois.

Ulf fitou-a, depois relanceou os olhos para a criança pálida que dormia no berço.

— Ele transpira sempre assim? — perguntou em voz baixa e tocando com precaução nos cabelos negros de Gaute, encharcados de suor. — Cristina... quando casaste com Erlend, a acta que foi nessa ocasião redigida não determinava que tu mesma disporias dos bens trazidos por teu marido e dos seus presentes oferecidos depois das bodas?

O coração de Cristina bateu mais apressado; todavia, respondeu com serenidade:

— Erlend sempre me pediu o consentimento para tudo o que faz a respeito desses bens. Trata-se dos pedaços da terra de Verdal que Erlend vendeu a Vigleik de Lyng?

— Exacto. Agora ele cedeu Hugrekken a Vigleik. E vai fornecer dois barcos... Com que é que ficas, Cristina?

— Com a parte de Erlend em Skjervastad, dois lotes em Ulfkestad e o que ele possuía em Aarhammar. Julgas que Erlend ia vender essas terras sem o meu consentimento e sem me dar uma compensação?

— Hum! — Ulf fez uma pausa. — No entanto os teus rendimentos diminuíram, Cristina. Foi em Skjervastad que Erlend encontrou feno neste Inverno, deixando por três anos ao camponês o aluguer da terra...

— Erlend não podia fazer outra coisa, pois não tivemos no ano passado feno seco...

— Vendeu mais de metade de Aarhammar às irmãs de Rein, na ocasião em que se preparava para fugir contigo do país. — Ulf esboçou um sorriso. — Ou então concedeu-a como penhor, o que vem a dar no mesmo quando se trata de Erlend. Posta de parte a contribuição de guerra, todo o imposto recai em Audun, que fica sobre essas terras que te pertencem agora.

— Não se pode arrendar a que está situada abaixo do convento? — inquiriu Cristina.

— Já está alugada ao rendeiro daquela quinta que é das Irmãzinhas. Torna-se muito difícil tirar lucro das propriedades quando elas estão retalhadas como Erlend se compraz em fazê-lo.

Cristina ficou calada. Sabia muito bem ser aquilo verdade.

— Erlend não perde tempo a aumentar a família e a arruinar os seus haveres — prosseguiu Ulf.

Como ela não respondesse, Ulf tornou:

— Dentro de poucos anos vais ter muitos filhos, Cristina Lavransdatter.

— Apesar disso, nenhum é de mais — replicou Cristina, cuja voz tremia um tanto.

— Não te inquietes por causa de Gaute; ele há-de fortificar-se — disse Ulf docemente.

— Essas coisas são como Deus quer que sejam... mas a expectativa é longa.

Ulf percebeu a mágoa dissimulada de Cristina e um sentimento extraordinário e pungente invadiu aquele homem moreno e corpulento.

— Isso de pouco serve, Cristina... Muito fizeste em Husaby; mas, se Erlend deve agora andar afastado de cá com os seus dois barcos... Não acredito que haja paz no Norte, e teu marido é tão pouco sagaz que não sabe tirar proveito do que ganhou nestes dois anos. Foram anos maus... e estiveste sempre doente. Se as coisas continuam desta maneira acabarás por cair de vez, embora sejas nova. Ajudei-te o mais que pude na quinta; mas as extravagâncias de Erlend...

— Sim, tens sido para nós o melhor dos parentes — atalhou Cristina — e não sei como agradecer-te...

Ulf levantou-se, acendeu uma vela no lume do fogão, colocou-a no castiçal em cima da mesa e ali ficou de pé, de costas voltadas para a dona da casa. Cristina deixara cair as mãos sobre os joelhos; recomeçou então a dobar a lã e a embalar o filho no berço.

— Não podes mandar um recado a tua casa, pedindo a Lourenço que acompanhe tua mãe quando ela cá vier visitar-te no Outono? — perguntou Ulf meigamente.

— Não tencionava incomodar minha mãe... Ela já começa a envelhecer e os meus partos são tão frequentes que a não posso chamar sempre para meu lado. — Cristina esboçou um sorriso um tanto contrafeito.

— Manda-a chamar desta vez — retorquiu Ulf. — E diz a teu pai que venha também; poderás assim pedir-lhe conselho sobre essas coisas...

— Não quero pedir conselhos a meu pai acerca disso — volveu Cristina com serenidade e firmeza.

— E a Gunnulf? — sugeriu Ulf, passado um momento. — Se lhe falasses?

— Não convém importuná-lo, nesta ocasião, com tais assuntos.

— Por causa de ele haver entrado para a Igreja? — replicou Ulf com um sorriso irónico. — Nunca reparei que os padres sejam menos aptos do que os outros para administrar os seus bens... Se não queres pedir conselho a ninguém, fala tu mesma a Erlend — volveu Ulf, como ela não respondesse. — Pensa nos teus filhos!

Cristina conservou-se calada uns momentos.

— És tão bom para os meus filhos, Ulf! — disse ela finalmente. E acrescentou:

— Acho mais justo que te cases e trates dos teus próprios bens do que estares aqui a te atormentar por causa das dificuldades de Erlend... e das minhas.

Ulf voltou-se para Cristina. De pé, com as mãos apoiadas na borda da mesa, pôs-se a mirá-la. Sentada diante dele, estava tão bela, assim direita, de pescoço erguido! Tinha um vestido de lã escura, tingida em casa; um tecido de linho fino e flexível enquadrava-lhe o rosto pálido e calmo. O cinto, do qual pendia o molho de chaves, era formado por rosinhas de prata. No peito brilhavam-lhe duas correntes com uma cruz. A maior, de malhas de ouro, vinha

quase até à cintura; fora prenda de seu pai. Por cima, via-se-lhe o delgado cordão de prata, com a cruzinha suspensa, que Orm dera à madrasta, pedindo-lhe que o usasse sempre.

Depois de todos os seus partos ficara tão linda como antes, apenas um tanto mais calma, com uma responsabilidade maior a lhe pesar nos ombros juvenis. As faces pareciam levemente emagrecidas, os olhos mais sombrios e mais sérios sob a testa larga e branca, a boca um pouco menos vermelha e carnuda. Mas a sua beleza fanar-se-ia sem dúvida dentro de escassos anos, se tudo continuasse daquela forma...

— Não achas, Ulf, que estarias melhor na tua quinta? Compraste mais três parcelas em Skjoldvirkstad, segundo me disse Erlend. Daqui a pouco tempo possuirás metade dessa quinta. E Isak só tem uma filha... Aase é bonita e simpática... uma mulher perfeita... e parece gostar de ti...

— Contudo não terei o terreno se casar com ela — disse o homem com um riso áspero. — E Aase Isaksdatter é boa de mais para... — a voz de Ulf mudou de tom. — Nunca conheci outro pai senão meu pai adoptivo, Cristina, e creio que o meu destino é só ter filhos de adopção.

— Vou rogar à Virgem Maria que te dê mais felicidade, Ulf.

— Já não sou muito novo. Trinta e cinco anos... Quase posso ser teu pai — disse ele a sorrir.

— Para isso, terias de casar cedo — retorquiu Cristina esforçando-se por mostrar desembaraço e jovialidade na voz.

— Não te vais deitar? — perguntou Ulf daí a instantes.

— Vou, daqui a pouco... mas tu é que decerto estás fatigado... devias ir descansar.

Silenciosamente, o homem saiu depois de lhe dar as boas-noites.

Cristina pegou no castiçal e iluminou os dois filhos adormecidos na alcova onde estava o leito. Bjoergulf já não tinha os olhos inflamados, graças a Deus! Se havia ventania rija

ou se o tempo estava de tal forma que os pequenos eram obrigados a permanecer dentro da casa junto da lareira, Bjoergulf ficava com os olhos doentes. A mãe inclinou-se para Gaute deitado no seu berço.

Os três filhos haviam sido saudáveis como passarinhos até àquela epidemia que invadira as aldeias no Verão passado. Fora a escarlatina que dera cabo de tanta criança em toda a volta do fiorde. Ela conseguira salvar os seus filhos.

Durante cinco dias conservara-se junto do leito onde os três pequenos jaziam com manchas vermelhas na pele, com os olhos doentes receosos da luz, e a arderem em febre. Com a mão metida debaixo do lençol, dava ela pancadinhas na sola dos pés de Bjoergulf enquanto cantava até a sua voz débil não ser mais do que um sopro.

Ferra, ferra o cavalo do escudeiro do rei.
Mas como havemos de ferrá-lo melhor?
É uma ferradura de ferro que convém
Ao cavalo do escudeiro do rei.

Ferra, ferra o cavalo do Jarl.
Mas como havemos de ferrá-lo melhor?
É uma ferradura de prata que convém,
Que convém ao cavalo do Jarl.

Ferra, ferra o cavalo do rei.
Mas como havemos de ferrá-lo melhor?
É uma ferradura de ouro que convém,
Que convém ao cavalo do rei.

Bjoergulf era o menos doente e o mais irrequieto.

Se a mãe parava de cantar um só instante, ele queria logo desabafar-se. Gaute, esse, tinha apenas doze meses. Estava tão fraco que parecia não poder resistir à doença. Ficava encostado ao peito da mãe, embrulhado em cobertores e peles, sem forças para mamar. Ela segurava-o num dos

braços e batia ao de leve na planta dos pés de Bjoergulf com a outra mão.

Quando adormeciam todos três uns momentos, Cristina estendia-se na cama ao lado deles sem se despir. Erlend passeava cá e lá, olhando com ar perplexo para os filhos. Às vezes tentava cantar-lhes, mas os pequenos não gostavam da bela voz do pai; era a mãe que devia cantar, embora não tivesse voz.

As criadas passavam e diziam à ama que tomasse cuidado com a sua saúde; os homens vinham fazer perguntas. Orm experimentava entreter os irmãozinhos. A conselho de Cristina, Erlend mandara Margret para Oesterdal, mas Orm quisera ficar, já era rapaz crescido. Sira Eiliv vinha fazer companhia aos pequenos quando não ia visitar outros doentes. De desgosto, o padre perdia toda a gordura que adquirira em Husaby; andava profundamente impressionado por ver morrer tanta criança. Alguns adultos também eram arrebatados pela epidemia.

Ao sexto dia, como os filhos parecessem muito melhor, Cristina prometeu ao marido despir-se e deitar-se nessa noite. Erlend prontificou-se a ficar de vela com as criadas e a chamá-la se fosse preciso. Porém, à ceia, notou ela que Orm tinha a testa a escaldar e os olhos brilhantes de febre. O rapaz disse que aquilo não era nada, mas, de súbito, levantou-se e saiu. Estava no pátio a vomitar quando Erlend e Cristina foram procurá-lo.

Erlend rodeou-o com o braço:

— Orm, meu filho, estás doente?

— Dói-me tanto a cabeça! — respondeu o moço, deixando-a cair pesadamente sobre o ombro do pai.

Passaram a noite à cabeceira da cama de Orm. Ele, no delírio, murmurava, soltava gritos agudos e agitava os compridos braços como se tivesse visões horríveis. Não podiam compreender o que dizia.

Pela manhã, Cristina teve um desfalecimento. Perceberam que estava grávida outra vez; ficou muito doente e caiu

numa espécie de letargia; depois acometeu-a febre violenta. Orm fora enterrado há mais de quinze dias quando ela soube da morte do enteado.

Cristina não tinha a sensação dum verdadeiro desgosto, de tal forma estava fraca, exangue e aniquilada; nada a podia impressionar, achava-se bem no seu leito, meio viva meio morta. Houvera um período terrível durante o qual as criadas quase nem lhe podiam tocar nem tratá-la; mas tudo isso desaparecera, de repente, com o delírio e a febre. Era tão bom, agora, sentir-se cercada de carinhos! Em volta da cama haviam dependurado uma quantidade de grinaldas de flores da montanha, para afastar as moscas. Foram os moradores das cabanas que lhas tinham mandado e elas espalhavam um perfume delicioso, sobretudo quando o tempo estava de chuva.

Certo dia, Erlend trouxe-lhe os filhos. Cristina viu que a epidemia lhes devastara a saúde e que Gaute não a reconhecia, mas nem mesmo isso a comoveu. A única impressão que tinha era a de ver Erlend sempre a seu lado.

O marido ia à missa todos os dias e rezava sobre a sepultura de Orm. O cemitério ficava perto da igreja paroquial de Vinjar, mas algumas crianças da família tinham sido enterradas na capela de Husaby: dois irmãos de Erlend e uma filha de Munan Biskopsoen. Cristina muitas vezes pensava com tristeza naqueles pequenos que jaziam ali sòzinhos sob as lajes de pedra. Agora, Orm viera para junto deles dormir o derradeiro sono.

Foi na ocasião que os outros receavam pela vida dela que atravessaram a aldeia os grupos de mendigos (iam para Nidaros assistir à festa de Santo Olavo). Eram na sua maioria os mesmos pobres que passavam todos os anos: os peregrinos foram sempre generosos para com os pobrezinhos cujas orações possuem especial virtude. Haviam-se habituado a comparecer em Skaum desde que Cristina morava em Husaby. Sabiam que encontrariam, agora, na quinta, um abrigo para a noite, comida abundante e uma esmola antes de

partirem. Desta vez os criados não os quiseram receber por causa de a patroa estar doente. Mas quando Erlend, que se ausentara para o Norte nos dois Verões anteriores, soube que a mulher albergava e tratava tão bem os pobres, ordenou que os alojassem e cuidassem deles como ela o fazia. E, de manhã, foi vê-los, ajudou a lhes dar de beber e a trazer-lhes comida, e distribuiu esmolas por todos, pedindo-lhes com doçura que rezassem por Cristina. Muitos dos mendigos choraram ao saber que a doce e juvenil senhora estava às portas da morte.

Sira Eiliv contou-lhe tudo isto quando ela melhorou. Foi sòmente nas proximidades do Natal que Cristina pôde retomar o governo da sua casa.

Erlend mandara um mensageiro a casa dos pais de Cristina, logo que esta adoecera; eles, porém, encontravam-se nessa ocasião em Skog para assistir a um casamento. Vieram em seguida a Husaby; ela estava então melhor, mas tão fatigada que não teve forças de conversar muito. Cristina só desejava uma coisa: a presença do marido no quarto.

Fraca, friorenta, anémica, apoiava-se na força de Erlend. O antigo ardor do seu sangue desaparecera tão completamente que já não se lembrava ter amado o marido doutra maneira; ao mesmo tempo fora-se a amargura daqueles últimos anos. Achava agora a vida boa. Embora a saudade de Orm pesasse sobre eles ambos e Erlend não compreendesse as angústias da mulher por causa do pequenino Gaute, ela sentia-se tão feliz com o marido! Via que ele tivera muito medo de a perder.

Era difícil e pernicioso falar-lhe agora... aludir a qualquer coisa que pudesse desfazer a paz e a alegria que lhe voltara.

Cristina estava à porta da casa, naquela noite clara de Verão, quando os outros regressaram do baile. Margret vinha dependurada no braço do pai, vestida e aparamentada duma maneira que seria mais conveniente para um festim de

núpcias do que para uma dança no terreiro, no meio de toda a espécie de gente. Mas a madrasta renunciara a meter-se na educação da rapariga. Erlend tomava, a respeito da filha, as decisões que queria.

Tinham sede e Cristina foi-lhes buscar cerveja. A pequena sentou-se e pôs-se a tagarelar; ela e a madrasta haviam-se tornado boas amigas desde que Cristina desistira de educar Margret. Erlend ria-se de tudo o que a filha contava acerca da dança. Finalmente Margret e as suas criadas particulares subiram para o quarto de dormir.

O marido passeou ainda na sala, espreguiçou-se, bocejou, mas disse que não estava cansado. Passava os dedos pela cabeleira negra e comprida.

— Não tive tempo quando voltei da casa dos banhos... antes da dança... mas acho que me devias cortar o cabelo, Cristina. Não poderei ir assim à festa...

Cristina objectou que estava escuro, mas Erlend apontou-lhe, sorrindo, para a luz que entrava pelo fumeiro; havia bastante claridade. Então ela iluminou mais o aposento, pediu ao marido que se sentasse e estendeu-lhe uma toalha sobre os ombros. Enquanto a mulher lhe cortava o cabelo, ele remexia-se como se sentisse cócegas e ria quando a tesoura lhe roçava pelo pescoço.

Cristina juntou com todo o cuidado as madeixas cortadas e queimou-as na lareira. Sacudiu também a toalha por cima do lume. Em seguida, com um pente, alisou os cabelos de Erlend e aperfeiçoou com leves tesouradas onde o contorno não estava absolutamente correcto.

Erlend agarrou-lhe nas mãos enquanto ela se conservava atrás dele, puxou-as para si e, erguendo a cabeça para Cristina, olhou-a sorrindo:

— Estás fatigada — disse ele, largando-a; pondo-se de pé, soltou um ligeiro suspiro.

Erlend fez-se à vela para Bjoergvin logo depois da festa de São João. Ia contrariado porque, mais uma vez, a mulher

o não podia acompanhar. Ela sorria com lassidão: de toda a maneira não se devia separar de Gaute.

Assim, naquele Verão também, ficou sòzinha em Husaby. Ao menos, nesse ano, não esperava ter o filho antes do dia de São Matias; era aborrecido, para si e para as mulheres que vinham assistir-lhe, quando aquilo se dava na época dos grandes trabalhos.

Perguntava a si própria se a sua vida iria decorrer sempre daquela maneira. Os tempos eram outros, agora. Em pequena, ouvira o pai falar da guerra dinamarquesa e lembrava-se de quando ele estivera na expedição contra o Duque Eirik. Fora de lá que Lourenço trouxera no corpo grandes cicatrizes de cutiladas. Mas, em casa, no vale, parecia que estavam tão longe da guerra! Na opinião de todos, ela jamais chegaria ali. Tudo reflectia paz; e o pai ficava em casa a administrar os seus bens, pensando na família e velando por ela.

Presentemente, havia sempre inquietação. Todos falavam da guerra, da contribuição de guerra, do governo do reino. No espírito de Cristina isso evocava a imagem do mar e da costa, como ela vira uma só vez, quando viera para Husaby. No percurso encontrara homens, clérigos, que tinham o cérebro cheio de conselhos, de planos, de contra-planos, de argumentações. Erlend era tido em conta, entre todos, em razão dos seus haveres e nobreza. Todavia, Cristina sentia que ele estava um tanto fora do círculo dos outros.

Que obrigaria o marido a estar assim? Ela meditava e reflectia no caso que faziam dele os seus iguais.

Enquanto Erlend fora apenas o homem que ela amava, nunca Cristina fizera a si própria semelhante pergunta. Vira perfeitamente que ele era impetuoso, violento, estouvado, com um dom especial para se comportar de forma desrazoável. Mas desculpava-o então sem se preocupar com prever o que o carácter de Erlend lhes poderia acarretar a ambos. Quando obtivessem autorização para se casarem, tudo decorreria doutra maneira, pensava ela como conso-

lação. Entretanto, sentia vagamente que, a partir do instante em que compreendera haver um filho entre eles, começara a reflectir... a verificar que Erlend era o que os outros chamavam um espirito inconstante e desatinado, um homem em que ninguém podia depositar confiança.

Contudo, tivera confiança nele. Lembrava-se da casa de Brynhild e da maneira como haviam acabado as relações que existiam entre ele e Eline. Recordava-se da atitude de Erlend depois que se casara. Mas continuara-lhe afeiçoado apesar das humilhações e respostadas; e, agora, Cristina sabia que o marido não a queria perder nem por todo o ouro do mundo...

Cristina não pôde deixar de pensar em Haftor de Godoey. Sempre que a encontrava agarrava-se a ela para lhe dizer futilidades ou lisonjas; Cristina nunca fizera caso. Certamente era uma forma de gracejar. Ainda hoje ela conservava essa opinião; simpatizava com aquele homem belo e vivo, mas não compreendia que pudessem considerar isso como uma acção repreensivel.

Encontrara Haftor Graut nos festins reais em Nidaros, e, como de costume, ele não a largara. Certa noite foram para um quarto e aí ela se deitara com Haftor num leito que lá estava. Na sua terra Cristina não poderia proceder assim — a hospitalidade não comportava tal intimidade entre homem e mulher. Mas, ali, todos faziam isso e ninguém levava a mal semelhante coisa; com certeza eram costumes estrangeiros. Quando entraram no quarto, a senhora Eline, mulher de Erling, estava na outra cama com um cavaleiro sueco e Cristina ouviu que eles falavam das dores de ouvidos do rei. O sueco pareceu satisfeito quando a senhora Eline se quis levantar e voltar para o salão.

Logo que Cristina compreendeu que Haftor, no meio da conversa, pedia que ela se lhe entregasse, ficou tão estupefacta que não chegou a sentir medo nem verdadeira indignação. Ambos eram casados, ambos tinham filhos da sua união legítima. Nunca ela julgara que pudesse acontecer uma coisa

daquelas. No entanto, depois de tudo o que ela própria fizera... Mas não, não acreditara que isso acontecesse. Haftor mostrara-se risonho, alegre, carinhoso... Cristina nem podia qualificar de sedução aquela tentativa; não o devia tomar tanto a sério. Ele, porém, quisera levá-la a cometer o maior dos pecados...

Haftor levantou-se logo que ela o mandou embora, e tornou-se humilde, mas parecendo mais surpreendido do que envergonhado. E perguntou a Cristina, em tom incrédulo, se ela achava realmente que as pessoas casadas nunca eram infiéis. Devia saber que poucos homens havia que não tivessem amantes. As mulheres talvez fossem um pouco melhores, mas mesmo assim!

— Quando éreis solteira acreditáveis em tudo o que os padres diziam sobre o pecado? — inquiriu ele. — Então não percebo, Cristina Lavransdatter, como foi que Erlend vos conseguiu ter à sua mercê.

Olhava-a bem de frente, e os olhos de Cristina deviam ser eloquentes, embora ela por nada deste mundo quisesse falar desse assunto a Haftor. A voz dele tornou-se sonora e cantante de admiração quando lhe disse:

— Julgava que só existiam pessoas assim nas... nas baladas.

Cristina não dissera uma única palavra daquele caso a ninguém, nem a Erlend. Ele estimava Haftor.

Evidentemente que era uma coisa horrível haver homens tão inconstantes e irreflectidos como Haftor Graut, mas, em todo o caso, ela nem se lembrava que aquilo lhe dizia respeito. Desde então não voltara a importuná-la. Quando a encontrava, limitava-se a contemplá-la, arregalando de admiração os seus olhos esverdinhados.

Erlend talvez fosse estouvado, mas não daquela maneira. Seria realmente tão frívolo? Cristina notava que as pessoas ficavam desorientadas com o que ele dizia e que, a seguir, cochichavam entre si. Podia ser justo e recto o que Erlend

Nikulaussoen declarasse. Mas a verdade é que nunca usava aquilo que os outros não perdiam de vista: a prudente discrição com a qual se tratavam. Erlend chamava a isso artifícios e ria com um riso orgulhoso que irritava um pouco os seus auditores mas que os desarmava por completo. Punham-se então a rir, batiam-lhe no ombro e diziam-lhe que tinha o espírito vivo mas limitado.

Depois, ele mesmo demolia as suas próprias palavras com um gracejo malicioso e insolente. Os outros suportavam muitas coisas da parte de Erlend. A mulher suspeitava vagamente a razão dessa indulgência pelas frases trocistas que ouvia e sentia-se humilhada com isso. Erlend chegava-se a assustar desde que encontrasse um homem firmemente agarrado à sua opinião — mesmo que considerasse essa opinião como uma tolice; abandonava a sua maneira de ver a torto e a direito, mas, em seguida, cobria a sua retirada com palavras altivas sobre tal homem. E os outros toleravam a Erlend essa cobardia de carácter, porque ele desprezava o seu bem-estar, tinha o espírito da aventura e era temeràriamente amante de todo o perigo que se pudesse arrostar com a força das armas. Enfim, não tinham que se deixar perturbar por Erlend Nikulaussoen.

No ano precedente, ao fim do Inverno, o mordomo-mor viera a Nidaros em companhia do rei-menino. Cristina assistira ao grande festim do paço. Conservara-se silenciosa e digna, com o seu vestido escarlate do casamento e ataviada com as mais belas jóias que possuía, entre as mulheres de mais alta condição social. Com os seus olhos perscrutadores observara a atitude do marido no meio dos homens, escutara, reflectira — como observava, escutava e reflectia em toda a parte aonde ia com Erlend e onde via gente a falar com ele.

Compreendera certas coisas. Erling Vidkunsoen queria empregar todos em fazer respeitar o poder norueguês no Norte até ao Mar Branco, a fim de proteger e defender Haalogaland. Mas os do conselho e os cavaleiros eram-lhe contrários e não consentiam senão dificilmente em aprovar

uma empresa que podia ser útil. O arcebispo e o clero da diocese estavam dispostos a fornecer um auxílio pecuniário — Cristina sabia isso por Gunnulf —, mas, em todo o país, os padres opunham-se ao projecto, embora se tratasse duma guerra contra os inimigos de Deus, hereges e pagãos. E as pessoas de influência trabalhavam contra o mordomo-mor, pelo menos em Nidaros. Haviam-se habituado a se eximirem um pouco aos livros da lei e ao direito da coroa, e não gostavam que Erling defendesse tão calorosamente, nessas matérias, as ideias do defunto rei Haakon. Mas não seria por causa disso que Erlend recusava deixar-se utilizar como o senescal achava bom fazê-lo. Ela percebia agora: o único motivo de Erlend era porque a natureza grave e digna do cavaleiro Erling o aborrecia — e ele vingava-se zombando um pouco do seu poderoso parente.

Cristina julgava compreender a posição actual do cavaleiro Erling para com Erlend. Era certo que, desde pequeno, ele tivera uma espécie de predilecção por Erlend; depois pensara que, se pudesse agarrar o senhor de Husaby, grande pelo nascimento e valoroso pelas armas, e que tinha, além disso, alguma experiência da arte militar (muito mais do que a maior parte doutros sedentários) seria possível empregá-lo tanto para os planos de Erling Vidkunsoen como para o bem de Erlend. Mas o caso não se dera assim.

Durante dois Estios, Erlend permanecera longe, ausente até ao fim do Outono, banhando-se nos lagos que marginam a comprida costa setentrional e dando caça aos barcos dos piratas com os quatro barquinhos que seguiam a sua bandeira. Um dia, para se abastecer de munições e mantimentos, chegara a uma aldeia norueguesa, situada ao norte do fiorde, na mesma ocasião em que os naturais da Carélia se aprestavam a pilhá-la; com o punhado de homens, que trouxera consigo para terra, aprisionara dezoito dos saqueadores e enforcara-os na viga-mestra duma granja meio consumida. Dera cabo dum troço de tropas russas que procuravam alcançar a montanha, destruíra e incendiara certo número de

barcos inimigos, algures, sobre os recifes junto à costa. Só se falava, no Norte, da presteza e da audácia dos feitos de Erlend. Os companheiros estimavam o chefe pela sua resistência e vontade em partilhar todas as fadigas e provações com os seus homens. Adquirira a amizade de gente humilde e de filhos de importantes rendeiros do Norte do Haalogaland, onde a população quase se habituara a defender sòzinha o litoral.

Todavia Erlend não auxiliou em nada o mordomo-mor no seu projecto da magna cruzada. Os habitantes da província de Trondhjem exaltavam-lhe as façanhas contra os Russos e lembravam que Erlend era seu conterrâneo. Os bravos moços ribeirinhos do fiorde haviam demonstrado serem feitos da mesma massa dos seus avós, gente dos bons tempos. Mas, sobre o que dizia e fazia Erlend, nada havia que pudesse agradar a homens maduros e reflectidos.

Cristina via que Erlend continuava a ser considerado como um dos novos, apesar de ser mais velho um ano do que o mordomo-mor. Compreendia que isso convinha bastante para que as suas palavras e actos pudessem ser encarados como as ideias e acções dum rapaz temerário. Erlend era, pois, amado, louvado e amimado, mas não tido em conta dum homem de juízo. E ela reparava com que vontade Erlend se esforçava por se mostrar tal como os seus iguais desejavam que fosse.

Ele falava em favor da guerra da Rússia. Falava dos Suecos, que tinham o mesmo rei que os seus patrícios. Mas os Suecos não queriam reconhecer os escudeiros e os cavaleiros noruegueses como nobres e da condição dos deles. Desde que o mundo era mundo, já se ouvira dizer que em país algum exigissem de nobres o serviço de armas sob outra forma que não fosse a de montarem nos seus próprios cavalos e de arvorarem os seus próprios escudos em campanha? Cristina sabia que fora isto mais ou menos o que o pai dissera na assembleia de Vaage e que o fizera por Erlend, que parecia pouco disposto a libertar-se dos conselhos de

Munan Baardsoen. Não — dizia Erlend agora, citando a esse propósito a ilustre família do sogro —, ele bem sabia o desprezo que os senhores Suecos têm por nós. Se não lhes mostrarmos o que valemos, dentro de pouco tempo só nos resta considerarmo-nos como pensionistas dos Suecos...

Palavra de honra — comentavam os outros — ele não deixa de ter razão. Mas recomeçavam a falar do mordomo-mor. Erlend ria-se à custa do que se passava no Norte; uma vez, os Carélios incendiaram Bjarkoe, a quinta de Erling, apesar do homem de confiança lá estar, e saquearam os bens dos seus camponeses... Então Erlend zombava: Tinha a certeza de que Erling Vidkunsoen não pensava no que lhe pertencia. Um cavaleiro tão nobre, tão fino, tão elegante!... Não podia haver homem mais completo para chefiar qualquer organização. Santo Deus! Erling era tão digno de ser honrado e respeitado como a mais airosa letra capital iluminada do livro das leis... Os outros riam-se e interessavam-se menos pelos elogios de Erlend à equidade do mordomo-mor do que por aquela comparação com uma maiúscula iluminada.

Não, não tomavam Erlend a sério — nem mesmo agora que ele era, de alguma forma, glorificado. Mas na época em que, moço, insolente e desesperado, vivia com a amante e recusava separar-se dela apesar da ordem do rei e da proscrição da Igreja, então tomavam-no a sério, afastando-se dele com um sentimento de irritação agressiva contra a sua vida impia e infamante. Tinham esquecido e perdoado, e Cristina percebia que havia um pouco de reconhecimento naquela vontade de ser tal como os outros desejavam que ele fosse. Era evidente que Erlend sofrera amargamente no tempo em que o tinham, por assim dizer, excluído da sua sociedade. Não era outra coisa senão isso... Ela não podia deixar de pensar no pai quando perdoava a homens incapazes os seus erros e lhes anulava as dívidas, com um ligeiro encolher de ombros. Lourenço conformava-se ao dever cristão de ser indulgente para com aqueles que não sabiam proceder bem.

Fora assim que Erlend obtivera o perdão dos seus pecados da juventude...

Erlend, porém, sabia perfeitamente o que fazia quando coabitava com Eline. Assumira a responsabilidade da sua vida pecaminosa até encontrar Cristina e até ela o seguir com docilidade para um novo pecado... Seria então ela própria...?

Não. Agora Cristina assustava-se com os pensamentos que a invadiam.

Tentava afastar do espírito todas as preocupações que não podia aprofundar. Não queria pensar senão nas coisas em que a sua solicitude lhe permitisse chegar a uma conclusão. Entregava o resto nas mãos de Deus. O Senhor ajudara-a em todos os casos em que ela podia intervir com os seus próprios esforços. Husaby, posta nas devidas condições, ia-se tornando numa boa quinta, como antigamente, apesar dos maus anos. Deus concedera-lhe três filhos belos e sãos... Cada ano lhe conservava a vida, quando ela podia morrer de parto; no ano anterior a epidemia arrebatara tantas crianças e ela recebera a graça dos seus três meninos ficarem vivos. E Gaute... Gaute recuperaria a saúde, estava convencida disso.

Tudo devia decorrer conforme Erlend dizia... e ele tinha de proceder daquela maneira e usar de toda a sua boa vontade. Se não, não poderia conservar o lugar entre os seus iguais nem obter do rei os direitos e as honras que lhe conferia o seu nascimento. Cristina tinha a convicção de que o marido compreendia isso melhor do que ela.

Não era possível imaginar que a situação de Erlend fosse mais favorável quando ele vivia pecaminosamente com a outra... e com ela própria. A pouco e pouco, numa série de imagens, Cristina revia o semblante que ele apresentava naquela época: angustiado pelas preocupações, alterado pela paixão. Não, tudo estava presentemente bem. Erlend era apenas um tanto descuidado e impetuoso.

Erlend regressou ao lar pelo São Miguel. Julgara encontrar Cristina de cama; contudo, ela levantara-se mesmo assim e fora até ao caminho esperar o marido. Tinha, desta vez, os pés terrivelmente pesados, mas levava, como sempre, o pequeno Gaute ao colo; os dois mais velhos corriam diante dela.

Erlend saltou do cavalo e colocou sobre a sela os filhos. Depois pegou no mais novinho e quis transportá-lo. O rosto pálido e fatigado de Cristina iluminou-se quando ela viu que Gaute não tinha medo do pai: decerto reconhecia-o. Não fez nenhuma pergunta ao marido a respeito da viagem, mas falou sòmente dos quatro dentes que nasceram a Gaute, e que o tornaram tão doente!

De súbito, a criança soltou um grito... Arranhara-se nas arestas da armadura do pai. Quis voltar para o colo da mãe e esta fez-lhe a vontade apesar dos protestos de Erlend.

À noite, depois de adormecer os filhos, Cristina pediu notícias ao marido da sua viagem a Bjoergvin, como se se recordasse disso só nesse instante.

Erlend relanceou o olhar pela mulher. Coitada! Estava com um aspecto que metia dó! Ele então contou várias coisas: Erling pedira-lhe que transmitisse a Cristina os seus cumprimentos e que lhe desse aquilo... Era um punhal de bronze, carcomido pelo verdete. Haviam-no encontrado em Giske num entulho de pedras. Seria útil pô-lo no berço se fosse raquitismo o que Gaute sofria.

Cristina tornou a embrulhar o punhal, levantou-se com dificuldade da cadeira e aproximou-se do berço. Deixou cair a arma sobre todos os outros objectos que ali estavam: um machado de pedra encontrado na terra, um pouco de castóreo, uma cruz de citocácio, utensílios de prata antiga, um fuzil, raízes de satirião e de feto.

— Deita-te, minha querida — disse Erlend com ternura.

Foi para junto dela e tirou-lhe os sapatos e as meias enquanto lhe narrava o seguinte: Haakon Ogmundsoen regressara e a paz com os Russos e com os Carélios fora con-

cluída e assinada. Ele voltaria para o Norte nesse Outono, pois não tinham a certeza se a calma viria logo. Além disso era necessário que houvesse em Vargoey um homem conhecedor da região. Erlend recebera plenos poderes como representante do rei para comandar o forte, que devia ser reforçado a fim de assegurar a paz nessa terra das novas fronteiras.

Erlend olhava atentamente para a mulher. Esta parecia um tanto assustada, mas não o interrogava. Era natural que não percebesse muito bem aquelas novidades. Vendo como Cristina estava cansada, não falou mais do assunto mas demorou-se uns instantes ao lado dela, sentado na borda da cama.

Erlend sabia qual a responsabilidade que assumira. Sorria, tranquilo, enquanto se despia com indolência. Não se tratava de ficar escarrapachado numa cadeira com um cinto de prata sobre o ventre, de organizar festins para os amigos e parentes, deixando crescer as unhas e mandando daqui para ali os seus vassalos e comandantes de tropas, como faziam os homens de confiança do rei nos seus castelos do Sul do país. O castelo de Vargoey era uma fortaleza doutro género...

Lapões, Russos, Carélios, e uma mistura de toda a espécie de gente nociva, feiticeiros, mágicos, pagãos, verdadeiros partidários do demónio, a quem era preciso ensinar a pagar novamente os impostos às autoridades norueguesas e a deixar em paz as moradas da Noruega, disseminadas com intervalos tão grandes como a distância de Husaby a Moere. A paz... talvez que ela se pudesse estabelecer um dia lá para o Norte, mas na geração de Erlend não haveria tranquilidade senão nas horas em que o diabo fosse à missa... Além disso existia entre os seus homens cérebros exaltados que era necessário dominar, sobretudo na aproximação da Primavera, quando a sombra, a tempestade e o fragor infernal do mar tornavam a alma doente. Nessa altura havia falta de farinha, de manteiga e de bebidas, batiam-se pelas

mulheres e não suportavam a vida na ilha. Notara tudo isso quando, ainda muito novo, estivera lá com Gissur Galle. Ah! Tinha muito que trabalhar!

Ingolf Pert, que comandava no Norte, era um homem, evidentemente. Mas, de facto, um cavaleiro devia tomar conta daquilo. Ninguém antes compreendera que o rei da Noruega quisesse manter a sua autoridade naquela região. Ah! ah! ah! Naquela região ficaria perdido como uma agulha em palheiro. Para encontrar uma habitação norueguesa tinha-se de percorrer léguas. Ingolf seria competente, mas quando estava sob as ordens de alguém. Dar-lhe-ia Hugrekken para dirigir. Ele bem vira como a *Sereia* era o melhor dos barcos. Erlend esboçou um sorriso contente. Bastantes vezes o dissera a Cristina... ela tinha que lhe permitir aquela amante...

Acordou com o choro duma criança. Nas trevas, ouviu Cristina mover-se no leito e murmurar palavras carinhosas. Era Bjoergulf que chorava. Acontecia às vezes o pequeno despertar de noite e, com os cílios colados, não poder abrir os olhos; a mãe então humedecia-os com saliva. Erlend sempre achara isso desagradável de presenciar.

Cristina cantarolava baixinho para adormecer o filho. Aquela ariazinha importunou Erlend.

Lembrou-se como num sonho: caminhava numa praia qualquer. A maré estava baixa e ele saltava de pedra em pedra. O mar, pálido e brilhante, lambia os sargaços a grande distância; não havia sol, dir-se-ia uma noite de Verão tranquila e nebulosa. Na enseada argêntea do fiorde, via ele a sua barca fundeada, negra, esbelta, balouçando ao de leve sobre as vagas. Flutuava no ar o cheiro forte da maresia...

O coração encheu-se-lhe de saudade. Na escuridão da noite, estava ali deitado, na cama dos hóspedes, escutando as notas monótonas daquela canção de embalar que lhe feria desagradàvelmente os timpanos... E media agora a extensão do seu desejo. Fugir de casa, dos pequenos que enchiam o

quarto, das conversas sobre a administração da quinta e a respeito dos criados, dos rendeiros, das crianças... daquela inquietação por causa de Cristina sempre doente e de quem ele devia ter dó...

Erlend cruzou as mãos sobre o coração. Parecia-lhe que cessara de bater e que se agitava dentro do peito como se quisesse deixá-lo. Ao pensar nos sofrimentos que esperavam Cristina no estado de fraqueza e de esgotamento em que ela se encontrava — e isso podia acontecer dum momento para outro —, Erlend sufocava de angústia. Se perdesse a mulher, não sabia como teria ânimo para viver. Mas também não tinha ânimo de viver com ela, pelo menos agora; queria fugir de tudo aquilo, a sua própria vida estava em jogo.

Jesus! Que homem era então ele? Percebia-o nessa noite... «Cristina, minha doce amiga, minha bem-amada!...» Não sentira verdadeira alegria junto dela senão durante o tempo em que a seduzira...

Convencera-se de que no dia em que Cristina fosse sua mulher legítima, perante Deus e perante os homens, todo o mal desapareceria tão completamente da sua vida que não mais se lembraria da existência dele!

Assim, não podia suportar a seu lado alguém de facto puro e bom! Desde que Cristina se libertara do pecado e da impureza para onde ele a arrastara, era como um anjo do céu. Terna e fiel, doce, capaz, digna de respeito. Trouxera consigo a honra para Husaby. Tornara-se na rapariga, juvenil e pura, que, em certa noite de Verão, no jardim do convento, se abrigara sob a capa de Erlend, enquanto ele pensava, ao sentir encostado a si aquele corpo delicado, que nem o próprio diabo teria coragem de fazer mal ou de causar desgosto àquela criança.

As lágrimas inundavam o rosto de Erlend.

Sem dúvida era verdade o que os padres diziam, que o pecado corroía a alma dum homem como a ferrugem, pois ele não tinha descanso nem paz vivendo junto da sua doce

Cristina e só aspirava a fugir para longe dela e de tudo o que a rodeava...

À força de chorar Erlend caíra numa espécie de sonolência quando de súbito pressentiu que a mulher estava de pé e passeava no quarto, embalando um filho e cantando.

Erlend saltou da cama, tropeçou, na sombra, num sapato de criança, aproximou-se de Cristina e tirou-lhe Gaute dos braços. O pequeno soltou gritos agudos e a mãe disse zangada:

— E eu que quase conseguira adormecê-lo!

Erlend abandonou o filho, deu-lhe umas palmadas no traseiro e, como o petiz gritasse ainda mais alto, ameaçou-o com tal severidade que Gaute, aterrorizado, se calou bruscamente. Nunca lhe acontecera uma coisa daquelas!

— É altura de pores em prática a tua razão, Cristina. — A violência fizera-o perder todo o domínio de si próprio; estava ali de pé, exaltado, nu, a tiritar no quarto profundamente escuro, e com o filho nos braços, a soluçar. — Já basta! Vale bem a pena ter criadas para as crianças! Os pequenos devem dormir com elas. Não resistirás a isto...

— Não me podes permitir que eu conserve os filhos a meu lado durante o tempo que me resta para viver? — disse Cristina com voz doce e queixosa.

O marido não quis compreender a alusão.

— O tempo de que dispões deves consagrá-lo ao descanso. Deita-te, Cristina — ajuntou ele em tom mais brando.

Erlend levou Gaute para a sua cama, cantarolou um pouco para o adormecer e encontrou, na obscuridade, o seu cinto no escabelo do leito. As placazinhas de prata telintaram umas contra as outras quando o pequeno se pôs a brincar com elas.

— O punhal não está aí, ao menos? — interrogou Cristina da sua cama, com voz angustiada.

Gaute soltou um grito agudo ao ouvir a mãe falar. Erlend ameaçou-o e fez telintar o cinto. Por fim o pequeno submeteu-se e ficou sossegado.

Coitadinho, quem podia desejar a vida àquele infeliz? Não havia a certeza de que Gaute tivesse todo o seu juízo.

Contudo... não, não! Bem-aventurada Virgem Maria, ele não queria dizer isso... não desejava a morte do seu filho! Não, não! Erlend pegou na criança e encostou a cara nos cabelos curtos, tépidos e macios de Gaute.

Os seus lindos filhos!... Estava, porém, cansado de ouvir falar deles de manhã à noite, de tropeçar neles por toda a casa. Que três crianças estivessem simultâneamente em toda a parte numa grande quinta era coisa que ele não compreendia. Mas recordava-se da sua furiosa irritação contra Eline pelo facto de ela não se ocupar dos filhos. Devia ser insensato, visto que se irritava igualmente por nunca ver Cristina sem os pequenos agarrados às saias.

Quando ele pegava ao colo os seus filhos legítimos, nunca sentia nada de semelhante ao que experimentara na primeira vez que tivera Orm encostado ao peito. Oh! Orm, Orm, meu filho!... Erlend estava já farto de Eline nessa época; farto do seu egoísmo, da sua violência, do seu amor excessivo. Reparara que ela era velha de mais para ele. E começara a compreender o que aquela loucura lhe havia de custar. Mas achara que não devia abandonar Eline, que tudo perdera por amor dele. O nascimento do filho dera-lhe uma razão para suportar a mãe. Quando fora pai pela primeira vez, era tão novo que não fizera uma ideia absoluta da situação da criança, cuja mãe continuava esposa legítima de outro homem.

Recomeçou a chorar e estreitou de encontro a si o pequenino Gaute. Orm... fora o filho que mais amara; sentia tantas saudades dele e tantos remorsos por todas as palavras duras e bruscas que lhe dirigira! Orm nem imaginara quanto o pai o amava. A amargura e o desespero haviam-no acabrunhado à medida que compreendera duma forma evidente que nunca Orm poderia ser considerado como seu filho legítimo e que não herdaria as armas do pai. Tinha, além disso, ciúmes ao ver que o filho se afeiçoava mais à madrasta do

que a ele, e, de facto, a incessante bondade e o carinho de Cristina para com o rapaz davam a Erlend a impressão duma censura...

Depois vieram os dias de que ele nem tinha coragem de se recordar. Orm estendido no leito mortuário e as mulheres a chegarem e a dizerem que, segundo elas, Cristina não sobreviveria àquela desgraça. Haviam aberto uma sepultura para Orm na igreja e perguntavam a Erlend se Cristina seria enterrada ali ou transportada para a Igreja de São Gregório onde estavam os seus antepassados.

Ah!... Cheio de angústia, sustinha a respiração. Atrás de si estendia-se uma vida inteira de recordações que ele afastava por cobardia. Revia aquela noite... Na rotina quotidiana podia-a esquecer de alguma forma, mas não conseguia impedir que reaparecesse nos momentos em que a coragem se lhe dissipava como por magia.

Os dias de Haugen... Tivera a sorte de os esquecer quase por completo. Não voltara lá desde aquela noite, e não tornara a ver Bjoern e Aashild depois que casara. Era Bjoern que ele receava encontrar. E agora... Pensava no que Munan lhe contara, que apareciam almas do outro mundo em Haugen, de tal forma que as casas da quinta estavam desertas e ninguém queria lá morar, nem que lhas dessem de graça.

Bjoern Gunnarsoen tivera uma espécie de coragem de que Erlend se sentia incapaz. A mão não lhe tremera quando matara a mulher com uma punhalada em pleno coração, dizia Munan.

No Inverno, faria dois anos que Bjoern e a senhora Aashild haviam morrido. Durante uma semana ninguém vira sair fumo das casas de Haugen; então houve uma pessoa que se encheu de ânimo e foi lá. Bjoern jazia na cama com a garganta cortada; a seu lado estava o cadáver da mulher. No chão, diante do leito, via-se o seu punhal sangrento.

Toda a gente compreendera o que se passara, mas Munan Baardsoen e o irmão haviam-nos mandado sepultar em campo santo: aquilo podia ser obra de algum salteador, disseram

eles. No entanto, o cofre que continha os haveres de Bjoern e de Aashild estava intacto. Os ratos não tinham tocado nos cadáveres — aliás não existiam esses animais nocivos em Haugen — e o povo viu nisso um sinal certo da feitiçaria da senhora Aashild.

Munan Baardsoen ficara terrivelmente impressionado com a morte da mãe. Partira logo depois em peregrinação a Santiago de Compostela.

Erlend recordava-se da manhã seguinte à morte da sua própria mãe. Estavam fundeados no estreito de Moldoey, e havia um nevoeiro tão espesso que a custo se distinguia a muralha de montanhas por cima deles. Mas, quando a barca voltou para terra com o padre, o ruído surdo repercutiu-se num eco abafado. Estava ele à frente do seu barco e via-os afastarem-se a remo. Em tudo o que tocava sentia a humidade de neblina; os fatos e os cabelos gotejavam; o padre que ele chamara e o seu companheiro iam sentados no extremo da barca, curvados sobre os vasos sagrados que levavam em cima dos joelhos. Pareciam dois açores debaixo de chuva. As remadas, o rangido dos toletes e os ecos que soavam pela montanha continuaram o seu rumor surdo muito tempo depois de o barco ter desaparecido no nevoeiro.

Então ele também fizera voto de ir em romagem. Só o obcecava um pensamento: queria tornar a ver o semblante meigo e encantador da mãe, tal como fora outrora, com a sua pele delicada e lisa, dum moreno mate. Agora jazia ali, morta, com o rosto alterado por feridas horríveis que supuravam e se entreabriam como se ela tentasse sorrir-lhe.

Não fora culpa sua se o pai o tratara daquela maneira, não fora culpa sua se tinha sido obrigado a se juntar a um ente escorraçado como ele... Mais tarde desistira da projectada romagem e deixara de se afligir por causa da mãe. Ela sofrera muito neste mundo, mas gozava agora de paz, e não fora precisamente paz o que ele tivera depois que vivera com Eline.

A paz!... Só uma vez a conhecera na sua vida, naquela

noite em que, sentado por trás do muro de pedra, na orla da floresta de Hofrein, tinha nos seus braços Cristina que dormia o seu sono de criança, sossegado e contínuo. Não esperara muito tempo para usar de violência contra ela. E não fora a paz que sentira depois a seu lado; nem era a paz que sentia presentemente junto de Cristina. E contudo via que todos os outros a encontravam na vida comum de casados!

Agora só desejava tornar a partir em busca da aventura. Aspirava com furor selvático a viver no meio dos recifes, naqueles mares rugidores que banham as terras do Norte, naquela costa interminável e naqueles fiordes imponentes que poderiam esconder todas as insídias e contrabandos do Universo, no meio de povos de quem ele quase nem conhecia a língua, e dos seus bruxedos e da sua astúcia, em batalhas e sobre o mar, ouvindo o rumor das armas.

Erlend acabou por adormecer. Passados momentos, acordou. Com que sonhara? Ah! sim. Encontrava-se na cama com uma lapoa trigueira de cada lado. Essa aventura meio esquecida acontecera-lhe quando ele estava no Norte com Gissur, em certa noite que todos se achavam embriagados e inconscientes. De tudo aquilo só lhe restava a lembrança do acre cheiro de animal bravio que exalavam aquelas mulheres...

E ali estava ele com o filho doente entre os braços, a sonhar com coisas daquelas! Teve tanto medo de si próprio que não ousou deixar-se adormecer mais. Também não queria ficar deitado sem dormir. Decididamente, o seu destino era miserável. Petrificado pela angústia, continuava estirado sem fazer um movimento, sentindo o coração a bater-lhe no peito, esperando que a manhã o libertasse.

Persuadiu Cristina a se conservar deitada no dia seguinte, pois tinha a impressão de que a não poderia ver arrastar-se pela casa no lastimoso estado em que a mulher se encontrava. Ficou sentado junto dela, acariciando-lhe a mão. Cristina possuíra lindos braços, esbeltos, mas tão roli-

ços que nem um osso se lhe via nos membros finos. Agora, os seus braços emagrecidos apresentavam-se nodosos e com a pele dum branco azulado.

Ventava e chovia tanto que havia como que uma crepitação no flanco da montanha. Quando Erlend, à tarde, voltava do quarto dos cavaleiros, ouviu Gaute gritar e chorar em qualquer parte do pátio. Na estreita passagem, entre duas das casas, encontrou ele os três filhos sentados mesmo por baixo da goteira do telhado. Naakkve segurava com as duas mãos o irmão mais novo enquanto Bjoergulf tentava, com ameaças, fazê-lo engolir uma minhoca; tinha a mão cheia de vermes cor-de-rosa que fervilhavam e se torciam.

Os garotos tomaram um ar contrito quando o pai os repreendeu. Fora o velho Aan — declararam eles — que dissera que nasceriam sem custo os dentes a Gaute se conseguissem fazê-lo morder uma minhoca viva.

Todos três estavam encharcados dos pés à cabeça. Erlend chamou com voz atroadora as criadas das crianças e ambas chegaram esbaforidas, uma do quarto do pessoal, outra do estábulo. O patrão cumulou-as de injúrias, meteu Gaute debaixo do braço como se fosse um bacorinho e enxotou, diante de si, os outros para a sala.

Pouco depois os pequenos, enxutos e contentes, vestidos com os seus fatos domingueiros, estavam sentados em fila no banco, ao lado da cama da mãe. O pai, ainda enfurecido, dera um pontapé num tamborete, mas depois beijou os filhos, todo sorridente, para dissipar o que lhe restava no espírito da sua angústia da noite anterior. Cristina resplandecia de felicidade ao ver Erlend brincar com os pequenos. Trouxera — contava-lhes ele — uma bruxa da Lapónia que possuía mais de duzentos anos e que era pequenina, pequenina, mirrada por ser tão velha. Tinha-a guardada num saco de cabedal, dentro daquela caixa que estava no varadouro. Pois! Claro que ela comia! Todas as noites de Natal devorava a perna dum cristão e isso bastava-lhe para o ano inteiro. E se eles não fossem ajuizados, se não se deixassem de

atormentar a mãe que estava doente, iriam também para dentro do saco de cabedal.

— A mãe está doente por causa da mana que vai nascer — retorquiu Naakkve com a segurança de quem sabe o que diz.

Erlend agarrou no filho pelas orelhas e puxou-o para si.

— Sim, e depois de a vossa mana nascer direi à minha linda bruxa que vos enfeitice a todos três, e então ficareis tornados em ursos brancos e andareis a trote pela floresta selvagem, mas a minha filha, essa, herdará tudo o que possuo...

Os pequenos soltaram gritos e treparam para o leito da mãe. Gaute, que não compreendera nada, não gritava menos do que os outros e trepava também para fazer como os irmãos. Cristina queixava-se... ele não devia dizer coisas daquelas! Mas Naakkve voltou aos tropeções; com risadas e gritos correu para o pai, agarrou-se-lhe ao cinto e mordeu-lhe as mãos com exaltação.

Dessa vez Erlend também não teve a filha que tanto desejava. Cristina deu-lhe dois filhos robustos, mas quase lhe custaram a vida.

Erlend mandou-os baptizar, um em memória de Ivar Gjesling, outro em memória do rei Skule. O nome deste não fora ainda repetido na família: a senhora Ragnfrid dizia que o pai era homem fatídico e que por essa razão o seu nome não devia reaparecer. Erlend, porém, jurou que nenhum dos filhos usava um nome de que ele tanto se ufanasse como o do mais novo.

O Outono já ia bastante adiantado. Era altura de Erlend se pôr a caminho para o Norte. Cristina estava livre do maior perigo e o marido dizia consigo que mais valia partir antes de ela se levantar da cama. Cinco filhos em cinco anos talvez já fosse suficiente, e não havia a recear que morresse de parto enquanto ele estivesse em Vargoey.

Percebia que a mulher pensava da mesma forma. Já não

se lastimava que Erlend tivesse de a deixar. Aceitara cada um dos filhos como uma dádiva preciosa de Deus e os seus sofrimentos como uma provação que devia suportar sem queixume. Mas, desta vez, sofrera tão horrìvelmente que Erlend compreendia que toda a coragem a houvesse, por assim dizer, abandonado. Estava ali deitada, com o rosto amarelo como cera, a contemplar os dois embrulhinhos enfaixados que jaziam a seu lado, e o olhar dela não irradiava felicidade como quando fitava os outros filhos.

Erlend, sentado junto da cama, ruminava na sua viagem A travessia ia ser difícil, com certeza, no fim do Outono, e seria um encanto chegar ao Norte quando da longa noite de Inverno. Aspirava a isso indizìvelmente. Aquela última aflição por causa da mulher quebrara-lhe toda a resistência da alma: abandonava-se passivamente ao desejo que o levava para longe do lar.

IV

DURANTE perto de dois anos Erlend Nikulaussoen foi o chefe da guarnição real da fortaleza de Vargoey. Em todo esse período, só voltou uma vez ao Sul, e só até Bjarkoey, certa vez que ele e Erlind Vidkunsoen marcaram lá uma entrevista. No segundo Verão depois da partida de Erlend, Henning Alfsoen morreu finalmente, e Erlend tomou as funções dele na província de Orkdoela. Haftor Graut foi para o Norte a fim de o substituir em Vargoey.

Sentia-se Erlend satisfeito quando embarcou para o Sul alguns dias depois da festa da Natividade. Fora a sua aspiração durante todos aqueles anos: obter o cargo que o pai tivera outrora. Não que fizesse o mínimo esforço para atingir esse fim. Mas sempre lhe parecera ser disso que necessitava para ocupar o lugar que lhe competia, a seus olhos e aos olhos da sociedade. Agora pouco lhe importava que o considerassem um tanto diferente dos outros. Já não havia nada melindroso na sua situação particular.

Tinha saudades da sua casa. Encontrara Finmark mais tranquilo do que esperara. O primeiro Inverno maçou-o; ficou inactivo no forte e nada pôde fazer para benefício dele; o castelo fora restaurado dezassete anos antes, mas presentemente estava a cair em ruínas.

Depois vieram a Primavera e o Estio com a sua vida e agitação: entrevistas dum lado e doutro do fiorde com os cobradores de impostos noruegueses e meio-noruegueses e com os deputados das regiões pertencentes ao deserto. Erlend vagabundeava com os seus dois barcos e divertia-se, Na ilha,

as casas foram consertadas e a defesa do castelo reforçada. Mas no ano seguinte voltou a calma.

Haftor bem poderia arranjar as coisas de forma a que tornasse a vir um período agitado! E Erlend ria-se... Tinham feito juntos a viagem até próximo de Trjanema, onde Haftor conquistara uma lapoa, que levara consigo. Erlend falou-lhe nesse assunto. Ele devia lembrar-se que o mais importante seria fazer compreender aos pagãos que éramos os senhores. Tinha, pois, de proceder de maneira a não irritar ninguém inùtilmente, atendendo às poucas forças de que dispunham: se os Lapões se batessem e se matassem uns aos outros, não se meter nisso e deixá-los gozar essa alegria; pelo contrário, ser como um falcão contra os Russos e contra os bandidos de toda a espécie, fosse quem fosse; e deixar em paz as mulheres deles — para falar verdade eram todas bruxas, e, além disso, não lhe faltariam ocasiões, noutras paragens. Mas o senhor de Godoey podia fazer o que lhe parecesse até se convencer de tudo aquilo.

Haftor queria ver-se livre das suas quintas e da mulher. Erlend, esse, queria agora voltar para casa e para tudo o que lhe pertencia. Sentia um desejo irresistível de tornar a ver Cristina, Husaby, a sua aldeia, os filhos...

No fiorde de Lyng encontrou um barco a bordo do qual estavam frades; deviam ser monges do convento dos dominicanos de Nidaros que iam ao Norte para implantar a verdadeira fé entre os pagãos e hereges das regiões fronteiriças.

Erlend convencera-se de que Gunnulf vinha com aqueles frades. E, de facto, três noites mais tarde achava-se sòzinho com o irmão numa cabana que dependia duma quintarola norueguesa próxima à praia onde se tinham encontrado.

Erlend estava singularmente comovido. Ouvira missa e comungara: em dois anos, a única vez que tal fizera fora durante a sua estada em Bjarkoey. A igreja de Vargoey não tinha padre; um sacristão que aparecera no forte tentara fazer-lhes guardar os dias santificados, mas, para os noruegueses que se aventuravam no Norte, pouco se haviam preo-

cupado em lhes dar assistência espiritual. Tinham de se consolar com a ideia de que tomavam parte numa espécie de cruzada e, assim, que os seus pecados não podiam ser considerados com muito rigor.

Contava tudo isto Erlend a Gunnulf, e o irmão escutava-o com um vago e estranho sorriso na sua boca rasgada e fina. Parecia sugar incessantemente o lábio inferior como faz o homem que pensa com intensidade em qualquer coisa e dá mostras de compreender mas que não atinge a plena clareza do que está a pensar.

A noite já ia alta. Todos os outros moradores da quinta dormiam no telheiro; os dois irmãos sabiam que eram os únicos acordados. E ambos se sentiam surpreendidos com o que havia de estranho em ali estarem sòzinhos, os dois...

O rumor do mar e da tempestade chegava até eles surdo e sufocado, através das paredes de turfa. De vez em quando entrava uma baforada de ar que soprava as brasas na lareira e fazia vacilar a chama da candeia. Não existiam móveis na choça; os dois irmãos estavam sentados num banco de terra, tendo, entre eles, a prancheta de Gunnulf com um tinteiro, uma pena de pato e um rolo de pergaminho. Gunnulf tomara nota de várias coisas que o irmão lhe dissera, conforme lhe vinham ao espírito, acerca das assembleias, da habitação dos camponeses, dos sinais da navegação, dos presságios meteorológicos e de palavras do idioma da Lapónia. Gunnulf era quem governava o seu barco, que tinha o nome de *Sunnivasuden*, pois os frades dominicanos haviam escolhido Santa Sunniva como padroeira da sua empresa.

— Oxalá não tenhais a mesma sorte dos de Selje! — disse Erlend.

Gunnulf tornou a esboçar um sorriso.

— Chamas-me agitado — prosseguiu Erlend. — Como te denominas então? Começaste por andar de cá para lá nos países do Sul durante anos, e logo que regressas à terra abandonas as tuas funções eclesiásticas e prebendas para ires pregar a esses demónios do Norte. Não conheces a língua

deles e eles não conhecem a tua. Parece-me que és ainda mais instável do que eu.

— Não tenho bens nem parentes de que me responsabilize — replicou o monge. — Desliguei-me de todos e de tudo, enquanto que tu, irmão, estás ligado.

— É verdade. É realmente livre quem nada tem.

— Todas as coisas que um homem possui retêm-no mais do que ele próprio as retém.

— Hum! Talvez... não; misericórdia! Admitamos que Cristina me retém... em qualquer caso, até nova ordem, não quero que os meus bens e os meus filhos me retenham.

— Não penses dessa forma — volveu Gunnulf com doçura. — Fàcilmente pode acontecer que percas tudo isso.

— Não, não quero ser igual aos outros velhos, que se afundaram até ao pescoço na terra que lhes pertencia.

— Nunca vi crianças mais lindas do que Ivar e Skule — disse Gunnulf. — Parece-me que eras assim na idade deles... por isso não é de admirar que a nossa mãe te amasse tanto.

Os dois irmãos haviam pousado cada qual uma das mãos sobre a prancheta que se encontrava entre eles. Mesmo à débil luz da candeia podia-se ver como as suas mãos eram diferentes. A do monge, desprovida de anéis, branca e musculosa, mais pequena e mais cheia do que a do irmão, parecia no entanto muito mais forte, embora a palma de Erlend estivesse agora dura como chifre e que uma cicatriz dum branco azulado, devida a uma frechada, lhe sulcasse a pele bronzeada do punho, subindo pelo braço acima. Mas os dedos da mão magra e tisnada de Erlend eram, nas articulações, secos e nodosos como ramos de árvores, e estavam cobertos de anéis de ouro e de pedras.

Erlend tinha vontade de agarrar na mão do irmão, mas não se atreveu. Contentou-se com beber à saúde dele e então fez uma careta por causa da má qualidade da cerveja.

— Achaste Cristina bem, agora? — perguntou ele de novo.

— Sim, estava fresca como uma rosa — respondeu o frade com um leve sorriso. Fez uma pausa e depois disse gravemente: — Vou-te pedir uma coisa: pensa um pouco mais do que até agora na felicidade de Cristina e dos teus filhos. Deixa-te também aconselhar por ela e conclui os negócios que Eiliv e tua mulher começaram; só esperam o teu consentimento para os finalizar.

— Não gosto muito desses projectos de Cristina, a que aludes — retorquiu Erlend com hesitação. — Além disso, a minha situação vai mudar agora.

— Os teus bens valerão muito mais depois de os ordenares. As ideias que Cristina me expôs pareceram-me judiciosas.

— Não há com certeza em toda a Noruega uma mulher cujas ideias sejam mais livres do que as dela.

— No fim de contas, és tu quem dispõe de tudo. Até de Cristina dispões à tua vontade — volveu Gunnulf com voz singularmente débil.

Erlend teve um riso sufocado, espreguiçou-se e bocejou. Depois disse de repente e em tom grave:

— Também foste conselheiro dela, irmão. E, algumas vezes, os teus conselhos obstaram à nossa amizade.

— Referes-te à amizade entre ti e tua mulher ou da amizade entre nós ambos, os irmãos?

— Refiro-me a nós ambos — respondeu Erlend como se pensasse nisso pela primeira vez. — Uma leiga não precisa realmente de ser tão religiosa — acrescentou numa entoação mais despreocupada.

— Aconselhei-lhe o que julguei ser melhor... O que é melhor — rectificou ele.

Erlend contemplou o monge, que tinha o hábito grosseiro, pardacento, dos dominicanos, capa negra lançada para trás caindo em pregas fundas pelas costas. O crânio estava tão bem rapado que só subsistia uma estreita coroa de cabelos em volta do rosto largo, magro e pálido, mas esses cabelos eram pretos e bastos como os da juventude de Gunnulf.

— Agora não és mais meu irmão do que de qualquer outra pessoa — disse Erlend, surpreendido ele próprio com a amargura do seu reparo.

— Devia ser assim, mas não é.

— Deus me valha! Se calhar é por isso que queres ir para o meio dos Lapões!

Gunnulf inclinou a cabeça. Passou um clarão nos seus olhos castanhos dourados.

— De certa maneira é também por isso — respondeu com voz débil e rápida.

Estenderam as peles e os cobertores que tinham trazido. Havia muito frio e excessiva humidade na choça para que pudessem despir-se. Deram então as boas-noites e deitaram-se no banco de terra que ficava quase rente ao chão, por causa do fumo.

Erlend pensava nas notícias que tivera da sua casa. Poucas recebera no decurso desses anos: duas cartas da mulher tinham-lhe chegado às mãos, mas eram já antigas. Sira Eiliv escrevera-as por ela. Cristina sabia escrever, e muitíssimo bem, mas não o fazia de boa vontade, pois achava isso pouco conveniente para uma mulher.

Ia-se tornar, decerto, ainda mais religiosa desde que haviam recebido na paróquia vizinha relíquias dum homem que ela conhecera vivo; Gaute obtivera a cura da sua doença e a mãe recuperara a saúde depois da fraqueza que lhe ficara a seguir ao nascimento dos gémeos. Gunnulf contara-lhe que os dominicanos de Hamar tinham finalmente entregado o corpo de Edvin Rikardsoen aos franciscanos de Oslo e que estes estavam a redigir tudo o que dizia respeito à vida de Frei Edvin e aos milagres que efectuara, tanto antes como depois de morrer. Tencionavam mandar essa narração ao papa e tentar obter a beatificação do monge. Alguns camponeses de Gauldal e de Medaldal haviam partido para o Sul a fim de testemunharem milagres que Frei Edvin realizara depois das preces desses homens nas respectivas paróquias ou perante um crucifixo esculpido por ele e que se encon-

trava agora em Medalhus. Tinham prometido erigir uma capela na montanha de Vat, onde o frade vivera como ermita durante muito tempo e onde brotava, desde que ele se fora embora, uma fonte miraculosa. Haviam-lhe dado uma mão do corpo de Edvin para a conservarem naquela igreja.

Cristina oferecera duas taças de prata e o precioso colchete do manto ornado de pedras azuis que herdara da avó Ulvhild Haavardsdatter; e encarregara Tiedeken Paus, de Nidaros, de fazer uma mão de prata para as falanges de Edvin. Estivera ela na montanha de Vat com Sira Eiliv, os filhos e uma grande escolta quando o arcebispo consagrara a igreja, no ano seguinte a Erlend partir para o Norte.

Depois disso Gaute recuperara a saúde e aprendera a andar e a falar, e era agora igual às crianças da sua idade. Erlend espreguiçou-se... Aquela cura de Gaute fora a maior felicidade que lhe podia acontecer. Gostaria de oferecer à igreja um pedaço das suas terras. Gaute era louro, dizia Gunnulf, e bonito como a mãe. Ah! se ele fosse uma pequena! Chamá-la-ia Magnhild. Sim... Erlend sentia saudades dos seus lindos filhos...

Gunnulf, esse, pensava naquele dia de Primavera, três anos antes, em que chegara a Husaby. Pelo caminho encontrara um criado da quinta; a patroa não estava, fora para casa duma mulher doente.

Cavalgava pelo caminho estreito, ervoso, marginado de velhos muros. Havia uma mata de árvores de folha caduca na encosta argilosa; estendia-se até ao rio, cujo rumor primaveril ecoava no fundo do vale. Gunnulf avançava debaixo de sol; a folhagem tenra brilhava como chamas de ouro nas pontas dos ramos, mas no centro da mata tombava já uma sombra fria, no chão coberto de ervas.

No percurso distinguiu a reverberação dum lago onde se reflectia, escura, a vertente fronteira, e o céu azul e a imagem das extensas nuvens estivais divididas e apagadas pela ondulação de água. Em baixo, via-se uma herdade no meio de prados verdes constelados de flores. Estava no pátio

um grupo de mulheres com toucados brancos; mas Cristina não se encontrava entre elas.

Mais adiante viu, na cerca, o cavalo de Cristina no meio de outros. O caminho desaparecia em frente de Gunnulf num túnel de folhagem e, no sítio onde o terreno subia, estava Cristina de pé, encostada a uma árvore, escutando o chilrear dos pássaros; Gunnulf distinguia-lhe a mancha branca da touca e do braço. Porém, quando ele se aproximou, viu que não havia ali nada mais do que um tronco de bétula...

Na tarde seguinte, ao voltar para a cidade em barco, o padre pôs-se a remar com os homens que o conduziam. Sentia no peito o coração firme e regenerado. Nada o poderia desviar da resolução tomada.

Sabia agora ser esse desejo ardente e inextinguível que trazia em si desde a infância que o fizera ficar para trás neste mundo. Queria conquistar a afeição dos homens. Para ser estimado tornara-se caridoso, meigo e jovial com a gente humilde; ostentara a sua ciência com muita discrição e modéstia entre os padres da cidade, para lhes ser agradável; mostrara-se deferente na sua convivência com Eiliv Korton porque este fora amigo do pai e, portanto, Gunnulf sabia qual o género de pessoas de que Eiliv gostava. Tinha sido afectuoso e meigo para com Orm só com o fim de captar a amizade do rapaz, que era alvo do humor caprichoso do pai. E fora severo e exigente para Cristina porque compreendia que a cunhada necessitava de encontrar alguma coisa que se não dobrasse quando ela procurava apoio, que a não desiludisse quando ela se oferecia dòcilmente.

Mas agora percebia tudo: em vez de fortificá-la na confiança em Deus, procurara obter a confiança de Cristina em si próprio...

Erlend é que falara certa noite: já não és mais meu irmão do que qualquer outra pessoa... Era o caminho para onde ele devia enveredar antes que o seu amor do próximo pudesse cativar alguém.

Duas semanas mais tarde dividira os seus bens entre os parentes e a igreja e professara então no convento dos dominicanos. E, nessa Primavera, quando todas as almas andavam agitadas pela terrível desgraça que atingira o país — a igreja de Nidaros fora incendiada e a de Santo Olavo meio destruída — Gunnulf conseguira o apoio do arcebispo ao seu antigo projecto. Em companhia de Frei Olavo de Jonsoen, que tinha sido ordenado padre como ele, e de três monges mais novos, um de Nidaros e dois de Bjoergvin, dirigia-se agora para o Norte: levariam a luz do Verbo aos infortunados que viviam e morriam nas trevas aquém das fronteiras dum país cristão.

«Jesus, que foste crucificado! Agora desfiz-me de tudo aquilo que me podia prender. Entrego-me nas tuas mãos, digna-te pagar com a minha vida a liberação dos companheiros de Satanás. Recebe-me; que eu me sinta teu escravo porque, então, te possuirei também.» Assim o seu coração exaltaria e cantaria novamente no peito como cantara e batera quando ele ia, pelas planícies verdejantes próximas de Roma, em peregrinação duma igreja a outra... «Sou do meu amado e para ele vai o meu desejo.»

Deitados, cada qual no seu banco, os dois irmãos meditavam. Entre eles o lume frouxo extinguia-se na lareira. Viam-se cada vez mais afastados um do outro. E, no dia seguinte, Gunnulf partiu para o Norte e Erlend para o Sul.

Erlend prometera a Haftor Graut passar por Godoey e levar consigo a irmã dele para o Sul. Era casada com Baard Aasulfsoen, parente afastado de Erlend.

Logo de manhã, saiu a *Sereia* da foz de Godoey, com a sua vela enfunada por uma fina brisa, destacando-se no fundo de montanhas azuis; Erlend estava de pé na popa do barco, sobre a ponte do comando. Ulf Haldorsoen ia ao leme. Foi então que apareceu Sunniva. Retirara o capuz e o vento fazia-lhe flutuar o manto para trás dos cabelos frisados que o sol dourava. Possuía os mesmos olhos do irmão, brilhantes

e esverdinhados, e, como ela, era bonita e tinha as mãos gorduchas cobertas de sardas.

Na primeira vez em que Erlend a vira em Godoey, os olhares de ambos haviam-se cruzado; fitaram-se, sorrindo de forma insidiosa, e ele percebeu que se conheciam mùtuamente. Erlend não precisava mais do que agarrá-la pelo punho, e Sunniva Olavsdatter esperava isso dele.

Estava lá, com a mão da rapariga na sua, para a ajudar a montar. Os olhos dele encontraram o rosto sombrio e rude de Ulf. Este também compreendera. Num lampejo, recordou-se de tudo o que fizera aquele parente que era, além disso, seu companheiro, todas as tolices que cometera e o prejudicaram na sua adolescência. Uma estranha confusão invadiu Erlend sob o olhar do escudeiro. Ulf não tinha necessidade de o fitar com tanta ironia! Não pensara em se aproximar mais dela do que a honra e a virtude lhe permitiam, dizia ele consigo, para se consolar. Já tinha idade e experiência suficientes para não cair em praticar uma asneira com a mulher doutro homem, nem mesmo em Haalogaland. Era casado, agora; desde a primeira vez que vira Cristina, até esse dia, sempre lhe fora fiel; nenhum homem sensato podia fazer caso desta ou daquela aventura que lhe acontecera no Norte. Para nenhuma mulher ele deitara os olhos, como desta vez. Com uma norueguesa, mesmo da condição dele... não teria a alma em paz um só instante se enganasse assim Cristina. Mas essa viagem para o Sul, com Sunniva a bordo... era talvez arriscada.

O que lhe serviu de ajuda foi o facto de apanharem temporal e por isso Erlend teve mais que fazer do que conversar com Sunniva. Em Dynoey foi necessário abrigarem-se no porto e esperarem alguns dias. Entretanto, surgiu um caso que fez com que Sunniva lhe parecesse muito menos sedutora.

Erlend, Ulf e alguns dos homens dormiam no mesmo quarto de Sunniva e das criadas. Achava-se ele ali sòzinho numa manhã e Sunniva não se levantara ainda. A mulher

chamou-o e disse-lhe que perdera um anel de ouro na cama. Ele devia ajudá-la a procurar. Sunniva, de joelhos, rastejava em camisa no leito. Aconteceu-lhes dar de cara um com o outro e, de cada vez, um sorriso um tanto libertino brilhava-lhes nos olhos. De repente, ela agarrou-o... De facto Erlend não lhe patenteara maneiras particularmente respeitosas, o tempo e o local não se prestavam para isso; ela, porém, mostrava tanto descaramento e impudor que uma frieza súbita o dominou. Vermelho de vergonha, desviou-se daquele rosto abandonado ao riso e à lascívia, desprendeu-se sem nenhum pretexto e saiu do quarto. Depois mandou as criadas de Sunniva para junto da ama.

Que diabo! Ele não era nenhum murganho para se deixar agarrar na palha da cama! Uma coisa era seduzir e outra deixar-se seduzir. Até provocava o riso: fugira duma linda mulher como José da esposa de Putifar! Tanto no mar como em terra sucedem sempre aventuras...

Não, senhora Sunniva... E impôs-se-lhe a lembrança duma mulher, duma mulher que ele conhecia. Viera ter com ele a uma casa mal afamada, tão digna e casta como uma menina de sangue real que vai à missa. Entregara-se-lhe em bosques e em granjas. Que Deus lhe perdoasse, ele esquecera o nascimento e a honra daquela rapariga; ela também esquecera... por amor dele, Erlend, mas não o pudera banir da sua alma. A raça manifestava-se-lhe mesmo quando ela não pensava nisso.

«Deus te abençoe, minha Cristina, e Deus me acuda! A promessa que te fiz secretamente e perante a Igreja, cumpri-la-ei ou então não serei, na verdade, um homem!»

Depois daquela cena, Erlend desembarcou Sunniva em Yrjar, onde tinha parentes. O que houve de melhor foi essa criatura não parecer muito zangada quando se separaram. Ele não precisou de baixar a cabeça e de se mostrar triste. Como despedida, deu a Sunniva algumas peles preciosas para fazer um abafo, e ela prometeu que Erlend a veria com a peliça. Tornaram a encontrar-se uma ou duas vezes. Coi-

tada! O marido já não era novo e tinha aparência enfermiça...

Erlend estava contente em voltar para casa sem nada ter no espírito que devesse esconder à mulher, e sentia-se forte da sua firmeza posta à prova. Exultava, doido do desejo de rever Cristina... a mais doce, a mais cara das rosas e dos lírios — e que era dele!

Quando Erlend atracou a Birgsi, Cristina já estava na praia à espera do marido, pois um pescador levara a Vigg a notícia de que a *Sereia* fora vista ao largo em Yrjar. Tinha com ela os dois filhos mais velhos e Margret; em Husaby, preparara-se um banquete para os amigos e parentes que deviam festejar o regresso de Erlend.

Cristina tornara-se tão bela que o marido ficou sufocado quando a viu. Estava, porém, bastante mudada. Aquele ar de adolescente que ela conservara após ter os três primeiros filhos, aquela aparência delicada e frágil que a fazia parecer uma freira nos seus vestidos de mulher casada, tudo isso desaparecera. Era uma mulher em plena mocidade. As faces mostravam-se cheias e rosadas entre as pontas brancas que lhe desciam da touca, e o peito alteava-se firme sob os cordões e broches que resplandeciam. As ancas arredondavam-se numa curva mais acentuada debaixo do cinto donde se suspendiam as chaves e o estojo de ouro da tesoura e da faca. Sim, estava ainda mais bela e, tal como ela se apresentava agora, não lha arrebatariam tão fàcilmente, como antes, para a levarem para o céu. Até as suas mãos se tinham tornado mais alvas e carnudas.

Passaram a noite em Vigg, na casa do abade. E foi uma Cristina jovem, rosada e alegre, meiga e feliz que na manhã seguinte o acompanhou ao festim de Husaby.

Cristina tencionava falar ao marido de assuntos sérios quando ele voltou para casa: mil e uma coisas a respeito dos filhos, das suas preocupações acerca de Margret, dos planos

para restabelecer as propriedades. Mas tudo isso lhe desapareceu da ideia no inebriamento da festa.

Iam dum banquete a outro, e ela acompanhava o juiz cantonal para toda a parte aonde este ia. Erlend tinha ainda vários dos homens em Husaby; mensagens e cartas circulavam entre ele e os seus rendeiros ou procuradores. Conservava a sua vivacidade e alegria...

Poderia ser um bom juiz, ele que se opusera a quase todos os capítulos da lei norueguesa e do direito cristão? Este género de coisas Erlend aprendera-as e não as esquecera.

Era inteligente e recebera boa instrução na sua adolescência. Tudo isso patenteava agora. Acostumava-se a ler as cartas que recebia e tomara como secretário um islandês. Antigamente Erlend confiava aos outros a leitura das cartas, pois detestava olhar para uma linha manuscrita; Cristina tivera experiência disso durante esses dois anos, e familiarizara-se com tudo o que se encontrava no cofre das cartas de Erlend.

Veio-lhe então uma leveza de espírito que antes jamais conhecera. Tornou-se mais viva e menos silenciosa em sociedade, porque se sentia bela agora e, pela primeira vez desde o casamento, de perfeita saúde. À noite, quando ela e Erlend estavam deitados num quarto estranho, numa grande quinta ou numa casa de camponeses, os dois riam, conversavam e gracejavam a propósito das pessoas que haviam encontrado e das novidades que tinham sabido. Erlend mostrava-se mais espirituoso do que nunca e os outros pareciam estimá-lo mais do que algum tempo antes.

Cristina observou isso nos próprios filhos. Deliravam de entusiasmo quando o pai se ocupava deles alguns instantes. Naakkve e Bjoergulf só se interessavam agora por arcos, azagaias e achas. Sucedia às vezes o pai deter-se, quando atravessava o pátio, olhar para eles e rectificar-lhes os gestos.

— Não é assim, meu filho... Vê como deves agarrar nisso...

E colocava-lhe os dedos na boa posição. Então a excitação dos pequenos chegava ao cúmulo.

Os dois filhos mais velhos eram inseparáveis. Bjoergulf, o mais crescido e mais forte dos pequenos, tinha a mesma estatura que Naakkve, embora fosse mais novo ano e meio. Os cabelos, dum negro azulado, encaracolavam-se, rebeldes; possuía uma carinha larga e belos olhos azuis. Certo dia Erlend perguntou, inquieto, à mulher, se ela sabia que Bjoergulf não via bem de um olho; envesgava-o um pouco. Cristina respondeu que achava não ser coisa grave; com o andar dos tempos desapareceria o estrabismo. Na realidade, a mãe interessava-se menos por ele do que pelos outros filhos; na altura do nascimento de Bjoergulf estava ela enfraquecida pelos cuidados concedidos a Naakkve, e Gaute viera quase a seguir. Era o mais forte e o mais inteligente dos pequenos, mas falava pouco. Erlend preferia-o aos outros.

Embora nem ele próprio percebesse, Erlend queria mal a Naakkve pelo facto de ter vindo ao mundo inoportunamente e porque deveria usar o nome do pai. E Gaute não era como ele esperara. Tinha a cabeça grande, o que podia ser anormal, pois durante dois anos dir-se-ia que só a cabeça lhe crescera, mas agora o corpo desenvolvia-se por sua vez. Mostrava bastante lucidez mas falava muito lentamente, porque, se falava depressa, punha-se a gaguejar, e Margret troçava dele. Cristina tinha um fraco por esse filho, se bem que Erlend percebesse que, a certos respeitos, ela preferia o mais velho; mas Gaute fora uma criança enfermiça, parecia-se um pouco com o avô materno, nos cabelos cor de linho e nos olhos cinzentos escuros, e, além disso, desejava sempre a companhia da mãe. Estava um tanto isolado entre os dois mais velhos, que nunca se separavam, e os gémeos, que ainda andavam ao colo da ama.

Cristina tinha agora menos tempo para se ocupar dos filhos, e devia, como as demais mulheres, confiá-los às criadas, mas Naakkve e Bjoergulf gostavam de correr no pátio, com os homens. Já não os amimava com a doentia ternura

de outrora, mas brincava e ria mais com eles quando dispunha de tempo para os reunir à sua volta.

No Ano Novo receberam em Husaby uma carta que trazia o sinete de Lourenço Bjoergulfsoen. Fora ele mesmo quem a escrevera e a entregara ao padre de Arkedal, que tinha ido ao Sul, de sorte que datava de há dois meses. A principal notícia era a dos esponsais de Ramborg com Simão Andressoen de Formo. O casamento realizar-se-ia na festa da Invenção da Santa Cruz.

Cristina ficou extremamente surpreendida. Erlend, porém, disse que bem pensara que isso podia acontecer, desde que soubera que Simão Darre enviuvara e se estabelecera na sua quinta de Sil depois da morte do velho senhor André Gudumudsoen.

V

SIMÃO DARRE achara outrora muito natural que o pai lhe tivesse arranjado o casamento com a filha de Lourenço Bjoergulfsoen. Era costume antigo na família os pais decidirem neste caso. Sentira-se satisfeito em ver que a noiva era bonita e sedutora. Aliás sempre pensara que ele e a mulher escolhida pelo pai haviam de ser bons amigos. Cristina e Simão convinham um ao outro por causa da idade, dos bens e da estirpe a que pertenciam. Se Lourenço era de origem um pouco mais elevada, o pai de Simão era cavaleiro e fora um dos íntimos do rei Haakon, enquanto que Lourenço sempre vivera pacatamente nas suas quintas. Simão sempre notara que os cônjuges se entendem quando são adequados um para o outro.

Depois houvera aquela célebre noite, na câmara mortuária de Finnsbrekken, em que quiseram difamar a inocente criança. A partir desse momento Simão compreendera que amava mais a noiva do que seria necessário. Não reflectia... sentia-se feliz; via que ela era tímida e púdica, mas também não pensava nisso. Tinham então sobrevindo aqueles dias de Oslo, quando ele fora obrigado a meditar nos factos, e, em seguida, a noite em casa de Fluga.

Sucedera-lhe uma coisa que julgava impossível entre gente honesta de boa família, e nessa época: o rompimento súbito dos esponsais. Sentira-se cego e perturbado, mas como, por natureza, sempre fora um tanto frio, mostrava-se calmo e impassível quando falava desses acontecimentos a André e a Lourenço.

Mais tarde, quebrando a tradição da sua casa, resolvera, sem consultar o pai — caso sem exemplo na família —, pedir em casamento a moça e abastada viúva de Mandvik. Ficou deslumbrado quando percebeu que a senhora Halfrid o amava — era muito mais rica e de mais alta linhagem do que Cristina; descendia do barão Tore Haakonsoen de Tunsberg, e fora casada com o cavaleiro Finn Asksoen; bastante bonita, tinha um aspecto tão fino e nobre que, a seu lado, as damas da condição dela pareciam camponesas. Que diabo! Havia de mostrar a todos que podia obter a mais elegante das mulheres; com a sua riqueza e fidalguia ela valia mais do que esse homem de Trondjhem que só trazia vergonha a Cristina. E uma viúva era um caso evidente, sabia-se com quem se lidava. Que fossem para o diabo as donzelas!

Aprendera à sua custa que não era tão simples viver no mundo como o julgara na sua casa dos Dofrines. Lá, o pai decidia tudo e os seus desejos constituíam leis. Simão estivera uns tempos na corte e fora porta-brandão do rei; recebera também alguma instrução ministrada pelo capelão do pai; acontecia-lhe, pois, às vezes, achar um tanto antiquadas determinadas opiniões paternas, e então contradizia-as, mas com ar de gracejo, e André levava o caso para a brincadeira.

— Este Simão! — dizia o pai a rir. — Que estupenda inteligência a dele! — E todos riam, a mãe, os irmãos e as irmãs de Simão, que jamais pronunciavam uma palavra contra André. Mas tudo se fazia conforme a vontade do pai, e Simão achava isso natural.

Durante os anos que morou em Mandvik, casado com a filha de Halfrid Erling, foi vendo que a vida era um pouco mais complicada e pior do que André Gudmunsoen imaginava.

Nunca julgara que não poderia sentir-se feliz na companhia duma mulher como aquela com quem casara. No fundo da alma experimentava um espanto doloroso ao ver Halfrid ocupada nos seus trabalhos domésticos todo o santo dia, tão

bonita, com os seus olhos meigos e com a sua boca graciosa... quando estava fechada... Jamais vira uma mulher usar vestidos e jóias com tanta elegância. E, nas trevas da noite, aborrecia-a de tal forma que perdia qualquer sombra de desejo. Ela era doente, o seu hálito não tinha frescura nenhuma, as suas carícias importunavam-no. E ainda por cima tão bondosa que esse estado de coisas o envergonhava e o desesperava; mas agora chegava a odiá-la.

Não tinham casado há muito tempo quando compreendeu que ela nunca daria à luz um filho vivo. Percebeu que a mulher ainda sentia, por isso, maior desgosto do que ele; foi como uma punhalada em pleno coração quando Simão pensou, a esse respeito, no destino de Halfrid. Certos zunzuns haviam-lhe chegado aos ouvidos: o cavaleiro Finn maltratara-a com pontapés e batera-lhe a pontos de a mulher ter vários partos prematuros enquanto fora casada com ele. O marido tinha ciúmes, absolutamente absurdos, da linda e juvenil esposa. Os pais de Halfrid queriam tirar-lha, ela, porém, dizia que era dever duma cristã viver junto do marido, fosse ele como fosse.

Mas, se ela não lhe dava filhos, por isso mesmo Simão sentia que era na terra da mulher que ambos viviam e que os bens que administrava pertenciam a Halfrid. Geria-os com inteligência e cautela. Durante esses anos aumentou-lhe na alma o ardente desejo de ir para Formo, a quinta familiar da avó paterna, que sempre fora designada para ele herdar depois da morte do pai. Parecia-lhe que em Gudbrandsdal se sentiria mais em sua casa do que em Romerike.

Toda a gente tratava a mulher dele por «senhora Halfrid» como no tempo do primeiro marido, o que ainda lhe dava mais a impressão de ser simplesmente, em Mandvik, o conselheiro da esposa.

Certo dia, quando Simão e a mulher estavam sòzinhos no salão, uma das criadas entrou para tratar de qualquer assunto. Halfrid observou-a.

— Estou bastante admirada — disse ela depois de a serva sair. — Receio que Jorunn vá ter um filho...

Simão, sentado, tinha sobre os joelhos uma balestra de que arranjava o mecanismo. Mudando a fieira de aço e inspeccionando a mola, respondeu sem levantar a cabeça:

— Sim, e é meu.

A mulher não proferiu palavra. Quando finalmente Simão ergueu o olhar para ela, viu-a a coser, tão absorvida no trabalho como ele estivera no seu.

Ficou Simão desgostoso por ter magoado assim a mulher e por haver tido relações com a criada; além disso, sentia-se irritado pelo facto de se responsabilizar por aquela paternidade. Longe estava de se convencer do facto... Jorunn era uma leviana. Na realidade ele nunca a amara; embora fosse feia, tinha graça no que dizia, o que tornava a sua conversa divertida, e, no Inverno anterior, esperava-o sempre quando ele voltava tarde para casa. Simão respondera com precipitação à mulher porque supunha que Halfrid se ia lastimar e censurá-lo. Fora uma ideia tola, pois Simão devia saber que ela era incapaz disso. Tinha de se considerar pai do filho da criada, quer fosse verdade ou não.

Halfrid só um ano mais tarde é que aludiu a esse incidente; perguntou um dia a Simão se sabia que Jorunn se ia casar em Borg. Sabia-o ele perfeitamente, pois até lhe oferecera um dote.

— E onde vai ficar a criança? — inquiriu a mulher.

— Em casa dos avós maternos, onde já está — respondeu Simão.

— Parece-me mais conveniente que a tua filha se crie na tua quinta.

— Na quinta que te pertence, queres tu dizer?

Um leve tremor passou no rosto da mulher.

— Bem sabes, Simão, que enquanto ambos nós vivermos serás o dono de Mandvik — retorquiu ela.

Simão avançou e pôs as mãos nos ombros da mulher.

— Se realmente me queres dar a entender, Halfrid, que

suportarias ver aqui essa criança, agradeço-te profundamente a tua grandeza de alma.

Simão não gostava da pequena. Vira-a algumas vezes. Era feia, e nada parecida com ele nem com nenhum dos seus. Menos do que nunca se considerava pai dela. E ficara profundamente irritado ao saber que Jorunn, sem lhe pedir licença, baptizara a pequena Arngjerd com o nome da mãe dele. Deixou, porém, Halfrid decidir tudo. Mandou ela vir a criança para Mandvik, deu-lhe uma ama e fez com que nada lhe faltasse. Trazia-a com frequência ao colo e ocupava-se dela com ternura e gentileza. E, à medida que Simão via a pequena, ia-a estimando mais — tinha um fraco por crianças. Acabou por achar certa semelhança entre Arngjerd e André. Era provável que Jorunn se houvesse conservado sossegada depois de o patrão a haver tomado por amante... Arngjerd seria, pois, filha dele, e Halfrid proporcionara-lhe a realização do que havia de mais honesto e de melhor.

Ao fim de cinco anos de casada, Halfrid deu à luz um filho. Ficou como que transfigurada de felicidade, mas, logo depois do parto, adoeceu tão gravemente que toda a gente adquiriu a certeza de que morreria. Contudo, mostrava-se cheia de coragem na última vez que teve, durante uns momentos, toda a sua lucidez. «Vais ficar em Mandvik, Simão, e ocupar-te-ás da propriedade por mim e pela minha descendência», disse ela ao marido.

Depois disso a febre aumentou de tal forma que Halfrid perdeu a consciência de tudo e assim não passou pelo desgosto, enquanto estava sobre a terra, de saber que o filho morrera um dia antes dela. E, no outro mundo, em vez de sentir essa pena — pensava Simão — devia estar feliz em ter Erling a seu lado.

Simão, naquela noite em que os dois cadáveres jaziam no quarto do último andar da casa, foi-se encostar a um muro dum campo próximo do mar. Era véspera de São João, e a noite estava tão clara que a Lua-cheia quase nem brilhava. A água tinha um tom baço; ondulava e marulhava branda-

mente ao retirar-se com a maré. Simão apenas dormira uma hora desde a noite do nascimento do filho. Parecia-lhe que tudo isso já fora há muito tempo, e estava tão fatigado que nem tinha a noção do seu desgosto.

Contava vinte e sete anos nessa época.

No fim do Verão, quando das partilhas da herança, Simão cedeu Mandvik a Stig Haakonsoen, sobrinho de Halfrid. Partiu então para Dyfrin, onde passou o Inverno.

O velho senhor, André, estava de cama, tolhido por toda a espécie de dores e enfermidades; a morte aproximava-se e ele queixava-se muito. Também para ele a vida não fora muito doce nos derradeiros tempos... Os filhos, tão belos e cheios de promessas, não haviam tido a existência feliz que esperara. Na presença do pai, Simão diligenciava mostrar-se alegre como antigamente, mas o velho não cessava de se lamentar. Helga Saksesdatter, esposa de Gyrd, era intolerável e nem sabia que absurdos havia de inventar; Gyrd não tinha o direito de estar na sua própria casa sem licença da mulher! E àquele Torgrin, que só pensava em comer, nunca daria a filha se soubesse que ele era um homem gasto que não tinha ânimo de viver nem de morrer. Astrid não podia gozar a sua juventude e bem-estar enquanto o marido existisse. Sigrid estiolava-se de desgosto; perdera completamente o sorriso e a alegria, coitada da pequena! Dizer que ela tivera aquele filho — e Simão não tinha nenhum! Infeliz, velho e doente, André chorava. Gudmund fizera objecções a todos os casamentos que o pai lhe propusera, e este tornara-se tão fraco que deixara o rapaz fazer o que quisesse.

Mas a infelicidade começara quando Simão e aquela hipócrita da rapariga se haviam insurgido contra os pais. Lourenço é que era o culpado. Embora fosse corajoso como poucos, fraquejava perante a mulher e as filhas. Alguns suspiros e gritos da moça, e logo ele acedera e mandara buscar aquele sedutor de mulheres que nem mesmo pudera

esperar que a noiva lhe estivesse ligada pelo casamento. Mas, se Lourenço mostrasse que era o senhor da sua casa, ele, André Darre, demonstraria ser capaz de ensinar a viver um fedelho ainda imberbe. Cristina Lavransdatter, essa tivera filhos, um filho de onze em onze meses, segundo ouvia ele dizer...

— Isso paga-se caro, meu pai — retorquiu Simão a rir. — A herança será lindamente retalhada.

Arngjerd entrava, justamente nessa ocasião, no quarto: vinha nos bicos dos pés. Simão sentou-a nos joelhos.

— Não será por causa dessa pequena que a tua herança se reduzirá a migalhas — disse o cavaleiro André, mal humorado. Sentia-se feliz em possuir uma neta, mas descontente pelo facto de Simão ter uma filha ilegítima. — Pensas em tornar a casar?

— Deixai ao menos o corpo de Halfrid arrefecer na sua sepultura, pai — respondeu Simão acariciando os cabelos louros da petiza. — Decerto que me hei-de casar, mas não tão cedo.

Pegou então no arco e nos patins e saiu em direcção à floresta. Acompanhado dos seus cães, perseguia o alce na neve endurecida e alvejava o tetraz empoleirado nas árvores; durante as noites dormia nas cabanas florestais dos Dofrines, e achava deliciosa a solidão.

Ouviu estalidos de patins lá fora. Os cães precipitaram-se ladrando e, do exterior, outros responderam. Simão abriu a porta para a noite azulada de luar e Gyrd entrou, airoso, alto, belo, calmo. Parecia mais novo do que Simão, que sempre fora nutrido e que ainda engordara mais depois de casar.

Os dois irmãos sentaram-se com o saco das provisões entre eles, comeram e beberam, depois puseram-se a olhar para o lume da lareira.

— Certamente já sabes que Torgrin quer arranjar discórdias quando o pai não existir — disse Gyrd. — Gudmund faz coro com ele e Helga também. Não querem que Sigrid receba a parte que lhe compete.

— Bem sei. Ela, porém, há-de ter a sua parte. Tu e eu providenciaremos nesse sentido.

— O melhor seria que o pai dispusesse tudo, antes de morrer.

— Não. Deixa-o morrer em paz. Nós ambos poderemos sem dúvida proteger a nossa irmã e impedi-los que a despojem dos seus bens por lhe ter acontecido aquela infelicidade...

Os herdeiros do cavaleiro André Darre separaram-se com acerba inimizade. Gyrd foi o único de quem Simão se despediu quando partiu de Dyfrin, e ele sabia que daí para o futuro Gyrd não passaria uma vida muito agradável com a mulher.

Levou Sigrid consigo para Formo: ela tomaria cuidado da sua casa, ele administraria as propriedades de Sigrid.

Entrou a cavalo na sua quinta num dia cinzento de degelo; os amieiros que marginam o Laug estavam cobertos de flor. Quando ele chegava à porta, para entrar em casa, com Arngjerd ao colo, Sigrid Andresdatter perguntou-lhe:

— Porque sorriste dessa maneira, Simão?

— Porventura sorri?

Viera-lhe ao espírito quanto este regresso era diferente daquele que esperara noutros tempos — quando chegasse o dia em que se instalaria na quinta da avó. Uma irmã seduzida e um bastardo, eis o que lhe pertencia agora.

Durante o primeiro Verão, poucas vezes viu os moradores de Joerundgaard; evitava-os cuidadosamente.

Mas, no domingo seguinte à festa da Natividade, Simão achou-se na igreja ao lado de Lourenço Bjoergulfsoen, tão perto que tiveram de dar um no outro o beijo da missa quando Sira Erik disse: «Que a paz do Senhor seja convosco.» E quando Simão sentiu os lábios delgados e secos do velhote de encontro à sua cara e que o ouviu murmurar a oração de paz, ficou extremamente perturbado. Compreendeu que

Lourenço pensava no que estava a proferir em vez de seguir apenas um rito da Igreja.

Saiu, apressado, logo que a missa acabou, mas, na rua, próximo dos cavalos, encontrou Lourenço que o convidou para o acompanhar a Joerundgaard e almoçar com ele. Simão respondeu que tinha a filha doente e que a irmã estava junto dela. Então Lourenço desejou as melhoras da criança e apertou a mão de Simão.

Alguns dias mais tarde, em Formo, afadigavam-se em recolher no celeiro os cereais, porque o tempo estava pouco seguro. Haviam já armazenado a maior parte quando, à tarde, caiu o primeiro aguaceiro. Simão atravessava a correr o pátio debaixo da bátega e dos raios dum sol dourado que rasgavam as nuvens e iluminavam a casa e o flanco do monte, quando viu uma rapariguinha defronte da porta principal, sob a chuva. Tinha a seu lado o cão predilecto de Simão, que se precipitou para o dono, arrastando atrás de si um cinto entrançado de mulher que estava amarrado à coleira.

Simão viu logo que a pequena era de gente abastada — sem capa e de cabeça descoberta, tinha um vestido cor de vinho feito de pano comprado na cidade, bordado e apertado no peito por um broche de ouro. Uma fita de seda levantava-lhe sobre a testa os cabelos encaracolados, escurecidos pela chuva. Possuía uma carinha inteligente, testa ampla, queixo aguçado, grandes olhos cheios de vivacidade, e as faces muito coradas, como se tivesse corrido.

Simão percebeu quem era a rapariguinha e chamou-a pelo nome: Ramborg.

— Que foi que aconteceu para nos dares a honra da tua visita?

Era por causa do cão, contava ela enquanto seguia para casa de Simão a fim de se abrigar da chuva. — Tinha o costume de fugir para Joerundgaard; e ela trazia-o ao dono. Sabia que lhe pertencia porque vira o animal correr atrás de Simão quando este ia a cavalo.

Simão ralhou-lhe por ter vindo sózinha daquela forma. Disse que ia mandar selar cavalos e acompanhá-la a casa. Mas primeiramente ela devia descansar. Ramborg foi logo para o lado da cama onde Arngjerd estava deitada, doente; tanto a pequena como Sigrid ficaram encantadas com aquela visita, pois Ramborg era viva e animada. Simão achava que não se parecia com as irmãs.

Acompanhou-a a cavalo até ao caminho da quinta, depois quis voltar para casa, mas encontrou Lourenço, que acabava de saber que a filha não andava com os seus companheiros de jogos em Langarbru; saíra com alguns criados para a procurar; estava bastante assustado. Simão teve de entrar em Joerundgaard e depressa se achou à vontade com Ragnfrid e Lourenço. Ficaram a beber até tarde e, como o tempo estava agora horrível, Simão aceitou com reconhecimento o convite para passar a noite ali.

Havia dois leitos na casa principal. Ragnfrid arranjou um deles cuidadosamente para o hóspede, e então trataram de saber onde ia dormir Ramborg. Com os pais ou num dos anexos da casa?

— Quero ficar na minha cama — disse a pequena. — Não posso dormir contigo, Simão?

Lourenço retorquiu que não deviam importunar o hóspede com crianças na cama dele, mas Ramborg insistia que se queria deitar com Simão. Por fim Lourenço disse em tom severo que ela era muito crescida para partilhar da cama dum homem que não era da família.

— Não, pai — replicou ela, obstinada. — Não é verdade, Simão, que não sou muita crescida?

— És pequena de mais — disse Simão a rir. — Oferece-te para dormires comigo daqui a uns cinco anos, e eu, com certeza, não direi que não. Mas nessa altura hás-de querer marido que não seja um viúvo velho, feio e gordo, Ramborg!

Lourenço não pareceu gostar do gracejo. Disse secamente à filha que se calasse e se fosse deitar na cama dos pais. Mas Ramborg gritou ainda:

— Pediste-me em casamento, Simão Darre, e o pai bem ouviu!

— E pedi-te a valer — volveu Simão. — Mas receio que ele me responda que não, Ramborg.

A partir desse dia os moradores de Formo e de Joerundgaard andaram constantemente juntos. Ramborg ia à quinta dos vizinhos tantas vezes quanto podia, tratava Arngjerd como se a criança fosse uma boneca, corria com Sigrid, ajudava-a nos trabalhos domésticos e sentava-se nos joelhos de Simão quando estavam reunidos na sala. Simão habituou-se a brincar com a pequena e a conversar com ela como costumava fazer noutros tempos, quando Ramborg e Ulvhil estavam para ser suas cunhadas.

Simão morava há dois anos no vale quando Geirmund Herteinsoen de Kruke pediu Sigrid Andresdatter em casamento. A família de Kruke era de origem camponesa, mas, embora alguns dos homens houvessem servido na corte real, nunca tiveram notoriedade fora da sua terra. Apesar disso, era um bom casamento para Sigrid, e ela aceitava Geirmund com satisfação. Os irmãos concluíram, pois, esse assunto e Simão festejou em casa as bodas da irmã.

Uma tarde, justamente na véspera do casamento, quando mais do que nunca eles se afadigavam nos preparativos do banquete, Simão disse, a gracejar, que não fazia ideia de que forma a sua casa seria governada depois de Sigrid se ir embora. Ramborg declarou logo:

— Arranja-te conforme puderes durante dois anos, Simão. Aos catorze anos uma rapariga já pode casar, e então, se quiseres, casas comigo.

— Não, não quero — replicou Simão com uma risada. — Não me sinto capaz de refrear uma selvagem como tu.

— Meu pai diz que as raparigas mais sossegadas são, no fundo, hipócritas — retorquiu Ramborg. — Eu cá sou arisca. Minha irmã é que era meiga e sossegada. Esqueceste Cristina, Simão Andressoen?

Simão saltou do banco, abraçou a pequena e beijou-a com tanta violência no pescoço que este ficou marcado de vermelho. Aterrado e estupefacto com o seu gesto, largou-a, e agarrou em Arngjerd e apertou-a e beijou-a da mesma maneira, para iludir. Fez tais tropelias às duas pequenas que elas saltaram para cima dos bancos e das mesas. Por fim empoleirou-se na viga transversal, junto da porta, e saiu a correr.

Quase nunca falavam de Cristina, em Joerundgaard, de forma que ele ouvisse.

Ramborg Lavransdatter cresceu e tornou-se bonita. De vez em quando, na aldeia, corria a notícia de que ia casar. Durante uns tempos constava que seria com Eindrid Haakonsoen, dos Gjeslings de Valder. Eram primos em quarto grau, mas Lourenço e Haakon tinham tanto dinheiro que podiam mandar uma carta ao papa e obter dispensa. Talvez que isso pusesse termo à antiga demanda que durava desde que os velhos Gjeslings se tinham juntado ao duque Skule e que o rei Haakon lhes tirara a propriedade de Vaage para a dar a Sigur Eldjarn. O moço Ivar Gjesling recuperara Sundbu, por troca, quando casara, mas esses negócios haviam acarretado muitas disputas e inimizades. Lourenço ria-se; a parte que ele podia reclamar para a mulher não valia o pergaminho e o lacre que tinham empregado no processo, sem falar da maçada e das viagens. Ele, porém, morava no vale desde o seu casamento e ali ficava.

Entretanto Eindride Gjesling desposou outra rapariga, e os donos de Joerundgaard não se mostraram desolados com o facto. Assistiram ao banquete e, de regresso a casa, Ramborg contara com desembaraço que quatro homens a haviam pedido em casamento na presença dos pais e dela própria. Lourenço respondera que não queria decidir nenhum casamento para a filha antes de ela estar em idade de poder dar a sua opinião.

Assim decorreram as coisas até à Primavera em que Ramborg completava catorze anos. Achava-se ela então numa

tarde no estábulo de Formo com Simão a observar um vitelo que acabara de nascer. Era branco com uma mancha castanha, e Ramborg achava que essa mancha se parecia com uma igreja. Simão estava sentado na borda da hucha com a rapariguinha apoiada aos seus joelhos, e passava-lhe a mão pela cabeça encaracolada.

— Isso significa certamente que te casarás dentro em breve, Ramborg.

— Bem sabes que meu pai não dirá que não no dia em que me pedires — disse ela. — Já sou bastante crescida para poder casar este ano.

Simão estremeceu levemente, mas tentou sorrir.

— Voltas a falar dessa criancice?

— Sabes muito bem que não é criancice nenhuma — retorquiu a rapariga, fixando nele os seus grandes olhos. — Depois que estás em Formo, só junto de ti é que me sinto feliz. Porque me beijaste e me sentaste tantas vezes nos teus joelhos, se não me querias para mulher?

— Ora se queria, minha Ramborg! Mas nunca pensei que uma rapariga tão nova e tão bonita pudesse ser para mim. Tenho mais dezassete anos do que tu. Não reflectiste ainda que terás um marido velho, feio e barrigudo, enquanto que tu serás uma esposa em plena mocidade?

— A idade que tenho agora é que é a melhor — retrucou ela com ar radiante — e tu não és precisamente decrépito, Simão!

— Sou feio e depressa aborrecerás beijar-me!

— Não possuis motivo para julgar uma coisa dessas — respondeu Ramborg rindo e apresentando-lhe os lábios.

Mas Simão não a beijou.

— Não quero aproveitar-me do que dizes enquanto não tiveres mais juízo, minha querida. Lourenço pensa em te levar consigo para o Sul neste Verão. Se as tuas intenções forem as mesmas quando voltares, agradecerei a Deus e a Nossa Senhora a oferta duma felicidade maior do que eu esperava, mas não quero que prometas nada, linda Ramborg.

Simão pegou no arco e no dardo e, acompanhado dos cães, partiu nessa mesma tarde para a montanha.

Havia ainda muita neve naquelas imensas extensões; foi até à cabana, e, levando esquis, desceu para o Sul dos montes Raane e aí se instalou perto do mar e se distraiu na caça à rena durante uma semana. Mas, na tarde em que regressava a Formo, de novo se sentiu inquieto e receoso. Era possível que Ramborg tivesse falado ao pai. Quando Simão estava sentado no fim da planície, em frente da cabana pertencente a Joerundgaard, viu fumo e faíscas a saírem do telhado. Pensou que Lourenço talvez ali estivesse e então encaminhou-se para lá. Pela atitude de Lourenço percebeu que adivinhara. Mas conversaram a respeito das desgraças do Verão passado, da ocasião em que seria oportuno levar o gado para a montanha, do novo falcão de Lourenço que, no chão, adejava sobre as vísceras das aves que estavam a assar no espeto. Lourenço viera até Ilmandsdal a fim de ver a cerca dos seus cavalos; alguém de Alvdal, que passara por ali havia pouco tempo, dissera-lhe que o telhado se tinha desmoronado. Assim se entretiveram a conversar a maior parte da noite. Então Simão acabou por dizer:

— Há uma coisa que eu não sei... Ramborg falou-te de certo assunto de que nos ocupámos numa tarde?

Lourenço retorquiu lentamente:

— Acho que podias ter falado comigo em primeiro lugar, Simão... Deves calcular a resposta que receberias. Sim... sim... compreendo que as circunstâncias te levassem a consultar, antes de ninguém, a minha filha... e o caso não tem grande importância. Sinto-me feliz em confiar Ramborg a um homem honrado.

Pouca coisa tinha mais a acrescentar, pensava Simão. Todavia, era estranho: ele que nunca tivera a ideia de perseguir uma donzela, nem uma mulher honesta, achava-se agora obrigado pela sua palavra a casar com uma rapariga que preferiria evitar.

Entretanto, insistiu:

— O que é certo, Lourenço, é que não seduzi Ramborg nas tuas costas. A minha idade fazia-me julgar que ela atribuiria às nossas velhas relações fraternais o facto de eu conversar muito consigo. E, se achas que já sou muito idoso para Ramborg, isso não me espantará nem destruirá a nossa amizade.

— Poucos homens tenho encontrado que me dessem maior prazer em considerá-los como filhos, como tu. E dar-te-ei Ramborg com muita satisfação. Sabes quem ficará para a aconselhar sobre o seu casamento depois de eu morrer? (Era a primeira vez que entre ambos havia uma alusão a Erlend Nikulaussoen). Em muitos pontos de vista o meu genro vale mais do que eu supunha ao princípio, quando o conheci. Mas não sei se será homem que dê bons conselhos para o matrimónio duma rapariga. Quanto a Ramborg, vejo perfeitamente que quer casar contigo.

— Nesta ocasião é esse o seu desejo — retorquiu Simão. — Ela, porém, é quase uma criança. Por isso não tenciono insistir se fores de opinião que se deixe passar mais algum tempo...

— E eu — atalhou Lourenço, franzindo um tanto as sobrancelhas — não tenciono usar de ameaças para obrigar minha filha a casar contigo, podes estar certo disso.

— Acredita que não existe rapariga na Noruega que eu prefira a Ramborg. Na verdade, Lourenço, parecia-me ser excessiva felicidade para mim obter uma rapariga tão linda, tão bondosa, rica ao mesmo tempo, e pertencente às mais nobres famílias... E de ter-te como sogro — ajuntou ele, um pouco atrapalhado.

Lourenço sorriu também com algum embaraço.

— Conheces a minha opinião. Cuidarás da minha filha e dos seus bens de forma a que eu e Ragnfrid jamais tenhamos de que nos arrepender quanto a este casamento.

— Com a ajuda de Deus e de todos os santos, prometo que, isso, farei eu — disse Simão.

Apertaram a mão um do outro. Simão lembrou-se da

primeira vez que concluíra igual assunto por um aperto de mão com Lourenço. O coração confrangeu-se-lhe.

Mas, desta vez, tratava-se dum casamento melhor do que ele podia esperar. As duas filhas de Lourenço seriam as únicas herdeiras. E ele ocuparia o lugar de filho daquele homem que sempre mais honrara e estimara entre todos os que conhecia. Além disso, Ramborg era nova, gentil, saudável...

Ele devia, enfim, reflectir como pessoa que já tem experiência do mundo. Se pensasse que obteria, viúva, aquela que não pudera ter quando solteira, visto que fora outro quem se aproveitara da sua juventude, assim como vários pretendentes do mesmo género, realmente merecia que os irmãos o declarassem incapaz de administrar os seus próprios negócios. Erlend duraria tantos anos como as pedras da montanha, era sempre essa a sorte de semelhantes mariolas.

Seriam, pois, cunhados. Não se tinham tornado a ver desde aquela noite em casa de Fluga. Mas essa recordação ainda era mais penosa para o outro do que para ele.

Seria para Ramborg o melhor dos maridos. Parecia-lhe, no entanto, que a moça lhe estendera uma armadilha...

— Estás a rir de quê? — interrogou Lourenço.

— Foi cá uma ideia que me atravessou o espírito.

— Diz-me de que se trata, Simão... para que eu possa rir também.

Simão Andressoen fitou em Lourenço os seus olhinhos penetrantes.

— Pensava... nas mulheres. Pergunto a mim mesmo se uma mulher faz caso da honra dum homem, como fazemos entre nós, quando ela tem vantagens em passar adiante. Halfrid, a minha primeira esposa... Antes de ti, Lourenço Bjoergulfsoen, nunca contei isto a ninguém, nem contarei a outras pessoas... Halfrid era tão boa, tão piedosa, tão recta, que me custa a crer que houvesse no mundo outra igual. Mas, quando percebemos o que acontecera a Sigrid, propôs-me esconder minha irmã em qualquer parte, enquanto ela

simulava estar grávida e assim fingir que era nosso o filho de Sigrid. Ficaríamos dessa forma com um herdeiro, a criança seria bem tratada e Sigrid permaneceria em nossa casa sem ter de separar-se do filho. Nem mesmo Halfrid compreendeu que burlava assim os pais dela...

Disse Lourenço pouco depois:

— E tu poderias morar em Mandvik, Simão...

— Pois claro! — Simão deu uma risada. — E talvez tão legìtimamente como muitos que moram na terra a que chamam herança dos seus avós, visto que, nesta matéria, só nos baseamos na honra das mulheres...

Lourenço ajustou o capuz na cabeça do falcão e pô-lo sobre o punho.

— Que conversa tão esquisita para um homem que pensa em casar — disse ele em voz baixa e com ar meio irritado.

— Ninguém tem semelhante opinião acerca das tuas filhas — retorquiu Simão.

Lourenço contemplou o falcão e coçou-lhe as costas com uma varinha.

— Nem de Cristina? — murmurou ele.

— Nem de Cristina — respondeu Simão com firmeza. — Ela não procedeu bem comigo, mas nunca lhe notei falta de sinceridade. Disse-me honestamente e com toda a franqueza que encontrara um homem a quem amava mais do que a mim.

— Quando a deixaste escapar-se com tanta facilidade, não foi porque... ouviste dizer... mal dela? — perguntou Lourenço docemente.

— Não. Nunca ninguém me disse mal de Cristina.

Ficou combinado que o festim dos esponsais se realizaria nesse mesmo Verão e o casamento se faria depois da Páscoa do ano seguinte, logo que Ramborg completasse quinze anos.

Cristina não voltara à terra natal desde o dia em que, recém-casada, partira dali a cavalo — havia oito anos. Tornava agora com um grande cortejo: o marido, Margret, os

cinco filhos, as amas, as criadas, os escudeiros e os cavalos que traziam as bagagens. Lourenço foi ao encontro deles até aos Dofrines. Cristina já não tinha as lágrimas tão fáceis como em rapariga, mas, quando viu o pai avançar para ela, os olhos arrasaram-se-lhe de água. Parou o cavalo, deixou-se escorregar da sela e correu para Lourenço; logo que se juntou a ele, agarrou-lhe nas mãos e beijou-as ternamente. Lourenço apeou-se do cavalo e abraçou a filha. Depois acenou a Erlend. Este vinha a pé, como os outros, ao encontro do sogro, e saudou-o respeitosamente.

No dia seguinte, Simão chegou a Joerundgaard a fim de cumprimentar os novos parentes. Gyrd Darre e Geirmund de Kruke acompanhavam-no, mas as respectivas consortes haviam ficado em Formo. Simão queria que as bodas se realizassem em casa dele, de forma que as mulheres estavam lá muito atarefadas.

O encontro passou-se de tal maneira que Simão e Erlend se cumprimentaram sem constrangimento. Simão estava senhor de si, e, ao ver Erlend tão bem disposto, pensou que ele certamente esquecera o local onde se tinham visto pela última vez. Em seguida, Simão Darre deu a mão a Cristina. Mostravam menos desembaraço e, num instante, os seus olhares cruzaram-se.

Cristina achou que ele se tornara feio. Quando novo, era, apesar de tudo, bonito rapaz, embora já corpulento e de pescoço muito curto. Os olhos cor de aço pareciam já nessa altura pequeninos sob as pesadas pálpebras, e tinha a boca minúscula, de covinhas muito pronunciadas num rosto redondo de criança. Mas possuía pele fresca, testa larga, branca como leite, e lindos cabelos anelados, dum cantanho-claro. Os cabelos eram ainda bastos e encaracolados como outrora, mas a cara apresentava-se avermelhada, com rugas debaixo dos olhos, e tinha as faces flácidas, com papada. Todo ele engordara, e estava um tanto barrigudo. Agora já não tinha o aspecto dum homem que se permitisse estirar na beira da cama, à noite, para trocar segredinhos com a

noiva. E Cristina lastimava a irmã; era fresca e graciosa; tinha infantil alegria em se casar. Logo no primeiro dia mostrara a Cristina os baús com o enxoval, os presentes de núpcias de Simão, e contara o que Sigrid Andresdatter lhe dissera a respeito de certo escrínio dourado que estava no quarto dos noivos; continha doze véus preciosos que o marido lhe daria na manhã seguinte às bodas. Pobre pequena, ela nem compreendia o que era o casamento. Que pena haver convivido tão pouco com a irmãzinha! Ramborg estivera duas vezes em Husaby, mas mostrara-se então arisca e pouco amável. Não gostava de Erlend nem de Margret, que era da mesma idade que ela.

Simão pensara — ou talvez esperasse — ver Cristina envelhecida depois de haver tido tantos filhos. Ela, porém, aparecia-lhe radiante de mocidade e de saúde; de busto alto e cabeça erguida, o seu andar era mais gracioso do que nunca, embora o passo fosse talvez mais firme. Uma bela mamã rodeada de cinco lindos filhos. Tinha um vestido de lã cor de ferrugem, feito em casa, com pássaros azuis escuros de brocado. Simão recordava-se de haver pegado naquele tecido enquanto Cristina trabalhava nele, no seu tear.

Houve alguma agitação quando se sentaram à mesa, no celeiro do feno. Skule e Ivar puseram-se a gritar: queriam, conforme o costume, ficar entre a mãe e a ama. Lourenço achava inadmissível que Ramborg estivesse mais longe dele do que a criada da irmã e os pequenos; por isso pediu à filha que se instalasse no lugar de honra, a seu lado, visto que ela, dentro em pouco, deixaria a casa paterna.

Os rapazinhos de Husaby eram turbulentos, e pareciam não saber comportar-se à mesa. A refeição não ia muito adiantada quando um deles, o de cabelos louros, se meteu por baixo do banco e reapareceu ao lado de Simão.

— Mostra-me esse estojo tão bonito que tens no cinto, primo Simão — disse ele com voz lenta e grave. Os olhos fixavam-se-lhe no grande estojo incrustado de prata que continha uma colher e duas facas.

— Aqui o tens, priminho. Como te chamas?

Colocou o pedaço de toucinho, que trazia na mão, sobre o fato alvadio de pano de Holanda que Simão tinha vestido, tirou a faca do estojo e examinou-o atentamente. Depois pegou na colher e na faca para ver o efeito que faziam. Estava muito sério, com os dedos e a cara lustrosos de gordura. Simão olhava, sorrindo, para aquela linda cabecinha muito viva.

Instantes depois, vieram também os dois mais velhos para o banco dos homens; os gémeos andavam por baixo da mesa, aos tropeções, por entre as pernas dos convivas — depois foram brincar com os cães para junto do fogão. Os adultos já não tinham tranquilidade enquanto comiam. A mãe e o pai admoestavam os pequenos e mandavam-nos estar quietos; estes, porém, não os escutavam; os pais riam-se e não pareciam importar-se com o barulho dos filhos, nem mesmo quando Lourenço, em tom bastante rude, disse a um dos criados que levasse os cães para o quarto do andar de baixo, e assim se poderem entender a mesa. Os donos de Husaby deviam dormir no aposento onde estavam e, depois da refeição, quando tornaram a trazer bebidas para os homens, Cristina e as criadas levaram os pequenos para um canto a fim de os despir. Tinham-se besuntado tanto ao comer que a mãe quis lavá-los. Os petizes, porém, não consentiam nisso e os mais velhos borrifavam tudo com a água, e todos passeavam cá e lá no quarto entre cada peça de vestuário que as mulheres lhes tiravam. Finalmente, meteram-nos na mesma cama, mas continuaram a fazer algazarra, aos empurrões e aos rolões, com risadas e gritos; almofadas, tapetes e lençóis foram atirados dum lado a outro, de tal forma que, no aposento, a atmosfera ficou sufocante de pó e cheirando a feno. Cristina ria e dizia que eles estavam excitados por se verem em casa estranha.

Ramborg acompanhou o noivo até à rua e passou uns momentos com ele por entre as sebes, nessa noite de Primavera. Gyrd e Geimund tinham partido à frente, a cavalo.

Simão deteve-se e deu-lhe boa-noite. Tinha já o pé no estribo quando se voltou para a rapariga, a tomou nos braços e a apertou tão fortemente que ela soltou um leve gemido, inebriada de felicidade.

— Deus te abençoe, minha Ramborg, delicada e linda... demasiadamente linda para mim — murmurou por entre os caracóis rebeldes da noiva.

Ramborg, de pé, seguiu-o com os olhos enquanto ele se afastava a cavalo, sob o luar enevoado.

Louca de alegria, dizia de si para si que dentro de três dias estaria casada.

Lourenço encontrava-se ao lado de Cristina diante do leito dos pequenos. Os mais velhos eram altos, delgados, mas os mais novos eram rechonchudos e rosados, com covinhas nos braços e nas pernas. Parecia-lhe um lindo espectáculo, o daquelas crianças deitadas, coradas e quentes, encharcadas de suor sob as espessas cabeleiras, respirando sossegadamente no seu sono. Netos saudáveis e bonitos os que ele tinha, mas nunca vira pequenos tão mal educados. Felizmente que a irmã e a cunhada de Simão não estavam ali nessa noite. Mas talvez que ele não tivesse o direito de falar da educação dos filhos! Lourenço suspirou e fez o sinal da cruz sobre aquelas cabecinhas.

Simão Andressoen festejou o seu casamento, e isso foi lindo e magnífico sob todos os pontos de vista. Os noivos tinham um ar feliz e muitas pessoas acharam Ramborg mais sedutora do que a irmã quando casara; não uma beleza tão deslumbrante, porém mais alegre e mais meiga; todos lhe podiam ler nos olhos claros e inocentes que levava nesse dia honrosamente a coroa de ouro da família dos Gjeslings.

Feliz e orgulhosa, estava sentada, com os cabelos erguidos, diante do leito nupcial, quando os convidados subiram para ver os recém-casados na manhã seguinte ao casamento. No meio de risos e de maliciosos gracejos presenciaram

Simão colocando o manto de esposa sobre a cabeça da jovem. Soaram hurras e tiniram armas quando Ramborg se ergueu e deu a mão ao marido, direita e corada no seu alvo manto.

Não era muito vulgar casarem-se dois moços, de alta condição, da mesma aldeia; quando se examinava a família em todos os seus ramos, encontrava-se em geral um parentesco muito próximo. Por isso todos consideraram aquele consórcio como uma festa grande e alegre.

VI

UMA das primeiras coisas que Cristina notou em Joerundgaard foi que haviam desaparecido as esculturas que guarneciam as janelas das empenas da casa. Em sua substituição haviam instalado flechas com folhas e pássaros e um catavento dourado no cimo da nova casa das provisões. Da mesma forma as velhas colunas de madeira do lugar de honra da sala tinham sido substituídas por outras novas. As antigas eram entalhadas e representavam duas caras humanas, bastante feias, mas existiam certamente desde que haviam construído o edifício; costumavam esfregá-las com gordura e limpá-las com óleo para os dias de festa. Nas novas colunas o pai de Cristina esculpira dois homens cujos elmos e escudos tinham gravada uma cruz. «Não era a imagem de Santo Olavo — explicava ele, pois parecia-lhe inconveniente que um pecador tivesse na sua casa figuras de santos diante dos quais não dizia as suas orações —, mas podiam muito bem ser guerreiros do exército de Santo Olavo.» Fora Lourenço em pessoa quem demolira e queimara as antigas esculturas — os criados não ousavam tocar nelas. Tinham eles licença de levar comida para a pedra grande do cabeço de Joerund nos dias de festa. Lourenço achava que seria pena privar dela o velho do monte que se acostumara a isso desde que a quinta fora habitada; morrera muito tempo antes da vinda do cristianismo — não era culpa dele se tinha sido pagão.

Os outros não concordavam com estas práticas de Lourenço Bjoergulfsoen. Decerto sofreria com isso, pois poderia adquirir doutra forma a sua segurança. Mostrava-se sempre

cheio de energia e, como lavrador, continuava com sorte. Mas, entre si, perguntava se os entes subterrâneos não se vingariam quando houvesse na quinta um senhor menos piedoso e menos generoso para a igreja. E o povo achava que mais valia dar aos antigos aquilo a que estavam habituados a receber do que destruí-los e confiar a sua segurança aos padres.

Além disso não sabiam em que se tornaria a amizade entre Joerundgaard e o presbitério quando Sira Erik desaparecesse dali. O pároco estava tão velho e doente que tivera de arranjar um auxiliar. Ele próprio falara ao bispo, no sobrinho, Bentein Jonsoen — mas Lourenço falou por sua vez ao bispo, que era seu velho amigo. O povo achava que ele não tinha razão em não desejar ali Bentein. Evidentemente que o moço fora atrevido certa tarde com Cristina e talvez a houvesse assustado, mas mais valia não indagar se a rapariga é que o provocara. Verificara-se depois que ela não era tímida como parecia. Mas Lourenço sempre acreditara na perfeição da filha e considerava-a exactamente como se ela fosse um escrínio de relíquias.

Depois daquilo, houve algum tempo certa frieza entre Sira Erik e Lourenço. Mas então surgiu aquele Sira Solmund que andou logo em querelas com o pároco por causa dum pedacito de terra, e discutiu-se se pertencia a Sira Erik ou ao curato. Lourenço era a primeira autoridade em matéria de compra de terrenos, desde muito tempo. Foi o seu testemunho que decidiu a questão. Depois disso, Sira Solmund e ele deixaram de ser bons amigos, mas agora Erik e Andun, o velho sacristão, estavam quase sempre em Joerundgaard, pois vinham todos os dias visitar Lourenço para se queixarem das injustiças e atribulações que o novo padre lhes causava; na quinta tratavam-nos como se eles fossem dois bispos.

Cristina soubera disto por intermédio de Borgar Trondsoen de Sundbu, cuja mulher era natural de Nidaros e que estivera várias vezes em Husaby. Trond Gjesling morrera

alguns anos atrás; ninguém considerara grande perda, pois ele fora um inútil naquela velha família: cúpido, obstinado e enfermiço. Só Lourenço é que persistira em visitar Trond, por piedade para com o cunhado e sobretudo por causa de Gudrid, mulher deste. Agora já nenhum deles existia, e os quatro filhos moravam na quinta; eram belos rapazes enérgicos e esperançosos, e toda a gente via neles bons partidos para as donzelas da terra. Havia grande amizade entre eles e o tio materno de Joerundgaard. Lourenço ia a cavalo a Sundbu duas vezes por ano e acompanhava-os à caça nas montanhas de oeste. Mas Borgar achava absolutamente absurdas as penitências e devoções que Lourenço e Ragnfrid se impunham agora: «Teu pai bebe água nos dias de abstinência, como outrora, mas já não toma cerveja com o mesmo entusiasmo dos bons tempos», dizia Borgar a Cristina. Ninguém compreendia aquilo; parecia que Lourenço tinha algum pecado a expiar, mas todos sabiam que ele vivera mais cristãmente do que qualquer filho de Adão, com excepção dos santos.

No fundo da alma, Cristina suspeitava o motivo por que o pai se esforçava por se aproximar cada vez mais de Deus. Mas não se atrevia a convencer-se disso.

Não queria reconhecer quanto o pai havia mudado. Ele não era muito velho. Continuava esbelto, direito, aprumado. Os cabelos tinham embranquecido bastante mas não seria coisa que saltasse à vista, pois sempre fora muito louro. Entretanto, na memória de Cristina, aparecia a imagem dum Lourenço jovem, distinto e belo, com faces cheias e frescas num rosto comprido e oval, pele rosada, boca vermelha e carnuda com profundas comissuras. Agora o corpo musculoso estava tão ressequido que se lhe viam os ossos e tendões; a cara morena e angulosa parecia talhada em madeira, com um nó de músculos ao canto dos lábios. Sim, já não era homem novo... se bem que não fosse muito velho.

Sempre fora calmo, sisudo, contemplativo, e Cristina sabia que, desde a infância, ele observara com extremo zelo

os preceitos do cristianismo, frequentando a igreja como o local onde encontrava o seu melhor refúgio. Mas toda a gente sentira então que a despreocupação e a alegria de viver palpitavam com plenitude e tranquilidade na alma daquele homem pacífico. Agora, parecia que alguma coisa se retirara dele.

A filha só uma vez o vira embriagado depois que regressara a Joerundgaard — numa tarde, durante as bodas, em Formo.

Cambaleava um tanto e tinha a voz arrastada, mas não se mostrava especialmente alegre. E ela recordava-se da sua infância, dos banquetes e das festas, quando o pai ria às gargalhadas e batia nas coxas a cada gracejo; desafiava para a luta todos os que eram afamados pela sua força física, experimentava cavalos, tomava parte nas danças e era o primeiro a rir quando não se aguentava bem nas pernas; prodigalizava presentes e patenteava benevolência e amizade por todos. Cristina compreendia que o pai necessitava duma bebedeira de vez em quando como derivativo do seu trabalho constante, dos severos jejuns que cumpria e da pacata vida que levava com a família, que via nele o seu melhor amigo e o seu amparo.

Cristina percebia que o marido nunca sentia aquela necessidade de beber até se embriagar, porque não sabia conter-se em tais ocasiões: seguia os seus impulsos até ao extremo, sem reflectir naquilo que os outros consideravam conveniências e maneiras de pessoas honestas. Erlend, no que respeitava a bebidas fortes, era o homem mais moderado que Cristina conhecia. Bebia para matar a sede ou para acompanhar alguém, em sociedade, mas sem exagero.

Agora, Lourenço Bjoergulfsoen perdera a sua antiga predilecção pela cerveja. Já não se lhe notava aquela necessidade de se embebedar para se distrair. Jamais lhe viera à ideia afogar as preocupações na bebida, e muito menos actualmente. Na sua opinião, com alegria é que um homem se devia sentar à mesa para beber.

Para os seus cuidados procurara outro exutório. Na alma da filha, permanecia uma imagem difusa: a do pai naquela noite em que a igreja ardera. De pé, apoiava-se ao grande crucifixo que salvara do incêndio. Sem que tivesse uma ideia muito nítida, Cristina suspeitava que aquela inquietação era por causa dela, do seu futuro, e do dos filhos, com o homem que ela escolhera, e o sentimento da sua impotência nesse assunto havia sido em grande parte o motivo da transformação de Lourenço.

Esta ideia corroía o coração de Cristina. Voltara a casa dos pais cansada das preocupações que tivera no Inverno anterior, da leviandade com que se quisera tranquilizar das imprudências de Erlend. Sabia que ele continuava pródigo, incapaz de administrar os bens que diminuíam lenta e irresistìvelmente sob a sua direcção. Conseguira, com os conselhos dela e de Sira Eiliv, que tomasse cuidado em uma ou duas coisas, mas não se atrevia a falar incessantemente ao marido de tais assuntos; além disso, era bom deixar-se ser feliz com ele, agora. Sentia-se fatigada de lutar e combater a propósito de tudo, com os outros e consigo própria! Mas a despreocupação também a angustiava e a destruía.

Esperara encontrar na casa paterna a paz da sua infância sob a guarda de Lourenço.

Não, não se sentia sossegada. Erlend tirava agora bons proventos do seu cargo, mas tinha também despesas muito maiores, manutenção de criados e do séquito digno dum rei. Por outro lado, começara a excluir a mulher de tudo o que não dizia respeito à sua vida comum. Não queria que os olhos vigilantes de Cristina se conservassem fixos no que ele fazia. Com os homens, falava dos seus feitos no Norte — com ela, nunca aludia a isso. E havia ainda mais. Por várias vezes, naqueles anos, Erlend encontrara a mãe do rei e o cavaleiro Knut Porse; mas, nessas ocasiões, nunca tinha Cristina consigo. Agora Knut era duque na Dinamarca e a filha do rei Haakon casara, enfim, com ele. Esse facto sublevara amarga indignação na alma de muitos noruegueses.

O bispo de Bjoergvin mandara, secretamente, algumas arcas para Husaby; estavam agora a bordo da *Sereia* e o barco encontrava-se em Lindesnaes. Erlend recebera papéis e devia fazer-se à vela para a Dinamarca no fim do Verão. Queria levar a mulher, mas esta recusou. Compreendia que Erlend seria considerado por aquelas pessoas poderosas como um dos seus iguais e caros parentes, e tinha medo; com um homem tão pouco circunspecto como Erlend, o caso não era tranquilizador. Não ousava partir com ele; não lhe serviria de nada e não queria expor-se a se misturar com gente duma categoria que ela, simples dona de casa, não poderia atingir. Além disso, detestava o mar; o enjoo parecia-lhe pior do que o mais penoso dos partos.

Ficou, pois, em Joerundgaard, com a alma inquieta, agitada.

Certo dia Cristina foi com o pai a Skjenne. Tornou a ver o célebre e precioso objecto que possuíam nessa quinta. Era uma espora do ouro mais puro, maciça, de forma antiga e com maravilhosas ornamentações. Cristina conhecia a sua origem, como toda a gente da terra.

Pouco tempo depois de Santo Olavo haver cristianizado a gente do vale, Audhild, a Bela de Skjenne, foi raptada pelos génios da montanha. Levaram para lá o sino da igreja e badalaram-no para chamar a donzela. Ao terceiro dia apareceu ela por cima do cerrado, de tal forma aparamentada de ouro que brilhava como uma estrela. Então a corda quebrou-se, o sino rolou pelos precipícios da vertente e Audhild teve de voltar para a montanha.

Uma noite, porém, muitos anos depois, chegaram doze guerreiros a casa do padre — o primeiro pároco de Sil. Traziam elos de ouro e cavalgavam em garanhões castanhos, ajaezados de prata. Eram os filhos de Audhild e do rei da montanha e vinham pedir que dessem à mãe um enterro cristão e uma sepultura em campo santo. Mantivera a sua fé, guardara os dias santificados, e pedia que lhe fizessem esse derradeiro favor. Mas o padre recusou. Dizia o povo

que, por causa disso, é que a alma dele penava: durante as noites de Outono ouviam-se-lhe os passos na mata do norte da igreja e o choro de arrependimento pela sua dureza. No mesmo dia os filhos de Audhild foram a Skjenne entregar saudações da mãe aos velhos parentes. Na manhã seguinte encontraram a espora de ouro no pátio. E os génios continuavam a considerar como parentes os moradores de Skjenne, pois estes tinham sempre uma sorte excepcional na montanha.

Lourenço disse à filha, quando regressavam a cavalo para casa, nessa noite de Verão:

— Os filhos de Audhild recitavam as orações cristãs que a mãe lhes havia ensinado. O nome de Deus e o nome de Jesus não os sabiam pronunciar, mas diziam o Padre-Nosso, e o Credo desta forma: «Creio no Todo-Poderoso, creio no seu Filho único, creio no Espírito-Santo.» E diziam também: «Eu vos saúdo, bem-aventurada mulher que sois, bendita entre todas as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre, consolação do mundo.»

Cristina olhou timidamente para o rosto tisnado do pai. Nessa clara noite estival ele parecia mais alquebrado do que nunca pelos cuidados e meditações.

— Nunca me contastes isso, meu pai — disse ela docemente.

— Nunca te contei? Ah! Decerto julguei que te provocaria pensamentos demasiadamente profundos para a tua idade... Diz Sira Erik que está escrito pelo apóstolo São Paulo: «Só a raça humana é que geme sob a atribulação...»

Estava um dia Cristina sentada a coser no degrau mais elevado do celeiro de feno quando Simão entrou no pátio, a cavalo. Parou diante dela, mas sem a ver. Lourenço e Ragnfrid vieram recebê-lo. Não, Simão não se queria apear. Ramborg é que lhe dissera que, ao passar por Joerundgaard, pedisse o carneiro que fora seu favorito; decerto que o não tinham mandado para a serra; ela desejava tê-lo consigo.

Cristina viu o pai coçar na cabeça. O carneiro de Ramborg, sim... Riu, encolerizado. Calhava mal; esperava que ela não se recordasse daquilo... Dera uma machada a cada um dos netos mais velhos e a primeira coisa que eles tinham feito fora matar o carneiro pertencente a Ramborg.

Simão esboçou um sorriso:

— Aqueles rapazinhos de Husaby são uns velhaquetes...

Cristina desceu a correr a escada do celeiro e desprendeu da corrente do cinto a sua tesoura de prata:

— Dá isto a Ramborg para compensá-la de meu filho lhe ter matado o carneiro. Sei que ela, de pequena, desejava possuir uma tesoura igual. Ninguém tem o direito de dizer que os meus filhos...

Cristina falara com excitação; calou-se bruscamente. Reparara na fisionomia dos pais. Pareciam descontentes e estupefactos com o seu acto.

Simão não aceitou a tesoura; mostrava-se atrapalhado. Depois, como visse Bjoergulf, dirigiu o cavalo para ele, inclinou-se e puxou o pequeno para cima da sela:

— É assim que saqueias o país!... Faço-te meu prisioneiro e amanhã teus pais que venham discutir comigo o preço do resgate...

Dizendo isto, acenou aos outros e foi-se com o garoto que esperneava e ria entre os seus braços. Simão tornara-se grande amigo dos filhos de Erlend. Cristina recordava-se de que todas as crianças lhe tinham afeição; as duas irmãzinhas, noutros tempos, gostavam imensamente dele. Causava-lhe estranho desgosto o facto de Simão estimar e se entreter com os pequenos ao passo que o marido quase nem lhes suportava a tagarelice.

No dia seguinte, quando estavam em Formo, ela percebeu que Simão não recebera agradecimentos da mulher por ter trazido consigo aquele hóspede para casa.

— Ninguém deve esperar que Ramborg se ocupe tão cedo de crianças — comentou Ragnfrid. — Ela própria é quase uma criança. Com a idade, há-de modificar-se...

— Provàvelmente.

Simão e a sogra trocaram um olhar e um sorriso. «Ora!» pensava Cristina. «Já casaram há perto de dois meses...»

Embora tivesse a alma dilacerada, Cristina nada deixava transparecer ao marido. Erlend permanecia na quinta dos sogros com a tranquilidade e prazer dum justo. Ele e Ragnfrid eram bons amigos. Lourenço também parecia satisfeito com o genro. Mas Cristina tornara-se tão sensível e atenta que via na bondade que o pai mostrava por Erlend muito daquela ternura indulgente que Lourenço sempre tivera por qualquer ente que ele considerasse incapaz de se guiar sòzinho. A afeição pelo outro genro era diferente, encontrava em Simão um amigo e irmão de armas. E, ainda que Erlend fosse de idade mais aproximada à do sogro do que Simão, este tratava-o por *tu*. Lourenço dava esse mesmo tratamento a qualquer deles, mas Erlend sempre lhe dizia *vós* e o pai de Cristina jamais lhe propusera sobre isso qualquer mudança.

Simão e Erlend mostravam-se afectuosos quando se encontravam, mas não procuravam a companhia um do outro. Cristina continuava a sentir uma aversão secreta por Simão Darre, por causa do que ele sabia a respeito dela e, mais ainda, pelo facto de ver que a honra estava do lado de Simão e a vergonha do lado de Erlend. Enfurecia-se com a ideia de que até isso o marido parecia ter esquecido. Por essas e outras é que às vezes se aborrecia com Erlend. Se este se sentia disposto a suportar a irritabilidade da mulher com benevolência e doçura, Cristina ficava zangada por ele não tomar a peito as suas palavras. Em certos dias acontecia que Erlend estava com menos paciência; exaltava-se então, mas ela respondia por seu turno com azedume e frieza.

Uma noite achavam-se reunidos na sala de Inverno de Joerundgaard. Lourenço preferia esse aposento, principalmente com tempo de chuva e com a atmosfera pesada como havia nessa ocasião, pois na sala maior, sob o tecto achatado do armazém do feno, o fumo da lareira incomodava, o que

nesta não sucedia, mesmo que, por causa do tempo, tivessem de fechar o buraco do fumeiro.

Cristina costurava, sentada perto do lume; sentia-se de mau humor e muito maçada. Defronte dela, Margret, meio adormecida sobre o seu trabalho, bocejava de vez em quando; os pequenos de Cristina faziam grande algazarra no quarto. Ragnfrid estava em Formo e, na sua maior parte, os criados haviam saído. Lourenço, sentado no lugar de honra, e Erlend, na ponta do banco exterior, tinham entre eles o tabuleiro do xadrez e moviam as respectivas peças em silêncio e com muita reflexão. Em certa altura, Ivar e Skule entretiveram-se a puxar, cada um para si, um cãozito; Lourenço levantou-se e foi buscar o animal, que estava a ganir; sem proferir palavra, continuou a jogar com o cão em cima dos joelhos.

Cristina aproximou-se, pousou a mão no ombro do marido e pôs-se a vê-los jogar. Erlend era muito menos forte ao xadrez do que o sogro; Lourenço ganhava geralmente quando jogavam à noite, mas Erlend não perdia a calma nem a sua boa disposição. Nessa noite estava ele a jogar muito mal. Cristina dirigiu-lhe algumas censuras sem doçura nem delicadeza. Por fim Lourenço exclamou, irritado:

— Evidentemente que Erlend não pode pensar no jogo contigo aí a importuná-lo. Que vieste fazer para aqui? Nunca soubeste jogar ao xadrez!

— E achais que eu nunca soube fazer nada de jeito...

— Há uma coisa que, em qualquer caso, não sabes — disse o pai em tom categórico —: é a maneira conveniente de uma esposa falar a seu marido. Seria melhor que fosses sossegar os teus garotos, que são piores do que demonicos.

Cristina pôs os pequenos em fila no banco e sentou-se entre eles.

— Quietinhos, agora, meus filhos — disse ela. — O avô não quer que brinqueis e riais neste quarto.

Lourenço olhou de revés para a filha mas não disse nada. Pouco depois entraram as amas, e Cristina, as criadas e Margret retiraram-se com as crianças, a fim de as deitarem.

Quando Erlend e Lourenço ficaram sòzinhos, aquele disse:

— Preferia, meu caro sogro, que não admoestásseis Cristina dessa forma. Se lhe faz bem descarregar em mim o seu mau humor, deixá-la... Não serve de nada falar-lhe, e ela não tolera uma única observação acerca dos pequenos.

— Nesse caso, também tu suportas que os teus filhos cresçam tão mal educados? — perguntou Lourenço. — Onde estão as criadas que têm a obrigação de tomar conta das crianças?

— No quarto dos vossos criados, suponho eu — disse Erlend rindo e espreguiçando-se. — Mas não me atrevo a dizer nada a respeito das servas a Cristina, porque fica furiosa e diz logo que nem ela nem eu demos bons exemplos ao nosso pessoal.

No dia seguinte, Cristina foi apanhar morangos pelo prado fora, ao sul da quinta. Lourenço chamou-a da porta da forja.

Cristina veio, lentamente. Era decerto, outra vez, por causa de Naakkve! Ainda nessa manhã ele abrira uma cancela e as vacas tinham invadido um campo de cevada.

Lourenço tirou da forja um ferro em brasa e descansou-o sobre a bigorna. A filha esperava; durante algum tempo só se ouviram as marteladas no ferro que despedia faíscas, e a resposta sonora da bigorna. Por fim Cristina perguntou o que é que o pai lhe desejava.

O ferro arrefecera. Lourenço pôs de lado as tenazes e o martelo e aproximou-se dela. Com o rosto e os cabelos cobertos de fuligem, o fato, as mãos e o amplo avental de couro enfarruscados, ele tinha o ar mais severo do que de costume.

— Chamei-te, minha filha, para te dizer isto: aqui, na minha casa, tens de mostrar a teu marido o respeito que convém a uma mulher. Não quero ouvir filha minha responder a seu marido como respondeste e falaste a Erlend ontem à noite.

— Para mim é novidade que acheis Erlend homem digno de respeito.

— É teu marido. Não fiz o mínimo esforço para que casasses com ele. Deves-te lembrar.

— Sois tão bons amigos! Se o tivésseis conhecido como o conheceis agora, tê-lo-ias feito, certamente.

O pai fitou-a com gravidade e tristeza.

— Falas precipitadamente, Cristina, e não dizes a verdade. Não tentei contrariar-te quando quiseste romper o teu compromisso de noivado; no entanto, sabias que estimava Simão...

— Mas Simão não me quereria nessas condições...

— É certo. Simão era muito orgulhoso para defender o seu direito contra tua vontade. Mas não sei se, no seu coração, faria muitas objecções se eu actuasse conforme queria André Darre: desprezar a opinião de vós ambos. E, às vezes, penso se o cavaleiro não tinha razão, quando vejo que não podes viver em harmonia com o homem que reclamaste tão obstinadamente.

Cristina soltou uma risada cruel:

— Simão! Nunca conseguirieis que Simão casasse com uma mulher que ele encontrou com outro homem, numa casa daquelas...

Lourenço susteve a respiração:

— ...Numa casa daquelas? — repetiu ele.

— Sim... dessas a que vós, os homens, chamais lupanares. A proprietária era a amante de Munan; ela própria me avisou que não fosse lá. Eu disse-lhe que devia ir para me encontrar com um parente meu... ignorava que ele fosse parente... — Cristina tornou a rir com ar mau e feroz.

— Cala-te — ordenou o pai.

Lourenço conteve-se um pouco. Passou-lhe no rosto um tremor — a sombra branca dum sorriso. Veio ao espírito de Cristina a imagem da encosta coberta de folhagem, quando o assalto da tempestade faz rodopiar as folhas e a envolve numa luz brilhante e pálida.

— Convém saber para não interrogar...

Cristina deixou-se cair de lado no banco onde estava sentada, apoiando-se num dos cotovelos e tapando os olhos com a outra mão. Pela primeira vez na sua vida tinha ela medo do pai — um medo mortal.

Lourenço desviou-se, foi buscar o martelo e pô-lo no seu lugar, no meio dos outros. Depois arrumou as limas e as outras ferramentas na prateleira. Voltava as costas a Cristina; as mãos tremiam-lhe violentamente.

— Não pensaste, Cristina, que Erlend nunca me disse nada disso? — De pé, diante da filha, fixava-lhe o rosto pálido de terror. — Recusei, bastante secamente, quando ele me veio procurar com os seus ricos parentes e me pediu a tua mão; não sabia então que era *eu* quem lhe devia agradecer pelo facto de ele querer reparar o agravo feito à honra da minha filha... Outro qualquer contar-me-ia tudo... Voltou a pedir-me a tua mão, como um favor. Nenhum homem teria insistido daquela forma em casar com uma rapariga que já era... que já era... o que tu eras então.

— Julgo que homem algum se atreveria a dizer-vos...

— Erlend nunca receou o frio do aço... — A fisionomia de Lourenço exprimiu de súbito indizível fadiga, e a voz extinguiu-se-lhe, imperceptível. Mas prosseguiu daí a pouco num tom calmo e firme: — Por muito mau que isso seja, Cristina, parece-me que o pior de tudo é mo dizeres agora que ele é teu marido e pai dos teus filhos... Mas, se as coisas são assim, sabias quem era Erlend antes de teimares em casar com ele. No entanto, ele estava decidido a comprar-te tão caro como se fosses uma rapariga honrada. Deixou-te muita liberdade, por isso deves resgatar o teu erro assumindo inteligentemente a direcção dos vossos negócios, com a prudência que falta a Erlend. Isso, deves a Deus e a teus filhos... Pensava, e outros como eu, que Erlend só tinha préstimo para seduzir mulheres. Tens, a esse respeito, a tua parte de responsabilidade; tu própria o acabas de provar. Erlend demonstrou depois que também tinha préstimo para

outra coisa: celebrizou-se pela sua coragem e pelas suas brilhantes qualidades militares. Não é de pouco proveito para os teus filhos que o pai haja adquirido reputação de bravura e audácia nas batalhas. Se ele foi... pouco razoável, deves sabê-lo melhor do que nenhum de nós. A melhor maneira de apagar a tua vergonha, é ajudares e honrares o marido que escolheste...

Cristina inclinara-se para a frente, com a cabeça entre as mãos. Ergueu os olhos, pálida e desesperada:

— Fui cruel em vos ter dito aquilo. Ah!... Simão pedira-me (foi a única coisa que ele me pediu) que não vos dissesse o que havia de mais terrível, para não vos afligir...

— Simão pediu-te que não me dissesses?...

Cristina percebeu a mágoa que transparecia na voz de Lourenço. E compreendeu que fora mais uma crueldade declarar-lhe que um estranho, mais do que ela, tinha empenho em não afligir o pai.

Então Lourenço sentou-se ao lado da filha, pegou-lhe numa das mãos entre as suas e pousou-a sobre os joelhos.

— Sim! És cruel, minha Cristina — disse ele com voz triste e meiga. — És boa para todos, querida filha, mas, já há muito percebi, podes ser cruel para aqueles que muito amas. Pelo amor de Deus, Cristina, evita-me ter tantos receios por ti. Que o teu carácter intratável não te acarrete, a ti e aos teus, maiores aborrecimentos! Como um poldro preso pela primeira vez na cavalariça, despedaças tudo o que te retém com as fibras do teu coração.

Cristina encostou-se a ele, a soluçar, e o pai apertou-a com força de encontro ao peito. Assim ficaram muito tempo, calados. Por fim, Lourenço soergueu a cabeça da filha:

— Estás toda enfarruscada — disse ele com um leve sorriso. — Há ali uma toalha, naquele canto, mas, se te limpas com ela, ainda ficas mais suja. Vai para casa... qualquer pessoa pode ver que estiveste sentada nos joelhos do ferreiro...

Impeliu-a para fora com brandura, fechou a porta e de-

teve-se um momento. Depois dirigiu-se, cambaleando, para o banco e aí se deixou cair; sentado, com a nuca apoiada aos toros da parede, Lourenço erguia o rosto, contraído; com toda a energia premia o peito, sobre o coração.

Aquilo não costumava durar muito tempo. A sufocação, a vertigem, a dor que, do coração palpitante e agitado, se lhe espalhava pelo corpo, acometiam-no de repente e apaziguavam-se de novo em calmas vibrações. O sangue latejava-lhe nas artérias do pescoço.

Tudo isso passou ao fim duns instantes. Desaparecia sempre depois de ele se sentar uns minutos. Mas voltava — cada vez com mais frequência.

Erlend convocara a sua equipagem para Veoey na noite de São Tiago, mas demorou-se um pouco mais em Joerundgaard; queria acompanhar Simão na caça a um urso que fizera estragos no gado que estava na montanha. Quando regressou dessa expedição, encontrou uma mensagem para ele: alguns dos seus homens tinham-se batido com os cidadãos e ele devia partir imediatamente para o Norte e despedir os delinquentes. Lourenço, como tivesse lá negócios a tratar, foi com o genro.

Findara a festa de Santo Olavo quando desembarcaram na ilha. O barco de Erling Vidkunsoen estava ali fundeado, e nas vésperas, na Igreja de São Pedro encontraram o mordomo-mor. Este acompanhou-os ao albergue do convento onde Lourenço se alojara, comeu com eles e mandou que os escudeiros fossem buscar ao barco várias garrafas de excelente vinho francês de que se munira em Nidaros.

A conversa esmorecia enquanto bebiam. Erlend, mergulhado em pensamentos, tinha os olhos risonhos como sempre quando se preparava para qualquer coisa de novo, mas conservava-se distraído às palavras dos outros. Lourenço molhava apenas os lábios no vinho e o cavaleiro Erling guardava silêncio.

— Pareces fatigado, meu caro primo — disse-lhe Erlend.

Sim. Houvera tempestade diante do golfo de Hustad nessa noite. Tivera de ficar de pé, vigilante...

— E tu, devias apressar a tua equipagem, se queres estar em Tunsberg pelo São Lourenço. Não terás lá grande descanso, nem prazer, com certeza... O velho Paulo está agora com o rei?

— Está. Não pensas então em repousar em Tunsberg?

— Era para perguntar se o rei quer mandar cumprimentos afectuosos e filiais à mãe — disse Erlend. — Ou se o bispo Audfim nos quer encarregar de levar alguma mensagem à nobre senhora.

— Há quem se admire que partas para a Dinamarca na altura em que os chefes comparecem na reunião de Tunsberg — observou Erling.

— Não é esquisito que se admirem sempre com o que faço?... É-me permitido desejar tornar a ver aquelas terras, assistir mais uma vez a um torneio, sobretudo quando a nossa parenta nos convida a ir lá. Da Noruega, nenhum outro membro da família a reconheceria agora, senão eu e Munan.

— Munan... — Erling carregou o sobrolho. Depois, sorriu. — O velho javali ainda tem tanta vida que seja capaz de transportar toda a sua gordura? O duque de Knut vai organizar um torneio. Munan irá tomar parte nisso?

— Vai... É pena, Erling, que não possas ser dos nossos e assistir a esse espectáculo. — Erlend ria também. — Compreendo, tens medo que Ingebjoerg nos haja convidado para essa festa de crianças para que preparemos outra e a convidemos. Sabes melhor do que ninguém que tenho a mão muito pesada e um coração muito inconstante para que seja utilizado num conselho secreto. E, quanto a Munan, já lhe arrancaram os dentes...

— Oh! não. Também não receio um conselho secreto por esse lado. Ingebjoerg Haakonsdatter deve saber que perdeu todo o direito no seu país casando-se com Porsen. Seria uma desgraça para ela se pusesse os pés aqui depois

de casar com um homem de quem não queremos ver nem o dedo mínimo no nosso território...

— Sim, tiveste razão em separar da mãe o filho — disse Erlend com ar sombrio. — É ainda uma criança, e daqui em diante, nós, os Noruegueses, podemos andar de cabeça erguida quando pensarmos no rei a quem jurámos fidelidade.

— Cala-te — replicou Erling Vidkunsoen em voz baixa e desesperada. — Isso certamente não é verdade...

Os outros compreenderam que ele sabia ser aquilo um facto verídico. Embora fosse ainda uma criança, o conde Magnus Eiriksoen estava já infectado dum vício que não convém mencionar entre cristãos. Um padre sueco, a quem haviam encarregado da educação do rapazinho durante a sua estadia na Suécia, corrompera-o vilmente.

— Toda a gente da nossa terra murmura que a igreja de Cristo ardeu porque o nosso rei não era digno de se sentar no trono de Santo Olavo — disse Erlend.

— Em nome de Deus, Erlend, repito que não se sabe se isso é verdade. E aquela criança, o rei Magnus, devemos crer que está inocente aos olhos de Deus. Pode purificar-se. Dizes que o separámos da mãe? E eu digo: Deus castiga a mãe que atraiçoa o filho como Ingebjoerg traiu o dela. E tu, Erlend, não confies em ninguém... lembra-te que são pessoas pérfidas aquelas que vais encontrar.

— Tenho a impressão de que são bastante leais uns para com os outros. Mas estás a falar como se todos os dias te caíssem avisos do céu na prega da tua capa. Talvez seja por esse motivo que tens a audácia de te propores entrar em luta com os homens da Igreja.

— Basta, Erlend. Fala de coisas que conheças, meu rapaz. Se não, cala-te...

Erling levantara-se. De pé, ele e Erlend fitavam-se irritados, com a cara afogueada.

Erlend torcia a boca de desprezo.

— O animal com quem homens pecaram, matamo-lo e lançamos o cadáver numa catarata...

— Erlend! — O mordomo-mor agarrou com as duas mãos a borda da mesa. — Lembra-te que tens filhos... — acrescentou em voz baixa. — Como podes falar dessa maneira!... Tem cuidado com a língua, Erlend. Antes de falares, reflecte bem naquilo que dizes. E pensa vinte vezes antes de passares às acções...

— Se é assim que fazeis, vós que dirigis os assuntos do reino, não me admiro que tudo decorra torto. Mas não precisas de ter medo — Erlend fez uma careta —, não farei... absotutamente nada. Tornou-se encantador viver neste país!... O facto é que deves partir amanhã de manhãzinha. E meu sogro está fatigado...

Os dois ficaram sentados, sem proferirem palavra, depois de Erlend lhes dar as boas-noites. Este dormia a bordo do seu barco. Erling Vidkunsoen fazia girar a sua taça entre os dedos.

— Estais a tossir? — disse ele, para quebrar o silêncio.

— Os velhos constipam-se com tanta facilidade! Temos enfermidades de que vós, os moços, nem fazeis ideia, meu caro senhor — retorquiu Lourenço sorrindo.

Novo silêncio. Por fim Erling Vidkunsoen disse, como se falasse consigo mesmo:

— Sim, é opinião de todos que as coisas decorrem mal neste reinado. Há seis anos, em Oslo, julgava ver claramente o firme designio de suster o poder real nos homens das famílias que nasceram para representar esse papel. Contava com isso.

— Creio que tínheis razão, senhor. Mas vós mesmo dizieis que estamos prontos a formar o quadrado em volta do nosso rei...

— Às vezes penso que nada é tão absurdo que não saia daí algum bem. Antes, quando os reis pulavam como garanhões, não faltavam excelentes poldros por onde escolher; o país só tinha que eleger aquele que se defendesse melhor.

Lourenço sorriu ligeiramente:

— Sim, sim.

— Falámos disso há três anos, Lourenço... quando regressáveis da vossa peregrinação a Skoevde e fostes cumprimentar os vossos parentes a Gautland...

— Bem me recordo. Destes-me a honra de me vir procurar...

— Não, não, Lourenço, não necessitais de ser tão cortês... — Erling fez com a mão um gesto de impaciência. — Aquilo passou-se como eu dizia — acrescentou ele com voz triste. — Agora não existe ninguém que possa reunir os seus vassalos neste país. Aqueles que têm mais apetite põem-se à frente... ainda resta alguma coisa na escudela. Mas os outros, que poderiam aspirar a adquirir poder e riqueza com honra, como antigamente, nos tempos dos nossos avós, esses não chegam a nada.

— Realmente... Agora a honra acompanha a bandeira do chefe.

— Nesse caso deveriam perceber que pouca honra acompanha a minha bandeira — replicou Erling secamente. — Conservastes-te afastado de tudo o que podia celebrizar o vosso nome, Lourenço, Filho de Juiz.

— Assim procedi depois do meu casamento, senhor. Casei-me cedo, minha mulher era doente e não suportava relações com a sociedade. E parece-me que a nossa raça não se aclimou na Noruega. Os meus filhos morreram de tenra idade, e só um dos meus sobrinhos viveu até ser adulto.

Lourenço lastimou ter dito aquilo. Erling Vidkunsoen também tivera desgostos dessa ordem na sua família. As filhas eram sadias e perfeitas, mas, dos filhos, só um existia, e enfermiço. Porém o cavaleiro Erling apenas observou:

— Não tendes também parentes próximos do lado materno, se não estou em erro...

— Não, ninguém mais próximo do que os filhos da irmã do avô materno. Sigurd Lodinsoen só tinha aquelas duas filhas e ambas elas morreram ao dar à luz o primeiro filho; a minha tia levou o seu consigo para a sepultura.

Conservaram-se um momento calados.

— As pessoas como Erlend são as mais perigosas — disse o senescal em voz baixa. — Pensam no que está um pouco além do que lhes pertence, mas não vão muito longe. Na verdade, Erlend não é como uma criança indolente? — Mal-humorado, Erling rodopiava sobre a mesa a sua taça de vinho. — No entanto, ele é bem dotado! Mas nunca tem coragem de ouvir discorrer acerca de determinado assunto até que o compreenda a fundo... E, se faz o esforço de escutar alguém até ao fim, podemos ter a certeza de que já se não lembra do princípio da conversa...

Lourenço olhava para o seu interlocutor. Erling envelhecera muito desde a última vez que o vira. Com aspecto cansado, estragado, parecia bastante magro. As feições eram finas e pronunciadas, mas excessivamente pequenas; a cor da pele dir-se-ia desbotada, mas ele sempre a tivera assim. Lourenço sentia que aquele homem, embora fosse cavaleiro leal, inteligente, resoluto a servir sem faltar ao seu dever nem a se preocupar consigo, era demasiadamente pequeno sob todos os pontos de vista para se tornar num homem de primeira plana. Se possuísse uma fisionomia mais imponente, atrairia com mais facilidade numerosos partidários.

— Knut é bastante clarividente para perceber que, no caso de quererem empreender alguma coisa na Suécia, não podem tirar grande partido de Erlend num conselho secreto... — disse Lourenço com brandura.

— Estimais o vosso genro de certa maneira — retorquiu o outro com alguma irritação. — Na realidade, não possuís, todavia, muitos motivos para o estimar...

Com a ponta do dedo, Lourenço fazia desenhos num pouco de vinho derramado. Erling reparou que os anéis lhe estavam muito largos.

— E vós, tendes razões para isso? — Lourenço ergueu os olhos com um ligeiro e fino sorriso. — Contudo, parece-me que também o estimais!

— Sim, Deus sabe que... Mas, Lourenço, posso jurar que o cavaleiro Knut tem imensas coisas na ideia, nesta

ocasião. É pai dum filho que, pela mãe, é neto do rei Haakon...

— O próprio Erlend deve compreender perfeitamente que Knut tem as costas muito largas para que prejudique o donzel. E a mãe tem todo o país contra ela por causa desse casamento.

Um pouco mais tarde, Erling Vidkunsoen levantou-se e cingiu a sua espada. Com toda a cortesia, Lourenço desprendera a capa do cavaleiro e segurava-a nas mãos quando, de súbito, vacilou e quase caiu. Erling susteve-o nos seus braços. A custo, conseguiu transportar para a cama o doente, que era alto e forte. Não se tratava dum ataque. Lourenço tinha os lábios brancos, os membros lassos e moles. Erling atravessou o pátio a correr e acordou o frade hospitaleiro.

Lourenço mostrou-se envergonhado ao voltar a si... Aquele desfalecimento reaparecia-lhe de tempos a tempos — depois duma caçada ao alce no penúltimo Inverno, em que ele andara perdido no meio duma borrasca de neve.

— É sinal de que já estou velho — disse, à laia de desculpa.

Erling esperou que o frade sangrasse o doente, apesar de Lourenço lhe pedir que não se inquietasse e que se fosse embora, visto dever partir ao romper da aurora.

A Lua brilhava lá no alto das montanhas, do lado da terra, e a água estendia-se negra a seus pés, mas para além do fiorde as ondas reluziam como placas de prata. Nenhum fumo subia das casas e, nos telhados, cintilavam sobre o musgo gotas de orvalho ao luar. Nem vivalma transitava nas ruazinhas da cidade quando o cavaleiro Erling transpôs, apressado, a pouca distância que o separava da casa real onde ele ia pernoitar. O seu vulto parecia estranhamente frágil e pequeno na mancha do luar, tiritando de frio e com a ampla capa aconchegada ao corpo. Alguns escudeiros sonolentos que o esperavam precipitaram-se no pátio com uma lanterna. O senescal recebeu-a, ordenou aos homens que se fossem deitar e, com um novo arrepio de frio, subiu a escada da casa onde dormia.

VII

POUCO depois do dia de São Bartolomeu, Cristina voltou para Husaby com a sua grande escolta de crianças, servas e bagagens. Lourenço acompanhou-a até Hjerdkinn.

O pai e a filha ficaram a conversar no pátio na manhã em que Lourenço devia regressar. O sol brilhava sobre a serra. Os pântanos tinham um tom vermelho, e as tenras bétulas vestiam as colinas de amarelo. A perder de vista, a água resplandecia e tornava-se mais escura conforme lhe passava à superfície a sombra das vastas nuvens prenunciadoras de bom tempo. Elevavam-se de investida e desapareciam entre longínquas gargantas de altos píncaros cinzentos e montanhas azuis cobertas de fina poalha branca, e de montes de neve perpétua que rodeavam o horizonte imenso. Os campos de cereais esverdinhados, que pertenciam ao albergue, faziam surpreendente contraste de cor com esse universo montanhoso sob a luz outonal.

O vento soprava, agreste e frio. Lourenço puxou para a cabeça de Cristina o capuz da capa que as lufadas de ar lhe atiraram para as costas, e, com as pontas dos dedos, alisou-lhe a ponta da touca de linho.

— Parece-me que te tornaste magra e pálida na minha casa. Tratámos-te mal, Cristina?

— Que ideia! Não é nada disso...

— Também esta viagem é fatigante para ti, com toda a pequenada...

— De facto, é exaustiva. Mas não é por causa destes cinco que estou pálida... — Cristina teve um sorriso furtivo e,

como o pai lhe lançasse um olhar assustado e interrogador, fez sinal com a cabeça e esboçou novo sorriso. Lourenço olhava para outro lado, mas, passados instantes, perguntou:

— Segundo estou a compreender, não poderás decerto voltar tão cedo ao vale?

— Apesar de tudo, não se há-de passar oito anos desta vez... — Cristina atentou então no rosto de Lourenço. — Pai!... oh! Pai!

— Chut! Chut! minha filha... — Involuntàriamente, segurou-lhe nos ombros e deteve-a quando ela se lhe quis lançar nos braços. — Não, Cristina.

Agarrou-lhe na mão com firmeza e assim começou a andar ao lado dela. Haviam saído do pátio e seguiam agora um carreiro através do bosque dourado de bétulas, sem prestarem atenção ao rumo que tomavam. Lourenço saltou por cima dum regatinho que lhes barrava a passagem, voltou-se para a filha e estendeu-lhe a mão.

Apenas por esse pequeno movimento ela reparou que o pai perdera a agilidade. Já dera fé disso, mas não ligara grande importância. Quando ele saltava para o cavalo ou se apeava não o fazia com a antiga ligeireza. Já não corria ao subir as escadas do sótão, nem levantava grandes pesos como outrora. O andar era mais rígido e mais atento, como se o seu corpo encerrasse uma dor que dormia e que ele receava despertar. Viam-se-lhe latejar as artérias do pescoço quando voltava dum passeio a cavalo. Várias vezes Cristina lhe notara as pálpebras inchadas, e recordava-se de haver entrado, certa manhã, no quarto, e de o ter visto, meio vestido, deitado, e com as pernas nuas fora da cama; Ragnfrid, agachada, friccionava-lhe a articulação do pé.

— Se te vais afligir por todo o homem a quem a velhice deita abaixo, minha filha, muito terás que gemer — disse ele com serenidade. — Já tens filhos crescidos, Cristina: não é caso para te admirares que teu pai seja dentro em pouco um velho. Quando nos separámos, eu era novo então, não

podíamos saber, tal como hoje, se nos tornaríamos a ver neste mundo. Talvez eu viva muito tempo... isso é conforme a vontade de Deus, Cristina.

— Estais doente, pai? — perguntou ela com voz surda.

— A idade traz consigo algumas doenças — replicou o pai em tom despreocupado.

— Não sois velho. Tendes cinquenta e dois anos...

— Meu pai não chegou a esta idade... Vem sentar-te a meu lado.

Havia uma espécie de assento baixo e arrelvado à beira do regato. Lourenço desprendeu a capa, dobrou-a e, sentando-se, puxou a filha para junto de si. O ribeirinho gorgolejava e murmurava sobre as pedras e balouçava um ramo de vimieiro que se arrastava na água. Lourenço desviara o olhar para as montanhas azuis e brancas, muito distantes.

— Tendes frio, pai... tomai a minha capa.

Cristina desacolchetou-a e Lourenço puxou uma ponta para cima dos ombros, de forma que a capa os envolveu a ambos. Por baixo, ele enlaçou com o braço a cintura da filha.

— Sabes bem, minha Cristina, que pouco ajuizado é aquele que chora a desaparição dum ser humano. Cristo te protegerá melhor do que eu, sem dúvida já ouviste dizer isto; tenho plena confiança na misericórdia de Deus. Não é por muito tempo que os amigos estão separados. Poderás achar longo algumas vezes, enquanto és nova, mas tens o teu marido e os teus filhos. Quando chegares à minha idade, terás a impressão de que foi apenas há um instante que nos viste, a nós que teremos desaparecido, e, se contares os anos que decorreram, ficarás admirada de serem tantos. Parece-me que não há muito tempo eu era ainda uma criança, e contudo há tantos anos que tu foste a garotinha loura que corria atrás de mim quando me via passar!... Gostavas de me acompanhar sempre... Deus te recompense, minha Cristininha, por toda a alegria que me deste.

— Se ele me recompensar como eu vos recompensei!

Cristina escorregou de joelhos diante do pai, agarrou-

-lhe nos pulsos e beijou-lhe a palma das mãos enquanto escondia nelas o rosto banhado em lágrimas.

— Pai, querido pai... Logo que eu me fiz rapariga, paguei a vossa ternura causando-vos o desgosto mais amargo...

— Não, não, minha filha, não chores assim. — Retirou as mãos, ergueu-se e sentou-a outra vez a seu lado. — Deste-me também muita alegria durante estes anos, Cristina. Vi crescer no teu regaço belos filhos prometedores; és agora uma mulher competente e sensata, e noto que, quando te vês nalguma dificuldade, cada vez te habituas mais a procurar auxílio onde há maiores probabilidades de o encontrar. Cristina, meu querido tesouro, não chores tanto. Podes causar mal à criança que tens nas entranhas — murmurou ele. — Não te apoquentes dessa maneira!

Ele, porém, não conseguia consolá-la. Abraçou-a, então, e sentou-a nos joelhos; tinha-a ali como em pequena, com os braços passados em volta do seu pescoço e a cabeça apoiada no seu ombro.

— Há uma coisa que nunca disse a ninguém senão ao meu confessor. Quando eu era rapazito, em Skog, e da primeira vez que estive na corte, tinha na ideia entrar para um convento logo que atingisse a idade precisa. Oh! Não fizera promessa nenhuma, nem mesmo no meu coração. Muitas razões me impeliam também para outro destino. Mas, quando eu estava a pescar no fiorde de Botn e ouvia tocar os sinos do convento de Hovedoe, quanto isso me atraía!... Logo que completei dezasseis anos, meu pai mandou fazer ao inglês Richard de Oslo este plastrão de couraça em chapas de aço espanhol esmaltadas de prata, para eu usar, e deu-me a minha espada, de que me sirvo sempre, assim como o jaez do meu cavalo. Nessa época, o país não estava tão sossegado como durante a tua meninice; guerreámos contra os Dinamarqueses, de sorte que eu bem sabia que, dentro de pouco tempo, teria oportunidade de me servir das minhas belas armas. E não me atrevi a libertar-me delas. Consolava-me dizendo comigo que meu pai não gostaria que o primogénito

se tornasse monge e que eu não devia agir contra sua vontade. Mas, por minha iniciativa, escolhi o mundo e tentei convencer-me de que, visto que o mundo vinha ao meu encontro, seria cobardia queixar-me do destino que eu próprio escolhera. Com o decorrer dos anos, fui vendo melhor que não existe ocupação mais digna para o homem que recebeu a graça de compreender um pouco a misericórdia de Deus do que servi-lo e rezar pelas criaturas que ainda têm perante os olhos a sombra das coisas deste mundo. Todavia, posso bem dizê-lo, Cristina, acharia doloroso sacrificar por amor de Deus a existência que vivi nas quintas onde me ocupei das coisas temporais e das alegrias da terra, com tua mãe a meu lado e os filhos e os netos que me destes. Um homem que procriou filhos da sua carne deve, pois, suportar que o seu coração sofra se acontece perdê-los ou se vê que o mundo lhes é adverso. Não é a mim que eles pertencem, mas a Deus que lhes concedeu uma alma...

Cristina sufocava de soluços; o pai pôs-se a embalá-la como a uma criancinha.

— Muitas coisas havia que eu não compreendia quando era novo. Meu pai estimava Aasmund, mas não tanto como a mim. Era por causa da minha mãe, percebes? Nunca a esquecera, mas casara com Inga porque o pai dele assim o quisera. Lastimo agora não poder tornar a ver neste mundo a minha madrasta para lhe pedir perdão de não ter feito caso da sua bondade...

— Muitas vezes me dissestes que a vossa madrasta não vos fazia nem bem nem mal — atalhou Cristina através das lágrimas.

— É verdade; não via mais longe. Agora parece-me extraordinário ela não me haver odiado nem jamais me ter dirigido uma palavra desagradável. Como encararias tu o caso, Cristina, se visses que o teu enteado era, continuamente e a propósito de tudo, preferido ao teu filho?

Cristina acalmara-se um pouco. Desviara o rosto e olhava para a montanha. O tempo escurecera com um amontoado

de nuvens cinzentas que passavam por baixo do Sol. Alguns raios dourados coavam-se através delas; reflexos vivos coloriam a água do regato.

Cristina desatou de novo a soluçar:

— Oh!... Pai, meu pai, se eu não vos torno a ver...

— Que Deus te guarde, minha filha, para que nos encontremos no outro mundo, nós, os amigos nesta vida, e toda a alma humana... Que Jesus, a Virgem Maria, Santo Olavo e São Tomás te protejam sempre! — Ergueu o rosto de Cristina entre as suas mãos e deu-lhe um beijo na boca. — Que Deus te conceda a Sua graça, que Deus brilhe a teus olhos na luz deste mundo!

Algumas horas mais tarde, quando Lourenço Bjoergulfsoen partiu a cavalo de Hjerdkin, Cristina acompanhou-o a pé. O criado já ia bastante longe, mas Lourenço continuou a conduzir o seu cavalo a passo. Custava-lhe ver a filha chorar, cheia de desespero. Estivera sentada, lavada em lágrimas, na sala, enquanto ele comia e tagarelava com os netos e os punha, cada um por sua vez, sobre os joelhos.

— Não te atormentes mais por causa da maneira como procedeste comigo. Mas lembra-te disso quando os teus filhos crescerem, se achares que não são para ti e para o pai tais como quererias que eles fossem. E recorda-te também do que te disse acerca da minha juventude. A tua ternura por eles é sincera, bem sei, mas é justamente com as pessoas que mais amas que és mais obstinada, e a teimosia está solidamente enraizada naqueles garotos, já reparei nisso — acrescentou ele, com um leve sorriso.

Finalmente, Lourenço pediu a Cristina que regressasse a casa.

— Não quero que te afastes muito das habitações, demais a mais sozinha.

Haviam chegado a um valezinho entre duas colinas, marginado de bétulas.

Cristina agarrou-se à perna de Lourenço pousada no estribo. Seus dedos acariciaram o fato do pai, a sela, o pes-

coço e os flancos do cavalo. Roçava a cabeça de encontro ao animal e chorava com gemidos tão profundos que Lourenço sentia despedaçar-se-lhe o coração ao vê-la num desgosto tão grande.

Saltou do cavalo e abraçou a filha, apertando-a pela última vez contra o peito. Por várias vezes fez sobre ela o sinal da cruz e pô-la sob a protecção de Deus e dos santos. Por fim, disse-lhe que o devia deixar.

Separaram-se então. Mas depois de Lourenço ter percorrido uma pequena distância, Cristina viu que ele diminuía o passo do cavalo e percebeu que o pai chorava ao afastar-se dela.

Cristina embrenhou-se, a correr, no bosque de bétulas e começou a trepar, de gatas, a vertente pedregosa coberta de líquenes. Mas existiam ali grandes pedregulhos difíceis de subir, e o monte era mais alto do que supusera. Por fim conseguiu chegar ao cimo; Lourenço desaparecera já por trás das colinas. Deixou-se então cair entre musgo e medronheiros e aí ficou estendida, a chorar, com o rosto escondido no braço.

Lourenço Bjoergulfsoen chegou à noite a Joerundgaard. Sentiu certo conforto ao ver que ainda estava gente a pé na sala de Inverno: tremeluzia uma claridade débil através da minúscula janela envidraçada que dava para a varanda. Era aquele o aposento que ele preferia.

Ragnfrid estava sòzinha, ocupada num grande trabalho de costura que tinha diante de si, em cima da mesa; alumiava-a uma vela metida num castiçal de cobre. Levantou-se logo que o marido entrou, saudou-o, pôs lenha no lume e foi buscar comida e bebidas para ele. Mandara deitar as criadas há muito tempo; tinham tido um dia de trabalho, mas por isso havia pão fresco. Paulo e Gunstein estavam na montanha, a fim de colherem líquenes. A propósito de líquenes, Lourenço queria, para o seu fato de Inverno, a lã tingida com líquen ou com estevas? Orm de Moar viera de manhã

para comprar algumas correias. Ela oferecera-lhe aquelas que estavam dependuradas no sótão. Quanto à filha deles, ia um pouco melhor; a ferida na perna estava a cicatrizar muito bem.

Lourenço respondia por sinais de cabeça enquanto comia e bebia com o criado. Mas o patrão depressa se saciou. Levantou-se, limpou a sua faca no reverso da coxa e agarrou num novelo pousado no lugar de Ragnfrid. O fio estava enrolado num fuso esculpido, com um pássaro em cada ponta; um deles tinha a cauda ligeiramente partida. Lourenço alisou a parte quebrada, e talhou-a de maneira a ficar retorcida. Fizera, há muitos anos, uma série daqueles fusos para a mulher.

— Tu mesma é que vais executar isso? — perguntou ele olhando para o trabalho da mulher. Era um dos seus calções de couro. Ragnfrid punha remendos no lado interior das coxas, onde se estragara mais de encontro à sela. — É duro para os teus dedos, Ragnfrid.

— Oh! não...

A mulher colocou os pedaços, orla com orla, e abriu furos com a sovela.

O criado deu as boas-noites e retirou-se. Marido e mulher ficaram sós. Ele aquecia-se junto da lareira, com um pé pousado na borda e a mão apoiada ao pilar do fumeiro. Ragnfrid olhou para ele; notou então que Lourenço não tinha o anel de rubis, aliança da mãe dele.

— É verdade... ofereci-o a Cristina — disse percebendo que a mulher dera por falta do anel. — Estava destinado para ela. Achei que lho podia dar agora.

Ragnfrid lembrou a Lourenço que eram horas de se irem deitar. Ele, porém, ficou de pé, onde estava, e ela continuou no seu trabalho. Trocaram algumas palavras acerca da viagem de Cristina, das coisas que havia a fazer na quinta, de Ramborg e de Simão. Depois tornaram a falar em se irem deitar, mas nem um nem outro se mexiam. Então Lourenço tirou da mão direita o anel de ouro de pedra azul

e branca e aproximou-se da mulher. Tímido e embaraçado, pegou-lhe na mão para experimentar o anel. Teve de o enfiar várias vezes antes que encontrasse o dedo em que o anel se ajustava. Foi no médio, por cima da aliança de casamento.

— Quero que tenhas este anel — disse ele em voz baixa e sem a fitar.

Ragnfrid conservou-se calada; o rosto afogueara-se-lhe.

— Para que fazes isso? Julgas que invejo o anel à nossa filha?

Lourenço abanou a cabeça e sorriu ao de leve.

— Bem sabes porque procedo assim.

— Dizias antigamente que querias levar esse anel contigo para a sepultura. Ninguém o devia usar depois de ti...

— Nunca o tirarás da tua mão, Ragnfrid. Promete-me. Depois de ti, não quero que ninguém o use...

— Para que fazes isso? — repetiu ela, sustendo a respiração.

O marido olhou-a, frente a frente.

— Faz, nesta Primavera, trinta e quatro anos que nos casámos. Eu era menor; durante toda a minha vida de homem estiveste a meu lado quando eu tinha um desgosto ou quando era feliz. Deus me assista! Pouco compreendi que pesado fardo levaste no decorrer da nossa vida comum. Mas sempre achei bom que estivesses junto de mim... Não sei se acreditaste realmente que eu gostava mais de Cristina do que de ti. Na verdade, ela era a minha maior alegria e causou-me o maior desgosto. Mas tu eras a mãe deles todos. Parece-me que o que mais me vai custar é deixar-te... Por isso não deverás dar o meu anel a ninguém, nem mesmo a uma das nossas filhas, e dir-lhes-ás que não to tirem... Talvez aches, Ragnfrid, que junto de mim tiveste mais tristeza do que alegria... De certa maneira a vida causou-nos desgostos, mas tenho a impressão de que fomos bons amigos. E penso que mais tarde teremos a felicidade completa, sem nada de mau a nos separar, e a nossa amizade Deus a tornará mais forte e melhor.

A mulher ergueu o rosto pálido e enrugado; um fogo ardente brilhava-lhe nos olhos profundamente enterrados nas órbitas enquanto ela olhava para o marido, com a mão presa na dele. Os três anéis brilhavam um por cima do outro: o dos esponsais, o do casamento, e este, enfim...

Como aquilo lhe parecia estranho! Recordava-se do dia em que ele lhe enfiara no dedo o primeiro anel, diante do pilar da lareira, na casa dela, em Sundbu, na presença dos pais. Lourenço ora corava ora se tornava pálido: era um adolescente, um pouco tímido, quando deu esse passo na frente do cavaleiro Bjoergulf.

O segundo, metera-lho ele no dedo defronte da porta da igreja de Gerdarud, em nome de Deus e da Santíssima Trindade, sob a mão do padre.

Ela sentia que, ao lhe oferecer o último anel, Lourenço lhe dera de novo a promessa da sua fidelidade. Queria que ela soubesse, quando estivesse junto do seu corpo inerte, que, com aquele anel, ele unira à mulher a força robusta e viva que habitara neste pó e nesta cinza...

E o coração dela despedaçava-se-lhe no peito e sangrava, com sangue juvenil e impetuoso: dor produzida pela perda do ardente e vivo amor, alegria angustiada dessa pálida e radiante ternura que a arrastava consigo para os derradeiros limites da vida terrestre. Além do crepúsculo que avançava, distinguia a luz doutro sol mais doce, sentia o perfume das ervas no jardim que se abre quando a realidade se extingue.

Lourenço largou a mão da mulher e sentou-se no banco, não longe dela, com as costas para a mesa onde apoiou o braço. Já não olhava para Ragnfrid mas sim para o lume da lareira.

Quando ela retomou a palavra, falou com voz calma e grave:

— Não imaginava, Lourenço, que tivesses tanto amor por mim...

— Todavia, assim é...

Ficaram silenciosos. Ragnfrid levantou o seu trabalho

do regaço e descansou-o no banco, junto dela. Em seguida, perguntou:

— Aquilo que te contei certa noite, há muito tempo... esqueceste?

— Um homem não pode, neste mundo, esquecer semelhante coisa. Na realidade, senti, depois de saber isso, que a nossa vida comum não decorria melhor. E no entanto, Ragnfrid, lutei rudemente para que não percebesses quanto eu pensava nisso...

— Não sabia que pensavas assim no que eu te disse...

Lourenço voltou-se de maneira brusca e olhou para a mulher. Ragnfrid prosseguiu:

— Foi por minha culpa que as coisas se agravaram entre nós. Julgava que, se pudesses ser para comigo absolutamente como antes, depois daquela noite, ainda menos caso farias de mim. Se, depois disso, fosses marido cruel, se me batesses, nem que fosse uma só vez, suportaria melhor o meu desgosto e a minha angústia. Mas a tua indiferença...

— Julgavas-me indiferente?

O débil tremor da voz de Lourenço desencadeou em Ragnfrid uma paixão feroz. Quereria subverter-se nele, naquelas profundezas agitadas onde a sua voz vibrava em ondas violentas e tormentosas.

— Sim — disse ela com exaltação —, se me tivesses tomado uma só vez nos teus braços, não porque eu fosse a esposa cristã que haviam posto a teu lado, mas porque eu era a mulher que tinhas desejado e por quem havias lutado para a conquistar... então não me poderias mostrar a mesma atitude que mostrarias se aquelas palavras não houvessem sido pronunciadas...

Lourenço reflectiu:

— Não... Evidentemente que não.

— Se tivesses sentido tanta alegria em obter a tua noiva como Simão diante da nossa Cristina...

Lourenço não respondeu. Daí a pouco disse, um tanto constrangido, com doçura e inquietação:

— Porque falaste de Simão?

— Não podia referir-me ao outro — respondeu a mulher, perturbada e receosa, mas tentando sorrir. — Sois, na verdade, muito diferentes.

Lourenço levantou-se, deu alguns passos, agitado, depois retorquiu em voz ainda mais baixa:

— Deus não há-de abandonar Simão.

— E a ti? — volveu a mulher. — Nunca te pareceu que Deus te abandonava?

— Não.

— Que é que pensaste naquela noite em que estávamos na granja, quando, de repente, soubeste que te havíamos enganado tanto quanto podíamos, nós, a quem amaras tão fielmente, que te fôramos tão queridas?

— Não pensei muito nisso.

— E depois, quando reflectiste no caso, constantemente, como me disseste há pouco...

Lourenço afastou-se, de costas voltadas para Ragnfrid, e ela viu que uma vermelhidão se lhe alastrava pelo pescoço tisnado.

— Pensei sempre que traíra Jesus — respondeu ele, num murmúrio.

A mulher levantou-se e hesitou antes de colocar as mãos nos ombros do marido. Quando ele a abraçou, ela encostou a cabeça ao peito de Lourenço; este percebeu que Ragnfrid chorava. Apertou-a mais de encontro a si e apoiou a cara na cabeça dela.

— São horas de nos deitarmos, Ragnfrid.

Foram ambos para diante do crucifixo, inclinaram-se e fizeram o sinal da cruz. Lourenço recitou as orações da noite; dizia-as em latim, em voz baixa e nítida, e a mulher repetia-as a seguir.

Depois disso, despiram-se; Ragnfrid deitou-se num canto da cama, cuja cabeceira era agora mais baixa porque, desde algum tempo, Lourenço tinha, com frequência, desfalecimentos. O marido correu o ferrolho da porta e pôs a tranca,

varreu num monte as brasas da lareira, soprou a luz e deitou-se ao lado da mulher. Passado um instante os seus dedos estavam entrelaçados com os de Ragnfrid.

A mulher meditava... Era como uma nova e maravilhosa noite de núpcias. Felicidade e desgraça corriam juntas, arrastavam-na tão depressa sobre as suas ondas que ela sentia que a alma se começava a desarreigar do corpo: agora a mão da morte voltara-se para ela também, — pela primeira vez.

Assim devia ser, forçosamente, visto que a alma se lhe ia libertando... Ragnfrid Ivarsdatter lembrava-se de quando travara conhecimento com o noivo. Ele parecia satisfeito em vê-la — um pouco tímido, mas desejoso de amar a noiva. Uma coisa já a irritava: era que o rapaz fosse duma beleza tão radiante, com os seus cabelos bastos, lisos e louros que lhe tombavam em volta da cara rosada, guarnecida dum buço fino e dourado. O coração dela não era mais do que uma chaga, dominado pela imagem dum homem que não tinha beleza nem mocidade nem doçura, e ela morria de desejos de se lançar nos braços dele e ao mesmo tempo de lhe enterrar uma faca na garganta. E na primeira vez que o noivo tentou acariciá-la — estavam ambos sentados na escada dum celeiro, na casa dela — e lhe pegou nas tranças, ela voltou-se, pálida de cólera, para Lourenço e foi-se embora.

Sim, recordava-se também da cavalgada nocturna, quando fora com Trond e Toerdis, através de Jerndal, a casa da feiticeira de Dovre. Caíra de joelhos, arrancara e atirara ao chão, defronte da senhora Aashild, os seus anéis e pulseiras; em vão Ragnfrid pedira, implorara, com as mãos postas, o meio de impedir que o marido lhe impusesse a sua vontade. E ela lembrava-se da longa viagem com o pai, com os parentes, com as damas de honor, com toda a gente da comitiva, em direcção ao vale, pelas planícies, a fim de realizar o seu casamento em Skog. Evocava a noite de núpcias, e todas as outras que se seguiram, quando acolhia as carícias do

marido com uma frieza de pedra, sem esconder o pouco prazer que tinha com os seus afagos.

Não, Deus não a enganara. Misericordioso, ouvira o seu grito de angústia, quando, soçobrando cada vez mais na sua desgraça, ela O invocará — mesmo quando pedia sem esperança de ser escutada. Parecia-lhe que se afundava em vagas negras; agora, elas erguiam-na para uma felicidade maravilhosa e doce, que, tinha a certeza, a levaria para outro mundo.

— Fala comigo, Lourenço — disse ela em voz baixa. — Estou tão fatigada!

O marido murmurou:

— O Senhor disse: *Venit ad me, omnes qui laborate et onerati estis. Ego reficiam vos...* (1)

Meteu um dos braços por baixo dos ombros de Ragnfrid e puxou-a para si. Ficaram algum tempo com a cara encostada uma à outra. Depois, ela disse docemente:

— Acabo de pedir a Nossa Senhora que interceda para que eu não te sobreviva muitos anos, Lourenço.

Os lábios e os cílios do marido acariciaram nas trevas as faces de Ragnfrid tão suavemente como a asa dum pássaro tropical:

— Minha querida, minha Ragnfrid...

(1) Vinde a mim, vós que sofreis e estais oprimidos. Eu vos consolarei...

VIII

CRISTINA ficou em Husaby durante todo o Outono e Inverno, sem ir a parte nenhuma e dizendo, para se desculpar, que andava adoentada. Ela, porém, estava apenas enfastiada: enfastiada de alegria, de tristeza e, sobretudo, das suas reflexões.

O caso mudaria de figura quando tivesse o pequeno, pensava ela, e esperava-o com extrema impaciência; parecia-lhe que ele ia ser a sua salvação. Se fosse um filho e Lourenço morresse antes do nascimento dele, dar-lhe-ia o nome do avô. E Cristina então imaginava como havia de amar a criança; criá-lo-ia ao seu peito; havia tanto tempo que não tinha um filho para amamentar! Vinham-lhe lágrimas de impaciência aos olhos quando pensava que dentro em breve teria nos braços o seu menino.

Reunia todos os pequenos à sua volta, como antigamente, e diligenciava educá-los com mais disciplina e método. Sentia que desse modo se conformava com o desejo do pai e isso trazia-lhe certa paz à alma. Sira Eiliv começava a ensinar a Naakkve e a Bjoergulf as primeiras letras e a língua latina, e Cristina assistia muitas vezes às lições. Eles, contudo, não eram estudantes ávidos de se instruírem; todos os filhos de Cristina se mostravam indisciplinados e turbulentos, com excepção de Gaute que continuava a ser o menino bonito da mãe, conforme dizia Erlend.

No dia de Todos os Santos, Erlend voltou da sua viagem à Dinamarca. Vinha muito bem disposto. Fora recebido com as maiores honras pelo duque e pela prima Ingebjoerg; haviam-lhe agradecido imensamente os seus presentes de

peles e de pratas; Erlend tomara parte num torneio, caçara veados e corças e, à partida, o cavaleiro Knut oferecera-lhe um garanhão espanhol, preto como ébano, e Ingebjoerg mandara a Cristina, juntamente com as suas saudações, dois galgos cinzentos. Cristina achou que esses cães estrangeiros pareciam traiçoeiros, pouco fiéis, e receou que fizessem mal às crianças. Nos arredores já se falava do *Castelhano*. Erlend fazia boa figura sobre o magnífico cavalo, mas animais desses não se aclimam no nosso país, e Deus sabe como o garanhão viveria na montanha. Entretanto Erlend comprou, em toda a parte aonde o chamavam as suas funções, as mais belas éguas negras: adquiriu assim uma dúzia delas, todas esplêndidas. Erlend Nikulaussoen tinha o costume de dar elegantes nomes estrangeiros aos seus cavalos de sela: *Belcolor*, *Bayard*, etc., mas, quanto ao último, Erlend disse que era tão magnífico que não precisava desse género de atributo, e chamou-o simplesmente *Fuligem*.

Ficou Erlend muito zangado pelo facto de a mulher não o querer acompanhar a parte nenhuma. Não via que ela estivesse doente — não tinha desta vez síncopes nem vómitos. Se se mostrava pálida e fatigada era sem dúvida porque ruminava constantemente nas faltas que o marido cometia. Próximo do Natal, desencadearam-se entre eles violentas discussões. E, desta vez, Erlend não exprimiu arrependimento pela sua exaltação, como antes sempre fazia. Até aí ele acreditara que, quando havia alguma disputa entre os dois, a culpa era sua. Cristina tinha sempre razão, era boa, e, se ele às vezes se maçava em casa, isso provinha da sua natureza se fatigar do bom e do razoável quando o cumulavam com estas coisas. Mas, no Verão anterior, observou em várias ocasiões que o sogro o aprovava e parecia achar falta de doçura e de humor conciliante em Cristina. Erlend percebeu então que ela era um tanto susceptível e que dificilmente lhe perdoava pecadilhos que não haviam sido malignamente premeditados. Sempre ele lhe pedira perdão depois de fazer um rápido exame de consciência, e ela dizia

que lhe perdoava, mas, depois, Erlend notava que os agravos ficavam ocultos, não esquecidos.

Então ausentou-se com frequência e levou muitas vezes Margret consigo. A educação da rapariga sempre fora origem de desacordo entre eles. Cristina nunca tocava nesse assunto, mas Erlend sabia suficientemente o que ela e outros pensavam. Em todos os pontos de vista considerava Margret como filha legítima, e, quando ela acompanhava o pai e a madrasta, recebiam-na como se o fosse na verdade. No casamento de Ramborg, Margret tinha sido uma das damas de honor e levara a coroa de ouro sobre os seus cabelos soltos. Muitas mulheres condenaram isso, mas Lourenço falara-lhes e Simão declarara também que ninguém devia censurar Erlend por tal facto nem dizer nada à rapariguinha; a linda pequena não era a culpada de o seu nascimento ter sido tão infeliz. Cristina, porém, compreendia que Erlend projectava casar Margret com um cavaleiro, persuadido de que a sua situação actual lhe permitia conciliar esse assunto, embora a filha fosse ilegítima e portanto se tornasse difícil dar-lhe uma posição segura e inabalável. Seria talvez possível se os outros acreditassem que Erlend era pessoa para conservar e aumentar os seus bens. Mas, embora Erlend fosse estimado e honrado dalguma forma, ninguém tinha a certeza de que a prosperidade durasse em Husaby. Por essa razão Cristina receava que ele tivesse muita dificuldade em levar o seu plano a bom termo. E, se bem que ela não gostasse particularmente de Margret, tinha pena da rapariga e previa com terror o dia em que o orgulho desta seria despedaçado, se devesse contentar-se com um casamento muito inferior àquele a que o pai a habituara a ter em vista e em condições de vida diferentes daquelas em que a havia criado.

Pouco depois da Candelária chegaram de Formo três homens a Husaby. Tinham vindo de patins pela montanha, e traziam a Erlend uma carta de Simão Andressoen. Este dava a notícia de que o sogro estava doente e parecia não dever viver muito tempo. Lourenço pedia que Erlend, se pudesse,

fosse a Sil; gostaria de conversar com os dois genros e dizer-lhes como haviam de dispor tudo depois da sua morte.

Erlend relanceou os olhos pela mulher. Grávida, muito pálida, com as feições distendidas, tinha uma aparência tão triste que se julgaria a cada instante que ia chorar. O marido lastimava a atitude que tivera nesse Inverno. A doença do pai não era surpresa para Cristina, e, se esta vivera em Husaby guardando dentro de si esse desgosto escondido, Erlend perdoava-lhe não haver sido razoável.

Sòzinho, ele podia fazer com rapidez o trajecto até Sil, indo de patins pela montanha. Se tivesse de levar a mulher em trenó, seria viagem demorada e difícil. E, nesse caso, devia esperar que acabassem as assembleias dos soldados, na Quaresma, e fixar antes entrevistas com os seus vassalos: havia também encontros marcados e reuniões a que tinha de assistir. Além disso corriam o risco de estarem muito próximo do parto — e Cristina não suportava o mar, nem mesmo quando estava de perfeita saúde! Ele, porém, não podia pôr na ideia que a mulher não tornasse a ver o pai antes de este morrer. À noite, depois de se deitarem, Erlend perguntou a Cristina se se afoitaria a fazer a viagem.

Julgou-se recompensado quando ela, a chorar, se lhe lançou nos braços, reconhecida, cheia de arrependimento pelo seu mau humor durante esse Inverno. Erlend tornou-se brando e meigo, como sempre lhe acontecia quando causava desgosto a uma mulher e que o via manifestar-se nela perante os seus olhos. Por isso suportou relativamente bem as exigências de Cristina. Ele dissera logo que não queria levar os filhos. A mulher provou-lhe que Naakkve já era bastante crescido. Erlend recusou. Ela então alegou que Ivar e Skule eram muitos pequenos para ficarem confiados à guarda das criadas. Não, disse o pai. E Gaute, de quem Lourenço tanto gostava? Também não vai connosco, replicou Erlend; seria difícil para Ragnfrid ter em casa uma mulher grávida enquanto o marido jazia no seu leito de dor; e depois, como regressariam com o recém-nascido? Ou ela poria o filho

numa ama, numa das quintas de Lourenço, ou então esperaria em Joerundgaard que viesse o Verão, mas, neste caso, ele voltaria sòzinho para Husaby, antes da mulher. Expôs tudo isso a Cristina por várias vezes, esforçando-se por falar com serenidade e persuasão.

Lembrou-se de que deviam comprar em Nidaros algumas coisas de que a sogra podia necessitar para o banquete do funeral: vinho, cera, farinha de trigo candial e de cardamomo, etc. Finalmente partiram, e chegaram a Joerundgaard na véspera do dia de Santa Gertrudes.

Mas a estada de Cristina na sua casa foi muito diferente do que ela pensava.

Devia sentir-se feliz em ter podido ver o pai pela última vez. Quando recordava a alegria que ele tivera com a sua chegada e o reconhecimento que, por esse motivo, testemunhara a Erlend, Cristina regozijava-se. Mas compreendia que, agora, estava fora de muitas coisas, e esta ideia era-lhe dolorosa.

Só lhe faltava um mês para ter o filho; por essa razão, Lourenço proibira terminantemente que ela ajudasse a tratá-lo; nem mesmo lhe permitiu que velasse de noite com as outras, e, ainda que afadigada, a mãe não quis que a filha a auxiliasse em nada. Cristina ficava junto do pai durante todo o dia, mas raras vezes estavam sòzinhos. Quase sempre tinha ele visitas, amigos que queriam ver pela última vez Lourenço Bjoergulfsoen. Embora sentisse prazer, isso fatigava-o muito. Falava com alegria e cordialidade a todos, homens e mulheres, ricos e pobres, velhos e novos; agradecia-lhes a amizade que lhe demonstravam e pedia-lhes que lhe rezassem pela alma, que Deus permitisse encontrarem-se todos no outro mundo! De noite, enquanto os parentes mais próximos ficavam junto dele, Cristina estava deitada no quarto do andar superior; olhava fixamente as trevas sem poder deixar de pensar na morte do pai, e na insensatez e maldade do seu próprio coração.

O fim de Lourenço aproximava-se. Esteve a pé até que

Ramborg tivesse o filho e que Ragnfrid já não fosse tão precisa em Formo; fizera-se também transportar até lá e vira a filha e a neta; esta havia sido baptizada com o nome de Ulvhild. Mas, depois, caiu ele de cama para não mais se levantar.

O seu quarto era o da casa maior, por baixo do celeiro do feno. Haviam arranjado para ele uma espécie de leito no banco do lugar de honra, porque o doente não suportava ter a cabeça muito alta; sentia agora vertigens, síncopes e dores cardíacas. Já não ousavam sangrá-lo, pois fora necessário tal tratamento durante o Outono e o Inverno e estava absolutamente exangue e já não tinha forças para comer nem beber.

As feições finas e belas haviam-se-lhe tornado grossas e o seu rosto perdera o queimado do sol. Os lábios e as órbitas dos olhos apresentavam uma cor amarela e uma palidez anémica. Os cabelos bastos, louros e misturados de fios brancos espalhavam-se, compridos e sem viço, sobre a almofada com desenhos azuis. Mas o que mais o desfigurava era a barba cerrada e quase toda branca que lhe crescia no queixo e ao longo do pescoço alto e largo onde os tendões se salientavam como cordas grossas. Lourenço gostava tanto de se barbear nos dias santificados! O corpo emagrecera-lhe a pontos de quase não ser mais do que um esqueleto. Ele, porém, dizia que se sentia bem, deitado e sem se mover. E continuava alegre e com boa disposição.

Mataram gado, fizeram cerveja, amassaram pão para a refeição do funeral, tiraram das arcas as roupas de cama, prepararam tudo o que puderam com antecedência para que houvesse tranquilidade quando chegasse a agonia. E Lourenço reanimava-se ao ouvir aqueles preparativos; o derradeiro festim que ele oferecia não devia ser o mais mesquinho de todos os realizados em Joerundgaard: era com honra e dignidade que deixaria o seu posto de dono da casa. Um dia, quis ver duas vacas que deviam ser dadas a Sira Erik e a Sira Solmund depois do enterro, e fizeram-nas entrar den-

tro de casa. Todo o Inverno tinham tido ração dobrada, por isso estavam tão bonitas e gordas como as vacas da serra na época de Santo Olavo, embora aquela altura do ano fosse justamente a pior para arranjar forragem. Lourenço foi o primeiro a rir, e mais do que toda a gente, quando uma delas faltou às conveniências e sujou o chão do quarto.

Entretanto não queria que a mulher se esgotasse completamente. Cristina julgava-se hábil dona de casa, e tinha essa reputação em Skaun, mas, em comparação com a mãe, parecia-lhe agora ser tão incompetente! Ninguém podia compreender como Ragnfrid se arranjava para dar atenção a tudo. E, no entanto, não se afastava muito tempo do marido: velava-o também, à noite, com as outras.

— Não te apoquentes comigo, Lourenço — dizia ela agarrando-lhe na mão. — Quando morreres, bem sabes que descansarei de todas as minhas fadigas.

Lourenço Bjoergulfsoen comprara, alguns anos antes, uma sepultura no convento dos dominicanos de Hamar, e Ragnfrid queria acompanhar o corpo do marido até lá e aí habitar o resto da sua vida; ficaria como pensionista numa quinta que os monges possuíam na cidade. O caixão seria, em primeiro lugar, transportado para a igreja da terra, à qual fariam grandes donativos, assim como aos padres; o seu cavalo segui-lo-ia com o equipamento e armas pertencentes ao dono, armas que Erlend resgataria por quarenta e cinco marcos de prata. Seriam certamente um dia dum dos filhos de Erlend e de Cristina, de preferência da criança que ela tinha agora nas entranhas, se fosse um filho. Talvez que vá ser o Lourenço de Joerundgaard, disse o doente a sorrir. Ao descer Gudbransdsdal, o caixão seria levado, para aí passar a noite, às diversas igrejas às quais Lourenço destinara, por testamento, oferendas de prata e de círios.

Um dia, Simão preveniu que o sogro tinha o corpo ulcerado e ajudou Ragnfrid a soerguer e a arranjar o enfermo.

Cristina sentia com desespero o ciúme encher-lhe o coração. Dificilmente suportava a confiança que os pais mostra-

vam a Simão Andressoen. Estava este como em sua casa, em Joerundgaard, coisa que a Erlend nunca acontecera. Quase todos os dias se via o seu grande cavalo baio amarrado à paliçada do pátio; Simão assomava ao quarto de Lourenço, com a sua capa e o seu chapéu; não tencionava demorar-se. Mas, pouco depois, aparecia à porta e mandava recolher o cavalo na estrebaria. Conhecia todos os negócios do sogro, ia buscar o cofre dos documentos, fazia actas e cópias, dava incumbências a Ragnfrid e conversava com o intendente da quinta. Cristina lembrava-se de quanto desejava que o pai estimasse Erlend; e, na primeira vez que Lourenço dera razão a Erlend contra ela, Cristina cometera logo as maiores tolices!

Simão Andressoen pensava, com imensa tristeza, que dentro em breve se separaria do sogro. Mas a grande alegria deste era a de haver tido uma neta. Lourenço e Ragnfrid falavam muito da pequenina Ulvhild e Simão podia responder a todas as suas perguntas acerca do desenvolvimento e saúde dela. Também, por causa disso, Cristina sentia o ciúme morder-lhe o coração. Nunca Erlend se ocupara dessa maneira dos filhos. Ao mesmo tempo, achava um tanto ridículo aquele homem já não muito novo, gordo e vermelho, que falava, como conhecedor, das cólicas e do apetite duma criança de mama.

Um dia, Simão veio buscá-la num trenó a fim de a levar a ver a irmã e a sobrinha.

Mandara reconstruir de alto a baixo a velha e negra casa de Inverno onde, desde vários séculos, as mulheres de Formo tinham o costume de morar quando iam dar à luz. Haviam demolido a lareira e construído um fogão; um elegante leito esculpido, de aspecto acolhedor, estava encostado a um dos lados desse fogão e, na parede fronteira, erguia-se uma linda imagem de Nossa Senhora, colocada de forma a que a pessoa deitada na cama a pudesse ver. Haviam assoalhado o quarto e ajuntado uma janela envidraçada, belos móveis e novos bancos. Simão queria que Ramborg fizesse dali uma casa para as mulheres, onde ela teria o seu serviço

de prata e receberia as suas visitas; e, se houvesse um banquete na quinta, aquele aposento seria um refúgio para as senhoras que não se achassem à vontade quando os homens estivessem sob o efeito das bebidas, ao fim da noite.

Ramborg, aparamentada com uma touca de seda e com um corpete vermelho orlado de pele branca, deitara-se na cama, em honra da sua hóspeda. Rodeavam-na almofadas de seda colorida. Junto do leito, coberto de veludo, estava o berço de Ulvhild Simonsdatter, aquele antigo berço sueco que Ramborg Sunesdatter trouxera consigo para a Noruega; servira ao pai e ao avô de Cristina, assim como a esta e a todos os irmãos. Conforme o costume, o berço deveria fazer parte do seu dote, visto ela ser a filha mais velha, mas não haviam falado de tal objecto quando Cristina se casara. Esta compreendera perfeitamente que os pais o omitiam de propósito... Não achavam que os filhos dela e de Erlend fossem dignos disso...

Depois da primeira visita, Cristina desculpou-se de não ir a Formo, alegando a sua falta de forças.

Na realidade estava doente, mas de desgosto e de angústia. Não podia esconder a si própria que, quanto mais prolongava a sua estada em casa dos pais, mais sofria. Possuía um feitio tal que lhe fazia mal ver o pai, perto de morrer, mais afeiçoado à mulher do que às filhas.

Sempre ouvira citar a vida dos pais como um exemplo de casamento belo e digno na união, na fidelidade e na benevolência. Ela, porém, sentira, sem meditar nisso, que alguma coisa, no entanto, os separava, uma sombra vaga, mas que tornava a vida do lar silenciosa, embora a sua harmonia fosse completa. Agora, já não havia essa sombra entre os pais. Conversavam juntos em tom igual e calmo, sobretudo dos pequeninos nadas de todos os dias, mas Cristina descobria-lhes qualquer coisa diferente nos olhares e nas vozes. Percebia que, quando o pai não tinha a mulher a seu lado, lhe sentia a falta. Nas ocasiões em que ele a decidia a ir descansar um pouco, Lourenço ficava à espera de Ragnfrid

com uma espécie de agitação e, quando ela entrava, dir-se-ia trazer consigo a paz e a alegria ao doente. Certo dia, Cristina ouviu-os falar dos filhos já falecidos; todavia, pareciam contentes. Quando Sira Erik vinha ler a História Sagrada a Lourenço, Ragnfrid permanecia ao lado deles; então o marido agarrava muitas vezes na mão da mulher, brincava-lhe com os dedos e fazia-lhe girar os anéis.

Cristina tinha a certeza de que o pai não a estimava menos do que antes. Mas não percebera, até ali, que ele amasse a mulher. E sentia a diferença entre a ternura do marido pela esposa que vivera com ele toda aquela longa vida de bons e de maus dias, e a ternura do pai pela filha que só partilhara das suas alegrias e que fruíra da sua mais profunda afeição. E Cristina chorava, pedia a Deus e a Santo Olavo que lhe viessem em auxílio, pois recordava-se daquela despedida terna e lavada de lágrimas, no Outono, na montanha, mas não queria que tivesse sido o último adeus.

Em Abril, Cristina deu à luz o sexto filho; cinco dias depois do parto, levantou-se e foi ao quarto do pai. Lourenço não ficou satisfeito: era uso, na sua quinta, uma parturiente sair pela primeira vez de casa para ir à igreja. Em todo o caso, ela não devia atravessar o pátio senão debaixo dum sol radioso. Ragnfrid escutava-o.

— Parece-me, Lourenço — disse ela —, que nós, as mulheres da tua família, nunca te obedecemos muito; na maior parte das vezes, fizemos o que queríamos.

— Nunca tinhas dado por isso? — perguntou o marido a sorrir. — Olha, a culpa não é de teu irmão Trond. Não te lembras de ele me chamar tolo porque me deixava levar por vós?

No dia de missa que se seguiu, Ramborg foi à igreja fazer a sua visita de purificação e veio a Joerundgaard pela primeira vez depois do parto. Helga Trondsoen, também casada, acompanhou-a. Haavard Trondsoen de Sundbu encontrava-se em casa de Lourenço. Os três jovens tinham a

mesma idade, e, durante três anos, haviam vivido juntos como irmãos em Joerundgaard. Haavard, o rapaz, era o mais atrevido do grupo e o animador das suas brincadeiras. As duas juvenis senhoras deram-lhe desta vez claramente a entender que se consideravam agora donas de casa, com experiência dos homens, das crianças e do governo doméstico, enquanto que ele não passava dum garoto inexperiente. Lourenço divertiu-se deveras com a discussão.

— Tens de casar também, meu rapaz. Saberás então quanto a tua ciência é limitada! — exclamou Lourenço.

Todos os homens que estavam no quarto desataram a rir.

Sira Erik vinhá todos os dias ver o doente. O velho padre tinha agora a vista fraca, mas a História Sagrada, em norueguês, os Evangelhos e os Salmos em latim, tudo isto ele lia com facilidade e correntemente, pois conhecia esses livros na perfeição. Alguns anos antes, Lourenço comprara um livro volumoso em Saastard ; era este o que ele preferia; mas Sira Erik não conseguia lê-lo, por causa da vista. Então Lourenço pediu a Cristina que experimentasse; e, quando ela se familiarizou com o livro, saiu-se muito bem disso; foi para si grande alegria poder fazer qualquer coisa pelo pai.

Esse livro continha espécies de diálogos entre o Temor e a Coragem, a Fé e a Dúvida, o Corpo e a Alma. Também havia ali lendas de santos e várias narrativas a respeito de homens que, durante a sua vida temporal, foram arrebatados em espírito e viram as torturas do mundo dos suplícios, os tormentos do Purgatório e a felicidade do Reino dos Céus. Lourenço falava muito, agora, do Purgatório, onde ele esperava entrar em breve, mas estava absolutamente tranquilo. Tinha grande esperança nas orações dos amigos e dos padres e consolava-se com a ideia de que Santo Olavo e São Tomás o ampariam na suprema provação como tantas vezes o haviam amparado nesta vida. Sempre ouvira dizer que aquele que está firme na sua fé terá continuamente diante dos olhos

a felicidade que a alma atinge através das chamas ardentes. Cristina tinha a impressão de que o pai se regozijava com aquilo que o esperava como duma prova de coragem. Ela recordava-se nitidamente da sua infância, daquela expedição de homens do vale, fiéis ao rei contra o duque Erik — e parecia-lhe que, agora, o pai enfrentava a morte como enfrentara então a aventura e o combate.

Disse ela um dia que o pai passara por tantas provações que, sem dúvida, se livraria com facilidade das do outro mundo. Lourenço respondeu que não era dessa opinião; fora homem rico, descendente de ilustre família, tivera amigos e êxitos neste mundo.

— Os meus maiores desgostos foram por nunca ter eu visto a cara de minha mãe e haver perdido os meus filhos. Mas dentro em breve isso já não será desgosto para mim, assim como outras coisas que me pesaram durante a minha vida; são tudo tristezas que vão findar.

A mãe estava muitas vezes presente quando Cristina lia; havia também ali estranhos, e Erlend vinha com prazer ouvir a mulher. Todos mostravam satisfação com a leitura, mas Cristina, essa, ficava perturbada e desesperada; pensava no seu próprio coração que sabia tão bem o que era justo e bom e todavia sempre se inclinara para a iniquidade. Receava pelo filhinho, e quase nem dormia durante a noite com medo de que ele morresse sem ser baptizado. Estavam sempre duas pessoas a velar pela criança e, no entanto, Cristina temia adormecer. Os outros filhos haviam sido baptizados antes da idade de três dias, mas, quanto a este, que era robusto e sadio, não tinham pressa; queriam dar-lhe o nome de Lourenço, porém, no vale, o povo conservava fielmente o costume de não dar às crianças nomes de parentes vivos.

Num dia em que, junto do pai, Cristina tinha o filho ao colo, Lourenço pediu-lhe que desenfaixasse o pequenito, de quem até aí só vira a cara. Ela obedeceu e pôs o neto nos braços do avô. Lourenço acariciou o corpinho rechonchudo e pegou-lhe numa das mãozinhas:

— É extraordinário, meu menino, que devas um dia usar a minha cota de malha. Agora não ocuparias mais espaço lá dentro do que um verme numa noz vazia, e essa mão tem de crescer muito antes de poder empunhar a minha espada. Quando vemos pequeninos como este, quase compreendemos que a vontade de Deus não é que usemos armas. Mas não se passarão muitos anos, meu pequerrucho, que não ardas em desejos de as usar. Muito poucos homens existem que, por amor de Deus, façam voto de se absterem delas. Eu, não o fiz... — Lourenço calou-se um instante e observou o neto: — Tratas dos teus filhos com muito amor, Cristina. O pequeno está gordo, desenvolvido, mas tu andas pálida e delgada como um vime e tua mãe dizia que o mesmo se deu quando tiveste os outros. A filha de Ramborg é enfezadita — ajuntou ele a rir —, mas Ramborg apresenta-se fresca como uma rosa.

— Acho esquisito que ela não queira amamentar a filha — volveu Cristina.

— Simão também não quis. Disse que não a ia recompensar, deixando-a mortificar-se. Lembra-te de que Ramborg não tinha ainda dezasseis anos quando a filha nasceu, e nunca, até então, ela soube o que era estar doente; não é de estranhar que mostrasse tão pouca paciência. Tu, minha Cristina, eras mulher feita quando te casaste!

Bruscamente, Cristina foi acometida dum ataque de choro. Quase nem sabia porque chorava. Mas aquilo era verdade: amara os filhos desde o instante em que soubera que os trazia nas entranhas, amara-os mesmo quando a faziam sofrer de inquietação, quando lhe pesavam e a desfiguravam Amara as suas carinhas logo que os vira e amara-os sem cessar enquanto eles cresciam, se transformavam e se tornavam homens. Mas ninguém os amara realmente ao mesmo tempo que ela, regozijando-se com ela — isso não estava no feitio de Erlend: evidentemente que ele gostava dos filhos, mas, na sua opinião, Naakkve viera cedo de mais, e os outros, sempre os achara muito numerosos. Cristina lembrava-se

confusamente dos pensamentos que lhe rolavam no espírito acerca do fruto do pecado no primeiro Inverno que ela passara em Husaby... Compreendia que sentira amargura, mas não receio. Alguma coisa a separava então de Erlend, e certamente jamais seria possível remediar esse mal.

A mãe? Nunca a acompanhara muito. As irmãs? Eram pequeninas quando ela já se sentia rapariga; não tivera companheiras na infância. Fora criada entre homens, e pudera abandonar-se completamente à doçura e sensibilidade, pois havia sempre em redor dela homens para a abrigarem e a protegerem contra o resto do mundo. Parecia-lhe tão natural só dar à luz rapazes, ter filhos a se alimentarem do seu sangue e do seu leite, amá-los, protegê-los, cuidar deles até que estivessem em idade de se misturarem aos homens! Recordava-se de ter ouvido falar duma rainha cognominada Drengemor (mãe de rapazes). Tivera, sem dúvida, em volta do seu quarto de menina, uma sebe de homens vigilantes...

— Que aconteceu, Cristina? — perguntou tranquilamente o pai ao fim duns momentos.

Ela não lhe podia dizer nada. Mas, quando as lágrimas se lhe apaziguaram e lhe permitiram que falasse, disse pouco depois:

— Como não terei desgosto em vos ver aí?

Finalmente, como o pai insistisse um pouco com ela, confessou-lhe os seus receios pelo filho que estava por baptizar. Então Lourenço exigiu imediatamente que a criança fosse levada à igreja no primeiro dia de missa. Não acreditava — disse ele — que por causa disso morresse antes da hora fixada por Deus.

— Aliás — ajuntou, rindo — tenho a impressão de que já estou morto há muito tempo. São miseráveis circunstâncias as que acompanham tanto a nossa entrada no mundo como a nossa saída, Cristina. Nascemos da doença e morremos da doença, quando não é de morte violenta. Quando eu era moço, achava que a melhor forma de morrer era no campo de batalha. Mas é possível que um pecador necessite duma

doença mortal que o faça sofrer... No entanto, não vejo que a minha alma melhore pelo facto de eu estar deitado...

O pequeno foi baptizado no domingo seguinte e recebeu o nome do avô materno. Cristina e Erlend foram censuradíssimos na terra por causa dessa decisão, embora Lourenço Bjoergulfsoen declarasse a todos que vinham à quinta que fora ele próprio quem resolvera isso; não queria ter um pagão na sua casa quando a morte estava à porta.

Lourenço começou a recear que o seu falecimento fosse na época da faina da Primavera, o que viria atrapalhar a vida das pessoas que o queriam homenagear, acompanhando-lhe o enterro. Mas, quinze dias depois do baptismo do filho, Erlend veio procurar Cristina à velha casa da tecelagem onde ela dormia desde que o pequeno nascera. A manhã já ia avançada. Cristina estava ainda deitada, pois o filho rabujara toda a noite. Erlend, cheio de tristeza, disse-lhe em tom calmo e afectuoso que ela se devia levantar e ir ver o pai. Lourenço sofrera de madrugada alguns violentos e terríveis ataques cardíacos e não tinha já consciência de nada. Sira Erik viera confessá-lo.

Estava-se no quinto dia depois do de Santo Halvard. Uma chuva mansa caía sem cessar. Quando Cristina passou no pátio, sentiu, trazido pela brisa do sul, o cheiro a terra dos campos recentemente lavrados e adubados. Todo o vale apresentava uma cor uniforme sob a chuva da Primavera; a atmosfera parecia azulada entre as altas montanhas e o nevoeiro subia até meia encosta. Telintavam chocalhos nas matas ao longo do rio cinzento que quase transbordava; na margem, o rebanho de cabras pastava os raminhos que despontavam. Essa estação, que sempre alegrara o coração do pai, era o fim do Inverno e do frio para as pessoas e para o gado; libertava os rebanhos dos estreitos e sombrios estábulos e da alimentação limitada.

Cristina viu logo na cara do pai que a morte andava próxima. As asas do nariz pareciam brancas como a neve, e os lábios e as olheiras tinham uma cor azulada; os cabelos

separavam-se em madeixas húmidas sobre a testa coberta de suor. Estava, porém, lúcido agora e falava nitidamente, embora com voz lenta e débil.

Um a um todos os criados se aproximaram do leito. Lourenço agarrou-lhes nas mãos, agradeceu-lhes os serviços, disse-lhes adeus e pediu-lhes que lhe perdoassem se os ofendera e que se lembrassem de lhe rezar pela alma. Depois, despediu-se da família. Disse às filhas que se abaixassem para que ele as pudesse beijar; invocou sobre elas a bênção de Deus e de todos os santos. Ambas choravam amargamente e Ramborg lançou-se nos braços da irmã. As duas filhas de Lourenço, abraçadas, retomaram o seu lugar próximo do leito, e a mais moça continuou a chorar encostada ao peito de Cristina.

Erlend tremia e as lágrimas corriam-lhe ao longo das faces quando pegou na mão de Lourenço e a beijou, rogando ao sogro que lhe perdoasse as ofensas que lhe fizera durante esses anos. O moribundo respondeu-lhe que lhe perdoava tudo e que pedia a Deus que o pusesse sob a sua guarda. Havia no belo rosto de Erlend um estranho fulgor quando ele se foi colocar, de pé, ao lado da mulher e lhe agarrou na mão.

Simão Darre não chorava, mas ajoelhou-se quando segurou na mão do sogro para a beijar, e ficou assim um momento, apertando-a na sua.

— A tua mão é quente e generosa — disse Lourenço com um sorriso apagado.

Ramborg voltou-se para o marido, quando este veio para junto dela, e Simão enlaçou com o braço os ombros franzinos da esposa.

Por fim, Lourenço despediu-se da mulher. Segredaram algumas palavras que ninguém ouviu e trocaram um beijo na presença de todos, como só é possível quando a morte está em casa. Em seguida, Ragnfrid ajoelhou-se diante do leito do marido, com os olhos fitos em Lourenço; pálida, mostrava-se calma, tranquila.

Sira Erik ficou no quarto depois de ungir o moribundo com os santos óleos e de lhe haver ministrado o viático. Sentou-se à cabeceira da cama e leu orações. Decorreram algumas horas. Lourenço tinha os olhos semicerrados. De tempos a tempos movia com inquietação a cabeça na almofada, agitava um pouco as mãos sobre a tapeçaria do leito, respirava penosamente soltando um ou dois gemidos. Pensavam que ele perdera a fala, mas não era a agonia.

O dia declinou rápido e o padre acendeu uma luz. Os assistentes permaneciam silenciosos, olhando para o moribundo e escutando o sussurro da água que tombava em redor da casa. Depois o doente agitou-se, o corpo estremeceu-lhe, a cara arroxeou-se-lhe e pareceu ter dificuldade em respirar. Sira Erik agarrou-o pelos ombros e levantou-o de maneira a sentá-lo enquanto lhe apoiava a cabeça no seu peito e empunhava o crucifixo na frente dele.

Lourenço abriu os olhos, fixou o olhar na cruz e pronunciou em voz muito baixa, mas tão nitidamente que a maior parte dos presentes o ouviu: *Exsurrexi e adhuc sum tecum* (1).

O corpo teve ainda alguns estremecimentos e as mãos tactearam a coberta da cama. Sira Erik continuava a segurá-lo de encontro a si. Depois, deitou delicadamente sobre as almofadas o cadáver do seu amigo, beijou-o e alisou-lhe os cabelos antes de lhe fechar as pálpebras; em seguida ergueu-se e pôs-se a recitar uma oração.

Permitiram a Cristina que ficasse a velar o morto. Haviam-no transportado para a sala maior porque esperavam muita gente para a vigília mortuária.

Lourenço parecia indizìvelmente belo à luz dos círios, com a face descoberta, duma palidez dourada. Tinham descido o sudário para que não fosse maculada a sua brancura por todos aqueles que chegavam e queriam ver o defunto.

(1) *Quando acordo, ainda estou contigo.* Salmo 139, 18.

Sira Erik e o cura de Kvam cantavam orações fúnebres; o cura viera à noite para dizer a Lourenço o derradeiro adeus, mas já não o encontrara vivo.

Logo no dia seguinte começaram a chegar os hóspedes; Cristina, por causa das conveniências, teve de se deitar, pois não havia ainda feito a sua visita de purificação à igreja. Foi ela quem desta vez teve o seu leito de parturiente guarnecido de tapetes de seda e dos mais lindos coxins da casa. O berço foi trazido de Formo e aí deitaram o pequenino Lourenço; durante o dia não cessava de entrar gente no quarto para os ver, a ela e ao filho.

Cristina ouvia dizer que o cadáver do pai continuava sem se decompor; estava apenas um pouco amarelado. E nunca ninguém vira tantos círios em redor dum defunto.

Ao quinto dia começou o banquete do funeral, que foi sob todos os pontos de vista de extrema magnificência; havia mais de cem cavalos na quinta, em Laugarbru e até em Formo. Ao sétimo dia fizeram-se as partilhas entre os herdeiros, com toda a concórdia e amizade: Lourenço regularizara tudo antes de morrer e todos seguiram exactamente os seus desejos.

No dia seguinte, o cadáver, que se achava agora na Igreja de Santo Olavo, devia ser transportado para Hamar.

Na véspera, já noite avançada, Ragnfrid entrou no quarto onde Cristina estava deitada com o filho. A dona da casa parecia fatigada, mas tinha a fisionomia tranquila. Pediu às criadas que se retirassem:

— Todos os quartos estão cheios de gente, mas haveis de encontrar onde dormir; desejo ficar com a minha filha na última noite que passo em Joerundgaard.

Tirou o neto dos braços de Cristina, levou-o para perto da lareira e arranjou-o para a noite.

— Deve ser impressionante para vós, mãe, deixar esta quinta onde vivestes com meu pai durante tantos anos — disse Cristina. — Custa-me a compreender que tenhais tanta coragem.

— Teria ainda menos coragem para ficar aqui sem ver teu pai a andar de cá para lá — respondeu Ragnfrid embalando ao colo o pequenino Lourenço. — Nunca ouviste contar de que forma viemos morar para aqui? Quando soubemos que Ivar, meu pai, estava prestes a morrer, eu não me sentia em estado de poder fazer a viagem a cavalo; Lourenço teve de ir sòzinho ao Norte. Lembro-me que o tempo estava maravilhoso na tarde em que partiu; já nessa época ele gostava de cavalgar pela fresca; quis, pois, sair ao entardecer na véspera do dia de São João. Acompanhei-o até ao sítio onde o carreiro da quinta corta o caminho da igreja; lembras-te que existem lá uns planaltos rodeados de terrenos incultos? São as piores terras de Skog, estéreis e secas. Nesse ano as searas estavam lindas, e nós íamos a conversar das ceifas. Lourenço caminhava levando o cavalo pela rédea e eu ia de mão dada contigo; tinhas quatro anos... Quando chegámos à encruzilhada, disse-te que fosses para casa. Isso não te agradou, mas teu pai ajuntou que procurasses cinco pedras brancas e que as colocasses em cruz no regato por baixo da fonte, o que o protegeria dos génios da floresta de Mjoerse quando ele a atravessasse. Então partiste logo a correr...

— É verdade que o povo tem essa crença?

— Nunca ouvi falar nisso, nem antes, nem depois. Suponho que foi fantasia de teu pai. Recordas-te que ele inventava tantas coisas quando brincava contigo?

— Recordo-me, sim...

— Acompanhei-o através da floresta até à pedra dos anões. Chegados lá, pediu-me que voltasse para casa e retrocedeu comigo até à encruzilhada. Ria-se e dizia que eu bem sabia que ele não me deixava atravessar sòzinha a floresta, principalmente depois do pôr do Sol. Abracei-me a Lourenço; se eu andava doente era por não poder ir para a minha terra; não conseguia adaptar-me a Skog e tinha saudades do Norte do vale. Lourenço consolou-me e disse-me por fim: «Quando eu regressar, se já tiveres o nosso filho, poderás pedir-me o que quiseres: se for coisa que eu te possa dar, não pedirás

em vão.» Respondi-lhe então que lhe pediria para irmos viver na minha quinta. Isso não foi muito do seu agrado, e disse-me logo: «Não me podias pedir outra coisa mais importante?» Sorria ao pronunciar estas palavras e eu pensava: «Isto é que ele nunca me vai conceder.» Mas eu também achava natural que Lourenço não quisesse deixar Skog. Depois... como sabes, o teu irmão mais novo, Sigurd, não viveu uma hora... Halfdan baptizou-o e ele morreu logo a seguir. Teu pai regressou certa manhã muito cedo. Na véspera, soubera em Oslo o que lhe sucedera em casa e partiu a cavalo imediatamente. Eu ainda estava de cama, tão triste que nem me podia resolver a levantar; parecia-me até que nunca mais me levantaria. Deus me perdoe! Quando te trouxeram para a minha cama, voltei-me para a parede e não te quis ver, minha pobre filha. Mas Lourenço sentou-se na borda do leito ainda com a sua capa e espada e disse que íamos experimentar viver em Joerundgaard; foi assim que deixámos Skog. Deves compreender perfeitamente que não tenho vontade de morar aqui, agora que Lourenço desapareceu...

Ragnfrid trouxe o nené e pô-lo nos braços da filha. Retirou a tapeçaria de seda que tapava o leito de Cristina durante o dia, dobrou-a e guardou-a. Depois ficou uns momentos de pé, a olhar para a filha, e acariciou-lhe a espessa e dourada madeixa que lhe descia até ao seio.

— Teu pai perguntava-me muitas vezes se os teus cabelos se conservavam bonitos e compridos como antigamente. Ele sentia-se tão contente em ver que não tinhas perdido a beleza depois de haveres tido tantos filhos! Mostrava-se tão feliz, nestes últimos anos, por seres boa esposa, e mãe fresca e linda no meio dos teus filhinhos!

Por duas ou três vezes Cristina sufocou as suas lágrimas.

— E a mim, minha mãe, ele me dizia muitas vezes que havieis sido a melhor das esposas; e queria que vos repetisse estas palavras.

Calou-se, embaraçada. Ragnfrid sorriu e replicou docemente:

— Lourenço sabia muito bem que não precisava de encarregar ninguém de me exprimir a sua bondade. — Ragnfrid afagou a cabeça do neto e a mão da filha que rodeava o pequeno. — Mas talvez quisesse... Na realidade, Cristina, nunca senti ciúmes da ternura que teu pai mostrava por ti. É justo e razoável que gostasses mais dele do que de mim. Eras uma rapariguinha tão meiga e sossegada! Não apreciei bastante o facto de Deus me permitir que vivesses. Pensava mais naquele que eu perdera do que na que eu possuía... — Ragnfrid sentou-se na beira do leito. — Havia em Skog costumes muito diferentes dos da nossa casa. Não me lembro de que meu pai me tivesse alguma vez beijado; deu um beijo em minha mãe quando ela estava deitada no seu leito mortuário. A mãe beijava Gudrun na missa porque ela se achava a seu lado, depois, minha irmã beijava-me. A não ser isso, não tínhamos tais hábitos em nossa casa... Em Skog havia este costume: ao voltarmos da igreja onde tínhamos comungado, quando nos apeávamos dos nossos cavalos, no pátio, Bjoergulf beijava a mim e aos filhos na cara, mas nós beijávamos-lhe a mão. Em seguida todos os casais trocavam um beijo e depois apertávamos a mão aos criados que haviam assistido à missa, dirigindo mútuos votos por uma boa refeição. Lourenço e Aasmund usavam beijar a mão do pai quando este lhes dava prendas ou noutros casos desse género. Quando ele ou Inga entrava, os filhos levantavam-se e ficavam de pé até que eles os mandassem sentar. Aquilo, ao princípio, pareceu-me esquisito... Depois, durante os anos que vivi com teu pai, quando nos morreram os filhos e naquele tempo que tanto nos afligimos por causa de Ulvhild, foi bom para mim que Lourenço tivesse recebido essa educação e que me pudesse adaptar a costumes mais ternos, mais afectuosos.

Passados momentos Cristina volveu docemente:

— Nesse caso... o pai não chegou a ver Sigurd?

— Não — respondeu Ragnfrid no mesmo tom calmo. — Eu também não o vi durante o tempo que ele viveu.

Cristina esperou um pouco e em seguida retorquiu:

— Contudo, parece-me que tivestes muita coisa boa na vossa vida.

As lágrimas começaram a deslizar pelo rosto pálido de Ragnfrid Ivarsdatter:

— Sim, graças a Deus! É também assim que penso agora.

Pouco depois tirou do seio da mãe o menino que adormecera e deitou-o no berço. Prendeu a gola da camisa de Cristina com o brochezinho de filigrana, acariciou a cara da filha e convidou-a a dormir. Cristina levantou a mão:

— Mãe — chamou ela.

Ragnfrid inclinou-se, puxou a filha para si e beijou-a por várias vezes. Nunca tal fizera depois da morte de Ulvhild.

No dia seguinte estava um tempo esplêndido de Primavera. Cristina, atrás da esquina da casa, contemplava as colinas da montanha, do outro lado do rio. Flutuava no ar o perfume da vegetação, ouvia-se o sussurro dos ribeirinhos correndo em todas as direcções e os bosques e os prados eram puras manchas verdes.

Além, onde o caminho mergulhava na montanha, por cima de Laugarbru, luzia um tapete de centeio, viçoso e brilhante. Jon queimara uma mata de corte, no ano anterior, e o centeio fora semeado na terra assim preparada.

Quando o cortejo fúnebre chegasse a esse local é que ela o veria melhor.

O enterro apareceu junto à encosta pedregosa, acima da seara de centeio.

Cristina podia distinguir todos os padres que cavalgavam à frente; iam também fâmulos que levavam a cruz e os círios no grupo da vanguarda. Ela não conseguia ver as chamas à luz do Sol mas percebia-as como risquinhos brancos. Seguiam-se os dois cavalos que transportavam o caixão de Lourenço numa padiola armada entre eles; reconheceu Erlend no seu cavalo preto, a mãe, Simão e Ramborg, e muitos dos seus parentes e amigos no comprido cortejo.

Em dado momento ouviu claramente o cântico dos sacerdotes dominando o rumor do Laag, mas, depois, as vozes extinguiram-se sob o fragor do rio e do murmúrio dos regatos primaveris que deslizavam nos flancos da montanha. Cristina ficou de pé no mesmo lugar, com o olhar fixo, muito tempo depois de o último cavalo, que levava as bagagens, haver desaparecido para além da mata.

PARTE TERCEIRA

ERLEND NICOLAUSSOEN

I

RAGNFRID Ivarsdatter nem chegou a sobreviver dois anos ao marido; morreu no princípio do Inverno de 1332. A distância de Hamar a Skaun é tão comprida que, quando em Husaby souberam da sua morte, ela já estava enterrada há mais de um mês. Na altura do Pentecostes, Simão Andressoen veio a Husaby; tinha muita coisa a tratar com os parentes por causa da herança de Ragnfrid. Cristina Lavransdatter era agora a proprietária de Joerundgaard e ficou combinado que Simão tomaria a gerência dos bens dela e regularia as contas dos rendeiros; depois que a sogra fora para Hamar, ele é que administrava as terras que lhe pertenciam.

Nessa ocasião andava Erlend preocupado com certos negócios relativos ao seu cargo. No Outono precedente, um camponês de Forbregd, Huntjov, matara um vizinho pelo facto de este chamar feiticeira à mulher dele. O povo da terra levou amarrado o assassino ao juiz cantonal, e Erlend tomou-o sob a sua guarda e meteu-o num celeiro. Mas, como o frio aumentasse no fim do Inverno, deixou-o circular em liberdade no meio dos seus escudeiros. Huntjov acompanhara Erlend ao Norte na *Sereia* e patenteara então muita bravura. Quando Erlend mandou um relatório sobre o assunto e pediu um salvo-conduto para Huntjov, mostrou o acusado com o aspecto mais favorável, e como Ulf Haldorsoen garantira que Huntjov compareceria no dia fixado no tribunal de Orkedal, Erlend dera licença para o camponês ir à sua casa nas festas do Natal. Mas, depois, Huntjov e a mulher foram visitar o estalajadeiro de Drivdal — que era parente deles —

e desapareceram durante essa viagem. Erlend julgou que eles tivessem morrido no meio das furiosas tempestades que houve nessa época, mas muitas pessoas pretenderam que haviam fugido e que os homens do juiz bem poderiam correr que os não apanhariam. Novas coisas se souberam da vida dos desaparecidos: alguns anos antes, Huntjov matara um homem na montanha e escondera o cadáver debaixo dum monte de pedras: suspeitava que esse homem lhe tinha ferido a égua. Descobriu-se também que a mulher praticara a magia.

O padre de Updal e o representante do arcebispo fizeram um inquérito sobre essa acusação de feitiçaria. Resultaram daí tristes revelações a respeito da forma como os camponeses compreendiam o cristianismo na paróquia de Orkdoela. Tratava-se, sobretudo, de lugares afastados: Rennabu, a floresta de Updal; mas um velho de Budvik foi também chamado ao tribunal do arcebispo, em Nidaros. Erlend mostrou nisso tão pouco zelo que deu que falar. Era aquele velho Aan que morava perto do mar, abaixo de Husaby, e que quase podia ser contado como um dos criados da quinta de Erlend. Acusavam-no de praticar malas-artes e de ter consigo imagens diante das quais fazia sacrifícios. Mas nada disso acharam no seu casebre. Erlend e Ulf Haldorsoen encontravam-se em casa do velho quando ele morreu, e o povo dizia que eles decerto tinham feito desaparecer muitas coisas antes da chegada do padre. E, pensando bem, não fora a tia de Erlend acusada de magia, de adultério e da morte do marido? Mas a senhora Aashild Gautesdatter era demasiadamente inteligente e esperta e sem dúvida tinha amigos poderosos para que se pudesse tentar alguma coisa contra ela. Em seguida lembraram-se que Erlend, na sua mocidade, vivera de maneira pouco cristã e menosprezara as leis da Igreja...

O resultado disto tudo foi o arcebispo chamar Erlend Nicolaussoen a Nidaros para conferenciar com ele. Simão acompanhou o cunhado à cidade; tencionava ir buscar a

Ranhein o filho da irmã e levá-lo consigo para casa; assim, a mãe teria durante algum tempo o pequeno na sua companhia.

Havia uma multidão na cidade por causa da assembleia de Frosta que se devia realizar na semana seguinte em Nidaros. Quando os dois cunhados chegaram a casa do arcebispo e foram introduzidos no parlatório, estavam lá vários frades e alguns senhores laicos — entre outros o juiz da assembleia de Frosta, Harald Nicolaussoen, Olavo Hermansoen, juiz de Nidaros, o cavaleiro Buttorm Helgessoen, juiz de Jemtland, assim como Arne Gjavvaldsoen que veio logo ao encontro de Simão Darre e o saudou cordialmente. Arne levou Simão para o vão duma janela, onde se sentaram.

Simão não se sentia muito à vontade. Não tornara a encontrar Arne desde que estivera em Ranheim, dez anos antes, e, embora o tivessem recebido muito bem, aquela viagem e o assunto que o levara lá deixaram no seu espírito uma ferida mal cicatrizada.

Enquanto Arne fazia o elogio do moço Gjavvald, Simão tinha os olhos fixos em Erlend. Este falava com o tesoureiro do rei — chamava-se Baard Petersoen mas não era aparentado com a família de Hestne. Não se podia dizer que faltasse cortesia nas maneiras de Erlend; contudo mostrava grande desembaraço ao conversar com o velho senhor; balançava-se levemente na ponta dos pés e nos calcanhares, com as mãos cruzadas atrás das costas. Como sempre, tinha fato de cor escura, mas muito bonito: um gibão azul-violeta, fendido nos lados, que lhe moldava o corpo, cabeção preto com capuz lançado para trás, de tal maneira que se lhe via o forro de seda cinzenta, cinto incrustado de prata e botas altas vermelhas, muito justas, que lhe faziam realçar as pernas esbeltas e bem torneadas.

À luz intensa que entrava pelas vidraças, via-se perfeitamente que Erlend já tinha cabelos brancos nas têmporas. E em volta da boca e dos olhos o rosto fino e tisnado estava agora um tanto vincado de rugas; no pescoço comprido e

belo, de curva graciosa, haviam-se formado alguns sulcos. No entanto, parecia muito jovem no meio dos outros senhores, embora não fosse o mais novo dos assistentes. Mas conservava a esbelteza e desembaraço juvenis, e um aspecto leve e flexível, com certo ar indolente; o tesoureiro afastara-se e Erlend passeava na sala, com as mãos atrás das costas. Todos os outros senhores estavam sentados; conversavam em voz baixa. O passo leve de Erlend e o tinir das suas esporas de prata produziam demasiado barulho.

Por fim, um homem novo pediu-lhe com irritação que se sentasse:

— Não façais tanto ruído!

Erlend parou imediatamente, franziu as sobrancelhas, depois voltou-se a rir para aquele que falara:

— Aonde fostes beber ontem à noite, primo Jon, para estares hoje tão melindroso?

Dizendo isto, sentou-se. Como o juiz Harald se aproximasse, ele soergueu-se e assim ficou até o outro se sentar, mas, em seguida, instalou-se ao lado do juiz, traçou a perna e cruzou as mãos sobre o joelho, enquanto Harald falava.

Erlend contara muito francamente a Simão todos os aborrecimentos que tivera pelo facto de o assassino e a feiticeira lhe haverem escapado. Mas seria impossível encontrar homem com ar mais despreocupado do que Erlend quando este estava a tratar dessa questão com o juiz.

O arcebispo chegou. Foi conduzido ao lugar de honra por dois escudeiros que dispuseram coxins em volta dele. Simão nunca vira Eiliv Koortin. O arcebispo parecia idoso e fraco; dir-se-ia tiritar de frio, embora envergasse peliça e tivesse na cabeça um barrete guarnecido de peles. Quando chegou a sua vez, Erlend apresentou-lhe o cunhado e Simão pôs um joelho em terra enquanto beijava o anel do arcebispo. Erlend fizera o mesmo.

Mostrou-se polido e respeitoso quando depois se achou diante do prelado, após este haver conferenciado algum tempo com os outros senhores acerca de diversos assuntos.

Respondeu, porém, com ar bastante indiferente às perguntas que um dos cónegos lhe fez, e com ar cheio de confiança e de inocência.

Sim, já há muitos anos que ouvia falar dessas histórias de magia. Mas, enquanto ninguém se dirigisse a ele como magistrado, não tinha a obrigação de examinar pormenorizadamente todas as murmurações de mulheres, que corriam pelo país. Competia a um sacerdote inquirir se havia matéria para processo.

Aludiram ao velho que morara em Husaby e que acusavam de feiticeiro.

Erlend teve um leve sorriso. Sim, Aan era o primeiro a se gabar disso, mas Erlend nunca vira nada que provasse tal coisa. Desde pequeno que ouvia Aan falar de certas mulheres que ele designava por Haern, Skoegul e Snotra, mas sempre tomara por fantasia e brincadeira.

— Meu irmão Gunnulf e o nosso capelão Sira Eiliv interrogaram-no várias vezes, mas nada encontraram digno de censura. O velho ia à igreja aos domingos e sabia as orações cristãs.

Erlend nunca dera grande importância às bruxarias de Aan, mas depois que vira no Norte alguma coisa da magia da Lapónia compreendera que as práticas de Aan não passavam de pataratas.

Então o padre perguntou se, de facto, Erlend recebera um dia algum objecto de Aan — um objecto que lhe devia dar sorte no amor.

Sim, respondeu Erlend muito depressa e sorrindo. Tinha ele nessa altura quinze anos, fora pois há vinte e oito anos. Recebera um saquinho de cabedal com uma pedrinha branca e algumas tripas ressequidas de animais. Mas não acreditara em semelhante talismã e desembaraçara-se dele no ano seguinte, quando fizera parte da guarda do rei. Numa casa de banhos da cidade tinha, por brincadeira, mostrado esse pretenso feitiço a alguns companheiros. E então um dos moços da guarda viera ter com ele e quisera comprar-lho. Erlend dera-lho em troca duma bela navalha de barba.

Perguntaram-lhe quem era esse tal rapaz.

Ao princípio, Erlend não quis responder. Mas o próprio arcebispo insistiu em que ele falasse. Erlend olhou para o céu com um fulgor irónico nos seus olhos azuis:

— Foi o cavaleiro Ivan Ogmundsoen...

Uma expressão de surpresa se desenhou em todos os rostos. O velho Guttorm Helgessoen fez ouvir um grunhido. O arcebispo disfarçou um sorriso. Então Erlend arriscou-se a dizer, de olhos baixos e mordendo um pouco o lábio inferior:

— Monsenhor, não quereis certamente inquietar o bom cavaleiro com essa velha história. Conforme vos disse, nem eu próprio tinha muita fé nesse talismã, e nunca notei que, pelo facto de lhe dar esse objecto, isso fizesse diferença a nenhum de nós.

Guttorm emitiu novo grunhido, de tal forma que os assistentes, um após outro, desataram a rir. O arcebispo soltava uns gritinhos, tossia e meneava a cabeça. Ninguém ignorava que Ivan sempre patenteara a melhor vontade, mas pouco êxito em certos assuntos...

Ao fim duns momentos, um dos frades recuperou o sangue-frio e lembrou que estavam reunidos a fim de falarem sobre coisas sérias. Erlend inquiriu com certa ironia se haviam apresentado alguma queixa contra ele e se aquilo era um interrogatório; quanto a si, compreendera apenas que o haviam convocado para uma conferência. Porém Guttorm Helgessoen causou perturbação na assistência quando, de repente, desatou em risadas que procurava conter.

No dia seguinte, enquanto os dois cunhados, depois de haverem deixado Ranheim, voltavam a cavalo para casa, Simão falou daquele assunto. Achava que Erlend não se preocupara nada com o caso; por seu lado, percebera que vários daqueles grandes senhores mostravam desejo de lhe pregar alguma partida, se tivesssem meios para isso.

Erlend retorquiu dizendo saber que lhes não faltava vontade e que o fariam, se pudessem. Agora, no Norte, a maioria estava pelo chanceler — excepto o arcebispo, em quem Erlend

tinha um amigo fiel. Mas o comportamento de Erlend coadunava-se com a lei; em todos os negócios se aconselhava com Kloeng Aressoen, bom jurisconsulto. Erlend, desta vez, falava a sério, sorrindo de forma evasiva ao declarar que ninguém esperava certamente que ele demonstrasse tal inteligência nos assuntos que tratava; nem os seus mais queridos amigos da região nem aqueles senhores do conselho. Aliás, não tinha a certeza de continuar o seu cargo, se lhe quisessem impor condições diferentes daquelas que ele tivera quando Erling Vidkunsoen se encontrava como dirigente. A sua situação, na actualidade, sobretudo depois da morte dos sogros, dispensava os favores dos que haviam alcançado o poder quando o rei fora declarado maior. A esse rapaz perverso bem o podiam declarar maior: não se tornaria mais viril por isso. Verificar-se-ia mais depressa o que ele era — assim como àqueles senhores que governavam com ele. O povo testemunharia que Erlend vira bem as coisas. Custaria caro à Noruega se o rei Magnus quisesse pôr a Escânia sob o domínio sueco e, inevitàvelmente, surgiria a guerra com os Dinamarqueses logo que um homem, alemão ou dinamarquês, tivesse poder na Noruega. E, quanto à paz no Norte, que devia durar uns dez anos, já se passara metade desse prazo, e não se sabia se os Russos observariam ainda muito tempo a convenção. Erlend julgava que não, e Erling também. Sem dúvida que o chanceler Paulo era homem instruído e sensato, em muitos pontos de vista... Mas aqueles senhores do Conselho, que o haviam tomado por chefe, não tinham mais juízo do que o cavalo preto de Erlend. Enfim, desembaraçaram-se de Erling, até nova ordem. E, até nova ordem, também Erling poderia conservar-se à parte. Mas este e os amigos preferiam que Erlend continuasse com o seu poder e riqueza lá no Norte, de sorte que estava um tanto indeciso...

— Parece-me que repetes a cantilena de Erling — observou Simão, sem se poder conter.

Erlend respondeu que era verdade. Estivera no Verão

anterior na quinta do cavaleiro Erling e aprendera a conhecer melhor o homem. Na realidade, Erling queria manter a paz no país. Mas queria, além disso, que o poder norueguês se exprimisse pela paz do leão; era preciso que ninguém quebrasse um dente nem cortasse uma garra do leão do rei Haakon, nem que esse leão degenerasse em cão de caça para outro povo. Aliás, Erling empenhava-se, agora, em acabar com as antigas disputas entre os Noruegueses e a senhora Ingebjoerg, que enviuvara, e só se podia desejar que voltasse a ter algum domínio sobre o filho. De facto, votava tão extraordinário amor aos filhos, que tivera de Knut Porse, que parecia haver esquecido um tanto o primogénito, mas decerto o caso mudaria de figura quando se tornasse a encontrar com ele. E, na realidade, a senhora Ingebjoerg não possuía razão nenhuma para querer que o rei Magnus se misturasse às agitações da Escânia com o pretexto de que os irmãos uterinos tinham aí os seus feudos.

Simão via que Erlend estava muito bem informado. Mas Erling Vidkunsoen é que principalmente o espantava... O ex-mordomo-mor acreditaria que Erlend Nicolaussoen tinha qualidades para julgar semelhantes coisas? Ou procurava apoio fosse em quem fosse? O cavaleiro de Bjarkoe dificilmente renunciava ao seu poder. Nunca mostrara servir-se dele para seu interesse pessoal, mas também não se achara em situação de precisar disso. E toda a gente dizia que ele cada vez estava mais obstinado e voluntarioso, e, conforme os outros senhores do conselho do reino haviam tentado revoltar-se contra Erling, este tornara-se tão autoritário que a custo consentia escutar a palavra de outro homem.

Calhara a Erlend ter saltado, por assim dizer, a pés juntos para bordo do barco de Erling Vidkunsoen quando o ex-mordomo-mor encontrara vento pela proa, e não se podia saber se era vantajoso para qualquer deles que Erlend parecesse haver tomado deliberadamente o partido do endinheirado parente. No entanto, Simão tinha de confessar a si

próprio que, por muito imprudente que fosse em geral a linguagem do cunhado quando se referia a pessoas e a factos, as suas palavras não eram desprovidas de sensatez.

A noite, porém, Erlend estava numa alegria doida e expansiva. Encontrava-se agora em Nicolausgaard, quinta que o irmão lhe havia dado quando entrara para o convento. Cristina também ali se achava com três filhos, os dois mais velhos e o mais novo, assim como Margret.

Já tarde, entrou um grupo de pessoas entre as quais vários dos senhores que na véspera haviam assistido à deliberação do arcebispo. Erlend mostrava-se risonho e barulhento à mesa onde bebiam depois da ceia. Tirara uma maçã duma taça, descascara-a em espiral com a sua faca e, depois, lançara-a para os joelhos da senhora Sunniva Olavsdatter, que estava sentada em frente dele.

A vizinha da senhora Sunniva quis meter-se na brincadeira e tirar-lhe a maçã; a outra recusou largá-la, e ambas se entregaram a uma cenazinha de pugilato no meio de risadas e de gritos. Mar Erlend interveio e disse que a senhora Eyvor também devia receber uma maçã. Daí a pouco tinha ele atirado maçãs a todas as mulheres presentes, e em cada uma, disse ele, gravara runas de amor.

— Vais ficar depenado se tens de te desligar de todas essas promessas — gritou um homem.

— Nesse caso não me desligarei... o que já me aconteceu — ripostou Erlend, enquanto esfuziavam novas gargalhadas.

Entretanto o islandês Kloeng examinara uma das maçãs e declarou que não eram runas o que lá estava mas sim garatujas sem significação. Ia mostrar-lhes como se gravavam verdadeiras runas. Erlend gritou-lhe que não fizesse tal:

— São capazes de me pedirem que te ate as mãos, Kloeng, e sem ti não posso sair-me bem do caso...

Durante toda esta confusão, o filho mais novo de Cristina entrara na sala e corria, aos tropeções, cá e lá. Lourenço Erlendsoen tinha agora dois anos; era uma linda criança

rechonchuda, com cabelos louros, finos como seda e encaracolados. As mulheres, sentadas no banco exterior, quiseram logo pegar no pequeno; passaram-no de mão em mão, acariciando-o, bastante desajeitadamente porque todas estavam um tanto alegres e excitadas pela bebida. Cristina, sentada no lugar de honra junto do marido, reclamou, em vão, o pequeno, que, aliás, choramingava e queria ir para o colo da mãe.

Bruscamente Erlend saltou por cima da mesa e pegou no filho que gritava porque a senhora Sunniva e a senhora Eyvor o puxavam e disputavam. O pai, com o petiz nos braços, dirigiu-lhe palavras afectuosas, e, como ele ainda chorasse, pôs-se a cantarolar para o adormecer, passeando na penumbra da sala. Parecia ter esquecido por completo os hóspedes. A cabecinha loura da criança repousava no ombro do pai, sob a cabeleira negra de Erlend, enquanto este beijava ao de leve a mãozinha que se lhe apoiava no peito. Assim esteve até entrar a criada que devia tomar conta do pequeno e tê-lo deitado já há muito tempo.

Um dos convivas propôs então a Erlend que cantase uma ária de dança — ele possuía uma voz tão bonita! De começo, Erlend recusou, mas acabou por ir buscar a filha, sentada no banco do lado de fora da mesa.

— Anda, minha Margret, vem dançar com teu pai!

Um rapaz avançou e pegou na mão da rapariga:

— Margret prometeu dançar comigo esta noite...

Erlend soergueu a filha nos braços e pô-la do outro lado.

— Tu, Haakon, dança com tua mulher! Quando eu era recém-casado como tu não dançava com as outras...

— Ingebjoerg diz que não pode e eu prometi a Haakon dançar com ele, pai — atalhou Margret.

Simão Darre não queria dançar. Ficou uns momentos junto duma velha, a ver o baile. De vez em quando relanceava os olhos por Cristina. Esta, enquanto as criadas desembaraçavam e limpavam a mesa e traziam cerveja e nozes de Itália, conservava-se de pé, vigilante e atenta. Depois, veio sentar-se perto da lareira e falou com um padre que era do

número dos convivas. Daí a pouco Simão instalou-se ao lado deles.

Haviam dançado ao som duma canção ou duas quando Erlend se aproximou da mulher.

— Vem dançar connosco, Cristina — pediu ele, agarrando-lhe na mão.

— Estou cansada.

— Convida-a tu, Simão... ela não pode negar-se a dançar contigo.

Simão levantou-se e estendeu a mão, mas Cristina abanou a cabeça:

— Não insistas, Simão, estou tão fatigada!

Erlend esperava; parecia contrariado. Em seguida voltou-lhe as costas e foi buscar a senhora Sunniva; entrou com ela na roda enquanto gritava que Margret podia agora cantar-lhes uma ária.

— Com quem está a dançar a tua enteada? — perguntou Simão. Dizia consigo que aquela fisionomia lhe não agradava muito, embora fosse um belo e viril moço de pele morena, possuidor de bonitos dentes e de olhos lustrosos mas muito unidos; tinha a boca e o queixo grandes e voluntariosos, e a testa estreita. Cristina respondeu-lhe que era Haakon Eindridessoen, de Gimsar, juiz da paróquia de Gauldoela. Haakon tinha casado há pouco com aquela mulher nova e bonita que estava sentada nos joelhos do juiz Olavo, seu padrinho.

Simão reparara nela porque se parecia com a sua primeira mulher, embora não fosse tão formosa. Quando soube que era parenta afastada, foi saudar Ingebjoerg e sentou-se ao lado dela para lhe falar.

A ronda desmanchou-se para uma pausa. Os mais idosos agruparam-se para beber; a gente moça continuou a cantar e a se divertir na sala. Erlend aproximou-se do fogão com alguns homens de idade, mas levava sempre a senhora Sunniva pela mão, como se estivesse distraído. Sentaram-se em redor do lume; a mulher não tinha lugar mas conservou-se de pé em frente de Erlend, comendo nozes que ele partira entre os dedos.

— Não és cortês, Erlend — disse Sunniva de repente. — Estás aí muito bem sentado enquanto eu estou de pé diante de ti...

— Senta-te — exclamou Erlend, puxando-a para cima dos joelhos.

Ela debateu-se, riu, e chamou a mulher de Erlend perguntando-lhe se via como o marido se comportava.

— Erlend faz isso porque é bondoso — respondeu Cristina, rindo. — Nunca a minha gata se lhe roça pelas pernas que ele a não pegue ao colo.

Erlend e Sunniva continuaram sentados como antes e fingiram não ter ouvido nada, mas ambos coraram. Ele tinha o braço frouxamente passado em volta da cintura da senhora Sunniva, como se nem desse pela sua presença, enquanto falava aos homens daquela inimizade entre Erling Vidkunsoen e o chanceler Paulo, inimizade que preocupava toda a gente. Erlend disse que Paulo Baardsoen patenteara muitas vezes os sentimentos que tinha a respeito de Erling, por quem nutria uma ternura «maternal». E ia citar-lhes um exemplo.

No Verão do ano anterior um dos rapazes da quinta de Finnen fora à assembleia dos chefes para se pôr à disposição do rei. O pobre rapazola de Voss fez todos os esforços para se iniciar nos costumes da corte e adquirir as maneiras dos cortesãos; devia pois adornar a sua linguagem com palavras suecas — «na minha mocidade estava em moda o francês, mas agora é o sueco». — Foi assim que num belo dia ele perguntou aos camaradas o que significava em norueguês a palavra sueca *traakig* (maçador). O cavaleiro Paulo, que o ouviu, disse-lhe: «*Traakig*, meu primo, é a palavra que melhor convém à senhora Eline, esposa do cavaleiro Erling». O nosso moço de Finnen interpretou pois *traakig* por bonita ou gentil, porque era a ideia que fazia dela, sem dúvida por não haver tido muitas ocasiões de a ouvir parolar. Mas, um dia, Erling encontrou-o na escada do átrio; deteve o rapaz, falou-lhe amigàvelmente, inquiriu se ele se dava na cidade, etc., etc. Por fim disse-lhe que transmitisse os seus

cumprimentos ao pai. O moço agradeceu e retorquiu que o pai teria grande prazer, quando regressasse, de receber os cumprimentos «da vossa boca, meu caro senhor, e da vossa *traakig* esposa». Resultou daí ele apanhar de Erling tamanha bofetada que o pobre do rapaz caiu de escantilhão pela escada abaixo até que um homem o aparou nos braços. Seguiu-se grande confusão, apareceu gente e apurou-se o caso. Erling estava furioso — claro que aquilo provocou troça tremenda, mas ele fez de conta que não percebia. E o chanceler contentou-se com rir e dizer que mais valera explicar que *traakig* era uma palavra que se aplicava muito bem ao mordomo-mor... Dessa forma, decerto que o rapaz se não teria equivocado.

A opinião geral foi que o chanceler procedera indignamente, mas muitos riam do caso. Simão escutava, calado, com a cara apoiada na mão. Achava que Erlend testemunhava de maneira esquisita a sua amizade por Erling Vidkunsoen. Aquela história demonstrava a falta de senso de Erling em julgar que um rapazola recentemente chegado da sua terra ousava troçar dele cara a cara na escada do átrio do paço. E Simão não esperava que Erlend contasse aquilo, na sua qualidade de parente da senhora Eline e do cavaleiro Erling.

— Em que estás a pensar, Cristina? — perguntou Erlend à mulher que permanecia silenciosa, com o corpo direito e os dedos entrelaçados sobre os joelhos.

— Pensava em Margret — respondeu ela.

Ia alta a noite quando Simão e Erlend saíram para o pátio e, com a sua presença, assustaram duas pessoas que se achavam atrás da esquina da casa. A noite estava tão clara como se fosse dia, e Simão reconheceu Haakon de Gimsar e Margret Erlendsdatter. Erlend seguiu-os com os olhos (bebera relativamente pouco) e Simão percebeu que aquilo não agradava ao outro, mas explicou em tom indulgente que os dois jovens se conheciam desde a mais tenra idade e que sempre haviam sido amigos. Simão dizia de si para si que mesmo

que não houvesse nada de mau naquilo, era, apesar de tudo, digna de lástima a senhora Ingebjoerg.

Mas, no dia seguinte, Haakon apareceu em Nicolausgaard e perguntou por Margret. Erlend exaltou-se:

— Não trates a minha filha por Margret. E se não lhe disseste tudo ontem, guarda para ti o que lhe tens a dizer...

Haakon encolheu os ombros e, ao partir, pediu a Erlend que entregasse da sua parte saudações a *Margareta*.

Os moradores de Husaby ficaram em Nidaros durante a assembleia; Simão não gostou muito de lá estar. Erlend andava aborrecido desde que se encontrava na sua casa da cidade porque Gunnulf concedera ao hospital, situado do outro lado do pomar, a serventia de algumas das casas que ficavam dessa banda e também certos direitos relativos ao jardim. Erlend quis por fim resgatar esses direitos do hospital; detestava ver os doentes no jardim e no pátio da quinta; muitos deles eram repugnantes à vista, e ele receava o contágio por causa dos filhos. Contudo, não conseguia chegar a um acordo com os frades que dirigiam o hospital.

Demais, havia a história da filha. Simão notava que murmuravam dela e que Cristina se afligia com isso, mas o pai parecia indiferente; possuía, sem dúvida, a certeza de que podia proteger a filha e não dava ao caso grande importância. Entretanto contou um dia a Simão que Kloeng Aressoen mostrava desejo de casar com Margret mas que ele não sabia como agir nesse assunto. O islandês era filho dum padre e seria de lastimar que se pudesse dizer dos filhos de Margret que o nascimento de cada um dos pais fora marcado de ilegitimidade. Fora disso, Kloeng era homem simpático, alegre, inteligente e muito instruído. O pai dele, Sira Are, é que o educara; tencionava fazer do filho um sacerdote, e tratara de obter a dispensa, mas Kloeng não quisera ser ordenado. Erlend parecia disposto a deixar as coisas naquele pé: se não se apresentasse um partido mais vantajoso daria então a filha a Kloeng Aressoen.

Por outro lado, Erlend já tivera o ensejo duma bela proposta de casamento para a filha e o povo rosnava do seu orgulho e da sua insensatez em havê-lo deixado escapar. Tratava-se dum neto do barão Sigvat de Leirhole e chamava-se Sigmund Finsoen; não era rico, pois Finn tinha onze filhos vivos, nem muito novo (mais ou menos da idade de Erlend) mas toda a gente o respeitava e o considerava homem de bom-senso. Com as terras que Erlend dera à filha quando desposara Cristina Lavransdatter e todas as jóias e objectos preciosos que ele lhe oferecera no decorrer dos anos juntamente com o dote combinado, Margret viveria na abastança. Por isso Erlend acolhera com grande alegria a ideia dum tal pretendente para a sua filha ilegítima. Mas, quando apresentou o noivo à filha, esta disse que o não queria porque ele tinha verrugas na pálpebra e que isso lhe repugnava. Erlend não foi mais longe e, quando Sigmund se zangou e falou da ruptura do contrato, Erlend exaltou-se também e o outro foi obrigado a compreender que todos os contratos dependiam da aceitação da rapariga; a filha de Erlend não seria levada à força para o leito nupcial. Cristina concordava nisso com o marido: não devia constranger a rapariga. Mas, apesar de tudo, achava que Erlend poderia falar sèriamente com a filha e fazer-lhe compreender que dificilmente, em vista do seu nascimento ilegítimo, conseguiria encontrar melhor partido do que Sigmund Finsoen. Erlend, porém, agastou-se com a mulher só pelo facto de ela se atrever a falar daquilo. Simão ouvira contar este caso em Ranheim. Toda a gente previa que a coisa não ia acabar bem. Evidentemente que Erlend era na actualidade um homem poderoso e ela uma moça bonita, mas não podia ser bom para Margret o pai havê-la amimado e cedido aos seus caprichos e orgulho durante todos aqueles anos.

Depois da assembleia de Frosta, Erlend voltou para Husaby com a mulher, os filhos e Simão Darre, que tinha agora consigo o sobrinho Bjavvald Gjavvaldsoen. Receava

ele que o regresso do pequeno, com que Sigrid tanto se alegrava, não decorresse muito bem. Sigrid de Kruke vivia em belas condições, tinha do marido três lindos filhos e fora o próprio Germund, o melhor homem que havia no mundo, quem pedira ao cunhado que trouxesse Gjavvald ao Sul para que a mãe o pudesse ver, pois a ideia daquela criança nunca abandonava Sigrid. Mas Gjavvald criara-se nos hábitos dos avós paternos; os velhos gostavam do neto duma forma insensata, davam-lhe tudo o que ele queria e cediam a todos os seus caprichos... Em Kruke não seria a mesma coisa do que em Ranheim. Não se devia esperar que Geirmund achasse bem que o filho ilegítimo da mulher, estando em casa deles, tivesse os hábitos dum príncipe, com um escudeiro particular, homem de idade que o pequeno governava e levava para onde queria, e que não ousava abrir a boca perante os disparates do garoto. Mas, para os filhos de Erlend, foram dias de festa quando Gjavvald chegou à quinta. Erlend pensava que os filhos não podiam deixar-se ficar atrás do neto de Arne Gjavvaldsoen, e assim Naakkve e Bjoergulf obtiveram do pai que lhes oferecesse coisas iguais às que o seu convidado possuía.

Como os mais velhos já eram bastante crescidos para viajarem e montarem a cavalo com Erlend, ele levava-os muitas vezes consigo. Simão reparou que Cristina não sentia alegria com isso, não achava bom tudo o que eles aprendiam na convivência com os escudeiros do pai. Era sobretudo por causa dos filhos que os esposos trocavam palavras agridoces; embora não tomasse o aspecto duma verdadeira discussão, muitas vezes irritavam-se mais do que seria conveniente. E parecia a Simão que Cristina era, em geral, a causadora de tudo aquilo. Erlend exaltava-se com facilidade, mas em muitas ocasiões ela falava como se estivesse sob o império dum ódio profundo e secreto. Assim foi o caso, quando num dia exprimiu qualquer queixa a respeito de Naakkve. O marido respondeu que ia admoestar o pequeno. Seguiu-se uma observação de Cristina que o enfureceu e o

fez dizer que não podia moer de pancadas o filho mais velho por causa dos criados.

— Claro que não, agora é tarde de mais. Se fizesses isso quando ele era mais novo, dar-te-ia ouvidos presentemente. Mas, nessa altura, nem sequer olhavas para ele.

— É possível. É muito natural que eu o deixasse debaixo da tua vigilância quando ele era miúdo... Não compete a um homem bater nas crianças que não usam ainda calções.

— Não era assim que pensavas na semana passada — retorquiu Cristina com ironia e azedume.

Erlend não respondeu, levantou-se e saiu. Simão achou pouco dignas as palavras de Cristina. Referia-se ela a um facto que se dera na semana precedente. Erlend e Simão entravam a cavalo no pátio, quando o pequeno Lourenço correu ao encontro deles com uma espada de madeira na mão e, ao passar adiante do cavalo que o pai montava, deu-lhe, por travessura, uma espadeirada na perna. O cavalo empinou-se e o petiz rolou debaixo dele. Erlend fez um movimento de recuo e impeliu o cavalo para o lado, lançando as rédeas a Simão. Tinha o rosto branco de terror quando pegou no pequeno ao colo. Mas, ao ver que ele não se magoara, meteu-o sob o braço esquerdo, e, com a espada de madeira, deu-lhe uma surra de açoites — a criança não usava ainda calções. No primeiro acesso de cólera, Erlend não viu como tinha a mão pesada; Lourenço ficou com o traseirinho dum azul esverdinhado. Em todo o dia Erlend esforçou-se por readquirir a amizade do filho, mas este agarrava-se à mãe, batendo no pai ou ameaçando-o. E depois de Lourenço estar deitado no leito conjugal onde dormia (porque a mãe ainda o amamentava de noite) Erlend conservou-se num canto da cama durante todo o serão; não cessava porém de tocar ao de leve no filho adormecido e de o contemplar. Confessou a Simão que, de todos os filhos, era desse que mais gostava.

Quando Erlend foi às assembleias de Verão, Simão tomou o caminho de casa. Partiu para o Sul, seguindo pelo Gauldal,

com tal rapidez que as faíscas saltavam das ferraduras dos cavalos. Quando cavalgavam mais devagar, ao subirem uma encosta, os escudeiros perguntaram-lhe, rindo, se tencionava fazer em dois dias o trajecto que levava três a percorrer. Simão riu por sua vez e disse que bem o desejaria, «pois tinha saudades de Formo».

Isso sempre lhe acontecia quando se ausentava durante algum tempo da quinta. Gostava da sua casa e experimentava grande felicidade no regresso. Mas parecia-lhe que nunca desejara tanto tornar a ver o vale onde habitava, a quinta, as filhas e também Ramborg. No íntimo achava absurdo sentir esse desejo tão fortemente, mas andara num tal estado de espírito em Husaby que lhe parecia compreender agora o que os animais sentem no corpo quando se prepara uma tempestade.

II

DURANTE todo o Estio, Cristina não pensou noutra coisa senão no que Simão lhe contara a respeito da morte da mãe dela.

Ragnfrid Ivarsdatter morrera sòzinha — ninguém se encontrava a seu lado quando ela entregara a alma ao Criador, excepto uma velha criada, que dormia. Simão dizia que ela estava bem preparada para a morte, mas isso era inútil dizê-lo... Como por uma intervenção especial da Providência, alguns dias, antes do seu falecimento, sentira tal desejo de comungar que, depois de se haver confessado, recebera o corpo do Senhor das mãos do padre do convento, — seu director espiritual. Tivera, decerto, uma morte serena. Simão vira o cadáver e dizia que conservava dele uma recordação impressionante. Estava linda no seu caixão; o rosto, há muito sulcado de rugas, transformara-se completamente, rejuvenescido e liso; dir-se-ia uma jovem adormecida; haviam-na sepultado ao lado do marido; as cinzas de Ulvhild Lavransdatter tinham também sido transportadas para ali pouco tempo depois da morte do pai. Sobre as sepulturas haviam colocado uma grande laje de pedra dividida em duas por uma bela cruz esculpida, e na fita que a enlaçava tinham inscrito um longo versículo latino composto pelo prior do convento, mas Simão não conseguia reproduzi-lo porque não compreendia muito bem aquela língua.

Ragnfrid tivera uma casa sua na quinta da parte alta da cidade onde moravam os pensionistas do convento: uma sala e, por cima, um lindo quarto. Ali ficara, só com uma camponesa viúva que se retirara para o convento onde pa-

gava uma pensão mínima, pondo-se à disposição de algumas pensionistas ricas. Aliás, nos últimos seis meses, fora Ragnfrid quem estivera ao serviço da viúva, pois esta — que se chamava Torgunna — andava adoentada, e Ragnfrid tratava-a com muita ternura e cuidado.

Na derradeira noite da sua vida, Ragnfrid estivera nos ofícios nocturnos da igreja do convento e, à volta, entrara na cozinha das pensionistas; preparara uma boa sopa onde deitara alguns fortificantes, e dissera às outras mulheres, que ali se encontravam, que a queria dar a Torgunna; esperava que a velhota estivesse melhor no dia seguinte e a acompanhasse às matinas. Foi a última vez que viram com vida a viúva de Joerundgaard. Nem ela nem a camponesa foram às matinas nem tão-pouco compareceram à hora de prima. Uma das freiras do coro notou que Ragnfrid também não assistia à missa do dia e, como ela nunca faltara, mandaram um mensageiro saber se a viúva de Lourenço Bjoergulfsoen estaria doente. Quando penetraram no quarto encontraram a escudela de sopa intacta em cima da mesa. Na cama, encostada à parede, Torgunna dormia pacìficamente, enquanto Ragnfrid Ivarsdatter estava estirada de encontro à madeira do leito, com as mãos cruzadas sobre o peito, morta e já quase fria. Simão e Ramborg acompanharam o enterro, que foi imponentíssimo.

Agora, que havia em Husaby grande número de criados e que Cristina era mãe de seis filhos, não podia ela tomar parte em todos os trabalhos da casa. Tinha uma mulher de confiança, o que lhe permitia ficar muitas vezes sentada no átrio, ocupada a costurar; havia sempre alguém que precisava de fato: Erlend, Margret ou os pequenos.

A última vez que ela vira a mãe fora quando esta seguia, a cavalo, o caixão do marido, naquela luminosa manhã de Primavera em que Cristina se encontrava no prado diante de Joerundgaard a observar o enterro do pai, que contornava o tapete verdejante do centeio, por baixo da encosta pedregosa.

Enquanto a agulha de Cristina corria, corria, ela pensava nos pais e na sua casa de Joerundgaard. Agora, que nada restava senão a saudade, parecia-lhe descobrir uma imensidade de coisas em que nunca reparara quando vivia no meio delas; achava então muito natural a ternura e solicitude do pai e a constante e tranquila aplicação ao trabalho da mãe silenciosa e melancólica. Cristina pensava nos filhos, que lhe eram mais caros do que o sangue do seu coração e que lhe não largavam o pensamento um só instante, enquanto estava acordada. Havia no seu espírito outros assuntos em que ela meditava mais — pois amava os filhos sem apresentar a si própria problema a respeito deles. Quanto a ela, durante todo o tempo que morara em Joerundgaard sempre se persuadira de que a vida dos pais, em pensamento e acções, se concentrava na sua pessoa e nas irmãs. Julgava compreender que entre aqueles dois entes — que na juventude haviam sido empurrados um para o outro, sem mesmo serem consultados — tinham corrido impetuosas correntes de tristeza e de alegria; ela, porém, *sabia* apenas que ambos haviam desaparecido, juntos, da sua vida. Sim, percebia agora que a existência desses dois seres encerra muitas outras coisas além da afeição pelos filhos, e todavia esse amor fora forte, vasto, duma profundeza infinita, enquanto ela lhes dedicava um amor frouxo, irreflectido, egoísta, mesmo em pequena, quando os pais eram, para a filha, o universo inteiro. E via-se a si própria, a uma distância longínqua, quase sumida no tempo e no espaço, inundada pela luz do Sol, que se introduzia pelo buraco do fumeiro na velha sala de Inverno. Os pais conservavam-se um pouco afastados, na penumbra; tomavam as dimensões fantásticas que eles tinham aos seus olhos de criança, e sorriam-lhe como ela sabia que sorrimos quando chega uma criancinha que nos expulsa os pensamentos tristes e pesados.

«Disse de mim para mim, Cristina, que, quando tivesses filhos, me compreenderias melhor...»

Lembrava-se destas palavras da mãe. A filha pensava

nisso com tristeza — não que compreendesse melhor, mas começava a notar que muitas coisas existiam que ela não compreendia.

Nesse Outono morreu o arcebispo Eiliv. Quase na mesma época o rei Magnus mandou modificar a condição de vários juízes cantonais do país, mas não a de Erlend Nicolaussoen. Quando, no Verão passado, se encontrava em Bjoergvin, durante a menoridade do rei, Erlend fora avisado por carta oficial que receberia a quarta parte das multas pagas em casos de assassínio e outros crimes. Dera muito que falar o facto de ele obter semelhantes vantagens no fim duma regência. Erlend tinha avultados rendimentos, pois possuía agora muitas terras na província e ficava geralmente nas suas quintas quando viajava por motivo das funções que exercia, mas consentia que os seus rendeiros se isentassem, mediante certa quantia de dinheiro, da obrigação de alojamento. Para dizer a verdade, ele pouco recebia das rendas das propriedades e levava um género de vida dispendioso; nunca tinha menos de doze escudeiros armados à sua volta em Husaby; esses homens, perfeitamente equipados, montavam os melhores cavalos e, em digressões oficiais, ficavam a cargo de Erlend.

Falavam desse assunto certo dia em que o juiz Harald e o juiz cantonal de Gauldoela se encontravam em Husaby. Erlend respondeu que muitos dos seus escudeiros o haviam acompanhado ao Norte do país.

— Nessa altura, partilhávamos o regime de vida que lá se impunha: peixe seco e cerveja amarga. Agora, esses homens, que eu visto e alimento, sabem que não lhes regateio pão branco e cerveja da melhor, e, se os mando para o diabo quando me zango, compreendem, apesar de tudo, que não tenciono pô-los a andar sem que eu vá à frente...

Ulf Haldorsoen, o primeiro escudeiro de Erlend, confirmou mais tarde a Cristina ser aquilo verdade. Os homens de Erlend estimavam-no e ele tinha-os na mão.

— Sabes muito bem, Cristina, que ninguém deve fazer muita conta do que Erlend diz mas sim do que ele faz.

Por outro lado, contava-se que Erlend, além dos seus escudeiros particulares, tinha homens no país, mesmo fora da paróquia de Orkdoela, os quais tomara ao seu serviço fazendo-lhes prestar juramento sobre o punho da sua espada. O rei acabou por lhe mandar uma carta falando desse assunto, mas Erlend respondeu que os tais homens haviam constituído a sua equipagem e que lhes fizera prestar juramento no primeiro ano que navegara para o Norte. Intimaram-lhe em seguida a ordem de licenciar esses homens na primeira assembleia que reunisse para publicar o julgamento e a decisão do supremo conselho: deveria ele convocar nessa assembleia também os homens estranhos à paróquia e pagar-lhes as despesas de deslocação. Na assembleia de Orkedal, Erlend convocou efectivamente alguns dos seus velhos lobos-do-mar de além-Moere — mas não constou que os houvesse licenciado, nem a eles nem a outros de quem Erlend fora chefe. No entanto, o assunto não tornou a ser discutido e, depois do Outono, já ninguém falava disso.

Erlend partiu para o Sul do país e ficou durante as festas do Natal na residência do rei Magnus, que nesse ano se encontrava em Oslo. Erlend sentia-se descontente por não levar consigo a mulher; ela, porém, não tivera coragem de afrontar a penosa viagem de Inverno e ficara em Husaby.

Erlend regressou três semanas depois do Natal, trazendo lindos presentes para a mulher e para todos os filhos. Cristina recebeu uma sineta de prata para chamar as criadas, e Margret um broche de ouro, coisa que ela não possuía ainda, embora tivesse todas as espécies de jóias de prata e de metal dourado. Mas, quando as mulheres quiseram guardar nos seus escrínios todos esses objectos preciosos, houve qualquer coisa que se prendeu à manga de Margret. A rapariga fez um gesto rápido para o esconder com a mão, enquanto dizia à madrasta:

— Herdei isto de minha mãe. Por esse motivo é que o pai não quer que eu to mostre.

Cristina ainda corara mais do que a rapariga. O coração batia-lhe de angústia, mas achou que devia advertir a enteada, por qualquer insinuação.

Passados momentos, disse com voz doce e trémula:

— É igual ao broche de ouro que a senhora Helga de Gimsar usava sempre nas grandes cerimónias...

— Oh! Há muitos objectos de ouro semelhantes — respondeu a moça, com secura.

Cristina fechou à chave o seu estojo e continuou de pé com as mãos apoiadas na tampa, para que Margret não pudesse vê-las tremer.

— Minha querida Margret — começou ela com voz calma e meiga; teve de parar, mas depois reuniu todas as suas forças. — Minha Margret, tenho sentido amargos remorsos... Nunca gozei de felicidade antes de meu pai me haver perdoado o desgosto que lhe causei... Sabes que por amor de teu pai pequei gravemente contra meus pais. Mas, quanto mais vivo, melhor compreendo e mais pesada se torna para mim a ideia de que recompensei a bondade deles causando-lhes desgosto. Minha Margret, teu pai sempre foi bom para ti...

— Nada temas — respondeu a rapariga. — Não sou tua filha; não tens que recear que eu vista a tua camisa suja nem que calce os teus sapatos...

Cristina voltou para a enteada o rosto faiscante de cólera. Depois apertou na mão a cruz que lhe pendia do pescoço e suspendeu as palavras que ia proferir.

Nessa mesma tarde foi ela falar com Sira Eiliv depois das Vésperas, mas procurou inùtilmente qualquer sinal no semblante do padre... Teria já sucedido uma infelicidade e ele sabê-lo-ia? Cristina recordava-se do desvario da sua mocidade e da fisionomia de Sira Erik que não traía nada, quando, entre ela e os pais cheios de confiança, ele guardava no seu peito o segredo culposo de Cristina; e as severas

admoestações e ameaças do sacerdote tornavam-na muda de terror... Lembrava-se também do dia em que mostrara à mãe as prendas que Erlend lhe dera em Oslo — mostrara-as pouco depois de se ter unido legalmente a ele. A mãe, com imperturbável calma, pegara nos objectos, um a um, observara-os, elogiando-os, e pusera-os de lado.

Cristina, desesperada, andava cheia de pavor e amaldiçoava Margret com todas as forças. Erlend reparou na mortificação da mulher e, numa noite, depois de se deitarem, perguntou-lhe se estava outra vez grávida.

Cristina hesitou um pouco antes de responder que julgava que sim. E, quando o marido a abraçou ternamente sem indagar mais nada, ela não ousou dizer-lhe que era outra coisa que a atormentava. Quando Erlend lhe segredou que desta vez ela lhe deveria dar uma filha, Cristina não teve forças de responder, mas ficou inteiriçada de angústia com o pensamento de que Erlend saberia dentro em pouco qual a alegria que um homem pode esperar das suas filhas.

Algumas noites mais tarde, os moradores de Husaby dormiam profundamente depois duma lauta ceia, pois poucos dias faltavam para a Quaresma. Mas, alta noite, o pequenino Lourenço acordou, na cama dos pais, pôs-se a choramingar e, meio adormecido, procurou o seio da mãe. Ora, nessa época, queriam-no desmamar. Erlend despertou, resmungou mal-humorado, mas pegou no filho, deu-lhe leite duma taça colocada sobre o escabelo da cama e tornou a deitá-lo junto de si.

Cristina voltara a adormecer quando sentiu que Erlend se sentava na cama. Ensonada, perguntou ao marido o que tinha. Ele disse: «Chut!» com uma voz que a mulher desconheceu, e escorregou sem ruído para fora do leito. Cristina percebeu que ele se envolvia numa capa, mas, quando ela se soergueu sobre o cotovelo, Erlend impeliu-a com uma das mãos para cima das almofadas enquanto se abaixava e agarrava na espada suspensa na cabeceira da cama.

Fazia tudo isso com precauções de lince, mas Cristina percebeu que ele subia a escada que ia ter ao quarto de Margret, situado por cima do vestíbulo.

Ficou um momento petrificada de terror, depois sentou-se, encontrou a camisa e o vestido e, na obscuridade, procurou os sapatos no chão, ao lado da cama.

No mesmo instante um grito de mulher partiu do quarto do andar superior — devia-se ter ouvido em toda a quinta. A voz de Erlend bradou uma ou duas palavras, em seguida Cristina ouviu o tinir de espadas, um bater de pés no sobrado, depois o rumor duma arma a cair no chão, e Margret a gritar de pavor.

Cristina pôs-se de joelhos, curvada, diante do fogão, afastou a cinza com as mãos e soprou as brasas; depois de acender uma varinha resinosa, elevou-a nas mãos trémulas e distinguiu Erlend no topo da escada, no meio da escuridão. Saltou ele para baixo sem se preocupar com os degraus, empunhando a espada desembainhada, e precipitou-se pela porta do vestíbulo.

De todos os lados, na obscuridade, espreitavam cabeças infantis. Cristina aproximou-se do leito onde dormiam os três filhos mais velhos e ordenou-lhes que se deitassem e fechassem a porta. Como Ivar e Skule, de pé sobre o banco, pestanejassem, assustados e perturbados pela luz, ela mandou-os meter no leito conjugal e aí os fechou. Depois, acendeu uma luz e saiu para o pátio.

Chovia. Num instante, enquanto a claridade da vela se reflectia na humidade escorregadia e lustrosa do chão, viu que estava muita gente diante da porta do anexo mais próximo — essa espécie de forte onde dormiam os escudeiros de Erlend. A luz apagou-se e durante um momento houve tanta escuridão como num forno, mas Ulf Haldorsoen saiu de casa trazendo um archote.

Debruçou-se para um vulto escuro e encarquilhado num monte de neve. Cristina ajoelhou e agarrou no homem. Era Haakon de Gimsar, desmaiado ou morto. Cristina ficou logo

com as mãos cheias de sangue. Com a ajuda de Ulf ergueu e voltou o corpo. O sangue corria em borbotões do braço direito, cuja mão estava decepada.

Involuntàriamente, ela ergueu os olhos para o postigo do quarto de Margret, que batia ao vento. Não distinguiu ninguém.

Enquanto se ajoelhava nas poças de água e apertava com toda a força o punho de Haakon para deter o derramamento de sangue, sentiu que os escudeiros de Erlend, meio vestidos, formavam círculo em volta dela. Depois viu o rosto pálido e contraído de Erlend. Limpava a espada sangrenta numa ponta da capa que o cobria. Não tinha mais nada vestido e estava descalço.

— Um de vós... procurai uma ligadura... e tu, Bjoern, vai acordar Sira Eiliv. Vamos transportá-lo para a casa do padre.

Cristina pegou na tira de couro que lhe estendiam e ligou o coto do braço. Bruscamente, Erlend exclamou, em tom rude e feroz:

— Ninguém lhe toque! Deixai esse homem onde ele se deitou...

— Mas repara, Erlend, que isso não é possivel — disse Cristina muito calma, embora o coração lhe palpitasse como se fosse estalar.

Erlend apoiou com força a espada no chão.

— O quê?!... Não se trata da tua carne e do teu sangue... De há anos para cá que todos os dias observo a tua intromissão...

Cristina endireitou-se e retorquiu com doçura:

— No entanto, tudo o que desejo para ela é que esta história não se espalhe... se for possível. — Voltou-se para os criados que a rodeavam. — Sois bastante fiéis ao vosso amo para não falar disto antes que ele vos explique como surgiu a altercação entre ele e Haakon...

Todos os homens aquiesceram. Um deles arriscou-se a dizer que haviam acordado com uma mulher a gritar como

se a violentassem. Logo a seguir alguém saltara para cima do telhado, mas decerto escorregara na camada de neve; ouviram grande barulho e o rumor duma queda, Cristina ordenou ao criado que se calasse. Sira Eiliv chegava a correr.

Quando Erlend se voltava e se encaminhava para casa, a mulher correu atrás dele e tentou alcançá-lo e barrar-lhe a passagem, pois ele dirigia-se para a escada do quarto de Margret.

— Erlend!... Que vais fazer da pequena? — inquiriu ela precipitadamente, agarrando-lhe no braço, com os olhos postos nesse rosto sombrio e feroz.

Ele não respondeu, quis desviá-la, mas Cristina agarrou-se ao marido.

— Espera, Erlend, espera!... É tua filha! Então não sabes?... Esse homem estava inteiramente vestido! — gritou ela numa tentativa desesperada.

Erlend soltava altos gritos. Cristina, branca de terror, parecia um cadáver. As palavras de Erlend eram brutais e a sua voz irreconhecível sob o efeito da selvática dor.

Cristina permanecia imóvel diante daquele homem furioso que bramia e rangia os dentes até ao momento em que encontrou o olhar dele na meia obscuridade.

— Erlend, deixa-me ir falar com ela primeiro. Não esqueci o dia em que não vali mais do que Margret...

Então deixou-a, encostou-se à parede do quarto e ali ficou, tremendo como um animal agonizante. Cristina acendera uma candeia; voltou, passou diante dele e subiu ao quarto de Margret.

A primeira coisa que a luz iluminou foi uma espada caída por terra, não longe da cama, e, ao lado, a mão decepada. Cristina tirou o lenço que instintivamente pusera à pressa sobre os cabelos soltos antes de sair e de se encontrar com homens, e estendeu-o em cima do pedaço ensanguentado que estava no chão.

Margret, sentada e encolhida nas almofadas da cama, fixava a luz com os olhos alucinados. Aconchegava a si os

cobertores, mas as suas espáduas brancas resplandeciam nuas entre as madeixas douradas do cabelo. Havia sangue por toda a parte no quarto.

A angústia de Cristina manifestou-se em lágrimas abundantes; era um espectáculo tristíssimo ver a linda rapariga no meio daquele horror. Margret exclamou então com voz rouca:

— Mãe... que vai o pai fazer de mim?

A despeito da profunda compaixão pela enteada, Cristina sentiu o coração apertar-se-lhe e endurecer no peito. Margret não perguntava o que o pai fizera de Haakon! Uma imagem passou como um relâmpago no seu espírito: Erlend jazendo por terra e Lourenço por cima dele brandindo a espada sangrenta, e ela própria... Margret, essa, nem se mexera! Cristina sentiu no entanto atenuar-se a antiga aversão pela filha de Eline quando Margret se lhe lançou nos braços, trémula, quase doida de terror; sentou-se na borda da cama e tentou apaziguar a rapariga.

Assim estavam quando Erlend apareceu na escada. Apresentava-se agora inteiramente vestido. Margret soltou novos gritos e escondeu-se nos braços da madrasta. Cristina olhou para o marido. Mostrava-se calmo mas tinha o rosto pálido e o ar ausente. Pela primeira vez denunciava a sua verdadeira idade.

Mas quando ele disse gravemente: «Tens de te retirar, Cristina. Preciso falar a sós com a minha filha», a mulher obedeceu. Deitou com brandura a rapariga na cama, puxou-lhe o cobertor até ao queixo e desceu a escada.

Fez como Erlend, vestiu-se dos pés à cabeça — ninguém mais dormiria nessa noite em Husaby — e tratou de sossegar as crianças assustadas e os criados.

No dia seguinte de manhã, depois duma borrasca de neve, a criada de Margret, debulhada em lágrimas, deixou a quinta, levando toda a sua roupa num saco às costas. O patrão expulsara-a com as palavras mais duras, dizendo-lhe

em tom ameaçador que ela estava ainda com muita sorte em conservar a vida, depois de assim haver traído a sua ama.

Interrogou também as outras servas, a fim de saber se não tinham suspeitado de nada desde que Ingeleiv, no Outono e no Inverno, dormira com elas em vez de pernoitar no quarto de Margret.

Retirou-se enfim com a mulher para um quarto isolado. Com o coração despedaçado e mortalmente lassa, Cristina opôs à injustiça dele palavras apaziguadoras. Não negou que houvesse tido alguns receios, mas não lhe confessou que não lhe comunicara as suas dúvidas porque sempre fora mal recompensada quando tentara aconselhá-los, a ele ou a Margret, para bem da rapariga. E jurou por Deus e pela Virgem Maria que nunca suspeitara que aquele homem viesse ter com Margret de noite, ao quarto dela.

— Tu! — retorquiu Erlend com ironia. — Mas és a primeira a dizer que te lembras do tempo em que não valias mais do que Margret! E, Deus dos céus! todos os dias, durante os anos que vivemos juntos, me davas a entender que não esquecias o mal que te fiz!... Embora a tua vontade fosse igual à minha, embora aquele que tivesse a maior parte na desgraça não fosse eu mas sim teu pai, recusando dar-te a mim como mulher, quando eu, desde o primeiro momento, estava bem decidido a reparar o meu erro! E viste a jóia de Gimsar — Erlend pegou com rudeza na mão da mulher e ergueu-a; nos dedos brilhavam dois anéis que ele dera a Cristina quando estavam juntos em Gerdarud, — viste o ouro de Gimsar e não compreendeste? Usaste, durante esses anos, os anéis que te ofereci quando te entregaste a mim?

Cristina, prestes a desfalecer de fadiga e de desgosto, respondeu docemente:

— Pergunto a mim mesma, Erlend, se ainda te lembras do tempo em que me desonraste...

Erlend meteu a cabeça entre os braços e atirou-se para

cima do banco, violentamente comovido e sufocado pela dor. Cristina sentou-se a alguma distância. Compreendia que aquela desgraça lhe era ainda mais difícil de suportar porque o marido fora culpado para com os outros tal como acabavam de ser culpados para com ele. E Erlend, que nunca gostara de tomar a responsabilidade das desgraças que ele mesmo provocara, sentia-se absolutamente incapaz de arcar com aquela — e não tinha ninguém senão Cristina sobre quem pudesse fazê-la recair. Ela, porém, sentia menos irritação do que susto e cuidado pelo que ia acontecer.

Entretanto, Cristina subiu ao quarto de Margret. A rapariga estava deitada, imóvel, pálida, de olhos fixos. Não perguntava ainda o destino que levara Haakon. A madrasta não sabia se ela não se afoitava a tal ou se o pavor da própria desgraça a tornara insensível.

Ao lusco-fusco Cristina viu que Erlend e o islandês Kloeng se dirigiam ambos, através dos flocos de neve, para o quarto dos cavaleiros. Mas, ao fim duns momentos, Erlend voltou sòzinho. Cristina observou-o um instante quando ele passou defronte dela; depois disso a mulher não se atreveu a olhar para o canto da sala onde o marido se escondera. Notara que estava absolutamente acabrunhado.

Daí a pouco ela teve que ir à casa das provisões. Ivar e Skule acorreram a prevenir a mãe de que o islandês Kloeng devia partir nessa mesma noite. Os pequenos estavam muito tristes porque o escrevente era bastante amigo deles. Preparava a sua bagagem e queria pernoitar em Birgsi.

Cristina já calculara o que acontecera. Erlend oferecera a filha ao copista, e este não quisera a rapariga seduzida. A mulher sentia-se doente só com a ideia do que aquela conversa devia ter sido para Erlend e nem ousava seguir até ao fim o seu pensamento.

No dia seguinte chegou um mensageiro da casa do padre. Haakon Eindridessoen pedia para falar com Erlend. Este

respondeu que nada mais lhe tinha a dizer. Sira Eiliv disse a Cristina que, se Haakon escapasse à morte, ficaria doente para toda a vida — além de perder a mão direita ferira-se gravemente nas costas e nos rins ao cair do telhado da casa dos criados. Obstinava-se, porém, em ir para casa no estado em que se encontrava e o sacerdote prometera-lhe arranjar um trenó. Lastimava agora o que fizera e dizia que o pai de Margret estivera no seu direito, visto que a lei o permitia, mas gostaria que todos fizessem o necessário por abafar aquele caso, de forma que o seu vergonhoso procedimento e a desonra de Margret ficassem dissimulados tanto quanto possível. À tarde levaram-no num trenó que Sira Eiliv pedira emprestado a Repstad e o padre acompanhou-o a cavalo até Gualdal.

O dia que se seguiu foi quarta-feira de cinzas; os proprietários de Husaby tiveram de ir à igreja de Vinjar. Mas, a hora das Vésperas, Cristina mandou o sacristão abrir a capela deles.

Sentia ainda a cinza sobre a cabeça quando se ajoelhou em cima da sepultura do enteado e rezou um padre-nosso pelo descanso da sua alma.

Sem dúvida que debaixo daquela pedra só restava o esqueleto da criança — ossos, cabelos e parte do vestuário com que fora sepultado. Vira os restos da irmãzinha quando havia sido exumada a fim de a transportarem para junto do pai. Cinza e pó... Cristina relembrou a bela fisionomia do pai, os grandes olhos da mãe na cara enrugada, o andar tão estranhamente juvenil, ligeiro e desembaraçado que ela conservara apesar da face prematuramente envelhecida. Ali estavam sob a pedra, desagregando-se como uma casa que se desmorona depois de os moradores a deixarem. Sucediam-se imagens diante dela: escombros incendiados da igreja da sua terra, uma quinta do vale de Silsaa em frente da qual tinham passado a cavalo no trajecto para Vaage: as casas desabitadas caíam em ruínas; os que administravam esses bens

não ousavam aproximar-se dali depois do pôr do Sol. . E ela pensava nos seus queridos mortos... nos semblantes, nas vozes, nos sorrisos, nas maneiras, nos gestos... Agora que eles estavam no outro mundo, como era doloroso recordar-se do seu aspecto, da sua casa abandonada e vazia, com as paredes de madeira a apodrecerem e a caírem aos poucos!

Cristina sentou-se no banco da igreja deserta. O cheiro do fumo frio do incenso retinha-lhe os pensamentos nas imagens da morte e no desaparecimento das coisas da terra. E não se atrevia a elevar a alma até ver aquele mundo onde eles estavam, no qual toda a bondade, toda a fidelidade e ternura iam por fim habitar. Sempre que rezava pelo descanso da alma dos pais parecia-lhe absurdo que fosse ela a pedir por eles: na sua existência terrena haviam conhecido maior paz de alma do que jamais sentira desde que se casara. É certo que Sira Eiliv dizia que era sempre bom rezar pelos mortos — bom para quem orava, visto que os do outro mundo viviam já na paz do Senhor.

Isso, porém, de nada lhe servia. Parecia-lhe que, quando o corpo fatigado apodrecesse sob a pedra, o seu espírito inquieto viria rondar as imediações, como uma alma penada geme e vagueia em redor das casas desmoronadas duma quinta — pois o pecado subsistia em si como as raízes da erva ruim continuam embrenhadas na terra. Já não tinha flor nem folhas nem cheiro, mas a erva ruim estava ainda ali, pálida, vigorosa, viva. No entanto, com toda a ternura que lhe enchia a alma quando via o desespero do marido, não sentia vontade nenhuma de abafar a voz que dentro dela chamava com dor e amargura: «Podes falar-me dessa maneira? Esqueceste que te dei a minha fé e a minha honra, esqueceste que fui a tua amante querida?» Mas compreendia que, enquanto essa voz se elevasse, ela própria falaria a Erlend como se houvesse esquecido...

E Cristina abismou-se em pensamentos diante do sarcófago de Santo Olavo, pegou nas falanges de Frei Edvin

guardadas na igreja de Vatsfjeld, juntou as mãos sobre os relicários que continham os restos da mortalha duma santa e pedacinhos de ossos dum mártir desconhecido, agarrou, para lhes pedir protecção, naqueles míseros fragmentos que através da morte e da destruição conservavam um pouco da força da alma que se fora para o Além — como uma virtude mágica emana da espada dum antigo guerreiro, encontrada na terra, cheia de ferrugem.

No dia seguinte, Erlend partiu a cavalo para a cidade, sòmente acompanhado de Ulf e dum escudeiro. Não voltou a Husaby em toda a Quaresma, mas Ulf veio buscar a sua escolta para se reunir a ele na assembleia de Orkedal.

A sós com Cristina, Ulf contou-lhe que Erlend combinara com Tiedeken Paus, o ourives alemão de Nidaros, que Margret desposaria o filho deste, Gerlak, logo a seguir à Páscoa.

Erlend regressou a Husaby para as festas. Estava agora calmo e confiante, mas Cristina tinha a impressão de que ele não dominaria essa aventura como dominara tantas outras, fosse por já não ser tão moço, fosse por nada o ter tão profundamente humilhado. Quanto a Margret, mostrava absoluta indiferença pelo casamento que o pai lhe arranjara.

Uma noite, quando marido e mulher se encontravam sòzinhos, Erlend confessou, apesar de tudo:

— Se ela fosse minha filha legítima, ou se a mãe não houvesse sido uma mulher casada, nunca eu a daria a um estrangeiro enquanto Margret se acha neste estado; poderia conservá-la comigo e dar-lhe abrigo e protecção. Esta é a pior das soluções, mas, atendendo à sua ilegitimidade, é um marido quem melhor a conseguirá proteger...

Quando Cristina fazia todos os preparativos para a partida da enteada, Erlend disse-lhe ràpidamente:

— Decerto não te sentes com forças para nos acompanhar à cidade?

— Se quiseres, bem sabes que irei.

— Por que razão havia de querer? Se até hoje lhe serviste de mãe, podes perfeitamente esquivar-te agora. Não serão bodas alegres. Além disso, a senhora Gunna de Raasvold e a nora prometeram, como parentes, comparecer no casamento.

Assim, Cristina ficou em Husaby enquanto Erlend, em Nidaros, casava a filha com Gerlak Tiedekensoen.

III

NESSE Estio, na véspera de São João, Gunnulf Nicolaussoen regressou ao seu convento. Erlend estava na cidade por causa da assembleia de Frosta. Mandou este um portador a Husaby para pedir à mulher que fosse cumprimentar o cunhado. A ideia não agradou muito a Cristina; no entanto, pôs-se a caminho. Quando se reuniu a Erlend disse-lhe ele que a saúde do irmão lhe parecia absolutamente arruinada. Os frades estabelecidos no Norte, à beira de Munkefjord, não haviam obtido muito êxito na sua empresa. Nunca tinham podido consagrar a sua igreja, porque, nessa época de agitação, o arcebispo não se ia arriscar a uma viagem ao Norte; a missa fora sempre dita no altar portátil que lhes pertencia. Por fim, até houve falta de pão, de vinho, de luz e de óleo para os ofícios, e, quando Frei Gunnulf e Frei Aslak quiseram embarcar para Vargoey a fim de se abastecerem, os lapões exerceram contra eles os seus bruxedos, de tal forma que os frades naufragaram e passaram três dias sobre um rochedo; após isso, ambos adoeceram e Frei Aslak morrera pouco tempo depois. Tinham sofrido muito de escorbuto durante a Quaresma por lhes faltarem farinhas e legumes e só comerem peixe seco. Por isso é que o bispo Haakon de Bergen e o cónego Arne, que estava à frente do capítulo enquanto o padre Paulo se encontrava na Cúria para ser consagrado, ordenaram aos monges sobreviventes que regressassem: os eclesiásticos de Vargoey tomariam cuidado no rebanho de Munkefjord até nova ordem.

Embora tivesse sido prevenida, Cristina ficou, no entanto, aterrada quando viu Gunnulf Nicolaussoen. Acompanhara

o marido logo de manhã ao convento e foram introduzidos no parlatório. O frade entrou. Estava muito curvado; a coroa de cabelos tornara-se toda branca; tinha olheiras negras e enrugadas, e, na pele macilenta e lustrosa da cara, havia manchas cor de chumbo. Cristina notou-lhe também dessas nódoas na mão quando ele a retirou da manga do hábito e a estendeu. Sorriu — e ela viu que Gunnulf perdera vários dentes.

Sentaram-se, falaram uns momentos, mas dir-se-ia que Gunnulf perdera também o uso da palavra. Ele próprio fez essa observação, antes de o irmão e a cunhada se irem embora.

— Tu, Erlend, é que pareces sempre o mesmo. Nunca envelheces — disse ele, esboçando um sorriso.

Cristina sabia que o aspecto dela, actualmente, era lastimoso. Erlend, de pé, estava belo, alto, moreno e bem vestido. Cristina pensava, todavia, que o marido também mudara bastante. Era estranho que Gunnulf não o notasse, ele que antes sempre fora tão clarividente!

No fim do Verão, Cristina encontrava-se um dia na casa da costura com a senhora Gunna de Raasvold. Esta viera ajudar Cristina, que dentro em breve seria outra vez mãe. Ouviram naquela ocasião Naakkve e Bjoergulf a cantarem no pátio com toda a força dos pulmões, enquanto amolavam as suas facas, uma canção grosseira, libertina.

Cristina ficou furiosa; desceu a escada e repreendeu-os severamente. Quis saber onde tinham aprendido semelhante coisa... Decerto fora na casa dos criados; mas qual deles ensinava aquilo aos meninos? Estes não queriam responder. Então Skule avançou debaixo da escada do celeiro e disse que a mãe não tinha que se zangar, pois haviam aprendido a canção por a terem ouvido da boca do pai...

Nessa altura interveio a senhora Gunna: o receio de Deus não os retinha de cantar coisas tão feias, quando não podiam saber, ao deitarem-se à noite, se já não teriam

mãe antes de amanhecer?... Cristina não disse nada e voltou tranquilamente para dentro de casa.

Passados momentos, depois de se haver estendido sobre a cama, Naakkve entrou e aproximou-se da mãe. Pegou na mão dela sem proferir palavra e pôs-se a chorar baixinho. Cristina, então, falou-lhe com meiguice, gracejou, e pediu-lhe que não se atormentasse: já seis vezes passara por aquilo e havia também de ser feliz na sétima. Mas o pequeno chorava cada vez mais. A mãe permitiu-lhe que se deitasse a seu lado, e aí Naakkve continuou a chorar, abraçando-a e com a cabeça encostada ao peito de Cristina; mas esta não conseguiu resolvê-lo a confessar o motivo por que se afligia tanto, embora o pequeno continuasse aninhado junto dela até à ocasião de as criadas trazerem a ceia.

Naakkve tinha actualmente doze anos. Alto para a idade, gostava de parecer homem feito, mas era de grande sensibilidade e a mãe notava-lhe, de tempos a tempos, coisas de criança. Já tinha idade suficiente para compreender a infelicidade que acontecera à irmã e Cristina perguntava a si própria se ele também teria percebido a mudança que se produzira em Erlend.

Erlend sempre fora assim: quando se exaltava dizia tudo quanto lhe vinha à cabeça; antes, nunca se exprimia grosseiramente senão quando se enfurecia. Agora era capaz de dizer as piores coisas a sangue-frio. Antigamente praguejava às duas por três; no entanto, perdera quase por completo esse péssimo costume porque via quanto desgostava a mulher e ofendia Sira Eiliv, por quem, a pouco e pouco, sentira grande consideração. Mas nunca ele pronunciara palavras licenciosas e ordinárias, tanto mais que não gostava de ver os outros excederem-se; mostrava-se então mais tímido do que muitos homens de vida mais pura. Por muito doloroso que fosse a Cristina ouvir aqueles horrores da boca dos filhos, sobretudo no estado em que ela se encontrava, e saber que tinham aprendido com o pai, havia no entanto uma coisa que a amargurava ainda mais: compreendia que Erlend era, no fundo,

uma criança ingénua para se considerar vingado quando, depois do escândalo relativo à filha, proferia palavras e expressões grosseiras e inconvenientes.

A senhora Gunna dissera a Cristina que Margret dera à luz um filho morto um pouco antes do dia de Santo Olavo. Achava que Margret já se tinha consolado: entendia-se bem com Gerlak, que se mostrava gentil para com ela. Erlend ia visitar a filha quando se encontrava na cidade, e Gerlak orgulhava-se do sogro, mas Erlend não parecia empenhado em reconhecê-lo por parente. Desde que Margret saíra da quinta nunca mais Erlend falara dela em Husaby.

Cristina teve outro filho. Foi baptizado com o nome de Munan, em homenagem ao avô paterno de Erlend. Enquanto ela se conservou na cama, Naakkve vinha todos os dias trazer à mãe bagas e avelãs colhidas por ele na floresta ou grinaldas de ervas medicinais entrançadas pelo pequeno. Erlend regressou a casa quando o filho já tinha três semanas de existência; fez muita companhia à mulher, esforçando-se por ser meigo e terno, e, desta vez, não se lastimou de que a criança não fosse uma filha ou de que tivesse aparência débil e enfermiça. Cristina, porém, pouco respondia às suas afectuosas atenções; mostrava-se silenciosa, pensativa e triste, e levou muito tempo a recuperar a saúde.

Durante todo o Inverno andou com as forças depauperadas, e o filho não parecia em estado de viver. A mãe só pensava na pobre criança. Pouca atenção prestava às importantes notícias com que os outros se preocupavam nessa ocasião. O rei Magnus, atrapalhado financeiramente depois das tentativas que fizera para estabelecer o seu domínio na Escânia, pedira auxílio e contribuições à Noruega. Vários senhores do conselho estavam decididos a apoiá-lo nesse assunto. Mas, quando chegaram os emissários do rei, o tesoureiro do monarca encontrava-se ausente, e Stig Haakonsoen, que comandava em Tunsberg, fechou o castelo aos homens do rei e preparou-se para defendê-lo. Havia poucos homens, mas Erling Vidkunsoen, marido da tia de Magnus, que se

achava na sua quinta de Aker, mandou-lhe oitenta dos seus soldados para a fortaleza, enquanto ele próprio embarcava para o Oeste. Nessa mesma ocasião os sobrinhos do monarca, Jon e Sigurd Haftorsoenner, revoltaram-se contra o soberano por causa dum julgamento que havia atingido um dos seus homens. Erlend comentou, a rir, que os Haftorsoenners tinham demonstrado com esse rasgo serem crianças muito tolas. Havia no país enorme descontentamento por causa do rei Magnus. Os grandes exigiam que houvesse um senescal à frente do governo e que as funções de chanceler do reino fossem entregues a um norueguês, visto o rei, por motivo dos seus negócios da Escânia, parecer querer ficar na Suécia a maior parte do tempo. Os cidadãos e o clero das cidades comerciais assustavam-se com os boatos dum empréstimo subscrito por cidades da Alemanha. O orgulho e o mau humor dos Alemães no que respeitava às leis e costumes do país eram absolutamente intoleráveis, e constava agora que o rei lhes prometera privilégios e liberdades ainda maiores nas cidades norueguesas, o que se tornaria impossível de suportar para os Noruegueses, que se entregavam ao comércio e o exerciam já em condições difíceis. Entre o povo corria o rumor persistente dum pecado secreto do rei Magnus, e muitos eclesiásticos e frades viandantes concordavam na opinião de ser esse o motivo por que a Igreja de Santo Olavo de Nidaros havia ardido. Depois, os camponeses atribuíram à mesma causa as numerosas desgraças que nos últimos anos tinham assolado ora um cantão ora outro: doença do gado, mangra nos cereais e, como consequência, epidemias, calamidades e más colheitas. Dizia Erlend que, se os Haftorsoenners tivessem a ideia de estar sossegados mais algum tempo e de adquirir reputação de gentileza e de cortesia, o povo saberia lembrar-se de que eles eram também netos do rei Haakon.

Mas toda essa agitação findou, e a causa disso foi o rei nomear Ivar Ogmundsoen senescal da Noruega. Erling Vidkunsoen, Stig Haakonsoen, os Haftorsoenners e todos os seus partidários foram ameaçados de um processo por alta

traição. Cederam então estes sem mais resistência e fizeram a paz com o rei. Um homem poderoso de Oplandene, que tomara parte na sublevação dos Haftorsoenners, não transigiu com o monarca e veio a Nidaros depois do Natal. Aí se encontrou por mais de uma vez com Erlend e, por ele, a gente de Nordenfjeld foi posta ao corrente de coisas, tais como Ulf as encarava. Cristina sentia extraordinária aversão por aquele homem; não o conhecia pessoalmente mas conhecia a irmã, Helga Saksesdatter, casada com Gyrd Darre de Dyfrin. Era bonita mas muito orgulhosa, e Simão detestava-a embora Ramborg estivesse em boas relações com ela. Muito antes da Quaresma, receberam os juízes cantonais ordem do rei para Ulf Saksessoen ser excluído das assembleias; nessa altura já ele abandonara o país, por mar e em pleno Inverno.

Nessa Primavera, pela Páscoa, Erlend e Cristina foram passar uns dias à sua casa da cidade com o filho mais novo. Certa freira do convento de Bakke era tão hábil em medicina que todas as crianças doentes, que entregavam nas suas mãos, se tornavam saudáveis, se não fosse vontade de Deus que elas morressem.

Um dia, logo depois das festas, Cristina voltou do convento com o pequeno. O escudeiro e a criada que os tinham acompanhado entraram com ela em casa. Erlend encontrava-se aí, sòzinho, deitado sobre um dos bancos. Depois de o criado se ir embora e de as servas lhe retirarem os abafos, Cristina sentou-se perto do lume com o filho ao colo, e a criada pôs a aquecer um pouco de óleo que recebera da freira. Do lugar onde estava, Erlend perguntou a opinião de Soror Ragnfrid acerca da criança. Cristina respondeu lacònicamente enquanto desenfaixava o filho e, por fim, deixou de lhe responder.

— O pequeno está assim tão doente para que não queiras dizê-lo? — inquiriu Erlend um pouco impaciente.

— Já mo perguntaste e eu já bastantes vezes te dei ex-

plicações — replicou secamente Cristina. — Mas, como pouco te interessas pela criança, esqueces tudo dum dia a outro.

— Também já me tem acontecido eu responder duas e três vezes às tuas perguntas por não seres capaz de te lembrar do que eu te disse antes — retorquiu Erlend, aproximando-se dela.

— Não foi com certeza a propósito de assuntos tão importantes como a saúde dos filhos — volveu Cristina no mesmo tom.

— Também não foi por coisas sem importância, no Inverno passado; interessavam-me bastante.

— Isso não é verdade, Erlend. Há já muitos anos que não me falas do que te interessa...

— Retira-te, Signe — ordenou Erlend à serva. Ficara corado. Voltou-se para a mulher: — Sei a que aludes. Não quero falar desse assunto na presença da criada, mesmo que tenhas tanta confiança nela que não te importes que esteja presente quando procuras discutir com teu marido e o tratas por mentiroso...

— Acabamos por adquirir as maneiras daqueles com quem vivemos...

— Não compreendo o que queres dizer. Nunca te dirigi palavras que os estranhos não pudessem ouvir, nem esqueci testemunhar-te atenções e respeito diante dos servos.

Cristina desatou num riso sacudido e singular.

— És muito esquecido, Erlend! Ulf Haldorsoen sempre viveu a nosso lado. Lembras-te que me fazias acompanhar por Haftor e por ele quando me marcavas entrevistas em casa de Brynhild, em Oslo?

Erlend deixou-se cair no banco, com os olhos fitos na mulher e de boca entreaberta. Ela, porém, continuou:

— Nada houve de inconveniente ou de vergonhoso em Husaby, ou em qualquer outra parte, que tivesses a ideia de esconder aos criados, ainda que fosse coisa desonrosa para ti ou para a tua mulher...

Erlend, imóvel, olhava-a aterrado.

— Recordas-te daquele primeiro Inverno depois do nosso casamento? Estava eu grávida de Naakkve; podia parecer-me bastante difícil exigir obediência e respeito dos criados. Lembras-te da forma como me auxiliaste? Lembras-te de que teu pai adoptivo nos veio visitar acompanhado de estranhos, escudeiros e servas, e de que os nossos criados estavam à mesa connosco? Munan pôs a descoberto o meu pecado e tu ficaste plácido, sem coragem para lhe tapar a boca...

— Jesus! Pudeste ter isso escondido durante quinze anos? — Erlend ergueu para ela o olhar pálido e estranho: a sua voz era débil e deprimida. — Contudo, minha Cristina, não me parece que isso mereça palavras amargas ou malévolas entre nós...

— O que suportei de pior foi quando, durante o Natal, me injuriaste pelo facto de eu ter estendido a minha capa sobre Margret. E estavam presentes mulheres de três paróquias...

Erlend não respondeu.

— E depois censuras-me pelo que aconteceu a Margret... mas, sempre que eu tentava dizer-lhe uma palavra para a educar, ela ia queixar-se a ti, e tu dizias-me com ar insolente que a deixasse em paz... Era tua filha e não minha, declaravas então...

— Eu, censurar-te? Nunca! — retorquiu Erlend constrangido e esforçando-se por se conservar calmo. — Se um dos nossos filhos fosse rapariga, compreenderias mais fàcilmente que a infelicidade que sucedeu a Margret era caso para despedaçar o coração dum pai...

— Julgava ter-te demonstrado na Primavera passada que compreendia isso — disse docemente Cristina. — Nada mais é preciso do que lembrar-me de meu pai...

— Todavia — replicou Erlend com a mesma calma forçada — desta vez foi pior. Eu não era casado. Aquele homem... era-o! Eu não estava ligado... ligado a uma mulher de tal forma que não me pudesse desligar.

— E, no entanto, não te desligaste. Lembras-te da maneira como ficaste livre? — disse Cristina.

Erlend pulou e deu-lhe uma bofetada. Depois olhou-a aterrado e imóvel. Aparecia uma mancha vermelha na face branca. Ela, porém, conservava-se rígida e silenciosa, com o olhar duro. O filho pôs-se a chorar, assustado; a mãe embalou-o nos braços e sossegou-o.

— Não devias... não devias ter falado nisto, Cristina! — disse Erlend com voz trémula.

— Na última vez que me bateste eu trazia o teu filho no ventre — murmurou Cristina. — Agora bateste-me enquanto tenho o teu filho nos meus braços...

— Ah! Sempre essas crianças! — exclamou Erlend impaciente.

Calaram-se. Erlend pôs-se a passear no aposento. Cristina levou o filho para o quarto e deitou-o na cama. Quando reapareceu à porta, Erlend postou-se diante dela:

— Eu... eu não devia ter-te batido, minha Cristina. Desejaria não tê-lo feito... Sentirei remorsos durante tanto tempo como da última vez. Mas... censuraste-me por ser muito esquecido. Tu não esqueces nada... nenhuma das faltas que cometi para contigo. No entanto tentei... tentei ser bom marido, mas isso não te parece caso digno de menção... És linda, Cristina... — Fitava-a enquanto ela passava defronte dele.

Sim, a esposa tinha gestos calmos e dignos, tão belos como os movimentos gráceis da donzela; o peito e as ancas estavam agora mais fortes; era, porém, mais alta presentemente. O seu porte conservava a altivez e beleza de solteira. O rosto pálido e enigmático, de grandes olhos cinzentos, exaltava e inflamava tanto Erlend como a juvenil carinha redonda e rosada exaltara e inflamara o espírito inquieto de Erlend pela sua estranha tranquilidade.

Chegou-se para ela e agarrou-lhe na mão:

— Para mim, Cristina, serás sempre a mais linda das mulheres, e a mais querida...

Ela abandonou-lhe a mão mas não lhe retribuiu a pressão afectuosa. Então o marido soltou-a, dominado outra vez pelo furor:

— Esquecido! Sou esquecido, dizes tu? Nem sempre é o pior dos pecados, o esquecer! Nunca me comportei como beato, mas recordo-me do que aprendi com Sira Erik quando eu era garoto, e os padres relembraram-mo mais tarde. É mau guardarmos em nós a recordação dos pecados que confessámos depois de os expiarmos perante Deus e de obtermos a absolvição da mão e da boca do padre. E não é por piedade, Cristina, que estás sempre a falar dos nossos antigos pecados, meus e teus, mas sim porque gostas de me afligir de cada vez que te contrario... — Afastou-se dela, depois aproximou-se: — Despótica! Deus sabe quanto te amo, Cristina! Mas vejo que és despótica e nunca me perdoaste ter eu cometido uma injustiça para contigo ou haver-te arrastado para a injustiça. Suportei muitas coisas da tua parte, Cristina, mas agora quero ter a paz a que tenho direito, e não tolero mais que me fales como se eu fosse teu escravo...

Cristina tremia, sobressaltada, quando respondeu:

— Nunca te falei como a um escravo. Já me ouviste falar alguma vez com dureza ou arrebatamento a alguém que pudéssemos considerar subordinado, fosse ele o mais desajeitado e pior dos servidores? Sei que estou inocente perante Deus do pecado de ofensa para com os seus pobres, em palavras ou em acções. Mas tu deverias ser o meu senhor, eu deveria obedecer-te e honrar-te, curvar-me diante da tua pessoa e encontrar em ti o meu amparo, conforme a lei de Deus. E, se perdi a paciência, se não te falei como convém a uma mulher que fala ao seu marido, foi certamente pelo facto de muitas vezes tornares difícil para mim curvar a minha simplicidade à tua superioridade de julgamento, honrar e escutar o meu esposo e senhor tanto como eu desejaria... E eu talvez esperasse... julgava poder incitar-te a mostrar que eras um homem e eu uma pobre mulher... Mas está sossegado, Erlend. Nunca mais te ofenderei com palavras, e, a partir de hoje, não esquecerei falar-te com tanta doçura como se fosses descendente de escravos...

As faces de Erlend tornaram-se purpúreas. Levantou o

punho sobre a mulher; depois, rodou bruscamente nos calcanhares, agarrou na espada e na capa e saiu.

Cá fora havia sol e o vento fustigava. O ar estava frio; como faíscas brilhantes, as gotas de água do degelo salpicavam Erlend ao caírem dos telhados e das árvores sacudidas pelo vento. Sobre as casas a neve luzia como prata, e, por trás das colinas arborizadas, quase negras, que rodeavam a cidade, as montanhas dum azul frio e duma alvura deslumbrante cintilavam naquele dia de Primavera ainda invernal, agreste e luminoso.

Erlend deambulou por ruas e travessas, ao acaso. O sangue fervia-lhe; fora ela quem se mostrara injusta desde o princípio, isso era tão claro como o dia, e ele tinha razão, mas excedera-se; batendo-lhe, diminuíra o seu direito de acusar, mas Cristina andara mal. Que podia ele fazer de si, agora? Nem sabia. Não tinha vontade de ir visitar os amigos e não queria voltar para casa.

Havia certa agitação nas ruas. Um grande barco mercante da Islândia, o primeiro dessa Primavera, chegara aos pontões naquela manhã. Erlend dirigiu-se para o oeste, através de ruelas, passou junto à Igreja de São Martinho e desceu em direcção às portas da cidade. Ouviam-se já gritos e algazarra nas tabernas e nas estalagens, embora ainda fosse cedo. Na sua juventude, poderia ele entrar em tais casas com amigos e companheiros. Mas, se hoje o juiz do cantão de Orkdocla, que tinha casa na cidade, e cerveja, hidromel e vinho à sua mesa, entrasse numa estalagem e pedisse um copo da má cerveja que lá havia, os outros arregalariam os olhos de espanto e o caso daria que falar. Na realidade era o que ele mais desejava: sentar-se para beber com camponeses vindos à cidade, com lacaios e com marinheiros. Não surgiam complicações quando esses valentes esbofeteavam as respectivas consortes, e entendiam-se bem... Pelo fogo do inferno! Como poderia um homem dominar a mulher se não tinha o direito de lhe bater para honra comum?... Quanto a lutar com uma mulher só com palavras, era coisa

que nem Satã conseguiria! Cristina era uma feiticeira... e tão bela! Devia era bater-lhe até que ela se tornasse bondosa!

Os sinos de todas as igrejas da cidade chamavam o povo para as Vésperas. No ar agitado, o vento misturava os sons. Decerto que ela, nesse momento, se encaminhava para a Igreja de Cristo, a piedosa feiticeira... Ia queixar-se a Deus, à Virgem Maria e a Santo Olavo de que recebera uma bofetada do marido. Erlend dirigiu aos santos protectores da mulher uma saudação de pensamentos reservados, enquanto os sinos badalavam e tocavam carrilhões, e encaminhou os seus passos para a Igreja de São Gregório.

A sepultura dos pais ficava situada diante do altar de Santa Ana, na nave lateral do norte. Enquanto ele recitava as suas orações, viu que a senhora Sunniva, acompanhada da aia, entrava na igreja. Como ele terminara a sua prece, foi cumprimentá-la.

Desde que travara conhecimento com essa criatura, a natureza das suas relações fora de tal ordem que ambos brincavam e gracejavam livremente de cada vez que se encontravam. E, nessa tarde, quando sentados no banco esperavam o começo das Vésperas, ele mostrou-se tão malicioso que ela teve várias vezes de lhe lembrar que estavam na igreja e que entravam pessoas constantemente.

— Pois sim — disse Erlend — mas estás tão bonita hoje! É agradável gracejar com uma mulher que tem olhos tão meigos...

— Não mereces, Erlend Nicolaussoen, que eu te fite com olhos meigos — retorquiu ela a rir.

— Então irei falar contigo quando for noite — respondeu Erlend no mesmo tom. — Em acabando o ofício, acompanhar-te-ei a casa...

Os padres entraram no coro. Erlend foi postar-se entre os homens.

Finda a cerimónia, saiu ele pela porta principal. Viu Sunniva e a sua aia um pouco mais em baixo, na rua. Pen-

sou que era melhor não as acompanhar e voltar para casa. Nesse momento, um grupo de islandeses do barco mercante subia a rua; avançavam de braço dado e cambaleando, e pareciam querer barrar o caminho às duas mulheres. Erlend precipitou-se. Logo que os marinheiros viram um senhor de espada à cinta correr ao encontro deles, afastaram-se e abriram passagem a Sunniva e à criada.

— Mais vale que eu te acompanhe a casa — disse Erlend. — Há hoje muita agitação na cidade.

— Sabes, Erlend, por muito velha que eu seja, não me desagrada que haja homens que me estorvem o caminho por me acharem bonita...

A isto, um homem polido só tinha uma coisa a responder.

Erlend voltou para casa no dia seguinte ao nascer do Sol e deteve-se alguns instantes diante da porta fechada da habitação; sentia-se gelado, moído de fadiga, dorido, desgostoso. Fazer barulho para acordar os criados, entrar e meter-se na cama ao lado de Cristina que estava com o filho nos braços? Não... Tinha no bolso a chave do sótão do anexo onde ele guardava certas coisas entregues à sua responsabilidade. Abriu a porta, entrou, descalçou as botas e, à laia de cama, deitou sobre a palha alguns estofos grosseiros e sacos vazios. Embrulhou-se na capa, estirou-se entre os sacos e, alquebrado e inquieto como estava, refugiou-se num sono reparador.

Cristina apresentava-se pálida e fatigada pela vigília quando se sentou à mesa para almoçar com os criados. Um dos escudeiros declarou haver dito ao amo que viesse para a mesa — ele estava no sótão da casa das provisões —, mas Erlend mandara-o para o diabo.

Erlend devia comparecer a uma reunião em Elgeseter depois da missa solene, a fim de ser testemunha em determinados assuntos de quintas. Desculpou-se, porém, por não poder assistir à colação que se realizava depois no refeitório; Arne Gjavvaldsoen também não podia ficar a beber com os frades, mas queria, por força, levar Erlend a Ranheim.

Lastimou em seguida ter fugido à companhia dos outros, e ficou assustado quando se viu a caminho da cidade... Reflectia no que fizera. Em dado momento sentiu-se tentado a ir à Igreja de São Gregório. Estava autorizado a confessar-se a um dos padres dessa igreja quando se encontrasse em Nidaros. Mas, se reincidisse depois de se confessar, o pecado seria mais grave. Mais valia esperar...

Sunniva devia julgar que ele não era mais que um patinho que ela apanhara à mão! Mas como diabo se poderia crer que uma mulher lhe ensinasse tantas coisas novas! E ei-lo ali a meditar na recente aventura! Imaginara-se sofrivelmente instruído na *ars amoris*, como dizem os padres. Se fosse novo e dispusesse do seu pleno vigor, estaria sem dúvida apto a tudo, e com a opinião de que tudo era pelo melhor. Mas não gostava das mulheres — essa maldita raça de belo sexo; aquela aborrecia-o, aquela e todas excepto a sua, e agora também se maçava com esta. Deus do céu! à força de conviver com ela tornara-se absolutamente piedoso, pois acreditara na piedade de Cristina!... Mas fora um belo presente que recebera da esposa católica — essa feiticeira — como preço da sua fidelidade e amor! Lembrava-se das palavras mordazes e cruéis de Cristina, na noite da véspera, quando pretendia que o marido se comportava como se descendesse de escravos. E a outra, Sunniva, julgava-o decerto inexperiente e frio por se ter deixado apanhar de improviso e haver mostrado algum receio pelas suas práticas amorosas. Ia demonstrar-lhe que não era mais casto do que ela. Prometera passar a noite com Sunniva na quinta de Baard... Porque não iria? Estava cometido o pecado; podia muito bem aceitar o prazer que se lhe oferecia!... Iria, visto que já violara a fé que o prendia a Cristina, e que ela própria era a causadora pela sua atitude cruel e absurda!

Voltou para casa, vagueou pelos estábulos e pelas cozinhas, procurando qualquer pretexto para se zangar; repreendeu a criada do padre que, do hospital, trouxera malte para secar, embora soubesse que não se serviriam do forno desta

vez durante a sua estada na cidade. Erlend desejava ter os filhos consigo; seriam, para ele, uma companhia. Gostava de poder ir imediatamente para Husaby. Era, contudo, obrigado a esperar na cidade por cartas do Sul. Seria demasiada sem-cerimónia receber correio desse género na sua quinta.

A dona da casa não assistiu à ceia. Estava no seu quarto, informou Signe, a criada, olhando para o amo com ar de censura. Erlend respondeu em tom rude que não perguntara pela mulher. Quando todos se retiraram da sala, entrou ele no quarto. Reinava aí profunda escuridão. Erlend inclinou-se para Cristina, deitada na sua cama.

— Estás a chorar? — perguntou em voz baixa, pois a respiração da mulher era estranha. Mas Cristina respondeu com voz rouca que não chorava.

— Estás cansada?... Também tenho vontade de me deitar — disse ele com doçura.

A voz de Cristina tremia quando replicou:

— Preferia, Erlend, que te fosses deitar esta noite onde te deitaste a noite passada.

Erlend não retorquiu nada. Saiu, trouxe a luz da sala para o quarto e abriu a arca dos fatos. Estava suficientemente bem vestido para ir a qualquer parte, pois tinha o gibão cor de violeta que levara de manhã a Elgeseter. Mas mudou de roupa, lentamente e com ostentação, envergou uma camisa de seda escarlate e um gabão de veludo cinzento com mangas fendidas e ornadas de guisos de prata nos punhos, escovou os cabelos e lavou as mãos. Entretanto não deixava de olhar para a mulher, mas esta conservava-se calada e não se movia. Então saiu ele sem lhe dar as boas-noites. No dia seguinte regressou abertamente à hora do almoço.

Aquilo durou uma semana. Certa tarde, entrava Erlend em casa, depois de haver estado em Hangrar por causa dum processo, quando soube que Cristina partira de manhã para Husaby.

Percebera já que não era possível extrair menos prazer dum pecado do que tirara da sua aventura com Sunniva

Olavsdatter. No seu íntimo sentia profunda aversão por aquela criatura insensata, até na ocasião em que a acariciava. Ao mesmo tempo fora estúpido: certamente constava já pela cidade que ele passara a noite em Baard — e Sunniva não merecia que a sua reputação ficasse denegrida por causa dela. De vez em quando pensava também que a aventura podia ter consequências: essa mulher tinha um marido já velho e doente. Era pena que Baard houvesse casado com uma pessoa assim ardente e desrazoável... Ele, Erlend, não fora certamente o primeiro a fazer dano à honra do marido. E Haftor... Erlend esquecera, ao entregar-se a Sunniva, de que ela era irmã de Haftor; não se lembrou disso senão muito tarde. Tudo decorria o pior possível — e suspeitava agora que Cristina sabia.

Ela não podia certamente decidir-se a citá-lo perante o bispo nem pedir autorização para se separar dele. Possuia Joerundgaard para se refugiar, mas seria impossível fazer a viagem através da montanha nessa altura do ano, e muito menos se quisesse levar consigo os filhos mais novos, sem os quais, evidentemente, não partiria. Também não embarcaria com Munan e Lourenço justamente no começo da Primavera, pensava Erlend para se consolar. Cristina tinha razões para não invocar contra o marido o auxílio do arcebispo — ele, entretanto, abster-se-ia (e de boa vontade) de partilhar do leito conjugal até que a mulher se convencesse do seu sincero arrependimento. Cristina não queria que essa situação fosse conhecida... Erlend compreendia que desde muito tempo sabia o que ela podia ou não fazer.

Passou ele a noite na sua cama, meditando em várias coisas. Tinha a impressão de que se colocara numa posição ainda mais estúpida do que julgara a princípio, lançando-se naquela triste aventura numa época em que tomava parte nas mais importantes assembleias deliberativas.

Amaldiçoava-se por ter sido joguete em mãos femininas e por se ter deixado arrastar até ali. Amaldiçoava Cristina e Sunniva. Que diabo! Não era no entanto mais femeeiro

do que muitos homens, e tivera na sua vida menos casos de mulheres do que a maior parte dos outros de quem conhecia as aventuras amorosas. Mas dir-se-ia que o próprio Demónio é que preparava aquilo em sua intenção; não se podia aproximar duma mulher sem se enterrar até ao pescoço num lamaçal. .

Agora, tudo isso ia findar. Dava graças a Deus por ter outras preocupações. Dentro em breve ia sem dúvida receber a carta lacrada da senhora Ingebjoerg. Evidentemente que também nesse assunto ele não escapava aos manejos e bisbilhotices femininas, mas isso era decerto um castigo de Deus pelos seus pecados da mocidade. Na sombra, Erlend sorria. A dama devia ver as coisas tais como ele havia exposto. Tratava-se de saber se seria um dos filhos dela ou um dos da irmã que os Noruegueses oporiam ao rei Magnus. E ela gostava dos filhos que tivera de Knut Porse como nunca gostara dos outros...

Dentro em breve... dentro em breve seria o vento agreste e os respingos salgados das vagas que lhe encheriam o peito! Deus do céu! Que bom deixar-se encharcar pelas ondas do mar e respirar a fundo a brisa fresca, esquecer as mulheres durante um longo período de verdadeira vida!

Sunniva?... Podia pensar o que quisesse! Não falaria mais com ela. E, quanto a Cristina, deixava-a livre para ir até à sua Joerundgaard. Talvez até fosse mais seguro e melhor para ela e para os filhos estar nos confins de Gudbrandsdal o Verão inteiro! Depois ambos se juntariam, já bons amigos...

Na manhã seguinte Erlend partiu a cavalo para Skaun. Apesar de tudo, não se sentia tranquilo enquanto não soubesse o que a mulher tencionava fazer.

Cristina recebeu-o com fria delicadeza quando ele chegou à tarde a Husaby. Como não a interrogasse, não lhe disse nada, nem mesmo uma única palavra desagradável, e não fez objecção nenhuma quando à noite, como para a experimentar, o marido se deitou no leito conjugal. Ao fim dum

instante, ele procurou, hesitando, colocar a mão no peito da mulher.

A voz de Cristina tremia, mas Erlend não pôde perceber se era de desgosto ou de irritação, quando murmurou:

— Não desceste tão baixo, Erlend, para que queiras tornar pior a situação. Não posso discutir contigo; os pequenos estão a dormir a nosso lado. E como tive de ti sete filhos prefiro que ninguém saiba que sou uma esposa ultrajada...

Erlend esperou muito tempo antes que respondesse:

— É verdade, que Deus me perdoe, Cristina. Ofendi-te. Não o faria... não o faria se pudesse tomar menos a peito as palavras atrozes que me disseste em Nidaros. Na realidade não vim à nossa casa para mendigar o teu perdão, pois sei perfeitamente que seria difícil obtê-lo agora...

— Vejo que Munan falava verdade — replicou Cristina. — Nunca chegará o dia em que tenhas coragem de tomar a responsabilidade das culpas que cometeste. E a Deus que te deves dirigir, com Ele é que tens de te reconciliar. É menos a mim do que a Deus que tens de pedir perdão...

— Sim, compreendo — disse Erlend com amargura.

Nada mais proferiram. E, no dia seguinte, Erlend voltou, a cavalo, para Nidaros.

Estava na cidade há alguns dias quando a aia da senhora Sunniva veio uma tarde procurá-lo à Igreja de São Gregório. Erlend achou que devia, apesar de tudo, falar pela última vez com Sunniva, e disse à moça que o esperasse à noite; iria pelo caminho habitual!

Teve de rastejar e de trepar como um ladrão de galinhas para subir ao sótão onde eles se isolavam. Agora sentia vergonha em se ter deixado apanhar daquela maneira, na sua idade e na sua situação! Mas, ao começo, achara divertido entregar-se a semelhante estroinice de rapaz.

Sunniva recebeu-o na cama.

— Até que enfim! — exclamou rindo e bocejando. — Despacha-te, amor, vem-te deitar, e diz-me onde tens estado tanto tempo...

Erlend não sabia bem o que devia fazer, nem como lhe havia de confessar o que o atormentava. Inconscientemente, começou a despir-se.

— Agimos ambos estùpidamente, Sunniva. Acho disparate eu ficar aqui esta noite. É muito natural que Baard volte para casa, um belo dia...

— Tens medo de meu marido? — perguntou Sunniva com ar malicioso. — Não viste que Baard nem mesmo arrebitava a orelha quando gracejávamos na sua presença? Se ele souber que te introduziste aqui, saberei convencê-lo de que é mentira. Acredita em tudo o que eu digo...

— Sim, parece-me que acredita em ti — retorquiu Erlend rindo e passando-lhe os dedos na cabeleira loura e nas espáduas brancas e roliças.

— Dizes isso... — Sunniva agarrou-lhe na mão. — Acreditas também na tua mulher? Eu era casta e honesta quando Baard me teve...

— Deixemos *minha* mulher em paz — replicou Erlend em tom incisivo e largando-a.

— Mas... Parece-te mais inconveniente falar de Cristina Lavransdatter do que do cavaleiro Baard, meu marido?

Erlend cerrou os dentes e não respondeu.

— Tu, Erlend — disse Sunniva com ironia —, és desses homens que se julgam tão irresistíveis e tão belos que dificilmente se pode censurar uma mulher de lhes mostrar uma virtude frágil como vidro, fosse ela, para os mais, sólida como o aço!

— Nunca acreditei isso de ti — disse Erlend em tom rude.

Os olhos de Sunniva faiscaram.

— Que me queres então, Erlend... se estavas tão bem casado?

— Já te disse que não faças alusões a minha mulher!

— A tua mulher ou a meu marido!

— Foste sempre tu quem começou a falar de Baard, e encarniçavas-te em troçar dele — retorquiu Erlend com aze-

dume. — E, mesmo que não troçasses com palavras, eu não deixaria de ver o caso que fazes da honra de teu marido, visto que arranjaste um amante. *Ela... ela...* não diminuiu pelo facto de eu proceder mal.

— Queres dizer com isso que amas Cristina, embora te agrade entreteres-te comigo!

— Não sei até que ponto te amo... tu é que demonstraste que me querias...

— E Cristina, essa, não compreende o teu amor — escarneceu Sunniva. — Verifiquei com que doçura ela vela por ti, Erlend!

— Basta! — exclamou este. — Talvez soubesse o que eu merecia — acrescentou, com rudeza e ódio. — Tu e eu não podemos entender...

— Serei eu para ti um chicote de que te serviste para corrigir tua mulher? — disse Sunniva com ar ameaçador.

Erlend ofegava:

— Chama a isso o que quiseres. Mas foste tu mesma que te entregaste nas minhas mãos...

— Toma cuidado que este chicote não te fustigue a ti próprio — disse Sunniva.

Soergueu-se no leito e esperou. Mas Erlend não pareceu querer ripostar nem se reconciliar com a amante. Vestiu-se e saiu sem proferir palavra.

Não se sentia muito satisfeito consigo nem com a maneira como deixara Sunniva. Não fora coisa muito honrosa para ele. Mas pouco importava... estava livre dela.

IV

NESSA Primavera e no Verão seguinte poucas vezes se viu o dono da casa em Husaby. Quando vinha à quinta, a mulher e ele conversavam com polidez e amabilidade. Erlend não tentou de forma nenhuma destruir a muralha que Cristina elevava entre ambos, embora a fitasse frequentemente com olhos interrogadores. Parecia, aliás, ter muitas preocupações estranhas ao lar. Nunca fez uma pergunta relativa à exploração da quinta.

Foi o que lhe observou a mulher, quando, depois da festa da Exaltação da Cruz, ele lhe pediu que o acompanhasse a Raumsdal. Tinha assuntos a tratar em Oplandene... Não quereria ela levar consigo os filhos para fazer uma estada em Joerundgaard, visitar parentes e amigos no vale? Mas Cristina não quis ir por nada deste mundo.

Erlend foi a Nidaros para a sessão do tribunal, e, em seguida, a Orkedal, depois voltou para Husaby, mas ficou logo ocupado com os preparativos duma viagem a Bjoergvin. A *Sereia* estava ancorada em Nidarholm, e Erlend só esperava por Haftor Graut, em companhia do qual devia fazer-se à vela.

Três dias antes do de Santa Margarida começou a ceifa do feno em Husaby. O tempo estava magnífico, e, quando os ceifeiros voltaram para os campos depois do almoço, Olavo, o maioral, convidou os pequenos a irem com eles.

Cristina encontrava-se na rouparia, situada no segundo andar da casa dos cavaleiros. O edifício era construído de tal forma que havia uma escada exterior e uma varanda na fachada, mas o terceiro andar fazia saliência, e não tinha

outro acesso além duma escada que partia da rouparia e ia dar a um alçapão.

Cristina tirou da arca a peliça que Erlend queria levar vestida na sua viagem por mar, e sacudiu-a na varanda. A sua atenção foi nesse momento despertada pelo tropel de cavalos, e, ao mesmo tempo, viu um grupo de cavaleiros que desembocavam da floresta, no caminho de Gauldal. Um instante depois Erlend estava ao lado dela.

— Não me disseste, Cristina, que haviam apagado o lume.

— Sim. Gudrid virou a panela. Temos de ir pedir lume a casa de Sira Eiliv...

Erlend olhou na direcção da casa do padre.

— Não, não o devemos meter neste assunto... Gaute! — chamou ele docemente pelo filho que vagueava por baixo da varanda, tomava o peso dos ancinhos um após outro e não mostrava vontade de ir para a sega do feno. — Gaute! Vem aqui à escada... Não subas mais, senão eles poderiam lobrigar-te.

Cristina olhava fixamente para o marido. Nunca o vira assim, com essa tranquilidade atenta e vigilante tanto na voz e no rosto (enquanto explorava com a vista o caminho do sul) como no vulto esbelto e ágil quando ele entrou a correr no sótão e voltou logo depois com um pacote quadrangular embrulhado num pedaço de linho cuidadosamente cosido.

— Esconde-o no peito e presta muita atenção ao que te vou dizer. É preciso fazer desaparecer estas cartas... Trata-se de coisas mais graves do que podes compreender, meu Gaute. Põe o teu ancinho ao ombro e desce sossegadamente o campo até chegares ao ameal. Vai por entre moitas até à floresta — conheces bem o local —, mete-te nos lugares mais espessos em todo o caminho até Skjoldvirkstad. Repara bem se há sossego na quinta. Se notares qualquer agitação ou se vires por lá pessoas estranhas, esconde-te. Mas, se tiveres a certeza de que nada há a recear, dá isto a Ulf, se ele esti-

ver em casa. No caso de não conseguires entregar as cartas em mão própria, depois de verificares se não está ninguém na vizinhança, queima-as o mais depressa que te for possível. Mas toma muito cuidado em que não fique nenhum vestígio das cartas nem do sinete e que este não caia nas mãos de outro homem que não seja Ulf. Deus nos ajude, meu filho!... São coisas importantes para confiar a um rapaz de dez anos... A vida e a felicidade de muitas pessoas honradas estão em perigo... Compreendes que é muito grave, Gaute?

— Sim, pai, compreendi tudo o que me dissestes. — Gaute, no patamar da escada, erguia a sua carinha rosada e séria.

— Diz a Isak, se Ulf não estiver em casa, que deve partir a cavalo para Hevne, sem parar de noite, a fim de comunicar, àqueles que ele sabe, que se levantou aqui um vento contrário e que eu receio não poder fazer a minha viagem. Compreendes?

— Sim, pai. Hei-de lembrar-me de tudo o que dissestes.

— Vai, então. E Deus te guarde, meu rapaz!

Erlend subiu a correr para o sótão e ia fechar o alçapão, mas Cristina já estava meio metida na abertura. Esperou que ela passasse, depois fechou-o e foi depressa abrir uma caixa donde tirou alguns documentos. Quebrou os sinetes e espezinhou-os no chão, rasgou em pedaços os pergaminhos, embrulhou neles as chaves, e atirou tudo, pela lucarna, para o meio das ervas que cresciam abundantes e altas nas traseiras da casa. Com as mãos apoiadas no parapeito da janela, seguiu com o olhar o filho que contornava o campo de trigo e descia em direcção à várzea onde os ceifeiros avançavam em linha com as suas fouces e ancinhos. Logo que Gaute chegou à mata, situada entre o campo e a várzea, Erlend fechou a lucarna. O ruído das patadas dos cavalos ressoava forte, próximo da quinta.

Erlend voltou-se para a mulher:

— Se conseguires mandar apanhar o que atirei lá para fora, encarrega Skule desse trabalho. Ele é esperto. Diz-lhe que vá deitar aquilo na fossa atrás do estábulo. Certamente

vão vigiar-te, e talvez também os pequenos. Mas não é provável que te revistem. — Erlend meteu os resíduos dos sinetes no corpete de Cristina. — Já não estão reconheciveis, em todo o caso...

— Estás em perigo, Erlend? — perguntou a mulher com voz calma.

Depois de a olhar fixamente abraçou-a, apertando-a de encontro ao peito.

— Não sei, Cristina. Veremos daqui a pouco. Tore Eindridessoen vem à frente dos cavaleiros e Baard acompanha-o, se me não engano. Não julgo que Tore venha aqui com boas intenções...

Os cavaleiros estavam agora no pátio. Erlend esperou um instante. Depois beijou com ardor a mulher, abriu o alçapão e desceu a correr. Quando Cristina apareceu na varanda, Erlend, no pátio, ajudava a apear o tesoureiro, idoso e pesado. Estavam ali pelo menos trinta cavaleiros armados com Baard e o juiz do cantão de Gauldoela.

Ao avançar para o pátio, Cristina ouviu o juiz dizer:

— Trago-te saudações de teus cunhados, Erlend. Borgar e Guttorm estão como hóspedes do rei em Veoey, e calculo que Haftor Toressoen visita nesta ocasião, em Sundbu, Ivar e o filho. O cavaleiro Baard esteve ontem de manhã em casa de Grauten.

— E agora vens convidar-me para a mesma assembleia dos soldados do rei, suponho eu — disse Erlend a sorrir.

— Tal qual, Erlend.

— E queres fazer uma busca à minha quinta? Oh! Participei tantas vezes nessas operações, que conheço o processo...

— Não tiveste entre mãos assuntos tão graves como um processo de alta traição — disse Tore.

— Até hoje não tive — respondeu Erlend. — Mas parece-me que estou a jogar os peões negros e que me dás xeque-mate... Não é assim, primo?

— Queremos as cartas que recebeste da senhora Ingebjoerg Haakonsdatter — disse Tore Eindridessoen.

— Estão no baú de cabedal vermelho, lá em cima, no quarto dos cavaleiros. Aliás, pouca coisa dizem: são apenas saudações como é costume trocar entre parentes que se estimam, e todas as cartas são antigas. Stein, que aqui está, poderá acompanhar-vos...

Os cavaleiros haviam-se apeado e os criados da quinta comprimiam-se agora no pátio.

— Havia mais do que isso no que apanhámos em casa de Baard Trondsoen — disse Tore.

Erlend pôs-se a assobiar.

— Poderíamos ir para a sala. Está aqui muita gente — propôs ele daí a pouco.

Cristina seguiu os homens até ao átrio. A um sinal de Tore, dois dos cavaleiros juntaram-se ao grupo.

— Entrega-nos a tua espada, Erlend — disse Tore de Gimsar depois de estarem na sala —, como sinal de que és nosso prisioneiro.

Erlend bateu nos rins para demonstrar que não tinha outra arma além do punhal no cinto. Tore, porém, repetiu:

— Entrega-nos a espada...

— Ah! ah! ah! Se isto deve ser assim com todas as delicadezas! — retorquiu Erlend com leve sorriso. Foi desprender a espada da escápula do leito, pegou-a pela bainha e apresentou-a a Tore Eindridessoen, com uma reverência.

O velho de Gimsar desafivelou a bandoleira, desembainhou a espada e passou um dedo pela lâmina.

— Foi com esta espada, Erlend, que tu...

Um brilho de aço passou nos olhos azuis de Erlend e a boca apertou-se-lhe num traço delgado:

— Sim. Foi com esta espada que castiguei o teu neto quando o encontrei com a minha filha.

Tore continuava a observar a arma que tinha na mão.

— Tu, que tinhas a obrigação de fazer respeitar a lei, Erlend, devias saber que daquela vez ias muito longe para que a lei estivesse a teu lado... — disse ele em tom ameaçador.

Erlend ergueu a cabeça com um movimento arrebatado:

— Existe uma lei, Tore, que não pode ser abolida nem pelos reis nem por nenhuma assembleia popular: que um homem defenda com a espada a honra da sua família...

— Foste feliz, Erlend Nicolaussoen, por nenhum homem ter feito valer essa lei contra ti — respondeu com rancor Tore de Gimsar. — Senão, precisavas de ter sete fôlegos como o gato...

Erlend retorquiu com voz irónica e lenta:

— Este assunto não é suficientemente importante para que nos pareça inoportuno relembrar velhas histórias da minha mocidade?

— Não sei se Baard de Lensviken será de opinião de que se trata de velhas histórias.

Erlend ergueu-se e quis responder, mas Tore gritou-lhe:

— Devias primeiro assegurar-te, Erlend, se as tuas amantes são bastante instruídas para que possam ler um manuscrito, antes de ires a uma entrevista de noite com cartas secretas no cinto dos calções. Pergunta a Baard como é que soubemos que traiste o teu rei a quem juraste fidelidade e que te confiou um cargo senhorial...

Involuntàriamente, Erlend levou a mão ao peito; num momento olhou para a mulher e uma onda de sangue invadiu-lhe a cara. Então Cristina correu para ele e lançou-lhe os braços em volta do pescoço. Erlend fitou-a e não lhe viu no rosto senão amor.

— Erlend... meu marido!

O tesoureiro, que até ali observara um silêncio quase absoluto, dirigiu-se para eles e disse docemente:

— Minha querida senhora... talvez fosse melhor que levásseis convosco as crianças e as criadas para a casa das mulheres e que aí ficásseis enquanto estivéssemos na quinta.

Erlend desviou-se de Cristina depois de a abraçar mais uma vez.

— É melhor, realmente, minha querida. Faze o que o cavaleiro Baard deseja.

Cristina ergueu-se na ponta dos pés e ofereceu-lhe a

boca. Depois saiu para o pátio. E, tendo tirado do meio da chusma de gente os filhos e as criadas, levou-os para a casa mais pequena — não havia outra em Husaby reservada às mulheres.

Durante algumas horas permaneceram ali, e a calma da dona da casa e a sua atitude confiante deram um pouco de tranquilidade ao bando assustado. Por fim, Erlend entrou desarmado e com fato de viagem. Dois homens ficaram à porta.

Erlend apertou a mão aos filhos mais velhos e levantou nos braços os mais novos, enquanto inquiria onde estava Gaute:

— Dir-lhe-ás adeus da minha parte, Naakkve... Decerto anda a correr pela floresta com o seu arco, conforme o costume. Diz-lhe que lhe dou a balestra inglesa que lhe recusei no domingo.

Cristina abraçou o marido sem nada dizer.

— Quando voltarás, Erlend? — murmurou ela em tom suplicante.

— Quando for da vontade de Deus, minha mulher.

Ela ficou no mesmo lugar, lutando para não desatar em pranto. Erlend costumava tratá-la pelo seu nome de baptismo e aquelas últimas palavras fizeram-lhe vibrar as fibras mais íntimas do coração. Parecia-lhe que só agora compreendera em absoluto o que acontecera.

Ao pôr do Sol, Cristina estava sentada na parte mais elevada da quinta.

Nunca até ali vira o céu tão vermelho e dourado. Por cima da encosta, precisamente diante dela, havia uma grande nuvem; tinha a forma duma asa de pássaro, com incandescências de ferro em brasa e transparências de âmbar. Destacavam-se dali flocozinhos amarelos, semelhantes a plumagem, que flutuavam na atmosfera.

No lago, ao fundo do vale, reflectiam-se as imagens do céu, da nuvem e da vertente da montanha. Dir-se-ia que das

profundezas subia a chama do incêndio que abrasava tudo o que Cristina distinguia.

A erva dos prados, muito alta, deixava ver os caules sedosos que brilhavam purpúreos sob a luz rubra que descia do céu. As espigas de centeio guardavam o esplendor do dia nas barbas acetinadas. Os telhados das casas de Husaby apresentavam-se cobertos de azeda e de ranúnculos amarelos e o sol incidia neles, com largas fitas de luz. O cimo escuro da igreja tinha um tom baço e as pedras claras da construção mostravam-se duma cor suave e dourada.

O Sol furou a nuvem e apareceu no topo da montanha iluminando as serras arborizadas que se sucediam até ao infinito. Que tarde tão luminosa! Podiam-se ver lugarejos entre os pinheiros das encostas; distinguiam-se cabanas e herdades no meio das florestas; até então Cristina não sabia que se podia vê-las de Husaby. Sombras roxas de montes erguiam-se ao sul dos Dofrines que, habitualmente, estavam cobertos de bruma e de nuvens. Ressoou o mais pequeno dos sinos da igreja de Vinjar e Cristina curvou a cabeça sobre as mãos unidas até se dissiparem no ar as últimas três badaladas.

Desapareceu o Sol por trás do cume da montanha. A claridade dourada empalideceu e a cor rubra do céu tornou-se mais rosada e mais suave. Depois de o sino emudecer, o murmúrio da floresta aumentou e espalhou-se de novo no ar; o rumor do ribeiro que atravessava o bosque de árvores de folha caduca, no fundo do vale, chegou mais forte aos ouvidos de Cristina. Do pascigo próximo veio-lhe o som familiar dos chocalhos do gado pertencente à quinta. Um insecto abriu as asas, zumbiu em volta dela e desapareceu...

Depois das suas orações, soltou um suspiro, implorando perdão por se ter deixado distrair enquanto rezava...

A bela e vasta quinta estava a seus pés, sobre a encosta, como uma jóia no largo peito da montanha. Via dali toda a terra que ela e o marido possuíam. O pensar nessa propriedade, nos cuidados que exigia, havia-lhe enchido a alma.

Trabalhara e lutara... Nunca até essa tarde compreendera quanto resistira para pôr tudo aquilo em bom estado, quantas coisas empreendera e como conseguira realizá-las.

Aceitara como destino seu — destino que devia suportar com resignação e sem recuar — a responsabilidade desse trabalho. Da mesma forma se esforçara por ser paciente e aceitar sem um desfalecimento as condições da sua vida de cada vez que sentira dentro de si mais um filho. Sempre que aumentava o seu ranchinho via melhor que a segurança e conforto da família estavam entregues a si. Percebia nessa tarde que a sua faculdade de cuidar em tudo e a sua vigilância aumentavam também conforme tinha um novo filho para criar. Nunca vira tão claramente como nesse dia o que o destino exigira dela e lhe oferecera com os sete filhos. A alegria que lhe davam havia-lhe reanimado o coração como as angústias por causa deles o tinham dilacerado. Eram seus filhos, aqueles rapazes de corpo magro e anguloso, como o haviam sido em pequeninos, tão rechonchudos que dificilmente se magoavam quando caíam nos seus passeios entre o banco e o regaço da mãe. Pertenciam-lhe agora como na época em que os tirava do berço para lhes dar o seio e lhes tinha de segurar a cabeça que pendia do pescoço frágil como uma campânula azul pende do caule. Que seria deles neste mundo, para onde iriam, esquecidos da mãe? Parecia-lhe que a vida dos filhos era para ela um movimento da sua própria vida; faziam parte dela como quando, sòzinha na terra, tinha consciência da nova existência dissimulada que lhe bebia o sangue e a quem devia a palidez das faces. Sentia sempre a angústia que nos consome e nos banha de suores quando via aproximar-se a hora em que seria submergida pela onda portentosa do parto... até ao momento em que voltasse à superfície com outro filho nos braços, — mais rica, mais forte e mais corajosa a cada filho.

Compreendia isso pela primeira vez nessa tarde, e, no entanto, via que era a mesma Cristina de Joerundgaard que não aprendera a suportar uma palavra desagradável porque

sempre fora protegida por uma ternura forte e doce. Entre as mãos de Erlend era ainda a mesma...

É verdade que recebera dele ofensas que não esquecia... mas compreendia que não a ofendera como um adulto que odeia alguém mas sim como uma criança que, brincando, magoa o companheiro. As recordações dos agravos do marido eram como uma ferida purulenta. A cada humilhação que ele lhe infligia, sentia ela a carne rasgar-se como sob uma chicotada. Na verdade não conservava, deliberadamente, ressentimento contra Erlend; sabia que, de ordinário, não era susceptível, mas ficava-o desde que se tratasse dele. Nada podia esquecer, e a menor ferida moral continuava a sangrar, a arder, a doer-lhe como quando ele a provocara.

Perante Erlend ela nunca seria sensata e forte. Em vão lutara por parecer ajuizada, piedosa e segura de si tanto sòzinha como com ele: mas, na realidade, não o era. Sempre, sempre se elevava nela o lamento dum desejo ardente: queria ser a Cristina dos bosques de Gerdarud.

Nesse tempo, preferia cometer o que sabia ser mau e condenável a ter de ficar sem Erlend; para o prender dera-lhe tudo o que possuía: amor, corpo, honra e a sua parte da salvação divina. Dera-lhe até o que lhe não pertencia: a honra do pai e a confiança que ele depositava na filha. Derrubara tudo aquilo que homens de idade e de experiência haviam empregado para protegerem uma rapariga menor; contra os seus planos, para a felicidade e bem-estar da família, contra as esperanças do fruto do seu trabalho opusera Cristina a sua paixão. Comprometera mais do que a vida no jogo em que o único prémio era o amor de Erlend Nicolaussoen.

Ganhara. Desde a primeira vez que o beijara no jardim de Hofvin até ao momento em que lhe dera o beijo de despedida antes de o levarem prisioneiro, soubera que Erlend punha o seu amor por ela num nível tão alto como a própria vida. Se a dirigira mal, Cristina vira, em todo o caso, logo

no primeiro encontro, como ele se dirigia a si mesmo. Procedera com ela como procedia consigo.

Deus do céu! Por que preço pagara o amor dele! Impelira-o para o adultério com a sua frieza e palavras venenosas... Durante aqueles anos em que ela sempre assistira às inconvenientes brincadeiras do marido com Sunniva, e com que se indignara, sentira no meio da sua cólera certa alegria orgulhosa: não havia uma única mancha na reputação de Sunniva de Olavsdatter, mas Erlend falava e gracejava com ela como um lacaio com uma moça de taberna.

E Cristina fora capaz de mentir e de enganar aqueles que tinham a maior confiança nela, de consentir em comparecer nos piores lugares, sem que Erlend deixasse de a respeitar tanto quanto podia. Tão fàcilmente como esquecera o temor do pecado, tão fàcilmente como violara a promessa feita a Deus diante da porta da igreja, arrependera-se ele das ofensas que lhe fizera, lutara anos e anos para cumprir tudo o que prometera.

Fora ela quem o escolhera, no meio da embriaguez da sua paixão, e continuara firme na sua escolha nos duros tempos passados em Joerundgaard. Amor insensato por Erlend, mais forte do que o amor pelo pai, que não suportava que um sopro de vento mais agreste passasse por ela... Recusara o destino que o pai lhe preparara com alegria, quando a quisera entregar a um homem que, certamente, a teria levado por caminhos mais seguros e que a desviaria da mínima pedra em que ela pudesse tropeçar. Escolhera o outro que ela sabia ter-se embrenhado por vias sinuosas. Monges e padres haviam-lhe apontado o caminho do arrependimento, da penitência e da paz; preferira, porém, a vida agitada a renunciar ao seu precioso pecado.

Nada mais tinha a fazer do que uma coisa: não dizer uma palavra nem se lamentar do que quer que pudesse sofrer ao lado desse homem. O momento em que perdera o pai aparecia-lhe agora a uma distância tão longínqua que lhe fazia vertigens. Mas revia o seu rosto amado, recordava as

palavras que ele proferira na forja, naquele dia em que lhe causara o último desgosto; lembrava-se da sua conversa no alto da montanha, na ocasião em que compreendera que a porta da morte se entreabrira por trás do pai. «É falta de dignidade queixarmo-nos da sorte que escolhemos... Santo Olavo, ajudai-me, para que eu não me mostre pouco merecedora do amor de meu pai!»

Erlend, Erlend!... Depois que o conhecera a vida tornara-se-lhe como um rio impetuoso que transpõe pedras e rochedos. Durante esses anos passados em Husaby, a vida alargara-se, ampla e vasta como um lago que reflecte tudo o que o rodeia. Cristina evocava a terra natal, o Laag que transbordava na Primavera, e se alastrava escuro e poderoso, no fundo do vale, com mil destroços flutuantes, e tufos informes enraizados mas que as águas balouçavam. As revessas sombrias e ameaçadoras apareciam aqui e ali onde a corrente passava rápida, bravia e perigosa sob a superfície brilhante. Cristina sabia agora que o seu amor por Erlend correra daquela maneira, semelhante a uma torrente impetuosa, através da sua vida, durante esses anos. O curso precipitava-se, arrastando-a para o desconhecido.

Erlend, querido Erlend!

Uma vez mais Cristina rezou uma ave-maria, na tarde rubra. Bem-aventurada Virgem Maria, cheia de graça! Só uma coisa vos peço: salvai Erlend, salvai a vida de meu marido!

Contemplou Husaby a seus pés e pensou nos filhos. Na claridade crepuscular, a quinta assemelhava-se a uma imagem de sonho que podia màgicamente desvanecer-se; a angústia de Cristina perante o destino incerto dos filhos fazia-lhe estremecer o coração; veio-lhe então ao espirito que nunca agradecera bastante a Deus os belos frutos que recolhera das suas penas, que nunca mostrara reconhecimento pelos sete filhos que tivera.

Da celeste abóbada vesperal, das aldeias disseminadas perante os seus olhos, vinha até ela o cântico da missa que

ouvira milhares de vezes e a voz do pai que lhe explicara as palavras, com ela, pequenina, sobre os joelhos: eis o que Sira Erik canta no Prefácio quando se volta para o altar e diz em latim: «É verdadeiramente justo e razoável, é equitativo e salutar render-vos graças por Nosso Senhor Jesus Cristo sempre e em qualquer lugar. Ó Senhor santíssimo, Pai omnipotente, Deus eterno...»

Quando Cristina ergueu o rosto de entre as mãos, viu Gaute a subir a encosta. Esperou, sem se mover, que o pequeno chegasse a seu lado; estendeu-lhe então as mãos e agarrou nas dele. Em seu redor via-se a planície extensa; nenhum sítio onde se esconder.

— Como desempenhaste a comissão de teu pai, Gaute?

— Conforme ele me disse. Cheguei à quinta sem que ninguém desse por mim. Ulf não estava em casa; fiz o que o pai mandou: queimei as cartas no fogão da sala. Tirei-as do pano que as embrulhava... — O pequeno hesitava um tanto. — Mãe... havia nove cartas lacradas...

— Gaute! — Cristina pôs as mãos nos ombros do filho e olhou-o bem de frente. — Teu pai teve de confiar-te coisas importantes. Se não vês outro meio de ficares sossegado senão falando desse assunto a alguém, diz-me o segredo que guardas em ti. Mas prefiro que te cales, meu filho.

De cara rosada sob os cabelos lisos, louros como o linho, com olhos rasgados, boca vermelha, carnuda e rija... como ele agora se parecia com o avô Lourenço! Gaute fez um sinal afirmativo. Depois passou um braço em volta dos ombros da mãe. Com dolorosa doçura Cristina sentiu que podia encostar a cabeça no peito frágil do filho; crescera tanto que, se estava de pé e ela sentada, a cabeça da mãe chegava à altura do coração de Gaute. Pela primeira vez foi ela quem se apoiou ao filho.

— Isak estava sòzinho em casa — disse Gaute. — Não lhe mostrei o que levava. Só lhe disse que tinha uma coisa que devia queimar. Então ele ateou o lume antes de selar o cavalo.

A mãe fez um gesto de aprovação. Gaute afastou-se um pouco e perguntou-lhe com terror infantil e com voz cheia de admiração:

— Mãe, sabeis o que dizem?... Dizem que o pai... queria ser rei...

— É um boato um tanto ridículo, meu filho... — respondeu Cristina sorrindo.

— Mas ele é duma família que lhe permite pretender ser rei — disse o rapazinho com gravidade e orgulho. — E parece-me que o pai conviria melhor do que a maior parte dos homens...

— Chut! — Cristina tornou-lhe a pegar na mão. — Meu Gaute, hás-de compreender, visto teu pai te haver mostrado tal confiança, que tu e nós todos nada devemos dizer mas sim calarmo-nos até sabermos alguma coisa que nos permita julgar se temos de falar, e de que maneira. Partirei a cavalo amanhã de manhã para Nidaros e, se conseguir trocar algumas palavras com teu pai, dir-lhe-ei que desempenhaste bem a tua missão...

— Levai-me convosco, mãe! — suplicou o pequeno.

— É preciso que ninguém veja em ti senão uma criança sem reflexão. Tenta brincar e mostrar-te alegre o mais possível, meu filho; é o melhor serviço que podes prestar a teu pai.

Naakkve e Bjoergulf subiam lentamente a colina. Iam ter com a mãe, pensativos e perturbados. Cristina disse consigo que eles eram ainda muito crianças visto que se refugiavam junto da mãe, embora bastante crescidos para quererem consolá-la ou protegê-la se encontrassem meio para isso. Estendeu as mãos aos rapazes. Mas eles pouco falaram.

Daí a instantes desceram a colina; Cristina ia com uma mão apoiada no ombro de cada um dos dois filhos mais velhos.

— Porque me olhas assim, Naakkve?

O pequeno corou, voltou a cabeça e não respondeu.

Nunca até ali pensara no físico da mãe. Havia já muito tempo que começara a comparar o pai com os outros homens — o pai era o mais belo, o que tinha mais aspecto dum chefe. A mãe era aquela que estava sempre a ter filhos; estes cresciam passando das mãos das mulheres para a vida, para a sociedade, para as lutas, para a amizade do grupo fraternal; a mãe era generosa, sempre pronta a dar; sabia remediar quase todas as coisas más; era na quinta como o lume na lareira, dava vida à casa como as terras de Husaby davam as colheitas anuais: a vida e o calor tinham o seu cheiro próprio como o têm o estábulo e a cavalariça. Nunca o filho pensara em compará-la com outras mulheres...

Bruscamente, nessa tarde, isto ressaltava-lhe à vista: a mãe era linda; testa ampla e branca debaixo da touca de linho, olhos cinzentos e olhar franco sob os arcos tranquilos das sobrancelhas, peito alto e membros compridos e bem feitos. O tronco erguia-se tão direito como a lâmina duma espada. Ele, porém, nada disso podia dizer, e caminhava corado e silencioso, com uma mão de Cristina pousada no pescoço.

Gaute ia atrás de Bjoergulf agarrado ao cinto da mãe. O irmão mais velho começou a resmungar porque o outro o seguia, e daí resultaram ditos e cotoveladas. A mãe mandou-os calar e apaziguou-lhes a discussão enquanto um sorriso se lhe esboçava no semblante grave. No fim de contas os filhos não eram mais do que crianças...

Cristina ficou acordada durante a noite, com Munan adormecido sobre o peito e Lourenço entre ela e a parede.

Tentava formular uma opinião acerca do caso do marido.

Não podia crer que fosse muito perigoso; Erling Vidkunsoen e os sobrinhos do rei que moravam em Sudrheim também haviam sido acusados de alta traição e felonia contra o monarca — e continuavam ricos e sossegados no país, embora desprovidos da protecção real.

Erlend cometera, provàvelmente, algumas ilegalidades

para servir a senhora Ingebjoerg. Durante todos esses anos conservara relações amigáveis com a nobre parenta. Cristina sabia que uma vez ou duas ele, ilegalmente, lhe prestara determinado serviço que devia ficar secreto — havia cinco anos, quando Erlend fora hóspede dela na Dinamarca. Agora, que Erling Vidkunsoen se interessava pela causa da senhora Ingebjoerg e queria pôr-lhe à disposição os bens que possuia na Noruega, era verosímil que ele lhe houvesse indicado Erlend ou ela própria recorresse aos primos do pai, depois de haverem espiado as relações entre Erling e o rei. E Erlend talvez cometesse imprudências...

Mas Cristina não compreendia a razão por que os parentes de Sundbu estavam misturados nisso.

Em qualquer caso era impossível aquela história não acabar com a reconciliação de Erlend com o rei, visto ele nada mais ter feito do que mostrar excessivo zelo em servir a mãe deste último.

Alta traição! Ouvira falar da ruína de Audun Hugleiksoen... fora no tempo da mocidade do pai. Mas haviam acusado Audun de crimes horríveis. Lourenço afirmava que era mentira; a pequena Margret Eiriksdatter morrera nos braços do bispo Bjoergvin, e, como Audun não tomara parte na viagem, não a pudera vender aos pagãos. Isabel tinha treze anos, mas Audun já passava dos cinquenta quando a foi buscar para casar com o rei Erik. Até era pecado dar ouvidos ao que constava acerca desse casamento. O pai de Cristina proibira que cantassem na sua quinta canções sobre Audun. Diziam-se muitas coisas incríveis a respeito dele: que vendera todas as forças militares do rei Haakon ao rei de França e que prometera ir em seu socorro com duzentos barcos de guerra, em troca duma soma fabulosa de dinheiro. Mas nunca haviam explicado claramente o motivo por que Audun Hugleiksoen fora enforcado em Nordnes.

O filho saíra da Noruega. Constava que entrara no exército do rei de França. As netas do cavaleiro de Aalhus, Gyrd e Signe, tinham sido levadas para longe do local de

suplício do avô, pelo seu escudeiro. Viviam como pobres mulheres de camponeses numa terra do Haddingjadal.

Era bom que Erlend e ela não tivessem filhas. Cristina, porém, não queria deixar-se invadir por tais ideias. Não seria provável que o caso de Erlend se resolvesse de pior forma do que... o de Erling Vidkunsoen e dos filhos de Haftor, por exemplo!

Nicolaus Erlendsoen de Husaby!... Agora ela também achava que Husaby era a quinta mais bela da Noruega...

Iria falar com o cavaleiro Baard a fim de colher informações. O tesoureiro sempre demonstrara amizade por Cristina — e também o juiz Olavo — noutros tempos. Mas Erlend tivera tal atitude quando a sentença do juiz lhe fora contrária no processo relativo à casa de Nidaros! E Olavo tomava tanto a peito a infelicidade do marido da afilhada!

Nem ela nem Erlend tinham parentes próximos, por muito grande que fosse a sua família. Munan Baardsoen? Quase nem contavam com ele. Procedera indevidamente nas suas funções em Ringerike, e procurava, com exagerado ardor, ajudar os numerosos filhos (tinha quatro da mulher e cinco ilegítimos). Ficara sèriamente impressionado com a morte da senhora Catarina. Inge (da província de Ry), Julieta e o marido, Ragnfrid (casada na Suécia) pouco conheciam Erlend: eram os filhos de Baard e da senhora Aashild. Entre a gente de Hestnes e Erlend não havia muita convivência depois do falecimento de Baard Petersoen. Tormod de Raasvold estava senil, os filhos que a senhora Gunna lhe dera haviam morrido, e os netos eram menores.

Cristina não tinha no país outros parentes do lado do pai senão Ketil Aasmundsoen de Skog, e Sigurd Kyrning, casado com a filha mais velha do tio. A segunda era viúva e a terceira professara. Os homens de Sundbu pareciam todos quatro envolvidos no assunto. Quanto a Erlend Eldjarn, haviam-se zangado de tal forma quando das partilhas do espólio de Ivar Gjesling que nunca mais quiseram tornar-se

a ver; por isso é que ela não conhecia o marido da tia nem os filhos.

O dominicano enfermo era o único parente próximo de Erlend. E o dela era Simão Darre, desde que casara com Ramborg.

Munan acordou e começou a choramingar. Cristina voltou-se na cama e pôs o filho do outro lado. Não o podia levar consigo para Nidaros, quando tudo parecia tão incerto. Talvez fosse a última vez que o pequeno mamava no seio da mãe! Talvez fosse a última vez que ela tinha assim um filhinho encostado ao peito, o que era tão reconfortante!... Se a vida de Erlend estivesse em perigo!... Virgem Maria, mãe de Deus, mostrara ela alguma vez falta de paciência para com os filhos que tivera pela graça do Senhor?... Seria o derradeiro beijo que recebia duma boca pequenina como esta, que tinha a doçura do leite?

V

CRISTINA foi ao paço real logo que chegou a Nidaros. — Que haviam feito de Erlend naquela moradia? pensava ela olhando em volta de si as numerosas construções de pedra. Parecia mais preocupada com o estado em que se encontrava Erlend do que com o que queria saber. Mas informaram-na de que o tesoureiro estava ausente da cidade.

Ardiam-lhe os olhos depois da longa travessia de barco sob um sol escaldante, e o leite fazia-lhe doer os seios tumificados. Como dormissem as criadas que estavam em casa, Cristina ficou de pé toda a noite, passeando no quarto.

No dia seguinte mandou Haldor, seu escudeiro, à casa real. Voltou desanimado e triste... Ulf Haldorsoen, o tio dele, fora preso no fiorde quando tentava atravessá-lo com o fim de ir ao convento de Holm. O tesoureiro não regressara ainda.

Esta notícia assustou terrivelmente Cristina. Ulf não estivera em Husaby no ano anterior, mas, como adjunto do juiz cantonal, residia quase sempre em Skjoldvirkstad, de que ele possuía agora a maior parte. Que espécie de caso seria aquele no qual estavam tantos homens comprometidos? Não se podia defender da maior angústia, de tal forma se sentia doente e fatigada da noite passada em claro.

Na manhã do terceiro dia, o tesoureiro não voltara ainda. E uma carta que Cristina tentara mandar ao marido não chegara ao seu destino. Pensou ela em ir ao convento falar com Gunnulf, mas não se atreveu a dar tal passo. Andava incessantemente de cá para lá no salão da casa com os olhos

ardentes e meio fechados. De vez em quando sentia-se invadida de certa sonolência, mas logo que se deitava ficava tão cheia de terror e de tantas dores, que tinha de se levantar, absolutamente desperta, e de andar para poder resistir.

Por volta das três horas da tarde, Gunnulf Nicolaussoen veio visitá-la. Cristina correu para o frade:

— Viste Erlend, Gunnulf? De que o acusam?

— As notícias são más, Cristina. Não, não querem que ninguém se aproxime dele... sobretudo nós, os monges. Julgam que o abade Olavo estava ao corrente dos seus projectos. Erlend pediu dinheiro emprestado ao convento, mas os frades juram que nada sabiam do que ele queria fazer disso quando puseram o selo da Ordem. E o abade Olavo recusa dar a mínima explicação...

— Bom. Mas o que há?... Foi a duquesa que meteu Erlend nesse assunto?

Gunnulf respondeu:

— Parece que eles é que tiveram de instar com ela para lhe conseguirem a cooperação. A carta (de que alguém viu o rascunho) que Erlend e os amigos mandaram à duquesa na Primavera, não está nas mãos deles, mas podem, com ameaças, decidir a senhora Ingebjoerg a entregá-la. No entanto não encontraram nenhum rascunho. Mas, pela resposta e pela carta de Aage Laurisen que apanharam a Borgar Trondsoen de Veoey, comprovou-se que ela recebeu essa carta de Erlend e dos homens que se comprometeram a ajudá-lo nesta empresa. Sabe-se que a duquesa receou durante muito tempo mandar o moço gentil-homem Haakon para a Noruega, mas demonstraram-lhe que, fosse qual fosse o resultado, o rei Magnus não poderia fazer mal nenhum ao rapazinho: era seu irmão. Se Haakon Knutsoen não obtivesse o trono da Noruega, a sua situação não se modificaria, mas estes homens estavam dispostos a sacrificar a vida e os bens para o elevar ao trono.

Cristina ficou calada uns momentos.

— Compreendo. São factos mais importantes do que aque-

les que havia entre o cavaleiro Erling ou os filhos de Haftor e o rei.

— Sim — respondeu Gunnulf com voz surda. — Constava que Erlend e Haftor Olavsoen deviam embarcar para Bjoergvin. Mas era duma viagem para Kalundborg que se tratava, e tencionavam trazer o jovem Haakon para a Noruega como pretendente enquanto o rei Magnus está no estrangeiro...

O monge calou-se para prosseguir daí a pouco:

— Há talvez cem anos que um grande da Noruega fez uma tentativa semelhante e quis pôr no trono um inimigo do rei...

Cristina escancarava os olhos. Gunnulf não lhe podia ver a cara.

— É verdade. Os últimos que se meteram nessa empresa foram os avós de Erlend e os teus... Dessa vez, os meus parentes Gjeslings estavam do lado do rei Skule — disse ela daí a instantes com ar pensativo. Encontrou o olhar perscrutador de Gunnulf e continuou com ardor e paixão: — Não passo duma simples mulher, Gunnulf; pouca atenção prestei ao que diziam quando meu marido falava desses assuntos com outros homens; recusava escutar quando ele queria conversar acerca disso comigo. Deus me valha! Não era capaz de perceber coisas tão importantes. Mas, por muito estúpida que eu seja, sem aptidão para mais nada senão para governar a casa e educar os meus filhos, sei, apesar de tudo, que a justiça tinha muito caminho a percorrer para que um processo chegasse até ao rei e desse a volta ao país; compreendo também que o povo desta terra tem agora menos bem-estar e condições de vida mais difíceis do que no tempo em que o defunto rei Haakon era nosso soberano. Meu marido — Cristina deu alguns suspiros rápidos e frementes — meu marido empreendeu uma coisa tão grande que nenhum dos outros chefes deste país ousou empreender, vejo-o agora...

— É verdade. — O frade juntou as mãos e a voz tornou-se num murmúrio. — Uma coisa tão grande! Muitos censuram-no severamente por ter provocado com isso a ruína...

Cristina soltou um grito e ergueu-se. Nesse movimento de paixão, a dor que ela sentia nos seios e nos braços fez-lhe perlar de suor todo o corpo. Selvática e febril, voltou-se para o monge e exclamou com voz enérgica:

— Não é Erlend o responsável, é esse partido... isso é que foi a sua desgraça!

Lançou-se de joelhos com a cabeça para a frente e as mãos apoiadas no banco, e levantou para o frade o rosto ardente e desesperado:

— Tu e eu, Gunnulf, tu, seu irmão, e eu, sua mulher há treze anos, não devemos censurar Erlend, que hoje é um pobre prisioneiro, talvez em perigo de perder a vida...

Passou uma sombra fremente no semblante de Gunnulf. Olhou para a mulher ajoelhada:

— Deus to entregue, Cristina, por veres as coisas desse modo — Gunnulf torceu as mãos descarnadas. — Deus... Deus conserve a Erlend a vida e em tais condições que ele possa recompensar-te pela tua fidelidade. Oxalá Deus desvie esta desgraça de ti e dos teus filhos, Cristina!

— Não fales dessa maneira! — Endireitou-se, continuando de joelhos, e fitou os olhos do monge. — Não foi um bem teres-te ocupado dos assuntos que me dizem respeito e a Erlend. Ninguém o julgou tão duramente como tu, que és irmão dele e servo de Deus!

— Nunca julguei Erlend com mais dureza do que devia. — O pálido rosto empalidecera mais. — Nunca tive neste mundo ninguém mais querido do que meu irmão. É decerto por isso que, quando Erlend te ofendia, eu sofria como se os seus pecados fossem meus e que eu tivesse de expiá-los. Além disso, há Husaby. Erlend devia continuar a família que é também a minha. Entreguei nas mãos dele a maior parte da minha herança paterna. Os teus filhos são os varões que, pelo sangue, me estão mais próximos...

— Erlend não me ofendeu! Eu não era melhor do que ele! Porque me falas assim, Gunnulf? Nunca foste meu confessor. Sira Eiliv admoestava-me e não a meu marido;

era a mim que ele punia pelos meus pecados quando me queixava das dificuldades que experimentava. Era melhor padre do que tu; foi ele que Deus me deu como director, com ordem de o escutar, e nunca me disse que eu sofria uma injustiça. Quero entregar-me nas mãos dele!

Gunnulf levantou-se ao mesmo tempo que Cristina. Pálido e trémulo, murmurou:

— Tens razão. É Sira Eiliv quem deves escutar...

Ia partir, quando ela lhe agarrou vivamente na mão:

— Não me deixes assim! Recordo-me, Gunnulf... recordo-me que me acolheste nesta casa quando ela era tua, que foste bom para mim. Lembro-me da primeira vez que te encontrei... Eu estava atormentada, aflita; falaste-me para desculpar Erlend; não podias saber. Suplicavas-me pela minha vida, pela vida do meu filho. Sei que desejavas a nossa felicidade, que querias a Erlend... Não o julgues com dureza, Gunnulf... Qual de nós é puro perante Deus? Meu pai estimava-o. Lembra-te bem: ele encontrou-me fraca e fácil de seduzir, e instalou-me numa vida de bem-estar e honrosa. Oh! Sim, Husaby é bela! Na véspera de eu partir de lá, a tarde estava tão linda! Que beleza quando o Sol se pôs! Vivemos lá dias felizes, eu e Erlend. Aconteça o que acontecer... é meu marido... que eu amo...

Gunnulf apoiou as mãos no bordão que usava sempre que saía do claustro.

— Cristina... não construas nada sobre a vermelhidão do Sol poente nem sobre o amor... de que te lembras agora porque receias pela vida dele... Recordo-me da época em que eu era novo... simples subdiácono. Gudbjoerg, com quem Alf de Uvaasen casou, servia como criada em Siheim. Foi acusada de ter roubado um anel de ouro. Provou-se que estava inocente, mas a vergonha e o terror perturbaram-lhe tanto o espírito que cedeu à tentação do demónio: desceu ao lago e quis suicidar-se. Mais tarde disse-nos que, nesse momento, o mundo lhe parecera esplendoroso com as suas cores rubras e douradas; a água brilhava, calma e atraente, mas,

quando a mulher se viu dentro do lago, invocou o nome de Jesus e persignou-se... então o universo escureceu, a água tornou-se fria e ela viu onde o seu desígnio a ia arrastar...

— Calar-me-ei pois a esse respeito — disse Cristina com voz surda: permanecia imóvel, com o busto rígido. — Julgas que eu podia ser tentada a trair o meu senhor quando ele é infeliz! Não seria em nome de Cristo mas antes em nome de Satanás!

— Não era essa a minha ideia; julgava... Que Deus te ampare, Cristina, para que tenhas forças de suportar com amor os erros de teu marido...

— É o que eu faço, bem vês — retorquiu Cristina.

Gunnulf, pálido e trémulo, desviou-se dela, levando as mãos à cabeça.

— Vou para o convento. Poderei mais fàcilmente... na minha cela poderei mais fàcilmente reunir as ideias... fazer o que estiver ao meu alcance por Erlend e por ti. Que Deus e todos os santos concedam a vida e a salvação a meu irmão. Ah! Cristina, não julgues que não estimo Erlend!

Mas, depois de ele partir, Cristina ficou com a impressão de que tudo se tornaria pior. Não quis nenhum dos criados no quarto onde passeava torcendo as mãos e soltando débeis gemidos. A tarde já ia adiantada quando entraram pessoas a cavalo no pátio. A porta da casa abriu-se; um homem alto e corpulento, envolvido numa capa de viagem, apareceu na claridade do crepúsculo e dirigiu-se para Cristina, fazendo telintar as esporas e arrastar a espada. Ao reconhecer Simão Andressoen, desatou ela a soluçar e correu para ele de braços abertos, mas soltou um grito de dor quando o recém-vindo a abraçou.

Cristina ficou com as mãos apoiadas nos ombros de Simão e com a cabeça encostada ao peito dele, chorando sem descanso.

— Em nome de Deus, Cristina! — exclamou Simão agarrando-a docemente pela cintura. Havia já uma consolação na sua voz quente e brusca, no violento cheiro viril que dele se

exalava: do suor, da poeira, do cavalo, da capa de cabedal... — Em nome de Deus, Cristina, é cedo de mais para perder a coragem e a esperança... Havemos de o salvar...

De súbito ela recuperou suficiente presença de espírito para lhe pedir desculpa. Mostrava-se naquele estado lastimoso porque deixara de repente de dar o peito ao filho mais novo...

Simão soube o que lhe acontecera durante aqueles três dias. Chamou a criada de Cristina e perguntou-lhe com rudeza se não havia naquela casa mulheres capazes de compreenderem o que faltava à ama. Mas a criada era rapariga inexperiente e o guarda da casa era viúvo e pai de duas filhas solteiras. Simão mandou então um homem à cidade procurar uma mulher entendida em medicina, e pediu a Cristina que se deitasse na cama. Quando se sentisse mais aliviada, iria então conversar com ela.

Enquanto esperavam pela curandeira, Simão e o escudeiro cearam no quarto. Entretanto Simão contava a Cristina, que se despia na alcova, que partira a cavalo para o Norte logo que fora informado do que se passara em Sundbu, ele por um lado e Ramborg por outro, para estar junto das mulheres de Ivar e de Borgar. Tinham levado Ivar para o forte de Mjoes, mas haviam deixado Haavard em liberdade, depois de o obrigarem a prometer que não abandonaria o país. Constava que Borgar e Guttorm haviam tido a sorte de fugir. Jon de Langarbru partira para Raumsdal a fim de obter notícias e devia mandar uma mensagem para Nidaros. Simão estivera em Husaby de manhã mas não se demorara muito tempo. Os pequenos estavam bem, mas Naakkve e Bjoergulf queriam por força vir com ele.

Cristina sentia-se calma e repousada quando Simão se sentou junto dela na borda da cama, a altas horas da noite. Mergulhada na agradável lassidão que sucede às dores violentas, contemplava o rosto cheio e tisnado de Simão e os seus olhinhos perscrutadores. Era um grande sustentáculo que lhe chegava. O cunhado tornou-se grave quando soube

dos pormenores do caso, mas nem por isso pronunciou menos palavras consoladoras.

Cristina reparou no cinto de pele de alce que ele trazia na cintura grossa. A fivela de prata, enorme, sem outro ornamento além dum A e dum M abertos no metal (significando Ave-Maria), o comprido punhal com incrustações de prata dourada e grandes cristais de rocha no punho, a misera faquinha de mesa com o seu cabo de corno já fendido, consertado com um fio de cobre, tudo isso fizera parte do equipamento quotidiano do pai desde a infância de Cristina. Lembrava-se em que circunstâncias Simão recebera tais coisas. Pouco antes de morrer, Lourenço quisera dar a Simão o cinto dourado do trajo de cerimónia e também prata para o genro mandar fazer tantas chapas quantas lhe apetecesse. Mas Simão pedira em troca este presente e, como Lourenço dissesse que ele próprio se lesava dessa forma, o genro respondera que, em todo o caso, o punhal era uma peça valiosa. «Sim, e a faca também», comentara Ragnfrid sorrindo, e os homens haviam rido: «Sim, sim, principalmente a faca», diziam eles. Por causa dessa faca o pai e a mãe tinham discussões intermináveis. Ragnfrid indignava-se sempre que via aquele triste objecto no cinto do marido. Mas Lourenço jurava que ela nunca conseguiria separá-los, ele e a faca. «Nunca a puxei contra ti, Ragnfrid, e em toda a Noruega não existe faca mais perfeita para cortar manteiga... quando está mole.»

Cristina pediu para a ver e teve-a um momento nas mãos.

— Gostava que esta faca fosse minha — disse ela em voz baixa e comovida.

— Acredito... Sinto-me contente em possuí-la; não a venderia por vinte marcos. — Agarrou-lhe no punho, a rir, e tirou-lhe a faca. Simão possuía mãos pequenas e cheias, agradáveis ao tacto, bastante quentes e secas.

Pouco depois deu-lhe as boas-noites, pegou na luz e entrou na sala. Cristina ouviu-o ajoelhar-se diante da cruz, levantar-se e deixar cair as botas no chão. Alguns instantes mais tarde subiu pesadamente para o leito encostado à pa-

rede do lado norte. Cristina mergulhou num sono infinitamente profundo e sossegado.

Quando acordou no dia seguinte já a manhã ia avançada. Simão Andressoen saíra havia muito tempo e deixara dito que ela se conservasse tranquila em casa.

Só voltou às três horas da tarde, e exclamou logo de entrada:

— Trago-te saudações de Erlend, Cristina. Consegui falar com ele.

Notou quanto a fisionomia da cunhada se tornava juvenil, doce, animada de inquieta ternura. Agarrou-lhe na mão enquanto fazia a sua narrativa. Erlend e ele pouca coisa haviam dito, pois o homem que levara Simão para junto do prisioneiro ficara ali durante todo o tempo. Fora o juiz Olavo quem arranjara a Simão aquela entrevista, porque tinham sido cunhados em vida de Halfrid. Erlend mandava afectuosas saudações a Cristina e aos filhos; fizera uma data de perguntas a respeito deles todos, mas principalmente acerca de Gaute. Simão calculava que dentro de breves dias Cristina seria autorizada a visitar o marido. Erlend mostrava-se tranquilo e cheio de coragem.

— Se eu hoje tivesse saído contigo decerto o veria também — disse Cristina.

Simão não pensava assim. Vira-o, porque fora sòzinho.

— Sem dúvida que te será mais fácil conseguir vê-lo agora, Cristina, uma vez que um homem o visitou antes de ti.

Erlend estava num quarto da torre do oriente, sobranceiro ao rio; era um dos aposentos dos senhores, embora pequeno. Ulf Haldorsoen devia estar na masmorra e Haftor noutro quarto.

Com prudência e circunspecção, observando se Cristina tinha forças de suportar as notícias, Simão contou-lhe o que soubera na cidade. Quando viu que ela própria encarava o caso como grave, não dissimulou que era também essa a sua opinião. Mas todos com quem falara diziam achar impos-

sível que Erlend tivesse a audácia de premeditar tal empresa e de a levar tão longe como ele o fizera sem possuir a certeza de ter a seu lado grande parte dos cavaleiros e dos seus homens. E, como os senhores descontentes formavam um grande batalhão, não era provável que o rei se arriscasse a tomar medidas severas contra o chefe; procuraria antes um meio de se reconciliar com Erlend.

Cristina perguntou em voz baixa:

— E Erling Vidkunsoen, qual é o seu papel?

— Isso é o que muitas pessoas queriam saber.

Havia uma coisa que ele não disse a Cristina, assim como não dissera àqueles com quem falara: segundo ele, era pouco verosímil que houvesse ao lado de Erlend um grupo de homens que tivessem tomado o compromisso de expor a vida e os bens para o auxiliar numa obra tão perigosa; não o escolheriam como chefe... Todos os seus semelhantes sabiam perfeitamente que não podiam confiar nele.

É certo que era parente da senhora Ingebjoerg e do pretendente ao trono; nos últimos anos gozara de alguma autoridade e de boa reputação; não lhe faltava experiência das coisas de guerra, como a maior parte dos homens da sua idade, e passava por saber comandar os soldados e obter deles dedicação; e, embora houvesse tantas vezes procedido de maneira absurda, podia, apesar de tudo, moderar as palavras de forma conveniente e razoável, talvez porque os reveses sofridos lhe tivessem trazido tardia prudência. Simão julgava que o mais provável era os outros (sabendo do projecto de Erlend) haverem-no impelido para a frente; seria de espantar que fizessem promessas solenes e assim não lhes fosse possível abandonar a partida deixando cair toda a responsabilidade sobre Erlend.

Tinha a impressão de que o próprio Erlend não esperava outra coisa: dava mostras de compreender que teria de pagar caro a sua temeridade. «Quando as vacas caem no pântano, o dono deve agarrá-las pela cauda», dissera ele a sorrir. Mas pouco tinham podido falar, em presença dum terceiro.

Simão era o primeiro a admirar-se de que a sua entrevista com o cunhado o houvesse comovido tanto. Evocava o exíguo quartinho da torre onde Erlend o convidara a sentar-se no leito (esse leito ia dum lado a outro e ocupava metade do quarto); a figura direita e esbelta do prisioneiro destacando-se na fresta aberta da parede... Erlend absolutamente calmo, com os seus olhos límpidos, inacessível tanto ao receio como à esperança... Enérgico, tranquilo, viril, desde que todas aquelas sufocantes teias de aranha de tendências amorosas e de seduções femininas haviam sido varridas... Contudo as mulheres e o amor é que o conduziram ali com os seus planos audaciosos, destruídos antes de serem postos em execução... Mas Erlend parecia não pensar nisso. Mostrava-se como um homem que, tendo arriscado o jogo mais ousado, perdeu e sabe suportar a derrota com placidez e virilidade.

O seu espanto e grata alegria ao ver o cunhado eram também uma demonstração simpática. Simão dissera-lhe:

— Não te lembras, Erlend, daquela noite em que velámos ambos o nosso sogro? Demo-nos a mão e Lourenço pousou a sua sobre a nossa. Prometemos um ao outro e a ele que seríamos sempre como dois irmãos.

— É verdade. — Um sorriso iluminara a fisionomia de Erlend. — Lourenço não pensava certamente que nunca precisarias do meu auxílio.

— Ele via que tu, na tua situação, poderias auxiliar-me, e nunca se lembrou que precisasses da minha ajuda — volvera Simão sem se perturbar.

— Lourenço era homem de juízo, Simão. E, por muito espantoso que pareça, sei que me estimava!

«É verdade, Deus sabe como isso é espantoso!» pensara Simão. Mas ele próprio — a despeito de tudo o que sabia da vida de Erlend e de tudo o que este lhe fizera — não podia deixar de sentir certa amizade fraternal pelo marido de Cristina.

O cunhado pedira notícias da mulher. Simão contara-lhe

como a encontrara doente e cheia de ansiedade por causa do marido. Olavo Hermansoen prometera interceder para que ela o pudesse visitar logo que o cavaleiro Baard regressasse.

— Mas não antes de ela estar completamente bem! — pedira Erlend vivamente e em tom assustado. Um estranho rubor de donzela passara no seu rosto moreno e por barbear. — É a única coisa que eu receio, Simão. Não teria forças para vê-la doente.

Mas, pouco depois, dissera com a calma anterior:

— Sei que estarás fielmente junto de Cristina se eu morrer este ano. Ela e os filhos não ficarão em más circunstâncias com a herança que receberam de Lourenço. E ter-te-ão a seu lado quando morarem em Joerundgaard.

No dia seguinte ao da Natividade de Nossa Senhora, o mordomo-mor, Ivar Ogmundsoen, chegou a Nidaros. Nomearam um júri de doze fiéis súbditos do rei para julgar o processo de Erlend Nicolaussoen. O cavaleiro Finn Ogmundsoen, irmão do senescal, foi escolhido para pronunciar a acusação.

Entretanto, no decorrer do Verão, Haftor Olavsoen de Godoey matou-se com o punhal que cada prisioneiro tinha o direito de conservar para cortar os alimentos. A prisão causara tal efeito em Haftor que ele ficara meio doido. Ao saber da notícia, Erlend, apesar de muito comovido, disse a Simão que já não havia agora o receio de que Haftor desse à língua.

Pouco a pouco aconteceu o guarda ausentar-se de vez em quando para uma comissão, enquanto Simão ou Cristina se encontravam junto de Erlend. Ambos compreendiam e diziam entre si que o único pensamento de Erlend era sair daquele processo sem que os cúmplices fossem descobertos. Confessou isso, certo dia, claramente a Simão. Prometera aos companheiros da conspiração que aguentaria na corda de tal maneira que seria ele a receber a pancada nos dedos se as coisas chegassem a esse ponto.

— Nunca até hoje trai quem depositasse confiança em mim! — ajuntara Erlend. Simão fitou-o; o olhar do outro era

límpido; evidentemente que dizia aquilo de si próprio com perfeita boa fé.

Os delegados do rei não haviam conseguido encontrar a pista dos cúmplices de Erlend, com excepção dos irmãos Greip e Tovard Toressoen de Moere; estes pretendiam ignorar que Erlend tivesse outro projecto além do de convencer a duquesa a mandar educar na Noruega o moço gentil-homem Haakon Knutsoen. Em seguida os chefes representariam ao rei Magnus que seria vantajoso para os seus dois reinos conceder ele ao irmão uterino o título de rei da Noruega.

Borgar e Guttorm Trondsoenner haviam tido a sorte de fugir do castelo real de Veoey, ninguém sabia como, mas calculavam que Borgar fora ajudado por uma mulher; era bonito rapaz e bastante frívolo. Ivar de Sundbu continuava no forte de Mjoe. Quanto ao moço Haavard parecia estar inocente das deliberações dos irmãos.

Ao mesmo tempo que o tribunal funcionava no paço o arcebispo tinha um concílio no seu castelo. Simão contava muitos amigos; podia levar notícias a Cristina. Toda a gente pensava que Erlend seria condenado ao exílio e à confiscação dos bens. Erlend também assim julgava e estava cheio de coragem; tencionava refugiar-se na Dinamarca. Atendendo ao estado de coisas na Noruega, a vida seria sempre livre para homem resoluto e habituado às armas, e a senhora Ingebjoerg receberia decerto a mulher dele como parente e conservá-la-ia honrosamente a seu lado. Simão encarregar-se-ia dos pequenos mas Erlend preferia, no entanto, levar consigo os dois mais velhos...

Cristina não saíra da cidade durante esse período e nunca mais vira os filhos, excepto Naakkve e Bjoergulf que chegaram uma tarde, sòzinhos a cavalo, a casa dela. A mãe deixou-os ficar alguns dias mas depois mandou-os para Raasvold, onde a senhora Gunna tinha, na sua residência, os outros pequenos.

Erlend assim quisera. E Cristina receava os pensamentos que poderiam surgir em si se tivesse de ver os filhos em

seu redor, ouvir-lhes as perguntas e tentar explicar-lhes o que se passava. Diligenciava expulsar todas as recordações dos anos em que estivera em Husaby. Haviam sido tão felizes esses anos que lhe pareciam agora imensamente repousantes — como a calma ilusória que se desprende das vagas do mar quando as contemplamos dum alto promontório. As ondas que batem umas nas outras são um símbolo da união e da eternidade; assim a vida impelira a sua vaga para o domínio da alma no decorrer daqueles longos anos.

Cristina encontrava-se mais uma vez em situação semelhante à da sua mocidade, quando resistira a tudo e a todos naquela vontade de pertencer a Erlend. De novo a sua vida se resumia na expectativa dos momentos em que podia ver o marido: sentada ao lado dele na borda da cama no quarto da torre, falava-lhe com voz igual e tranquila; acontecia às vezes ficarem sòzinhos um curto instante; lançavam-se nos braços um do outro, num ardente e interminável beijo.

Passava ela horas e horas na igreja. De joelhos, fixava os olhos no relicário dourado de Santo Olavo, por detrás da grade do coro. «Senhor, sou a esposa dele. Senhor, fui-lhe fiel quando lhe pertencia pecaminosamente. Pela misericórdia de Deus os dois seres indignos que éramos foram santamente unidos pelo sacramento do matrimónio. Marcados pelo ferro incandescente do pecado, esmagados pelo peso do pecado, apresentámo-nos juntos à porta da casa de Deus, recebemos ambos, da mão do padre, o corpo do Senhor. Posso eu queixar-me agora se Deus põe a minha fé em prova, posso eu ter outro pensamento que não seja o de dizer comigo que sou sua mulher e que ele é meu esposo, tanto tempo enquanto vivermos?»

Na quinta-feira anterior ao dia de São Miguel, reuniu-se o tribunal e foi pronunciada a sentença relativa a Erlend Nicolaussoen de Husaby. Reconheceram-no culpado de haver traído o rei Magnus, o país e os súbditos do rei, de ter querido provocar uma revolta contra o soberano e introduzir na Noruega uma força armada de mercenários. Conformando-se

com o costume em semelhantes circunstâncias, os juízes declararam que Erlend Nicolaussoen traíra o rei Magnus.

Arne Gjavvaldsoen veio procurar Simão Darre e Cristina Lavransdatter à casa de Nicolaus. Assistira à audiência.

Erlend não tentara refutar a acusação. Com energia e clareza confessara o seu desígnio; quisera constranger o rei Magnus Eiriksoen a conceder ao gentil-homem Haakon Knutsoen Porse, seu irmão uterino, a soberania da Noruega. Arne achava que Erlend falara muito bem. Fizera ver as grandes dificuldades que os camponeses tinham de suportar, por causa de o rei haver estado nos últimos anos pouco tempo na Noruega e sempre ter mostrado repugnância em nomear regentes capazes de administrarem a justiça e de exercerem a autoridade real. E por motivo da empresa do monarca na Escânia, e da prodigalidade e incompetência em matéria financeira de que haviam dado provas os homens seus conselheiros, o povo estava exposto às exacções e à miséria, e nunca se sentia garantido contra novas requisições e contribuições extraordinárias. Como os cavaleiros e soldados noruegueses tinham muito menos direitos e liberdades do que os suecos, os primeiros dificilmente rivalizavam com os segundos, e era natural o moço e imprudente senhor Magnus Eiriksoen dar ouvidos e preferir os senhores suecos, visto estes possuírem maior soma de meios para o auxiliar com soldados afeitos à guerra.

Ele e os seus amigos conjurados tinham o sentimento de conhecerem perfeitamente bem o estado de espírito da maioria da população, dos servos, dos senhores, dos camponeses e dos cidadãos da Noruega, para terem a certeza de que seriam apoiados quando apresentassem um pretendente tão próximo parente do falecido rei Haakon e do monarca actual. Presumira, pois, que a população o coadjuvaria para obrigar o rei Magnus a deixar o irmão subir ao trono. O moço Haakon juraria manter a paz e relações fraternais com o senhor Magnus, assegurar à Noruega as antigas fronteiras nacionais, defender os direitos da Igreja, as leis e os costu-

mes do país conforme as tradições, os privilégios e liberdade dos camponeses e dos cidadãos, e impedir a intrusão de estrangeiros no reino. Aliás, sempre houve na Noruega o direito de afastar um rei que tentasse reinar violando as leis.

A propósito da viagem de Ulf Sakessoen à Inglaterra e à Escócia, dissera Erlend que o único objectivo fora captar as boas graças desses países a favor do senhor Haakon para o caso de Deus concedê-lo aos Noruegueses como rei. Não tivera companheiros nessa conspiração além de Haftor Olavsoen de Godoey (que Deus lhe desse descanso!) os cunhados e os três filhos de Trond Gjesling de Sundbu, e Greip e Tovard Toressoen da família de Hatteberg.

Arne Gjavvaldsoen afirmava que as palavras de Erlend tinham produzido grande impressão. Mas, no fim, ele ajuntara que haviam pensado serem apoiados pelos padres, e lembrara os antigos boatos da adolescência do rei Magnus, e, na opinião de Arne, aquilo fora um remate pouco hábil. O delegado do arcebispo protestara vivamente; o arcebispo Paulo Baardsoen, tanto na época em que era chanceler como na actual, adquirira a estima do rei Magnus pelos seus sentimentos de piedade; todos os súbditos preferiam esquecer as calúnias que haviam atingido o seu soberano: demais a mais, ele ia casar agora com a filha do conde de Namur: se houvesse um fundo de verdade nessas maledicências, Magnus Eiriksoen ter-se-ia desviado completamente de tal projecto.

Arne Gjavvaldsoen testemunhou a maior amizade a Simão Andressoen enquanto este esteve em Nidaros. Foi ele quem lembrou a Simão que Erlend podia apelar da sentença alegando erro de forma. Segundo a letra da lei, a acção contra Erlend devia ser intentada por um dos seus iguais; ora, o senhor Finn de Hestboe era cavaleiro, e Erlend escudeiro. Tornava-se, pois, possível novo julgamento. Erlend não podia ser condenado a pena mais severa do que o exílio.

Quanto à declaração de Erlend relativa ao governo que, na sua opinião, seria útil ao país, haviam-na escutado com

benevolência. E todos sabiam onde se devia procurar o homem que, sem dúvida, tomaria de boa vontade o leme para dirigir a barca durante a menoridade do rei. Arne mergulhava os dedos na barba branca e observava Simão disfarçadamente.

— Não constou que se haviam dirigido a ele no Verão passado? — perguntou Simão em voz baixa.

— Não. Ele afirma que perdeu as boas graças do rei e que nada tem com estes assuntos. Há muitos anos que está metido em casa entretido com as tagarelices da senhora Eline. Dizem que as filhas são tão bonitas e tão parvinhas como a mãe.

Erlend ouvira a sua condenação com ar calmo e imperturbável, e saudara os membros do tribunal com a mesma cortesia, com o mesmo desembaraço e elegância tanto à entrada como à saída. Mostrava-se sereno e bem disposto quando Cristina e Simão puderam falar com ele no dia seguinte. Arne Gjavvaldsoen acompanhava-os e Erlend declarou que queria seguir o seu conselho:

— Nunca consegui levar Cristina comigo à Dinamarca — disse ele, passando o braço em volta da cintura da mulher. — E sempre tive tanto desejo de correr o mundo com ela! — Houve uma espécie de tremor no seu rosto e, de súbito, beijou apaixonadamente a face pálida de Cristina, sem se preocupar com os dois homens que o olhavam.

Simão Andressoen ia partir para Husaby a fim de preparar a mudança dos móveis de Cristina para Joerundgaard. Aconselhou-lhe que mandasse os filhos para Gudbrandsdal nessa mesma ocasião. Cristina respondeu:

— Meus filhos não abandonarão a quinta do pai enquanto não forem corridos de lá.

— Pois eu, no teu lugar, não esperaria por isso — retorquiu Simão. — Eles são tão novos que não podem compreender claramente este caso. Mais vale saírem de Husaby

persuadidos de que vão passar uns tempos a casa da tia para ficarem conhecendo a herança que a mãe recebeu.

Erlend aprovou Simão. Resolveram, no entanto, que só Ivar e Skule fossem com o tio para o Sul. Cristina não ousava mandar os dois mais pequeninos para tão longe dela. Quando lhe haviam trazido Lourenço e Munan à sua casa da cidade e notara que o mais novo a não reconhecia, sentira despedaçar-se-lhe o coração. Simão não a vira chorar desde aquela noite em que chegara a Nidaros. Agora debulhava-se em lágrimas por causa de Munan que, enquanto ela o estreitava ao peito, se debatia e esperneava reclamando a ama, e pelo pequeno Lourenço que trepara para os joelhos da mãe e se lhe agarrava ao pescoço chorando por vê-la chorar. Estes dois ficaram com ela; quanto a Gaute, que não queria partir com Simão, Cristina achou pouco sensato mandar para longe essa criança que tinha o peso dum segredo excessivamente oneroso para a sua idade.

Sira Eiliv trouxe os mais velhos à cidade. Pedira autorização ao arcebispo para se retirar da sua igreja e ir a Tautra ver o irmão, licença que o capelão de Erlend Nicolaussoen obtivera com facilidade. Achou que Cristina não podia ficar na cidade com tantas crianças ao seu cuidado, e ofereceu-se para levar Naakkve e Bjoergulf para o convento aonde ele se dirigia.

Na véspera da partida do padre e dos rapazinhos — Simão já se fora embora com os gémeos — Cristina confessou-se ao piedoso homem de coração puro que durante todos aqueles anos fora seu director espiritual. Sira Eiliv recomendou-lhe que fosse humilde e submissa a Deus, paciente, fiel e constante no amor pelo marido. Ajoelhara perto do banco onde o padre estava sentado; então Sira Eiliv levantou-se, ajoelhou ao lado dela sem tirar a estola carmesim, símbolo da sujeição ao amor de Cristo, e orou longamente, com fervor, no maior silêncio. Mas Cristina sabia que ele rezava por Erlend, por ela e pelos filhos — toda esta família por quem durante tanto tempo se esforçara em salvaguardar a saúde moral.

No dia seguinte Cristina encontrava-se na foz do Bratoeren e observava os conversos de Tautra içarem a vela do barco que levava os dois filhos mais velhos e o padre. Ao regressar, entrou na igreja dos Franciscanos e aí se demorou até julgar-se suficientemente reanimada para voltar para casa. E, à noite, depois de Lourenço e de Bjoergulf adormecerem, sentou-se a fiar e a conversar com Gaute, enquanto esperava pela hora de ele ir também para a cama.

VI

ERLEND ficou no castelo do rei até às vésperas do dia de São Clemente. Chegou então um mensageiro com ordem de o levar, com um salvo-conduto em regra, a uma entrevista com o rei Magnus. Nesse ano o monarca tencionava passar o Natal em Baagahus.

Cristina andava cheia de pavor. Com grande esforço mostrara-se calma enquanto Erlend estivera preso em consequência duma acusação tão grande. Iam agora levá-lo para longe, com destino desconhecido... Várias versões corriam acerca do rei, e, entre os seus íntimos, o marido de Cristina não contava amigos. Ivar Ogmundsoen, que era presentemente capitão no castelo de Baagahus, usara os termos mais duros para qualificar a conspiração de Erlend. E ainda se irritou mais ao saber de certas impertinências que Erlend tivera o descaramento de dizer a seu respeito.

Erlend, porém, continuava bem disposto. Cristina via perfeitamente que ele não recebia sem mágoa a separação iminente, mas o longo cativeiro começava a fatigá-lo de tal forma que se agarrava com avidez à perspectiva duma viagem por mar e parecia indiferente a qualquer outra coisa.

No espaço de três dias tudo se aprontou e Erlend partiu no barco do cavaleiro Finn. Simão prometera voltar a Nidaros antes do Advento, depois de tratar de certos assuntos da sua quinta. Pedira a Cristina que lhe mandasse recado se surgisse algum imprevisto; neste caso, viria imediatamente. Resolveu ela partir para o Sul a fim de o visitar. De lá iria ter com o rei para se lhe lançar de joelhos e pedir o perdão para o marido. Ofereceria de boa vontade tudo o que possuía para lhe salvar a vida.

Erlend empenhara e vendera a quinta de Nidaros a várias pessoas; a casa principal pertencia agora ao convento de Nidarholm, mas o abade Olavo escrevera a Cristina uma carta afectuosa em que pedia que continuasse a servir-se do edifício enquanto precisasse. E ela lá estava, apenas acompanhada duma criada, de Ulf Haldorsoen (que haviam posto em liberdade por falta de provas de cumplicidade) e do sobrinho deste, Haldor, escudeiro de Cristina.

Consultou ela Ulf, que se mostrou a princípio um tanto hesitante; era de opinião que seria viagem penosa, essa de atravessar os Dofrines; caíra já muita neve na montanha. Mas, quando viu a ansiedade de Cristina, aprovou o seu projecto. A senhora Gunna ficou com os dois pequenos em Raasvold, porém Gaute não se quis separar da mãe e ela achou conveniente não deixar o filho no Nordenfjold, longe da sua vigilância.

Tiveram tão mau tempo ao chegar aos Dofrines que, a conselho de Ulf, prenderam os cavalos na cabana de Drivstuen, na montanha, e pediram patins emprestados — para o caso de serem obrigados a continuar a viagem na noite seguinte. Como Cristina nunca mais pusera patins nos pés desde pequena, foi-lhe muito difícil avançar, embora os homens a ajudassem o mais que podiam. Nesse dia, não foram além de meio caminho entre Drivstuen e Hjerdkinn, em plena serra, e, quando começou a escurecer, tiveram de procurar refúgio; abrigados numa ladeira coberta de bétulas, improvisaram uma cama no meio da neve. Em Toftar conseguiram alugar cavalos; aí, encontraram nevoeiro e, quando chegaram ao vale, o tempo estava chuvoso. Ao entrarem no pátio da quinta de Formo, já noite cerrada, o vento uivava nos ângulos da casa, o rio bramia, ribombos e silvos vinham da montanha. O pátio parecia um pântano esponjoso abafando o ruído das patadas dos cavalos... Nessa noite de sábado, véspera de festa, nenhum sinal de vida se manifestava na grande propriedade; nem servos nem cães davam fé da chegada dos viajantes.

Ulf bateu violentamente com a lança na porta da casa. Veio um criado abri-la. Precisamente atrás dele, no vestíbulo, estava Simão, cujo vulto se destacava, corpulento e escuro, á claridade duma vela. Tinha uma criança ao colo e enxotava os cães que ladravam. Soltou uma exclamação ao ver a cunhada, pôs a criança no chão e mandou entrar Cristina e Gaute enquanto lhes tirava os abafos encharcados pela chuva.

Havia calor na sala acolhedora, mas o ar estava sufocante, porque o aposento, além de ter um fogão e de o tecto ser raso, ficava situado por baixo do celeiro do feno. Encontravam-se ali inúmeras pessoas — e crianças e cães que surgiam de todos os cantos. Cristina descobriu os gémeos, vermelhos e contentes, escondidos atrás da mesa sobre a qual ardia uma vela. Avançaram e saudaram com ar um tanto estranho a mãe e o irmão. Cristina percebeu que caíra em plena festa. Reinava grande desordem na sala, e, a cada passo que dava, Cristina punha os pés em cima de cascas de nozes que estalavam; o soalho estava coberto delas.

Simão mandou aos criados que se retirassem, e o aposento esvaziou-se de servos e de grande parte das crianças e dos cães; os hóspedes eram vizinhos, com a respectiva criadagem. Enquanto interrogava e escutava Cristina, Simão acolchetou a camisa e a veste (que estavam escancaradas) sobre o peito nu e peludo. Os pequenos tinham-no desalinhado daquela forma, — disse ele para se desculpar. Parecia medonho, com o cinto às avessas, o fato e as mãos sujas, a cara enfarruscada e os cabelos cheios de pó e de cisco.

Um instante depois, chegaram duas criadas que acompanharam Cristina e Gaute aos aposentos do Ramborg. O lume ardia no fogão; mulheres, solícitas, acenderam uma vela, prepararam a cama e ajudaram Cristina e o filho a vestirem fatos secos, enquanto outras servas transportavam para a mesa comidas e bebidas. Uma rapariguinha de tranças sedosas trouxe a Cristina uma taça de cerveja espumosa. Era a filha mais velha do dono da casa. Nesse momento entrou Simão. Lavara-se e arranjara-se, e parecia-se mais com

aquele que Cristina estava habituada a ver, elegante e bem vestido. Vinha com a filha mais nova pela mão e Ivar e Skule acompanhavam-na.

Cristina perguntou pela irmã; Ramborg partira para Ringheim com as mulheres de Sundbu, — respondeu ele; Josteim viera buscar Helga e quisera levar na mesma ocasião Dagny e Ramborg; era um velhote alegre e amável que prometera tomar o máximo cuidado nas companheiras. Talvez Ramborg passasse lá o Inverno. Esperava um filho pelas proximidades da festa de São Matias... Simão tencionava ausentar-se durante o Inverno. Ramborg estaria melhor na companhia daqueles parentes, gente moça... E o governo da casa, em Formo? Não fazia diferença nenhuma, quer Ramborg estivesse ou não lá — disse ele a sorrir — pois nunca exigira que a mulher se fatigasse a dirigir tudo; ela era tão nova...

Quando soube do desígnio de Cristina, Simão prontificou-se a acompanhá-la ao Sul. Tinha lá muitos parentes e amigos de longa data, tanto do pai como dele, de forma que esperava poder-lhe prestar melhor serviço lá do que aqui. No próprio local perceberia com maior facilidade se seria vantajoso ela ir falar com o rei. Em três ou quatro dias estaria pronto a partir.

Foram ambos à missa no dia seguinte, que era um domingo, e, em seguida, visitaram Sira Erik em Romundgaard. O padre, já muito velho, recebeu Cristina afectuosamente e pareceu deveras impressionado com a sorte dela. Depois disso, foram a Joerundgaard.

Os edifícios não se haviam alterado, e, nos quartos, viam-se os mesmos leitos, os mesmos bancos, as mesmas mesas. A quinta pertencia agora a Cristina; era provável que os filhos ali crescessem e ela ali morresse. Mas nunca sentira tão nitidamente, como nesse momento, quanto o pai e a mãe haviam sido os animadores daquela casa. Embora tivessem sofrido algumas lutas secretas, prodigalizavam auxílio, paz e segurança a todos os que viviam à sua volta.

Perturbada e triste, Cristina maçou-se um tanto de ouvir a tagarelice de Simão, que não se cansava de falar dos seus negócios de família, da quinta e dos filhos. No entanto ela censurava-se por isso; o cunhado estava disposto a ajudá-la o mais que pudesse; reconhecia que era um belo rasgo de Simão consentir em abandonar a sua casa durante as festas do Natal e separar-se da mulher quando as circunstâncias assim o exigiam. Preocupava-se certamente com saber se a criança que ia nascer seria um rapaz; Ramborg, embora casada há seis anos, dera-lhe uma única filha. Cristina não podia esperar que ele se atormentasse tanto com a infelicidade dela e de Erlend que chegasse a esquecer a felicidade da sua vida íntima... Mas causava-lhe uma impressão estranha a companhia de Simão; mostrava, na sua casa, tanta alegria, entusiasmo e confiança!

Cristina imaginara que Ulvhild Simonsdatter se parecia com a irmãzinha de Ramborg de quem recebera o nome — que seria loura, delicada, de alvura deslumbrante. Em vez disso, a filha de Simão era rechonchuda, de faces como maçãs e boca como uma baga vermelha, olhos cinzentos e irrequietos, semelhantes ao do pai, e lindos cabelos escuros e ondulados. Simão adorava a buliçosa e encantadora pequena, e ficava encantado com as suas conversas divertidas.

— Como esta garota é feia, maçadora e má! — dizia ele, levantando-a no ar e fazendo-a rodopiar. — É tão feia que decerto foi um lobisomem que os génios da montanha puseram no berço para mim e para a mãe!

Pousava-a bruscamente no chão e fazia por três vezes o sinal da cruz sobre a criança, como que assustado pelas suas palavras imprudentes.

A filha ilegítima, Arngjerd, não era bonita, mas parecia inteligente e afável, e o pai levava-a consigo, sempre que havia ocasião. Desde manhã à noite elogiava ele a sua habilidade. Cristina teve de admirar, na arca de Arngjerd, tudo o que ela fiara, tecera e cosera para o seu dote.

— O dia em que eu entregar a minha filha a um marido

honesto e bondoso será um dos mais felizes da minha vida — dizia Simão demorando o olhar na rapariguinha.

Por economia e porque a viagem seria rápida, Cristina não quis levar criada nenhuma nem outro homem além de Ulf Haldorsoen. Quinze dias antes do Natal partiram a cavalo de Formo com Simão Andressoen e os seus dois escudeiros diligentes e novos.

Quando chegaram a Oslo, Simão foi logo informado de que o rei não viria à Noruega: passaria o Natal em Estocolmo. Erlend encontrava-se no forte de Akernes; o comandante ausentara-se; por isso, até nova ordem, ninguém podia visitar o prisioneiro. Mas o adjunto do senescal, Olavo Kyrning, prometera mandar dizer a Erlend que eles estavam na cidade. Olavo mostrou-se muito amável para Simão e Cristina porque o irmão dele era casado com Ramborg Aasmundsdatter de Skog e por essa razão se considerava parente das filhas de Lourenço.

Ketil de Skog veio convidá-los a passar o Natal na sua quinta, mas Cristina não quis fazer excursão nenhuma durante as festas enquanto Erlend estivesse naquela situação. Simão também não quis ir, embora ela insistisse. Simão e Ketil conheciam-se relativamente bem, mas Cristina só vira o primo uma vez depois de adulto.

Cristina e Simão desceram à quinta onde outrora ela fora hóspede dos parentes deste no tempo em que eram noivos, mas ficaram noutro edifício. Havia duas camas na sala: ela dormia numa e Simão e Ulf noutra. Os criados pernoitavam na estrebaria.

Na noite do Natal, Cristina quis ir à missa do galo da igreja de Nonneseter, porque, dizia ela, os cânticos das freiras eram muito belos. Foram então todos cinco. A noite estava estrelada, branda e linda, e, como nevara um pouco, havia bastante claridade. Quando os sinos começaram a tocar acorreu gente de todas as quintas, e Simão teve de dar a mão a Cristina. Observava-a furtivamente. Ela emagrecera muito nesse Outono, mas parecia que o vulto alto e direito

readquirira qualquer coisa da sua graça terna e serena de solteira. O rosto pálido apresentava de novo a expressão de tranquilidade e de doçura que escondia a tensão duma alma profunda e secretamente sensível. Tinha uma estranha e fantástica semelhança com a jovem Cristina daquele remoto Natal. Simão apertou-lhe a mão e só deu fé de que o fizera quando ela lhe respondeu estreitando-lhe os dedos. Levantou os olhos para Cristina — ela sorriu e ele compreendeu que aquilo fora tomado como um encorajamento; de facto, esforçou-se por mostrar que era realmente corajosa.

Decorridos os dias santificados, Cristina foi ao convento apresentar as suas respeitosas saudações à abadessa e às freiras que ela conhecera noutro tempo, quando ali estivera. Demorou-se poucos momentos no parlatório da abadessa. Em seguida, entrou na igreja. Percebia que nada tinha a fazer dentro do mosteiro. As freiras haviam-na recebido com amabilidade, mas notou que, para elas, não passava de uma das numerosas educandas que lá tinham estado. Se sabiam ou não que ela se distinguira das outras, e não em bem, nada deixavam transparecer. Esse ano em Nonneseter, que tanta importância trouxera à sua vida, tão pouca tivera na vida do convento! O pai pagara parte das orações do mosteiro pela salvação das almas; a nova abadessa, Madre Eline, e as outras monjas disseram que iam rezar por Cristina e pelo marido. Mas a mulher de Erlend compreendeu que não tinha o direito de insistir e de incomodar as freiras com as suas visitas. A igreja estava aberta para ela como para toda a gente; pôde ficar na galeria do norte a escutar as vozes puras das monjas que cantavam no coro e pelo prazer de se tornar a encontrar naquele lugar tão conhecido e de rever as imagens e os altares; e, quando as freiras saíram do templo pela porta que dava para o claustro, foi ajoelhar-se sobre a sepultura de Madre Groa, daquela digna abadessa cheia de sabedoria e de energia, de quem não recebera nem apreciara os conselhos; nessa morada das servas de Cristo ela não tinha outro direito.

Passado o Natal, o cavaleiro Munan veio visitá-la — só agora soubera que ela estava na cidade, disse ele. Cumprimentou cordialmente Cristina, Simão Andressoen e Ulf, a quem logo tratou por parente e querido amigo. Ser-lhes-ia difícil ver Erlend, declarou; guardavam-no com o maior rigor; ele próprio não conseguira obter autorização para visitar o sobrinho. Mas, quando o cavaleiro se retirou, Ulf comentou, a rir, que não acreditava ter Munan insistido muito. Receava tanto ver-se envolvido no caso que preferia, certamente, não ouvir falar disso. Munan tornara-se absolutamente num velho, calvo e magro; a pele pendia-lhe, flácida, sobre o corpo. Morava em Skogheim e tinha consigo uma das filhas bastardas, que era viúva. O pai bem queria livrar-se dela, pois nenhum dos outros filhos, legítimos ou não, desejava conviver com ele enquanto aquela irmã governasse a casa de Munan; era mulher imperiosa, avara e maldizente; mas o pai não ousava mandá-la embora.

Muito tempo depois, Olavo Kyrning obteve finalmente autorização para Simão e Cristina visitarem Erlend. Simão acompanhou de novo a infeliz mulher àquelas dolorosas entrevistas. Com muito maior rigor do que em Nidaros, não consentiam que Erlend falasse a ninguém fora da presença dos guardas do castelo.

Erlend mostrava-se calmo como antes, mas Simão percebeu que aquela situação começava a fatigá-lo. Nunca se queixava; pelo contrário, dizia que o tratavam com as maiores atenções possíveis. Confessou, no entanto, que o frio o incomodava: não havia fogão no quarto. E o asseio deixava um pouco a desejar. Mas, a rir, assegurava ele que o tempo ainda lhe parecia mais comprido se não tivesse de lutar com parasitas...

Cristina estava também serena, tão serena que Simão esperava com angústia o dia em que ela, sem dúvida, sucumbiria de vez.

O rei Magnus, entretanto, continuava através da Suécia a cavalgada da sua jubilosa coroação e não havia esperanças

de que aparecesse de repente na fronteira norueguesa nem que tão cedo se modificasse a situação de Erlend.

No dia de São Gregório, Cristina e Ulf Haldorsoen foram à igreja de Nonneseter. Quando, no regresso, ultrapassaram a ponte do rio do mosteiro, Cristina não tomou o caminho que ia ter ao albergue situado junto do paço episcopal, mas voltou a leste, em direcção ao adro da Igreja de São Clemente, e depois atravessou as ruazitas estreitas que ficam entre o templo e o ribeiro.

O dia estava cinzento, começara a degelar; os sapatos e a orla das capas pesavam de lama barrenta das margens do rio. Desembocaram nas terras do flanco da colina. Numa ocasião, os olhos de ambos encontraram-se. Ulf sorriu em silêncio, esticou a boca numa espécie de careta, enquanto os seus olhos estavam cheios de tristeza; Cristina tinha um sorriso estranho e doentio.

Pouco depois atingiram o cimo da colina; a argila desmoronara certo dia, e a quinta ficava precisamente por baixo, tão embrenhada naquele amontoado amarelo coberto de ervas ruins que lhes chegava directamente o fedor do cortelho que dali viam. Chafurdavam dois porcos nessa lama escura. O rio parecia uma faixa estreita; a corrente suja, com pedaços de gelo que se entrechocavam, invadia casas arruinadas cujos telhados tinham uma cor desbotada.

Enquanto Cristina e Ulf ali estavam, um homem e uma mulher aproximaram-se da paliçada e observaram os bácoros. Ele, debruçando-se, coçou um dos porcos com o cabo da acha luzidia em que se apoiava. Era Munan Baardsoen em pessoa, e a mulher era Brynhild. Ele ergueu os olhos e viu-os. Como ficasse de boca aberta, Cristina interpelou-o jovialmente.

Munan desatou a rir:

— Vem cá abaixo tomar um copo de cerveja quente! Está um tempo imundo! — gritou ele.

Enquanto desciam para a quinta, Ulf contou que Brynhild Jonsdatter já não era estalajadeira nem vendia cerveja.

Tivera vários percalços, haviam-na ameaçado com a justiça, mas Munan salvara-a e garantira que ela acabaria definitivamente com os seus negócios ilícitos. Além disso os filhos tinham agora tais situações que, por causa deles, ela devia pensar em arranjar melhor reputação. Depois da morte da mulher, Munan Baardsoen reatara as relações com Brynhild e frequentava a quinta de Fluga.

O cavaleiro veio recebê-los à porta.

— De certa maneira somos todos quatro parentes — disse ele rindo à socapa. Estava um tanto embriagado. — És uma mulher honrada, Cristina Lavransdatter, devota e nada orgulhosa. Brynhild é agora uma senhora digna e respeitável, e eu não era casado quando gerei os dois filhos que ela teve... E são os melhores de todos os meus filhos, sempre to disse, Brynhild. Inge e Gudleik são os meus preferidos...

Brynhild era ainda bonita, mas com a pele amarelada, e Cristina tinha a impressão de que, se lhe tocasse na cara, a sentiria húmida como quando alguém se inclina um dia inteiro sobre panelas de banha. Mas a casa era bem arranjada, excelentes as iguarias e as bebidas que ela servia, e a baixela de madeira asseada e bonita.

— Sim, dou uma voltinha por aqui quando tenho negócios a tratar em Oslo — disse Munan. — Compreendes, a mãe deseja ter notícias dos filhos... Inge escreve-me muitas vezes, pois é homem instruído, como convém ao representante dum bispo, fica tu sabendo! E eu arranjei-lhe um belo casamento com Tora Bjarnesdatter de Gujote; julgas que muita gente encontrava uma mulher daquelas para um bastardo? Eu e Brynhild palestramos de tudo isto, e ela serve-me petiscos e cerveja, como antigamente, em Skogheim. Custa-me estar em casa a pensar na minha defunta mulher. Então venho até cá procurar um pouco de felicidade... quando Brynhild está disposta a favorecer-me com alguma amizade e alegria...

Ulf Haldorsoen, com o queixo apoiado na mão, observava a senhora de Husaby. Cristina escutava e respondia com a

maior calma, doçura e cortesia — tão serena e distinta como se estivesse de visita em casa de algum importante proprietário de Nidaros.

— Tu, Cristina Lavransdatter — disse Brynhild Fluga —, conseguiste o nome e as honras de mulher legítima, embora te houvesses ajuntado com Erlend na minha casa. Eu, sempre fui o que se chama uma mulher de má vida... a minha madrasta vendeu-me àquele... mordi-o e arranhei-o, e as marcas das minhas unhas ficaram-lhe na cara antes que ele me tivesse submetido à sua vontade...

— De que serve repisar tudo isso? — gemeu Munan. — Bem sabes o que tenho dito... Deixar-te-ia em paz se te houvesses portado convenientemente e me pedisses que te poupasse; mas saltaste-me à cara como uma gata assanhada logo que apareci à porta...

Ulf Haldorsoen esboçou um sorriso.

— E depois disso sempre te tratei bem — disse Munan. — Tiveste tudo o que te apetecia pedir-me, e, quanto aos nossos filhos, a sua situação é melhor e mais segura do que a dos pobres filhos de Cristina. Que Deus proteja esses desgraçados! Quando se pensa no estado em que Erlend pôs os filhos! Creio que existe, para um coração de mãe, alguma coisa mais preciosa do que o nome de esposa. E bem sabes que desejaria fosses duma condição que me permitisse casar contigo... Nunca amei nenhuma mulher tanto como a ti, embora poucas vezes te mostrasses meiga e gentil para mim, e àquela que tive como esposa, que Deus haja! Mandei construir um altar para a minha Katrine e para mim na igreja da nossa terra, Cristina... Todos os dias dava graças a Deus pelo meu casamento; nenhum homem foi mais feliz...

Munan respirou com esforço e verteu duas lágrimas.

Pouco depois, Ulf Haldorsoen disse que era preciso partir. No regresso, foram ambos calados. Mas, diante da porta da estalagem, Cristina estendeu a mão a Ulf:

— Ulf... meu parente e amigo!

— Se pudesse servir de alguma coisa — retorquiu ele em voz baixa —, de boa vontade me deixaria enforcar em lugar de Erlend... por amor dele e de ti!

À noite, um pouco antes da hora de se deitar, Cristina encontrava-se na sala com Simão. De súbito, pôs-se ela a contar onde estivera nesse dia e aludiu à conversa que lá houvera.

Simão estava sentado numa cadeira, a pouca distância da cunhada. Um pouco inclinado para a frente, com os braços apoiados sobre as coxas e as mãos pendentes, olhava para ela com expressão atenta e estranha nos seus olhinhos penetrantes. Não proferia uma palavra, e nem um músculo se lhe mexia na cara pesada e gorda.

Em seguida, Cristina disse o que confessara ao pai e o que este lhe respondera.

Simão conservava a mesma atitude impassível. Mas, passados momentos, retorquiu com serenidade:

— Foi o único pedido que te fiz, se me não engano, em tantos anos que nos conhecemos: que devias calar-te. Mas não pudeste poupar esse desgosto a Lourenço...

Todo o corpo de Cristina tremia:

— Sim, mas... Oh! Erlend! Erlend! Erlend!

A este grito selvático, Simão levantou-se. Cristina atirara-se para a frente; com a cabeça nos braços do cunhado, oscilava dum lado para o outro, continuando a chamar Erlend no meio de soluços entrecortados de gemidos que pareciam ser-lhe arrancados do corpo, encher-lhe a boca e irromper em borbotões.

— Cristina!... por amor de Deus!

Quando lhe segurava no braço e tentava acalmá-la, ela lançou-se de encontro a ele com todo o peso do corpo e agarrou-se-lhe ao pescoço, enquanto, debulhada em lágrimas, continuava a gritar o nome do marido.

— Cristina! Domina-te!

Abraçou-a e notou que ela nem dava fé disso; chorava

de tal forma que não se podia suster sòzinha em pé. Então pegou-a ao colo, apertou-a fortemente de encontro a si durante um instante e foi deitá-la na cama.

— Domina-te! — implorou mais uma vez, condoído e quase ameaçador, pondo as mãos sobre a cara de Cristina.

Esta agarrou-lhe nos braços e aninhou-se entre eles:

— Simão... Simão!... Oh! É preciso salvá-lo!

— Faço o que posso, Cristina... Mas, agora, é preciso que te domines!

Rodou bruscamente nos calcanhares e saiu do quarto. Fora, chamou em altos gritos pela criada que Cristina tomara a seu serviço em Oslo. Aquela acorreu e Simão ordenou-lhe que fosse para junto da ama. Um momento depois, a rapariga voltava... A senhora queria estar sòzinha, disse ela, assustada, a Simão, que permanecia no mesmo lugar.

Este fez um sinal de assentimento e foi para a estrebaria onde ficou até Gunnar, o escudeiro, e Ulf Haldorsoen trazerem forragem aos cavalos. Simão pôs-se à conversa com eles, depois voltou para a sala em companhia de Ulf.

Cristina pouco viu o cunhado no dia seguinte. Mas, pelas três da tarde, quando estava a coser uma véstia que queria levar ao marido, Simão entrou a correr; sem nada dizer e sem olhar para ela, abriu com presteza o baú de viagem, encheu de vinho a sua taça de prata e tornou a sair. Cristina levantou-se e seguiu-o. Diante da porta estava um homem que segurava ainda no cavalo. Simão tirou do dedo um anel de ouro, mergulhou-o na taça e bebeu à saúde do recém-vindo.

Cristina adivinhou o que se passava e gritou alegremente:

— Tens um filho, Simão!

— É verdade. — Abraçou o mensageiro enquanto este agradecia e guardava a taça e o anel no cinto. Logo depois Simão agarrou na cunhada pela cintura e fê-la rodopiar, com tanta vivacidade, que Cristina teve de apoiar as mãos nos

ombros do seu par. Simão então beijou-a em cheio na boca, rindo de alegria.

— Agora é que não há dúvida que a família dos Darres habitará Formo depois de ti — disse ela com satisfação.

— Se Deus quiser, assim será!... Não, esta tarde quero ficar só — declarou ele a Cristina que lhe perguntava se iriam ambos às Vésperas.

À noite participou a Cristina estar informado de que Erling Vidkunsoen se achava na sua casa de Aker, perto de Tunsberg. E logo que soubera disso arranjara passagem no barco para descer o fiorde. Queria falar ao cavaleiro Erling do caso de Erlend.

Cristina não fez grandes comentários. Tinham já mexido tanto naquela questão, evitando esclarecer se Erling tivera ou não conhecimento dos designios de Erlend! Simão disse que queria aconselhar-se com Erling Vidkunsoen para saber o que ele pensava do projecto de Cristina. Esta desejava que o cunhado a acompanhasse à Suécia para pedir auxílio aos poderosos parentes de Lourenço na sua qualidade de esposa e em nome dos laços de família.

— Mas — disse ela então — agora que recebeste uma notícia tão importante, parece-me mais natural que transfiras para depois essa viagem a Aker e vás primeiro a Ringheim ver Ramborg e o teu filho.

Simão teve de voltar as costas porque se sentia fraquejar. Era bem o que esperava, se Cristina lhe queria manifestar daquela maneira que compreendia a sua pressa de ver o filho. Quando, porém, dominou a comoção, disse com voz tímida:

— Eis o que eu pensei, Cristina: Deus talvez leve em conta, para a felicidade do pequeno, se eu for paciente e refrear a minha vontade de o ver até conseguir trazer uma ajuda eficaz a ti e a Erlend.

No dia seguinte, Simão saiu a fim de comprar faustosos presentes para a mulher e para o filho — assim como para todas as mulheres que haviam assistido a Ramborg na

ocasião do parto. Cristina tirou do baú uma linda colher de prata que herdara da mãe e que seria para André Simonsoen; à irmã, mandou o pesado cordão de prata dourada que Lourenço lhe dera, em pequena, com a cruz de relíquias, e prendeu esta à corrente que Erlend lhe oferecera como prenda de esponsais. Na manhã seguinte Simão embarcou.

À tarde o barco fundeou na baía duma ilha do fiorde. Simão passou a noite deitado na coberta, dentro dum saco de couro, com alguns panos de burel estendidos por cima, em face do céu onde as estrelas pareciam mergulhar e surgir, enquanto o barco balouçava ao sabor das vagas que deslizavam preguiçosamente. A água marulhava e os pedaços de gelo chocavam nos flancos do navio. Simão experimentava uma impressão quase agradável ao sentir o frio insinuar-se-lhe no corpo. Dava-lhe certo bem-estar...

Entretanto reflectia que tudo decorrera pior do que julgara. Agora, porém, tinha um filho! Não acreditava que fosse estimar mais esse seu descendente do que as filhas. Não, era outra coisa. Por muita alegria que tivesse quando as pequenas corriam para ele e o assediavam com as suas brincadeiras, risos e tagarelices, por muito que gostasse de as sentar nos joelhos e de sentir sob o queixo os seus cabelos sedosos de criança, encontrava-se como homem excluído da cadeia masculina da sua raça, se a quinta, os bens e a recordação da sua passagem neste mundo devessem de ir parar às mãos de estranhos pelo casamento da filha. Mas, agora, tinha a esperança, se Deus lhe concedesse a graça de conservar a vida a esse pequeno, que o filho sucedesse ao pai em Formo — André Gudmunsoen, Simão Andressoen, André Simonsoen. — Dependia de si ser para o pequeno André o que o pai fora para ele: um homem honrado tanto no íntimo como no procedimento.

Em certas ocasiões, a situação fora tal que ele não compreendia como a poderia suportar mais tempo. Nunca notara o menor indício de que Cristina percebesse alguma coisa... Tratava-o como a um irmão, atenta ao bem-estar dele, gentil,

afectuosa, meiga. E ele não sabia quanto tempo teria de viver daquela maneira sob o mesmo tecto. Cristina jamais tivera a ideia de que ele não podia esquecer... mas a verdade é que Simão não podia esquecer completamente que ambos tinham sido um dia destinados a viverem juntos como marido e mulher, embora hoje ele estivesse casado com a irmã dela.

Agora, porém, tinha um filho. Sempre sentira vergonha, ao recitar as suas orações, de ajuntar algumas palavras de reconhecimento ou de desejo. Mas Jesus e Nossa Senhora bem sabiam com que intenção ele rezara todos os dias, nesses últimos tempos, o dobro de padres-nossos e ave-marias. Continuaria a fazê-lo enquanto estivesse ausente da sua casa, e a patentear também a sua gratidão de maneira delicada e generosa. Dessa forma talvez a viagem lhe trouxesse alguma vantagem.

Na realidade, parecia-lhe absurdo esperar grandes resultados daquela tentativa. As relações eram agora muito frias entre o rei e o cavaleiro Erling. E, se o antigo chanceler estava mais poderoso e altivo do que nunca, se menos do que nunca receava alguma coisa da parte do rei (cuja situação era muito mais difícil do que a dos homens mais ricos e ilustres da Noruega), não se podia presumir que quisesse irritar outra vez o rei Magnus defendendo a causa de Erlend Nicolaussoen e chamando para si a suspeita de que conhecia a traição deste. Mesmo que houvesse participado ocultamente nela, pronto a intervir e a aparecer de novo à frente do governo na ocasião em que reinasse um menor, não era natural que se arriscasse para vir em auxílio do homem que fizera falhar o plano por causa duma escandalosa aventura de amor. Simão quase havia esquecido isso enquanto se encontrava com Erlend e Cristina, porque nenhum deles parecia recordar-se de semelhante facto. Mas, na verdade, Erlend é que era o culpado de aquela empresa só ter trazido desgraça para ele e para os arrojados homens que haviam sido traídos pela sua estúpida leviandade.

Entretanto ele, Simão, devia tentar todos os meios para valer a Cristina e ao marido. Começava a ter esperança, pois talvez Deus e a Virgem Maria, ou algum dos santos a quem costumava homenagear com oferendas e esmolas, lhe viessem em auxílio.

Chegou a Aker no dia seguinte, ao entardecer. Recebeu-o um intendente que ordenou aos criados se ocupassem dos cavalos e acompanhassem o escudeiro de Simão aos aposentos reservados ao pessoal. Dadas essas ordens dirigiu-se para a casa onde estava o cavaleiro.

Um instante depois, Erling aparecia na varanda, enquanto Simão subia a escada. Desejou com toda a delicadeza as boas-vindas ao seu hóspede e conduziu-o para a sala onde se encontravam Stig Haakonsoen de Mandvik e um rapaz, filho único de Erling, Bjarne Erlingsoen.

Aí, acolheram-no muito bem. Os criados tiraram-lhe a capa e trouxeram-lhe de comer e de beber. Ele, porém, suspeitava que os homens calculavam — pelo menos Erling e Stig — a razão daquela visita, e sentia que estavam em guarda. Por isso, quando Stig declarou que raramente o viam naquele canto da terra e que pouco frequentava a casa dos antigos cunhados — na verdade, tinha ele passado de Dyfrin depois da morte de Halfrid?... Simão respondeu que não, antes daquele Inverno. Mas, agora, estivera em Oslo alguns meses na companhia da irmã da mulher, Cristina Lavransdatter, que era casada com Erlend Nicolaussoen.

Houve um silêncio. Depois o cavaleiro Erling pediu cortêsmente notícias de Cristina assim como da esposa e dos irmãos de Simão. Este por seu turno perguntou pela senhora Eline e pelas filhas de Erling. Informou-se do que fazia Stig, do que havia de novo em Mandvik, do fim que tinham levado antigos vizinhos.

Stig Haakonsoen era homem corpulento, de cabelos negros, alguns anos mais velho do que Simão, filho do irmão de Halfrid Erlingsdatter e sobrinho da mulher de Erling Vidkunsoen. Deixara o cargo de juiz de Skidu e o comando

do forte de Tunsberg quando, haveria dois anos, se indispusera com o rei; não se lastimava por estar em Mandvik, mas enviuvara e não tinha filhos. Simão conhecia-o bem e convivera com ele como com todos os parentes da primeira mulher, embora não fossem muito íntimos. Sabia perfeitamente o que todos eles tinham pensado do segundo casamento de Halfrid. O filho mais novo do cavaleiro André Gudmundsoen podia ser abastado e de boas famílias, mas não era bom partido para uma Halfrid Erlingsdatter, além de ser dez anos mais novo do que ela; não chegavam a perceber por que razão Halfrid escolhera esse rapaz; mas deixaram-na fazer o que queria, atendendo a que tivera uma vida intolerável com o primeiro marido.

Quanto a Erling Vidkunsoen, Simão só o encontrara duas ou três vezes, e sempre em companhia da senhora Eline; não se manifestara então muito, pois não se podia dizer outra coisa senão *sim!* e *ah!* quando ela estava presente. Desde esse tempo, Erling envelhecera um tanto e engordara um pouco mais, mas conservava o seu ar de grande senhor; apresentava-se vestido com elegância e iam-lhe bem os cabelos (outrora ruivos) brancos e lustrosos.

Simão nunca vira o jovem Bjarne Erlingsoen. Este fora educado em Bjoergvin em casa dum padre, amigo de Erling — porque, dizia a família, o pai não o queria ver em Giske agarrado às saias daquelas mulheres tagarelas. O próprio Erling não punha lá os pés senão quando era absolutamente necessário, e, por outro lado, não se atrevia a levar o filho consigo nas suas perpétuas viagens, pois Bjarne fora de saúde muito delicada no período do crescimento, e Erling Vidkunsoen perdera dois outros filhos quando pequenos.

Assim à contraluz e visto de perfil, Bjarne parecia bonito rapaz. Os cabelos pretos, bastos e ondulados, caíam-lhe sobre a testa, os olhos escuros eram rasgados, o nariz grande e aquilino, a boca enérgica e fina, o queixo bem modelado. Além disso era alto, esbelto e de ombros largos. Mas quando Simão se sentou à mesa para comer, o copeiro deslo-

cou a luz e aquele então viu que no pescoço de Bjarne a pele estava toda corroída de escrófulas: dos dois lados até às orelhas e sob o queixo viam-se placas de carne morta, dum branco luzidio, estriadas de violáceo e com tumores ganglionares. E o moço tinha o tique de puxar de repente para cima da cabeça, até às orelhas, o capuz dum mantelete redondo, de veludo e guarnecido de peles, que usava mesmo em casa. Como estivesse calor, de vez em quando descia-o para o tornar a levantar, sem parecer ter consciência disso. Perante esse espectáculo, Simão sentia as mãos enervarem-se, embora tentasse não olhar para o lado de Bjarne.

Erling não desfitava o filho, mas com ar distraído. O rosto de Erling Vidkunsoen e os seus olhos azuis claros não eram muito expressivos, mas no olhar um pouco vago pareciam subvertidos inúmeros anos de cuidado, de reflexão e ternura.

Os três homens conversaram com despreocupação e delicadeza enquanto Simão comia e o rapaz continuava a mover o capuz. Depois de beberem todos quatro durante algum tempo, Erling perguntou a Simão se não se sentia fatigado da viagem e Stig convidou-o a ficar essa noite em casa dele. Simão ficou satisfeito em obter um adiamento para falar da sua missão. Aquelas horas passadas em Aker haviam-no deprimido bastante.

No dia seguinte, quando expôs o motivo que o levara ali, Erling respondeu mais ou menos o que Simão esperava. Disse que o rei Magnus nunca o escutara com agrado; percebera que, logo que o monarca chegara à idade de ter algumas ideias, tivera esta: em atingindo a maioridade dispensaria os conselhos de Erling Vidkunsoen. E depois de haver apaziguado aquela contenda entre ele e os seus amigos, dum lado, e o rei, do outro, não comunicara mais com o monarca nem com os seus fiéis. Se falasse do caso de Erlend ao rei Magnus, o interessado nada aproveitaria com isso. Sabia perfeitamente que muitas pessoas julgavam que duma maneira ou doutra apoiara a tentativa de Erlend. Quer Simão Darre acreditasse ou não, nem ele nem os amigos haviam

tido conhecimento de que se preparava qualquer coisa. Se o caso fosse descoberto doutra forma ou se os temerários rapazes houvessem tentado e falhado o arrojado golpe, ofereceria a sua mediação. Mas do modo como tudo decorrera, não achava razoável que lhe pedissem intervenção, confirmando assim a suspeita de que jogava com pau de dois bicos.

Aconselhou a Simão que fosse falar com os filhos de Haítor. Eram sobrinhos do rei, e, como não tinham questionado com ele, conservavam, apesar de tudo, certa amizade. Tanto quanto Erling podia julgar, os homens que se escondiam atrás de Erlend deviam encontrar-se na sociedade dos filhos de Haítor, e entre os mais novos dos grandes senhores. Além disso, o casamento do soberano devia realizar-se na Noruega durante o Verão. Talvez o rei Magnus aproveitasse essa oportunidade para mostrar doçura e indulgência aos seus inimigos. Demais a mais a mãe do rei e a nobre senhora Isabel viriam sem dúvida às bodas. Ora, a mãe de Simão fora, quando nova, dama de honor da rainha Isabel; porque não se dirigia Simão a ela, ou porque não ia a mulher de Erlend lançar-se aos pés da noiva do rei e da senhora Ingebjoerg Haakonsdatter a fim de implorar a sua intercessão?

Simão achou que o último recurso seria Cristina falar com a senhora Ingebjoerg. Se a duquesa compreendesse o que era a honra, já teria há muito tempo intervindo e tirado Erlend das dificuldades. Mas, quando ele uma vez emitira essa opinião diante de Erlend, este limitara-se a rir e dissera que à nobre dama não faltavam assuntos e dificuldades pessoais com que se entreter, e que sem dúvida estava irritada por ver quão pouco se interessavam agora por que o filho dilecto obtivesse o título de rei.

VII

FOI sòmente na Primavera que Simão Andressoen regressou a Toten a fim de ir buscar a mulher e o filho e de os acompanhar à sua casa de Formo. Demorou-se no Norte algum tempo para tratar dos seus negócios.

Cristina não quis sair de Oslo. Não ousava ceder ao ardente desejo de tornar a ver os três pequenos que estavam no vale. Se queria continuar a vida que levava agora dia após dia, tinha de expulsar do espírito a saudade dos filhos. Resistia, mostrava-se calma e corajosa, falava com estranhos e escutava-os, recebia conselhos e consolações — mas devia concentrar o pensamento em Erlend, apenas em Erlend! Nos raros e curtos instantes em que o espírito não estava sob o rígido domínio da vontade, imagens e ideias atravessavam-lhe o cérebro: era Ivar acompanhado de Simão no alpendre da quinta de Formo, esperando impacientemente, enquanto o tio desembrulhava qualquer coisa para ele e se curvava para lhe experimentar quilhas de madeira... Era o alvo rosto de Gaute, viril e resoluto, no momento em que, na montanha, naquele dia de Outono triste e invernoso, inclinava o corpo para a frente contra a tormenta de neve... As quilhas escorregavam para trás, ele caía de costas na vertente abrupta, ficava enterrado num montão de neve e, durante uns instantes, parecia prestes a enfurecer-se deveras, de tal forma estava extenuado, desesperado... O pensamento de Cristina passava aos dois mais pequenos. Munan decerto já andava e falava um poucachinho; seria tão engraçado como os outros eram na idade dele? Lourenço tinha-a esquecido, sem dúvida... E os dois mais velhos no convento de Tau-

tra!... Naakkve, o seu primeiro filho... Que pensaria ele, e Bjoergulf, e como aceitaria Naakkve, na sua alma de criança, o facto de nada ser agora na vida, como ela e ele e toda a gente haviam imaginado?

Sira Eiliv mandara-lhe mais uma carta e Cristina comunicara a Erlend o que dizia respeito aos filhos. Fora disso, nunca aludiam às crianças. Também já não falavam do passado nem do futuro. Cristina levava-lhe uma peça de vestuário ou qualquer coisa boa para comer; ele perguntava-lhe como ia desde a última vez que a vira, e ficavam sentados na cama, de mãos dadas. Acontecia às vezes deixarem-nos sòzinhos um instante no quarto frio, sujo e fedorento. Abraçavam-se, num amplexo mudo e ardente, e ouviam, sem ter consciência disso, a criada de Cristina a rir na escada com os soldados do forte.

Quando o seu Erlend lhe fosse roubado ou entregue, haveria tempo para ela pensar no rancho de filhos e na modificação das suas condições de existência — e em tudo o que, na vida, não era o seu marido. Não podia perder uma hora do tempo que lhes concediam para passarem juntos e não se atrevia a meditar na alegria de tornar a ver os quatro filhos que estavam no Nordenfjeld. Por isso consentiu que Simão Andressoen partisse sòzinho para Nidaros e, com a ajuda de Arne Gjavvaldsoen, cuidasse dos interesses dela e lhe arrumasse as contas. O rei Magnus não ficaria muito mais rico com a confiscação dos bens de Erlend, pois este estava mais endividado do que ele próprio julgava, e convertera terrenos em dinheiro (que mandara para a Dinamarca, para a Escócia e Inglaterra). Erlend encolhia os ombros e dizia com um leve sorriso que já não esperava ser reembolsado.

O caso de Erlend conservava-se na mesma quando Simão Andressoen voltou a Oslo por ocasião da Exaltação da Cruz. Sentiu-se, porém, assustado ao ver quanto Cristina e o cunhado estavam deprimidos, e ficou dolorosamente comovido quando ambos, apesar de tudo, se lembraram de

lhe agradecer por ter vindo a Oslo naquela estação, época tão difícil para se ausentar das quintas.

Nessa altura o povo acorria a Tunsberg, onde o rei Magnus esperava a noiva. Nesse mesmo mês, Simão obteve passagem no barco para ir lá em companhia dum mercador que devia embarcar oito dias mais tarde. Entretanto apareceu, certa manhã, um moço escudeiro que pediu a Simão Andressoen o favor de comparecer sem demora na Igreja de Santo Halvard, onde Olavo Kyrning o esperava.

O sub-senescal parecia muito impressionado. Encontrava-se no forte enquanto o senescal estava em Tunsberg, disse ele. E, na véspera à noite, chegara um grupo de senhores que lhe haviam apresentado documentos com o sinete do rei Magnus: deviam fazer inquérito no processo de Erlend, e então levara o prisioneiro à presença deles. Todos três eram estrangeiros, certamente franceses. Olavo não percebera a língua que falavam, mas o capelão da corte conversara com eles em latim nessa mesma manhã; deviam ser parentes da donzela que ia ser rainha da Noruega — aquilo prometia! Tinham sujeitado Erlend a um severo interrogatório... e trazido uma espécie de cavalete, com os homens que sabiam servir-se disso. Mas hoje recusara levar Erlend do seu quarto e pusera-o sob boa guarda — tomava essa responsabilidade porque tudo aquilo parecia ilegal; tal processo era desconhecido até agora na Noruega.

Simão pediu emprestado um cavalo a um dos padres da igreja e partiu para Akernes, com Olavo.

Este olhava com certa angústia para o rosto contraído do companheiro, onde passavam ondas vermelhas. Entretanto Simão fazia gestos ferozes e violentos sem mesmo dar por isso, e o cavalo, que o não conhecia, encabritava-se e obedecia mal ao cavaleiro.

— Vejo que estais irritado, Simão — disse Olavo Kyrning.

Simão nem sabia o que lhe dominava o espírito. Sentia-se tão perturbado que em certos momentos parecia sufocar. O instinto selvático que se desencadeava dentro de

si e impelia o seu furor ao máximo era uma espécie de vexame...

Um homem despojado, sem armas e sem defesa, ser obrigado a suportar que mãos de estrangeiros lhe vasculhassem o fato, lhe torturassem o corpo! Era para ele como se ouvisse falar da violação duma mulher. Ardia com o desejo de vingança e com a sede de ver o sangue correr. Não! Nunca tais costumes haviam existido neste país; se os graciosos senhores noruegueses começavam a tolerar semelhantes horrores! Aquilo não podia ser!

Sentia-se doente de pavor com a ideia do que ia presenciar; a angústia da vergonha que ia causar a outro homem ao vê-lo naquele estado dominava em si os demais sentimentos quando Olavo Kyrning abriu a porta da masmorra de Erlend.

Este encontrava-se deitado no chão, estendido obliquamente dum ângulo a outro do quarto; era tão alto que só daquela maneira se podia estirar em todo o comprimento. Tinha por baixo de si um pouco de palha e algumas peças de roupa sobre a espessa camada de imundícies que cobriam o soalho; tapava-lhe o corpo a capa azul-escura forrada de peles; puxada até ao queixo, confundia-se a macia pele de marta pardacenta com a barba negra, crespa e emaranhada, que Erlend deixara crescer desde que estava prisioneiro.

A boca parecia pálida, sumida na barba; o rosto estava branco como neve. O contorno do nariz salientava-se, muito forte; os cabelos grisalhos, molhados de suor, deixavam ver a testa alta e estreita e caíam-lhe em madeixas separadas sobre a nuca. Em cada uma das têmporas havia uma grande mancha violácea, como se alguma coisa tivesse sido ali aplicada.

Lentamente, e com dificuldade, abriu os grandes olhos verde-mar, esboçou uma espécie de sorriso ao reconhecer os recém-chegados e disse com voz um tanto estranha e indistinta:

— Senta-te, Simão. — Num movimento de cabeça indicou-

-lhe o leito vazio. — Sim, houve novidade, desde a última vez que nos vimos...

Olavo Kyrning inclinou-se para Erlend e perguntou-lhe se desejava alguma coisa. Não recebendo resposta — porque Erlend não tinha forças para falar —, afastou a capa. O prisioneiro só tinha vestidos uns calções de linho e uma camisa em farrapos. Ao ver aqueles membros inchados e cheios de contusões, Simão estremeceu, indignado. Perguntava a si próprio se Erlend já assistira a um caso assim, ignóbil e horrível. Subiu-lhe à cara uma onda de calor enquanto Olavo, com um trapo que mergulhava num púcaro de água, esfregava os braços e as pernas de Erlend. E quando tornou a estender a capa sobre Erlend, este puxou-a lentamente para o pescoço, de forma a ficar todo coberto.

— Na próxima vez... será pior! — disse ele com uma voz mais semelhante à sua e esboçando um sorriso na boca pálida. — Mas não tenho medo... ninguém se deve amedrontar... Nada conseguirão de mim... desta maneira...

Simão percebia que o prisioneiro dizia a verdade. As torturas não arrancariam uma palavra a Erlend Nicolaussoen. Ele que, por arrebatamento ou imprudência, era capaz de tudo, em acções ou palavras, não cederia um palmo à violência. E Simão compreendeu que o vexame e o ultraje que sentia por conta de outro homem, o próprio Erlend pouca importância lhes dava: estava cheio duma alegria voluntariosa em arrostar com os seus verdugos e satisfeito por ter a certeza da sua resistência. Ele, que sempre se submetia tão lamentàvelmente quando encontrava uma vontade firme, que era capaz de ser cruel num movimento de pânico, conservava-se seguro, agora que pressentia nessa crueldade um adversário mais fraco do que ele.

Simão, porém, respondeu rangendo os dentes:

— A próxima vez... não chegará! Que dizeis a isto, Olavo?

Olavo abanou a cabeça, mas Erlend retorquiu, com uns vestígios da sua antiga graça maliciosa:

— Se eu pudesse acreditar... tão firmemente como vós! Mas aqueles marotos... não se contentarão... com ficar assim! — Erlend reparou nas contracções da cara musculosa do cunhado: — Simão... caro Simão! — Quis soerguer-se no cotovelo, mas a dor arrancou-lhe um débil gemido e tombou desmaiado.

Conforme puderam, Olavo e Simão acudiram-lhe.

Quando voltou a si, Erlend, com os olhos entreabertos, disse com mais gravidade:

— Não compreendeis... que é... muito importante para Magnus... saber quais os homens em quem não deve confiar?... Toda a agitação... e descontentamento que houve aqui...

— Ele pensa apaziguar assim o descontentamento — volveu Olavo em tom ameaçador.

Erlend disse docemente, com voz apagada:

— Conduzi este assunto de tal maneira... que poucas pessoas acharão que o que me acontece tenha qualquer importância... isso sei eu...

Os outros dois coraram. Simão julgara que Erlend não se apercebia daquilo, e nunca até ali houvera, entre eles, alusão a Sunniva. Exclamou então desesperado:

— Quem há-de dizer que pudeste... comprometer-te de forma tão estúpida e imprudente!

— Eu próprio não compreendo também... agora — disse Erlend com sinceridade. — Mas como diabo podia eu imaginar que ela sabia ler! Parecia... absolutamente analfabeta!

Os olhos brilhavam-lhe de novo e quase tornou a desfalecer. Olavo Kyrning murmurou que era preciso ir buscar qualquer coisa e saiu. Simão inclinou-se para Erlend, que tinha outra vez as pálpebras meio descidas:

— Diz-me... Erling Vidkunsoen tomou parte na conspiração?

Erlend fez um leve sinal negativo e disse lentamente, sorrindo:

— Não. Pensávamos que... ou não teria suficiente audá-

cia para nos acompanhar... ou queria ser o único a governar... Mas não me interrogues, Simão... não quero dizer nada... a ninguém... Só assim terei a certeza de não falar de mais.

Bruscamente, Erlend murmurou o nome da mulher. Simão debruçou-se para ele. Esperava que Erlend lhe pedisse a vinda de Cristina, mas, em lugar disso, o cunhado pronunciou muito depressa, como num acesso de febre:

— É necessário que ela não saiba nada disto, Simão. Diz-lhe que veio ordem do rei para que ninguém me visite. Acompanha-a a casa de Munan... A Skogheim... Compreendes... estes novos amigos... franceses... ou lá o que são... do nosso rei, não querem ainda declarar-se vencidos. Faze com que ela saia de Oslo antes que se fale disto na cidade!

— Bem. — Simão não tinha a mínima ideia da forma como conseguiria satisfazer-lhe o desejo.

Erlend ficou um instante com os olhos fechados; depois, prosseguiu:

— Lembrei-me, esta noite, da ocasião em que ela teve o nosso filho mais velho... Cristina não estava em melhor situação do que estou, a julgar pelos seus queixumes... E, se pôde suportar aquilo... sete vezes... pela nossa felicidade... eu também posso...

Simão não proferiu palavra. A repugnância que sentia ao ver a vida descobrir-lhe os seus derradeiros segredos de alegria e de tormento, disso Erlend nem parecia ter a menor suspeita. Abandonava-se ao pior e ao melhor com a confiança duma criança inocente, embriagada e curiosa, que os amigos houvessem levado consigo para um lupanar.

Erlend, com a cabeça, fez um gesto de impaciência. — Estas moscas... São terríveis! Na verdade, são o diabo em pessoa!

Simão tirou o gorro, enxotou de alto a baixo os enxames de moscas azuladas que, num grande zumbido, se espalharam em nuvens pelo ar, e esmagou com um pé furioso as que tom-

bavam, tontas, no chão imundo. Aquilo de pouco devia servir, pois a lucarna estava escancarada. No Inverno anterior tinham-na tapado com madeira mas o quarto ficava imerso em escuridão.

Apesar de tudo, Simão continuava a enxotá-las quando Olavo Kyrning voltou com um padre que trazia uma taça. O sacerdote levantou com jeito a cabeça de Erlend e susteve-o enquanto o prisioneiro bebia. Uma parte do líquido derramou-se pela barba e pelo pescoço de Erlend que ficou sossegado e dócil como uma criança quando o padre o enxugou em seguida com um pano.

Simão sentia no corpo uma espécie de efervescência; o sangue latejava-lhe nas artérias do pescoço, por baixo das orelhas, e as pulsações do coração eram estranhas e irregulares. Da porta, olhou um instante o comprido vulto estirado. A vermelhidão da febre passava em ondas sucessivas no rosto de Erlend; tinha os olhos brilhantes, entreabertos, mas o sorriso que ele dirigia ao cunhado não era mais do que a sombra do seu sorriso extraordinàriamente juvenil.

No dia seguinte, quando Stig Haakonsoen de Mandvik estava a almoçar com os hóspedes, o cavaleiro Erling Vidkunsoen e seu filho Bjarne, ressoaram passos dum cavalo no pátio. Um momento depois, abriu-se de repente a porta da casa e Simão Andressoen precipitou-se para eles.

Os três homens levantaram-se, acolhendo o recém-chegado com palavras entrecortadas, de saudação e surpresa. Simão não saudou ninguém. Ficou de pé, com as duas mãos fincadas no punho da espada, e disse:

— Ouvi estranhas novidades... Deitaram Erlend em cima dum potro... foram estrangeiros que o rei mandou para lhe aplicarem a tortura e assim o obrigarem a falar...

Os homens comprimiram-se em volta de Simão Andressoen. Stig bateu-lhe nas mãos:

— Que disse Erlend?

Ao mesmo tempo, ele e Bjarne Erlingsoen viraram-se

maquinalmente para o cavaleiro Erling. Simão desatou numa gargalhada que nunca mais acabava.

Deixou-se cair na cadeira que Bjarne Erlingsoen aproximara dele, pegou na taça de cerveja que o rapaz lhe apresentava e bebeu àvidamente.

— Porque rides? — perguntou com dureza o cavaleiro Erling.

— Foi Stig que me fez rir! — inclinou-se um pouco para a frente, com as mãos apoiadas nas coxas, mas escaparam-lhe ainda algumas risadas. — E eu a julgar, pois todos nós somos filhos de grandes chefes, que ficarieis tão indignados com aquele tratamento infligido a um dos vossos iguais que me perguntarieis antes de tudo com que direito se podia fazer semelhante coisa... Não posso afirmar que conheço exactamente a lei no que diz respeito a questões destas. Desde que o rei Haakon morreu, senti-me na obrigação de servir o seu sucessor quando ele me desse as suas ordens para a paz ou para a guerra; fora disso, conservei-me sossegado na minha quinta. Mas vejo-me na necessidade de fazer notar as ilegalidades que foram cometidas no processo de Erlend Nicolaussoen. Os seus iguais instruíram e julgaram o processo. Em nome de que jurisprudência o condenaram à morte? Não sei, mas ofereceram-lhe em seguida um salvo-conduto para que pudesse ter uma entrevista com o seu parente e rei e tentasse obter a comutacão da pena e a reconciliação com ele. Depois, Erlend esteve encarcerado quase um ano na torre de Akersborg, e o rei passou a maior parte desse tempo no estrangeiro; trocaram-se algumas cartas, mas nada resultou daí. E eis que manda alguns homens, que não são noruegueses e não pertencem à corte, para tentar submeter Erlend a uma instrução e a um processo inaudito contra um norueguês que está sob a alçada do direito senhorial... quando a paz reina no país e os parentes e os iguais a Erlend se reúnem em Tunsberg para festejar o casamento do monarca... Que pensais disto, senhor Erling?

— Penso... — Erling sentou-se no banco, em frente de Simão. — Penso, Simão Darre, que expusestes claramente o caso. Creio que o rei nada mais pode fazer do que escolher uma destas três soluções: ou deixar Erlend cumprir a sentença conforme foi pronunciada em Nidaros, ou nomear um novo tribunal de senhores e mandar rever o processo por um homem que não use o título de cavaleiro (de forma a que Erlend possa ser condenado ao exílio, com o prazo legal para sair dos estados do rei Magnus) ou então comutar a pena a Erlend e reconciliar-se com ele. E isto é o que Sua Graça faria de melhor. O caso parece-me tão claro que, a qualquer pessoa que o exponhais em Tunsberg, ela vos apoiará. Jon Haftorsoen e o irmão estão lá agora. Erlend é parente deles, assim como o é do rei. Os filhos de Ogmund compreenderão que há uma injustiça absurda. Farieis bem se vos dirigisseis em primeiro lugar ao chefe da casa do rei e se os convencêsseis, a ele e a Paulo Eiriksoen, a convocar uma assembleia de cidadãos de Nidaros, que são os mais designados para se ocuparem disso...

— Não quereríeis acompanhar-me, vós e os vossos parentes, senhor?

— Não temos empenho nenhum em comparecer a esses festins — respondeu Erling secamente.

— Os filhos de Haftor são muito novos, Paulo é velho e doente, e os outros... sabeis melhor que ninguém, senhor, que devem o seu poder à protecção do rei ou a qualquer coisa desse género, enquanto que vós... Erling Vidkunsoen, que valem eles para vós? Tendes poder neste país como nenhum outro chefe teve desde... não sei quando. Descendeis de antigas famílias que o povo desta terra conheceu homem por homem, tão longe quanto remonta a tradição dos tempos felizes e infelizes da Noruega. Como ascendência, que são ao lado de vós Magnus Eiriksoen e Haftor de Sudrheim? Esses conselhos que me dais não os posso seguir já; os senhores franceses estão em Oslo, e tenho a certeza de que não se submeterão, pois é evidente que o rei quer

tentar governar na Noruega pelos métodos dos países estrangeiros; sei que no estrangeiro um rei põe a sua vontade acima das leis quando consegue encontrar partidários entre os cavaleiros. Olavo Kyrning mandou uma carta e os jovens senhores que encontrou para o secundar; o bispo prometeu escrever... mas vós, Erling Vidkunsoen, é que podeis pôr fim a esta agitação toda quando fordes falar ao rei Magnus. Sois, neste país, o mais eminente dos herdeiros do antigo poder senhorial... O rei sabe que toda a gente vos seguiria...

— Posso afirmar que não foi isso que verifiquei até hoje — disse Erling com ironia. — Defendeis calorosamente o vosso cunhado, Simão... mas, compreendei, neste momento isso é impossível. Diriam que esperei, para actuar, o instante preciso em que exerceram tal pressão em Erlend que se temia ele já não tivesse forças de refrear a lingua!

Houve certo silêncio. Depois Stig perguntou mais uma vez:

— E... Erlend falou?

— Não — respondeu Simão com impaciência. — Não abriu a boca. E julgo que nada dirá. Erling Vidkunsoen — implorou ele —, sois seu parente... sois amigos...

Erling respirou duas ou três vezes, num suspiro curto e pesado.

— Sim... Simão Andressoen, compreendestes bem o que Erlend Nicolaussoen empreendeu? Dissolver a monarquia comum com os Suecos... essa forma de governo que nunca até aqui foi experimentada, e que parece, em cada ano que passa, trazer ao nosso país maiores dificuldades e inconveniências... fazer renascer o antigo governo que tão bem conhecíamos e onde sabemos encontrar satisfação e prosperidade. Compreendeis que era esse o designio dum homem ousado e inteligente... e que é agora difícil que outros continuem a obra dele? Deitou a perder a causa dos filhos de Porse... já não existem outros homens da família do rei em volta dos quais o povo se possa agrupar. Direis talvez que

se Erlend tivesse realizado o seu projecto e trazido o moço Haakon para a Noruega, eu tomaria o seu partido. Esses... rapazinhos... teriam dificuldade em levar sòzinhos a sua empresa mais longe do que até ao desembarque do moço príncipe; seria necessário que entrassem em cena homens de experiência e deslindassem a situação. Esta é que é a verdade. Deus bem sabe que não só não tirei o mínimo proveito mas até fui obrigado a descurar os meus interesses durante estes dez anos que passei na inquietação, na luta e em atribulações intermináveis... Houve quem chegasse a compreender isso na nossa terra, e devo achar-me satisfeito! — Erling bateu com violência na mesa. — Notai bem, Simão: o homem que tomou a responsabilidade de tão grandes desígnios, donde talvez dependesse a felicidade de nós todos e dos nossos descendentes durante numerosas gerações, e que atirou o plano com os calções para os pés da cama duma prostituta... Deus do céu! merecia ser tratado como foi Audun Hestakorn! — Erling fez uma pausa e prosseguiu em tom mais calmo.— Não é que me desinteresse da salvação de Erlend, e não julgueis que também me não indigno com aquilo que me contastes. Se seguirdes o meu conselho, tenho a certeza de que encontrareis muita gente que vos auxiliará nesse assunto. Mas não creio que vos possa servir de grande utilidade eu juntar-me a vós para ir, sem ser convidado, falar com o rei por causa disso.

Simão levantou-se, rígido e pesado. A cara contraiu-se-lhe de fadiga. Stig Haakonsoen aproximou-se e agarrou-o pelos ombros: iam sentar-se à mesa, agora; não quisera deixar entrar ninguém antes que findasse a conversa deles. Simão, porém, devia comer e beber para restaurar as forças e dormir em seguida. Simão agradeceu. Queria partir nesse mesmo instante, se Stig lhe pudesse emprestar um cavalo folgado e permitisse que o escudeiro, Jon Daalk, pernoitasse ali. Pelo caminho, na véspera à tarde, Simão tivera de separar-se de Jon porque a montada deste não podia acompanhar *Digerbein*. Passara quase toda a noite a cavalgar; o rapaz

imaginava conhecer os atalhos, mas perdera-se por duas ou três vezes...

Stig pediu a Simão que esperasse até ao dia seguinte. Acompanhá-lo-ia a cavalo, pelo menos parte do caminho. Podia mesmo, e com prazer, ir com ele até Tunsberg.

— Não tenho motivo nenhum para esperar aqui. Tenciono apenas ir à capela; já que vim a esta quinta rezarei sobre a sepultura de Halfrid.

As artérias latejavam-lhe no corpo extenuado; o coração palpitava a ponto de o sufocar. Parecia-lhe que ia cair para a frente; estava como que meio acordado. Mas ouviu a sua própria voz dizer em tom igual e sereno:

— Não quereis acompanhar-me, senhor Erling? Sei que ela vos considerava como o mais querido dos parentes...

Não olhou para ele mas sentiu quanto Erling resistia. Ao fim dum instante, através do zumbido constante do sangue agitado, chegou-lhe aos ouvidos a voz clara e polida de Erling Vidkunsoen.

— De boa vontade, Simão Darre... Está mau tempo — disse ele cingindo a espada e lançando sobre os ombros pesada capa.

Simão conservou-se imóvel como uma pedra enquanto o outro se aprontava. Em seguida, partiram.

Caía uma chuva outonal e a bruma subia tão espessa do mar que eles a custo distinguiam o que havia para além das terras e das árvores de folha caduca que marginavam o caminho. A igreja era próxima. Simão foi buscar a chave a casa do capelão e teve o prazer de verificar que lhe eram desconhecidas as pessoas que ali estavam agora; isso dispensou-o de grandes conversas.

A igrejinha de pedra tinha um único altar. Maquinalmente, quase sem ter consciência do que fazia, olhou para as velhas imagens e ornamentos que vira centenas de vezes, enquanto se ajoelhava na laje de mármore branco a alguns passos de Erling Vidkunsoen e recitava as orações, persignando-se na altura oportuna.

Ele mesmo não compreendia que pudesse fazer aquilo. Agora, tinha de ser. Nem sabia o que havia de dizer, doente de terror e de vergonha de si próprio; queria, apesar de tudo, experimentar.

Recordava-se do rosto pálido, enfermiço, daquela mulher de meia idade na penumbra do leito, da sua voz meiga e encantadora... naquela noite em que ele estava sentado junto dela, na borda da cama, e em que ela lhe contara tudo. Fora um mês antes de a criança nascer; ela percebia que a sua vida corria perigo, e, cheia de boa vontade, sentia-se contente por pagar tão caro a vida dos filhos. O pequeno, coitadinho, jazia ali sob a pedra, ao lado da mãe. Não, nenhum homem podia fazer o que ele quisera...

Mas lembrava-se do alvo rosto de Cristina. Ela sabia... Quando Simão voltara de Akernes, naquele dia, pálida e calma falara-lhe no assunto e interrogara-o, mas ele virara-lhe os olhos, num curto instante, e não ousara fitá-la outra vez. Onde estaria Cristina agora? Na estalagem? Ao lado do marido? Ou tê-la-iam levado para Skogheim?... Simão deixara a Olavo Kyrning e a Sira Ingolf o cuidado de decidir isso... Ele é que não podia fazer mais, e parecia-lhe que não havia tempo a perder...

Simão nem tinha consciência de que escondia a cara nas mãos. «Halfrid... não se trata de pecado nem de vergonha, minha Halfrid...» E, no entanto... o que ela lhe dissera... do seu desgosto e do seu amor, que tinham sido a causa de haver estado entregue ao diabo... Uma vez o outro matara o filho no ventre da mãe e ela continuara lá porque não queria tentar o seu querido amigo...

Erling Vidkunsoen ajoelhara; nada exprimia o seu rosto bem desenhado e pálido. Tinha as mãos junto ao peito, com as palmas encostadas uma à outra; de vez em quando benzia-se com um lindo gesto tranquilo e tornava a unir as pontas dos dedos. Ah! Nenhum homem ousaria fazer o que Simão projectava, nem mesmo por amor de Cristina.

Levantaram-se ao mesmo tempo, reverenciaram o altar

e atravessaram a igreja. A cada passo as esporas de Simão telintavam levemente no lajedo. Não tinham trocado uma palavra desde que haviam saído da quinta, e Simão não sabia o que se ia passar agora.

Fechou à chave a porta da capela; Erling Vidkunsoen precedeu-o através das sepulturas e parou, abrigado pela porta do cemitério. Simão juntou-se a ele e esperaram uns momentos antes de se exporem à bátega de água.

Erling Vidkunsoen falava em tom calmo, mas Simão adivinhava o furor surdo e imenso que se agitava no íntimo do companheiro, e não se atrevia a erguer os olhos:

— Em nome do Diabo, Simão Andressoen, que ideia é a vossa... ao preparar... isto?

Simão não conseguiu proferir uma palavra.

— Pensais levar-me pela ameaça a fazer a vossa vontade... porque ouvistes talvez algumas mentiras sobre acontecimentos que se passaram numa época em que decerto nem tínheis sido desmamado?

A cólera ia-o dominando.

Simão abanou a cabeça.

— Pensei, senhor, que fazendo-vos recordar aquela que foi melhor do que o ouro mais puro teríeis talvez piedade da mulher e dos filhos de Erlend.

O outro fitou-o... Não respondeu e pôs-se a arrancar musgo e líquenes das pedras do muro. Simão sufocava: humedeceu os lábios com a língua.

— Não sei bem o que pensava, Erling Vidkunsoen... Fazendo-vos recordar aquela que suportou tantos anos de infelicidade sem outro auxílio nem consolação que não fosse a de Deus, julguei que quereríeis ajudar muita gente, pois tendes poder para isso, visto não haverdes conseguido ajudá-la, a ela. Nunca lastimastes ter partido de Mandvik naquele dia em que tornastes a deixar Halfrid nas garras do senhor Finn?

— Não fiz tal coisa! — Agora a voz de Erling era cortante. — Sei que ela... não, nunca... Mas, isso, não compreen-

des! Se tivesses compreendido, um só instante, como era orgulhosa a mulher que foi tua esposa — Erling ria com ira — não terias feito aquilo! Ignoro o que sabes, mas podes saber o resto. Como Haakon estava doente nessa ocasião, fui eu o encarregado de a levar à sua casa. Ela e Eline haviam sido criadas como irmãs; eram mais ou menos da mesma idade, embora Eline fosse tia da outra. Tínhamos... A situação era tal que, se ela houvesse regressado de Mandvik, nos encontraríamos com frequência. Falámos disso durante uma noite inteira no balcão... Podemos, ela e eu, responder diante de Deus no Dia do Juízo por cada palavra que foi pronunciada. Então Ele nos explicará porque motivo aquilo teve de ser assim... Entretanto, Deus acabou por recompensar a piedade dela. Deu-lhe um bom marido para a consolar daquele que tivera antes... Libertino que tu eras, que dormias com as criadas na própria quinta da esposa e que fazias educar por ela os bastardos que tinhas! — Erling arremessou a bola de musgo que esmagara entre os dedos.

Simão continuava imóvel e calado. Erling arrancou outro pedaço de musgo e atirou-o ao ar.

— Aquilo que eu fiz, foi ela que mo pediu. Entendeste? Não havia outra coisa a fazer. Onde quer que nos encontrássemos tê-lo-íamos feito... tê-lo-íamos feito. Adultério não é uma palavra bonita. Porém mais feia é incesto.

Simão aprovou com a cabeça, num movimento rápido. Via que se tornaria ridículo se dissesse o que pensava. Desde os vinte anos que Erling Vidkunsoen era fino e distinto. Halfrid amara-o a pontos de ter querido beijar as marcas dos seus pés na erva do pátio húmido de orvalho, naquela manhã de Primavera. Ele, Simão, era um camponês de meia idade, gordo e feio — e havia Cristina. Nunca a esta viria a ideia de que existisse qualquer perigo, mesmo que morassem juntos durante vinte anos. Ele vira isso perfeitamente...

— Halfrid não consentiu que vivesse com dificuldades

a criança inocente que o marido tivera da criada — disse Simão com doçura e uma espécie de humildade. — Foi ela quem me pediu que a trouxesse para casa. Ah! Erling Vidkunsoen, em nome da desgraçada e inocente mulher de Erlend!... Ela está mortalmente triste... Pensava remover céu e terra para lhes levar socorro, a Cristina e aos filhos!

Erling Vidkunsoen encostou-se ao pilar da porta. A sua fisionomia parecia tão calma como de ordinário e a sua voz era delicada e serena quando replicou:

— Agradou-me, essa Cristina Lavransdatter, embora a tivesse visto pouco; é uma mulher bela e digna. Disse e repito, Simão Andressoen, se quereis seguir os meus conselhos, ajudar-vos-ão com certeza. Mas não percebo muito bem qual é a vossa ideia com esta... singular invenção. Não podeis levar a mal o facto de eu, menor como era então, deixar meu tio arranjar o meu casamento e de a rapariga de quem eu gostava estar prometida a outro quando nos conhecemos .. A mulher de Erlend não é também tão inocente como dizeis. É verdade que casastes com a irmã dela... Fostes vós e não eu o responsável desta estranha conversa, portanto suportai que eu vos recorde o caso. Lembro-me que falavam disso quando ela se casou com Erlend... Foi contra vontade de Lourenço Bjoergulfsoen que se realizou esse matrimónio, mas a rapariga quis que a sua triunfasse, em vez de obedecer ao pai e defender a sua honra. Oh! Nem por isso deixa de ser boa esposa, mas Erlend obteve-a e tiveram o seu tempo de felicidade. Não creio que Lourenço ficasse muito satisfeito com aquele genro... Já tinha escolhido outro homem para a filha quando ela conheceu Erlend. Estava prometida em casamento... — Calou-se bruscamente, olhou um instante para Simão e desviou o olhar com certo embaraço.

Ardendo de vergonha, Simão baixou a cabeça, mas disse, no entanto, em voz baixa e firme:

— Sim, estava prometida a mim...

Ficaram um momento calados, sem se atreverem a fixar a vista um no outro. Depois Erling Vidkunsoen arremessou

a derradeira bola de musgo, rodou nos calcanhares e partiu debaixo de chuva. Simão não se moveu, mas Erling, dados alguns passos no nevoeiro, deteve-se e fez um gesto de impaciência.

Regressaram tão silenciosos como tinham vindo. Haviam quase chegado à quinta quando Erling disse:

— Farei o que me pediste, Simão Andressoen. Esperai até amanhã e iremos todos quatro.

Simão olhou para o companheiro: no seu rosto transparecia a vergonha e o sofrimento. Quis agradecer-lhe mas não teve coragem; mordeu com força os lábios, pois o queixo tremia-lhe horrivelmente.

Quando entravam à porta da casa, Erling Vidkunsoen tocou, como por acaso, no ombro de Simão. Mas ambos sabiam que não se podiam encarar.

No dia seguinte, quando estavam nos preparativos de viagem, Stig Haakonsoen quis emprestar fatos a Simão, que não trouxera nenhum para mudar. Este examinou as suas vestes. O criado escovara-as e limpara-as mas estavam com pessima aparência por causa do longo trajecto a cavalo e do mau tempo.

— Sou muito gordo, Stig. E não vou assistir ao festim...

Erling Vidkunsoen apoiara o pé no banco e o filho ajustava-lhe as esporas douradas. Parecia que Erling procurava agora conservar os criados o mais afastados possível. O cavaleiro teve um riso estranhamente irritado:

— Não será prejudicial que vejam, pelo aspecto de Simão Darre, que ele não se poupou para servir a causa do cunhado... É com as suas palavras corajosas e prudentes que sobressai ao vulgo. Tem a lingua bem comprida, o nosso cunhado, Stig. Só uma coisa receio, é que ele não perceba quando se deve calar...

Simão corou, mas não replicou. Em tudo o que Erling Vidkunsoen lhe dissera desde a véspera adivinhara ressentimento irónico e indulgência involuntária, mas notara-lhe

também a vontade firme de levar até ao fim aquilo de que se encarregara.

Erling, o filho e Stig partiram de Mandvik em direcção ao Norte, escoltados por dez escudeiros bem vestidos e bem armados. Simão, que trouxera um único criado, dizia consigo que devia ter pensado em se apresentar com uma comitiva e equipamento mais dignos... Simão Darre de Formo ver-se obrigado a viajar com os ex-cunhados sob a aparência dum pobre rendeiro que lhes veio pedir auxílio! Mas pouco lhe importava. Sentia-se tão alquebrado pelo que fizera na véspera que nem se interessava pelo êxito da sua tentativa.

Simão nunca dera muito crédito às coisas que diziam do rei Magnus. Não era tão puritano que não tolerasse um gracejo um pouco forte entre homens. Mas, quando se punham, à vista dele, a falar dos sombrios e misteriosos pecados do monarca, sentia-se constrangido. Parecia-lhe inconveniente acreditar ou ouvir tais murmurações a respeito do rei de que era dedicado servidor.

No entanto ficou surpreendido quando se encontrou na presença do jovem soberano. Não vira Magnus Eiriksoen desde a infância deste, e esperava, apesar de tudo, que houvesse nele qualquer coisa de feminino, de indolente e de amimado; afinal, via em sua frente um formoso rapaz, com ar viril e régio, no meio da sua juvenil gracilidade.

Envergava uma veste pregueada azul-clara, pespontada de verde, que lhe caía até aos pés, presa por um cinto dourado; o corpo alto e esbelto mostrava porte airoso sob a pesada vestimenta. Os cabelos eram louros e lisos, numa cabeça bem conformada, encaracolados com arte nas extremidades, e flutuavam em volta da coluna forte do pescoço. Tinha as feições finas e acentuadas, a pele rosada e dourada do sol, os olhos límpidos e francos. Saudou os homens com atitude e simpatia encantadoras. Em seguida pousou a mão no braço de Erling e levou-o para certa distância dos outros, agradecendo-lhe o facto de ter vindo.

Conversaram uns instantes e Erling expôs que tinha um assunto particular a submeter à régia graça e benevolência. Os servidores do rei trouxeram uma cadeira para os outros três homens, um pouco atrás na sala, e saíram.

Muito naturalmente, Simão readquirira os costumes e maneiras que aprendera na sua mocidade. Consentira em que Stig lhe emprestasse um amplo fato de pano castanho, de sorte que, no seu aspecto exterior, não se diferençava dos outros. Mas tinha a impressão de viver um sonho e de já não ser aquele mesmo Simão Darre, alegre e cortês, filho de cavaleiro, que fora porta-brandão do rei Haakon, na moradia real de Oslo, havia muitos anos. Era e não era o camponês Simão de Formo que vivera descuidado e feliz, ao norte do vale, nos últimos tempos — descuidado e feliz embora sentisse dia a dia aquele amor ardente oculto que o minava, mas em que evitava pensar. Elevava-se nele um espírito de revolta surda e ameaçadora; não era da sua parte nem pecado nem culpa intencionais, tinha a consciência disso, mas fora o destino que lhe ateara a chama luminosa, e ele devia lutar sem nada deixar transparecer enquanto o fogo latente o consumia.

Levantou-se ao mesmo tempo que os outros. O rei Magnus pusera-se de pé.

— Meus caros parentes — a sua voz chegava fresca e juvenil —, eis como julgo esse caso. O moço gentil-homem é meu irmão, mas nunca tentámos maior convivência; os mesmos homens não nos podem servir a ambos. Também não me parece que Erlend fosse dessa opinião, se bem que durante algum tempo se houvesse ocupado de funções dependentes do meu governo e, simultâneamente, servisse a Haakon. Mas aqueles dos meus súbditos que preferirem seguir meu irmão terão a liberdade de se passarem para ele e procurarem a felicidade junto de Haakon. Quem serão eles? É o que eu desejo saber da boca de Erlend.

— Nesse caso, Senhor, tentai chegar a um acordo com Erlend Nicolaussoen. Conservai a promessa que fizestes do

salvo-conduto e dignai-vos conceder uma entrevista ao vosso parente...

— De facto é meu parente e vosso, e o cavaleiro Ivar fez-me prometer que lhe daria um salvo-conduto; ele, porém, faltou às promessas que me devia e não se lembrou do nosso parentesco... — O rei Magnus esboçou um sorriso e pousou a mão no braço de Erling: — Os parentes parecem viver conforme o ditado deste país: nada é pior do que um parente. Pelo amor de Deus, de Nossa Senhora e da minha noiva, consinto mostrar-me clemente para com Erlend de Husaby concedendo-lhe a vida e os bens e a autorização para morar nesta terra se quiser reconciliar-se comigo, ou prazo legal para sair dos meus Estados se se obstinar em servir o duque Haakon; concederei a mesma mercê a todos os homens que foram seus cúmplices, mas quero saber quem são, dos meus súbditos, aqueles que se sublevaram contra o seu rei. Que dizeis a isto, Simão Andressoen? Sei que vosso pai foi um grande amigo de meu avô materno, e que vós mesmo servistes com honra o rei Haakon. Não achais que tenho razão em fazer este inquérito?

— Senhor — disse Simão avançando e saudando-o de novo — a minha opinião é que, enquanto Vossa Graça governar com clemência segundo as leis e costumes da nossa terra, provàvelmente nunca saberá quais os homens que recorreram à ilegalidade e traição contra o seu soberano. Desde que o povo veja que Vossa Graça quer manter as leis e os usos que os seus antepassados estabeleceram, ninguém neste reino pensará em comprometer a paz. Neste caso aqueles calar-se-ão e voltarão a ter melhores sentimentos do que na ocasião em que talvez não acreditassem que vós, Senhor, moço como sois, pudésseis governar dois grandes reinos com sabedoria e autoridade.

— Na realidade, Senhor — interveio Erling Vidkunsoen — não existe um homem neste país que pensasse em vos recusar obediência quando ordenáveis com justiça... e rectidão...

— Sim? Então julgais que Erlend não procedeu como traidor, se examinarmos de mais perto o assunto?

Erling parecia ir responder quando Simão tomou a palavra.

— Sois o nosso rei, Senhor. Todos os homens esperam que castigareis com a lei a violação da lei. Se seguirdes o exemplo de Erlend Nicolaussoen, pode acontecer que não só entrem em cena e digam os seus nomes aqueles que desejais vivamente conhecer, mas outros que venham indagar como foi conduzido este processo, que será muito discutido. Vossa Graça verá isso se puser em execução a ameaça contra um homem tão conhecido e de tão alta linhagem como é Erlend Nicolaussoen.

— Que quereis dizer, Simão Andressoen? — interrompeu bruscamente o rei, que se ruborizara.

— Simão quer dizer — atalhou Bjarne Erlingsoen — que Vossa Graça não se felicitará se começarem a perguntar por que motivo não foram asseguradas a Erlend as garantias que a lei concede a qualquer homem, excepto aos ladrões e aos celerados. Poderiam vir a pensar noutros netos do rei Haakon...

Erling Vidkunsoen voltou-se de repente para o filho; parecia irritado; mas o monarca perguntou secamente:

— Nesse caso não considerais os traidores como celerados?

— Se conseguirem realizar os seus desígnios, Senhor, ninguém os designará assim — respondeu Bjarne.

Ficaram todos calados um momento. Depois, Erling Vidkunsoen disse:

— Seja qual for o nome que se dê a Erlend, Senhor, não convém que, por ele, façais uma derrogação à lei...

— Então a lei precisa de ser alterada nesse ponto — retorquiu o rei com vivacidade —, se na verdade não tenho o poder de me informar da maneira como o povo tenciona guardar-me fidelidade...

— Contudo não vos podeis servir duma alteração à lei

antes que ela tenha sido decretada, senão cometeríeis um acto arbitrário contra o povo, e este nunca suportou despotismo da parte dos seus soberanos — replicou Erling em tom de azedume.

— Tenho os meus cavaleiros e os meus súbditos leais para me apoiarem — respondeu Magnus Eiriksoen com um sorriso infantil. — Que dizeis a isto, Simão?

— Digo, Senhor, que esse apoio não me parece muito seguro, a julgar pela maneira como a cavalaria e a nobreza trataram os seus reis na Dinamarca e na Suécia quando o povo não teve forças de sustentar contra elas o poder real. Mas, se Vossa Graça tem semelhantes ideias, pedirei que me dispense do serviço, pois prefiro enfileirar-me ao lado dos camponeses.

Simão falara com ar tão calmo que o rei pareceu ao princípio não ter compreendido o seu pensamento. Depois, riu-se:

— É uma ameaça, Simão Andressoen? E realmente quereis atirar-me a luva?

— Será o que quiserdes, Senhor — replicou Simão no mesmo tom sereno, mas tirando as luvas do cinto e conservando-as na mão. O moço Bjarne inclinou-se e agarrou nelas:

— Não são luvas boas para Vossa Graça adquirir! — Rindo, levantou no ar as luvas de montar, grossas e usadas. — Se são deste género as que pedistes, Senhor, é natural que vos ofereçam muitas, e em conta!

Erling Vidkunsoen soltou uma exclamação. Com um movimento brusco pareceu querer afastar o monarca para um lado e os três homens para outro, e impeliu estes últimos para a porta.

— Quero falar a sós com o rei.

— Não, não! Quero falar com Bjarne — gritou Magnus, correndo atrás dele.

Mas Erling empurrou o filho para fora da sala, juntamente com os outros.

Passearam algum tempo no pátio do castelo e foram até

ao monte; nenhum deles pronunciava uma palavra. Stig Haakonsoen parecia vexado, mas conservava-se tão silencioso como antes estivera. Bjarne Erlingsoen dissimulava um sorriso discreto. O escudeiro de Erling Vidkunsoen veio daí a pouco dizer-lhes, da parte do amo, que esperassem por este na estalagem; os cavalos estavam no pátio do castelo.

Foram então para a hospedaria, evitando falar do sucedido. A conversa caiu por fim sobre assuntos de cavalos, de cães e de falcões. E, para terminar, muito antes da noite, Stig e Simão contaram histórias de mulheres. Stig Haakonsoen tinha sempre grande reportório desse género, mas aconteceu que Stig se pôs justamente a contar a maior parte dos casos que Simão conhecia, especificando que tinham sucedido com a sua pessoa ou que se passaram nas proximidades de Mandvik, quando Simão se lembrava muito bem de ter ouvido, em rapaz, os criados narrarem esses casos na sua quinta de Dyfrin.

Apesar disso Stig e ele riam cada vez mais. De vez em quando Simão sentia oscilar o banco onde estava sentado; o receio invadia-o mas não se atrevia a aprofundar a razão. Bjarne Erlingsoen ria em silêncio, bebia vinho, mordiscava maçãs, puxava o capuz do mantelete e contava de tempos a tempos uma história. Eram as piores, mas tão subtis que Stig não as compreendia. Bjarne dizia sabê-las através dum padre de Bjoergvin.

Finalmente chegou Erling. O filho dirigiu-se para ele a fim de o desembaraçar da capa. O pai voltou-se encolerizado para o rapaz.

— Ah! Tu!... — Atirou o manto para as mãos de Bjarne. Depois o rosto iluminou-se-lhe com um sorriso, como se o perigo houvesse desaparecido. Virou-se para Simão: — Regozijai-vos, Simão Andressoen! Podeis ter a certeza agora de que não vem longe o dia em que sereis vizinho de Erlend, da mulher e de todos os filhos...

Uma sombra mais pálida passou no semblante de Simão quando se levantou para agradecer a Erling. Sabia agora

qual o receio que não ousara aprofundar. Mas já nada havia a fazer.

Erlend Nicolaussoen foi posto em liberdade quinze dias depois. Simão veio buscá-lo a Akernes com dois escudeiros e Ulf Haldorsoen.

A ventania da semana anterior despojara quase inteiramente as árvores. Estava um frio seco. Sob as patadas dos cavalos a terra tinha um som duro, e os campos mostravam-se brancos de geada quando Simão e os companheiros entraram na cidade. Sentia-se que ia nevar; o céu estava todo coberto e havia uma claridade fria e triste.

Quando Erlend saiu do forte, o cunhado reparou que ele arrastava a perna e parecia desajeitado ao montar a cavalo. Barbeara-se e aparara e penteara os cabelos; tinha olheiras negras e a testa amarela; a palidez das faces destacava-se na sombra azulada da barba. Mas estava elegante na sua ampla vestimenta azul-escura, com a sua capa, e, quando se despediu de Olavo Kyrning e presenteou com dinheiro os homens que o haviam guardado e lhe levavam comer à prisão, tinha todo o ar dum chefe que se despede dos criados, numa quinta, em dia de núpcias.

No começo do trajecto a cavalo, Erlend parecia ter frio; por mais de uma vez o viram tremer. Depois as faces adquiriram certa cor; o rosto animou-se-lhe; dir-se-ia subir nele a seiva da vida. Simão dizia consigo que Erlend era certamente tão difícil de quebrar como um ramo de salgueiro.

Chegaram a casa; Cristina veio ao encontro do marido, ao pátio. Simão tentou não olhar para o lado deles, mas não pôde.

Marido e mulher deram um aperto de mão e trocaram algumas palavras em voz calma e nítida. Souberam dominar-se durante essa entrevista que se realizava na presença de todos os criados da quinta, mas fitaram-se durante um segundo, coraram e ambos abaixaram os olhos. Erlend ofere-

ceu então a mão a Cristina, e dirigiram-se para os aposentos onde iam morar enquanto estivessem na cidade.

Simão encaminhou-se para a casa que habitara até àquele dia com a cunhada. Nesse momento, ela voltou-se no primeiro degrau da escada e chamou-o com voz estranha:

— Não vens, Simão, para comer qualquer coisa?... E tu também, Ulf!

Cristina parecia muito nova e franzina, assim de pé, com as ancas um pouco torcidas, no jeito de olhar para trás, por cima do ombro. Desde que chegara a Oslo começara a amarrar doutra maneira o lenço da cabeça. No Sul do país só as mulheres do povo o usavam à moda dos bons tempos antigos, como ela o fazia depois de casada: circundando a cara como a touca duma freira, e com as pontas cruzadas nos ombros de forma a esconder o pescoço e a caírem pregas numerosas nos lados e sobre a nuca. Em Nidaros consideram, por assim dizer, sinal de religiosidade dispor o lenço, dessa maneira, sempre preconizado pelo arcebispo Eiliv como o toucado mais decente e mais pudico para as mulheres casadas. Mas, para não se fazer notar, Cristina adoptara a moda, espalhada no Sul, da touca posta a direito sobre a cabeça e tombando atrás de forma a deixar ver os cabelos na testa e a valorizar o pescoço e os ombros; as tranças estavam simplesmente levantadas, a fim de não serem visíveis, e o linho modelava docemente a forma do crânio. Simão já a vira com aquele toucado e achara que lhe ia bem; todavia, nunca reparara até ali quanto aquilo lhe dava um ar juvenil. E os olhos de Cristina brilhavam como estrelas.

Pelo dia adiante chegaram algumas pessoas que vinham cumprimentar Erlend: Ketil de Skog, Markus Torgeirsoen, e à noite, Olavo Kyrning em pessoa, Sira Ingolf e o padre Guttorm, prior da Igreja de Santo Halvardvard. Quando os dois eclesiásticos chegaram, a neve começara a cair como uma poeira fina e seca; pelo caminho, tinham-se perdido num campo cheio de bardanas cujas flores lhes cobriam as vestes. Toda a gente se pôs a limpar o fato dos padres e dos

respectivos criados. Erlend e Cristina encarregaram-se de Sira Guttorm; coravam de repente e gracejavam com o sacerdote, rindo num tom singularmente trémulo.

Simão só à noite bebeu a valer, mas não se embriagou, ficou apenas um tanto entorpecido. Percebia com incrível agudeza todas as palavras que diziam. Os outros depressa se tinham tornado loquazes; nenhum era amigo do rei.

Sentiu profundo aborrecimento pela cena que se seguiu. Só se ouviam frases estúpidas proferidas em vozes altas e excitadas. Ketil Aasmundsoen não passava dum tolo e o cunhado, Markus, pouco mais inteligente seria; Olavo Kyrning, homem recto e ajuizado, tinha ideias curtas; e quanto aos dois padres, Simão também não ficou com muito boa impressão deles. Todos escutavam Erlend e faziam coro com ele, que de instante a instante se ia tornando mais igual ao que sempre fora: malicioso e estouvado. Pegara na mão de Cristina, pousara-a nos joelhos e afagava-lhe os dedos. Estavam sentados de maneira que os ombros se tocavam. Cristina, toda ruborizada, não desfitava Erlend. Quando ele lhe passou o braço em volta da cintura, os lábios trememram-lhe tanto que ela a custo os conservou fechados...

A porta abriu-se e Munan Baardsoen entrou.

— Cá está o homenzarrão! — gritou Erlend rindo, fazendo uma pirueta e indo ao encontro dele.

— Deus nos acuda!... Pareces insensível, Erlend — disse Munan um tanto escandalizado.

— Achas que serve de alguma coisa gemer e lastimar-se, primo?

— Nunca vi ninguém igual a ti! Arruinaste a tua felicidade...

— Ora! Não tenho feitio para ir para o inferno com as nádegas voltadas para o ar com o fim de impedir que as calças se me queimem! — retorquiu Erlend.

A esta resposta Cristina riu-se baixinho mas perdidamente.

Simão escondeu a cabeça nos braços apoiados na mesa.

Se os outros o imaginassem bêbedo e adormecido, deixá-lo-iam sossegado!

Tudo decorria como ele esperava ou, pelo menos, como deveria ter esperado. Cristina, única mulher no meio de todos aqueles homens, mostrava-se meiga, tímida, tranquila; tão confiante! Assim se mostrara também daquela vez — quando o traíra... cínica ou inocente? Não, não era verdade; parecia então menos confiante, não fora cínica, não estava calma por trás do seu ar calmo .. mas esse homem enfeitiçara-a... Por amor de Erlend teria caminhado com alegria sobre pedras ardentes, e espezinhara-o, a ele, Simão, que ela ignorava ser outra coisa além duma pedra fria...

Mas não, ele disparatava!... Cristina queria que a sua vontade se fizesse; não se preocupava com mais nada. Deixá-los na sua felicidade; era-lhe indiferente. Que se importava se eles tivessem mais sete filhos e fossem catorze a partilhar a metade da herança de Lourenço Bjoergulfsoen? Com a sua prole é que não lhe parecia que se tivesse de inquietar; Ramborg não era tão expedita como a irmã em ter filhos, mas deixaria uma descendência que um dia havia de ser rica e poderosa. Aliás, ele nunca se importava... Apetecia-lhe beber mais, mas sentia que o vinho o não embriagaria nessa noite, e, além disso, seria preciso levantar a cabeça e talvez tomar parte nas conversas.

— Julgas certamente que darias um chanceler do reino! — exclamou Munan com ironia.

— Qual! Bem deves calcular que contávamos contigo para essas funções! — retorquiu Erlend numa risada.

— Por Deus! Toma cuidado com o que dizes!

Toda a gente riu.

Erlend aproximou-se de Simão e tocou-lhe no ombro:

— Dormes?

O cunhado levantou os olhos. Erlend estava em frente dele com uma taça na mão:

— Bebe comigo, Simão! É a ti, antes de todos, que devo agradecer por ter a vida salva... E é para mim uma alegria

que assim seja, meu rapaz! Tens sido um irmão para mim... Se não fosses meu cunhado eu decerto ficaria sem a cabeça... E então minha viúva poderia ser para ti!

Simão deu um pulo. Num instante, fitaram-se um ao outro. Erlend, dissipados os fumos do vinho, empalidecera. Num suspiro os lábios entreabriram-se docemente...

Com um soco, Simão arrancou a taça da mão de Erlend e o hidromel derramou-se. Depois voltou-lhe as costas e saiu da sala.

Erlend continuava imóvel. Limpou os dedos e o punho no fato, sem ter consciência do que fazia. Relanceou a vista em redor: os outros não haviam dado por nada. Com o pé, impeliu a taça para debaixo do banco. Esperou um momento, e saiu lentamente atrás do cunhado.

Simão já estava no fim da escada. Jon Daalk trazia pela rédea os cavalos da estrebaria. Simão não se mexeu quando Erlend se juntou a ele.

— Simão!... Simão!... Eu não sabia... não sabia o que estava a dizer!

— Agora sabes.

Simão falava com voz apagada. Permanecia impassível, sem olhar para Erlend.

Este, desconcertado, olhava em sua volta. Numa nódoa pálida a Lua despontava por trás das nuvens. Flutuavam no ar flocozinhos de neve poeirenta. Erlend teve um calafrio.

— Para... para onde vais? — perguntou ele com voz inexpressiva ao ver o escudeiro e os cavalos.

— Procurar outro asilo — respondeu Simão secamente. — Bem deves calcular que não sinto prazer nenhum em aqui estar...

— Simão! — exclamou Erlend num ímpeto. — Ah! Não sei o que daria para aquelas palavras não terem sido pronunciadas!

— E eu também.

Abriu-se a porta do andar de cima. Cristina, com uma

lanterna na mão, saiu para a varanda. Debruçou-se para fora e projectou a luz no pátio.

— Estais aí? — indagou ela com voz clara. — Que fazeis na rua?

— Vim ver que tal iam os meus cavalos... como dizem os cortesãos — respondeu Simão, erguendo o semblante risonho.

— Mas... não os tiraste da cavalariça? — replicou ela com divertida surpresa.

— Eh! É verdade.. Olha de que um homem é capaz quando está bêbedo — volveu Simão no mesmo tom.

— Vem! Sobe depressa! — gritou ela, autoritária e alegre.

— Vou já!

Cristina voltou para a sala e Simão mandou Jon recolher os cavalos na estrebaria e aproximou-se de Erlend, que estava como que paralisado.

— Venho daqui a instantes. Nós... tentaremos actuar como se nada houvesse sido dito, Erlend, por amor das nossas mulheres. Mas talvez compreendas que serias o único homem deste mundo a quem eu não permitiria que tivesse conhecimento daquilo. E lembra-te de que não sou tão esquecido como tu!

A porta de cima tornou-se a abrir. Os hóspedes saíram todos em fila. Cristina acompanhava-os, assim como a criada que trazia a lanterna.

— Vamos! — exclamou Munan Baardsoen, zombeteiro. — A noite já vai avançada e penso que estes dois pombinhos ardem em desejo de ir para a cama.

— Erlend! Erlend! Erlend!

Cristina lançara-se-lhe nos braços logo que entraram sòzinhos na sala. Abraçava-o, cingia-se-lhe de encontro ao peito.

— Erlend... pareces triste — murmurou ela, assustada, com os lábios entreabertos que se ofereciam à boca do marido. — Erlend! — E Cristina apoiou as mãos na cabeça dele.

Erlend ficou algum tempo imóvel com o braço frouxamente passado em volta da cintura da mulher. Depois, com um ligeiro soluço, apertou-a contra si.

Simão dirigiu-se para a estrebaria. Queria dizer qualquer coisa a Jon mas esqueceu-se pelo caminho. Conservou-se um momento à porta da cavalariça e olhou para a Lua enevoada e para a neve que principiava a cair em flocos mais espessos. Jon e Ulf saíram, apagando a luz, e os três encaminharam-se juntos para a casa onde iam dormir.

FIM

ÍNDICE

	Pág.
I — O Fruto do Pecado	9
Capítulo I	11
» II	34
» III	51
» IV	95
» V	109
II — Husaby	139
Capítulo I	141
» II	161
» III	194
» IV	227
» V	242
» VI	264
» VII	285
» VIII	299
III — Erlend Nicolaussoen	323
Capítulo I	325
» II	343
» III	360
» IV	380
» V	398
» VI	417
» VII	437

ESTE LIVRO
FOI COMPOSTO E IMPRESSO
PARA A
PORTUGÁLIA EDITORA
NA TIPOGRAFIA IDEAL, CALÇADA
DE S. FRANCISCO, N.^{os} 13, 13-A
EM LISBOA
EM AGOSTO DE 1958